O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

EXPOSIÇÕES SOBRE EFÉSIOS 1:1-23

D.M. LLOYD-JONES

O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

Exposição sobre Efésios 1:1-23

D. M. LLOYD- JONES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS Caixa Postal 1287 01059-970 - São Paulo - S.P.

Título original:

God's Ultimate Purpose

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1978

Copyright:

Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

Antonio Poccinelli **Capa:**

Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:

1996

Impressão:

Imprensa da Fé

PREFÁCIO

Este volume consiste de sermões pregados nos domingos de manhã no curso do meu ministério regular na Capela de Westminster, Londres, durante 1954 - 1955. Alguns leitores podem estar curiosos quanto a por que eles não apareceram no Registro de Westminster ("The Westminster Record") e por que foram precedidos, na forma de livro, por meus sermões sobre Efésios, capítulo 2, sob o título *God's Way of Reconciliation,* e sobre o capítulo 5:18 até o fim desta mesma Epístola, que apareceram sob os títulos *Life in the Spirit", The Christian Warfare* e *The Christian Soldier.* [1]

A explicação é que eu achei que os temas tratados naqueles volumes eram de relevância mais imediata. Rendi-me também à pressão que foi exercida sobre mim por aqueles que achavam que havia urgente necessidade de orientação baseada nas Escrituras sobre as questões gerais da paz entre as nações, do problema do racismo e dos crescentes problemas na área das relações entre maridos e esposas, pais e filhos, senhores e servos, e também sobre problemas criados pelas seitas, pelas religiões orientais e pelo novo interesse pelo oculto.

Estou pronto a confessar que, ao adotar este procedimento, bem pode ser que me pese a culpa de permitir que o meu coração pastoral governasse o meu entendimento teológico, e especialmente o meu entendimento do invariável método do apóstolo Paulo. A minha única defesa é que naqueles outros volumes eu salientei repetidamente que só se pode entender o ensino à luz da grande doutrina que o apóstolo formula neste primeiro capítulo. E agora espero fazer plena reparação neste volume, e, "querendo Deus", nos futuros volumes sobre os capítulos 3, 4 e 5:1-18.

O nosso mundo está num estado de completa confusão e, que pena, dá-se o mesmo com a Igreja Cristã e com muitos cristãos individuais. Será ocioso chamar pessoas para ouvir-nos, se nós mesmos estivermos inseguros quanto ao que queremos dizer com as expressões "cristão" e "Igreja Cristã". Neste primeiro capítulo desta Epístola aos Efésios, o apóstolo trata dessas mesmas questões de maneira a mais sublime, fazendo-nos lembrar desde o início que fomos abençoados "com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Ele prossegue, dizendo que essa verdade se refere aos crentes judeus e gentios, que o poder da ressurreição está operando em cada um de nós e na Igreja, que é o Seu corpo. A Epístola aos Efésios é a mais "mística" das Epístolas de Paulo, e em nenhum outro lugar a sua mente inspirada se eleva a maiores alturas. Não há maior privilégio na vida do que ser chamado para expor o que Thomas Carlyle denominou "infinidades e imensidões"! Só posso orar e esperar que Deus abençoe os meus indignos esforços, e use-os para ajudar muitos a se elevarem à altura da nossa "alta"ou "soberana vocação em Cristo Jesus" e libertar aqueles cujas vidas até aqui estão "presas a frivolidades e misérias".

Devo agradecer à Srta. Jane Ritchie, que bondosamente fez a transcrição do original, e também, como sempre, à Sra. E. Burney, ao Sr. S.M. Houghton e à minha esposa pela costumeira ajuda e encorajamento que me deram.

Londres, agosto de 1978 D.M.Lloyd-Jones

ÍNDICE

30. Sabedoria e Revelação.....335

O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

Efésios 1: 1-23

1. Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Efeso, e fiéis em Cristo Jesus.

2. A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo.

3. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo;

4. Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade;

5. E nos predstinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade,

6. Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.

7. Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça

8. Que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência;

9. Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo,

10. De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispen-sação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra;

11. Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, haven-do sido predestinados, conforme o propósito daquele que

faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade;

12. Com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo;

13. Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.

14. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória.

15. Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e a vossa caridade para com todos os santos,

16. Não cesso da dar graças a Deus por vós lembrando-me de vós nas minhas orações;

17. Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação;

18. Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos;

19. E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder,

20. Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus.

21. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro;

22. E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja,

23. Que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.

INTRODUÇÃO

"Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Efeso, e fiéis em Cristo Jesus." - Efésios 1:1

Ao abordarmos esta Epístola, confesso francamente que o faço com considerável

arrojo. É muito difícil falar dela de maneira comedida por causa da sua grandeza e da sua sublimidade. Muitos tentaram descrevê-la. Um escritor a descreveu como "a coroa e clímax da teologia paulina". Outro disse que ela é "a destilada essência da religião cristã, o mais autorizado e o mais consumado compêndio da nossa santa fé cristã". Que linguagem! E de maneira nenhuma é exagerada.

Longe de mim querer competir com os que assim tem procurado descrever esta Epístola, mas me parece que qualquer descrição geral que dela se faça deve observar de modo especial certas palavras que lhe são características, e que o apóstolo usa mais vezes nela, talvez, do que em qualquer outra Epístola. O apóstolo fica maravilhado ante o mistério, as glórias e as riquezas do método de redenção de Deus em Cristo. Como eu mostrarei, estas são as palavras que ele usa com muita freqüência - a glória disso, o mistério e as riquezas do método de redenção de Deus em Cristo!

Outra maneira pela qual se pode expor a característica peculiar desta grande Epístola é mostrar que esta é uma carta na qual o apóstolo olha para a salvação cristã da vantajosa posição dos "lugares celestiais". Em todas as suas Epístolas ele expõe e explica o caminho da salvação; ele trata de doutrinas específicas, e de discussões ou controvérsias que tinham surgido nas igrejas. Mas o peculiar traço e característica da Epístola aos Efésios é que aqui o apóstolo parece estar como ele mesmo diz, nos "lugares celestiais", e dessa posição especial ele está contemplando o grandioso panorama da salvação e da redenção. O resultado é que nesta Epístola há muito pouca controvérsia; e isso porque o seu grande interesse foi dar aos Efésios, e a outros aos quais a carta é dirigida, uma visão panorâ-

mica desta maravilhosa e gloriosa obra de Deus em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Da Epístola aos Romanos Lutero diz: "ela é o documento mais importante do Novo Testamento, o evangelho em sua expressão mais pura", e em muitos aspectos eu concordo que não existe exposição mais pura e mais clara do evangelho do que na Epístola aos Romanos. Aceitando isso como certo, eu me aventuro a acrescentar que, se a Epístola aos Romanos é a expressão mais pura do evangelho, a Epístola aos Efésios é a expressão mais sublime e mais majestosa dele. Aqui o ponto de vista é mais amplo e maior. Há declarações e passagens nesta Epístola que realmente frustram qualquer tentativa de descrição. O grande apóstolo empilha epíteto sobre epíteto, adjetivo sobre adjetivo, e ainda assim não consegue expressar-se adequadamente. Há passagens no cápitulo primeiro, e outras no capítulo 3, especialmente mais para o fim dele, em que o apóstolo é transportado acima e além de si próprio, e se perde e se abandona numa explosão de adoração, louvor e ação de graças. Reitero, pois, que em toda a extensão das Escrituras não há nada que seja mais sublime do que esta Epístola aos Efésios.

Comecemos procurando ter uma visão geral dela, pois só poderemos captar e

entender verdadeiramente as particularidades se fizermos uma firme tomada do conjunto todo e da exposição geral. Por outro lado, aqueles que imaginam que ao fazerem uma tosca divisão da mensagem desta Epístola de acordo com os capítulos terão tratado dela adequadamente, exibem a sua ignorância. É quando passamos aos detalhes que descobrimos a riqueza; um sumário da sua mensagem é muito útil como começo, porém é quando chegamos às declarações particulares e às palavras individuais que encontramos a glória real exposta à nossa maravilhosa contemplação.

O tema geral da Epístola é proposto logo no seu primeiro versículo. Isso é característico do apóstolo; ele não pôde refrear-se, e parte imediatamente para o seu tema. “Paulo, apóstolo Jesus Cristo, pela vontade de Deus” - aí está! O tema da Epístola, primeiramente e acima de tudo, é Deus - Deus o Pai. “A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo. Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.” O apóstolo Paulo sempre começa dessa maneira, e é assim que todo cristão deve começar. Esse é o tema que domina tudo o mais. Nunca houve perigo de que

Paulo se esquecesse disso, pois mais que ninguém ele sabia que tudo é de Deus e por Deus, e que a Ele se deve dar glória para todo o sempre.

A Bíblia é o livro de Deus, é uma revelação de Deus, e o nosso pensamento sempre deve começar com Deus. Grande parte do problema da Igreja hoje deve-se ao fato de que somos muito subjetivos, muito interessados em nós mesmos, muito egocêntricos. Esse é o erro peculiar ao presente século. Tendo-nos esquecido de Deus, e havendo—nos tornado tão interessados em nós mesmos, tornamo--nos miseráveis e infelizes, e passamos o tempo em “frivolidades e misérias”. Do princípio ao fim, a mensagem da Bíblia tem o propósito de levar-nos de volta a Deus, humilhar-nos diante de Deus e habilitar-nos a ver a nossa verdadeira relação com Ele. E esse é o grande tema desta Epístola; ela nos põe face a face com Deus, com o que Deus é e com o que Deus fez e faz; toda ela salienta a glória e a grandeza de Deus - Deus, o Eterno, Deus sempiterno, Deus sobre todos - e a indescritível glória de Deus. Este tema grandioso aparece constantemente nas diversas frases que o apóstolo emprega. Aqui vão exemplos - “E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito da sua vontade”; “descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo”; “em quem também fomos feitos herança (ou “obtivemos uma herança”-VA inglesa), havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. Deus, o eterno e sempiterno Deus, auto-suficiente em Si mesmo, de eternidade a eternidade, que não necessita da ajuda de ninguém, vivo, que habita em Sua glória duradoura, absoluta e eterna, é o grande tema desta Epístola. Não devemos começar examinando a nós mesmos e as nossas necessidades microscopicamente; devemos começar com

Deus, e esquecer-nos de nós. Nesta Epístola somos como que levados pela mão do apóstolo, e nos é dito que nos vai ser dada a oportunidade de ver a glória e a majestade de Deus. Ao aproximar-nos deste estudo, parece-me ouvir a voz que na antigüidade veio a Moisés, provinda da sarça ardente, dizendo: "Tira os teus sapatos de teus pés; porque o lugar em que estás é terra santa". Estamos na presença de Deus e Sua glória; portanto, devemos caminhar com cautela e com humildade.

Não somente isso, porém; estamos de imediato diante da soberania de Deus. Pensem nos termos que constantemente vemos

perpassar pelas páginas das Escrituras, as grandes palavras e expressões da verdadeira doutrina e teologia cristã. Quão pouco nos falam acerca da glória, da grandeza, da majestade e da soberania de Deus! Os nossos antepassados deleitavam-se com essas expressões; estas eram as expressões dos reformadores protestantes, dos puritanos e dos pactuários. Eles tinham prazer em passar o tempo contemplando os atributos de Deus.

Notem como o apóstolo chega de imediato a este ponto. "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus" - não por sua própria vontade! Paulo não se chamou a si mesmo, e a Igreja não o chamou; foi Deus quem o chamou. Ele é o apóstolo pela vontade de Deus. Ele expõe isso muito explicitamente na Epístola aos Gálatas, onde diz: "... quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou". Há sempre ênfase à soberania de Deus, e quando estivermos avançando em nosso estudo desta Epístola, a veremos sobressair em toda a sua glória em toda parte. Foi Deus que escolheu em Cristo todo aquele que é cristão; foi Deus que nos predestinou. Faz parte do propósito de Deus que sejamos salvos. Jamais haveria salvação alguma, se Deus não a planejasse e não a pusesse em execução. Foi Deus que "amou ao mundo de tal maneira"; foi Deus que "enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei". É tudo de Deus e de acordo com o Seu propósito. É "segundo o conselho da sua vontade" que todas estas coisas aconteceram.

Toda esta Epístola nos diz que sempre devemos contemplar a salvação desta maneira. Não devemos partir de nós e depois ascender a Deus; devemos partir da soberania de Deus, Deus sobre todos, e depois descer a nós. Ao caminharmos através da Epístola, veremos que não somente a salvação é inteiramente de Deus em geral; também é de Deus em particular. Vejam, por exemplo, o grande tema que Paulo desenvolve no capítulo 3. A tarefa especial que lhe fora confiada como apóstolo é: "demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou" ("por Jesus Cristo", VA). O mistério é que os gentios sejam co-herdeiros com Jesus. Foi esse o "mistério" que noutras eras não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, e agora é revelado aos Seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito.

Deus domina todas as coisas; o fator tempo em particular. Quando vocês lêem o

Velho Testamento, alguma vez perguntaram por que foi que todos aqueles séculos tiveram que passar antes que de

fato o Filho de Deus viesse? Por que foi que tão longo tempo somente os israelitas, os judeus, tiveram os oráculos de Deus e o entendimento de que há somente um Deus vivo e verdadeiro? A resposta é que é Deus quem decide o tempo em que tudo deve acontecer, e assim Ele revela esta verdade que até aqui tinha sido secreta. Este fato é apenas outra ilustração da soberania de Deus. Ele determina o tempo para que as coisas todas aconteçam. Deus é sobre todos, dominando sobre todos, e marcando o tempo de cada acontecimento, em Sua infinita sabedoria. Numa época como esta, não sei de nenhuma outra coisa que seja mais consoladora e que dê mais segurança do que saber que o Senhor continua reinando, que Ele continua sendo o soberano Senhor do universo, e que, apesar de que "se amotinam as gentes, e os povos imaginam coisas vãs", Ele estabeleceu o seu Filho sobre o Seu santo monte de Sião (Salmo 2). Virá o dia em que todos os Seus inimigos lamberão o pó, virão a ser o estrado dos Seus pés e serão humilhados diante dEle, e Cristo será "tudo em todos". Dessa maneira a soberania de Deus é ressaltada na introdução desta Epístola e repetida até o fim dela, porque é uma das doutrinas cardinais, sem a qual realmente não entendemos a nossa fé cristã.

Depois, tendo dito isso, o apóstolo passa a tratar do mistério de Deus, Sua grandeza e a majestade da Sua soberania. A palavra "mistério" é utilizada seis vezes nesta Epístola aos Efésios, mais vezes, portanto, do que em suas outras Epístolas. Assim, estou justificado em dizer que este é um dos mais importantes temas desta Epístola, o mistério dos procedimentos de Deus com relação a nós, o mistério da Sua vontade. Nós o vemos neste capítulo primeiro - "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo". Pergunto se sempre compreendemos isso como deveríamos. É de temer-se que, às vezes, os cristãos abordam estas grandes verdades como se as compreendessem com o seu próprio entendimento. Jamais pensemos assim. Se você começar a imaginar que pode entender a mente e a vontade de Deus, estará condenado ao fracasso, pois há mistérios aos quais nenhuma mente humana pode fazer frente. "Grande é o mistério da piedade"; ninguém o pode entender. E se você tentar entender os procedimentos de Deus com respeito ao homem e ao mundo, garanto-lhe que você se verá tão confuso que sentirá acabrunhado e infeliz. Na verdade você poderá acabar quase perdendo a fé e tendo um sentimento de rancor contra Deus. "O mistério da sua vontade"! Ele é

infinito e eterno, e nós somos finitos e pecadores, e não podemos ver nem entender.

Se você se sentir tentado a dizer que Deus não é justo, aconselho-o a, com Jó, pôr a mão na boca, e tratar de compreender de quem você está falando. Certamente, fazer objeção ao mistério é quase negar que sequer somos cristãos. Haverá algo mais

maravilhoso, mais encantador, mais glorioso para o cristão do que contemplar os mistérios de Deus? Espero que ao aproximarmos destes grandes temas, você já esteja cheio de um sentimento de divina expectação, e aspire a adentrá-los cada vez mais. Um dos aspectos mais maravilhosos da vida cristã é que nela você está sempre avançando. Você pensa que já o conhece todo, e então dobra uma esquina e de repente vê algo que não conhecia, e vai adiante, sempre adiante. É por isso que o apóstolo escreve acerca das *"riquezas* da sua graça"; é o glorioso mistério que a Ele aprouve revelar-nos por Seu Santo Espírito. Mas não permita Deus que alguma vez imaginemos que seremos capazes de entender isso tudo no sentido de abarcá-lo totalmente. Meu interesse não é somente aumentar o nosso conhecimento intelectual de Deus, e sim desvendar "o mistério" dos Seus caminhos, a fim de que possamos vê-lo e adorar o Senhor, e confessar a nossa ignorância, pequenez e fragilidade, e Lhe agradecer o mistério da Sua santa vontade.

O próximo tema é a graça de Deus; e esta palavra é utilizada treze vezes nesta Epístola. O apóstolo a fica sempre repetindo. No versículo dois ele a coloca na frase inicial: "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". Este é o tema que, acima de tudo mais, é desenvolvido nesta Epístola - a estupenda graça de Deus para com o homem pecador, providenciando para ele salvação e redenção. "A graça de Deus"; sim, e abundante em particular - "as riquezas da sua graça". Essa idéia acha-se aqui mais do que em qualquer outro lugar - "as riquezas da sua graça"! "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com toda as benção espirituais nos lugares celestiais em Cristo. "Nesta Epístola nos é dado um vislumbre das riquezas, da abundância, da superabundância da graça de Deus para conosco; e se não estivermos ansiosos por um exame e investigação com a mais ávida antecipação possível, é duvidoso se somos cristãos. A maioria das pessoas se interessa por valores e riquezas; gostamos de ir a museus e a outros lugares onde se guardam e se armazenam coisas preciosas, gostamos de ver jóias e pérolas; ficamos em filas e

pagamos pelo direito de ver tais valores e riquezas. Gabamo-nos disso como indivíduos e como nações. Repito, pois, que o supremo objetivo desta Epístola é fazer-nos entrar e olhar, e ter um vislumbre das riquezas, das superabundantes riquezas da graça de Deus. Tudo começa com Deus, Deus o Pai, que é sobre todos.

Mas tendo dito isso, paseemos para o que invariavelmente vem em seguida em todas as Epístolas deste apóstolo, na verdade o que sempre vem em segundo lugar em toda a Bíblia - o Senhor Jesus Cristo. "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". Vocês notaram quantas vezes ocorre o nome, o nome que era tão caro e bendito para o apóstolo? "O apóstolo de Jesus Cristo", "A vós graça, e paz de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo", e assim continua. No versículo primeiro Paulo nos diz logo de início que ele é um "apóstolo de Jesus Cristo".

Soa quase ridículo ter que dizê-lo, e, todavia, é essencial salientar que não há evangelho nem salvação fora de Jesus Cristo. É necessário porque há pessoas que falam de cristianismo sem Cristo. Falam em perdão, mas o nome de Cristo não é mencionado, pregam sobre o amor de Deus, porém em sua opinião o Senhor Jesus Cristo não é essencial. Não é assim com o apóstolo Paulo; não há evangelho, não há salvação sem o Senhor Jesus Cristo. O evangelho é especialmente acerca dEle. Todos os propósitos misericordiosos de Deus são levados a efeito por Cristo, em Cristo, mediante Cristo, do princípio ao fim. Tudo o que Deus, em Sua vontade soberana, por Sua infinita graça, e segundo as riquezas da Sua misericórdia e do mistério da Sua vontade - tudo o que Deus se propôs realizar e realizou para a nossa salvação, Ele o fez em Cristo. Em Cristo "habita corporalmente toda a plenitude da divindade"; nEle Deus entesourou todas as riquezas da Sua graça e sabedoria. Tudo, desde o início até o fim, é nosso Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Somo chamados e escolhidos "em Cristo" antes da fundação do mundo, somos reconciliados com Deus pelo "sangue de Cristo". "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça". (VA: "...pelo seu sangue, o perdão dos pecados...").

Todos nós estamos interessados no perdão, mas como sou perdoado? Será porque eu me arrependi ou tenho vivido uma vida virtuosa que Deus me vê e me perdoa? Digo com reverência que

nem mesmo o Deus todo-poderoso poderia perdoar o meu pecado simplesmente com base nesses termos. Há unicamente um modo pelo qual Deus nos perdoa; é porque Ele enviou Seu Filho unigênito do céu à terra, e à agonia, à vergonha e à morte na cruz: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue". Não há cristianismo sem "o sangue de Cristo". É central, absolutamente essencial. Sem Ele não há nada. Não somente a Pessoa de Cristo, todavia em particular a Sua morte, o Seu sangue derramado, o Seu sacrifício expiatório e substitutivo! É dessa maneira, e somente dessa maneira, que somos redimidos. Nesta Epístola Cristo é exposto como absolutamente essencial. Veremos isso quando entrarmos em detalhes. Ele está em toda parte, tem que estar. Somos escolhidos nEle, chamados por Ele, salvos pelo Seu sangue. Ele é a Cabeça da Igreja, como nos lembra o capítulo primeiro. Ele está "acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro". Ele é a "cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos"; e Ele está à mão direita de Deus, com toda a autoridade e poder no céu e na terra. Jesus, o nosso Senhor, é supremo; Ele é o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Esse vai ser o nosso tema. Você está começando a ansiar por isso - por vê-lO, contemplá-lO em Sua Pessoa, em Seus ofícios, em Sua obra, em tudo o que Ele é e pode ser para nós?

Então, em particular, como já estive antecipando, o tema do grande propósito de Deus em Cristo é o tema prático desta Epístola. Vemo-lo no versículo 10: "De tornar

a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". Vemos aí o propósito de Deus. O apóstolo prossegue e nos diz que este propósito sempre foi necessário por causa do pecado. No capítulo 2 veremos que ele nos fala acerca dos problemas que importunam a mente e o coração do homem, e de como sua causa é o fato de que "o príncipe das potestades de ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência", está dominando o homem decaído. Ele nos diz que o plano de redenção é necessário por causa da Queda do homem, e como isso foi precedido pela queda daquele brilhante espírito angélico chamado diabo, ou satanás, que se tornou "o deus deste mundo", "o príncipe das potestades do ar". Seu poder terrível é a causa da inimizade, do estado e da ruína que caracterizam a vida da raça humana. O mundo moderno está dividido em facções rivais; o

mundo antigo estava na mesma situação. Não há nada de novo nisso, é tudo resultado do pecado e do ódio do diabo a Deus. E resultado do fato de que o homem perdeu sua verdadeira relação com Deus. O homem se põe como Deus, e com isso causa todo o transtorno e confusão no mundo. Mas nos é exposto como, no princípio, ainda no Paraíso, Deus anunciou o Seu plano e começou a pô-lo em prática.

O Velho Testamento é um relato de como Deus começou a pô-lo em ação. Primeiramente Ele separou para Si um povo, os hebreus, mais tarde conhecidos como judeus. Na história deles vemos o início do Seu propósito de redenção. Do burburinho da humanidade Deus formou um povo para Si. Chamou um homem chamado Abraão e fez dele uma nação. Aí temos o começo de algo novo. Mas depois houve grande rivalidade entre os judeus e os gentios, e assim, um dos importantes temas desta Epístola é mostrar como Deus tratou dessa questão. O grande tema aqui é que Ele Se revelou, não somente aos judeus, mas também aos gentios; "a parede de separação que estava no meio" se foi; Deus criou "dos dois um". Há uma nova criação aí; algo novo foi trazido à existência; a isto se chama Igreja; e esta obra de Deus prossegue crescentemente, diz o apóstolo, até que, quando chegar a plenitude dos tempos, Deus executará o Seu plano completo, e tudo quanto se opõe a Ele será destruído. Todas as coisas serão reunidas e feitas uma só em Cristo. Este é um dos importantes temas desta Epístola. A princípio somente os judeus, depois os judeus e os gentios, e depois todas as coisas. E tudo isso será feito "em Cristo e por ele", (cf. Ef. 2:13,18.)

Isso, por sua vez, leva a outro tema importante, a Igreja. O propósito de Deus se vê muito clara e objetivamente na Igreja e por meio dela, o Seu grande propósito de unir todas as nações em Cristo. Nela se vêem indivíduos diferentes, de nacionalidades diferentes, procedentes de diferentes partes do mundo, com experiências diferentes, diferentes na aparência, diferentes psicologicamente e em todos os aspectos concebíveis; todavia, são todos um só "em Cristo Jesus". É isso que Deus está fazendo, até que finalmente haja "novos céus e nova terra, em que

habita a justiça" (2 Pedro 3:13), e Jesus reine "de costa a costa, até que as luas não tenham mais crescente nem minguante".

Não há nada mais enaltecedor e maravilhoso do que ver a

Igreja sob essa luz e, portanto, ver a importância, o privilégio e a responsabilidade de ser membro dessa Igreja. É por isso que devemos viver a vida cristã; e assim, no capítulo 4 e até o fim da carta, Paulo dá ênfase ao comportamento ético que se espera dos cristãos porque eles são o que são, e porque esse é o plano de Deus, e eles devem manifestar a Sua graça na sua vida diária e no seu modo de viver.

Tivemos aí, pois, uma breve vista dos grandes temas desta Epístola. Permita-me fazer um sumário deles, de maneira simples e prática. Por que estou chamando a sua atenção para tudo isso? E porque estou profundamente convencido de que a nossa maior necessidade é conhecer estas verdades. Todos nós precisamos rever esta gloriosa revelação, e livrar-nos da nossa mórbida preocupação com nós mesmos. Se apenas nos víssemos como somos retratados nesta Epístola; se apenas nos apercebêssemos, como o apóstolo o expressa em sua oração nos versículos 17-19, de que devemos saber "qual seja a esperança da nossa vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder", que diferença isso faria! Acaso você é um cristão acabrunhado, infeliz, achando que a luta é demais para você? Você está a ponto de ceder e desistir? O que você necessita é conhecer o poder que está operando vigorosamente por você, o mesmo poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos. Se tão-somente soubéssemos o que significa sermos "cheios de toda a plenitude de Deus", deixaríamos de ser fracos e de afligir-nos, deixaríamos de apresentar um quadro tão lamentável da vida cristã aos que vivem conosco e ao redor de nós. O que necessitamos primordialmente não é uma experiência, é, sim, compreender o que somos e quem somos, o que Deus em Cristo fez e como Ele nos abençoou. Não nos apercebemos dos nossos privilégios.

A nossa maior necessidade ainda é a necessidade de entendimento. A nossa oração por nós mesmos deve ser a oração que o apóstolo fez por aquelas pessoas, que "os olhos do (nosso) entendimento" sejam "iluminados". E disso que precisamos. Nesta Epístola "as abundantes riquezas" da graça de Deus são expostas diante de nós. Vejamo-las, tomemos posse delas e desfrutemo-las. Acima de tudo, e especialmente numa época como esta, quão vital é que tenhamos um novo e robusto entendimento do grande plano e

propósito de Deus para o mundo. Com conferências internacionais sendo realizadas quase na soleira da nossa porta, com todo o mundo perguntando qual será o futuro e quais serão as conseqüências dos nossos problemas atuais, com os homens perplexos e desanimados, quão privilegiados somos por podermos pôr-nos de pé e olhar esta revelação, e ver o plano e o propósito de Deus por trás e além disso tudo.

Plano e propósito que não serão realizados por meio de estadistas, mas por meio de pessoas como nós. O mundo ignora isto e dá risada e zomba; no entanto, com o apóstolo, nós sabemos com certeza que "todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e ... todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro" foi posto debaixo dos pés de Cristo. O Senhor Jesus Cristo foi rejeitado por este mundo quando Ele veio, os homens O repudiaram como a "um qualquer", um "carpinteiro"; contudo Ele era o Filho de Deus e o Salvador do mundo, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, Aquele diante de quem se dobrará "todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra" (Filipenses 2:10). Graças sejam dadas a Deus pelo glorioso evangelho de Jesus Cristo, e pelas "riquezas da sua graça"!

"SANTOS ... E FIÉIS EM CRISTO

JESUS"

"Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Efeso, e fiéis em Cristo Jesus." — Efésios 1:1

Como vimos, quando o apóstolo começa a sua carta, ele mergulha imediatamente no meio de grandes e profundas verdades. Suponho que todos nós, em graus variáveis, devemos declarar-nos culpados da tendência de considerar as instruções das Epístolas do Novo Testamento como send o mais ou menos formais. Inclinamo--nos a achar que as instruções são mais ou menos desnecessárias, e que podemos saltar por cima delas para podermos chegar depressa à grande mensagem que se lhe segue. Nas leituras da meninice queríamos chegar logo ao coração da história, e muitas e muitas vezes ficávamos impacientes com todos os preliminares; queríamos a vibração e o fim da história. Esse hábito tende a persistir, de modo que, quando chegamos às Epístolas do Novo Testamento, achamos que os versículos preliminares e as saudações não são importantes e não têm nenhuma ligação com a verdade e com a doutrina. Assim, tendemos a lê-las muito rapidamente e a precipitar-nos ao que consideramos como o ensino essencial. Mas, isso é um engano profundo, não somente com relação às Escrituras, como também com relação a qualquer coisa que valha a pena ler. E sempre bom dar atenção àquilo que o escritor no início julga necessário e importante, pois é óbvio que ele não o teria introduzido se não tivesse algum objetivo em mente. Se isso é verdade em geral, é verdade particularmente quantos a estas Epístolas do Novo Testamento, porque nestas saudações preliminares vemos aspectos da verdade que são vitais e essenciais.

Aqui, no versículo primeiro desta Epístola, temos um notável exemplo disso, pois o apóstolo nem consegue dirigir-se aos efésios sem ao mesmo tempo presenteá-los aos

efésios (e a nós) com uma extraordinária descrição e definição do que significa ser cristão.

Chamo a atenção para este fato porque muitas vezes as pessoas interpretam mal o ensino das Epístolas do Novo Testamento é dirigido única e exclusivamente a cristãos, a crentes no Senhor Jesus Cristo. É completamente errôneo e herético tomar o ensino de qualquer das Epístolas do Novo Testamento e aplicá-lo ao mundo em geral. O ensino é dirigido a pessoas particulares, e aqui o apóstolo não nos deixa em nenhuma dúvida quanto às pessoas às quais ele está escrevendo. Ele se dirige a elas e imediatamente as descreve.

Também é preciso ficar claro para nós o fato de que o apóstolo estava escrevendo o que se pode descrever como uma carta geral. A Versão Revista inglesa não diz: "aos santos que estão em Éfeso". A palavra "Éfeso" é omitida, e isso nos faz lembrar que nalguns dos manuscritos antigos as palavras "em Éfeso" não estão incluídas. Os manuscritos mais antigos não contêm as palavras "em Éfeso", mas elas se encontram noutros manuscritos antigos. Contudo, as autoridades concordam em dizer que o que realmente aconteceu foi que o apóstolo escreveu uma espécie de carta circular a várias igrejas, e que o seu amanuense provavelmente deixou um espaço em branco para que se pudesse inserir o nome de alguma igreja em particular. Esta carta à igreja de Éfeso foi também a outras igrejas da Província da Ásia, e é provável que a descrição tradicional, "A carta para os efésios" tenha surgido do fato de que o exemplar original foi para a igreja de Éfeso.

Permitam-me ressaltar também que esta carta não foi destinada a alguns cristãos incomuns e excepcionais, não é uma carta dirigida a algum grande erudito ou teólogo, não é uma carta dirigida a professores, não é uma carta dirigida a eruditos especializados no estudo das Escrituras. Não é uma carta para especialistas, porém para membros de igreja comuns. Esta é, sob todos os pontos de vista, uma observação muito importante, e pela seguinte razão, que tudo o que o apóstolo diz aqui acerca dos cristãos e membros das igrejas deve, portanto, ser verdade a nosso respeito. Toda a elevada doutrina que temos nesta Epístola é algo que eu e vocês fomos destinados a receber. A Epístola aos Efésios - talvez a realização máxima da vida do apóstolo e dos seus escritos - é uma Epístola destinada a pessoas como nós. O objetivo é que membros comuns de igreja, de todas as igrejas, tomem posse desta doutrina e as entendam e se regozijem nelas. Não são apenas para certas pessoas especiais e cultas; são para cada um de nós e para todos nós.

Voltando-nos, pois, para a descrição que o apóstolo faz do

cristão, de todo cristão, temos aqui o que se pode chamar o mínimo irredutível do que constitui um cristão. No corpo desta carta diz o apóstolo que ele está desejoso de que essas pessoas aprendam mais verdades, verdades mais profundas e mais elevadas. Daí ele ora no sentido de que os olhos do seu entendimento sejam

iluminados: “Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento”. Esse é o objetivo supremo, mas antes de chegar a isso ele lhes lembra o que já são e o que já sabem. Esta descrição do cristão é uma descrição dos cristãos efésios daquele tempo. Eles nunca seriam membros da Igreja, nunca seriam destinatários desta carta, se estas coisas não fossem próprias deles. Vemo-nos, pois, confrontados aqui pelo que o Novo Testamento ensina que é o mínimo irredutível do que constitui um cristão.

Estou dando ênfase a isso porque me parece que a necessidade primária da Igreja na presente hora é compreender exatamente o que significa ser cristão. Como foi que os cristãos primitivos, que eram apenas um punhado de gente, tiveram tão profundo impacto sobre o mundo pagão em que viviam? Foi porque eles eram o que eram. Não foi a sua organização, foi a qualidade da sua vida, foi o poder que eles possuíam porque eram cristãos verdadeiros. Foi desse modo que o cristianismo venceu o mundo antigo, e cada vez me convenço mais de que essa é a única maneira pela qual o cristianismo pode influenciar verdadeiramente o mundo moderno. A falta de influência da Igreja Cristã no mundo em geral hoje, em minha opinião, deve-se unicamente a uma coisa, a saber (Deus nos perdoe!), que somos muito diferentes da descrição dos cristãos que vemos no Novo Testamento. Se, portanto, estamos preocupados com o estado em que a Igreja se encontra, se sentimos o peso dos homens e mulheres que estão fora da igreja e que, em sua miséria e aflição, estão se precipitando para a sua própria destruição, a primeira coisa que temos que fazer é examinarmos, e descobrir até que ponto nos amoldamos a este modelo e a esta descrição. O apóstolo descreve o cristão com três expressões. A primeira é “santos”. “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos...” - aos santos de Efeso, aos santos de Laodicéia, aos santos de todas as outras igrejas locais, pequenas ou grandes. A primeira coisa a dizer do cristão é que ele é santo. Receio que isso soe um tanto estranho para alguns de nós. Temos a tendência de dizer: “Bem,

eu sou cristão, mas estou longe de ser santo”. Tememos fazer tal afirmação; de algum modo tememos esta designação particular; e, contudo, o Novo Testamento se dirige a nós como a “santos”. Portanto, precisamos descobrir porque o apóstolo usa essa palavra, e o que se quer dizer com “santo”, em seu sentido neotestamentário.

A primeira coisa que o termo significa é que somos pessoas separadas. Esse é o significado radical da palavra que o apóstolo emprega aqui, e como outros escritores bíblicos a utilizam. Primariamente significa separado, posto à parte. Uma boa ilustração desse sentido vê-se no capítulo 19 de Atos dos Apóstolos, onde lemos que, quando surgiram certas dificuldades e oposições, o apóstolo separou os discípulos e então começou a reunir-se com eles na escola de Tirano (versículo 9), e se pôs a ensiná-los e a edificá-los na fé; ele os separou. Essa é a significação

essencial da palavra “santo”, e a Igreja é um agrupamento de santos. A Igreja não é uma instituição, é primordialmente uma reunião, um encontro de santos. A ilustração perfeita é a dos filhos de Israel na antiga dispensação. Eles eram um povo separado por Deus, foram tirados do mundo, foi-lhes conferida por Deus uma certa singularidade, eram “povo de Deus”. São descritos como “a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” ou “peculiar” (1 Pedro 2:9) - povo para ser uma possessão e um interesse especiais de Deus. Esjsa é a definição dos filhos de Israel no Velho Testamento (e.g., Êxodo 19:5,6; Deuteronômio 7:6). Num sentido eles eram uma nação entre muitas outras, e, todavia, eram diferentes; eles tinham certos direitos que outras nações não tinham, haviam recebido de Deus certas revelações da Palavra de Deus a que Paulo se refere como “os oráculos de Deus”. Noutras palavras, eles eram um povo separado, no mundo mas não no mundo, postos à parte de maneira peculiar por Deus; quer dizer, eles eram “santos”. Assim, o cristão é primariamente alguém que é segregado do mundo.

O apóstolo diz precisamente a mesma coisa no início da sua carta aos Gálatas - “Graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo. O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai”. Fomos libertados do mundo, separados do mundo. O cristão hoje, como os filhos de Israel da antigüidade, embora esteja no mundo, não é do mundo; é homem como os outros, e, todavia, é muito diferente. Isso é uma verdade básica, primária. O cristão não é semelhante a ninguém mais; ele é separado, posto à parte, único.

Ele sobressai, ele foi chamado por Deus, foi separado do mundo, separado para Deus. Seria isso óbvio acerca do cristão atual? A separação não significa apenas que freqüentamos dominicalmente um local de culto, enquanto que muita gente não o faz. Isso é uma parte muito importante; no entanto não é a parte vital, por que essa freqüência pode ser resultado de simples costume ou hábito, ou pode ser simples parte de roda social. A questão é: somos verdadeiramente separados como pessoas, somos essencialmente diferentes do mundo?

Não significa somente que fomos postos à parte num sentido externo; significa que fomos postos à parte porque fomos purificados interiormente. Esse é o real sentido da palavra “santo”. Instinti-vamente pensamos num santo como uma pessoa pura. Isso está certo, e devemos captar este segundo elemento do sentido desta palavra. Um santo é alguém que foi purificado de muitas maneiras. Ele foi purificado da culpa do seu pecado, purificado daquilo que o exclui da presença de Deus. Se ser santo significa que você foi tirado do mundo e levado à presença de Deus, não estaria^ claro que aconteceu algo que o habilitou a ir à presença de Deus? É o pecado que separa de Deus o homem; daí, antes de alguém poder ser separado para Deus, precisa ser purificado da culpa do pecado. Assim, essa é a primeira coisa que caracteriza o cristão; ele foi purificado, como nos lembra o apóstolo, pelo sangue de

Cristo, “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça”.

Mas a purificação não pára nesse ponto. O santo é alguém que também foi purificado da corrupção do pecado. Não se trata de uma purificação externa apenas; também é interna, porque o pecado afeta o ser completo. Um santo é alguém que foi purificado daquilo que corrompe a sua mente e o seu coração, as suas ações, e tudo mais. Ele é purificado exteriormente, ele é purificado interiormente; ele se tornou, como a Bíblia lhe chama, uma pessoa “santa”. Ao Monte Sião a Bíblia se refere como “o monte santo”, e os vasos que eram utilizados no templo eram chamados “vasos santos”. Significa que eles foram purificados e postos à parte, e não eram utilizados para nenhuma outra coisa; eram “santos ao Senhor”. É isso que se quer dizer com “santo”; um santo é alguém que foi purificado e separado, e é “santo ao Senhor”. Antes de ser aplicado ao cristão, esse termo era aplicado originariamente aos filhos de Israel. “Vós sois uma nação santa, um povo peculiar”, um povo para ser

propriedade particular de Deus.

Nesta altura faço dois comentários práticos. O primeiro é que estas observações se aplicam a todos os cristãos - aos santos de Éfeso, aos santos do mundo inteiro, aos fiéis de toda parte. Devemos aprender uma vez por todas a desfazer-nos da falsa dicotomia que o catolicismo romano introduziu neste ponto. Ele destaca certas pessoas e lhes chama “santos”. Não há nada de errado em pagar tributo a quem é proeminente; entretanto não é isso que os romanistas fazem. Eles chamam aquelas pessoas especiais de “santos”, e somente aquelas. Mas isso é errôneo e não é bíblico. Todo cristão é santo; você não pode ser cristão sem ser santo; e não pode ser santo e cristão sem ser separado deste mundo num sentido radical. Você não pode mais pertencer a ele, você está nele mas não é dele; há uma separação que se deu em sua mente, em sua perspectiva, em seu coração, em sua conversação, em seu comportamento. Você é uma pessoa essencialmente diferente; o cristão não é uma pessoa do mundo, não é governado pelo mundo e sua mentalidade e perspectiva. Devemos examinar-nos e descobrir se correspondemos a esta descrição. Porventura não é certo que a multidão de homens e mulheres que vivem ao redor de nós e por perto (muitos deles infelizes e inquietos acerca de si e de suas vidas) não vêm falar conosco e fazer-nos perguntas, não correm para nós em sua angústia, porque não nos acham em nada diferentes deles, porque não há nada em torno de nós que dê a idéia de que somos essencialmente diferentes? Aceitamos a falsa idéia de que somente certos cristãos são santos, não nos apercebemos de que o propósito é que todo cristão seja separado do mundo.

É justamente aqui que devemos ver toda a maravilha e todo o milagre da fé cristã. Recordem o tipo de cidade que Éfeso era. Leiam o capítulo 19 de Atos dos Apóstolos e verão que era uma grande cidade, e próspera, mas completamente pagã.

Seus habitantes adoravam uma deusa chamada Diana, e eles gritavam "Grande é Diana dos efésios". Orgulhavam-se de si e da sua deusa. Não somente isso, havia também muita prática de feitiçaria, magia e coisas do gênero. O apóstolo visitou a cidade, e tudo o que encontrou foi um grupo de doze homens que eram discípulos de João Batista, porém estes não tinham entendimento muito seguro da verdade. Vocês poderiam imaginar coisa mais desanimadora? Quando o apóstolo passeou pela cidade de Éfeso, viu-a quase completamente pagã, cheia de arrogância e orgulho, repleta de seitas e de

tudo quanto se opõe a Deus. Que esperança havia de que o cristianismo florescesse num lugar como esse? Mas Paulo pregou e foi usado pelo Espírito; a igreja foi estabelecida, aqueles santos vieram à existência, e mais tarde Éfeso tornou-se a sede do trabalho do Apóstolo João. Precisamos lembrar-nos de que o evangelho não é ensino humano; é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê", e quando ele entra numa cidade, como fez na pessoa do apóstolo Paulo, cheio do Espírito Santo nada é impossível.

Você é um cristão que se sente sem esperança acerca de um marido, ou de uma esposa, ou filho, ou algum outro parente? Você acha que, por causa do intelectualismo deles, ou da instrução que receberam, ou do ambiente em que vivem, não há absolutamente nenhuma esperança de que sejam convertidos, e que nem se pode tentar consegui-lo? Lembre-se dos santos de Éfeso, sim, e de Corinto e da Galácia. O evangelho é o poder de Deus; ele realizou feitos poderosos, e continua sendo o mesmo. Ele pode pegar o indivíduo mais destituído de qualquer esperança, e fazer dele'um santo. Essa é a função primordial, a coisa pela qual Deus o enviou.

Pois bem, passemos à segunda expressão - "fiéis". Devemos ser cuidadosos quanto ao significado desse termo. Num sentido, é uma tradução um tanto infeliz, porque, mais uma vez, temos a tendência de lhe atribuir, não a significação primária, e sim um sentido secundário. Essencialmente, a palavra "fiel" significa "que exerce fé". Para ilustrar isso, considerem o caso do apóstolo Tomé, e de como se recusou a crer no testemunho dos seus condiscípulos quando, após sua ausência, retornou a eles e estes lhe disseram que o Senhor tinha aparecido entre eles. Tomé disse que não acreditaria se não visse o sinal dos cravos e não pusesse o dedo nas feridas. Então o Senhor apareceu de repente e Se mostrou a Tomé e lhe disse que fizesse o que tinha dito. Tomé caiu a Seus pés e exclamou: "Senhor meu, e Deus meu!" Mas procurem lembrar como o nosso Senhor o repreendeu gentilmente e lhe disse: "Porque me viste, Tomé, crestes; bem-aventurados os que não viram e creram" . E acrescentou: "Não sejas incrédulo, mas crente". A palavra traduzida em João 20:27 por "crente" é a mesma que traduzida por "fiéis" em nosso texto. Significa "estar cheio de fé" , exercer fé. O apóstolo escreve a estes cristãos de Éfeso como a crentes, a pessoas que exercem a fé; eles são cristãos porque são crentes.

Aqui também há algo fundamental, primário e vital. Você não

pode ser cristão sem ter certa crença; o que nos faz cristãos é que cremos em certas coisas. Voltemos ao capítulo 19 de Atos dos Apóstolos. O que nos é dito (versículos 1 e 2) é que Paulo encontrou certos discípulos, porém não ficou satisfeito quanto a eles, pelo que lhes perguntou: "Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles responderam: "Nós nem ouvimos que haja Espírito Santo". "Em que sois batizados então?", perguntou-lhes, e eles responderam: "No batismo de João". Então lhes disse Paulo: "Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo". Tendo ouvido isso, foram batizados em nome do Senhor Jesus.

Nesse incidente nos é dito claramente o que é que nos faz cristãos. O cristão não é meramente um bom homem, um homem bondoso, um homem que gosta de ser membro de uma igreja cristã, um homem vagamente interessado em elevação moral e no idealismo. Certos homens hoje descritos como cristãos proeminentes crêem tão-somente no que se chama "reverência pela vida"; mas isso não está de acordo com o ensino do Novo Testamento. O cristão é alguém que crê em certas verdades específicas; e a essência da sua crença centraliza-se na Pessoa do nosso Senhor Jesus Cristo. O cristão, o santo, é "cheio de fé". Em quem e em quê? Fé no Senhor Jesus Cristo. Ele crê que Jesus de Nazaré é o Filho unigênito de Deus. Ele é cheio de fé na encarnação, crê que a Palavra eterna, "o Verbo foi feito carne e habitou entre nós", que o Filho eterno veio em natureza humana a este mundo, crê no nascimento virginal, e que, por Seus milagres, Jesus tornou manifesto que Ele é o Filho de Deus. __

Os santos de Éfeso criam nestas verdades; e Paulo foi capacitado a realizar milagres especiais em Éfeso como prova delas. Eles não criam superficialmente; sabiam no que criam. No entanto, acima de tudo, criam que Cristo Jesus veio a este mundo "para provar a morte por todo homem", criam no fato de que é pelo Seu sangue que Ele nos salva, que Ele sofreu o castigo merecido pelos nossos pecados, e morreu sofrendo a nossa morte, para reconciliar-nos com Deus - "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça". Eles eram cheios de fé nestas coisas. Criam firmemente que Ele tinha ressuscitado dentre os mortos. Não tinham simplesmente uma vaga crença em que Jesus persiste, mas tinham plena certeza de que Ele ressus-

citou dentre os mortos e Se manifestou a muitos discípulos, e por último a este homem, Paulo. Também eram cheios de fé na Pessoa do Espírito Santo. Criam que o Espírito Santo fora enviado no dia de Pentecoste, que "a promessa do Pai" tinha vindo, e que Ele podia ser recebido, e que os crentes sabiam que O tinham recebido. Eles eram cheios de fé nestas coisas. E nós, somos "fiéis"? Somos cheios de fé? A questão vital não é se somos membros de igrejas locais, porém se somos cheios de

fé nestas coisas. Sabemos em quem temos crido? Conhecemos a doutrina cristã? Entendemos o caminho da salvação como vem exposto nas Escrituras? Devemos estar "sempre preparados para responder a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós", diz Pedro, confirmando Paulo.

Há ainda mais um sentido desta palavra "fiéis", o sentido geralmente dado. Significa que guardamos a fé, que mantemos a fé, que somos constantes na fé, leais à fé, e que, com Paulo, estamos prontos a defender a fé e a lutar ardorosamente por ela. Significa que se pode contar conosco, que se pode confiar em nós porque conhecemos a fé, e porque cremos e confiamos no que ele significa. Não nos esqueçamos deste sentido secundário, que devemos ser pessoas nas quais as outras podem acreditar e confiar. Não devemos ser como os que são "levados por todo vento de doutrina" e cuja fé pode ser abalada pela leitura de um artigo ou livro escrito por algum dignitário da Igreja que nega a deidade de Cristo, ou o nascimento virginal e muitas outras doutrinas essenciais. Temos que ser fiéis, confiáveis, dignos de crédito; sabemos no que cremos, e estamos firmes com os apóstolos e outros numa sólida linha de defesa da fé contra todos os adversários.

Mesmo que nos sobrevenha terrível perseguição, não devemos acovardar-nos. A muitos daqueles cristãos primitivos se dizia que se eles persistissem em dizer que "Jesus é Senhor", seriam mortos. Contudo, eles continuavam dizendo que "Jesus é Senhor". Embora eu e vocês talvez não sejamos tentados deste modo particular, há cristãos noutras partes do mundo atual que têm que encarar a possibilidade de perder o trabalho ou o emprego ou a sua posição profissional, ou de serem separados das suas famílias, lançados na prisão, surrados ou baleados ou mutilados de algum modo terrível, simplesmente por causa da sua lealdade e esta fé. Eles estão firmes, são "cheios de fé"; pode-se confiar e descansar no fato de que eles resistirão até o último momento, e nunca vacilarão nem se acovardarão. Nem eu nem vocês, pelo menos no presente, temos que

enfrentar perseguição aberta, mas temos que enfrentar escárnio e zombaria, e muitas vezes nos fazem estranhos e esquisitos. Eu e vocês temos que ser fiéis, aconteça o que acontecer, não importa quanto riso, mofa e zombaria tenhamos de enfrentar. Seja qual for o preço - financeiro, profissional - temos que ser fiéis, fidedignos, confiáveis, resistindo a todo custo, venha o que vier. O cristão é assim; ele sabe no que crê; e prefere morrer a negar a Cristo.

__ Depois, finalmente, há esta frase grandiosa, "em Cristo Jesus". É sumamente importante compreendermos o que ela significa, e ela está ligada a "santos" bem como a "fiéis". Eles são santos em Cristo Jesus, são fiéis em Cristo Jesus. Esta frase, como veremos repetidamente à medida que percorrermos esta Epístola, é uma das grandes declarações características do Novo Testamento. Significa que o cristão é alguém que, não somente crê em Cristo, mas também, num sentido real, está "em

Cristo". Pertence a Ele, está unido a Ele, está ligado a Ele. Vejam a ilustração neotestamentária do corpo. "Vós sois o corpo de Cristo", declara Paulo aos coríntios, "e seus membros em particular". No capítulo 4 desta Epístola aos Efésios ele faz uso da mesma analogia. Diz ele que os cristãos, que formam a Igreja, são edificados como um corpo. Diz ele: Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor" (versículos 15 e 16). Portanto, ser cristão significa, não somente que você é crente em Cristo, exteriormente a Ele; você é crente porque está ligado a Ele, você está "nele".

Vemos a mesma idéia no capítulo 5 de Romanos, onde Paulo elabora uma grande analogia e um contraste. Diz ele que todos nós estávamos originalmente em Adão. Adão não foi somente o primeiro homem, foi também o representante de toda a raça humana. Todo aquele que nasceu neste mundo estava em Adão, era uma parte de Adão, estava ligado a Adão, resultando em que a ação praticada por Adão teve conseqüências em todos. Contudo, o apóstolo continua e argumenta no sentido de que, assim como todos nós estávamos "em Adão", agora estamos - os que somos cristãos -"em Cristo". Como "em Adão", assim "em Cristo". Tudo o que o Senhor Jesus Cristo fez passa a ser verdade quanto a nós.

Também no capítulo 6 de Romanos Paulo desenvolve o tema e

afirma que quando Cristo foi crucificado, nós fomos crucificados com Ele; quando Ele morreu, nós morremos com Ele; quando Ele foi sepultado, nós fomos sepultados com Ele; quando Ele ressuscitou, nós ressuscitamos com Ele. Ele está sentado nos lugares celestiais. No capítulo 2 da Epístola aos Efésios Paulo diz: "Deus nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus". Estamos sentados nos lugares celestiais com Cristo neste momento porque estamos "em Cristo". Que verdade tremenda, estonteante, irresistível - sou parte de Cristo, pertenço a Ele, sou membro do corpo de Cristo! Não sou meu, fui "comprado (adquirido) por preço". Estou em Cristo. Ele é a cabeça, eu sou um dos membros. Há uma união vital, orgânica, mística entre nós. Todas as bênçãos que gozamos como cristãos nos vêm porque estamos em Cristo. "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça" (João 1:16). "Eu sou a videira verdadeira", diz o nosso Senhor, "vós as varas".

Tudo isso é para você, se você é cristão. Não fale da sua fraqueza ou desamparo; Ele é a Vida, e você está ligado à Vida, você faz parte da Vida, você é um ramo da Videira, "em Cristo". Voltaremos a isso, mas vamos apossar-nos disso em princípio agora. Meditemos nisso, e permitam-me animá-los a fazê-lo concluindo com dois breves comentários. Por que vocês acham que, ao descrever o cristão, o apóstolo coloca estas três coisas na seguinte ordem - "santos", "fiéis", "em Cristo"?

A resposta é muito simples. A primeira coisa e a mais evidente acerca do cristão sempre deve ser o fato de que ele é “santo”. O apóstolo tinha em mira a cidade de Éfeso; ele viu o que lhe parecia um oásis no deserto de riquezas, paganismo, feitiçaria e vida libertina. Sobressaindo no deserto, este verdejante oásis - a Igreja, os santos. Essa é uma boa maneira de ver o cristão . Quem quer que olhe para o mundo deve impressionar-se logo com o fato de que há nele certas pessoas que sobressaem e que são completamente diferentes porque são “santas”. Essa é primeira impressão que devemos causar; todos - vizinhos, amigos, colegas e companheiros de trabalho - devem saber que somos cristãos. Isso deve ser óbvio, deve sobressair porque somos o que somos, por causa destas coisas que nos caracterizam. Lemos a respeito do nosso bendito Senhor que Ele “não pôde esconder-se” (Marcos 7:24), e isso deve ser verdade a nosso respeito neste sentido; deve ser impossível esconder o fato. Mas não quer dizer que eu prego e imponho o meu cristianismo aos

outros, tornando-me uma pessoa molesta. Trata-se antes de uma qualidade que recende santidade, algo que é cheio de graça e de encanto, uma tênue semelhança com o Senhor. Deve ser evidente e óbvio que somos um povo separado, um povo diferente, porque somos um povo santo.

A seguir notemos a importância de se manter intacta a relação entre ser santo e ser fiel, a relação entre a santidade e ser crente no Senhor Jesus Cristo. Estas coisas nunca devem ser separadas. Por mais que possamos iludir-nos, isso de cristão teórico não existe. É possível sustentar a doutrina da fé na sala de aulas, dar um assentimento intelectual a estas coisas, porém isso não faz de nós cristãos. Daí Paulo coloca “santos” antes de “fiéis”. Disse o Dr. William Temple: “Ninguém é crente, se não é santo, e ninguém é santo, se não é crente”. Estas duas coisas jamais devem ser separadas, nunca se deve abrir uma lacuna entre a justificação e a santificação. Se você é cristão você está em Cristo, e em Cristo o que acontece é que Ele “para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). Você não pode, você não deve tentar dividir Cristo. É falsa a doutrina que diz que você pode ser justificado sem ser santificado. É impossível; você é “santo” antes de ser “fiel”. Você foi separado. É por isso que você crê. Estas coisas estão entrelaçadas indissoluvelmente. Não permita Deus que as separemos ou que as dividamos, jamais! A santidade é uma característica de todos os cristãos e, se não somos santos, a nossa profissão de fé em Cristo não tem valor. Você não pode ser crente sem ser santo, e não pode ser santo, neste sentido neotestamentário, sem ser crente. “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

- GRAÇA, PAZ, GLÓRIA
- “TODAS AS BÊNÇÃOS ESPIRITUAIS NOS LUGARES CELESTIAIS”
- “NOS ELEGEU NELE”
- ADOÇÃO

- 10
- 11
- 12
- “PELO SEU SANGUE”
- “O MISTÉRIO DA SUA VONTADE”
- “NÓS... TAMBÉM VÓS”
- “OUVISTES, CRESTES, CONFIASTES”
- A NATUREZA DA SELAGEM (1)
- EXPERIÊNCIAS REAIS E FALSAS
- “O PENHOR DA NOSSA HERANÇA”
- “O PAI DA GLÓRIA”
- SABEDORIA E REVELAÇÃO
- “AS RIQUEZAS DA GLÓRIA DA SUA HERANÇA NOS SANTOS”
- “SOBRE NÓS OS QUE CREMOS”
- “A IGREJA QUE É O SEU CORPO”
- O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

1

Os quatro livros aí mencionados já foram publicados em português pela PES, com os seguintes títulos e nas seguintes datas: *Reconciliação: O Método de Deus* **(1995),** *Vida no Espírito* **(1991),** *O Combate Cristão* **(1991), e** *O Soldado Cristão* **(1996). Nota do tradutor.**

GRAÇA, PAZ, GLÓRIA

"A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo." - Efésios 1:2

No versículo *2,* que ainda faz parte das saudações do apóstolo à igreja de Éfeso e de toda parte, ele passa a falar-nos dos benefícios que devemos estar gozando por sermos cristãos. Ele o faz com palavras que de uma forma ou de outra se vêem no começo de muitas Epístolas do Novo Testamento - "A vós graça, e paz". Era costume entre os antigos saudarem uns aos outros dessa maneira quando se encontravam, e a saudação favorita que um judeu fazia a outro era, "Paz, paz seja com você". "Paz" era o termo preferido dos judeus. O apóstolo, porém, não diz apenas isso, vai além. Ele toma o termo conhecido e o eleva a uma nova esfera, à esfera cristã. Assim, a expressão de cumprimento e saudação cristã é muito mais grandiosa, mais ampla e mais profunda do que a saudação mais ou menos formal com a qual os homens costumavam saudar-se uns aos outros.

Dou ênfase a esta questão porque a considero de grande importância. O apóstolo não usa tais palavras solta e ligeiramente e sem pensar; não é uma simples fórmula que ele usa automaticamente no início de uma carta; as palavras estão carregadas de profunda significação. Quando ele emprega estas palavras e expressa este desejo quanto aos efésios, o que ele quer é que eles experimentem todas as infindáveis riquezas que se pode achar no evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo. Noutras palavras, quando analisarmos este versículo, veremos que ele contém algumas das verdades mais profundas da nossa fé, e que os seus termos são da mais profunda importância.

Faço breve digressão para assinalar que, quando lemos a Bíblia, nada é mais importante do que examinar cada palavra e questionar o seu significado. Como é fácil fazer leitura bíblica diária de certa porção, seguida talvez por uma certa oração! Se o seu maior interesse é simplesmente ler uma certa porção cada dia, poderá muito bem saltar por cima de palavras como estas, destas profundezas da nossa fé. Aqui, logo no início, nesta saudação preliminar, o

apóstolo mergulha imediatamente no fundo da verdade e doutrina mais profunda que se pode achar em qualquer parte das Escrituras. Ou, para expor o ponto de maneira diferente, este versículo é uma espécie de prelúdio da Epístola toda. É característico das grandes peças musicais, de certos tipos de música em particular, terem um prelúdio. O musicista começa compondo o corpo maior da obra, que pode ter vários movimentos ou atos, cada qual com o seu tema. Depois, tendo concluído a obra, ele retoma ao princípio e compõe um prelúdio, no qual reúne os principais motivos ou temas que emergiram no corpo da obra. Ele faz isso atirando uma sugestão, talvez em poucos compassos, para aguçar o seu apetite e para que

você possa ter uma idéia daquilo que ele vai desenvolver no corpo principal da obra.

É minha opinião que este versículo dois é o prelúdio de toda esta Epístola; nele se insinuam todos os seus temas principais. Mais tarde vamos penetrá-los mais minuciosamente, mas vejamo-los logo no início - "graça" e "paz". "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo." Não há outras duas palavras em tudo quanto compõe a nossa fé que sejam mais importantes do que as palavras "graça" e "paz". Todavia, com que superficialidade tendemos a soltá-las das nossas línguas sem parar para considerar o que elas significam. A graça é o começo da nossa fé; a paz é o fim da nossa fé. A graça é o manancial, a fonte, a origem. É aquele local particular da montanha do qual o caudaloso rio que vocês vêem rolando para o mar começa a sua carreira; sem ela não haveria nada. A graça é a origem, a procedência e a fonte de tudo o que há na vida cristã. Entretanto, que significa a vida cristã, que é que ela foi destinada a produzir? A resposta é "paz". Portanto, aí temos a fonte e o estuário levando ao mar, o começo e o fim, a iniciação e o propósito a que tudo visa e se destina. É essencial, pois, que levemos em nossas mentes estas duas palavras, porquanto dentro da elipse formada pela graça e pela paz tudo está incluído.

Que é graça? É um termo notoriamente difícil de definir. Essencialmente, graça significa "favor imerecido", favor que você não merece, favor que você recebe mas ao qual não faz jus, ao qual não tem absolutamente nenhum direito, e do qual você é totalmente indigno e imerecedor. Podemos chamá-la amor condescendente -amor que desce, ou que baixa. Ou podemos chamá-la bondade benéfica. Todas estas expressões são descritivas do que se quer dizer com este termo extraordinário que é colocado constantemente

diante de nós no Novo Testamento, com esta admirável e maravilhosa palavra "graça". Não admira que Philip Doddridge vivia a contemplá-la, como ele nos diz nas seguintes palavras -

Graça! É som encantador;

Que harmonia de se ouvir!

É uma das palavras mais belas em todas as línguas.

Com relação a "paz", o perigo sempre presente é dar a essa palavra uma conotação, ou ligar a ela um sentido que fica muito aquém do seu significado completo. "Paz" não é mera cessação da guerra, repousa e tranqüilidade, porém significa muito mais. O perigo constante com relação a "paz" é pensar nela apenas como ausência de coisas tais como agitação ou discórdia ou conflito. Pode muito bem ser que, porque as nações do mundo pensam em paz naqueles termos, nunca tivemos paz verdadeira.

A paz de que falam os livros de história é mera cessação da guerra; mas na Bíblia "paz" não significa apenas que você parou de contender; vai além disso. É interessante que o verdadeiro significado radical da palavra grega traduzida por "paz" é "união", "união após separação", uma re-união, uma reconciliação depois de uma contenda e de um conflito.

A palavra tem seu lugar na expressão "oferta de paz", como uma oferta apresentada por um homem que faz uma proposta de paz. Ele propõe uma união, uma aproximação, uma reconciliação. Noutras palavras, duas pessoas que brigaram e estiveram em conflito depuseram suas armas, olharam-se e apertaram as mãos. Uniram-se, houve uma reconciliação; onde antes havia contenda e separação, agora há aproximação e união. Esta idéia é exposta no capítulo 2 da nossa Epístola, onde lemos: "De ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio..." (versículo 14). As duas partes foram aproximadas, a parede de separação que estava no meio desapareceu, e por um só Espírito se juntaram a um só Senhor. Esse é o sentido de "paz".

"A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo." Aí temos a graça no começo e a paz no fim; todavia não terminamos. No momento em que você se defronta com tal declaração, é levado a fazer uma pergunta. Por que é que o apóstolo deseja isso para esses efésios? A resposta a essa pergunta, como já

estive dizendo, é a totalidade da doutrina cristã. Devemos aprender a ler as Escrituras; e, ao fazermos isso, não há nada que seja mais importante do que fazer perguntas sobre elas.

Por que precisamos de graça e paz? Por que é que o apóstolo quer que as conheçamos? Por que ele usa esses termos, e não outros? A resposta nos leva imediatamente às verdades cristãs fundamentais. Ao desejar-nos graça e paz, ele nos está dizendo a verdade acerca de nós mesmos, ele nos está dizendo o que necessitamos. Necessitamos da graça que nos leve à paz porque o homem é o que é em conseqüência da Queda e do pecado. O que isso significa em detalhe é exposto plenamente pelo apóstolo no capítulo dois. O homem em pecado está em inimizade com Deus. O homem por natureza, como nasce neste mundo, odeia a Deus. Não somente está separado de Deus, mas luta contra Deus, é um inimigo de Deus; tudo nele é, por natureza, completamente oposto a Deus. Essa é a verdade acerca do homem, e o resultado é que o homem, nessa condição, está combatendo a Deus, está pelejando contra Ele e O está odiando. Em seu estado natural, o homem está pronto a crer em qualquer afirmação de jornal de que alguém provou que Deus não existe. O homem pula diante de declarações desse tipo e se deleita nelas porque ele odeia a Deus. Está num estado de inimizade contra Deus.

Além disso, uma vez que o homem está nessa relação com Deus, também está num estado de inimizade contra si próprio. Ele não está somente engajado nesta guerra

contra um Deus que está fora dele; mas também está travando uma guerra consigo mesmo. Aí está a real tragédia do homem decaído; ele não acredita no que estou dizendo, porém esta é certamente a verdade a respeito dele. O homem está num estado de conflito interno, e ele não sabe por quê. Ele quer fazer certas coisas, entretanto algo dentro lhe diz que é errado fazer essas coisas. Ele tem dentro de si algo que chamamos consciência. Embora pense que pode ser perfeitamente feliz, faça o que fizer, e embora possa silenciar os outros, não consegue silenciar esse monitor interno. O homem está num estado de guerra interna; ele não sabe a razão disso, mas sabe que é assim.

Nas Escrituras, contudo, nos é dito exatamente por que a situação é essa. O homem foi feito de tal maneira por Deus que só pode estar em paz consigo mesmo quando está em paz com Deus. Nunca houve o propósito de que o homem fosse um deus, mas ele está

sempre tentando endeusar-se. Ele estabelece os seus desejos como as regras e as leis da sua vida, e, no entanto, é sempre caracterizado por confusão, ou coisa pior. Há algo nele próprio que nega as suas reivindicações; e por isso ele está sempre em briga e conflito consigo mesmo. Ele nada sabe da paz real; ele não tem paz com Deus, não tem paz no seu interior. E, pior ainda, por causa disso tudo, ele está num estado de beligerância com todos os outros. Desafortuna-damente para cada indivíduo, cada um dos demais também quer ser um deus. Devido ao pecado, todos nós somos autocentralizados, egocêntricos, ficamos voltados para nós mesmos, firmados neste ego que colocamos num pedestal e que julgamos tão maravilhoso e tão superior a todos os outros. Mas cada um dos demais está fazendo a mesma coisa, e assim há uma guerra entre deuses. Alegamos que estamos certos e que todos os demais estão errados. Inevitavelmente, o resultado é confusão, discórdia e infelicidade entre homem e homem. Assim é que^ começamos a ver por que o apóstolo ora para que tenhamos paz. E por causa da triste condição do homem, da vida do homem em conseqüência do pecado e do seu afastamento de Deus. Ele está num estado de des-unidade dentro de si e fora, num estado de infelicidade, num estado de angústia.

Mas nem aí a coisa pára; o homem trouxe tudo isso sobre si próprio por sua desobediência a Deus. Ele não consegue fugir disso. Ele tem procurado propor todas as explicações concebíveis da sua condição, porém nenhuma delas é adequada. Ele tentou explicar isso com a teoria da evolução, e, com base nesse modo de ver e nesse ensino, agora o homem deveria estar emancipado e deveria haver paz; mas a paz não veio. O homem tenta explicar o seu quinhão de outras maneiras; entretanto não consegue. O homem trouxe todo este mal sobre si próprio por causa do seu desejo de ser deus. Prova-o o fato de que ele não gosta de ser corrigido, e na verdade detesta toda a idéia de lei. Ele a ridiculariza, e considera a lei um insulto; não reconhece a necessidade de ser mantido na linha pela lei, e se ofende com a sua

interferência.

Mas a grande mensagem da Bíblia é que, embora o homem tenha caído em pecado e se tenha metido neste estado de angústia, Deus ainda Se interessa por ele, e Deus interveio e interferiu. Deu leis e diretrizes, mas, invariavelmente, o homem as tem rejeitado. É Deus que nomeia governos e magistrados, para manter o pecado dentro de limites; porém o homem sempre luta contra toda ordem

imposta de fora. Ele gosta disso e, com essa atitude, mostra o seu terrível ódio a Deus e sua inimizade contra Deus. O homem sempre rejeitou o que Deus providenciou para ele e, assim, há somente uma conclusão a que se pode chegar com relação ao homem: o homem merece sobejamente o destino que ele mesmo trouxe sobre si. De fato, podemos ir além e dizer que o homem merece coisa pior; merece ser punido. O homem não é somente um infrator que merece punição; também é louco. Ele rejeita a lei de Deus e não quer dar-lhe ouvidos, e, portanto, merece castigo, merece condenação. Não há desculpa para o homem; ele pecou deliberadamente e caiu no princípio, e ainda rejeita deliberadamente a direção divina. Não há argumentos que se lhe possa oferecer. Dê-lhe a Bíblia, e ele ri dela. Embora vejamos na Bíblia que os homens que se ajustaram a ela encontraram felicidade e paz, os homens a rejeitam; apesar de estar claro que, se todas as pessoas do mundo fossem verdadeiramente cristãs a maior parte dos problemas desapareceria, o homem continua rejeitando o cristianismo. Criaturas desse naipe não merecem nada, senão castigo e o inferno. Essa é a condição do homem, em conseqüência da sua queda no pecado.

Pois bem, é justamente neste ponto que a maravilhosa mensagem do evangelho entra. Toda a mensagem do evangelho é introduzida pela palavra “graça”. Graça significa que, apesar de tudo o que estive dizendo sobre o homem, Deus ainda olha para ele com favor. Vocês não entenderão o significado da palavra “graça”, se não aceitarem plenamente o que eu disse sobre o homem em pecado. Esse erro explica porque o conceito moderno sobre graça é tão superficial e inadequado. É porque o homem tem um conceito inadequado do pecado que ele tem um conceito inadequado da graça de Deus. Se vocês quiserem dimensionar a graça, precisarão dimensionar a profundidade do pecado. A graça é aquilo que diz ao homem que, apesar de tudo o que o caracteriza, Deus olha para ele com favor. E completamente imerecida, o homem não lhe faz jus; mas esta é a mensagem da expressão, “A vós graça”. É ação de Deus a que não temos direito, que não merecemos, é um amor condescendente. Quando o homem não merecia nada, senão ser eliminado da existência, Deus olhou para ele com graça e misericórdia e o tratou em conformidade com Sua graça e misericórdia. Assim, esta palavra singular “graça”, no início da Epístola, introduz o evangelho todo.

Este é o grande tema das Escrituras, em todas as suas partes.

Por exemplo, Paulo escreve em Romanos, capítulo 5: "Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida". Diz ele que éramos não somente pecadores, mas inimigos; não somente havíamos caído, distanciando-nos de Deus, e Lhe tínhamos desobedecido, e nos vimos nesta desgraça, mas, além disso, há esta inimizade, este ódio, este antagonismo no espírito. O evangelho assevera que, a despeito da nossa inimizade contra Deus, Ele deu Seu Filho por nós e para a nossa salvação. O que Ele fez foi estabelecer a paz. No capítulo dois desta Epístola lemos que Ele nos reconciliou conSigo e nos introduziu num estado de união com Ele. Seu olhar para nós, com Sua graça, redundou em paz, e em paz perfeita. A graça de Deus em ação desfaz completamente tudo quanto descrevemos como resultante do pecado.

Primeiramente e acima de tudo, ele dá paz com Deus: "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus" (Romanos 5:1). Fomos reconciliados com Deus; a inimizade entre nós e Deus foi-se, graças ao que Deus fez por Sua graça. Mas o resultado da graça não é somente paz com Deus"; ela dá ao homem paz interior. Ela capacita o homem, pela primeira vez em sua vida, a dar resposta a uma consciência acusadora; ela capacita o homem, pela primeira vez em sua vida, a ter descanso na mente e no coração. Pela primeira vez o homem pode viver consigo mesmo, e pode saber que tudo está bem. O conflito acabou, neste sentido fundamental, e ele entende pela primeira vez a causa de todos os seus problemas. Ele enxerga um modo de sobrepor-se a todas as suas dificuldades, e vislumbra a vitória final que o espera em Cristo.

Isso, por sua vez, leva-o a um estado de paz com as outras pessoas. Trataremos disso em detalhe mais adiante, porém ei-lo aqui em resumo, logo no início. No momento em que um homem se torna cristão, nada continua o mesmo, e ninguém continua sendo o mesmo para ele. A pessoa que antes ele odiava, agora ele vê como uma vítima do pecado e de satanás, e ele começa a ter pena dela. Conhecendo a graça de Deus e experimentando esta nova paz que lhe foi dada, seu ex-inimigo passou a ser alguém por quem ele ora. Começa a pôr em ação a injunção do seu Senhor, que diz: "Amai a vossos inimigos e orai pelos que vos maltratam". A inimizade é

abolida pela nova visão. Ele agora deseja ser reconciliado e estar em paz.

Mas a esta paz *com* Deus, paz interior e paz com os outros, as Escrituras prosseguem dizendo que se acrescenta algo chamado "paz *de* Deus". Significa que, aconteça o que acontecer ao seu redor e por perto, vocês tem dentro de si "a paz de Deus que excede todo entendimento" e que guarda "os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Filipenses 4:7). Deus não somente lhes deu paz, mas providenciou a preservação da paz. Vocês estão guarnecidos de um poder e de uma

Pessoa que os manterá em paz. Muitas coisas podem acontecer-lhes, vocês serão vítimas da tentação para pecar e poderão ficar sem saber o que fazer, porém esta paz de Deus que excede todo o entendimento estará de guarda, protegendo os seus corações e as suas mentes, São esses alguns dos elementos da paz à qual a graça de Deus leva, não obstante o que estou desejoso de ressaltar acima de tudo mais é que tudo isso nos vem como resultado da graça de Deus. "A vós graça, e paz da parte de Deus." Não merecemos nada, nem sequer o desejamos, nem podemos obtê-lo; mas Deus no-lo dá. É tudo pela graça, uma dádiva inteiramente gratuita de Deus.

Agora devemos fazer uma segunda pergunta: como é que tudo isso nos acontece? A resposta é dada imediatamente nas duas palavras: "nosso Pai". "A vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai." A graça logo muda toda a nossa atitude para com Deus porque mudou todo o nosso conceito de Deus. Para o cristão, Deus é "nosso Pai". Para o cristão, Deus não é apenas um X filosófica à distância, sobre quem ele fala e argumenta inteligentemente em seus livros filosóficos; Deus não é tão-somente uma grande força, um grandioso poder num céu distante; Ele é o Pai, o meu Pai, o nosso Pai. Toda a relação entre o homem e Deus foi inteiramente renovada e mudada. Deus não é mais um terrível e distante legislador esperando para punir-nos; Ele continua sendo legislador, mas também é "meu Pai".

Devemos, porém, ser cautelosos quanto às armadilhas que nos cercam. Em que sentido Deus é meu Pai? "Deus", dirá alguém, "é o pai de todos os homens." É verdade que há um sentido em que Deus é o Pai de todos os homens. Paulo, pregando aos atenienses, afirma que Deus é nosso Pai nesse sentido, que todos somos "sua geração" (Atos 17:28). Isso se refere a Deus em Sua relação conosco como Criador. O autor da Epístola aos Hebreus escreve de maneira semelhante quando descreve Deus como o "Pai dos espíritos"

(Hebreus 12:9). Deus é o Pai de todos os espíritos como Aquele que os fez, como o seu Criador, e nesse sentido Ele é o progenitor dos espíritos de todos os homens. Mas quando Paulo diz aqui "nosso Pai", não está falando naquele sentido geral. Deus é Pai não somente no sentido geral, mas no sentido particular é "nosso Pai". Todos os homens tendo pecado, caíram e perderam aquela relação inicial, e, portanto, o nosso Senhor pôde dizer a certos judeus: "Vós tendes por pai ao diabo" (João 8:44). Evidentemente, eles não eram filhos de Deus.

Assim, o apóstolo aqui não está simplesmente descrevendo Deus em termos gerais de paternidade, em termos da criação. Há um novo elemento, o qual é introduzido com a próxima palavra: "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". Esta é a "differentia"* do cristianismo, o elemento que muda tudo. É o Senhor Jesus Cristo. Para que não fique nenhuma incerteza ou confusão, notemos o que Paulo diz nesta mesma saudação: "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". A graça e a paz vêm

igualmente do Senhor Jesus Cristo e do Pai. Esta é uma doutrina vital. Isso de um cristianismo sem o Senhor Jesus Cristo não existe; não há nenhuma benção de Deus ao homem no sentido cristão, exceto no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Qualquer coisa que se declare cristianismo sem ter Cristo no começo, no meio e no fim, é uma negação do cristianismo, dêem vocês a isso o nome que quiserem. Sem Cristo não há cristianismo; Ele é tudo.

Quem é esta Pessoa que o apóstolo liga com Deus o Pai? Observem os termos empregados. Ele é o Senhor, isto é, Jeová.[1] [2] A palavra traduzida por "Senhor" é a palavra que os judeus empregavam na antiga dispensação para "Deus". Era o maior de todos os nomes, o nome que era tão sagrado que eles nem se atreviam a

usá-lo. "Jeová" é o nome de Deus, do Deus da Aliança. O nome Jeová é empregado com referência ao Pai; e também é reivindicação do cristão para Jesus de Nazaré. Este é aquele que nos Evangelhos é descrito como Jesus de Nazaré, mas Paulo não hesita em dizer que Ele é Deus. O apóstolo O coloca ao lado de Deus, como igual a Deus, é co-eterno com Deus. Ele pode ser colocado ali sem nenhuma irreverência, Ele pode ser colocado ali sem que se incorra em nenhuma blasfêmia. Ele pode ser colocado ali, ao lado do nosso Deus vivo e verdadeiro, o Pai. Ele é o eterno Filho de Deus, um com Deus desde a eternidade.

Mas Ele é também Jesus. Significa que Ele é também verdadeiramente homem. Nasceu em Belém, e o nome que Lhe foi dado é "Jesus". Ele veio a ser um menino no templo - Jesus de Nazaré. Ele foi um carpinteiro, Filho de José e Maria, e lemos a respeito dos Seus irmãos. Ele é o homem que começou a pregar com a idade de trinta anos, Jesus, o operador de milagres.

No versículo seguinte, porém, nos é dito algo mais sobre Ele: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Ele é o Senhor, Ele é Jeová, Ele é Deus, mas Deus é também o Seu Deus, e Deus é Seu Pai. Este é um grande mistério. Ele mesmo disse, pouco antes do fim da Sua vida terrena: "Eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (João 20:17). Ele já dissera: "O Pai é maior do que eu"; todavia, Ele é Jeová, porém é também Jesus - o Deus-homem. A assombrosa doutrina da encarnação está aí, no versículo dois. Cristo é a segunda Pessoa da Trindade santa e bendita, que, em Seu condescendente amor, desceu para reconciliar-nos com Deus. Ele próprio é o Senhor Jeová. Ele é também "o primogênito entre muitos irmãos". Ele é o Senhor Jeová que Se tomou "Jesus", tomando sobre Si a nossa natureza, tomando sobre Si os nossos problemas, e mesmo as nossas fraquezas, e finalmente

os nossos pecados. Ele foi às mais tenebrosas profundezas, ao ponto de sentir-Se abandonado por Deus quando sofreu o castigo que nos cabia. Isso é "graça", o condescendente amor de Deus. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu

Filho unigênito."

A próxima palavra é "Cristo" - o Senhor Jesus Cristo. Ele é o Salvador, o Unigênito, o Messias, Aquele que foi enviado para redimir a humanidade. Ele desceu da glória e entrou neste mundo, mas desceu a um ponto ainda mais baixo. Ele não Se envergonhou de vestir a "semelhança da carne do pecado". Ele sofreu a nossa punição na cruz, Seu sangue foi derramado por nós, e nós fomos reconciliados com Deus e temos "paz com Deus". Ainda mais maravilhoso, porém, tendo assumido a nossa natureza, Ele nos dá então a Sua natureza. Pois Cristo não nos dá somente o perdão, Ele nos dá um novo nascimento, e nos tornamos "filhos de Deus". "O Filho de Deus tornou-Se Filho do homem, para que os filhos dos homens se tornassem filhos de Deus", como João Calvino disse uma vez. Significa que não somente temos paz com Deus e com os outros, mas também gozamos o favor de Deus porque somos filhos de Deus em Cristo. Deus, que é Seu Deus e Seu Pai, tornou-Se nosso Deus e nosso Pai. Por isso o apóstolo pôde dizer, incluindo-nos, a nós que somos cristãos, com ele: "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". A suprema honra, a maior dádiva da graça de Deus a nós, é que nos tornamos "filhos de Deus" e que nesta qualidade passaremos a eternidade na presença de nosso Pai. A "graça", totalmente imerecida, leva à paz, à filiação e, finalmente, à glória eterna.

A ALIANÇA ETERNA

"Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo." - Efésios 1:3

Aqui, mais uma vez, temos uma das gloriosas e estonteantes declarações que se acham tão profusamente nos escritos do apóstolo Paulo. Talvez nada seja mais característico do seu estilo como escritor do que a freqüência com que ele parece expor o evangelho completo numa frase ou versículo. Ele nunca se cansa de fazer isso; ele sempre diz a mesma coisa de muitas maneiras diferentes. Esta é uma das suas, até mesmo das suas, mais gloriosas declarações.

Portanto devemos abordá-la com cuidado e com oração. O perigo, quando consideramos tal declaração, é ficarmos tão encantados e arrebatados pelo próprio som das palavras e pelo arranjo delas, que nos contentamos com o efeito passageiro e nunca nos damos o trabalho de analisá-la e, com isso, descobrir o que exatamente ele diz. Podemos contentar-nos com um efeito puramente geral e estético, perdendo conseqüentemente a tremenda riqueza do seu conteúdo. Devemos, pois, ser extraordinariamente cuidadosos, para analisá-la, questioná-la e descobrir exatamente o significado e o conteúdo de cada palavra. E devemos fazê-lo à luz do ensino das escrituras como um todo.

A primeira coisa que temos de fazer é observar o contexto. Primeiramente, no versículo primeiro, o apóstolo lembra aos efésios quem eles são, e o que eles são. Depois, no versículo 2, ele eleva uma oração por eles, e lhes faz lembrar-se das coisas que eles podem gozar e devem procurar gozar - "A vós graça, e paz da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". Tendo feito isso, agora ele está interessado em lembrá-los de como foi que eles se tornaram o que são e de como lhes é possível gozar estas inestimáveis bênçãos da graça e da paz. Essa é a conexão; e de novo devemos salientar o fato de que esta saudação preliminar não é mera formalidade; está repleta da lógica que sempre caracteriza Paulo, o apóstolo.

Tendo-os feito lembrar-se de que são "santos", são "fiéis" e

estão "em Cristo", e, como resultado disso, devem estar gozando graça e paz da parte do Senhor Jesus Cristo, ele agora passa a mostrar, neste versículo três, como isso tudo é possível. Há um sentido em que se pode dizer verdadeiramente que este versículo três é o centro da Epístola inteira. Acima de tudo mais, o apóstolo está interessado em fazer isto. Ele deseja que estes cristãos cheguem ao entendimento e à percepção de quem e do que eles são, e das grandes bênçãos para as quais eles estão abertos. Noutras palavras, o tema é o plano da salvação, e o caminho da salvação, este tremendo processo que nos coloca no caminho onde estamos e aponta para Deus e para as coisas que Deus tem preparado para nós. Paulo faz isso porque ele deseja que estes cristãos efésios e outros entrem na sua herança para poderem gozar a vida cristã com devem, e para viverem suas vidas para o louvor e a glória de Deus. E, naturalmente, a mesma coisa se aplica a nós. Quer o saibamos quer não, o nosso maior problema como cristãos hoje continua sendo a falta de entendimento e de conhecimento das doutrinas das Escrituras. É a nossa carência fatal nesse ponto que explica tantos fracassos em nossa vida cristã . A nossa principal necessidade, segundo este apóstolo, é que "os olhos do nosso entendimento" sejam abertos amplamente, não apenas para que gozemos a vida cristã e as experiências que ela nos propicia, mas a fim de que entendamos o privilégio e as possibilidades da nossa alta "vocação". Quanto maior for o nosso entendimento, mais experimentaremos estas riquezas.

Falta de conhecimento sempre foi o maior problema do povo de Deus. Essa foi a mensagem do profeta Oséias no Velho Testamento. Diz ele que o povo de Deus daquele tempo estava morrendo por "falta de conhecimento" (4:6). Foi sempre esse o problema dos israelitas. Eles não se davam conta de quem eram e do que eram, e porque eram o que eram. Se tão-somente tivessem sabido estas coisas, nunca teriam se afastado de Deus, nunca teriam se voltado para os ídolos, nunca teriam procurado ser como as outras nações. Sempre houve esta falta de conhecimento. O Novo Testamento está repleto do mesmo ensino.

Portanto, devemos estudar atentamente este versículo, porque aí o apóstolo nos

apresenta este conhecimento, esta doutrina que leva ao entendimento do que somos. Podemos fazê-lo em termos dos princípios salientados abaixo, e na ordem em que são apresentados pelo apóstolo.

A primeira proposição é que a percepção da verdade concernente à nossa redenção sempre leva ao louvor. Este irrompe logo na palavra "Bendito". O apóstolo parece alguém que está conduzindo um grande coral e orquestra. Essa verdade Haendel parece ter compreendido muito bem; é a característica dos seus corais mais grandiosos. Pensem no que se salienta no prelúdio de "Digno é o Cordeiro". O apóstolo começa com essa mesma tremenda explosão de louvor e aclamação - "Bendito o Deus", "Louvado seja Deus". Ele sempre faz isso. Examinem todas as suas Epístolas, e verão que é assim. A primeira coisa, sempre, é louvor e ação de graças, e isso porque ele entendeu a doutrina; em conseqüência da sua contemplação da doutrina, ele louva a Deus.

Certamente, o louvor e ação de graças devem ser sempre as grandes características da vida cristã. Vejam por exemplo, o livro de Atos dos Apóstolos. Já se disse que esse livro é o livro mais lírico do mundo. A despeito de toda perseguição que aqueles cristãos primitivos tiveram que suportar, de toda a dureza e de todas as dificuldades que tiveram de enfrentar, eles se distinguiam por um espírito de louvor e ação de graças. Eram pessoas que se mostravam emocionadas com um sentimento de paz, de alegria e de felicidade que nunca tinham experimentado antes. A mesma nota se vê também em toda parte nas Epístolas do Novo Testamento -"Regozijai-vos no Senhor", "Regozijai-vos sempre no Senhor". Até mesmo no livro de Apocalipse, que retrata provações e tribulações que o povo de Deus há de enfrentar sem sombra de dúvida, esta nota de triunfo e louvor percorre todas as suas partes. Esta é a característica peculiar e suprema do povo de Deus, dos cristãos.

O louvor é simplesmente inevitável, à luz do que já vimos nesta Epístola. Se verdadeiramente captamos o que significam "graça" e "paz", não podemos senão louvar a Deus. Portanto, antes de passar a qualquer outro ponto, sugiro que não existe prova mais verdadeira da nossa profissão de fé cristã do que descobrir quão proeminente é esta nota de louvor e ação de graças em nossas vidas. Será que é algo que se vê emanando dos nossos corações e da nossa experiência como invariavelmente ocorria com o apóstolo Paulo? Estaria constantemente irrompendo em nós e se manifestando em nossas vidas? Não estou me referindo ao uso loquaz de certas palavras. Há certos cristãos que, quando vocês se encontram com eles, ficam repetindo a frase "Glória ao Senhor" para darem a impressão de que são cristãos jubilosos. Mas não há nada de

loquacidade fácil na linguagem do apóstolo. Não há nada de formal ou superficial; ela vem das profundezas do coração; é algo sentido no coração.

Certamente todos concordarão que é impossível ler o Novo Testamento sem ver que

esta deve ser a realidade suprema na vida cristã. Tem que ser assim, necessariamente, porque se o evangelho é verdadeiro quando diz que Deus enviou Seu Filho ao mundo para fazer por nós as coisas que estamos considerando, então é de se esperar que os cristãos sejam inteiramente diferentes dos incrédulos; esperar-se-á que eles vivam numa relação com Deus completament e evidente para todos, e acima de tudo mais, que apresentem esta qualidade de alegria. Até os católicos romanos, cuja doutrina e cujo ensino em geral tendem a ser depressivos e opor-se à certeza da salvação, antes de "canonizarem" alguém estabelecem como um elemento essencial absoluto, esta qualidade de alegria e de louvor. Nesse ponto eles estão absolutamente certos - o louvor deve ser a característica de todos os "santos", de todos os cristãos. Dai, vemos esta constante exortação no Novo Testamento a louvarmos a Deus e a elevemos ações de graças. É isso que nos diferencia do mundo. O mundo é deveras mísero e infeliz; vive cheio de maldições e de queixas. Entretanto o louvor, a ação de graças e o contentamento marcam o cristão e mostram que ele não é mais "do mundo".

O louvor distingue o cristão particularmente em sua oração e em seu culto a Deus. Os manuais sobre a vida devocional que têm sido escritos através dos séculos, independentemente dos credos denominacionais, concordam que o ponto máximo de todo culto e de toda oração, são a adoração, o louvor e ação de graças. Porventura não pesa sobre nós alguma culpa nesse ponto? Não reconhecemos uma grave deficiência e carência quando consideramos isso? Temos prazer em estar simplesmente na presença de Deus "no culto, na adoração"? Sabemos o que é emocionar-nos constantemente e clamar, "Bendito o nosso Deus e Pai", e atribuir a Deus todo o louvor e exaltação e glória? Esse é o ponto mais alto do nosso crescimento na graça, a medida de todo cristianismo verdadeiro. E quando eu e vocês "ficamos perdidos de encanto, amor e louvor" que realmente estamos funcionando como Deus quer que funcionemos em Cristo.

O louvor é realmente o principal objetivo de todos os atos públicos de culto. Todos nós devemos examinar-nos neste ponto.

Temos que lembrar-nos que o propósito primordial do culto é dar louvor e graças a Deus. O culto deve ser da mente e do coração. Não significa apenas repetir certas frases mecanicamente; significa o coração irromper em fervente louvor a Deus. Não devemos vir à casa de Deus simplesmente para buscar bênçãos e desejando várias coisas para nós, ou mesmo simplesmente para ouvir sermões; devemos vir para servir e adorar a Deus. "Bendito o Deus e Pai" sempre deve ser o ponto de partida, o ponto mais alto.

Observemos, porém, que o louvor, a adoração e o culto devem ser atribuídos à Trindade santa e bendita. 'Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênção espirituais." As bênçãos vêm por intermédio do

Espírito Santo. O louvor, o serviço e a adoração, na verdade, todo o culto deve ser oferecido e atribuído às três Pessoas benditas. O apóstolo Paulo jamais deixa de fazer isso. Ele se deleita em mencionar o Pai e o Filho e o Espírito Santo. A posição cristã é sempre e inevitavelmente trinitária. O culto cristão terá que ser trinitário, se é que há de ser culto verdadeiro; não há contestação, nem opção quanto a isso. Se temos o correto conceito bíblico da salvação, então as três Pessoas da Trindade santa e bendita sempre e invariavelmente haverão de estar presentes.

Muitas vezes as pessoas se detêm numa só Pessoa. Alguns se detêm na Pessoa do pai; falam acerca do Pai e do culto a Deus e do perdão que se pode obter de Deus; no entanto, em toda sua prosa e conversa, o Senhor Jesus Cristo não é nem mencionado. Algumas outras pessoas se detêm única e inteiramente no Senhor Jesus Cristo. Concentram-se tanto nEle que pouco se ouve sobre o Pai e sobre o Espírito Santo. Há outros cuja conversação só parece girar em torno da obra do Espírito Santo, e eles parecem estar interessados unicamente nas manifestações espirituais. Há esse constante perigo de esquecer-nos de que, como cristãos, temos de, necessariamente, prestar culto às três Pessoas da Trindade santa e bendita. O cristianismo é trinitário e sua origem e em sua continuidade.

Ora, não devemos somente ter o cuidado de verificar que as três Pessoas estejam em nossas mentes e em nosso culto, mas também devemos ser igualmente cuidadosos quanto à ordem em que elas nos são apresentadas nas Escrituras - o Pai, o Filho, O Espírito Santo. Existe o que os nossos antepassados denominavam "economia divina" ou ordem na questão da nossa salvação entre as próprias Pessoas benditas; e assim devemos preservar sempre essa

ordem. Devemos prestar culto ao Pai mediante o Filho, pelo Espírito Santo. Muitos cristãos evangélicos, em particular, parecem elevar todas as suas orações ao Filho, e há outros que esquecem completamente o Filho, porém os dois erros não formam uma coisa certa. Por isso notamos aqui, no começo desta Epístola, que o apóstolo não somente louva, mas louva as três Pessoas benditas, e atribui a Elas ação de graças e glória, nessa ordem invariável.

O segundo princípio é que Deus seja louvado. O meu primeiro princípio foi que a verdadeira compreensão da natureza da salvação leva ao louvor. Agora passamos a considerar porque as benditas Pessoas da Trindade santa devem ser louvadas dessa maneira. Há muitas respostas a essa questão, todavia devemos concentrar-nos na que o apóstolo salienta especialmente neste versículo. Deus deve ser louvado porque Ele é o que Ele é. A característica suprema ou o supremo atributo de Deus é a bem--aventurança. E indescritível, mas se há uma qualidade, um atributo de Deus que faz de Deus Deus (falo com reverência), se há uma coisa que faz de Deus Deus mais do que qualquer outra coisa, é a bem-aventurança. E Deus deve ser louvado. Devemos dizer "Bendito seja Deus" por causa do que Deus é e do que Ele faz.

Deus deve ser louvado também porque Ele nos tem abençoado: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais”. Contudo, antes de chegarmos a isso, observamos que o apóstolo foi adiante para algo mais. Deus deve ser louvado, e deve ser louvado por causa da maneira pela qual Ele nos abençoa. Já fiz alusão a isso quando lembrei a vocês a importância da nossa relação com as três Pessoas da Trindade santa e bendita. Noutras palavras, a grandeza acentuada neste versículo é o planejamento de nossa salvação; e não somente o planejamento, mas a maneira pela qual foi planejada, a maneira pela qual Deus efetua a salvação. Mais uma vez, pergunto se não devemos reconhecer-nos culpados da tendência de negligenciar e ignorar isso? Quantas vezes já nos sentamos e tentamos contemplar, em seqüência à leitura das Escrituras, o planejamento da salvação, o modo como Ele elaborou o Seu plano e como Ele o pôs em operação? A nossa salvação vem inteiramente de Deus; entretanto, por causa da nossa mórbida preocupação com nós mesmos e com o nosso estado, o nosso temperamento e as nossas condições, inclinamo-nos a falar da salvação somente em termos de

nós mesmos e do que acontece conosco. Naturalmente, isso é de vital importância, pois o verdadeiro cristianismo é experimental. Não há tal coisa como um cristianismo que não seja experimental; contudo não é só experiência. Na verdade, é a extensão do nosso entendimento que, em última análise, determina a nossa experiência. Passamos tanto tempo tomando nosso pulso espiritual e falando de nós mesmos e dos nossos sentimentos e condições, que mal chegamos a ter um pequeno entendimento do plano daquilo que Deus tem feito. Não obstante, geralmente o apóstolo começa com isso, como também o faz a Bíblia.

Chamo a atenção para essa questão, não por estar animado por algum interesse acadêmico ou teórico, mas porque nos privamos de muitas glórias e riquezas da graça quando deixamos de dar-nos ao trabalho de entender essas coisas e de enfrentar o ensino das Escrituras. Tendemos a tomar um capítulo por vez; passamos adiante, e não paramos para analisar e compreender o que ele nos diz. Alguns até chegam a tentar escusar-se dizendo que não estão interessados em teologia e doutrina. Em vez disso, querem ser cristãos “práticos” e desfrutar o cristianismo. Mas quão terrivelmente errôneo é isso! As Escrituras nos dão este ensino; o apóstolo Paulo escreveu estas cartas para que pessoas como nós pudessem entender estas coisas. Alguns daqueles a quem Paulo escreveu eram escravos que não tinham recebido instrução secundária, nem mêsmo primária. Muitas vezes dizemos que não temos tempo para ler - que vergonha para nós, povo cristão! - quando a verdade é que não nos damos ao trabalho de ler e entender a doutrina cristã. Mas é essencial que o façamos, se realmente desejamos prestar culto a Deus. Se não há louvor na vida cristã de alguém, é porque ele ignora estas coisas. Se desejamos louvar a Deus, temos que examinar a verdade e dar expansão às nossas almas quando nos defrontamos com ela. Se queremos dizer de coração “Bendito seja Deus”, temos

que saber algo sobre como Ele planejou esta grande salvação.

O grande plano de Deus é sugerido neste versículo. Houve a realização de um grande conselho eterno entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O próximo versículo nos diz quando ele foi realizado: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Compreendemos que a nossa salvação foi planejada antes do mundo ter sido planejado e criado? E a percepção deste fato que faz com que a pessoa fique na ponta dos pé e grite louvores a Deus - "nos

elegeu nele antes da fundação do mundo". As três benditas Pessoas no conselho eterno estavam preocupadas conosco - o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No capítulo primeiro do livro de Gênesis lemos que Deus disse, "Façamos o homem à nossa imagem", mas, graças a Deus, aquele conselho não considerou somente a criação do homem, porém, foi adiante e considerou também a salvação do homem. As três Pessoas reuniram-Se em conferência (falo com reverência, em termos das Escrituras) e a planejaram. Descartemo--nos da idéia de que a salvação foi um pensamento que surgiu posteriormente na mente de Deus. Não foi um pensamento que ocorreu a Deus depois que o homem caiu em pecado - foi algo planejado "antes da fundação do mundo". Diz-nos o apóstolo que a obra foi dividida entre as três benditas Pessoas, cada Uma concordando em desempenhar tarefas específicas. Foi isso que levou os teólogos antigos a falarem em "Trindade econômica". As três benditas Pessoas da Trindade dividiram a obra - o Pai planejou, o Filho a pôs em operação e o Espírito Santo a aplica.

Isso é exposto com clareza em nosso capítulo. Os versículos 4 a 6 nos falam da parte do Pai; os versículos 7 a 12 nos falam da parte do Filho; os versículos 13 e 14 nos falam da parte do Espírito Santo - e notem que em cada caso conclui-se a descrição com a frase: "para louvor e glória da sua graça", ou palavras similares. O conselho divino considerou tudo "antes da fundação do mundo", e a obra foi dividida e planejada dessa maneira. O Pai tem o Seu propósito, o Filho Se dispõe voluntariamente a levá-lo a efeito, e veio e o fez, e do Espírito Santo se afirma que Ele estava pronto a aplicá-lo.

Todavia, antes de afastar-nos deste ponto, devo acrescentar que o que realmente aconteceu naquele conselho eterno foi que Deus redigiu uma grande aliança, chamada aliança da graça, ou aliança da redenção. Por que o fez? Permitam-me fazer uma pergunta a modo de resposta. Por que é que o apóstolo diz: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo"? Há quem diga que a resposta é que ele quer que nós saibamos a espécie de Pai que Deus é. Concordo com isso. Lembro-me de um velho pregador que uma vez disse que se dissessem a certas pessoas que Deus é Pai, elas ficariam horrorizadas e alarmadas. Há algumas pessoas, disse ele, para as quais o termo "pai" se refere a um ébrio que gasta todo o dinheiro da família e vem para

casa bêbado. Essa é a idéia que elas tem de um pai; é o único pai que elas já conheceram. Por isso Deus

em Sua bondade e a fim de podermos saber que tipo de Pai Ele é, diz: Eu sou o Pai do Senhor Jesus Cristo. O Filho é igual ao Pai; mas mesmo isso não vai suficientemente longe; há muito mais do que isso aqui nesta passagem.

Esta nova descrição de Deus é uma das declarações mais importantes do Novo Testamento. Voltem ao Velho Testamento, e verão Deus descrito como "o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". Deus também Se refere a Si mesmo como "o Deus de Israel", entretanto agora temos "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo".
A finalidade disto é ensinar-nos que todas as bênçãos que nos vêm, vêm-nos do Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle, e como parte daquela aliança feita entre as três benditas Pessoas antes da fundação do mundo. Mesmo as bênçãos vindas aos santos do Velho Testamento, vieram-lhes todas por meio do Senhor Jesus Cristo. Antes da fundação do mundo, Deus viu o que ia acontecer com o homem. Ele viu a Queda, e o pecado do homem que teria que ser enfrentado, e ali o plano foi feito, e foi feito um acordo entre o Pai e o Filho. O Pai deu um povo ao Filho, e o Filho voluntariamente Se fez responsável por esse povo perante Deus. Acordou fazer certas coisas por ele, e Deus o Pai, de Sua parte acordou fazer outras coisas. Deus o Pai disse que concederia perdão, reconciliação, restauração, nova vida e uma nova natureza a todos os que pertencessem ao Seu Filho. A condição era que o Filho viesse ao mundo, tomasse sobre Si a natureza e o pecado da humanidade, sofresse a punição do pecado, assumisse o lugar dos homens, sofresse por eles e os representasse. Essa foi a aliança, esse foi o acordo feito, acordo feito "antes da fundação do mundo". Deus pôde falar com Adão sobre isso no Jardim do Éden, quando lhe disse: "A semente da mulher ferirá a cabeça da serpente". Isso foi planejado antes da criação, e ali mesmo Deus começou a anunciá-lo.

Mais tarde foram feitos alguns arranjos subsidiários. Foram feitas alianças com Noé, com Abraão, com Moisés. Estas não são a aliança original, feita com o Filho. Eram alianças temporárias, mas todas essas alianças subsidiárias apontam para esta grande aliança. Os tipos e as ofertas e sacrifícios cerimoniais, todos apontavam para Cristo. "A lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo" e à Sua grande oferta. A lei dada a Moisés não anula a aliança feita com Abraão, porém essa, por sua vez, aponta para a grande aliança feita com o próprio Filho na eternidade.

Assim é que começamos a ver por que Paulo diz: "O Deus e Pai

de nosso Senhor Jesus Cristo". Antes de haver tempo, e antes de haver mundo, Deus viu a nossa situação desesperadora e entrou nesse acordo com Seu Filho. Fez um juramento, assinou-o, empenhou-Se numa aliança, comprometeu-Se. É tudo em Cristo. Ele é o nosso Representante, Ele é o nosso Mediador, Ele é o nosso Fiador - todas as bênçãos vêm nEle e por meio dEle. Quem pode compreender o que isso

tudo significou para o Pai, o que isso tudo significou para o Filho, o quer isso tudo significou para o Espírito Santo? Contudo o evangelho é isso, e é somente quando entendermos algo destas coisas que começaremos a louvar a Deus.

Vejam a matéria desta maneira: aqui estamos eu e vocês, miseráveis vermes neste mundo, miseráveis vermes com a nossa arrogância, com o nosso orgulho e com a nossa pavorosa ignorância. Não merecemos nada, senão sermos eliminados da face da terra. Mas o que aconteceu foi que, antes da fundação do mundo, este Deus bendito, estas três benditas Pessoas, nos consideraram, consideraram a nossa condição, consideraram o que aconteceria conosco, e a conseqüência foi que estas três Pessoas, Deus, que o homem jamais viu, condescenderam em considerar-nos e planejaram um meio pelo qual fôssemos perdoados e redimidos. O Filho disse: deixarei esta glória por algum tempo, habitarei no ventre de uma mulher, nascerei como um bebê, serei pobre, sofrerei insultos no mundo, até deixarei que Me cravem numa cruz e que cuspam em Meu rosto. Ele Se ofereceu voluntariamente para fazer isso tudo por nós, e neste momento esta bendita segunda Pessoa da Trindade está assentada à mão direita de Deus para nos representar, a mim e a vocês. Ele desceu à terra e fez tudo isso, ressuscitou e ascendeu ao céu; e tudo isso foi planejado "antes",de haver mundo, e por mim e por você.

Você continuará dizendo que não se interessa por teologia? Continuará dizendo que não tem tempo para interessar-se por doutrina? Você jamais começará a louvar a Deus ou a servi-10 ou a adorá-10, enquanto não começar a aperceber-se de algo do que Ele fez por você. "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." Estamos na aliança; e agora vamos tentar estudar algumas das conseqüências daquela aliança.

1

"Diferença. Em latim no original. Nota do tradutor.

2

No hebraico, puramente consonantal, os chamados massoretas introduziram sinais representativos dos sons vocálicos, que eram memorizados pelos hebreus. Para isso criaram um extraordinário sistema para representar, não somente os sons vocálicos, mas também a cadência, o ritmo etc. Eles utilizaram os sinais vocálicos da palavra "Adonai" ("Senhor") - ocasionalmente a palavra "elohim" ("Deus") e os usavam com as consoantes do nome inefável, impronunciável do Deus da Aliança. Assim, o hábito de não se pronunciar o Nome foi preservado.

Ao se chegar ao Nome, as vogais de Adonai levavam o leitor a ler "Senhor", e não o Nome inefável de Deus. Os primeiros tradutores modernos desconheciam esse fato e leram a palavra como se as consoantes e os sinais vocálicos pertencessem a uma só palavra - ao Nome inefável. Daí surgiu uma palavra inexistente no hebraico - Jeová. As versões modernas evitam essa palavra. Algumas usam o termo Senhor ou SENHOR. Contudo, dado o uso generalizado do termo "Jeová", não faz mal utilizá-lo pcasionalmente, pois, para o leitor comum fica simples o entendimento, e o leitor erudito sabe do que se trata. Nota do tradutor.

“TODAS AS BÊNÇÃOS ESPIRITUAIS NOS LUGARES CELESTIAIS”

‘‘Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo.” - Efésios 1:3

Ao atentarmos de novo para este grande versículo, passamos a uma consideração do caráter das bênçãos que gozamos como cristãos. É óbvio que o apóstolo sentia grande prazer com as próprias expressões e palavras; estas sempre parecem fazê-lo exclamar em adoração e ação de graças. Mais uma vez, temos que ter o cuidado de tomar estas bênçãos na ordem certa. O apóstolo começa com o louvor a Deus, e então passa à aliança do propósito eterno; e só depois de fazer isso é que ele desce, por assim dizer, ao nosso nível e se põe a tratar das bênçãos que concretamente desfrutamos.

A ordem é de extrema importância. Por causa do nosso miserável subjetivismo, sempre temos a tendência de concentrar-nos logo nas bênçãos; sempre queremos algo para nós mesmos. Contudo, o apóstolo insiste em que comecemos com Deus, e com o culto que Lhe devemos. Não devemos precipitar-nos à presença de Deus na oração nem em qualquer outro aspecto; sempre devemos começar pela compreensão de quem Deus é. Que se pensaria de uma pessoa que tentasse precipitar-se para dentro do Palácio de Buckingham para ver a rainha da Inglaterra, recusando-se a considerar as questões de etiqueta? Tal aproximação seria considerada insultuosa, e, todavia, todos nós temos a tendência de agir dessa maneira com relação ao Todo-Poderoso, devido ao nosso grande interesse em obter uma bênção. Mas o apóstolo insiste na ordem certa e apropriada; e devemos considerar a natureza das bênçãos só depois que tivermos cultuado a Deus e louvado Seu nome, e depois que tivermos compreendido o que Deus fez a fim de que nos possibilitasse recebermos bênçãos. A verdade é que é só quando adotamos esta ordem apostólica que realmente começamos a gozar as bênçãos. Certamente eu posso testificar, após muitos anos de experiência pastoral, que as pessoas que me dão a impressão de que são

sumamente infelizes em sua vida espiritual são as que estão sempre pensando em si mesmas e em suas bênçãos, seu temperamento, seus estados e condições. Para se receber bênçãos é preciso contemplar a Deus; e quanto mais O cultuarmos, mais gozaremos Suas bênçãos. Isso é muito prático. O homem prático não é o que corre atrás de bênçãos, porém o que considera a Fonte das bênçãos e se mantém em contato com essa Fonte.

A primeira coisa que se deve observar é a maneira pela qual nos vêm essas bênçãos. Elas nos vêm “em Cristo”. Embora essa expressão esteja no fim do versículo, ela é vital: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”. Se vocês deixarem de

lado “em Cristo”, nunca terão bênção nenhuma. Naturalmente, isso é axial e central em conexão com a totalidade da nossa fé cristã. Toda bênção que gozamos como cristãos nos vem por meio do Senhor Jesus Cristo. Deus tem bênçãos para todas as espécies e condições de homens. O Sermão do Monte, por exemplo, ministra-nos o ensino do nosso Senhor segundo o qual Deus “faz que o seu sol se levante sobre maus e bons” (Mateus 5:45). Há certas bênçãos comuns e gerais que são desfrutadas pela humanidade toda. Há o que se chama “graça comum”, entretanto não é disso que o apóstolo está tratando aqui. Aqui ele está tratando da graça particular, da graça especial, das bênçãos desfrutadas unicamente pelo povo cristão. O mau como o bom, o justo como o injusto, gozam bênçãos comuns, mas ninguém senão os cristãos gozam estas bênçãos especiais. Muitas vezes as pessoas tropeçam nesta verdade, todavia a distinção é traçada claramente nas Escrituras. Os ímpios podem gozar muitas bênçãos neste mundo, e as suas bênçãos lhes vêm de Deus de modo geral, porém eles nada sabem das bênçãos mencionadas neste versículo. Paulo está escrevendo aqui a cristãos, e o seu interesse é que eles entendam e tomem para si as bênçãos e os privilégios que lhe são possíveis como cristãos, e assim ele acentua que todas essas bênçãos vêm no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle, e unicamente nEle e por meio dEle. Você não pode ser cristão sem estar “em Cristo”. Cristo é o princípio, como também o fim, Ele é o Alfa, como também o Ômega; não há bênçãos para os cristãos fora de Cristo.

Também devemos salientar que as bênçãos vêm exclusivamente no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Ele não tem nenhum

assistente - “Nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”, diz Pedro em Atos 4:12. Uma tradução alternativa disso é, “não há um segundo nome”. O Senhor Jesus Cristo não tem necessidade de nenhum assistente, de nenhum suplemento. Toda e qualquer bênção está nEle, nem uma única bênção vem de outro lugar. Ele é o único canal; há “um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1 Timóteo 2: 5). Portanto, toda a conversa sobre um “Congresso Mundial das Crenças”, ou toda defesa de um ecletismo no qual, das diversas religiões do mundo você pode escolher a melhor, é uma negação do cristianismo. No momento em que você acrescenta algum nome ao nome do Senhor Jesus Cristo você O está diminuindo. Ao mesmo tempo, você está se iludindo. Esta grande mensagem que, dentre todos os apóstolos, foi confiada a Paulo, dá ênfase a esta particularidade, a esta exclusividade, a esta intolerância para com quaisquer outras sugestões ou acréscimos.

Vê-se esta ênfase talvez mais claramente ainda, telvez, na Epístola aos Colossenses: “Foi do agrado do Pai que toda plenitude nele (no Senhor Jesus Cristo) habitasse” (Colossenses 1:19). É tudo nEle. No fim deste capítulo desta Epístola aos Efésios lemos também : “E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre

tudo em todos" (vers. 22-23). Paulo não se contenta em dizer isso uma vez. Ele o diz de novo no capítulo dois da Epístola aos Colossenses: "Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (versículo 3). Não se pode acrescentar nada a isso; todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão em Cristo, toda a plenitude da deidade está nEle. "Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). Cristo é o único Mediador de todas as bênçãos, o único e exclusivo canal por meio do qual elas vêm. Repito e saliento isto porque sei em meu coração e por minha experiência, como o sei pela experiência de outros, quão propensos nós somos a esquecê-lo, como nos inclinamos a ir à presença de Deus em oração sem compreender a absoluta necessidade de ir em Cristo e mediante Cristo.

O apóstolo João expõe a mesma verdade quando, referindo-se a si mesmo e aos seus colegas de apostolado, ele diz: "Vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. ... E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por (ou sobre) graça" (João 1:14-16). Noutras palavras, o cristão é

o que é porque se uniu ao Senhor Jesus Cristo. Quer dizer, ele, como vimos no primeiro versículo, está "em Cristo Jesus". A vida completa para cada uma das partes do corpo, vem da Cabeça; é a nossa união mística com Ele, a nossa misteriosa relação com Ele, que explica o que somos. O cristão é um participante da vida do Filho de Deus. A vida completa vem dEle, e nós simplesmente a haurimos dEle. "De Ti bebemos, Manancial". Os nosso hinos, como também as Escrituras, afirmam esta verdade muitas vezes; os santos dos séculos se aperceberam dela. Não há nada tão importante quanto a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. E por isso que Paulo fica nos lembrando isso; e não devemos esquecê-lo jamais. Sem Ele, ainda estamos "em nossos pecados". Todas as bênçãos que desfrutamos, todo bem que realizamos ou experimentamos, tudo vem dEle. "Toda idéia de santidade é unicamente dEle", do Senhor Jesus Cristo.

A segunda verdade acerca destas bênçãos, o apóstolo continua a ressaltar, é que elas são "espirituais". "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com toda sorte de bênçãos *espirituais*." Este é um acréscimo importante, uma qualificação essencial. Estas bênçãos vêm de Cristo, mas também vêm por meio do Espírito; são bênçãos mediadas a nós da parte de Deus, por meio de Cristo, *via*[1] o Espírito Santo. É pelo Espírito Santo que elas passam a ser nossas. Mais uma vez, não podemos senão fazer uma pausa, cheios de encanto e de admiração, face a perfeição deste glorioso plano de salvação levado a efeito pela "Trindade econômica", o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para a nossa redenção.

Mas a obra específica de aplicar a nós a salvação que há em Cristo é realizada pelo e o Espírito Santo. Seu propósito e função é glorificar o Senhor Jesus Cristo, e o que Ele faz é possibilitar que recebamos tudo o que Ele fez por nós e tudo o que Ele nos

torna possível. Daí, uma boa maneira de examinar a vida do cristão nesse mundo é observar o Senhor Jesus Cristo quando esteve na terra. Embora sendo Ele o eterno Filho de Deus, Ele veio e assumiu a natureza humana. Tendo decidido viver nesse mundo como homem, Ele não fez uso das prerrogativas da sua deidade para salvar-nos, mas viveu a Sua vida entre os homens. Portanto, foi necessário que

Ele recebesse o Espírito Santo, e no Evangelho Segundo João nos é dito que "não lhe dá Deus o Espírito por medida" (3:34). Em Seu batismo, quando nosso Senhor estava dando início ao Seu ministério público, o Espírito Santo desceu sobre Ele para habilitá-10 e ungi-10 para Sua grande tarefa. Isso era necessário, porque Ele estava vivendo nesse mundo como homem.

Pois bem, a estupenda verdade ensinada aqui é que, como o Espírito encheu Sua vida e O habilitou a viver como se descreve nos Evangelhos, a mesma coisa nos é possível, por intermédio dEle. O mesmo Espírito Santo que habitou nEle habita em nós, cristãos, e não somente isso, Ele nos traz a vida do próprio Cristo e dela nos enche.

Assim é que as bênçãos que gozamos como cristãos são, todas elas, bênçãos no Espírito Santo e por intermédio dEle. Esse é o tipo de vida, essa é a qualidade de vida que se espera que vivamos como **cristãos** diz **o apóstolo João, num notável versículo** de **sua Primeira** Epístola, que "qual ele é, somos nós também neste mundo" (4:17). Não é nosso propósito aqui agora desenvolver isto em detalhe; mas sabemos que o Espírito nos vem vivificar. Pensem em Cristo em toda Sua plenitude, e pensem no pecador em seu pecado - "mortos em ofensas e pecados". Como pode tal pessoa vir a ser espiritual? O Espírito Santo vem e nos vivifica. "E vos vivificou estando vós mortos em ofensas e pecados" (Efésios 2:1). Ele começa esse processo de iluminação, Ele começa a dar-nos capacidade para penetrar nas coisas espirituais.

O homem, por natureza, não se interessa pelas coisas espirituais; estas lhe parecem estranhamente remotas. Ele está interessado na vida deste mundo, nas coisas que se pode ver, tocar, sentir e manipular; porém quando você começa a falar com ele sobre a alma e sobre as coisas do espirito, ele realmente não sabe do que você está falando. Isso porque ele está morto, e a sua vida é governada pelo "príncipe das potestades do ar". Ele está interessado em casas, cavalos, cães, animais, móveis, prazeres de vários tipos, e negócios e grandes realizações; todavia, comece a falar com ele sobre a comunhão com Deus e a vida do Espírito, e ele de imediato se vê numa esfera completamente estranha. E permanecerá nessas condições enquanto o Espírito Santo não começar a vivificá-lo e a colocar um princípio espiritual em sua vida. Ele necessita mente espiritual, perspectiva espiritual e entendimento espiritual; e o Espírito lhe dá essas bênçãos na regeneração. Essas são as bênçãos

preliminares que nos vêm por meio do Espírito para preparar-nos para recebermos a plenitude que está em Cristo. Ele então passa a convencer-nos do pecado, a fazer-nos ver algo da nossa total vacuidade e miséria. Ele nos faz ver quão espantoso é que não tivéssemos nenhum interesse por Deus, que para nós as coisas da eternidade fossem tão completamente remotas, e que essas coisas grandiosas do Espírito nos parecessem tão aborrecidas e sem atrativos. Ele nos faz ver a enormidade do nosso pecado.

A seguir, o Espírito Santo nos leva gradativamente a contemplar o Senhor Jesus Cristo e a Sua obra perfeita em nosso favor. Ele nos dá o dom da fé pela graça. "Pela graça sois salvos, por meio da fé" (Efésios 2:8). O Espírito cria fé dentro de nós. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (ICoríntios 2:14). Por isso o Espírito nos capacita a exercer esse dom da fé, e assim passamos a crer no Senhor Jesus Cristo. São estas as partes daquele misterioso processo que leva à nossa união com Cristo, e que são descritas como novo nascimento, o ato pelo qual somos ligados a Cristo como o ramo está ligado à videira. Depois o Espírito Santo nos conduz, nos guia e nos mantém nesta união, de modo que somos capacitados progressivamente a receber a plenitude de Cristo, e "graça sobre graça", "graça após graça". Desse modo somos "transformados de glória em glória", e assim prossegue a obra em nós. Isso não é teoria; é fato, é verdade. É o que acontece conosco, na qualidade de cristãos; esse é o método divino de salvação. Esse método está em operação nos cristãos que estão no mundo hoje. Tudo nos vem por meio de Cristo, e como resultado desta obra do Espírito Santo. São estas as bênçãos "espirituais", as bênçãos do Espírito Santo que nos vêm porque o Espírito Santo habita dentro de nós. Os nossos corpos são "o templo do Espírito Santo", que habita em nós (ICoríntios 6:19).

Devemos a seguir passar a examinar o caráter real destas bênçãos. A primeira coisa que o apóstolo nos diz a respeito delas é que estão "nos lugares celestiais". "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais *nos lugares celestiais* em Cristo." Quando vocês lêem esta Epístola aos Efésios, vocês param para considerar essa expressão - "nos lugares celestiais"? Vocês acham que a eloqüência de Paulo o conduziu ao exagero? Se acham, vocês não se deram conta

de que estas definições são sólidas, são palavras que precisam ser analisadas ponto por ponto. Cada uma das expressões está cheia de significado. As bênçãos que gozam estão "nos lugares celestiais". Não há dúvida de que nessa expressão o apóstolo tem em mente o contraste que já vimos na maneira pela qual ele descreve Deus como "O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", e não como "O Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó". Paulo nos lembra que, assim como a aliança e o representante são diferentes, assim também as bênçãos são diferentes.

No Velho Testamento as bênçãos vinham em boa parte, na verdade na maior parte, no sentido material e temporal. Naquele tempo se avaliava se um homem era abençoado ou não pelo número de cabeças de gado que tinha, pelo número de ovelhas e cabras, e pela extensão das terras que possuía. O método pelo qual Deus tratava os homens nos tempos do Velho Testamento era mais pictórico. Frequentemente agia de maneira visível. Naquele tempo Ele ensinava as pessoas como se faz com as crianças, e assim lhes dava bênçãos externas óbvias que, sendo mormente terrenas, podiam ser vistas na terra. Mas, quando adentramos o Novo Testamento, entramos num domínio inteiramente diverso. Aqui as bênçãos são "nos lugares celestiais". Devemos buscar estas bênçãos, não tanto aqui na terra, mas "nos lugares celestiais", além do alcance da vista.

É evidente que aqui nos defrontamos face a face com um princípio neotestamentário muito importante. Permitam-me declará-lo categoricamente: a fé cristã é franca e abertamente de outra esfera. Exponho o tema ousadamente porque sei que este princípio não é popular hoje, quando a ênfase é ao "aqui e agora". Isso explica a atual apostasia que grassa na Igreja, como foi o evangelho social tão apregoado na parte inicial deste século e em fins do século passado. O ensino era que o cristianismo é uma coisa que endireita as condições sociais, e que trata dos problemas políticos no "aqui e agora". O homem moderno, dizia-nos, não está interessado num conceito extra-mundo. Mas, gostemos ou não, o fato é que as bênçãos que gozamos em Cristo estão nos lugares celestiais".

Contudo, devemos entender que isso não significa uma coisa completa e exclusivamente extraterrenal. Não significa que devemos tornar-nos automaticamente monges ou eremitas ou anacoretas; mas significa, sim, que nós temos que ter uma correta visão deste mundo e da nossa relação com ele. O cristão, segundo o Novo Testamento, está numa posição muito estranha e maravilhosa; ele

continua neste mundo, porém realmente não lhe pertence. Este mesmo apóstolo, escrevendo aos Filipenses, diz: "A nossa cidade está nos céus", ou, como James Moffatt o traduziu, "Somos uma colônia dos céus" (3:20). A nossa verdadeira cidadania está nos céus. O apóstolo emprega com freqüência esta idéia de cidadania, e afirma que não pertencemos a nenhuma cidade ou estado terrestre. Simplesmente residimos aqui, longe do lar; a nossa cidadania não é aqui; mas nos céus. Um conhecido hino expõe isso muito bem -

Sou estrangeiro aqui,

O céu é o meu lar.

O apóstolo Pedro igualmente expressa a mesma idéia, Quando escreve: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais" (1 Pedro 2:11). Somps simplesmente "peregrinos e forasteiros" neste

mundo; não pertencemos a ele. Os cristãos são como pessoas que estão viajando, de férias; e devem lembrar-se do país do qual saíram, o domínio a qual pertencem. Esse é o ensino de todo o Novo Testamento. O cristão é alguém que está passando por este mundo. Não significa que ele o despreze, porquanto o mundo é de Deus, e devemos ver os sinais da obra da mão de Deus no mundo. Devemos fruir a criação, devemos fruir toda a beleza e toda manifestação da obra realizada por Deus. "Os ceus manifestam a glória de Deus", e, dentre todas as pessoas, os cristãos devem aperceber-se disso e desfrutá-lo. Não obstante, nós, como cristãos, sabemos que, embora este mundo seja de Deus, como de fato é, não deixa de ser um mundo decaído; sabemos que o pecado penetrou nele e, portanto, apesar deste mundo continuar sendo de Deus, pode ser perigoso para nós. Portanto, jamais devemos "conformar-nos" com a sua perspectiva, com a sua mente e com a sua mentalidade. A mente e a perspectiva do mundo estão sob o domínio do "príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Noutras palavras, o cristão olha para este mundo de maneira inteiramente diferente do não cristão. Ele o vê como o mundo do seu Pai, um mundo de glória e de encanto. Não é o mundo dos jornais de domingo; é um mundo que pertence a Deus. O cristão não se amolda a ele, todavia "se transforma pela renovação da sua mente". ,

É muito difícil transpor isso tudo para a linguagem, mas é o que os escritores do Novo Testamento ficam dizendo e repetindo.

Houve tempo em que o apóstolo passou por grande dificuldade neste mundo, porém ele diz: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente" (2 Coríntios 4:17). E "Se a nossa casa terrestre deste tabemáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (2 Coríntios 5:1). Isso é típico do seu conceito extra--mundo. De novo, na Epístola aos Colossenses ele diz: "Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra" (VA: "ponde o vosso afeto...") (3:2). A relação do cristão com este mundo consiste em que ele compreende que este mundo é de Deus e que ele pode gozá-lo e gozar tudo o que Deus lhe dá nele e por meio dele; mas ele nunca põe o seu afeto nele. Por essa razão, a atitude do cristão para com as coisas deste mundo, e para com as discussões e disputas que lavram entre os homens e as mulheres, é sempre uma atitude de desapego.

Ouvi recentemente duas declarações que ilustram o meu ponto. Ouvi um homem dizer que não pode entender como um cristão pode ser um conservador (politicamente). Mas ouvi outro dizer que realmente não entende como é possível algum cristão ser um socialista. O fato é que os dois estavam errados; toda tentativa de igualar o ensino do Novo Testamento ao de qualquer dos partidos políticos, ou de algum outro tipo de partido, é fazer violência ao ensino de Cristo. O cristão, por definição, não se entusiasma com essas coisas; ele as toma de leve, porque o céu é o seu lar. Ele é um cidadão do céu, e as suas bênçãos estão lá, não na terra. Embora receba, como

recebe, muitas bênçãos temporais enquanto está aqui na terra, as verdadeiras bênçãos estão nos lugares celestiais em Cristo Jesus. Regozijar-se neste ensino, ou decepcionar-se e não gostar desta religião extraterrena, depende da idéia que você faz de si próprio e da sua alma. Se você se vê pelo que você é realmente, a saber, um viajor passando por este mundo, você não somente não se queixará desta perspectiva extra-mundo, mas também dará graças a Deus por ela, e saberá algo sobre a herança "incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo" (1 Pedro 1:4-6).

A próxima palavra que chama a nossa atenção é a palavra "todas" - nos abençoou com *"todas* as bênçãos espirituais". Que palavra pequena, e, todavia, que poderosa! Ela inclui tudo o que

podemos necessitar. Diz Pedro, no capítulo primeiro da sua Segunda Epístola, que "tudo o que diz respeito à vida e à piedade" nos é propiciado, e que grandíssimas e preciosas promessas" nos são dadas por Deus. Não se pode conceber nada mais grandioso. As bênçãos que nos cabe gozar nesta vida, todas as bênçãos de Deus em Cristo pelo Espírito concebíveis, são descritas de maneira maravilhosa por Paulo nesta Epístola aos Efésios. Começam com o perdão e vão até "toda a plenitude de Deus". O perdão é mencionado no versículo 7 (YA) do capítulo primeiro, e "toda a plenitude de Deus" no capítulo 3, versículo 19. Que bênçãos! Perdão significa que o seu passado foi riscado e lançado ao mar do esquecimento de Deus - "Quanto está longe o Oriente do Ocidente" (Salmo 103:12). Deus nos reconciliou conSigo. Já nos damos bem com Ele, e nos aproximamos dEle, não mais com temor covarde, mas com santa ousadia e, não obstante, com santo temor. Depois chegamos ao grande termo "adoção". "E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo." Não somos apenas perdoados e depois deixados na mesma situação; somos introduzidos na família de Deus. Esse é o grande tema do capítulo dois - "...vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (versículo 13). Éramos estrangeiros e forasteiros, estávamos fora da comunidade de Israel, porém agora nos tornamos "concidadãos dos santos, e da família de Deus" (versículo 19). É como se um sujo e miserável moleque de rua, em trapos e farrapos, fosse tomado pela mão e levado para dentro de um palácio, fosse lavado e adotado como filho, tornando-se membro da família. E, resultante disso tudo, gozamos comunhão com Deus, com o Pai e com o Filho mediante o Espírito. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Acrescente-se a isso o tema da santificação progressiva, o qual significa que você não somente parece limpo, e sim que você está limpo. Você não somente foi vestidos com a roupa sem manchas da justiça de Cristo, mas Ele está agindo dentro de você, e fazendo que você se conforme cada vez mais com Ele, até que finalmente venha a tomar-se "imaculado e irrepreensível" (2 Pedro 3:14).

Ao mesmo tempo, Ele dará a você poder para resistir ao pecado e a satanás. No último capítulo desta Epístola são-nos dadas instruções espirituais - "Tomai toda armadura de Deus" (6:13). A armadura nos é dada gratuitamente, porém em acréscimo nos é dada

a força de Cristo para usá-la. "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder" (6:10). Ao mesmo tempo, podemos gozar paz com Deus - paz interior, paz com os outros - e felicidade, e "gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8), consolo na aflição, amparo na provação. Não podemos esgotar a lista destas bênçãos "nos lugares celestiais", mas devemos concluir com esta: "para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus" (Efésios 3:19).

Essas são algumas das bênçãos, das bênçãos espirituais que estão em Cristo para nós. Alguém poderá perguntar se tudo isso é válido para nós hoje, e se essas coisas não estão destinadas somente a pessoas muito excepcionais. A resposta é que elas se destinam a todos os cristãos - a mim e a vocês. Paulo diz: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos *abençoou*". Ele não está dizendo que Deus pretende abençoar-nos no futuro; o que era necessário para a obtenção destas bênçãos foi feito uma vez por todas; já aconteceu.

Para quando será o gozo de todas essas grandes, ricas e estupendas bênçãos? A resposta é: aqui e agora! Evidentemente, tudo isso nos vem de maneira progressiva, pois, se "a plenitude da divindade" entrasse em nós repentinamente, racharíamos e arrebentaríamos. Por isso ela nos vem aos poucos, progressivamente. "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança para a redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória" (versículos 13 e 14). Ele nos dá ai uma prelibação de algo vindouro, a primeira entrega parcial de uma grande herança. Recebemos muito aqui e agora, no entanto as coisas que desfrutamos agora são apenas o começo, a sombra. O nosso recebimento aumentará e se desenvolverá, até que, final e conclusivamente, receberemos tudo em sua gloriosa e bem-aventurada plenitude, e o gozaremos para todo o sempre. "Amados", digo eu com João, em sua Primeira Epístola, "agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (3:2). Já somos filhos de Deus e, portanto, devemos estar desfrutando estas coisas, comendo algo das primícias. Você as está desfrutando? Deus já nos tem dado muitas bênçãos; e estas vão aumentando, até quando raiar o dia bendito em que a "possessão" adquirida será finalmente redimida, e seremos conduzidos à Sua

gloriosa presença. Então, para usar as palavras do hino, nós O "contemplaremos e contemplaremos", e gozaremos uma eternidade face a face com Deus. Lá não haverá

pecado, nada que cause ofensa; gozaremos a presença de Deus para todo o sempre. "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais."

"NOS LUGARES CELESTIAIS"

"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo." - Efésios 1:3

Já temos visto que muitos erram em todo o seu pensamento sobre o cristianismo porque partem de um ponto de vista errado. Eles têm uma concepção materialista do cristianismo, e não se dão conta de que a fé cristã é positivamente extra-mundo. A conseqüência é que eles ficam constantemente em dificuldade. Há muitos que dizem que não podem ser cristãos por causa do estado do mundo e das coisas que estão acontecendo nele. O argumento deles é que, se Deus é amor, que promete abençoar todo aquele que O buscar, os cristãos não deveriam sofrer - não deveriam adoecer ou sofrer adversidade. Temos aí um claro exemplo daqueles mal-entendidos resultantes da não percepção de que as bênçãos advindas ao cristão são "espirituais" e estão "nos lugares celestiais".

Mas devemos examinar este assunto de maneira mais minuciosa. Nem nesta Epístola, nem em qualquer outro lugar, o apóstolo sobe a maiores alturas do que neste versículo particular, onde ele nos eleva aos "mais altos céus" e nos mostra o ponto de vista cristão em sua maior glória e majestade. De muitas maneiras a expressão "nos lugares celestiais" é a chave desta Epístola, em particular, onde ela ocorre não menos que cinco vezes. Acha-se neste versículo 3, e também no versículo 20 deste capítulo primeiro, onde Paulo escreve sobre o fato de Cristo estar assentado à mão direita de Deus nos lugares celestiais. Alguns comentaristas não gostam da palavra "lugares", pois acham que ela tende a localizar o conceito. Contudo, não basta dizer "celestiais". Vê-se a mesma expressão também no capítulo 2, versículo 6, e no versículo 10 do capítulo 3. A última referência é no versículo 12 do capítulo 6, na declaração: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". É óbvio que o apóstolo não repetiria esta frase, se ela não tivesse um significado real e profundo; e ela é, repito, uma das

apresentações mais gloriosas da verdade cristã. Se tão-somente pudéssemos enxergar como nós estamos em Cristo nos lugares celestiais, isso faria uma revolução em nossas vidas, e mudaria toda a nossa maneira de ver.

Ao empregar a frase "nos lugares celestiais", o apóstolo emprega uma expressão descritiva quejera muito popular no século primeiro. Era uma concepção judaica

típica. Ele faz uso da mesma idéia na Segunda Epístola aos Coríntiòs, capítulo 12, onde nos dá um pouco de biografia, e no versículo 2 diz: conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo não sei, se fora do corpo não sei: Deus o sabe) foi arrebatado até o terceiro céu". A expressão "terceiro céu" é exatamente idêntica a "lugares celestiais", nos termos em que é empregada nesta Epístola aos Efésios. Segundo essa concepção, o primeiro céu é o que se pode descrever como o céu atmosférico, onde ficam as nuvens. O segundo céu pode ser descrito como o céu estelar; é aquela parte das regiões superiores onde estão colocados o sol, a lua e as estrelas. Essa parte está muito mais distante de nós do que as nuvens ou o céu atmosférico, e os números astronômicos utilizados pelos cientistas lembram-nos que os céus estelares estão a uma tremenda distância de nós.

Contudo, há um "terceiro céu", que não se trata do céu atmosférico nem do céu estelar. Trata-se da esfera em que Deus, de maneira muito especial, manifesta a Sua presença e a Sua glória. É também o lugar em que o Senhor Jesus Cristo, em Seu corpo ressurreto, habita. Além disso, é o lugar em que os "principados e potestades" aos quais o apóstolo se refere no capítulo 3 têm a sua habitação; na verdade, é o lugar a respeito do qual lemos no capítulo 5 de Apocalipse, onde a glória de Deus se manifesta. Lemos ali a respeito de Cristo em Seu corpo glorificado, "um Cordeiro, como havendo sido morto", dos brilhantes espíritos angélicos, dos animais e dos "vinte e quatro anciãos". Todos esses dignitários angélicos e poderes têm sua habitação ali. E, ainda mais maravilhoso e glorioso, ali também estão "os espíritos dos justos aperfeiçoados". Os que morreram no Senhor, "em Cristo", estão ali com Cristo neste momento. Estão nos "lugares celestiais", no "terceiro céu", naquele domínio em que Deus manifesta algo da Sua glória eterna.

Agora podemos passar a considerar o sentido da expressão "nos lugares celestiais" à luz destas cinco referências a ela nesta Epístola aos Efésios. O Senhor Jesus Cristo, ressurreto dentre os mortos, já

está naquele domínio em Seu corpo glorificado, como disso nos faz lembrar o versículo 20. O que, portanto, o apóstolo está dizendo é que tudo o que temos, e tudo o que gozamos como cristãos, vem de Cristo, que está naquela esfera, e por meio dEle. Mais que isso, pelo novo nascimento, por nossa regeneração, somos ligados ao Senhor Jesus Cristo, e nos tornemos partícipes de Sua vida e de todas as bênçãos que dEle vêm. O ensino do apóstolo é que nos estamos "em Cristo". Somos parte de Cristo; estamos tão ligados a Ele por esta união orgânica mista que tudo quanto lhe seja próprio, nos é próprio espiritualmente. Assim como Ele está nos lugares celestiais, assim também nós estamos nos lugares celestiais. As bênçãos que gozamos como cristãos são bênçãos "nos lugares celestiais" porque elas fluem de Cristo que lá está.

É minha opinião que aqui vemos mais claramente do que em qualquer outro lugar a

profunda mudança a que alguém se sujeita por tornar-se cristão. Não se trata de uma mudança superficial, não é apenas que vestimos uma roupa de respeitabilidade ou decência ou moralidade, não é um melhoramento na superfície ou uma mudança temporal. É tão profunda como o fato de que somos tomados de um reino e colocados em outro. Assim como Deus tirou o Senhor Jesus Cristo do túmulo, e dentre os mortos, e O colocou à Sua mão direita nos lugares celestiais, assim o apóstolo ensina que a mudança pela qual passamos em nosso novo nascimento e regeneração leva a esta correspondente mudança em nós. É a fim de que os cristãos efésios possam entender isso mais completamente que Paulo ora por eles: para que "tendo iluminados os olhos do vosso entendimento... saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força de seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus" (VA: "nos lugares celestiais"). Essa, e nada menos que essa, é a verdade acerca do cristão. Dada a limitação das nossas capacidades, em conseqüência da nossa condição finita e do nosso pecado, achamos muito difícil apossar-nos destas coisas; mas tudo o que esta Epístola aos Efésios procura fazer é concitar-nos a lutar para que tomemos posse delas, a orar pedindo iluminação para podermos entender.

A dificuldade surge pelo fato de que o cristão é, necessariamente, num certo sentido, dois homens em um ao mesmo tempo. E

óbvio (não é?) que os cristãos simplesmente não podem entender nada destas questões. O apóstolo expõe isso claramente no capítulo 2 da Primeira Epístola aos Coríntios, onde ele descreve a diferença entre o homem "natural" e o "espiritual". Ele escreve: "O que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido". "Discernir" (VA: julgar) significa entender. O cristão, diz Paulo, entende todas as coisas, mas ele mesmo não é entendido por ninguém. Ele é, por definição, um homem que o incrédulo não tem a mínima possibilidade de entender. Portanto, um dos melhores testes que podemos aplicar a nós mesmos é descobrir se as pessoas acham difícil entender-nos porque somos cristãos. Se a afirmação de Paulo é verdadeira, o cristão deve ser um enigma para todos os não cristãos". Aquele que não é cristão acha que há algo estranho quanto ao cristão; este não é como os outros, é diferente. É como tem que ser, por definição, porque o cristão tem esta vida celestial e pertence a este domínio celestial. Entretanto, ele não somente escapa ao entendimento do não cristão: num sentido é certo dizer que ele próprio não pode entender a si mesmo. Ele tornou-se um problema para si próprio, por causa dessa nova natureza que há nele.. "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). Eu sou eu e não sou eu.

Analisemos isto um pouco mais. O cristão tem duas naturezas. Num sentido ele ainda é um homem natural. O que por nascimento ele herdou de seus antepassados, ele

ainda possui. Ele ainda está neste mundo e nesta vida, como todos os demais. Ele tem que viver, tem que ganhar a vida e fazer várias coisas da mesma maneira que os outros. Ele ainda vive a vida secular, a vida "normal", a vida vivida em termos do intelecto e do entendimento. Ele estuda vários assuntos e, como todos os demais interessa-se pelas condições políticas e sociais; ele tem que comprar e vender como todos os outros. Ele pode estudar artes, pode interessar-se por música. Essa é a sua vida "normal", sua vida secular, sua mentalidade, coisas que ele compartilha com os não cristãos. Na verdade, podemos ir além e dizer que ele ainda experimenta falhas em vários aspectos; ele tem consciência do pecado. Por vezes ele se olha e indaga se é diferente das outras pessoas; parece idêntico a elas. Ele falha, faz coisas que não devia fazer, ainda se sente culpado do pecado. Continua parecido com o homem natural. Se vocês tiverem apenas uma idéia superficial do cristão, poderão muito bem chegar à conclusão de que na verdade não há diferença alguma entre ele e qualquer outra

pessoa. Mas isso não está certo, pois essa não é toda a verdade sobre ele. Em acréscimo a tudo isso, há outra natureza, há uma outra coisa que ocorre; e é esta outra coisa que faz do cristão um enigma para os outros e para si mesmo. Num sentido ele é um homem natural, porém ao mesmo tempo é um homem espiritual. O apóstolo contrasta o homem natural com o homem espiritual, porque o que há de grande acerca do cristão é que ele tem esta natureza espiritual adicional. Esta é a característica principal, e é o fator dominante em sua vida. O cristão, mesmo na pior condição, sabe que é diferente do incrédulo.

Expondo isso em sua expressão mais baixa, o cristão continua sendo culpado de pecado, mas o cristão não aprecia o pecado como apreciava, e como os outros apreciam. Há algo diferente até quanto ao seu pecado, graças a este princípio espiritual que há nele, a esta natureza espiritual, a esta consciência de uma nova vida, de uma vida que pertence a uma ordem diferente e a uma esfera diferente. É muito difícil expor isto em palavras; há algo evasivo nisso tudo e, todavia, há algo que o cristão sabe. É essencialmente subjetivo, embora resulte da fé na verdade objetiva. Noutras palavras, a menos que você sinta que é cristão, fica uma dúvida se você o é. A menos que lhe tenha acontecido algo existencialmente, experimentalmente, a menos que lhe tenha acontecido algo na esfera da sua sensibilidade, você não é cristão.

Muitos no presente correm o perigo de considerar a fé de maneira tão puramente objetiva que pode tornar-se antibíblica. Eles dão toda a sua ênfase à subscrição de certos credos e à aceitação de certas formulações da verdade. Mas isso pode não passar de assentimento intelectual. Ser cristão significa que Deus, mediante o Espírito, está operando em sua alma, deu-lhe um novo nascimento e colocou dentro de você um princípio da vida celestial. E você tem que saber disso. Só você pode sabê-lo. Você, necessariamente, tem consciência deste algo mais, desta diferença,

deste poder que está agindo em você, deste elemento perturbador, como se pode provar. Você, necessariamente, tem consciência até de um novo conflito em sua vida. A pessoa não cristã é somente uma pessoa; a pessoa cristã é duas. Para usar a terminologia escrituristica, o não cristão não é nada senão o "velho homem". O cristão, porém, tem também um "novo homem". E entre o novo homem e o velho não há acordo; há uma tensão entre o velho homem e o novo, e há conflito - "A carne cobiça contra o Espirito, e o Espirito contra a carne" (Gálatas

5:17). O próprio estágio inferior da verdadeira experiência cristã é aquele estágio no qual você está cônscio justamente desse conflito. Você ainda não sabe o que é ser "cheio da plenitude de Deus"; você sabe pouco, se é que sabe algo, de uma comunhão pessoal e direta com Cristo; mas sabe que há algo em você que o inquieta, sabe que há, por assim dizer, outra pessoa em você, que há um conflito, que há quase que esta personalidade dual, esta dualidade por assim dizer. Estou tentando comunicar o fato da consciência que o cristão tem das duas naturezas. Ele está cônscio das duas naturezas porque ele está "em Cristo", e Cristo está "nos lugares celestiais". Ele recebeu esta vida de Cristo, e tudo o que ele tem deriva de Cristo; e isso é tão diferente de tudo mais, que o cristão tem consciência de que tem duas naturezas.

Pois bem, não é só certo dizer que o cristão tem duas naturezas; também tem dois interesses, porque vive em dois mundos. O cristão é cidadão de dois mundos ao mesmo tempo. Pertence a este mundo, tem nele a sua existência; e, contudo, sabe que pertence a outro mundo tão definidamente como a este. Isso é conseqüência inevitável do fato de que ele tem duas naturezas. Daí dizer o apóstolo que o cristão é alguém que foi transferido "da potestade das trevas para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:13) - ele foi transferido, transportado, e recebeu uma nova posição. E essa mudança é, num sentido, paralela a que se deu com o próprio Cristo. Deus manifestou o Seu poder quando ressuscitou a Cristo dentre os mortos e O colocou à Sua direita nos lugares celestiais. Com efeito, algo similar aconteceu com todos os cristãos. Não ficamos onde estáva-mos, fomos transportados, fomos transferidos de um lugar, de um domínio para outro, de um reino para outro, de um mundo para outro. Este é um elemento vital da experiência total do cristão.

Não significa que o cristão sai do mundo. Historicamente muitos cristãos caíram nesse erro, e diziam: visto que sou cristão não pertenço ao Estado. Há cristãos que dizem que não se deve votar nas eleições parlamentares, e que não se deve ter nenhum interesse pelas atividades do mundo. Mas isso não se harmoniza com o ensino das Escrituras, pois o cristão ainda é cidadão deste mundo e pertence à esfera secular. Ele sabe que este mundo é de Deus, e que nele Deus tem um propósito para ele. Ele sabe que é cidadão do país a que pertence, e está ciente de que tem as suas responsabilidades. A verdade é que, desde que é cristão, terá que ser um

cidadão melhor do que ninguém no território. No entanto, ele não para aí, ele sabe que também é cidadão de outro reino, de um reino que não se pode ver, um reino que não é deste mundo. Todavia, ele está neste mundo, e o outro reino colide com ele. O cristão sabe que pertence a ambos os reinos. Assim, isto vem a ser um teste da nossa profissão de fé como cristãos. Sabemos das exigências que a nossa terra natal nos faz, e também sabemos das exigências do reino celestial. Nosso desejo é não transgredir as leis da terra, e maior ainda é o nosso desejo de não ofender o "Rei eterno, imortal, invisível" (1 Timóteo 1:17, VA, ARA) que habita aquele outro reino e que é o Senhor.

O apóstolo prossegue e diz, porém, que não somente pertencemos àquele domínio celestial; no versículo 6 do capítulo 2 de Efésios ele faz uma declaração que soa tão espantosa quanto impossível. Diz ele que Deus "nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus". Significa nada menos que eu e você, em Cristo, estamos assentados neste momento em lugares celestiais. Estamos lá; ele não está dizendo que vamos estar lá, e sim, que estamos lá. Mas como se pode conciliar isso com o fato de que ainda estamos neste mundo limitado pelo tempo, com toda a sua confusão e contradição? Como podem estas duas coisas ser verdadeiras ao mesmo tempo? A principio soa paradoxal; e, contudo, é gloriosamente verdadeiro quanto ao cristão. Espiritualmente estou neste momento no céu, "em Cristo", num sentido como sempre estarei; mas o meu corpo continua vivendo na terra, ainda sou deste mundo limitado pelo tempo, O meu espírito foi redimido em Cristo, como sempre redimido será; porém o meu corpo ainda não foi redimido, e eu, com todos os outros cristãos, estou "esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). Ou, como Paulo o expressa, escrevendo aos Filipenses, a nossa situação neste mundo limitado pelo tempo é que "a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (3:20-21). Em meu espírito já estou lá, mas ainda estou na terra na carne e no corpo.

O aspecto glorioso desta verdade é que, devido eu estar "em Cristo", o meu corpo vai ser emancipado; a adoção, a redenção dos nossos corpos vai acontecer; virá o dia em que eu estarei nos lugares celestiais, não somente em meu espírito, mas também em meu

corpo. Isso é absolutamente certo. Seremos transformados, os nossos corpos serão glorificados, e estaremos sem nenhum pecado, culpa ou ruga ou mancha. Em espírito e no corpo estaremos com Ele e O veremos como Ele é; na totalidade do nosso ser e das nossas personalidades estaremos naqueles lugares celestiais.

A dedução que tiramos do ensino do apóstolo foi exposta per-feitamente por Augustus Toplady, quando escreveu:

Mais felizes, mas não mais seguros,

Os espíritos glorificados no céu.

"Os espíritos glorificados no céu", os cristãos que partiram e estão com Cristo são mais felizes do que nós. Isso porque nós, que ainda estamos nesta vida, estamos "sobrecarregados", e, por isso, "gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu" (2 Coríntios 5:2). Os cristãos que partiram, já não têm que combater o pecado na carne, e no mundo; disso eles estão completamente livres; isso acabou, no que se refere a eles; porém nós continuamos na carne, no corpo, continuamos lutando, continuamos gemendo. Porque partiram, eles são "mais felizes"; mas não estão mais seguros. Não estão "em Cristo" mais do que nós. Eles estão lá agora porque estavam "em Cristo" quando estavam aqui; nós, mesmo agora, estamos "em Cristo" e estamos assentados espiritualmente junto com eles nos lugares celestiais - com eles e com Cristo, neste exato momento. Como nos lembra o autor da Epístola aos Hebreus, "não chegastes ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao sonido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram pediram que se lhes não falasse mais, porque não podiam suportar o que se lhes mandava: se até um animal tocar o monte será apedrejado. E tão terrível era a visão que Moisés disse: estou assombrado, e tremendo. Mas chegaste ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembléia e Igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o Mediador duma Nova Aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel" (Hebreus 12:18-24). Estamos lá agora em nossos espíritos; estaremos finalmente lá em nossos corpos também.

Isso nos leva à percepção de que o cristão não somente tem

duas naturezas, e duas existências, mas também, necessariamente, tem duas perspectivas. O cristão vê a vida e o mundo, e num sentido os vê como todo o mundo os vê; todavia, ao mesmo tempo ele os vê diferentemente. Como cristãos não olhamos para as coisas como o mundo olha, mas o fazemos como pessoas pertencentes aos domínios celestiais; vemos tudo diferentemente, vemos tudo do ponto de vista espiritual. Os homens e as mulheres não cristãos consideram o estado em que o mundo se encontra, as guerras e os tumultos, a causa de todas essas coisas e a possibilidade de outra guerra mundial. Consideram as sugestões quanto ao que se pode fazer, e se é certo ou errado ter exércitos e engajá-los na luta. Estas coisas requerem atenção. O cristão como cidadão deste domínio visível, tem que chegar a decisões, e tem que ser capaz de dar os motivos das suas decisões.

Com relação à Igreja Cristã, num sentido ela não tem nada a ver com os problemas do mundo, e não deve gastar muito tempo com eles. A tarefa primordial da Igreja é apresentar a perspectiva, o ponto de vista espiritual. Ela vê a causa de todos os

problemas de maneira inteiramente diversa. A visão mundana enxerga a causa da guerra como uma questão de "equilíbrio do poder" entre as nações e em termos de como lidar com isso de maneira a mais eficiente. Isso está certo, dentro dos seus limites; porém não é esse o problema fundamental que, como Paulo nos ensina no último capítulo desta Epístola, consiste em que "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (6:12). O cristão sabe que o mundo está como está devido ao pecado, devido ao diabo; ele vê todas as coisas com uma nova perspectiva e com um novo entendimento. Ele sabe que estas coisas são apenas a manifestação do poder satânico; e que, em última análise, o conflito deste mundo é um conflito espiritual, não um conflito material. Os problemas do mundo não são meramente resultantes da colisão de concepções materiais apenas; são produzidos pelos poderes do inferno e de satanás lutando contra o poder de Deus. Em contraste com a visão que o mundo tem, a visão do cristão é muito mais profunda. O cristão não vê as coisas meramente ao nível horizontal; ele as vê perpendicularmente também. Para ele há sempre este elemento básico - "sub specie aeternitatis" [2]

Ele sabe, ademais, que a única maneira de lidar com estes problemas só pode ser espiritual. O cristão sabe que Deus tem duas maneiras de tratar destes problemas que resultaram das atividades do diabo, da queda do homem e do pecado. A primeira é que Deus restringe o mal, e o faz de muitas maneiras. Primeiro o fez, em parte, dividindo o mundo em países e estabelecendo limites para cada um deles. Isso Ele fez ordenando que houvesse reis e chefes de Estado, magistrados e autoridades. Nunca nos esqueçamos de que as potestades que existem foram ordenadas por Deus (Romanos 13:1). Foi Deus que ordenou os governos e os sistemas de governo. É por isso que o cristão é exortado a honrar o rei, os senhores e todos os que estão revestidos de autoridade. Dessa maneira Deus mantém o mal dentro de certos limites, restringindo o mal. Ele faz isso por meio dos governos, pelo uso dos estadistas, das conferências internacionais e pelo uso de diversos outros meios. No entanto, eles são somente negativos, simplesmente restringem o mal. A força policial pode impedir que um homem faça certas coisas más, porém, nenhuma força policial pode transformar alguém num homem bom. O mesmo aplica-se também aos governos. Também se aplica esta verdade à cultura, à educação e a tudo quanto esteja destinado a melhorar os costumes e a tornar a vida ordeira, harmoniosa e agradável. Todas essas agências fazem parte do mecanismo de Deus para refrear o pecado e as suas manifestações e conseqüências. Entretanto, elas são negativas. Um homem altamente civilizado nunca fará certas coisas; mas isso não significa necessariamente que ele é um bom homem. E certo que a cultura não faz dele um homem espiritual.

Mas existe este outro aspecto positivo: Deus trata dos problemas do mundo de maneira positiva e curativa, a saber, em Cristo e por meio de Cristo e Sua grande

obra de salvação. Ele tira um homem deste "presente mundo mau" em espírito, e o coloca dentro do reino de Cristo. Coloca dentro dele um novo princípio que não somente lhe tira a disposição para pecar, mas também lhe dá amor à santidade. O homem se torna positivamente bom e passa a ter "fome e sede de justiça". Ele se torna semelhante ao Senhor Jesus Cristo. Há um novo reino dentro "dos reinos deste mundo"; é o reino de Deus. Essa é a única cura. O reino de Deus finalmente vai ser tão grande que o pecado será destruído e banido, e não mais existirá. O cristão, e somente ele, vê o plano e o propósito de Deus. Os estadistas do mundo, os não cristãos, na melhor das hipóteses nada sabem

a respeito; eles só vêem a situação em termos do visível e daquilo que está diretamente diante deles.

Estas duas maneiras de ver também são inteiramente diversas com respeito ao futuro. O incrédulo liga a sua fé às conferências, e imagina que se tão-somente os homens pudessem ter uma Conferência de Mesa Redonda e acordassem nunca mais fazer uso da bomba atômica ou da bomba de hidrogênio, o mundo se tornaria mais ou menos perfeito. Mas, ao que parece, isso nunca se efetuará. Ele não pode ir além da sua visão horizontal, ele nada sabe deste elemento espiritual superior. Ele a credita na perfectibilidade do homem e na evolução de toda a raça humana. Ele acredita que o homem ficará cada vez melhor, à medida que se torne mais instruído, e que finalmente abolirá a guerra.

Ora, infelizmente isso nunca acontecerá por causa deste elemento espiritual em conflito. Conquanto o homem tenha pecado em sua natureza, ele não somente será culpado do pecado individualmente, mas também numa escala nacional e mundial. Porque a mente de uma multidão seria diferente da mente de um indivíduo? Graças a Deus, há outra mensagem; e a maior tragédia do mundo é que a Igreja, em vez de pregar a sua verdadeira mensagem, está pregando uma mensagem terrena, humana, carnal. Não teria a Igreja algo melhor para pregar do que apelar para os estadistas para que resolvam os problemas? Isso é realmente uma negação da fé cristã, e revela uma abismai ignorância dos "lugares celestiais". Como cristãos, temos outra maneira de ver, temos algo inteiramente diverso. As preleções sobre a temperança nunca tornarão sóbrios os homens, nem as estatísticas das perdas de guerra porão fim à guerra. Sabemos que o problema é espiritual, e que a solução tem que ser igualmente espiritual. Como é de satanás que basicamente vêm os maus desejos, as paixões e as cobiças, assim é de Cristo, e dEle somente, mediante o Espírito, que vem o poder para sobrepujá-los. E Ele virá não somente para o indivíduo, graças a Deus, Ele virá para o mundo todo. O cristão sabe que Cristo, que agora está nos lugares celestiais, voltará a este mundo em forma visível, cavalgando as nuvens do céu e rodeado pelos santos anjos e pelos santos que já estão com Ele; e os que estiverem na terra quando Ele vier serão transformados e serão elevados aos ares para encontrar-se com Ele, e estarão todos "sempre com o Senhor". Ele derrotará os

Seus inimigos, e banirá o pecado e o mal. Seu reino se estenderá “de mar a mar” (Salmos 72:8; Zacarias 9:10), e Ele será aclamado

como o Senhor por todas as coisas “que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra” (Filipenses 2:10).

Isso é otimismo cristão, e significa que sabemos que somente Cristo pode vencer, e vencerá. Você está “nos lugares celestiais”, você está ciente das duas naturezas que há em você, está ciente de que pertence a duas esferas? Tem você esta nova visão espiritual da guerra e da paz e dos problemas do mundo? Você vê tudo
pela perspectiva do céu, de Deus e do Senhor Jesus Cristo, assentado com Ele nos lugares celestiais? Bendito seja o nome de Deus!

1

Em latim no original. Nota do tradutor.

2

“Com a visão da eternidade.” Nota do tradutor.

“NOS ELEGEU NELE”

“Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor."

-Efésios 1:4

Este versículo obviamente liga-se ao anterior; a expressão “como também” no-lo diz. “Bendito o Deus e pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor.”

Aqui o apóstolo começa a explicar-nos como todas as bênçãos espirituais vêm a ser nossas. O versículo anterior o fizera de maneira mais geral. Mas alguém poderá dizer: “Esta é uma grande declaração, e maravilhosa e estupenda; porém, nós estamos aqui na terra, e temos consciência de pecado e de fracassos: como haveríamos então de liga-nos a tão imensos tesouros da graça? Como poderia um cristão gozar uma só bênção que seja?” O apóstolo começa a responder essa pergunta neste versículo mostrando o que foi feito por Deus para que estejamos ligados a todas estas abundantes riquezas da Sua graça: “como também”! Diz ele que estas bênçãos nos vêm do modo que são descritas desde o princípio deste versículo 4 até o fim do versículo 14. A expressão “como também” é a introdução da exposição inteira. Já indicamos num estudo anterior como se pode dividir convenientemente esta exposição em três partes principais: do versículo 4 ao versículo 6 nos é dito o que o Pai fez; do versículo 7 ao versículo 12 temos a obra realizada pelo Filho; e nos versículos 13 e 14 temos a obra realizada pelo Espírito Santo.

Ao abordarmos esta grande exposição, vejamos qualquer pessoa cristã, a nós mesmos inclusive, e perguntemos: o que é que explica como qualquer pessoa, antes incrédula, agora esteja gozando estas bênçãos estupendas? Que é que leva a pessoa a tornar-se cristã e a gozar as riquezas da graça de Deus? Sem dúvida, grande número de pessoas imediatamente diriam que o cristão é uma pessoa que recebe bênçãos por crer no Senhor Jesus Cristo. Notem,

porém, que não é essa a primeira coisa que o apóstolo diz; ele não diz que gozamos estas bênçãos porque cremos no Senhor, ou porque tomamos uma decisão, ou porque nos entregamos a Ele, ou porque O aceitamos como nosso Salvador pessoal. Isso está envolvido, é claro; mas Paulo não começa desse modo. Nem tampouco parte ele da obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo. Provavelmente, muitos colocariam isso em primeiro lugar. Eles diriam que tudo isso se nos tornou possível graças ao que o Senhor Jesus Cristo fez por nós quando veio a este mundo - em Sua vida, morte e

ressurreição - e ao que Ele continua fazendo. Entretanto, nem isso o apóstolo põe em primeiro lugar. Na verdade observamos que ele não parte de nada do que aconteceu no tempo neste mundo. Ele vai direto à eternidade, antes da fundação do mundo, antes da fundação do mundo; e parte daquilo que foi feito por Deus o Pai.

E um pensamento estonteante, mas inteiramente coerente com todo o ensino bíblico. É justamente aqui que nos inclinamos a desviar-nos. Mesmo com a Bíblia aberta diante de nós, sempre temos a tendência de basear nossas idéias doutrinárias em nossos próprios pensamentos e não na Bíblia. A Bíblia sempre parte de Deus o Pai; e nós não devemos partir de nenhum outro lugar, ou de ninguém mais. A Bíblia é, afinal, a revelação do misericordioso propósito de Deus para com um mundo marcado pela presença do homem pecador; ela reivindica essa qualidade, e a revelação está em todos os livros que a compõem. Isso explica a sua extraordinária unidade. Seu tema dominante é o que Deus fez, o que Deus prometeu fazer, o que Deus começou a fazer, o que Ele tem feito concretamente, o que Ele vai fazer, e o assombroso resultado disso tudo. E é precisamente isso que o apóstolo está fazendo nesta parte da nossa Epístola. Ele não está dando expressão às suas próprias teorias ou idéias, mas, sim, está escrevendo sobre o que Deus lhe tinha revelado. No capítulo 3 da sua Segunda Epístola, Pedro coloca os escritos do apóstolo Paulo no mesmo nível das Escrituras Sagradas do Velho Testamento (versículos 15 e 16). Noutras palavras ele acreditava que eles foram inspirados da mesma maneira como as antigas Escrituras tinham sido inspiradas - “os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1:21). Assim, o ensino do apóstolo aqui está em óbvia conformidade com todo o ensino bíblico.

O ensino é que aqueles que gozam estas bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo gozam-nas porque foram escolhi-

dos por Deus para isso: “Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo”. Essa é a explicação da coisa toda; daí o apóstolo começar aí. Todas as bênçãos e todos os benefícios que desfrutamos têm essa origem, vêm dessa fonte. O homem, por natureza, rebela-se contra Deus. Isso como conseqüência da Queda. Tendo dado ouvidos à sugestão do diabo, e tendo caído e se afastado de Deus , está debaixo da “ira de Deus”. Como é que alguma pessoa pode sair desse lamaçal? A resposta é que Deus escolheu essa pessoa para ser libertada dali para a salvação. Essa é a afirmação categórica do apóstolo.

Aqui nos deparamos face a face com um grande e profundamente misterioso assunto. Em última análise, há somente duas explicações possíveis para uma afirmação tão estonteante. A primeira é que fomos escolhidos por Deus simplesmente como resultado de Sua satisfação, do Seu bom prazer, ou, para usar a fraseologia escrituristica, “segundo o beneplácito de sua vontade”, e inteiramente independente de toda e qualquer coisa que tenhamos feito, dito ou pensado. De fato ele vai além e

afirma que nós fomos escolhidos por Deus pelo beneplácito de Sua vontade, apesar de nós mesmos, apesar do fato de que éramos inimigos de Deus, estranhos a Ele, e até O odiávamos. A explicação alternativa é que o apóstolo está dizendo que os cristãos - que os que gozam estas bênçãos - foram escolhidos por Deus antes da fundação do mundo porque Deus, com o Seu pré-conhecimento[1] perfeito, viu que eles exerceriam a fé, com o que se diferenciam dos que não exercem a fé. Noutras palavras (segundo este conceito), Deus escolhe aqueles que já por si escolheram ser cristãos, aqueles que decidiram crer no Senhor Jesus Cristo e buscaram a salvação. Não existe uma terceira possibilidade.

A questão com que nos defrontamos aqui é, portanto, esta: como encarar isso? Coloco a questão dessa maneira pela seguinte razão, que muitíssimos cristãos hoje simplesmente não encaram a questão.

Alguns, na verdade, nem sequer acreditam em encará-la, e outras a evitam por ser difícil e misteriosa. Ao que me parece, existem muitos cristãos hoje em dia que se dizem crentes na inspiração das Escrituras mas que, não obstante, deliberadamente evitam grandes porções das Escrituras porque são difíceis. Todavia se vocês crêem que, em sua totalidade, as Escrituras são a palavra de Deus, tal atitude é pecaminosa; é nosso dever encarar as Escrituras. Uma vantagem de pregar sobre todo um livro da Bíblia, como estamos nos propondo a fazer, é que isso nos compele a encarar cada uma das suas declarações, venha o que vier, e postar-nos diante de cada uma e examiná-la, e permitir que ela nos fale. De fato, é interessante observar que não poucas vezes têm ocorrido que certos mestres da Bíblia, bem conhecidos, nunca encaram certas Epístolas em suas exposições porque há nelas dificuldades que eles resolveram evitar.

Ao abordarmos este grande mistério, nada é mais importante do que adotarmos a abordagem certa. Isso envolve, primeiramente e acima de tudo, o espírito com que nos aproximamos das Escrituras. Esta grande declaração do apóstolo foi rejeitada por alguns simplesmente porque ela foi abordada com espírito errôneo. Permitam-me admitir francamente que os proponentes dos dois conceitos que lhes apresentei foram igualmente culpados neste aspecto. Não se deve abordar esta questão com espírito argumentativo, nem com espírito partidário. Jamais deverá ser abordada com paixão ou com dogmatismo; é um assunto que deve ser abordado com reverência, e com sentimento de adoração. Cada vez mais eu concordo com os que dizem que há um sentido em que as Escrituras sempre deveriam ser lidas de joelhos. Se nos dermos conta de que é Deus que está falando conosco, certamente diremos que é desse modo que devemos aproximar-nos delas. Contudo, quantas vezes estas grandes e gloriosas declarações são discutidas e debatidas com paixão, acrimônia e ira. Estamos pisando terra santa aqui, e temos que tirar os sapatos. Se não abordarmos este mistério com esse espírito, é certo que jamais começaremos a entendê-lo. Temos aí a Palavra de Deus, e não simplesmente a opinião do

apóstolo Paulo. A alta crítica, assim chamada, evadiu-se desta dificuldade dizendo que é simplesmente a teologia de Paulo. Se você adotar essa idéia e ficar destacando e escolhendo o que vai crer das Escrituras, poderá facilmente manufaturar um pequeno evangelho por sua conta. Mas ele não será o evangelho do Novo Testamento, não

será o "evangelho de Deus" (1 Tessalonicenses 2:2). Eu parto da suposição de que todo este Livro é a Palavra de Deus, e de que esta declaração particular traz consigo autoridade divina.

Decorre disso, portanto, que esta é uma declaração que não deve ser abordada primariamente em termos do nosso entendimento. Devemos dizer como George Rawson, autor de hinos -

Não poderei jamais as grandes altitudes e as profundidades de Deus alcançar com asas terrenais.

Quão apropriados são esses versos, ao abordarmos este assunto! Se imaginarmos que sobre as asas do nosso minúsculo entendimento podemos subir a uma verdade desta natureza, só estamos pondo à mostra a nossa estupenda ignorância do caráter da verdade. Aqui estamos face a face com algo presente no coração e na mente de Deus. Asas terrenas nunca nos levarão a estas alturas. Trata-se aqui, além de tudo o mais, de um grande mistério; por isso estas sublimes verdades são apresentadas nas Escrituras unicamente aos crentes, e a ninguém mais. Não é algo que possa ser considerado pelo incrédulo; ele não tem a mínima possibilidade de sequer começar a entendê-lo, pois toda a sua atitude para com Deus é errônea. A dificuldade essencial do incrédulo é que o seu coração é mau com relação a Deus. "Disse o néscio no seu coração: não há Deus" (Salmo 14:1), e porque o seu coração é mau, ele não pode entender. O apóstolo está escrevendo aqui "aos santos que estão em Éfeso", a pessoas que pertencem a Deus e que são as únicas que estão em condições de receber tal verdade; e o mesmo se aplica a nós.

Outra observação preliminar que é necessária quando nos aproximamos do nosso tema, é que é bom abordar tal verdade em termos das nossas experiências como cristãos. Em vez de abordá-la de um ponto de vista teórico, e de considerá-la como um problema acadêmico muito interessante, que se acha na linha fronteiriça entre a teologia e a filosofia, devemos abordá-la dizendo a nós mesmos algo semelhante a isto: "Aqui estou eu nesta casa de Deus, enquanto milhares de pessoas não estão aqui, mas estão em seus leitos lendo os jornais de domingo, ou talvez ouvindo rádio. Por que sou

diferente, que é que me fez diferente, por que estou interessado nestas coisas, por que me incomodo com elas - por que sou cristão?" Considere seriamente o que foi que o separou daqueles outros, o que foi que o colocou numa categoria diferente. E

quando você estiver de joelhos, orando a Deus, procure examinar-se e pergunte a si mesmo o que foi que o levou a orar. Pergunte a si mesmo se o desejo de orar vem somente de si próprio, ou de alguma outra coisa. Aborde esta profunda indagação intelectualmente, e com o entendimento, como também do ponto de vista da experiência.

Tendo estas considerações preliminares em mente, observemos o que a Bíblia diz realmente sobre "nos elegeu nele". A minha primeira observação é que é uma afirmação, não um argumento. A Bíblia nunca argumenta acerca destas doutrinas, simplesmente as coloca diante de nós; faz uma afirmação e a deixa ali, como tal. Isso é muito significativo, porque a Bíblia argumenta e apresenta razões em muitos pontos; mas quando faz afirmações específicas como as que se acham em nosso texto, ela nunca as apresenta na forma de argumento.

De fato devemos ir mais longe; podemos dizer, em segundo lugar, que não somente a Bíblia não argumenta conosco sobre estas doutrinas, porém nos desaprova e nos repreende quando começamos a argumentar porque não as entendemos. O apóstolo expõe isso claramente na Epístola aos Romanos: "Dir-me-ás então: porque se queixa ele ainda? Porquanto, quem resiste à sua vontade?" (9:9). Tomem nota da resposta do apóstolo: "Mas, ó homem, quem és tu que a Deus replicas?" Ele não tenta dirigir uma discussão e desenvolvê-la e explicá-la, como poderia fazer; simplesmente diz: "Mas, ó homem, quem és tu que a Deus replicas?" Noutras palavras, o apóstolo nos está dizendo que devemos iniciar dando-nos conta de quem e do que Deus é, que devemos compreender de quem estamos falando. E ele prossegue e nos lembra que a nossa relação com o Deus de quem estamos falando é a mesma relação que há entre um bloco de barro e um oleiro. Trate de compreender, diz ele, antes de fazer perguntas e apresentar argumentos baseados em sua falta de entendimento, que você está pressupondo que a sua pequena mente é capaz de entender o que Deus faz. Trate de compreender que na verdade você está insinuando que, mesmo sendo simples criatura, mesquinha e desprezível tantas vezes em suas relações humanas, você, que deu ouvidos ao diabo e trouxe a ruína

sobre si próprio - trate de compreender que você está tendo a pretensão de que a sua mente anã pode entender a mente infinita e inescrutável do Deus eterno. Não somente a Bíblia não argumenta; também nos repreende por nossa arrogância em trazer as nossas dificuldades e pô-las contra o que Deus revelou.

Em terceiro lugar, observamos que a Bíblia não responde as nossas perguntas sobre este assunto, não nos dá uma explicação filosófica completa. Há reais dificuldades em torno desta matéria -certamente que há! - porque é procedente de Deus; e a Bíblia não pretende dar uma resposta detalhada ou uma explicação filosófica. Ela faz a sua afirmação e a deixa como tal, e nós devemos responder da mesma maneira que o apóstolo o faz, e dizer: "Grande é o mistério da piedade" (1 Timóteo 3:16). Não

podemos começar a entender o mistério das duas naturezas em uma Pessoa, não podemos entender a verdade das três Pessoas em uma deidade. Estas coisas estão numa esfera que está além do entendimento; e assim é a doutrina que nos diz que Deus nos escolhe. As nossas mentes são muito pequenas; e não somente pequenas, também são pecaminosas e perversas. Mesmo como cristãos não conseguimos pensar claramente; é por isso que sempre houve heresias, através dos séculos.

Um quarto princípio, que é útil neste contexto, é notar que a Bíblia nos dá várias afirmações desse tipo, todas elas paralelas à afirmação que consta no versículo que estamos examinando. Uma das declarações mais completas sobre este assunto acha-se no capítulo 6 do Evangelho de Segundo João. Talvez se possa dizer que o Evangelho Segundo João apresenta esta doutrina mais claramente do que qualquer outro livro das Escrituras. Leiam todo o capítulo 6, depois leiam o capítulo 15, e depois leiam o capítulo 17 de João, com o seu registro da oração sacerdotal de nosso Senhor, e vocês verão precisamente esta verdade exposta de maneira muito vigorosa. Dou ênfase a isso porque há muitos que repetem como papagaio o que ouviram ou leram em livros, no sentido de que esta doutrina só aparece nos escritos do apóstolo Paulo. Naturalmente Paulo a declara frequentemente. Vejam, por exemplo, a Segunda Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 2: "Devemos sempre dar graças... por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade; para o que pelo nosso evangelho vos chamou, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (versículos 13 e 14). Que declaração significativa! "Por

vos ter Deus elegido para a salvação em (por meio da) santificação do Espírito." Ele separou você pelo Espírito para você crer na verdade. Você foi escolhido, foi posto à parte, pelo Espírito, a fim de que pudesse crer na verdade. Você não foi separado porque crê nela, mas para que pudesse crer.

Vemos o apóstolo Pedro dizer a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo primeiro, versículo 2: "Eleitos segundo o pré--conhecimento de Deus o Pai, mediante a santificação do Espírito, para obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo" (VA). De novo, a separação vem antes da obediência e da fé na verdade. Há incontáveis outras passagens similares que dão suporte a esta declaração diretamente.

Há, além disso, outras afirmações que mostram a mesma coisa indiretamente. Vejam os dois primeiros versículos do capítulo 2 desta Epístola: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andaste segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Notem as declarações "mortos em ofensas e pecados", e "vos vivificou". Na primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2, versículo 14 lemos: "ora o homem natural não compreende as coisas do espírito de Deus porque lhe

parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". O ensino de Paulo é que nós cremos nestas coisas porque "não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (ICoríntios 2:12). Os príncipes deste mundo não reconheceram Cristo, diz-nos Paulo, porque eram homens naturais. Muitos deles eram grandes homens, homens capazes, porém não O reconheceram, "pois, se o tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória". "Mas" diz Paulo, "Deus no-las revelou (certas coisas) pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:8-10). Cremos por uma única razão, a saber, graças a obra realizada pelo Espírito Santo em nós.

No capítulo 4 da Segunda Epístola aos Coríntios vemos a mesma verdade: "Mas se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus

o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das travas resplandeça a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (versículos 3-6). Aí está a resposta á pergunta sobre como se origina a fé. O deus deste mundo cega os homens e os torna incapazes de crer; o único Deus vivo e verdadeiro brilha em nossos corações, e nós cremos. A doutrina da regeneração é outra maneira de dizer a mesma coisa. Podemos expô-la assim: se afirmarmos que nos tornamos regenerados porque já criamos, teremos que mostrar por que precisamos ser regenerados, afinal de contas. O propósito e objeto da regeneração é habilitar-nos a receber esta nova faculdade, esta capacidade para receber a verdade de Deus. A doutrina da regeneração tem muita coisa para dizer acerca da eleição e desta doutrina da escolha divina. Na verdade, vou longe a ponto de dizer que sempre se deve abordar esta doutrina em termos da doutrina da regeneração, que ensina que eu necessito de uma nova natureza antes de poder começar a entender estas coisas.

Tendo feito lembrar a vocês essas declarações das Escrituras, permitam-me colocar mais algumas considerações para o seu estudo e meditação. Não estaria claro, não seria óbvio, que nenhum homem jamais teria produzido esta doutrina por sua própria mente? É a ultima coisa em que o homem teria pensado. Admitamos que é a pura verdade que nenhum de nós, por natureza, gosta desta doutrina, porque achamos que é um insulto contra nós. O homem natural odeia esta doutrina mais do que qualquer outra. Todos nós conhecemos algo desse ódio. O homem jamais teria pensado nela; ela jamais teria entrado no sistema de pensamento vital da Igreja, se ela não se encontrasse nas Escrituras. Outro modo de expor o assunto é dizer que não há doutrina que mostre com tanta clareza a real natureza do pecado, e as conseqüências do pecado, como esta declaração particular. Pois, na realidade, ela assevera que nós

estamos em tal situação com relação ao pecado, que nos vemos completamente desvalidos, e totalmente incapazes de fazer qualquer coisa por nós mesmos, no que se refere a salvação. Foi isso que o pecado fez com o homem, esse é o abismo ao qual o pecado levou o homem; ele está de fato alienado de Deus! Dizem as Escrituras que a "inclinação da carne (a inclinação natural) é inimizade contra Deus" (Romanos 8:7), que o homem, entregue a si mesmo, é um estranho, um inimigo em sua mente, pelas obras iníquas, e totalmente oposto

a Deus. Essa é a real descrição do pecado.

Mas notem agora que este aspecto da verdade não tem nada a ver com a evangelização. Há os que argumentam que esta doutrina da eleição e escolha divina não dá nenhum lugar à evangelização, à pregação do evangelho, à insistência com as pessoas para que se arrependam e creiam, e ao uso de argumentos e de persuasão na obra evangelística. No entanto aqui não há contradição, como não há em dizer que, uma vez que é Deus que dá a colheita do cereal no outono, o agricultor não tem necessidade de arar, gradar e semear; sendo que a resposta a isso é que Deus ordenou ambas as coisas. Deus escolheu chamar as pessoas por meio da evangelização e da pregação da Palavra. Ele ordenou o meio, como também o fim.

Finalmente, toda vez que vocês se virem confrontados por uma declaração das Escrituras que acham difícil e os deixam perplexos, uma boa regra é consultar a experiência e a interpretação dos que viveram antes de nós. Devemos agradecer a Deus por poder fazê-lo. A Igreja Cristã tem ensinado através dos séculos o que o apóstolo está dizendo aqui, a saber que Deus escolheu os cristãos, a despeito do que eles eram, não por causa de algum mérito que Ele tivesse previsto neles, mas porque Ele foi movido unicamente por Sua misericórdia e compaixão. Antes de alguém ser tentado a desdenhar esta doutrina com um gesto de mão, achando que tudo é muito simples, permitam-me lembrar-lhes os nomes de alguns que aceitavam esta interpretação.

Há o grande Agostinho, que sobressai, talvez, entre Paulo e a Reforma, como o astro mais brilhante da Igreja Cristã. Depois há Tomás de Aquino, que os católicos romanos chamam de Santo Tomás de Aquino, autor de um compêndio de teologia cristã, a *Summa Theologica.* O próximo nome que me vem é o de Martinho Lutero, depois João Calvino, depois Ulrico Zwinglio, depois João Knox, da Escócia. Depois chegamos aos Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra, a seguir à Confissão de Westminster, do século dezessete, confissão na qual todas as igrejas presbiterianas afirmam basear o seu ensino como padrão subsidiário. Pensem então nos grandes nomes pertencentes à grande tradição puritana - John Owen, Thomas Goodwin e muitos outros. Quando chegamos ao século dezoito, temos George Whitefield, talvez o maior evangelista que a Igreja Cristã conheceu, desde Paulo. Na América, houve Jonathan Edwards, que é quase universalmente

considerado como o maior teólogo filosófico que os Estados Unidos produziram. Quanto ao

século dezenove, devemos mencionar o grande Charles Haddon Spurgeon. Todos estes homens sustentavam a doutrina paulina.

Devemos dar atenção também à história dos homens que deram início à várias sociedades missionárias estrangeiras, como a Sociedade Missionária da Igreja (anglicana) e a Sociedade Missionária de Londres, e certamente a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. A verdade pura e simples é que os homens que deram início a essas sociedades missionárias tinham a mesma opinião. Os maiores evangelistas que o mundo conheceu, os maiores promotores que a Igreja conheceu, tinham esta opinião específica. Realmente é certo que, com apenas algumas exceções, o conceito universal da Igreja Cristã, até o princípio do século dezessete, era este.

Embora tenha havido oposição a este conceito no século dezessete, ela veio a ser muito conhecida por meio de João Wesley e dos seus seguidores e do seu ensino arminiano no século dezoito. Também é conhecido que, quando a Alta Crítica da Bíblia conquistou a aceitação geral e popularidade no final do século dezenove, o conceito mais antigo retirou-se mais ainda para os fundos. Com o advento do que se conhece como liberalismo ou modernismo, o ensino da eleição de Deus e da escolha do Seu povo na eternidade desapareceu quase que completamente. Certamente isso é de grande significação.

Há pois, alguns fatos que devemos ter em mente, antes de começarmos a argumentar e a fazer afirmações radicais. Contudo, é preciso que entendamos claramente o fato de que não somos salvos pelo conceito que tenhamos sobre esta questão. Como já expliquei, há dois conceitos possíveis. Um é que Deus nos escolheu apesar de nós; o outro é que Deus nos escolheu porque previu que nós exerceríamos a fé. Mas eu reitero que o conceito que você tenha sobre esta questão não determina a sua salvação. Não somos salvos por nosso entendimento destas coisas, mas sim, por uma confiança singela, como de criança, uma fé absoluta e confiante no Senhor Jesus Cristo e em Sua obra em nosso favor. O conceito que tenhamos afeta o nosso entendimento, a nossa apreensão intelectual; todavia, graças a Deus, não é isso que nos salva. Podemos estar certos de que João Wesley está no céu, como certos podemos estar de que Jonathan Edwards e George Whitefield estão lá.

Ora, alguém poderá dizer que, se a doutrina que defendemos não determina a nossa salvação, doutrina é coisa que não importa.

Mas essa dedução é falsa. Esta declaração acerca da escolha feita por Deus está aqui nas Escrituras e, portanto, deve ser considerada. Paulo a coloca primeiro a fim de mostrar como nos tornamos cristãos e gozamos as bênçãos cristãs, e como eu disse, embora o entendimento que tenhamos dela não determine a nossa salvação, ela

é de grande importância. Ela tem relação com a soberania de Deus e com a majestade de Deus e, na verdade, é da maior importância do ponto de vista do nosso entendimento do amor de Deus. Vemos aí o amor de Deus em seu ponto mais elevado. Além disso, é à luz desta doutrina que vemos com maior clareza a certeza do plano da salvação. Se o plano da salvação dependesse do homem, certamente fracassaria; porém, se é de Deus do princípio ao fim, é infalível. Nenhuma outra coisa pode dar-me senso de segurança. Não há nenhuma doutrina que seja tão consoladora como esta: a minha segurança depende do fato de que sou o que sou única e inteiramente pela graça de Deus.

Seja qual for a autoridade que eu possa ter como pregador, não é resultado de qualquer decisão da minha parte. Foi a mão de Deus que me tomou, me tirou e me separou para esta obra. Sou o que sou pela graça de Deus; e a Ele dou toda a glória. Se eu tivesse que acreditar que meu futuro depende de mim e das minhas decisões, eu tremeria de medo; mas, graças a Deus que eu sei que estou em Suas mãos, e que "Aquele que começou a boa obra" em mim levará avante a obra. Apesar de mim mesmo, e do que eu fui e sou, o Senhor não deixará que eu me perca; "a Seu propósito Ele não renunciará". É porque eu sei que antes do princípio do tempo, antes da fundação do mundo, Ele olhou para mim, viu-me e me escolheu, e em Sua mente deu-me a Cristo - é porque eu sei disso que, com o apóstolo Paulo posso dizer que "nem a morte, nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38-39). É por isso que toda esta matéria importa; disso dependem o meu senso de segurança e a minha alegria. Apesar do fato de que o meu entendimento desta verdade não determina a minha salvação, determina, sim, a minha experiência da alegria da salvação, e o meu senso de segurança e a minha certeza. Encare esta gloriosa verdade de joelhos, coloque-a no contexto geral das Escrituras, lembre-se dos nomes dos homens que eu mencionei e peça a Deus que lhe dê iluminação e entendi-

mento pelo Espírito para que esta declaração especial traga a você, à sua alma, à sua mente, ao seu coração e à sua experiência o recebimento parcial e crescente das abundantes riquezas da Sua graça.

"SANTOS E IRREPREENSÍVEIS DIANTE DELE EM AMOR"

"Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor."

- Efésios 1:4

Antes de passarmos a tratar do restante do versículo 4, devemos notar que o apóstolo

tem o cuidado de dizer-nos que é "em Cristo" que fomos escolhidos; não fomos apenas escolhidos, mas fomos escolhidos em Cristo. Deus nos separou; do mundo da humanidade Deus nos escolheu para sermos os herdeiros de grandes bênçãos; e tudo isso no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Não há melhor exposição da passagem que estamos examinando do que a que se acha no capítulo 17 do Evangelho Segundo João, onde temos o que comumente se conhece como a oração sacerdotal do nosso Senhor. Ali vemos o nosso Senhor fazer declarações concernentes a Si mesmo, declarações como estas: "... lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste" (versículo 2). O ensino aí é que o Pai deu essas pessoas ao Filho. Ou vejam o versículo 6: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra". Essas pessoas - pessoas cristãs, que incluem a mim e vocês - pertenciam a Deus antes de pertencerem ao Filho. Primariamente, a nossa posição não depende de nada do que fazemos; nem primariamente da ação do Filho. A ação primária é a de Deus o Pai, que escolheu para Si um povo, de toda a humanidade, antes da fundação do mundo, e depois o presenteou, deu esse povo que Ele escolhera ao Filho, para que o Filho o redimisse e fizesse tudo quanto era necessário para reconciliá-lo com Ele. Esse é o ensino dado pessoalmente por Jesus Cristo. Ele veio a este mundo e realizou a obra que Lhe competia realizar em favor de todas as pessoas que Lhe foram dadas pelo Pai. Assim, Ele prossegue e diz: "Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus" (versículo 9). Mas é de vital

importância que nos lembremos de que tudo isso é feito "nele". O apóstolo repete continuamente a verdade segundo a qual não há absolutamente nada que seja dado ao cristão independentemente do Senhor Jesus Cristo; não há nenhuma relação com Deus que seja verdadeira e salvadora, exceto a que é no Filho de Deus e por meio dEle. "Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (ITimóteo 2:5).

Tendo estabelecido estas verdades, podemos passar agora ao restante desta grande declaração : "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Aqui vemos que cada frase, quase cada palavra, requer a mais cuidadosa e séria consideração. Cada uma das declarações está carregada de verdade, de verdade vital, de verdade da máxima importância. Portanto, passar às pressas por estas grandes e momentosas declarações é tolice; é real e verdadeiramente pecaminoso.

É nos dito que fomos escolhidos "para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Aqui, de novo, o apóstolo nos propicia uma das mais extraordinárias sinopses do evangelho todo. Ele quer dizer que é propósito de Deus em Cristo para o Seu povo desfazer, remover e retificar completamente os efeitos do pecado e da queda do homem. O objetivo de Deus na salvação é retificar completamente os

resultados e as conseqüências daquele evento terrível e sumamente desastroso. Isso está claro nas Escrituras. Lemos, por exemplo, no capítulo 3 da Primeira Epístola de João: “Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo”(versículo 8). A queda foi obra do diabo. Que tolos os que pensam que podem escolher e pegar porções da Bíblia e rejeitar outros a seu bel-prazer! A Bíblia é um todo, e não há esperanças de que venhamos a entender o evangelho do Novo Testamento a menos que aceitemos os primeiros capítulos do livro de Gênesis, com a sua narrativa da queda do homem em pecado. Aqui, nestes versículos do capítulo primeiro da Epístola aos Efésios, o apóstolo passa a mostrar que a obra do diabo está sendo destruída e desfeita, de modo que aquelas pessoas que Deus o Pai deu ao Filho ficarão inteiramente livre de todos os efeitos e conseqüências daquele evento tremendamente trágico denominado “A Queda”. Diz o apóstolo que o propósito de Deus na escolha que fez na eleição é que sejamos “santos e irrepreensíveis”. Ele diz três coisas: que devemos ser

“santos e irrepreensíveis”, “diante dele”, “em amor”. A primeira proposição consiste de dois elementos - “santos e irrepreensíveis” - e estes são, evidentemente, elementos mutuamente correspondentes. O apóstolo nunca atira palavras desconsideradamente. Ele usa duas palavras que descrevem a mesma coisa, mas focalizando dois aspectos diferentes. Ambas se referem à santificação. Alguns acham que o apóstolo estava se referindo à justificação; mas, obviamente, não é assim; as palavras se referem à santificação, não meramente à nossa posição, porém à nossa condição interna, à nossa santificação. Acredito que o apóstolo utilizou os dois termos porque desejava expor a doutrina em sua plenitude. No capítulo 5 da Epístola ele usa a expressão “santa e irrepreensível” (versículo 27). Podemos mostrar a diferença que há entre as duas palavras da seguinte maneira: “santidade” denota um estado de pureza interior ou interna; “irrepreensível” refere-se a uma condição exterior ou externa de pureza. Santidade é o termo maior e mais forte, porque se ocupa da condição interior; mas a condição exterior também é importante. A figura comunicada é a do fruto sem manchas, sem a mínima porção de decadência incipiente, sem putrefação nenhuma; é fruto perfeito, inteiro. O mesmo apóstolo expõe essa idéia no capítulo 5 desta Epístola, onde ele afirma que o propósito supremo de Cristo para a Igreja é, não somente que ela seja santa, mas também esteja “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (versículo 27). A Igreja deve ser irrepreensível (ou sem culpa), como também pura; ela deve ser perfeita por fora e por dentro.

Outra maneira de colocar a diferença é dizer que “santidade” é positiva, ao passo que “irrepreensível” ou “sem defeito” é negativa. Vocês são positivamente santos, entretanto isso significa negativamente que há ausência de corrupção. E é bom ver o assunto de ambas as maneiras. Na prática, àquilo que aqui se dá o segundo lugar, é dado o primeiro lugar. Damos atenção ao aspecto externo, e não parece que haja nisso algo que seja obviamente errado; todavia o fato de que a pessoa em foco possa

parecer irrepreensível e inculpável por fora não garante que seja a mesma coisa por dentro. Negativamente por fora não tem defeito, porém positivamente pode não passar no teste.

Os dois termos, tomados juntos, significam uma pureza essencial ou um estado plenamente saudável, ou inteireza. Significam vida real e verdadeira, ser verdadeiro e real sem nada que o macule ou prejudique, uma harmonia perfeita na qual cada parte cumpre a

função para. a qual foi designada. Em perfeita harmonia, todas as coisas trabalham juntas. Vista a questão negativamente, significa que o pecado, em todos os seus efeitos e aspectos está inteiramente ausente. A santidade, em seu caráter supremo, é um atributo essencial de Deus. O próprio Deus disse: "Sede santos porque eu sou santo". Isso é inconcebível para nós, mas nos é dito que "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5). Positivamente, podemos dizer que a santidade é luz, negativamente, que nela não há trevas. Além desse ponto não podemos ir; significa essencialmente um ser perfeito, uma perfeição absoluta, o "Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Deus é absoluta luz e glória e perfeição; Ele é absolutamente puro, sem sequer qualquer suspeita da presença de uma liga redutora ou de qualquer mistura; e o assombroso que nos é dito aqui é que Deus nos escolheu em Cristo para nos tornarmos como Ele. Esse é o plano e propósito de Deus para nós; esse é o nosso destino, sermos semelhantes a Deus, "santos e irrepreensíveis".

Pois bem, devemos passar à segunda expressão, "santos e irrepreensíveis *diante dele"*. Eis ai de novo uma frase por sobre a qual podemos facilmente deslizar, considerando-a de pequena significação. Mas significa que estamos na presença de Deus, realmente diante dEle; nós comparecemos ante Ele. É outra maneira de dizer que estamos em comunhão com Ele, que temos companheirismo com Ele. De novo deixemos que o apóstolo João exponha o apóstolo Paulo. Não é que ele exponha a verdade mais claramente, todavia, que eles se complementam um ao outro.
O objetivo de João ao escrever a sua Primeira Epístola é descrito do seguinte modo: "O que vimos e ouvimos isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com o seu Filho Jesus Cristo". E então prossegue, dizendo : "Estas coisas vos escrevo para que o vosso gozo se cumpra. E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1:3-5). Noutras palavras, "diante dele", no sentido em que Paulo usa a expressão, significa que o objetivo e propósito da nossa vocação e eleição é que andemos com Deus; não somente que entremos numa consciente comunhão com Deus, mas que andemos e permaneçamos nessa comunhão, ou, como João o expressa, que andemos na luz com Deus.

Uma interessante luz e lançada sobre esta matéria numa decla-

ração feita acerca de Abraão no capítulo dezessete do livro de Gênesis, onde se nos diz que quando Abraão tinha noventa e nove anos de idade, apareceu-lhe o Senhor e lhe disse: "Eu sou o Deus Todo-poderoso, anda em minha presença e sê perfeito". Foi um convite que Deus fez a Abraão para que desse um passeio com Ele. E o que se quer dizer com salvação; é realmente o fim e objetivo dela. No princípio o homem tinha sido criado por Deus e fora colocado num jardim. Ali ele viveu uma vida de perfeita comunhão com Deus. Ele vivia com Deus, conversava com Deus, "andava" com Deus. Esta é uma frase que se vê ocasionalmente no Velho Testamento. "E andou Enoque com Deus." Naturalmente, para fazer isso o homem tem que ser perfeito porque Deus é perfeito. "Andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?" (Amos 3:3). Não se pode misturar luz e trevas, certo e errado, mal e bem. Anda r diante de Deus e ser perfeito estão inevitavelmente juntos por causa da natureza de Deus.

A terceira expressão é "em amor" - "para que fossemos santos e irrepreensíveis diante dele *em amor".* Os comentaristas têm tomado muito tempo com esta frase, e o seu principal interesse é quanto a que parte ela pertence exatamente. Isso aparece na Versão Revisada Americana (e igualmente na ARA), que coloca "em amor" com "predestinou", que pertence ao versículo seguinte. Outros sustentam que essa expressão deve vir ligada à palavra "elegeu" -"Como também nos elegeu nele em amor, antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele". Mas, aqui, na versão Autorizada inglesa (como na ARC), ela vem ligada a "santos e irrepreensíveis diante dele" (em amor). Não se pode decidir qual das três posições é correta sobre bases lingüísticas. Não é uma questão relacionada com o sentido preciso das palavras. Ela deve ser resolvida sobre bases teológicas ou doutrinárias; pessoalmente, não hesito em asseverar que o que se vê na Versão Autorizada está certo. Ela pertence precisamente a esta definição de santidade, pois a própria expressão "diante de Deus" é uma definição de santidade. Elas dizem a mesma coisa, segundo diferentes pontos de vista.

Permitam-me explicar o ponto. Não há dúvida de que a essência da santidade é o amor. Na Epístola aos Romanos Paulo afirma que "o cumprimento da lei é o amor" (13:10). Só concebemos fielmente a santidade quando o fazemos em termos do amor. O amor é o oposto da inimizade, o oposto do ódio, o oposto da contenda.

O apóstolo está dizendo que, como resultado do fato de Deus ter nos escolhido, o que acontece é que o pecado é removido, o obstáculo entre nós e Deus é removido, e assim podemos comparecer perante Ele. E não somente isso, mas comparecemos à presença de Deus "em amor". Só pensar em comparecer à presença de Deus como o nosso juiz é algo terrível! A grandiosa realização feita a nosso favor em nossa salvação é que comparecemos perante Deus "em amor".

Este é o maior resultado da anulação dos efeitos da Queda. Como vimos, a condição do homem é por natureza exatamente o oposto desta santidade e amor. É inimizade

contra Deus; sua mente não se sujeita à lei de Deus, e na verdade não pode sujeitar-se. Muitos discutem esta asseveração e alegam que conhecem pessoas que não são cristãs, porém, crêem em Deus e adoram a Deus. Mas quando nos damos ao trabalho de verificar a espécie de deus que elas adoram, vemos que não é o Deus das Escrituras. É o deus da filosofia, um deus que elas idealizaram em suas mentes. Elas tiraram de Deus, como Ele é revelado nas Escrituras, tudo o que não lhes agrada. Elas não acreditam na ira, não acreditam no juízo, não acreditam na justiça ou no ensino sobre o derramamento do sangue de Cristo, e na morte na cruz. Rejeitam a essência da revelação bíblica, e com isso mostram que são pessoas que odeiam a Deus. "A mente carnal é inimizade contra Deus" (Romanos 8:7, VA). Quando o homem caiu, começou a odiar a Deus e, como resultado da Queda, o homem se opõe a Deus e está em inimizade contra Ele. Contudo, como resultado da salvação em Cristo, o homem comparece perante Deus "em amor".

E, pois, errado ligar as palavras "em amor" ao próximo versículo, ou à palavra "elegeu" como se elas fossem uma descrição de Deus. Elas são uma descrição de nós. Se somos cristãos, amamos a Deus e nEle temos prazer. A santidade do homem que está em Cristo, do homem cristão, não é uma conformidade mecânica com a lei, nem tampouco é mera moralidade. Uma pessoa pode ser de boa moral sem amar a santidade. Moralidade é qualidade negativa - significa não cometer pecado. Mas isso não é santidade. Santidade é algo positivo, é essencialmente uma questão de amar. O cristão ama a santidade e comparece perante Deus porque é "santo em amor". Ele tem "fome e sede de justiça", deleita-se na lei de Deus. Ele não obedece como dever; como João, em sua Primeira Epístola, capitulo 5, versículo 3, ele diz: "Os seus mandamentos não são

pesados". Isso constitui um dos melhores testes para vivermos a vida cristã? Gostamos da vida cristã? Queremos ser mais parecidos com Cristo, cada dia? São estes os testes, e eles são provas de amor. Realmente, a lei de Deus nos chama para amarmos. O nosso Senhor ensinou isto certa ocasião, quando um dia alguns homens aproximaram-se dEle, tentando apanhá-10 mediante perguntas. Perguntaram-Lhe: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" Sua resposta foi que o primeiro de todos os mandamentos é: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes" (Marcos 12:28-31) Todo o objetivo da lei de Deus é primeiro o amor, sua relação com Deus, e depois sua relação com o seu semelhante. É tudo uma questão de amor.

Portanto, devemos ser "santos e irrepreensíveis diante dele em amor", amando a Deus, amando os nossos semelhantes, amando a lei de Deus, tendo prazer nela, e não meramente nos conformando mecanicamente com um padrão moral. O ensino do apóstolo é que o fim e objetivo supremo da nossa escolha parte de Deus, da

nossa eleição, é que nos tornemos pessoas com aquele caráter. Naturalmente, não alcançaremos essa perfeição nesta existência, neste mundo; essa é a meta suprema. A vontade de Deus quanto a nós é a perfeição absoluta, e nós, cristãos, finalmente estaremos diante dEle "sem defeito e inculpáveis", "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Não haverá quem possa lançar acusação contra nós. Seremos semelhantes ao nosso Senhor. Mas não nos esqueçamos de que, embora só atinjamos perfeitamente o alvo no mundo vindouro, o processo já começou neste mundo. O princípio está em nós aqui e agora; a semente já foi implantada em nós. E isso que o apóstolo João nos ensina no capítulo 3 da sua Primeira Epístola. A realidade em foco já está em nós em embrião; em sua essência "a semente permanece" em nós (versículo 9). O autor da Epístola aos Hebreus expressa a mesma verdade no capítulo 3 da sua Epístola, onde escreve: "Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial..." (versículo 1). O cristão é participante da vocação celestial. Fomos santificados, o que significa que somos santos, e mesmo aqui e agora este princípio de santidade está em nós. Já somos "participantes da natureza divina", e a natureza divina é santa. Esta santidade essencial está em nós, e crescerá e se desenvolverá até

que finalmente estejamos em condições de perfeição absoluta, na presença de Deus. Este, diz-nos o apóstolo, é o objetivo supremo da escolha que Deus fez de nós.

Nesta altura faço uma pergunta: causa-nos surpresa que seja esta a primeira coisa que o apóstolo nos diz? Esperávamos alguma outra coisa, como por exemplo, que Deus nos escolheu para que fôssemos perdoados? Não é o que Paulo coloca primeiro; em vez disso, ele escreve, "para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Fazendo assim o apóstolo está sendo coerente com todo o ensino bíblico. Porque é que isso deve vir em primeiro lugar? A resposta é que é plano de Deus, é propósito de Deus. "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1 Tessalonicenses 4:3). O desejo de Deus quanto a nós é, primeiro, que sejamos santos, e depois, a nossa felicidade ou alguma outra coisa.
Sermos santos vem em primeiro lugar porque Deus é santo.

Lembrem-se também de que nós estamos "em Cristo". O que nos faz cristãos é que estamos em Cristo; não somente porque fomos perdoados, embora isso seja essencial. E se estamos "em Cristo", só temos que ser santos porque Ele é "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (Hebreus 7:26).

À luz disso tudo, há certas deduções essenciais que são da máxima importância. Primária e essencialmente, salvação significa estar na relação correta com Deus - nada menos do que isso. Não se deve pensar na salvação primariamente em termos da felicidade nem em termos das leis, nem da moralidade. Não se deve pensar nela, única ou primariamente, em termos do perdão. Não devemos pensar na salvação em termos da ajuda que Cristo vai nos dar, para orientação ou qualquer outra coisa.

Primeiramente, salvação significa estar na relação correta com Deus. É preciso que seja assim porque a essência do pecado é a separação de Deus. Isto nos leva a condições miseráveis e a tornar-nos escravos do diabo; mas o problema primordial é a perda da relação com Deus. Portanto, esta deve ser a primeira coisa da salvação; e se alguma vez pensamos em nossa salvação em quaisquer termos que não os da nossa reconciliação com Deus e de estarmos de bem com Deus, interpretamos mal o ensino bíblico sobre a salvação.

Em segundo lugar, visto que a nossa salvação se refere essencialmente à nossa relação com Deus, temos de pensar nela sempre e necessariamente, do principio ao fim, em termos da santidade. Daí, o apóstolo a coloca em primeiro lugar; tudo na salvação visa a esse

fim e leva a esse fim. Disso eu deduzo que não há nada que seja tão errado, e que seja uma interpretação tão falsa das Escrituras, como separar a justificação da santificação. As Escrituras ensinam que, primordialmente, a salvação envolve uma correta relação com Deus; daí sempre se deve pensar na salvação, do começo ao fim, em termos da santidade. E pois, completamente errado o homem dizer que ele tem a justificação mas que ainda não entrou na santificação. Você não pode estar justificado diante de Deus e depois decidir ser santificado. Não existe nada mais perigoso e antibíblico do que a divisão ou separação completamente ilógica destas duas coisas. A santidade é o princípio e o fim da salvação; e a salvação, em sua totalidade, visa levar-nos a esse fim.

Por isso devemos começar sempre pela santidade, como fazem as Escrituras, e, portanto, a pregação da santidade é parte essencial da evangelização. Dou ênfase a este ponto porque existem certas idéias completamente diferentes acerca da evangelização, algumas das quais de fato dizem exatamente o oposto. Há alguns que afirmam que na evangelização o pregador não trata da santificação. Seu único objetivo é "conseguir conversões"; depois é que se pode levá-los à santidade. Todavia, que é a salvação? Ser salvo é estar corretamente relacionado com Deus, e isso é santidade. O propósito geral da evangelização é, primordialmente, dizer aos homens o que o pecado fez com eles, dizer-lhes por que eles são o que são, isto é, que estão separados de Deus. É dizer-lhes que o que eles necessitam acima de tudo mais, não é que os façamos sentir-se felizes, porém, que os reconduzamos à correta relação com Deus, que é "luz, e não há nele trevas nenhumas". Mas isso significa pregar santidade. Separar estas duas coisas, parece-me, é negar um ensino bíblico essencial. Temos que começar pela santidade, e continuar com ela; porque ela é o fim para o qual fomos escolhidos e libertados. Nunca devemos pensar que a santidade é algo em que podemos decidir entrar; se você não é santo, não é cristão. Estas coisas são próprias uma da outra. Cristo "para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Não podemos dividir Cristo ou selecionar porções dEle; ou você está em Cristo, no Cristo completo, ou não está

“nele”. E se você está “nele”, você é “santo”.

Além disso, visto que fomos escolhidos para a santidade, temos que ser santos, e o seremos. Esta é uma declaração impressionante; no entanto, é necessariamente verdadeira, à luz desta

declaração do apóstolo. De acordo com Paulo, não fomos escolhidos com a possibilidade da santidade, mas para a concretização da santidade. Deus não nos escolheu antes da fundação do mundo a fim de criar para nós a possibilidade da santidade; Ele nos escolheu para a santidade. É o que Ele Se propôs a fazer para nós; não possibilidade e sim realização. Faço, pois, esta solene asseveração, que os que não valorizam esta verdade e não mostram sinais de santidade em suas vidas, não são escolhidos, não são cristãos. Ser “escolhido” e ser “santo” são inseparáveis. Por mais doutrina que o homem saiba, por mais que ele propugne pela eleição e predestinação, se nele não houver este elemento de santidade, ele não é escolhido. É possível ser intelectualmente ortodoxo e ainda assim não ser cristão. O homem que foi escolhido foi escolhido para a santidade; e se não há evidências de santidade na vida dele, isso é prova de que ele nunca foi escolhido. Estes são pensamentos solenes e, todavia, são inevitáveis à luz desta declaração das Escrituras.

Meu comentário final é que o ensino segundo o qual a escolha que Deus fez de nós é somente “em Cristo” ou por causa de Cristo, longe de levar ao chamado antinomismo, isto é, ao relaxamento na vida e no modo de viver, é o maior incentivo à santidade. Muitos têm procurado argumentar que a doutrina sobre os escolhidos leva os homens a dizerem “Se eu sou escolhido, tudo está bem, não importa o que eu faça ou deixe de fazer”. Mas a coisa não funciona desse jeito. Na verdade é precisamente o oposto que se dá, pela seguinte razão: uma vez que o propósito de Deus é que sejamos santos, esse propósito será levado a efeito. Significa que se Deus escolheu você para a salvação, Deus o fará santo. Se você tolamente não quiser ser dirigido por Deus e atraído por Seu amor, Ele empregará outro meio para torná-lo santo, visto que o escolheu. Esta verdade é indicada pelo que lemos no capítulo 12 da Epístola aos Hebreus: “A quem o Senhor ama, ele corrige” (versículo 6, VA). O homem que não está sendo corrigido é um bastardo; não é filho de Deus. Que declaração momentosa! Deus, que escolheu você para a santidade, vai torná-lo santo; e se a pregação do evangelho não o fizer, Deus tem outros meios e métodos. Ele pode abater você pela doença, pode arruinar os seus negócios. Deus o tornará santo porque o escolheu para a santidade. O antinomismo é um absurdo. Se você foi escolhido por Deus para a santidade e para ser irrepreensível, Ele o levará àquela condição; se você O desafiar, bem, então, coisas terríveis poderão acontecer com você.

Paulo explica isso também no capítulo 11 da Primeira Epístola aos Coríntios, onde, falando sobre a Ceia do Senhor, diz ele que, porque certos cristãos não examinam a

si mesmos, há entre eles “muitos fracos e doentes, e muitos que dormem”, alguns até estão mortos. Posto que eles não quiseram julgar-se a si mesmos, Deus os tinha corrigido. Nós estamos nas mãos de Deus, e fomos chamados para a santidade. E Ele quer que sejamos santos; Ele nos fará santos. Mas isso não funciona só dessa maneira, funciona também do seguinte modo. Se você crer que este ensino é verdadeiro, e se compreender o seu significado, a sua própria mente estará operando a pleno vapor em direção à santidade. Se eu sei que fui chamado para a santidade, significa que não tenho tempo a perder. O apóstolo João salienta isso dizendo que “qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). Não há o que promova a santidade como esta grande doutrina, esta verdade preciosa, que nos diz que, porquanto, fomos escolhidos por Deus, vamos estar com Ele, e vamos ser semelhantes a Ele. Não há tempo a perder; temos que pôr-nos de pé e agir. De modo algum posso dizer: “Eu fui escolhido, e, portanto, posso fazer o que eu quiser, e serei perdoado”. A coisa funciona na direção oposta. O nosso sentimento de honra está envolvido, o desejo de agradar está envolvido. Tudo fala em favor da santidade. Seja o que for que tenhamos esperado, isto vem em primeiro lugar: “Como também nos elegeu nele ... para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor”. Você sabe que está vivendo na presença de Deus, e que está andando com Ele na luz? Você O ama? Você sabe que vai estar com Ele? “Bem-aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus.”

[1]

Prefiro “pré-conhecimento” a “presciência” (ARA, ARC, Bíblia de Jerusalém etc.), porque, mormente nos tempos atuais, o leitor desavisado pode associar o termo “presciência” com a idéia de ciência , e não de conhecimento. Aliás, entre os sentidos de “presciência” consta o de “ciência inata” (Aurélio), “ciência do futuro” (Juca Filho), “ciência do porvir” (Caldas Aulete). Grego: *prognosis*. **Nota do tradutor.**

ADOÇÃO

"E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade."

-Efésios 1:4

A palavra inicial deste versículo lembra-nos a sua íntima relação com o que a antecede, onde vimos que o propósito da salvação é destruir a obra do diabo e restaurar-nos, colocando-nos numa condição em que possamos estar de novo diante de Deus, santo e irrepreensíveis em amor, e ter comunhão com Ele como Adão tinha antes da Queda. Mas a coisa não pára aí. Neste versículo 5 o apóstolo nos leva a algo ainda mais glorioso. É como se estivéssemos subindo as escadas de uma alta e maravilhosa torre. Chegamos a uma espécie de plataforma e temos uma vista gloriosa, parecendo impossível existir algo mais grandioso. Poder-se-ia pensar que não se poderia acrescentar mais nada à declaração anterior; no entanto o apóstolo lhe acrescenta algo, e o faz porque sente que não nos tinha falado tudo sobre "as abundantes riquezas" da graça de Deus. Por isso prossegue, e nos fala de mais uma verdade, a saber, que Deus "nos predestinou para filhos de adoção". Não somente estamos diante de Deus, estamos diante dEle como Seus filhos, como Seus filhos adotivos.

Há aqui também algo que é verdadeiramente estonteante em sua glória. Como é importante que vejamos devagar essas declarações, em vez de passarmos rapidamente por cima delas superficialmente, como se faz tantas vezes. Cada declaração aqui tem a sua própria mensagem individual; e se havemos de valorizá-las plenamente e regozijar-nos nelas, temos que deter-nos, analisar e examinar cada verdade, contemplá-la e deixar que a sua rica mensagem penetre nossas mentes e os nossos corações. Devemos estar vigilantes contra o perigo de contentar-nos com um mero conhecimento da letra das Escrituras, deixando de descobrir os seus princípios e as suas doutrinas. Uma análise superficial dos livros da Bíblia será finalmente inútil, a menos que nos apercebamos do riquíssimo conteúdo destas declarações individuais. A verdade é que se fizermos uma análise completa de qualquer destas Epístolas

do Novo Testamento, obteremos uma boa compreensão dos principais elementos da verdade cristã. Além disso, captar o ensino de uma Epístola ajuda-nos a ir adiante, e assim nos capacitamos a entender o ensino da Bíblia inteira. E verdadeiramente assombroso notar que encontramos aqui muitas das doutrinas primordiais e essenciais da fé cristã, logo na introdução da Epístola aos Efésios.

A declaração específica da qual estamos prestes a tratar não é meramente uma repetição do que o apóstolo estivera dizendo; é algo novo, algo adicional. Notemos

dois pontos relacionados com a tradução. A Versão Autorizada (do rei Tiago) diz assim: "Tendo nos predestinados para a adoção de crianças[1] por Jesus Cristo". Este é um daqueles casos em que infelizmente a Versão Autorizada não é tão boa como a tradução da Versão Inglesa Revista ("ERV"), que diz: "Tendo-nos preordenado para adoção como filhos". A palavra aí é "filhos", e não "crianças" como vem na Versão Autorizada. A Versão Padrão Revista Americana ("ARS V") igualmente diz "filhos"; mas, ainda mais espantosamente, vemos que a Versão Padrão Revista ("RSV") que é tão popular no presente, deixa fora o termo "adoção", sem motivo algum. Quando ela traduz precisamente a mesma palavra no capítulo 8 da Epístola aos Romanos e no capítulo 4 da Epístola aos Gálatas, usa o termo "adoção", mas aqui, em Efésios, ela o omite. Isso nos lembra a importância de usar e manusear todas estas novas versões modernas muito cuidadosa e judiciosamente.

A próxima questão que deve prender a nossa atenção é ver que o apóstolo introduz uma novas expressão. No versículo anterior ele dissera: "Como também nos elegeu"; porém agora ele escreve em termos de que Deus "nos predestinou". Tratar-se-ia apenas de uma distinção, sem qualquer diferença? A resposta é que não é isso. O apóstolo não está simplesmente se repetindo, empregando uma ligeira variação; está realmente dizendo algo novo, algo diferente. Há uma importante diferença entre "elegeu" e "predestinou". "Predestinar" significa determinar de antemão, declarar de antemão. Com esta expressão o apóstolo quer dizer que este foi o plano supremo de Deus; refere-se ao plano propriamente dito. "Eleger" ou "escolher", por outro lado, salienta o meio ou o método ou o modo pelo qual esse plano foi posto em operação e foi executado.

A diferença existente entre as duas é a diferença que existe entre a coisa predeterminada, idealizada e proposta na mente de Deus, e sua execução. Somos, pois, confrontados pela estonteante declaração de que, "antes da fundação do mundo", foi plano e propósito de Deus que certos membros da decaída raça de Adão - que tinha caído e ficado separados dEle, e que haviam ficado em desarmonia com Ele em suas mentes, e que estavam sob a Sua ira e nada mereciam senão a perdição - se tornassem Seus filhos. Esse é o plano e o propósito de Deus na redenção. Já vimos que o apóstolo expõe estas coisas numa certa ordem definida, e sempre que pensemos na salvação e na redenção devemos manter agudamente em nossas mentes que a decisão ou determinação original de Deus foi que certos membros daquela raça decaída estivessem em Sua presença como Seus filhos. Para levar a efeito essa determinação, obviamente era essencial que Deus "elegesse" e selecionasse certas pessoas que seriam levadas àquele destino glorioso. É igualmente óbvio que certas coisas tinham que ser feitas com aquelas pessoas para adequá-las e prepará-las para o seu destino. E o que tinha de ser feito era que, como vimos, elas fossem feitas "santas e irrepreensíveis em amor". Vemos assim a íntima e lógica relação entre estas coisas. Há o propósito original e, a fim de que esse propósito viesse a cumprir-se era preciso que fossem tomadas e feitas santas certas pessoas

por que, sem serem santas, não teriam a mínima possibilidade de manter-se na presença de Deus.

Noutras palavras, podemos ter nessa declaração adicional no versículo cinco uma percepção maior da razão pela qual o apóstolo afirma que fomos escolhidos para a santidade - "para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Paulo coloca primeiro a santidade porque está pensando em nossa filiação, em nosso destino final e supremo. Conquanto seja muito importante que tenhamos em mente cada uma destas verdades separadamente e de modo ordenado, não devemos pensar nelas exageradamente em termos de seqüência no tempo, ou de seqüência cronológica, porque todas estas coisas estavam na mente de Deus ao mesmo tempo. Deus vê o fim e o princípio; e não se trata aí de uma disposição cronológica, mas sim, de uma disposição lógica - a predeterminação original, a eleição original para a filiação.

Mas alguém poderá perguntar: "Se essa é a ordem lógica, por que Paulo põe "eleição" e "santidade" antes de "predestinação"? A resposta é que, do ponto de vista da experiência, "eleição" e

"santidade" vêm antes da adoção como filhos. O apóstolo estava escrevendo uma carta pastoral a certo número de cristãos, muitos dos quais eram escravos e servos, para que pudessem firmar sua fé. Por isso escreve de maneira que lhes seja o mais útil possível. Portanto, um modo simples de provar que você é filho de Deus, e se você tem mente espiritual, é perguntar a si mesmo se tudo isso lhe parece perda de tempo, ou se você vê nisso a coisa mais maravilhosa e mais gloriosa que já viu em toda a sua vida. Paulo nos põe aqui face a face com a realidade estupenda que o Deus todo-pode-roso planejou e fez para nós. Quando você examina o esquema e o plano, você sente prazer? Uma criança sempre se delicia em olhar o plano e o propósito do seu pai; e eu e você temos o privilégio de, mediante as Escrituras, ter um vislumbre do plano de Deus. Se isso não significa nada para você, quer dizer que você é um homem "natural", não um homem "espiritual". Como diz o apóstolo, "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura"; ele não vê nada nelas, e elas o aborrecem completamente. Que é que estas coisas significam para você? Elas foram escritas para pessoas muito simples, e o propósito em vista é que as captemos, as entendamos e nos regozijemos nelas.

A seguir passaremos a examinar este termo central, "adoção". "E nos predestinou para filhos de *adoção*." "Adoção" é um termo sumamente interessante. O apóstolo é o único escritor do Novo Testamento que o emprega, e há apenas uma pequena dúvida de que ele o tenha tomado do direito romano. É um termo, uma idéia, da qual os judeus nada sabiam. Não fazia parte do seu sistema legal, mas era um termo utilizado pelos romanos. Ora, o apóstolo Paulo era cidadão romano e tinha vivido

nessa atmosfera; por isso emprega naturalmente este termo. Sob a lei romana era assegurado ao filho adotivo o direito ao nome e aos bens da pessoa por quem fora adotado. No momento em que uma criança era adotada por uma pessoa, aquela criança tinha o direito legal e absoluto de fazer tais reivindicações. Por outro lado, a lei romana garantia à pessoa que adotava uma criança todos os direitos e privilégios de pai. Funcionava pelas duas maneiras.

Obviamente o apóstolo usa o termo com o fim de comunicar a idéia específica do lugar ou status de filho. É um termo puramente forense ou legal. É importante que captemos isso, porque não poderemos penetrar o privilégio da nossa posição de filhos de Deus, se

não entendermos o que significa adoção. É um termo que salienta relação e posição, e também salienta categoria e distinção. Estamos familiarizados com certas categorias da sociedade, certas distinções, que conferem privilégios atendendo à posição ou à categoria ou ao status da pessoa. Esse termo do Novo testamento incorpora este sentido. E um termo legal que define lugar ou status, categoria, privilégio e posição. Sua ênfase não é tanto à natureza da criança como à sua categoria . É evidente que a natureza é muito importante; entretanto não é isso que o termo adoção acentua.

Permitam-me ilustrar o ponto. Se você disser que alguém é filho adotivo, estará dizendo que ele não tem relação de sangue com determinado homem e determinada mulher. Ele não tem uma ligação natural com eles, mas foi adotado legalmente por eles; ocupa o lugar de filho deles, embora não participe de fato da sua natureza. É essa distinção que o apóstolo emprega aqui, e obviamente é uma distinção importante. A natureza do cristão como novo homem em Cristo, como filho, é determinada, não pela adoção, e sim pela regeneração. Tornamo-nos filhos de Deus porque nascemos de novo, porque nos tornamos "participantes da natureza divina", porque o Espírito Santo entra em nós, porque nascemos de cima, porque somos uma nova criação. Recebendo isso, nós nos tornamos filhos de Deus. Mas isso não é comunicado pelo termo "adoção", termo que não coloca ênfase na natureza que temos em comum, porém, inteiramente no lugar legal ocupado, na categoria, na posição, assim como nos privilégios provenientes dessa posição. Noutras palavras, pode-se definir adoção como proclamação da nova criatura em sua relação com Deus como Seu filho. Pela adoção, então, nos tornamos filhos de Deus, e nos são apresentados e dados os privilégios pertinentes à categoria de membros da família de Deus.

De novo alguém poderá perguntar: "Por que o apóstolo introduz este termo, e qual é exatamente a diferença entre ele e a regeneração; por que ele diferencia e distingue entre eles?" A resposta nos é dada no capítulo 4 da Epístola aos Gálatas, versículos 1 a 5. O argumento do apóstolo corre assim: "Digo, pois, que todo o tempo que o

herdeiro é menino em nada difere do servo, ainda que seja senhor de tudo; mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo, vindo, porém, a plenitude dos tempos, Deus

enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei... a fim de recebermos a adoção de filhos". Observem a distinção que Paulo traça. Um menino nasce de seus pais e tem em si a natureza de seus pais; e por causa disso ele é, num sentido, "senhor de tudo". Mas, enquanto ainda é criança, ele é pouco diferente de um servo. Na verdade, ainda está sob tutores, serviçais que podem corrigi-lo e puni-lo, e que podem ensiná-lo. Eles parecem superiores a ele e, como criança, ele pode ter esse tutor ou esse servo especial. Ele é um verdadeiro filho; não é filho adotivo, porém, não tem idade. Mas a "adoção" significa que quando a criança chega à maioridade, é feita uma declaração concernente ao seu status e à sua posição como herdeiro ou herdeira. Não é agora mais filho do que antes, entretanto há igualmente uma diferença. O filho agora ocupa um certo lugar, e a sua relação com os que o dirigiam e com os mestres tornou-se diferente. Agora eles o tratam de "senhor". Num sentido fundamental, a sua relação com os seus pais não mudou; no que se refere a seu sangue e à sua natureza, permanece exatamente o que era. Todavia, do ponto de vista da categoria e da posição legal, ele está numa posição diferente.

Agora podemos^ ver por que o apóstolo usa este termo em particular, "adoção". É como se ele não se contentasse em dizer que nos tornamos filhos de Deus pelo segundo nascimento, ele quer que nos demos conta do lugar que ocupamos, e de quais são a nossa categoria e os nossos privilégios. Aí está por que é tão difícil entender a razão dos responsáveis pela tradução dada na Versão Padrão Revista ("RSV") deixarem de fora o termo. O entendimento teológico e o entendimento espiritual evidentemente são tão importantes na obra de tradução como a proficiência lingüística, e são comprovadamente mais importantes.

Passemos então a considerar algo dos privilégios da nossa posição como filhos de Deus. Que possamos gozá-los é a finalidade principal e suprema da redenção. Não há nada que lhe seja mais elevado. A nossa adoção é a mais elevada expressão do próprio amor de Deus. Falo cautelosamente e com reverência quando afirmo que esta declaração apostólica e as declarações paralelas que se encontram no capítulo 8 de Romanos e no capitulo 4 da Epístola aos Gálatas são a mais elevada expressão do amor onipotente de Deus. Não existe nada mais elevado, como o deixa claro a maneira pela qual o apóstolo João o expõe: "Vede quão grande amor nos

tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus" (1 João 3:1). Não há nada no mundo que lhe seja comparável. O mundo está muito interessado em grandeza e louvor, está muito interessado nos grandes homens. Ele louva os grandes homens e os honra efusivamente.. Ele fala em posições privilegiadas e em

status, categoria, honorabilidade. Mas tudo o que o mundo conhece neste sentido é decadente e transitório. “Mudança vejo em tudo, e corrupção.” As honras do mundo são decadentes, só duram enquanto você está nesta vida e neste mundo. Você não pode levá-las consigo através da morte e da tumba. O modo de ser deste mundo é passageiro. O que o nosso Senhor disse acerca destas coisas e de tais pessoas foi: “Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão” (Mateus 6:5). Que desfrutem o máximo que puderem disso enquanto estiverem neste mundo.

Vejam o rico e Lázaro; que contraste! O rico tem tudo o que o mundo pode dar - alimento, bebida, honra e posição. Mas na morte ele vê que não tem nada, enquanto que o pobre Lázaro, o mendigo que jazia à sua porta neste mundo, cheio de chagas, tem tudo no outro mundo. O mundo presente nada sabe da verdadeira honra e da riqueza verdadeira. Não as entende nem as aprecia. Diga a um homem do mundo que ele pode tornar-se uma criança, um filho de Deus, e nada significará para ele. Ele não está interessado no que ele chama castelos no ar, e não os entende. O mundo não compreendeu o Filho de Deus quando Ele esteve aqui; repudiou-O vendo nEle apenas o carpinteiro; não viu glória nenhuma nEle. Todavia os Seus fiéis discípulos O entenderam, e diziam com João “Vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Eles viram refulgir a glória apesar de Ele ter assumido a forma de servo. Esta glória continuou a transparecer; e eles a viam. Alguns deles a viram no Monte da Transfiguração, e a viram noutros lugares. E a glória que pela adoção é dada aos filhos de Deus é semelhante àquela glória. Como diz o escritor de hinos:

Este mundo tenebroso a desconhece.

O mundo não conhece os seus verdadeiros grandes homens, os seus reais heróis. Os nossos livros de história indicam que os homens aos quais o mundo dá recompensas, geralmente não têm valor, no sentido espiritual, ao passo que os homens verdadeiramente grandes foram objetos de riso, foram ridicularizados em

seus dias e em sua geração.

A glória que Deus dá é invisível, mas é real, porque é dada por Ele. Permitam-me mencionar algumas das suas manifestações nos privilégios que nos são dados como filhos adotados por Deus. O primeiro é que levamos o nome de Deus; somos filhos de Deus, somos membros da Sua família. Paulo nos lembra isso no final do capítulo 2 desta Epístola - somos “da família de Deus”. Você está acabrunhado, você se sente ignorado, você está desanimado com o fato de que o mundo não o conhece? Você acha que não é importante, e que não importa o que os homens lhe façam? Deixe que eles o desprezem, o rejeitem e o ignorem, bem como a tudo o que você faz; ignore-os, e cante com Horatius Bonar:

Os homens não te ouvem, não te amam, não te louvam;

O Mestre te elogia - o que, então, são os homens ?

Você é filho de Deus; o nome de Deus está sobre você, o "novo nome" de Cristo, na expressão do livro de Apocalipse. Seu novo nome é escrito em você, e se você se sentir desprezado e estiver acabrunhado, junte-se ao escritor de hinos na oração:

Teu novo nome escreve em meu coração,

O Teu nome de amor, o Teu melhor nome.

Seu novo nome já está lá; Deus mesmo o escreveu porque Ele adotou você. Você tem direito legal a ele, pode reivindicá-lo. Assim, alce o seu coração e obedeça à exortação de John Cennick:

Filhos do celeste Rei,

Peregrinando, cantai suavemente.

Erga a cabeça, você tem a glória da qual o mundo nada sabe, glória que jamais se desvanecerá. É indestrutível e imaculada.

O estupendo dom de amor contemplemos,

Dom que o Pai nos concedeu - A nós, filhos dos homens, pecadores -Chamar-nos filhos de Deus!

O próximo aspecto que temos de compreender é que nos é dado

o Espírito do próprio Filho de Deus, do Filho unigênito. Paulo expõe isso de maneia gloriosa também em Gálatas, capítulo 4, versículos 4 a 6: "Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: aba, Pai". Devido sermos filhos, temos este privilégio, que Deus enviou aos nossos corações o mesmo Espírito que estava em Seu Filho unigênito. Quando o Senhor Jesus Cristo estava neste mundo como homem, foi-Lhe dado o Espírito Santo. E-nos dito que "não lhe dá Deus o espírito por medida" (João 3:34). Ele foi habilitado a fazer o que fez pelo Espírito, e nos é dito que, desde que somos filhos, Deus põe em nós o mesmo Espírito que estava em Seu Filho unigênito. Que privilégio! Estamos no mesmo mundo e sujeitos à mesma contradição dos pecadores. Em Sua vida terrena Ele foi mal compreendido pelo povo, foi tentado em todos os pontos como nós, porém sem pecado. Tudo quanto nós temos de suportar, Ele suportou, e passou triunfalmente por tudo. Foi o Espírito que O capacitou a isso, e o mesmo Espírito está em nós. Ele tinha que orar como nós; Ele dependia deste poder como nós.

Ele Se determinou a viver como homem, e o fez dessa maneira.

Pois bem, dado sermos filhos, somos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Romanos 8:17, ARA). Se você está interessado em honras e posses, veja que, devido você ser filho de Deus, é um herdeiro de Deus. A adoção confere o direito legal à propriedade. Somos "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo". "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus"; "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra" (Mateus 5:3,5).

Além disso, temos uma definida e segura esperança da consumação da nossa redenção final. Paulo nos garante isso em Romanos, capítulo 8, versículo 23: "E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". Noutras palavras, o argumento é que, visto que sou filho de Deus, posso estar seguro de que virá o dia em que até o meu corpo será redimido. O meu espírito, a minha alma, já foi redimida, mas o meu corpo é ainda corpo do pecado. Ainda não foi redimido, contudo o será, e tenho certeza disso porque sou filho de Deus. A minha filiação é uma garantia absoluta da bênção. Isso garante, por sua vez, a

vinda do dia em que todos estaremos gozando o que se chama "a gloriosa liberdade dos filhos de Deus", quando nos "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" estaremos livres do pecado e de tudo o que possa nos contaminar (2 Pedro 3:13). Tudo é seguro e certo porque Deus é meu Pai e eu sou Seu filho. E é porque Ele é meu Pai e eu sou Seu filho que eu sei que "até mesmo os cabelos da minha cabeça estão todos contados" (Mateus 10:30), que nada me pode acontecer à parte de Deus. Sei que nem o inferno nem qualquer outro poder serão capazes de separar-me do amor de Cristo. Sou Seu filho, e Ele nunca me abandonará. Não pode fazê-lo. Tenho a garantia de que, embora tudo se oponha a mim neste mundo, prosseguirei firmemente; Ele me conduzirá adiante, porque sou Sua criança, Seu filho.

Escrevendo aos Coríntios, o apóstolo vai além e diz: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?", e logo acrescenta: "Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?" (1 Coríntios 6:2-3). Fomos destinados a julgar os anjos porque somos filhos de Deus. Somos superiores aos anjos. Eles são apenas "espíritos ministradores". Haverá um dia em que estaremos julgando os anjos de Deus em todo o seu brilho e pureza. Seremos elevados a esse nível porque somos filhos de Deus. Esse é o grande argumento do capítulo 2 da Epístola aos Hebreus. Cristo foi feito por algum tempo um pouco menor do que os anjos; mas Deus nos elevou a um nível mais alto que o dos anjos. Você se apercebe destes privilégios? Se nos apercebêssemos, nunca seriamos culpados de um espírito de escravidão e temor. Teríamos em nós este "Espírito de adoção"? Clamamos "Aba, Pai"? Acaso compreendemos estas coisas e nos regozijamos nelas? Esse é o teste pelo qual se prova se somos guiados pelo Espírito. "Porque todos os que são guiados pelo

Espírito de Deus", afirma Paulo em Romanos 8:14, "estes são filhos de Deus".

Façamos uma pausa e meditemos nestas coisas. Despertemo--nos para a percepção, mediante o Espírito, do que significam a adoção e as coisas dela decorrentes. Gastemos menos tempo com os jornais e com toda a conversa sobre honras do mundo. Encaremos estas coisas; elas dizem respeito a nós. Nós, na qualidade de cristãos, fomos predestinados para a adoção de filhos por Jesus Cristo para Deus Pai. Louvado seja Deus por ter olhado para nós, míseros pecadores condenados, e por nos haver exaltado a uma glória tão indescritivelmente sublime.

1

"Children" no original, termo que primariamente significa "crianças" e secundariamente "filhos". Nota do tradutor.

10

SUPERIOR A ADÃO

"E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado. " - Efésios 1:4

Devemos lembrar-nos de que nos versículos 4, 5 e 6, o apóstolo está interessado em mostrar a parte que o Pai desempenha nesta grande redenção que usufruímos. Ele irá adiante para mostrar a parte desempenhada pelo Filho e, subsequentemente a parte desempenhada pelo Espírito Santo; mas começa pelo Pai, "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", e já vimos que isso inclui a nossa adoção como filhos de Deus e todos os privilégios que nos vêm como resultado disso. No entanto, não podemos abandonar este grande assunto neste ponto, porque no momento em que o examinamos atentamente vemos que certos princípios estão incluídos nesta declaração, princípios que são de vital importância para aposição cristã e que, se os negligenciarmos ou os entendermos mal, poderemos provavelmente estar militando contra o nosso bem-estar. Como cristãos, ainda estamos neste mundo, e estamos cercados de inimigos e de antagonistas. O fato de que nos tornamos cristãos não significa que tudo vai ser simples e claro, que não teremos dificuldades e que não haverá mais riscos e armadilhas em nosso caminho.

Não se pode ler o Novo Testamento sem que veja que logo no início da história da Igreja os erros começaram a insinuar-se, começaram a surgir heresias, e alguns se desviaram em sua doutrina e entenderam mal certos aspectos da verdade. Pode-se dizer, na verdade, que, em sua maior parte, as Epístolas do Novo Testamento foram escritas para corrigir os mal-entendidos e os erros; e é por isso mesmo que nós estamos considerando estas coisas. Ainda estamos na mesma situação. O nosso interesse nestas coisas não é meramente teórico. Isso mesmo o apóstolo nos faz lembrar na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículo 33, dizendo que "as más conversações corrompem os bons costumes", com o que ele quer dizer que, se nos desviarmos em nossa doutrina, a nossa vida acabará por desviar-se também. Não podemos separar o que o homem crê do que ele é. Por essa razão a doutrina é vitalmente

importante. Certas pessoas dizem ignorantemente: "Não acredito em doutrina; acredito no Senhor Jesus Cristo, sou salvo, sou cristão e nada mais importa". Falar desse jeito é cortejar desastre, e por esta razão: o próprio Novo Testamento nos adverte desse perigo. Temos que nos guardar do perigo de sermos "levados em roda por todo o vento de doutrina", pois, se a sua doutrina se desviar, logo a sua vida sofrerá também. É, pois, necessário que estudemos as doutrinas para nos

protegermos de certos ensinos errôneos e heréticos que são tão numerosos e comuns no mundo atual como o foram nos dias da Igreja Primitiva.

Passemos então a estudar um pouco mais a afirmação categórica do apóstolo, que é que Deus "nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade". Consideremos primeiro a luz que essa afirmação lança sobre o ensino tão comum hoje acerca da fraternidade universal do homem.

É corrente a idéia de que Deus é o Pai de todos, que, portanto, todos são filhos de Deus, e aquilo que o evangelho ressalta muito - especialmente na apresentação que os evangélicos fazem dele - a respeito da necessidade da morte de Cristo na cruz, é completamente desnecessário e não passa de um tipo de legalismo judaico. O ensino de que falo assevera que os judeus, como muitos outros povos primitivos, acreditavam que os deuses tinham de ser aplacados por meio de sofrimentos; mas, naturalmente, isso tudo não tem a mínima relação com o único Deus vivo e verdadeiro, que é amor. Os propugnadores desses ensinos afirmam que, se tão-somente entendêssemos apropriadamente o ensino do Novo Testamento, saberíamos que Deus é nosso Pai e que Ele é o Pai de todos os homens. Não há necessidade de se falar em conversão e regeneração e novo nascimento, e de se fizer que a cruz é absolutamente vital e central. Todos são filhos de Deus, argumentam eles, e Deus é um Pai amoroso. Considerar o pecado com demasiada seriedade é mórbido e nada saudável, e não passa de restos do legalismo judaico. Se pecarmos, nosso Pai nos perdoará gratuita e imediatamente. Não precisamos incomodar-nos com essas coisas; pois, sendo todos os homens filhos de Deus, todos vão para o céu. Todas as advertências acerca do inferno, do castigo, da retribuição, dizem eles, devem ser banidas de nossas mentes e da nossa terminologia. Devemos livrar-nos, uma vez por todas, das idéias legalistas que especialmente o apóstolo Paulo inseriu enganosamente no original e primitivo evangelho de Cristo, sendo este nada mais que a elaboração do tema único segundo o qual Deus é nosso Pai e que Deus ama todos os homens.

Os que sustentam tais idéias não se limitam meramente a fazer

declarações; tentam comprovar pelas Escrituras o que eles dizem. Eles assinalam que o próprio apóstolo Paulo, pregando sobre Deus aos atenienses, disse: "Somos também sua geração"; e então eles perguntam: "Isso não é suficiente?" Além disso, dizem eles, lemos na Epístola aos Hebreus, capítulo 12, versículo 9: "Não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos?" Aí, dizem eles, está uma afirmação de que Deus é o Pai de todos os espíritos, dos espíritos de todos os homens. Depois nos é dito na Epístola de Tiago, capítulo primeiro, que Deus é o "Pai das luzes", o que significa que Ele é o Pai da luz que há em todo homem. Eles lançam diante de nós essas afirmações e nos desafiam a contestá-las.

Contestamos dizendo que, certamente, ninguém pode ler a Bíblia, ainda que de modo superficial, sem ver claramente que ela ensina que há uma divisão fundamental e central da humanidade em dois grupos. Há os que pertencem a Deus, e há os que não pertencem a Deus, existem pessoas que são de Deus, e pessoas que estão fora da Sua aliança, existem os bons e os maus, os salvos e os perdidos, os que vão para a bem-aventurança eterna, e os que vão para a perdição eterna.

Essa divisão começa com Abel e Caim, continua com os que foram salvos do Dilúvio na arca e os que se perderam - a família de Noé e todo o resto do mundo. Depois vemos essa divisão em Abraão e todos os seus descendentes, em distinção de todas as outras nações. Vemo-la no ensino concernente ao caminho largo e ao caminho estreito, e também a vemos numa variedade de metáforas. Essa divisão percorre nitidamente todas as Escrituras, até que no livro de Apocalipse vemos os que estão dentro da cidade celestial, em contraste com os que estão fora, com os cães e com os destinados à perdição. Como, porém, conciliar isso com as declarações anteriormente citadas de Atos, capítulo 17, e de outras passagens? A resposta, como já vimos anteriormente, é que Deus é o Pai de todos os homens no sentido de que Ele é o Criador de todos os homens. Ele é o originador da humanidade toda; e quando nos é dito que todos nós somos "sua geração", quer dizer que todos nós somos produto da Sua obra, da Sua atividade; somos todos produto da Sua criação. E é nesse sentido que Ele é "o Pai dos espíritos".

Mas não vamos ficar nisso; há declarações específicas das Escrituras que expõem a divisão ainda mais fortemente. Deus, no Velho Testamento, diz repetidamente dos filhos de Israel: "Israel é meu filho" (e.g., Êxodo 4:22). Ele não descreve outros povos como Seus filhos. Vejam depois a declaração que temos nesta mesma Epístola, onde Paulo diz: "Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da

nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também" (2:3). Éramos filhos da ira por natureza, diz o apóstolo. O Senhor nos dá pessoalmente o mesmo ensino quando, numa discussão com os escribas e fariseus, Ele se refere aos Seus antagonistas como filhos do diabo. Diz ele: "Vós tendes por pai ao diabo". E mais: "Se Deus fosse o vosso Pai, certamente me amaríeis" (João 8:42,44). Vocês não podem dizer, é o que praticamente Ele está dizendo, que Deus é seu Pai, porque vocês estão provando que Deus não é seu Pai. Como filhos do diabo, vocês são semelhantes ao pai de vocês, e pertencem ao seu pai. Se vocês fossem filhos de Deus, vocês Me amariam. Entretanto vocês não Me amam e, portanto, não são filhos de Deus. Vem então aquela declaração específica no Evangelho Segundo João, capítulo primeiro, versículo 12: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus". Êvidente-mente, eles não eram filhos de Deus como eram, porém a alguns foram dados o direito e

autoridade de tornar-se filhos de Deus em decorrência de haverem recebido o Senhor Jesus Cristo. Obviamente, o argumento é que, se eles não O receberam, não são filhos de Deus, e não têm direito de chamar-se e de considerar-se Seus filhos, como tampouco têm autoridade para isso.

Há também a declaração que consta em Romanos 8:14: "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus". Tais declarações são certamente suficientes para o trato desta questão. E aqui, no texto que estamos considerando agora, ele está presente de maneira muito explícita. O Pai nos predestinou; é essencial que nos lembremos de que o apóstolo está escrevendo unicamente para os cristãos. Ele está escrevendo somente para os membros das igrejas, não uma carta geral para o mundo. Todo o seu objetivo é mostrar aos cristãos que eles não pertencem mais ao mundo. São um "povo santo", o povo que fora "chamado para a santidade", irrepreensível, para estar "diante dele em amor". Não estão mais "mortos em ofensas e pecados", não são mais "filhos da ira", como os outros também". São pessoas especiais, que se tornaram cristãs; e é somente dessas pessoas que ele declara que foram predestinadas "para filhos de adoção".

Portanto, vemos claramente que não há nada que mais contradiga o claro ensino das Escrituras, do princípio ao fim, do que a idéia de que Deus é Pai universal de todos, que todos são Seus filhos, e que finalmente todos vão para o céu. Na verdade, não hesito em asseverar que não existe ensino que seja, de maneira final, tão prejudicial às nossas

almas e à salvação delas como este ensino acerca da paternidade universal de Deus. Se Deus fosse o Pai de todos nesse sentido, o Senhor Jesus Cristo jamais teria vindo a este mundo. Por isso, quando avaliarmos as nossas almas e as dos outros, rejeitemos com repulsa essas noções pervertidas, e façamos tudo o que pudermos para libertar outros das garras de tal ensino.

Positivamente, e em segundo lugar, podemos dizer que toda a ênfase desta passagem é que só nos tornamos filhos no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Ele também é indispensável : "Como também nos elegeu *nele* antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". E ainda: "E nos predestinou para filhos de adoção *por Jesus Cristo,* para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado." À luz destas palavras é quase inconcebível que alguém alguma vez se extravie com relação a este assunto. Há somente uma explicação do fato de que muitos se extraviam; é o poder do diabo! O apóstolo fica repetindo estas declarações a respeito do Senhor Jesus Cristo. Ele vai repetindo as suas ênfases, "nele", "por ele", "por meio dele", "no Amado"; e faz isso porque está ansioso para mostrar que é somente em Cristo que nos tornamos filhos de Deus.
O ensino errôneo acaba com a necessidade de Cristo, porque alega que, por nossa

própria criação e por nosso próprio ser, somos todos filhos de Deus.

Temos de compreender que unicamente "a todos quantos o receberam" é que o Senhor Jesus Cristo dá o direito, a autoridade, de se tornarem filhos de Deus. Disse o Senhor: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). Ele é absolutamente indispensável. Se Ele não tivesse vindo do céu, nenhum de nós jamais nos tornaríamos filhos de Deus, teríamos permanecido "filhos da ira". É só como resultado de tudo o que começou na encarnação, no nascimento em Belém, em tudo o que Ele fez e foi, em tudo o que Ele ainda é e faz - é só como resultado desses acontecimentos que nos tomamos filhos de Deus. Se não vemos que a encarnação é uma necessidade absoluta, que a obediência à lei tinha que ser efetuada, que Ele precisava sofrer e morrer, que Ele tinha que levar sobre Si os nossos pecados, que fazer a expiação, e reconciliar-nos com Deus - se não compreendemos e não vemos que tudo isso era absolutamente indispensável antes de podermos tornar-nos filhos de Deus, ainda estamos em nossos pecados, estamos agasalhando uma ilusão, e no dia final, quando formos para a frente imaginando que somos filhos, ver-nos-emos

confrontados com as palavras: "Nunca vos conheci: apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade" (Mateus 7:23).

O apóstolo faz cuidadoso uso das palavras. Notem que, quanto à nossa santidade, ele afirma que estamos "nele", mas, quanto à adoção, ele diz "por Jesus Cristo". É em decorrência da minha união com Cristo, ou por meio da obra realizada por Cristo que eu recebo a adoção e me torno filho de Deus. Noutras palavras "por meio de" ou "por" ressalta a obra que Cristo realizou, as coisas que Ele teve que fazer antes de eu vir a ser filho.

Devemos salvaguardar esta doutrina pela seguinte consideração: conquanto nos regozijemos no fato de que somos filhos de Deus - os filhos de Deus em Cristo Jesus - temos que traçar clara distinção entre a Sua filiação e a nossa, para que não nos desviemos doutra maneira. Somos "filhos de Deus", mas não do mesmo modo como o Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus. Ele é o Filho de Deus por geração eterna; somos filhos de Deus por adoção. Foi por causa dessa distinção que o nosso Senhor, no fim da Sua vida terrena, disse a um dos Seus discípulos: "Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus" (João 20:17). Ele não disse: "Subo para o nosso Pai e o nosso Deus". A nossa filiação é derivada, nós a derivamos dEle; isso porque fomos adotados "nele".

Para expormos esta verdade ainda mais explicitamente, precisamos ver com clareza que não somos deuses; não nos tornamos divinos, nesse sentido. Apesar de ser verdade que somos participantes da natureza divina, continuamos sendo seres humanos. O Senhor Jesus Cristo é a "Substância da Substância eterna", "Verdadeiro

Deus de Verdadeiro Deus". [1] Ele é essencialmente diferente de nós; todavia fomos adotados e introduzidos na família. É impossível compreender isso; mas é importante que o reconheçamos, porque às vezes certas pessoas que têm ensinado erroneamente que cristãos se tornam deuses, se tornam divinos. Não há ensino disso nas Escrituras. O lugar que ocupamos, a nossa posição, a nossa classe é de filhos adotivos. Há um sentido em que podemos chamar o Senhor Jesus Cristo nosso Irmão, porém, devemos fazê-lo com cautela. Ele é eternamente o Filho de Deus que assumiu a natureza humana. Nós somos humanos, adotados como membros da família de Deus, e recebemos os privilégios, a posição e o status próprios da filiação.

Outro ponto que deve receber a nossa atenção é a pergunta: a quem

pertence esta filiação? Diz o apóstolo Paulo: "E *nos* predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo". Aplica-se a todos os cristãos, ou somente a alguns cristãos? Levanto esta questão porque há um ensino de que nem todos os cristãos se tornam filhos de Deus, que essa adoção só se refere a alguns. Diz este ensino que todos os cristãos são "crianças" de Deus, mas somente certos cristãos especiais se tornam "filhos de Deus". Há alguns anos foi dada notoriedade a esse ensino por certas pessoas que se arrogavam um grau de santidade incomum, uma peculiar profundidade de instrução doutrinária. Elas alegavam que tinham avançado mais que os outros cristãos e que, portanto, tinham direito de separar-se dos outros por causa da profundidade do seu conhecimento doutrinário. O ensino delas era que, enquanto que todos os cristãos são crianças,[2] nem todos os cristãos se tornam filhos. Iam além e ensinavam que somente os filhos terão parte na "primeira ressurreição". Somente eles têm direito de estar "com Cristo" As crianças (a prole cristã em geral, diziam aquelas pessoas, não estarão com Cristo, serão deixadas na terra; mas os filhos estarão com Cristo sempre, e gozarão Sua glória de maneira excepcional. Trata-se de um ensino que separa os cristãos em "crianças" e "filhos".

As bases deste ensino errôneo eram como segue. Seus propugnadores diziam que na Versão Revista Inglesa ("RV") a tradução de Mateus capítulo 5, versículo 9 diz: "Bem-aventurados os pacificadores porque serão chamados/í7/zíw *de Deus"*. Depois, no versículo 45 de Mateus capítulo 5, é dito aos cristãos que amem os seus inimigos, "para que sejais filhos do vosso Pai que está no céu". Igualmente em Lucas 20:36 nos é dito que os cristãos "são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição".[3] Também alegam que nos capítulos 3 e 4 de Gálatas há diferença entre os santos do Velho Testamento e os filhos do Novo, que somente estes últimos são chamados filhos no sentido mais elevado. À luz do ensino das Escrituras propriamente dita, aquela doutrina é totalmente falsa. Realmente não temos necessidade de ir além deste versículo 5 deste capítulo primeiro da Epístola aos Efésios: "E *nos* predestinou para *filhos* de adoção". O apóstolo está claramente se referindo a si próprio e a todos os cristãos aos quais estava escrevendo, membros das igrejas de Éfeso e Colossos e a várias outras igrejas às quais esta carta

circular estava sendo enviada. Ele não diz: “predestinou a certo número dentre nós”, “predestinou a uns poucos elementos seletos dentre nós”, para adoção de filhos por Jesus Cristo para si mesmo”. O que ele diz é “E nos predestinou” - a todos os cristãos, sem nenhuma divisão, sem nenhuma distinção.

E não somente isso, nas Escrituras, particularmente nas Epístolas, os termos “crianças” e “filhos” são sempre usados um pelo outro. Não há exemplo mais perfeito disso do que no capítulo 8 da Epístola aos Romanos, onde o apóstolo trata da questão da filiação. Diz ele: “Não recebeste o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (versículo 15). E continua: “O mesmo espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (versículo 16). É evidente que ele está escrevendo acerca das pessoas que ele tinha acabado de descrever como “filhos”. Mas aí ele lhes chama “crianças” (“progênie”): E, se nós somos filhos (VA, “children”, crianças, prole), somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo”. No mesmo parágrafo, como parte de um só argumento, ele usa os termos “filhos” e “crianças”, um pelo outro.[4]

Há, no entanto, uma declaração mais notável ainda no capítulo 3 da Epístola aos Gálatas, versículo 26, na tradução da Versão Revisada Inglesa: “Pois todos vós sois filhos de Deus, pela fé em Cristo Jesus”. Todos filhos de Deus pela fé! E de novo em Gálatas, e capítulo 4: “Pelo que já não és mais servo, mas filho; e se filho, [5] logo também herdeiro de Deus por meio de Cristo”. Exatamente o mesmo é o argumento da Epístola aos Romanos, onde Paulo usa a palavra “criança”.

Mas talvez a prova final do erro total do referido ensino seja a que se acha nos escritos do apóstolo João. No Evangelho e nas suas Epístolas, ele nunca emprega a palavra “filhos”; sempre usa a palavra “crianças”. Às vezes a Versão Autorizada traz “filhos”, porém é um erro. A palavra que João usa no original é sempre “crianças”. Claramente se vê que o apóstolo João estava ciente da distinção à qual o falso ensino de que falamos dá tanta ênfase.

Como o diabo é astuto! Ele vem como anjo de luz e traça divisões e distinções que não se vêem nas Escrituras. Ele confunde os cristãos e os ilude, levando-os a imaginar que eles têm algo superior, algo esotérico, algo que só é entendido pelos poucos especiais e que não

se pode ensinar à maioria dos cristãos porque não estão preparados para recebê-lo. Quão importante é que leiamos com cuidadosa atenção as Escrituras! “E nos predestinou para filhos de adoção”. Todos os cristãos são filhos de Deus; compartilham os mesmos privilégios na terra, e gozarão os mesmos privilégios no céu, e por toda a eternidade. Não existe nenhuma dessas graduações. Graças a Deus, todos nós somos, pela graça de Deus em Cristo, filhos de Deus na mesma posição

privilegiada.

Finalmente, ao sai destas questões de heresia e de falso ensino, permitam-me concluir com algo que alegrará os nossos corações, espero, e nos habilitará a ver quão maravilhosa é essa declaração. Coloco-o na forma de uma proposição. A redenção não fica só no desfazer os efeitos da Queda e do pecado; vai além! Começo dizendo que na passagem em foco nos é dito que Cristo e a Sua obra têm o propósito de desfazer os efeitos da Queda e do pecado. Mas Paulo nos diz ali que Deus foi além disso dando-nos em Cristo esta adoção como filhos. Algo do significado disso vem à luz na comparação que o apóstolo faz no capítulo 5 da Epístola aos Romanos, onde ele usa as expressões "em Adão" e "em Cristo". Somos todos por natureza descendentes de Adão. Adão foi criado perfeito e em estado de inocência. Foi colocado no Paraíso, no Jardim do Éden, e foi capacitado a gozar comunhão com Deus. Todavia, ele ainda era apenas criatura. Certamente era o senhor da criação, porém na alta posição que ocupava e em sua perfeição, nunca foi mais do que isso. Mas em Cristo estamos numa posição diferente. Como o apóstolo nos diz no capítulo 15 da Primeira Epístola aos Coríntios: "O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu. Adão era perfeito, Adão era inocente, Adão foi feito à imagem e semelhança de Deus, entretanto nunca foi "participante da natureza divina". Como já vimos, esse privilégio não nos faz deuses; mas isso não faz diferença para nós. Fomos colocados numa nova relação com Deus que nem mesmo Adão gozou.

Os cristãos estão "em Cristo". Nesta qualidade, fomos elevados a um nível mais alto que o de Adão. Embora perfeito, Adão estava sujeito a cair e fracassar; todavia - e o digo com reverência e para a glória de Deus - os que estão "em Cristo" jamais poderão cair definitivamente, jamais se perderão. "Ninguém as arrebatará da minha mão" (João 10:2829). Cristo, em Sua obra, não somente desfez os trágicos resultados da Queda, não somente riscou os nossos pecados; Ele promoveu a nossa posição. "Onde o pecado abundou, superabundou a graça", declara Paulo em Romanos 5:20. Isaac Watts, numa grandiosa estrofe lamentavelmente muitas vezes deixada fora de seu hino que começa com as

palavras, "Jesus reinará onde quer que o sol...", diz:

Não haverá mais a morte e maldição

Onde Ele mostra o Seu poder de cura.

Eis que as tribos de Adão se gloriarão Em mais bênçãos que as que seu pai perdeu.

Essa é a exposição da verdade concernente a nós. Em Cristo não somente as bênçãos que Adão perdeu são restabelecidas para nós, mas nos são dadas muito mais; nesta

nova relação com Deus que usufruímos em Cristo, ocupamos uma posição mais elevada que a de Adão. A bênção, a promessa de filiação, não é só para os pacificadores, não é só para os que se empenham estrênuos em sua vida cristã. Não permita Deus que eu induza alguém ao pecado, mas permitam-me dizer o seguinte, firmado na autoridade da Palavra de Deus: mesmo que você tenha caído em grave pecado em sua vida pregressa, agora, como crente em Cristo, você é progênie de Deus, é filho de Deus adotado para esta nova relação, é-lhe dada nova categoria, novo status, nova posição, você é elevado a um nível até mais alto do que o de Adão antes dá Queda. E embora a verdade seja que nesta vida, neste mundo, só gozamos alguns dos privilégios, honras e bênçãos ligados à nova posição, sabemos que todos eles são apenas as "primícias", são apenas o "antegozo". "O dia de glória breve virá", quando O veremos "como ele é", e, sendo "semelhantes a ele", entraremos no gozo de todas as prerrogativas e de todos os privilégios da nossa filiação celestial. Esta é e sempre será a verdade pertinente a todos os cristãos, a todos os que pertencem a Cristo, e a todos os que estão "nele".

1

Credo Niceno. Nota do Tradutor.

2

Complementando nota anterior: "Children" significa etimologicamente "pro-gênie", "prole"; literalmente, (do) ventre.

3

Nas três passagens aí citadas, onde a *Revised Version* **diz "sons" a** *Authorized Version* **diz "children". Notas do tradutor.**

4

Authorized Version: **"son" , as duas vezes no versículo; grego:** *yios*

5

Tekna. Notas do tradutor.

11

A GLÓRIA DE DEUS

"Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no amado."
-Efésios 1:6

Deus fez por nós tudo o que estivemos considerando, e tudo o que o apóstolo passa a dizer-nos, "segundo o beneplácito de sua vontade" (versículo 5). Ele não foi movido a fazer isso tudo por algo existente em nós; é tudo inteiramente dEle próprio. A salvação não é segundo o desejo ou pedido do homem. A salvação não é uma resposta de Deus a algo existente no homem; é inteiramente de Deus. Ele foi movido por Sua graça, misericórdia e compaixão. O apóstolo estivera dando ênfase a esta verdade; e agora ele passa a dar-nos a razão pela qual Deus agiu dessa maneira. Aqui temos o grande motivo que está por trás da redenção, o propósito supremo na mente e na sabedoria de Deus, que leva a todas as bênçãos resultantes deste grande propósito de salvação. O motivo supremo é "para louvor e glória da sua graça". É tudo para a glória de Deus.

Mas o que é espantoso, na verdade quase incrível, é que Deus teve o propósito de revelar essa glória em nós e por meio de nós. Fomos escolhidos para sermos santos, e para filhos de adoção, para que fôssemos "para louvor e glória da sua graça". Notem como todas estas declarações são inter-relacionadas, e como todas elas, separadamente e juntas, destinam-se ao "louvor e glória da sua graça". O apóstolo nos mostra como devemos considerar-nos a nós mesmos à luz disso tudo, e como devemos reagir a tudo isso. Não existe prova mais completa da nossa profissão de fé cristã do que a nossa atitude para com estas coisas. Acaso corresponde aos termos que as Escrituras sempre usam quando fazem referência a algum aspecto do plano de redenção? A Bíblia sempre se refere ao advento do Filho de Deus a este mundo em termos emocionantes. Os profetas do Velho Testamento sobem às maiores alturas quando profetizam a vinda do Filho de Deus a este mundo. Pensem, por exemplo, como Isaias escreve sobre isso e sobe às maiores culminâncias no capítulo 40 do seu livro.

Dá-se o mesmo com todos os escritores proféticos. O Novo Testamento retoma o tema, e especialmente naquelas passagens

gloriosas que tratam da vinda de Cristo ao mundo. "Grande é o mistério da piedade", diz Paulo. Ele sempre irrompe em louvor e ação de graças quando contempla a glória de Deus em nossa redenção. É o que há de mais espantoso já sucedido ou por suceder neste mundo. A vinda do Filho de Deus do céu a este mundo, na Bíblia é sempre um tema para louvor e glória e ação de graças. Pergunto, pois, se é essa a

nossa reação a tal fato. Seria esse o seu efeito sobre nós? Como seres humanos, todos tendemos a mostrar as nossas reações, os nossos entusiasmos. Basta vocês passarem por um campo de futebol numa tarde de sábado[1] e ouvirão o povo expressar-se de maneira muito definida. A mesma coisa acontece quando as pessoas ouvem uma peça ou quando vêem algo que lhes agrada. Quando lêem um livro que lhes agrada, sentem necessidade de falar e conversar com alguém sobre ele. Porventura nós, cristãos, fazemos o mesmo com relação ao advento do Filho de Deus a este mundo? As vezes tenho receio de que a maioria das pessoas que estão fora da igreja hoje se negue a ouvir o evangelho principalmente porque não lhe damos a impressão de que este é o fato mais maravilhoso que já aconteceu. Não cantamos Seus louvores e nem engrandecemos a graça e a glória de Deus como devíamos. Por isso o povo fica indiferente. Neste versículo o apóstolo nos lembra que toda a atmosfera da igreja deve ser de louvor: "Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado". Passemos, pois, a procurar descobrir o que é que evoca este louvor e adoração e ação de graças.

A primeira e maior verdade concernente à salvação é que é uma revelação da glória de Deus - "para louvor e glória da sua graça", ou, se o preferirem, "Para o louvor da sua glória como se manifesta em sua graça e por meio desta". Esta é a principal razão para o louvor. É quase impossível dizer algo sobre "a glória de Deus" porque a nossa linguagem, a nossa terminologia, as nossas palavras são completamente inadequadas para transmitir algum sentido verdadeiro dela. No entanto, podemos dizer que "a glória de Deus" é a natureza essencial de Deus; é o que faz de Deus Deus. É nos dito no capítulo primeiro da Epístola aos Hebreus, versículo 3, que o Senhor Jesus Cristo não somente é "a expressa imagem" da Pessoa

de Deus, mas também a refulgência, o resplendor da glória de Deus. Se há um termo que descreve Deus mais que qualquer outro é o termo "glória". Inclui beleza, majestade, ou melhor ainda, esplendor. Inclui também a idéia de grandeza, poder e eternidade. Todos esses termos estão incluídos neste termo único, "glória". Não podemos ir além disto. Este fulgo resplendente é sugerido na expressão utilizada pelo apóstolo João em sua Primeira Epístola: "Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma" (1:5). A primeira e maior verdade acerca da salvação é que ela nos revela a glória de Deus, a majestade, o esplendor de Deus. No Velho Testamento vemos que esse é o termo sempre utilizado para comunicar a presença imediata de Deus. No Primeiro livro de Reis, capítulo 8, lemos que a glória do Senhor encheu o templo, e em muitos lugares se nos diz que a glória de Deus sempre habitava o átrio interior, no recesso do tabernáculo, como também do templo. Havia lá os querubins que ficavam por cima do assento da misericórdia (propiciatório) e da arca da aliança, e havia a glória da Shekinah.[2] É nos dito que mesmo o sumo sacerdote só podia entrar uma vez por ano no lugar santíssimo, e então, não sem sangue. Isso porque a glória de Deus habitava ali. Isso nos dá uma idéia da glória transcendental de Deus, e notamos que ela é geralmente associada

à concepção da nossa salvação. A glória e o assento da misericórdia acham-se juntos no mesmo lugar santo, no recesso interior, no "lugar santíssimo".

Geralmente a glória de Deus é mencionada em conexão com as ações de Deus para com o homem na salvação, de algum modo. É sumamente interessante rastrear esse fato através do Velho Testamento. É deveras surpreendente que a primeira vez que o encontramos é imediatamente após o homem haver caído em pecado. Antes disso somos informados de que Deus tinha comunhão com o homem e o homem com Deus, no Paraíso. Tudo era perfeito, mas o homem deu ouvidos ao diabo e, como punição por sua rebelião e por ser pecado, ele foi expulso do Jardim. Que lástima! Depois nos é dito que no extremo leste do Jardim Deus colocou querubins e uma espada flamejante para impedir que o homem voltasse ao Paraíso e tivesse acesso à Arvore da Vida. Devemos entender que a espada flamejante e os querubins são uma manifestação da glória

de Deus. A glória de Deus leva ao castigo do homem pecador, e o mantém em seu lugar, antes de revelar-lhe um meio para o perdão e para a reconciliação. Lemos que Abraão recebeu um vislumbre desse "meio" em Gênesis, capítulo 15. Semelhantemente, lemos que os filhos de Israel quando jornadeavam do Egito para Canaã, foram guiados por uma coluna de nuvem de dia e por uma coluna de fogo de noite. Foi um exemplo das manifestações que Deus fazia da Sua glória ao Seu povo, em conexão com a sua libertação.

Recordamos também a descrição que Isaias faz do que aconteceu quando ele foi chamado para o seu ofício profético. Foi-lhe dada a visão de um templo que "o séquito" do Senhor enchia, e ele diz: "E os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumo" (Isaias 6:1-4). A glória do Senhor manifestou-se a ele, e ele disse: "Sou um homem de lábios impuros"; a experiência o deixou completamente humilde.

Mas é quando chegamos ao Novo Testamento que vemos este elemento com maior clareza. No lírico anúncio da encarnação feito aos pastores quando eles guardavam os seus rebanhos de noite, vemos que de súbito se ouviu uma multidão dos exércitos celestiais que louvavam e diziam: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens". Observem a ordem. Nasceu o Salvador, o Menino, na manjedoura da estrebaria de Belém; entretanto o responso dos exércitos celestiais foi: "Glória a Deus nas alturas", e só depois disso, "paz na terra, boa vontade para com os homens". No momento em que se menciona a salvação, a glória de Deus é que fica mais proeminente. A salvação a revela mais que qualquer outra coisa, e não admira que Paulo escreva a Timóteo dizendo que o que lhe fora confiado é "o evangelho da glória do Deus bendito". Escrevendo aos Coríntios, ele diz: "Deus, que

disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações,

para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:6). Quando o Filho de Deus veio a este mundo, acima de tudo o mais, Ele estava revelando a glória de Deus. "E vimos a sua glória" (João 1:14).

E dessa maneira que devemos pensar em nossa salvação. Será que ela nos enche de um sentimento de encanto, louvor e admiração? Compreendemos que fomos chamados "para louvor e glória da sua graça"? Assim como o principal elemento do pecado é que não damos a Deus a glória devida a Seu nome, assim o principal quanto à salvação deve ser que ela nos leva à percepção da glória

de Deus. A nossa idéia de pecado extraviou-se. Inclinamo-nos a considerar certas ações como pecaminosas, e quando dizemos que pecamos, queremos apenas dizer que fizemos algo errado e que estamos sofrendo as conseqüências disso. Tudo isso é verdade sobre o pecado, porém a real essência do pecado é que não estamos dando a Deus a glória que Lhe é devida. Originariamente o homem foi feito para glorificar a Deus. "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-10 para sempre", como no-lo faz lembrar o *Breve Catecismo;* e o caráter odioso do pecado é que ele não tem como glorificar a Deus. De igual modo, quando pensamos na salvação, não devemos fazê-lo, em primeira instância, em termos da nossa libertação de pecados particulares, nem mesmo da nossa condenação. Ela inclui isso, é claro, mas o principal acerca da salvação é que por meio dela nos é revelada a glória de Deus, a glória do Seu amor e da Sua graça que nos alcançaram onde nós estávamos. O nosso pensamento acerca da salvação sempre deve ser, primordialmente, em termos da glória de Deus. Com base escriturística, esta deve ser a nossa principal crítica a toda evangelização que simplesmente salienta os grandes benefícios que recebemos, e a nossa libertação em vários aspectos, e que nunca mencione a glória de Deus revelada nisso tudo.

Devemos ressaltar que a nossa salvação é a maior e mais elevada manifestação da glória de Deus. A glória de Deus se manifesta em tudo quanto Deus faz. Vê-se na natureza - "Os céus proclamam a glória de Deus" (Salmo 19:1, ARA). Não vemos esta glória porque estamos cegos em conseqüência do pecado. Olhamos para os céus e pensamos nas estrelas em termos da visão à distância que os cientistas têm. Mas o salmista vê a glória de Deus. Deus fez os astros e os colocou em ordem; colocou os planetas em suas órbitas. As estações do ano também dão testemunho da Sua glória. Todavia o homem em pecado não vê isso; ele "adora a criatura e não o criador". A glória de Deus manifesta-se nas flores, na verdade em todas as coisas da criação; são obras das "suas mãos" (Salmo 8); mas o homem em pecado está cego para as manifestações da glória de Deus.

Vê-se igualmente a glória de Deus na história. Examinada profundamente, vê-se que Deus exerce o Seu domínio sobre ela. Os homens falam dos seus planos e ambições, e das suas guerras; contudo é evidente o domínio de Deus sobre estas coisas todas.

Os fatos da história estão sob a mão todo-poderosa de Deus. Vê-se isso

de maneira particularmente clara na história registrada no Velho Testamento em casos tais como o Dilúvio, a libertação do jugo do Egito, a divisão do Mar Vermelho, a divisão das águas do Rio Jordão, e especialmente na dádiva da lei de Deus no Monte Sinai.

Mas o que estou acentuando é que em nossa redenção no Senhor Jesus Cristo, vemos a glória de Deus em seu auge. Em primeiro lugar , é na redenção que vemos mais plenamente a sabedoria de Deus. Vê-se isso, repito, na natureza e na história, porém para vê-lo em sua glória genuína vocês terão que vê-lo "na face de Jesus Cristo".

Nada, senão a sabedoria de Deus, poderia engrandecer a nossa salvação. Temos notado as condições do homem em todas as suas dificuldades resultantes do pecado. Os livros de história nos dizem o que o mundo tem feito a respeito. O homem planejou os seus esquemas destinados a produzir as suas utopias, confiou na educação, na política e em intermináveis outros remédios; no entanto tudo acabou em fracasso, como o prova o estado em que se encontra o mundo moderno. A sabedoria do homem sempre "dá em nada", conforme Paulo lembra a igreja de Corinto (1 Coríntios 2:6, VA). Repito: nada, senão a sabedoria de Deus poderia engendrar a nossa salvação. Pode se vê-la no juízo sobre o mundo mediante o dilúvio. Se víssemos as coisas pelo entendimento cristão, toda vez que ouvíssemos o estrugir do trovão louvaríamos a Deus, ouvindo nesse estrugir uma manifestação de Seu poder. Ora, tudo isso não é nada, comparado com Seu poder na redenção. Seu poder derrotando satanás e reduzindo a nada toda a sua obra, por um lado, e todas as bênção positivas que recebemos, por outro lado, ensinam a mesma lição. Daí Paulo dizer no versículo 18 do capítulo que estamos estudando: "Tendo iluminado os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus". Para remi-nos Deus teve que agir face ao poder de satanás e face ao poder da morte. Ele agiu, e os dominou e os venceu, como também dominou e venceu tudo quanto se opunha ao nosso bem-estar.

A glória de Deus é igualmente revelada em Sua santidade e em Sua justiça. A lei antiga, dada por meio de Moisés, tinha revelado a santidade, a retidão e a justiça de Deus, e a Sua visão do pecado, e

a Sua condenação do pecado; mas, para uma plena manifestação da santidade e da justiça de Deus, temos que correr para o Calvário. Há somente uma resposta à pergunta quanto a por que Cristo tinha que morrer - a santidade de Deus! Tal é a santidade de Deus que Ele não poderia fazer algo salvadoramente pelo pecador sem

fazer algo com o pecado; nada menos que a morte de Seu Filho poderia satisfazer as santas exigências deste Deus justo. Assim, na cruz Ele O "propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça" (Romanos 3:25 e 26).

Acima de tudo mais, porém, a glória de Deus nos foi revelada em Sua graça. Deve surgir em nossas mentes a questão sobre por que, em vista da nossa rebelião, arrogância e pecado, Deus faria algo pelo nosso bem. A resposta acha-se em Sua graça; e vocês nada saberão disso, enquanto não o virem "na face de Jesus Cristo" e na graça que dela flui. Foi em vista disso que Samuel Davies bradou em seu grandioso hino:

Maravilhoso Deus, todas as coisas que fazes Inigualáveis são, e divinais;

Mas as fulgentes glórias da Tua graça Resplendent sem rival, e muito mais!

Aí se vê o Seu amor, e a glória desse amor.

Ainda mais assombroso, em certo sentido, é o fato, ao qual já fiz alusão, de que a glória de Deus deve revelar-se finalmente em nós e por meio de nós. Deus nos escolheu para a santidade, predestinou-nos para filhos de adoção, com essa finalidade. Fazendo de nós Seus filhos, fazendo-nos santos, Deus revela a glória da Sua santidade. Notem como Paulo expõe isso no capítulo 3, versículo 10, desta Epístola: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus". O apóstolo Pedro diz, à sua maneira: "para as quais coisas os anjos desejam bem atentar". Eles não entendem bem o assunto, mas "atentam bem" para ele. "Todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas", diz o nossos Senhor ao Pai no Evangelho Segundo João, capítulo 17; "e nisso sou glorificado" (versículo 10). Diz Ele também: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mateus 5:16). Fomos chamados "para louvor e glória da sua graça". Devemos viver e conduzir-nos de tal

maneira que quando os homens e as mulheres nos virem eles sejam compelidos a dizer: "Que Deus glorioso! Nada pode explicar essas pessoas, salvo a glória de Deus onipotente".

Como devemos ver a nós mesmos à luz destas verdades todas? Eis a resposta do apóstolo: fomos chamados. Sabemos que Ele "nos fez agradáveis a si no Amado". Desafortunadamente, a Versão Revista Inglesa ("ERV") e a Versão Padrão Revista ("RSV") (como também a ARA) perderam completamente o rumo em sua tradução aqui. Dizem elas: "Para louvor da glória da sua graça (da sua gloriosa graça) que ele nos concedeu gratuitamente no Amado". A tradução da Versão Autorizada diz: "nos fez aceitos no Amado". Essa tradução chega mais perto do que o apóstolo escreveu, mas mesmo aí não aparece o verdadeiro sentido. A palavra que

o apóstolo usou aqui é a mesma utilizada no Evangelho Segundo Lucas, capítulo primeiro, 28: “E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: salve, agraciada; o Senhor é contigo: bendita és tu entre as mulheres” (VA: ”... Salve, tu que és altamente favorecida...”). A referida palavra é a que significa “altamente favorecida”. Portanto, devemos traduzi-la exatamente da mesma maneira nesta Epístola, e dizer: “Para o louvor da glória da sua graça, sabemos que ele nos favoreceu altamente no Amado”. Certamente é esse o sentido que o apóstolo estava interessado em comunicar! Com relação a nós ele usa á mesma palavra que o arcanjo acerca da virgem Maria: “Salve tu que és altamente favorecida”. Significa que, dentre todas as mulheres, Deus escolheu Maria para que por ela nascesse o Seu Filho. Ela fora criada para isso, para que o Filho de Deus nascesse do seu ventre.

O apóstolo fala de maneira semelhante a nosso respeito. Ele já nos dissera que fomos predestinados para a adoção como filhos. Todavia é até mais grandioso do que isto! Não somente fomos feitos filhos de Deus, mas Cristo vem estar dentro de nós - “Cristo em vós, esperança da glória” (Colossenses 1:27). Como Ele estivera fisicamente em Maria, assim Ele está espiritualmente em cada um de nós, que somos filhos de Deus. “O Santo, que de tí há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35). Sim, e visto que somos participantes da natureza divina, Cristo, por assim dizer, nasceu em nós, e assim como Maria, somos “altamente favorecidos”. Deus nos elegeu, não sabemos por que, mas sabemos, sim, que isto significa que somos “altamente favorecidos”. Deus, em Sua infinita sabedoria, e em Seu infinito amor, graça e misericórdia, antes da fundação

do mundo, decidiu que eu e você fôssemos “altamente favorecidos”, e que por Sua graça, não somente fôssemos redimidos dos estragos e das conseqüências do pecado, e fôssemos adotados para sermos da Sua família, porém também que em nós o Seu Filho viesse habitar, e os nossos corpos se tornassem “templo do Espírito Santo”. Este é o conceito que o apóstolo tinha do cristão; e é como deveríamos pensar habitualmente de nós mesmos enquanto peregrinamos neste mundo.

Por que sou o que sou como cristão? Há somente uma resposta: porque fui “altamente favorecido” pela graça de Deus. A Ele dou toda a glória - “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:31). Seria assim que você vê a sua salvação? Você está dando a Deus toda a glória, ou está reservando um pouco para você? Você anda dizendo que é a sua fé que o salva? Se é o que faz, você o está fazendo em detrimento a glória de Deus. A glória é inteiramente dEle - “para o louvor da glória da sua graça, pela qual ele nos favoreceu altamente no Amado”.

1

Na Inglaterra os jogos de futebol são geralmente realizados aos sábados à tarde.

2

Palavra hebraica que salienta a permanente presença ou habitação de Deus com Sua glória. Nota do Tradutor.

12

"NO AMADO"

"Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no amado." - Efésios 1:6

Agora precisamos examinar as duas últimas palavras deste versículo 6 - "no Amado". Elas constituem um destes magníficos sumários do evangelho. Como vimos, o apóstolo salienta que sempre devemos pensar no evangelho em termos da glória de Deus. É tudo "para louvor e glória da sua graça" Ele nos faz lembrar também, especialmente neste versículo 6, os extraordinários privilégios que gozamos por sermos aceitos (altamente favorecidos) "no Amado". Então o apóstolo passa a dizer-nos como Deus manifestou a Sua glória em nossa salvação; é "no Amado". Cada bênção de Deus que o homem goze é sempre no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Noutras palavras, temos o direito de dizer que a glória de Deus se revela suprema, final e mais completamente no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle.

Observamos de novo a referência do apóstolo ao nosso Senhor. Notamos anteriormente a maneira pela qual o apóstolo fica repetindo o nome do Senhor Jesus Cristo. Ele O menciona duas vezes no versículo primeiro, chamando-se a si mesmo "apóstolo de Jesus Cristo" e referindo-se aos santos como "fiéis em Cristo Jesus". Ele O menciona uma vez no versículo 2: "A vós graça, e paz, da parte de Deus nosso Pai e da do Senhor Jesus Cristo". É óbvio que nada dava ao apóstolo maior prazer do que referir-se ao nome do Senhor. Vemos o nome duas vezes no versículo 3: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Paulo nunca O deixa só; constantemente introduz o nome. Depois O menciona de novo no versículo 4: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". Ele parece temer que nós O esqueçamos ou O deixemos fora do nosso pensamento. Mais uma vez, vemos o nome no versículo 5: "E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade". E depois, subitamente, no fim do versículo 6, em

vez de dizer "para o louvor da glória da sua graça, pela qual nos fez aceitos no Senhor Jesus Cristo" (VA), ele diz, "pela qual nos fez aceitos *no Amado"*.

Devemos indagar por que o apóstolo variou os termos. Podemos ter toda a certeza de que não foi acidental. Ele está escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, de modo que nada que ele faz é acidental. Ele estivera usando as expressões "Jesus Cristo", "O Senhor Jesus Cristo" e "Cristo", mas de repente fala "no Amado". Por quê? Ao passarmos a considerar isto, lembremo-nos de que quando lemos as

Escrituras nunca devemos considerar coisa alguma como ponto pacífico; devemos estar sempre vivos e alertas, e sempre prontos a fazer perguntas. Quão facilmente podemos perder as grandes bênçãos que se acham logo na introdução de uma Epístola como esta, simplesmente por passar ligeiramente pelos termos, como se eles não fossem importantes! O apóstolo diz deliberadamente "no Amado", e não *"no* Senhor Jesus Cristo", nem "em Jesus Cristo", nem "em Cristo". Ele o faz, opino eu, porque está interessado em assinalar toda a sua força e intensidade - o que, afinal de contas, *é o* que há de mais maravilhoso acerca desta grande salvação. É glorioso e maravilhoso eu e vocês sermos feitos santos; é igualmente maravilhpso que, pela adoção, sejamos transformados em filhos de Deus. É quase incrível, mas não obstante, é verdade que é por meio de pessoas como nós que Deus vai finalmente mostrar aos "principados e potestades nos lugares celestiais" a Sua multiforme sabedoria; é pela Igreja que Ele planeja manifestar a glória da Sua sabedoria. Entretanto o mais maravilhoso acerca desta salvação é o modo pelo qual Deus fez tudo isso. Ele o fez, diz o apóstolo, chegando ao ponto culminante do seu clímax: "no Amado".

Observemos a sua ênfase. Esta é a chave que nos introduz em todo o mistério da encarnação, e de tudo quanto Deus fez em Seu Filho. É "no Amado". A primeira mensagem que esta frase nos transmite é acerca da *Pessoa* do Senhor Jesus Cristo. É a maneira pela qual Paulo nos lembra que Jesus Cristo é o Amado Filho de Deus, "O Filho unigênito" de Deus. É isso que torna o cristianismo e a salvação contida nele, único, separado e diferente de tudo mais. Ele não é o registro das tentativas feitas pelo homem para subir a Deus e para encontrar Deus; é o registro do que Deus fez, especialmente do que fez por meio de Seu Filho unigênito. "O Amado" é a

expressão sempre utilizada para dar ênfase a esta verdade. Vemo-la, por exemplo, em conexão com o batismo do nosso Senhor. Veio uma voz do céu que dizia: "Este é o meu filho amado, em quem me comprazo: escutai-o" (Mateus 17:5). Cada vez que, por assim dizer, o véu do céu é recuado um pouco, e é dado ao homem um vislumbre da glória eterna mediante o Filho, a expressão empregada é essa.

O Senhor mesmo também usou o termo "amado" em Sua parábola sobre os lavradores maus. Ele mostra em Sua história como o senhor tinha enviado vários servos à sua vinha para ver que os lavradores fizessem o trabalho bem feito, adverti-los, etc. Mas eles os mataram a todos. Então o senhor disse consigo mesmo: "Mandarei o meu filho amado, talvez que, vendo-o, o respeitem" (Mateus 21:37; cf. Lucas 20:13). O nosso Senhor usa a expressão descrevendo-Se a Si próprio nessa parábola, sabendo que é a expressão que o Seu Pai celeste habitual e caracteristicamente usa a Seu respeito - "o Amado". Tudo isso acentua o fato de que nossa redenção foi elaborada e efetuada mediante o unigênito Filho de Deus. Vimos que nos tornamos filhos por adoção, porém que Ele é filho por geração eterna. Ele é um com o Pai, uma só substância, indivisivelmente. O Filho unigênito do Pai,

gerado eternamente pelo Pai - um com o Pai, indivisivelmente, inseparavelmente. O termo "amado" comunica-nos isso tudo; e é evidente que o apóstolo o usou deliberadamente a fim de assinalar esse aspecto da verdade e dar-lhe ênfase. "O Amado" não é outra coisa que não a Substância da Substância eterna - Deus, o Filho eterno.

Vimos também que, como resultado de havermos sido feitos santos, e da nossa adoção como filhos, devemos viver "para o louvor da glória de Deus". E o mundo deve ver algo da glória de Deus em nós e por meio de nós. Mas a glória de Deus se manifestou em sua plenitude e intensidade na Pessoa de Seu Filho, "o Amado". O autor da Epístola aos Hebreus expressa-o com as palavras: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas, pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas" (1:1-3). O nosso Senhor é "o resplendor da glória de Deus", é a "expressa imagem da Pessoa de Deus". Portanto, o que nos é dito

aqui é que a nossa redenção foi realizada, e foi possibilitada, porque Deus enviou a este mundo o Seu Filho amado, o resplendor da Sua glória e a expressa imagem da Sua Pessoa, o fulgor, a reful-gência da glória, da majestade e do resplendor de Deus.

Do mesmo modo, o apóstolo João, no prólogo do seu Evangelho, no versículo 14, diz: "Vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". "Vimos a sua glória." Embora tenha vindo na semelhança da carne pecaminosa; embora tenha Se humilhado e assumido a forma de servo, vimos algo do esplendor da glória. Ele e outros o tinham visto no Monte da Transfiguração, e noutros lugares, e o tinham visto após a ressurreição do Senhor.

Assim, quando considerarmos a grande declaração destes versículos, e quando pensarmos na glória de Deus como esta se manifestou na redenção dos homens, nunca nos esqueçamos de que este é o ponto máximo da manifestação daquela glória, que Deus mesmo veio, na Pessoa do Filho, do Amado, dAquele em Quem "habita corporalmente toda a plenitude da divindade". No homem Jesus vemos "o Verbo feito carne". Tudo isso nos é comunicado pela expressão "o Amado". Contudo, o Filho não é apenas o "unigênito", nem somente "a expressa imagem" da Pessoa de Deus, e o "resplendor da sua glória"; graças a esta relação, Ele é Aquele que o Pai ama desde toda a eternidade. Deus nos ama, não porém desse modo. Nunca houve um começo do amor do Pai por Seu Filho. Ele é "o Amado", o Ser à parte, Aquele que sempre usufruiu a totalidade do amor de Deus, Aquele em Quem todo o amor e toda a afeição de Deus estão centralizados, e em Quem eles permanecem. Não há nenhum termo que expresse com tanta perfeição, e tão completamente, a relação entre

o Pai e o Filho como esta expressão "o Amado". Por isso quando pensarmos no bebê de Belém, quando pensarmos no significado da encarnação, lembremo-nos de quem foi que Deus enviou - Seu Filho, "o Amado"; Aquele que é amado eternamente. Foi Ele que veio ao mundo para salvar-nos.

Agora, entretanto, vamos examinar esta expressão como uma medida do amor do Pai para conosco. O apóstolo estivera acentuando, como a Bíblia toda acentua, que a nossa salvação é resultado do amor, da graça e da misericórdia de Deus, Mas, se realmente conhecêssemos o amor de Deus, haveríamos de compreender algo da verdade acerca da Sua Pessoa. Os que dizem que crêem no amor

de Deus sem crerem no Senhor Jesus Cristo, estão simplesmente manifestando a sua ignorância do amor de Deus. Há pessoas que são estultas ao ponto de dizerem que não podem crer no nascimento virginal e na encarnação, que não podem crer na expiação e na punição do pecado, por causa da sua fé no amor de Deus. No entanto, com isso elas estão meramente manifestando a sua ignorância fundamental do amor de Deus. Para ter algum conhecimento do amor de Deus, a pessoa precisa ter algum entendimento do que aconteceu *no* Filho de Deus e *com* Ele, com "o Amado". É nEle que verdadeiramente temos a medida do amor de Deus. Já o fato de que Deus O enviou a este mundo, é em sí estupendo. Não podemos conceber estas coisas; as nossas mentes são pequenas demais, e vacilam em face desta idéia. Não podemos conceber a eternidade, presos como estamos à noção de tempo. Nós somos finitos, nossas mentes são finitas, e assim, todo o nosso pensamento é limitado. É nos difícil captar a idéia de que nunca houve início para Deus O Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, que Eles existem de eternidade a eternidade.

O fato é que o Senhor Jesus Cristo, o Filho, estava no seio do Pai desde toda a eternidade. Essa é a expressão empregada pelo apóstolo João no prólogo do Evangelho que ele escreveu: "O Filho unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (ARA). Ele esteve eternamente no seio do Pai, gozando pura e perfeita bem--aventurança, o amor, a santidade, a glória do céu e da eternidade; e a verdade estupenda que nos é dita quanto à nossa salvação é que "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho" (Gálatas 4:4), enviou-0 daquela glória, do céu e do fulgor, esplendor e magnificência daquela realidade; enviou-0 ao mundo.

O Pai O enviou. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito" (João 3:16). É somente à luz desse fato que começamos a avaliar o eterno amor de Deus. Foi Seu Filho bem--amado, Seu filho unigênito, que Deus enviou com essa missão terrível, e a um povo terrível. A semelhança do pai de que fala a parábola sobre os lavradores maus, Deus, o Pai eterno, envia Seu Filho, Seu único Filho. Ele tinha enviado os Seus profetas e outros líderes, todavia eles tinham sido rejeitados e a sua mensagem tinha sido ignorada; mas agora chegou o tempo em que o Pai eterno diz: enviarei Meu Filho, Meu Filho amado, eu O enviarei a eles.

Ademais, se é que havemos de ter algum conceito sobre o amor de Deus, temos qije ler os quatro Evangelhos, e em nossas mentes e

em nossa imaginação precisamos pensar em Deus, o Pai, olhando do alto para nós e observando e vigiando o que estava acontecendo com o Seu amado Filho. Certamente todos os pais têm alguma experiência disso. Eles enviam os filhos às jornadas da vida, e os observam, mantêm os olhos postos neles, vêem a aproximação dos temporais e das provações, e os observam com interesse, com amor, às vezes tremendo por eles, cheios de temos por eles. Multipliquem isso pelo infinito, e ainda não poderão conceber o que significou para o Pai eterno enviar o Seu Filho ao mar de pecado e de iniqüidade neste mundo. Tal é o amor de Deus. Ele vê os homens insultando o Seu Filho, vê-os rir-se dEle, vê os homens apanharem pedras para atirar nEle, no Seu bem-amado Filho. O Deus que do nada fez o mundo, e que poderia dar cabo dele num instante, o Deus para quem nada é impossível, olha e vê o mundo recusar o Seu "Amado", persegui-lO e feri-lO. Aí temos certa medida do amor de Deus. Quando vocês lerem essa história nos quatro Evangelhos, lembrem-se de que é sobre "o Amado" que vocês estarão lendo, e que o Pai está sempre vendo Seu Bem-amado e o tratamento que o mundo Lhe dá.

Apressemo-nos, porém, ao que há de mais estupendo. Vemo--ÍO subir cambaleando ao Calvário, vemo-10 cravado num madeiro. E o Pai continua vendo isso tudo. O Amado finalmente é rejeitado, desprezado pelos homens, cuspido, açoitado, odiado, ultrajado, cravado no madeiro. Não podemos conceber a agonia, o sofrimento, a vergonha nisso envolvidos. O Pai olha para o Seu bem-amado Filho enquanto Ele suporta a contradição dos pecadores contra Si mesmo. Essa é a medida do amor de Deus. Como o apóstolo Paulo expressa no capítulo 8 da Epístola aos Romanos, Ele "nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós". Ele não poupou o Amado, apesar de amá-10 com aquele amor eterno desde toda a eternidade, e com toda a intensidade do Seu divino ser; apesar de ser Ele "o Amado", Seu Pai não O poupou. Não Lhe poupou nenhum sofrimento. O Senhor "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos"; Ele O feriu, Ele O afligiu com os açoites que nós merecíamos. E a razão pela qual Ele não lhe poupou nenhum sofrimento foi que eu e vocês pudéssemos ser perdoados.

Teu único Filho não poupaste, Mas pelo mundo mau O deste

De graça, com aquele ser bendito Tudo entregaste.

Se vocês quiserem ter algum conhecimento do amor de Deus, deverão começar com esta expressão, "o Amado". É deste "Amado" que Paulo afirma que Deus "o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Ele fez do Seu Bem-amado uma oferta pelo pecado a nosso favor, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus.

Agora examinemos essa expressão por um momento, como sendo a medida do amor do Filho. Nós a estivemos examinando como medida do amor do Pai; examinemo-la agora pelo outro lado. Não devemos compará-Los, seria um erro e uma tolice. E, todavia, há uma diferença entre um pai e um filho, e o Senhor Jesus Cristo é o Filho de Deus, eternamente, e filiação é filiação para Ele também. Assim, podemos examinar o amor do Filho e o que a consecução da nossa salvação significou para Ele. Tentem pensar por um momento no auto-esvaziamento que ocorreu na encarnação em termos da expressão "o Amado". Aquele que estivera no seio do Pai desde toda a eternidade, gozando pura e perfeita bem-aventurança, decide deixá-lo por algum tempo. Aquele por meio de quem todas as coisas subsistem, a Palavra eterna, o Verbo de Deus, a expressa imagem da Pessoa de Deus, humilha-Se a Si mesmo, despe-Se da insígnia, dos sinais da Sua glória eterna, e diz: "Eis-Me aqui, envia-Me". Dispôs-Se voluntariamente a tornar-Se homem, assumir a natureza humana, a pôr de lado as prerrogativas da Sua posição e da Sua singular relação com o Pai. E esteve no ventre da virgem. Foi "o Amado" que esteve lá, passando por todo o processo de desenvolvimento como embrião. E inimaginável, é difícil de aceitar; mas é verdade. Chegou depois a hora em que Ele nasceu numa estrebaria e, por falta de berço, foi colocado numa manjedoura.

Quem é esse desvalido infante? É "o Amado" - Aquele sobre quem o amor de Deus é derramado desde toda a eternidade. Agora Ele tem experiência da fraqueza e do desamparo. Sigam a história toda - o sofrimento, a incompreensão, "a contradição dos pecadores". Ele passou dezoito anos aparentemente desconhecido. Na verdade até os trinta anos de idade. Aquele que tinha experimentado toda a plenitude de Deus diretamente em amor, agora Se humilhou e Se colocou em tal situação que Ele sabe o que é estar

só, sentir-Se abandonado e encontrar-Se face a face com a contradição dos pecadores. Aquele que criou todas as coisas está sofrendo nas mãos das mesmas pessoas que Ele criou. Essa é a medida do Seu amor. Vejam o desprezo e a perseguição que se seguiram. Não podemos entender o que tudo isso significou para Ele, exceto à luz desta expressão , "o Amado". Quão alegres deveríamos ficar porque o apóstolo não disse aqui, "no Senhor Jesus Cristo", mas, "no Amado"!

A enormidade do paradoxo deste amor, a realidade que não há mente humana que possa abarcar, é que, quando vocês se põem aos pés da cruz, vocês ouvem estas palavras: "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?" Todos os outros O tinham abandonado, Seus discípulos O tinham deixado, mas agora Ele clama: "Deus meu, Deus meu, por que *(tu)* me desamparaste?" Aquele que lança este brado é "o Amado". Aquele que Se aquecera ao calor do amor eterno desde a eternidade, sem interrupção. Ele chega ao ponto de perder a visão da face e do sorriso do Seu Pai. E Ele experimentou isso por mim e por vocês. Se Ele tivesse recuado, não seriamos salvos, não seriamos perdoados, não seriamos cristãos, não seriamos filhos

do segundo nascimento. O "Amado" desceu até a ignomínia e morreu. Seu corpo foi posto num sepulcro e rolaram uma pedra para fechar-lhe a abertura. Ele desceu ao inferno - "o Amado" . Ele desceu "às partes mais baixas da terra". Ele, que tinha feito todas as coisas do nada. E foi por nós, e pela nossa salvação. Somente quando compreendemos quem é que está sofrendo dessa maneira é que compreenderemos a profundidade e a intensidade do Seu amor para conosco.

O nosso pensamento final é que esta expressão, "o Amado", fala-nos da nossa relação com Deus. Até aqui falamos da *Sua* relação com Deus; vejamos agora a expressão no sentido da *nossa* relação com Deus. Subamos com o apóstolo, degrau após degrau, à medida que ele sobe essa tremenda escada. Fomos chamados, fomos escolhidos para a santidade, para a filiação, para o louvor da glória de Deus - si, e mais alto ainda, como esta palavra nos lembra. E para sermos amados por Deus como igualmente o Seu Filho foi amado por Ele. Será que fui longe demais? Estaria exagerando? Será que de repente dei rédeas à imaginação? Estarei ultrapassando as Escrituras? Respondo citando as palavras do próprio Filho em Sua oração sacerdotal registrada em João capítulo 17, versículo 23:

"Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim" - e então, e o mais estonteante - "e que os tens amado a eles como me tens amado a mim". Isso vai além da filiação; de fato, significa uma intimidade de comunhão com Deus que compartimos com o Filho. Não é apenas uma questão de grau ou de posição, não é meramente que fomos adotados legalmente: o Pai agora nos ama como sempre amou o Filho. É estonteante e estupendo!

O apóstolo não diz isso somente aqui, mas o diz noutros lugares também. Na Epístola aos Colossenses ele faz um apelo quanto à conduta ética, à moralidade e ao comportamento, e eis como ele o coloca: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia" (3:2). Notem como ele nos descreve: "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus", "santos" - mas ainda mais maravilhoso, "amados". Somos os amados de Deus. É o ponto apical da nossa salvação e redenção, que o Cristo que desceu da glória à terra e foi ao Hades, ressuscitou e nos levou para o alto conSigo. Ele nos colocou numa posição na qual somos amados como Ele é amado, "santos, e amados". Paulo diz a mesma coisa na Segunda Epístola aos Tessalonicenses: "Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor" (2:13). Não somos somente irmãos, somos amados, "amados do Senhor", "por (nos) ter elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade".

Vocês estão persuadidos, estão satisfeitos? Percebem que essa é a elevação máxima da salvação? É porque tudo o que temos é "no Amado" que nos tornamos "os amados" de Deus. Deus ama o cristão como ama o Filho; compartilhamos este amor,

nada menos. Porventura vocês nunca se sentiram tentados a pensar que Deus não é justo com vocês, que Deus os está tratando com muita dureza e sem bondade? Nunca mais dêem guarida a esse pensamento. Quer vocês entendam o que lhes está acontecendo quer não, esta é a verdade concernente a vocês. Em Cristo, e porque Ele é "o Amado", vocês também são os amados de Deus. Somos "irmãos amados do Senhor".

"O Filho de Deus tornou-Se Filho do Homem," disse Calvino, "para que os filhos dos homens fossem feitos filhos de Deus." Sim, e eu acrescento: "amados de Deus," porque estamos "no Amado".

REDENÇÃO

"Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça." - Efésios 1:7

Temos aí outro exemplo das magníficas declarações que aparecem profusamente neste capítulo primeiro da Epístola aos Efésios; uma declaração que em si resume toda a essência e conteúdo do evangelho cristão e da fé cristã. Há um sentido em que uma pessoa sente que quando lê um versículo como este, não há necessidade de nada mais. E, todavia, a história da Igreja mostra que todas as declarações como esta requerem exposição. É assim porque, apesar de sermos cristãos, ainda não somos perfeitos. Somos propensos e estamos sujeitos ao erro, e nos inclinamos para a heresia; e a história da doutrina da Igreja mostra abundantemente que é com relação a tais declarações que com freqüência tem havido maior confusão na mente e no coração do povo cristão. Absolutamente não é de admirar, pois estamos aqui face a face com o coração do evangelho, e, portanto, podemos antecipar que o grande adversário das nossas almas, "o acusador dos irmãos", o inimigo de Deus, o diabo, estará mais ávido por confundir-nos e obscurecer a nossa mente e o nosso entendimento neste ponto do que em qualquer outro. É, pois, essencial que examinemos e analisemos a afirmação de Paulo, e que captemos o seu significado, porque ela nos coloca face a face com o ponto nevrálgico e o centro da fé cristã.

Naturalmente devemos começar examinando o contexto. As palavras "em quem" desafiam-nos a fazê-lo. Obviamente se referem Àquele que fora descrito no fim do versículo anterior como "o Amado". O apóstolo nos dissera que Deus "nos fez agradáveis a si no Amado". "Em quem", diz ele agora, "temos a redenção." Observemos igualmente que estas palavras nos levam a um ponto de transição nesta declaração preliminar e na parte introdutória da Epístola. Já nos lembramos que nas Escrituras a obra de salvação é dividida entre as três Pessoas da Trindade santa, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nos versículos 3 a 6 estivemos considerando a obra realizada pelo Pai, o grandioso propósito do Pai, o plano eternos de Deus, aquilo que Deus projetou antes da fundação do mundo quanto

a nós. Seu propósito era que "fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor", que recebêssemos "a adoção de filhos", por Jesus Cristo, para Si mesmo, "para louvor e glória da sua graça", e para que nos tornássemos "os amados" no "amado".

Mas agora passamos a considerar como esse propósito foi levado a efeito no Filho e por intermédio dEle. Assim, desde o princípio deste versículo 7 até o fim do versículo 12 estaremos considerando a obra particular do Filho na economia da redenção. Depois, nos versículos 13 e 14 estudaremos a obra do Espírito Santo neste grande plano e propósito. Foi-nos dado o grande quadro descritivo do supremo objetivo de Deus com relação a nós; e vislumbramos a nossa exaltada posição de filiação, e a sua exigência de que estejamos na presença de Deus santos, sem culpa, sem defeito e sem mancha. Entretanto, ainda estamos na terra, ainda falíveis e ainda pecadores; e a questão que se levanta em nossos corações é: como podemos ser levados a um estado e a uma condição tão exaltados?

E evidente que muita coisa precisa ser feita antes de podermos ser levados a tal posição. O grande obstáculo para chegarmos lá é o pecado; o pecado em geral e os pecados em particular. São os nossos pecados que se interpõem entre nós e Deus, como nos lembra o profeta Isaías, quando diz: "Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir. Mas as vossas iniqüidades fazem divisão entre vós e o nosso Deus", os nossos pecados se interpõem entre nós e o nosso Deus (59:1-2). Portanto, antes de sequer podermos chegar à posição predestinada que Deus planejou para nós, algo terá que ser feito acerca deste problema do nosso pecado e dos nossos pecados. Foi para realizar esta obra especial e peculiar que o Filho de Deus veio a este mundo. Deus em toda a Sua eterna sabedoria e pré-conhecimento, e segundo o Seu propósito, idealizou um meio pelo qual o homem poderia ser reconciliado com Ele. E o meio é o que está esboçado aqui: o obstáculo foi removido, o problema foi resolvido.

Há um meio para o homem se erguer À habitação sublime:

Uma oferenda e um sacrifício,

Do Espírito o poder,

Um Advogado com Deus.

Quando atentamos para a exposição do apóstolo, notamos que a primeira coisa que ele nos diz é que este obstáculo que se interpõe entre nós e Deus e que precisa ser removido antes de podermos ser reconciliados com Deus, recebeu o devido tratamento em Cristo "Em quem" - este "Amado" de quem ele estivera falando e que tão freqüentemente menciona! Não devemos presumir que, uma vez que ele deu

ênfase a isso tantas vezes, não há necessidade de lhe darmos ênfase de novo, porquanto é justamente neste ponto que tantas pessoas tropeçam com respeito à questão da salvação. Certamente, no que se refere à minha experiência pastoral, nenhum problema é levantado com tanta freqüência como este. Vocês perguntam a alguém: "Você acha que é cristão?", e a resposta freqüentemente é: "Bem, estou tentando ser", ou: "Estou tentando tornar-me um cristão". Esse modo de dizer é uma clara indicação de que esta primeira declaração na Epístola relacionada com o plano de salvação nunca foi entendida.

Por isso, permitam-me expô-la claramente mais uma vez. No cerne e no centro do evangelho ergue-se a verdade segundo a qual não há salvação fora do Senhor Jesus Cristo. "O cristianismo é Cristo". Qualquer coisa que se apresente como cristianismo, mas que não insista na absoluta e essencial necessidade de Cristo, não é cristianismo. Se Ele não for o coração, a alma e o centro, o princípio e o fim do que é oferecido como salvação, não é a salvação cristã, seja lá o que for.

Em primeiro lugar, vamos expor negativamente que não nos salvamos a nós mesmos e não podemos fazê-lo. Ou, coloquemos a questão de outra forma, nós mesmos não podemos fazer-nos cristãos. Poder-se-ia pensar que, após quase dois mil anos de cristianismo no mundo, seria desnecessário fazer tal afirmação. Todavia, assevero que é mais indispensável do que nunca. Se você continua pensando em termos de fazer-se cristão, ou de tentar ser cristão, com isso está indicando claramente que você está no caminho errado; e, enquanto estiver nesse caminho, você nunca será cristão. A primeira coisa de que temos de nos aperceber e que temos de entender, é que nenhum homem jamais se fez cristão a si próprio; que ninguém jamais pode, por si mesmo, fazer-se cristão. Todos os esforços que acaso façamos - jejuar, labutar e orar - não farão nenhuma diferença, na verdade podem ser um grande obstáculo. Essa foi, é claro, a experiência do próprio apóstolo Paulo. Ele estivera tentando reconciliar-se com Deus; e a sua grande descoberta

no caminho de Damasco foi que isso era a própria essência do erro, e que tudo aquilo em que se gloriava não passava de "esterco" e "refugo". Essa é a história dos grandes santos. Foi a compreensão dessa verdade que levou à Reforma Protestante. Foi o que revolucionou a vida de Martinho Lutero, João Calvino, João Knox, e de todos os grandes líderes da Igreja verdadeira, inclusive João Wesley e todos os demais, até os dias atuais. O ponto nevrálgico da declaração em foco, "Em quem temos a redenção", consiste em dizer-nos que nunca poderemos fazer-nos cristãos por nós mesmos, e que tentarmos fazer-nos cristãos é mostrar que não entendemos nem sequer o primeiro passo do caminho da salvação.

Além disso, o fato é que o Senhor Jesus Cristo não veio a este mundo para dizer-nos o que temos de fazer para tornar-nos cristãos. Há alguns que pensam que podem colocar-se em boas relações com Deus sem sequer mencionarem Cristo. Mas há

outros que acreditam que o Seu principal propósito ao vir ao mundo foi ensinar-nos, instruir-nos e dar-nos estímulo e exemplo quanto ao que temos de fazer para sermos salvos. Todavia isso é igualmente errado. O que Ele nos manda fazer é até mais impossível do que a lei dada por Moisés. O Sermão do Monte, exposição que o Senhor fez dos Dez Mandamentos, mostra quão completamente impossível é a quem quer que seja, com seu próprio poder, guardar os Dez Mandamentos. O Senhor não veio para dizer-nos o que temos de fazer para salvar-nos; Ele veio para salvar-nos. Veio fazer algo por nós, agir em nosso favor. Essa é a verdadeira essência do evangelho. "Em quem." E nEle que temos salvação. "O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:10). É Ele, e o que Ele fez em nosso favor, que constitui a nossa salvação.

Outros entendem que o nosso Senhor veio a fim de dizer-nos que Deus estava pronto a nos perdoar. Dizem eles: há muitas declarações no Velho Testamento que nos dizem que Deus é Pai; que Deus é amor e está pronto a perdoar. Elas nos dizem que Ele é "abundante em benignidade", "piedoso e misericordioso", "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece..."etc. Pois bem, continuam eles, tudo isso foi revelado no Velho Testamento. Deus tinha anunciado à nação de Israel, e por intermédio dela ao mundo, que Ele era um Deus que estava pronto a perdoar pecados. Mas a humanidade acha difícil aceitar esse ensino e acreditar nele. Por isso, continuam eles, Deus decidiu mandar Seu filho para que quando as pessoas O vissem e O ouvissem, e contemplas-

sem as Suas obras, acreditassem que Deus é amor, e que Ele está pronto a perdoar. Eles argumentam que Ele fez isso na parábola do filho pródigo, e assim por diante.

Mas nem aí eles param. Eles dizem que Deus foi até mais longe que isso; até mesmo à cruz. Ele enviou Seu Filho; e o que vocês realmente vêem na cruz do Calvário é uma grande e gloriosa demonstração do amor de Deus e da prontidão de Deus para perdoar. Eles afirmam que a coisa funciona desta maneira: Deus enviou Seu Filho ao mundo, porém o mundo não O reconheceu, na verdade o mundo O crucificou, mas da própria cruz Deus nos diz: "Estou pronto a perdoar-lhes até isso". "Tal é o meu amor'" diz Deus ao mundo, "que, apesar de vocês terem crucificado o Meu único Filho, até isso lhes perdoarei!" Para essas pessoas, a morte do Senhor na cruz é a suprema declaração de que Deus está pronto a perdoar.

No entretanto, não é isso que o apóstolo nos diz aqui. Sua declaração não é no sentido de que o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo para proclamar que Deus está pronto a perdoar, ou que Deus é um Deus perdoador. E que a cruz de Cristo é o modo pelo qual Deus torna possível o perdão. A mensagem não é que Deus está disposto a perdoar o fato do Calvário, mas que Deus perdoa por meio do Calvário. É o que Deus fez no Calvário que produz o perdão para nós. O Calvário não é meramente uma proclamação ou um anúncio do amor de Deus e da Sua prontidão para perdoar;

é Deus mediante o que Ele fez em Cristo e por meio dEle na cruz do Calvário, criando um meio pelo qual Ele pode reconciliar-nos conSigo.

O apóstolo afirma isso muitas vezes. Ele não diz que Deus estava em Cristo anunciando ou fazendo uma proclamação de reconciliação e perdão. O que ele diz é: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Coríntios 5:19). E em Cristo que Deus reconcilia conSigo o mundo. "Em quem temos a redenção." A redenção é em Cristo. Ele não é o mero anúncio dela; Ele é a redenção, Ele próprio. "Deus estava em Cristo" - "reconciliando consigo o mundo". O apóstolo vai adiante e diz: "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fossemos feitos justiça de Deus" (versículo 21). Cristo foi feito "pecado por nós". Os nosso pecados foram lançados sobre Ele. E é como resultado dessa ação que Deus nos reconciliou conSigo.

Isso é vital. Se o Senhor Jesus Cristo é meramente uma declaração de que Deus está pronto a perdoar, Ele é apenas uma das

diversas declarações semelhantes; e se você tivesse entendimento suficiente, poderia ser salvo pelo ensino do Velho Testamento, mesmo sem a vinda de Cristo. Ele seria simplesmente o desenvolvimento de uma declaração já feita. Contudo, não é essa a doutrina cristã da salvação e da redenção. A doutrina da salvação e da redenção é esta - que Cristo, pessoalmente, é a redenção. A nossa salvação está nEle; como vemos Paulo afirmar no capítulo 2, "ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um, e nos reconciliou". Ele! O Senhor Jesus Cristo! Não há como exagerar na repetição disso, nunca se pode exagerar na ênfase a essa verdade. Coloco o ponto na forma de perguntas: você acredita, você sabe que os seus pecados estão perdoados? Você sabe que Deus o perdoou? Se sabe, faço-lhe mais esta pergunta: como Deus o perdoa? Permita-me fazer-lhe outra pergunta, ainda mais penetrante: você acredita, você vê, e você sabe que é por causa do que aconteceu em Cristo, e por causa disso somente, que Deus o perdoou? Quando você pensa em si próprio e no perdão dos seus pecados, você pensa unicamente em termos do fato de que Deus é amor, que Ele é bom, misericordioso e compassivo? Cristo é meramente a maior declaração do amor e da compaixão de Deus jamais feita, ou Ele meramente fez a maior declaração a respeito? Ou você vê e sabe, e põe sua confiança unicamente no fato de que o que aconteceu em Cristo é o modo como Deus perdoa? Essa é a questão. "Em quem temos a redenção pelo seu sangue." Ele não é tão-somente um pregador ou um mestre; Ele é a salvação. Paulo resume tudo também numa grande declaração que consta na Primeira Epístola aos Coríntios: "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1:30). Ser salvo é estar em Cristo; não simplesmente crer no Seu ensino, mas estar nEle, e ser participante da Sua vida, da Sua morte, do Seu sepultamento, da Sua ressurreição, da Sua ascensão. "Em quem temos a redenção pelo seu sangue."

Não devemos deter-nos na afirmação de que nossa salvação é em Cristo, pois nos é dito em particular que Ele nos redimiu. “Em quem temos a redenção pelo seu sangue.” Encontramos aqui um termo deveras importante, *redenção.* E quando o examinarmos e o analisarmos, veremos com maior clareza ainda a importância absoluta do que estive dizendo. Esta é a palavra utilizada em todo o Novo Testamento com vistas à nossa salvação. Já citei um exemplo disso - “o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e

santificação e *redenção”* (1 Coríntios 1:30). Vê-se também na Primeira Epístola de Paulo a Timóteo “O qual se deu a si mesmo em preço de *redenção* por todos” (2:6); e ainda, na Epístola a Tito: O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (2:14). O apóstolo Pedro faz uso precisamente da mesma expressão: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata e ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes de vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pedro 1:18-19)

Como este termo é vital, devemos ter claro entendimento do seu significado no Velho e no Novo Testamentos. Significa “libertação pelo pagamento de um resgate”. Uma coisa é redimida (ou remida, ou resgatada) pelo pagamento de um preço estipulado. Isso é ilustrado de muitas maneiras no Velho Testamento. Por exemplo, se um homem se havia tornado escravo por ter sido capturado ou dominado por outro, podia ser “remido” por seu parente mais próximo, se este pudesse pagar o preço exigido. O mesmo se aplicava a quem fosse aprisionado. Podia ser solto se o parente pagasse o preço adequado. É dessa maneira que o termo é empregado no Velho Testamento. E é empregado do mesmo modo no Novo Testamento; é o termo utilizado acerca da libertação de um escravo. O escravo poderia ser libertado por alguém que pagasse certo preço para comprá-lo. O escravo podia ser comprado no mercado ou no lugar da escravidão. Essa é a essência do sentido do termo “redenção”. E como esse é o termo empregado para explicar a doutrina da salvação, deve ser interpretado em conformidade com o seu significado neo e veterotestamentário.

O nosso Senhor Jesus Cristo confirma esse uso do termo. Numa declaração sumamente importante que se vê no Evangelho Segundo Mateus, lemos que o nosso Senhor disse: “Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar sua vida em resgate de muitos” (20:28). Ele disse aos Seus seguidores que não tinha vindo ao mundo para que eles O servissem, porém para que Ele os servisse. Ele tinha vindo para fazer por eles algo que nenhum deles poderia fazer, a saber, “dar a sua vida em resgate de muitos”.

Portanto, o ensino é que toda a humanidade acha-se em estado de escravidão, em conseqüência do pecado. Somos mantidos como

escravos e como servos, e não podemos libertar-nos. Num certo sentido, a história do Velho Testamento é a história da humanidade, especialmente da nação escolhida, tentando pôr-se livre da escravidão pela guarda de lei, mas falhando completamente nisso, pois "Não há um justo, nem um sequer", "todo mundo é condenável diante de Deus" (Romanos 3:10,19). O mundo todo acha-se em estado de escravidão sob o pecado e satanás; está sob o domínio de satanás. Esse é o termo utilizado. Estamos na escravidão da lei, a qual nos condena, tendo-nos dito que, se pudéssemos guardá-la e honrá-la, seriamos salvos. Suas exigências, suas penalidades, são simples e claras, porém não há homem algum, nem grupo algum de homens que possa pagar o preço das suas exigências. Esse é o ensino fundamental da Bíblia toda: todos nós estamos por natureza "debaixo da lei" e em estado de condenação.

Em verdade, no Senhor Jesus aconteceu algo novo. Ele veio a este mundo para redimir-nos. Veio para pagar o preço do resgate que nos poria em liberdade, para fazer o depósito que asseguraria a nossa emancipação. O termo "redenção" não pode ser explicado em nenhum outro sentido, pois este é o seu significado característico em toda parte das Escrituras. O resultado que a nós se nos diz é este: "Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19-20). Portanto, diz Paulo, o cristão é "servo", "escravo" do Senhor Jesus Cristo. O apóstolo sempre se descreve a si mesmo dessa maneira. O que ele diz acerca de si próprio é praticamente o seguinte: "Sou escravo de Cristo; eu era escravo de satanás, mas Cristo me comprou no mercado. Por isso agora sou escravo de Cristo, sou Sua propriedade, pertenço a Ele". Como cristãos, não somos de nós mesmos, porque fomos redimidos, fomos comprados, fomos adquiridos. Notem como a questão é expressa no livro de Apocalipse: "Digno és (o Cordeiro de Deus) de tomar o livro, e de abrir os seus selos", cantavam os santos glorifi-cados. Por quê? "Porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus" - nos redimiste para Deus (Apocalipse 5:9). É em Cristo que somos salvos; e o que Ele fez para salvar-nos foi que Ele nos comprou, Ele nos redimiu.

O termo "redenção" ou "resgate" ainda é empregado ocasionalmente. Pessoas que se vêem em dificuldade financeira às vezes vão a uma casa de penhores e deixam ali algo como depósito para poderem receber certa quantia por empréstimo. Depois, quando desejem ter de volta o que lhes pertence, voltam lá e pagam o preço

do penhor para resgatá-lo. Assim nos salva o Senhor Jesus Cristo, redimindo-nos, resgatando-nos pagando o preço necessário para a nossa libertação.

Outra questão que devemos considerar é o preço exato que foi pago para redimir-nos, e o apóstolo não nos deixa na ignorância sobre isso: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue". "Seu sangue"! Aqui está o centro propriamente dito, o coração da doutrina da nossa salvação. Quando você leu essa declaração você notou que o apóstolo diz especificamente: "Em quem temos a redenção pelo seu

sangue”? Por que não disse “por sua morte”? Muitos fazem objeção a essa verdade; dizem que não podem suportar essa “teologia do sangue”. Se fosse “por sua morte” não se oporiam tanto. Acham eles que as palavras do apóstolo são demasiadamente materialistas e se assemelham a sacrifícios cruentos de povos primitivos. Daí devemos salientar de novo o fato de que o apóstolo, no uso que faz dos termos, sempre o faz deliberadamente. A minha opinião é que ele dá deliberadamente ênfase no sangue porque o que sucedeu na morte de nosso Senhor só pode ser entendido em termos da linguagem sacrificial do Velho Testamento.

Há muitos outros exemplos e ilustrações desta linguagem característica no Novo Testamento no que diz respeito à nossa redenção. Vejam, por exemplo, Romanos 3:25: “Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue”. Vê-se a mesma coisa no capítulo 2 desta Epístola aos Efésios: “Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto” (versículo 13). E também se vê isso diversas vezes no capítulo 9 da Epístola aos Hebreus. O versículo 12 diz: “Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção”. No capítulo 10 o mesmo autor escreve: “Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus” (versículo 19). Recordemos ainda o que o apóstolo Pedro escreve: “Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados... mas com o precioso sangue de Cristo” (1 Pedro 1:1819). Similarmente, o apóstolo João escreve: “... o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1:7). É o sangue que purifica. É sempre o “sangue”. Também no livro de Apocalipse vemos a mesma ênfase: “Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados” (1:5).

Não é simplesmente a morte de Cristo, porém em particular “o

sangue de Cristo”. Isso é para mostrar-nos que o Senhor Jesus Cristo fez em nosso favor pela Sua morte está em harmonia com toda a doutrina do Velho Testamento quanto ao valor dos sacrifícios. O nosso Senhor declarou pessoalmente: “Não vim para destruir (a lei), mas para cumprir” (Mateus 5:17 VA). Diz Ele que o céu e a terra não hão de passar, enquanto não se cumprir todo jota e todo til da lei (versículo 18). Ele veio para cumprir a lei. Após a Sua ressurreição, Ele diz: “São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos salmos” (Lucas 24:44). Os sacrifícios e ofertas do Velho Testamento apontam para Cristo; eles têm o seu sentido em Cristo; o que eles ensinam sempre tem relação com Ele. O ensino é que a intenção e o objetivo dos sacrifícios consistem em propiciar a Deus. O sangue de touros e de bodes e do cordeiro pascal era derramado para propiciar a Deus, para que houvesse reconciliação com Deus. Tudo foi feito para propiciar, para aplacar a Deus.

No entanto, notamos que a propiciação era sempre assegurada como resultado da expiação da culpa. O pecado tinha que ser punido porque levava culpa consigo. Nos tempos do Velho Testamento os pecados eram colocados sobre os animais pela imposição das mãos do sumo sacerdote, e depois os animais eram mortos; e assim era expiada a culpa. Uma prova disso era que, no dia da expiação, aspergia-se o sangue no assento da misericórdia (propiciatório). Deus o aceitava e perdoava os pecados. Deus é propiciado como resultado da ação de cancelar, de apagar e de expiar o pecado. O que foi feito satisfaz a Deus e, portanto, Ele perdoa; Ele é propiciado como resultado da expiação.

Observem que a expiação sempre foi realizado de maneira vicária. O que quero dizer é que a culpa era transferida para alguma outra coisa, para um animal; este morria vicariamente. O resultado de tais ofertas pelo pecado sempre era produzir absolvição e perdão do ofensor que desse modo sofrerá em seu substituto e por meio dele. Esse é o ensino do Velho Testamento.

Ora, todos os sacrifícios e ofertas de animais no Velho Testamento eram apenas uma fraca semelhança, uma predição do que Cristo pôde e quis fazer uma vez por todas. No capítulo 9 da Epístola aos Hebreus nos é dada plena explicação disso tudo. É-nos dito que o sangue de touros e de bodes, e as cinzas de uma novilha, eram apenas figuras, cobriam pecados apenas provisoriamente; e

não podiam limpar a consciência, não podiam purificar o coração. Todavia Cristo veio, ofereceu-Se a Si mesmo, levou o Seu próprio sangue para o santuário celestial e o colocou sobre o altar celestial. É Seu sangue que assegura o nosso perdão, uma vez por todas. Ele o fez "uma vez para sempre". É a aspersão do Seu sangue que obtém este perdão, e por esta boa razão, que "sem derramamento de sangue não há remissão" (de pecados) (Hebreus: 9:22).

Agora começamos a ver por que o apóstolo fala acerca do sangue de Cristo, e não simplesmente acerca da morte de Cristo. A mera imolação do animal não era suficiente; o sangue do animal tinha que ser levado e aspergido sobre o assento da misericórdia antes de Deus ser propiciado. Diz-nos o autor da Epístola aos Hebreus que, de igual maneira, Cristo levou o Seu sangue e o aspergiu no santuário celestial, com a conseqüência de que somos perdoados por Deus. O ensino específico referente à nossa salvação pode, portanto, ser exposto da seguinte maneira: somos salvos em Cristo, e somente por Cristo; não por Seu ensino, mas pelo que Ele fez, pelo que Ele realizou, e pelo que Deus fez em Cristo e por intermédio dEle. Ele nos resgatou, Ele pagou o preço da nossa redenção, e esse preço foi o Seu precioso sangue. Ele Se deu por nós. O apóstolo Paulo resume tudo assim: "Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3).

Em certo sentido, só estive expondo essa afirmação. O ensino da Bíblia, em toda

parte, é que Deus tomou os meus pecados e os de vocês e os lançou sobre o Seu amado Filho. No Velho Testamento, como já lhes fiz lembrar, o sumo sacerdote colocava suas mãos sobre a cabeça do animal que devia ser morto. Ao fazê-lo transferia os pecados e a culpa do povo para aquele animal. O animal era morto, o sangue era aspergido, e Deus perdoava. Foi o que aconteceu em Cristo. Ele (Deus) "fez cair sobre ele (sobre o Filho) a iniqüidade de nós todos". "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" disse João Batista (João 1:29). Ele é o Cordeiro Pascal, "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8). Estas expressões são bíblicas. Cristo morreu pelos nossos pecados; morreu como nosso substituto. "Ele deu sua vida em resgate de muitos." "Pelas suas pisaduras fomos sarados."

"Se isso está claro para você, nunca mais fale em tentar tornar-se cristão, ou tentar fazer de si mesmo um cristão, ou que você é cristão porque está levando vida virtuosa e não comete certos

pecados. Unicamente a Sua morte, o Seu sangue salva você. Pode salvá-lo e o salvará. Embora você tenha pecado até as profundezas do inferno até este momento, se você confiar nesta mensagem, será perdoado. Esse é o caminho da salvação; você deve confiar única, completa, exclusiva e inteiramente no fato de que Cristo é o Cordeiro de Deus sobre quem os seus pecados foram lançados. Ele pagou o preço do seu resgate. Ele o libertou da lei, do inferno, da morte e do sepulcro, e o reconciliou com Deus. Você não pertence mais a si próprio, foi "comprado por bom preço". Foi redimido pelo "precioso sangue de Cristo". Não há nada no céu nem na terra que se compare com isto, que eu posso dizer: "O Filho de Deus... me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (Gálatas 2:20), deu Sua vida como resgate por mim. Seu sangue foi derramado para que eu pudesse ser perdoado.

Ah , as riquezas da graça! Ah, a abundância do Seu amor! Aí e somente aí, é que verdadeiramente vemos e contemplamos aquele "amor divino, tão admirável!" Mova-se, vá até a cruz; ponha-se lá e contemple-a . "Avalie" a cruz com Isaac Watts:

De Sua cabeça, mãos e pés Tristeza e amor escorrem; vê!

Fique lá até ver o que você nunca teve nem nunca terá, um vestígio da justiça, que toda a sua bondade é como "trapo de imun-dícia" (Isaías 64:6). Veja, porém, os seus pecados lançados sobre Cristo, e veja-0 pagando o preço da aquisição, da sua redenção, da sua salvação. Caia a Seus pés, adore-O, louve-O, entregue-se a Ele, dizendo:

Divino amor, tão admirável!

Requer minha alma, minha vida, meu tudo.

“PELO SEU SANGUE”

“Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça.” - Efésios 1:7

Voltamos para essa declaração crucial para descobrir nela e dela extrair mais algumas riquezas da graça de Deus. Ao fazê-lo, gostaria de oferecer-lhes uma observação geral. Quando examinamos uma declaração como essa, lembremos da importância das particularidades. Ora, sempre o grande perigo na leitura dessa declaração está em examiná-la somente de maneira geral, e considerar as palavras específicas e as declarações precisas como sendo mais ou menos importantes. Esse é um modo falso de interpretar a passagem em foco e qualquer outra. As particularidades são da maior importância, as minúcias são impregnadas de significado, como já vimos quando consideramos o termo “sangue”. O apóstolo diz “pelo seu sangue”, não “por sua morte”. Toda palavra é importante, é significativa e tem sentido; e é nosso dever observar exatamente o que o apóstolo diz; não o que achamos que ele devia dizer, mas o que ele de fato diz, para que por seu intermédio derivemos real benefício. Há os que imaginam que podem tratar da introdução que o apóstolo faz da Epístola num só discurso. Contudo, isso é fazer mau uso dela e perder a rica doutrina e verdade que ela contém. Toda particularidade deve receber seu devido peso e sua devida ênfase.

Temos que retornar à palavra “redenção”, porque o apóstolo nos força a fazê-lo: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas”(ou, “o perdão dos pecados , VA). Quando a examinamos em nosso estudo anterior, estivemos interessados mais no fato de que nos ensinou algo acerca do método da redenção e vimos que este consiste no pagamento do preço de um resgate. Mas agora devemos examinar este vocábulo mais do ponto de vista do que ele nos traz, do que ele nos dá e do que ele faz por nós. É em conseqüência do pagamento do preço do resgate que há alguns resultados para nós. Primeiro, somos redimidos e recebemos o “perdão dos pecados”. Pelo que, devemos considerar a expressão,

“o perdão dos pecados”, como nos falando algo sobre a redenção. Pois bem, aqui devemos ter o cuidado de aplicar o princípio de interpretação de que falei. Se vocês lerem superficialmente a declaração de Paulo, poderão chegar à conclusão de que ele está dizendo que a redenção consiste no perdão de pecados e é equivalente a esse perdão. Isso virtualmente faria o apóstolo dizer: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue (precisamente), o perdão dos pecados”. Entretanto não é o que ele diz; e há bons motivos para que ele não o faça. Provavelmente muitos de nós se vêem lendo ou citando esse versículo daquela maneira. Como espero mostrar, há um sentido em que isso está certo; mas há outro sentido em que está errado, por ser incompleto.

“Redenção”, como o termo é empregado nas Escrituras, é uma palavra maior do que frequentemente se supõe, e é um erro restringi-la ao perdão dos pecados. Vejam, por exemplo a maneira pela qual Paulo a emprega na Epístola aos Romanos, capítulo 8, versículo 23, onde ele diz: “...nós mesmos... também gememos em nós mesmos, esperando a redenção, a saber a redenção do nosso corpo”. Ou vejam-na na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo primeiro, versículo 30; “Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”. E evidente que em ambos os casos “redenção” não pode ser igualada ao “perdão dos pecados”. Notem a seqüência dos termos na segunda citação. A sabedoria de Deus para nós é justiça, santificação, e então redenção. Mas “o perdão dos pecados” vem no começo, na expressão “justiça”, e o termo “redenção” é acrescentado à série, depois de santificação”. Noutras palavras, a redenção, neste versículo em particular, deve ser considerada como abrangendo a totalidade da nossa salvação; e, evidentemente, o apóstolo está pensando em termos da nossa glorificação final. Não seremos “redimidos” definitivamente enquanto nossos corpos não forem redimidos. Todavia os nossos corpos ainda não foram redimidos. Portanto, podemos dizer que fomos redimidos e que ainda teremos que ser redimidos. Eu não estarei plenamente redimido enquanto o meu corpo não for transformado e o pecado não for tirado inteiramente dele. “A lei do pecado que opera em meus membros” tem que ser eliminada, e só então a minha redenção estará completa. Vemos, pois, que o termo “redenção” não é equivalente nem deve ser igualado à expressão “o perdão dos pecados”.

Sendo assim, obviamente nos vemos confrontados pela ques-

tão: então, por que o apóstolo introduz neste ponto “o perdão dos pecados”, se esta expressão não é um modo de definir redenção? É justamente aí que vemos algo que é de vital importância, não somente para a experiência desta salvação, mas também para que as nossas mentes a entendam. A razão pela qual o apóstolo acrescenta essa frase concernente ao perdão dos pecados nesta altura, só pode ser a seguinte: ele tinha empregado o termo “redenção”; e depois prossegue dizendo que o primeiro elemento da redenção é “o perdão dos pecados”. A redenção vai finalmente dar na glorificação do meu corpo, porém começa com o perdão dos pecados. Esta é a preliminar essencial da santificação, e também da glorificação. Portanto, devemos partir do perdão, e dar-lhe ênfase. É o primeiro passo vital, a chave que abre a porta para tudo o que se segue.

É essencial que compreendamos que o primeiro problema com relação ao homem e à sua salvação é o problema da culpa do nosso pecado. Mas este aspecto da verdade sofre forte aversão por parte de muitos que só se interessam pelo problema do pecado porque desejam ver-se livres do poder do pecado. Não é de admirar, é claro, porque o pecado sempre leva a um estado miserável; e ninguém quer sofrer essa miséria. Assim, naturalmente, todos nós lutamos para libertar-nos dessa condição

miserável; todos nós queremos ser felizes; e se chegamos a ver que o pecado é causa de infelicidade, vemos igualmente que a libertação do poder do pecado e a capacidade de dominar o pecado são o caminho direto para a felicidade. O resultado é que, pregar a Cristo como Aquele que nos habilita a suplantar o poder do pecado, sempre é popular. As pessoas estão sempre dispostas a crer ou a aceitar um Jesus, ou um Cristo, que as faça felizes; que resolva o problema da tentação e da desgraça dos pecados. Assim é que, enquanto Ele é oferecido como Aquele que nos ajuda a viver, e a ser felizes, não se Lhe faz ofensa alguma.

Contudo, o evangelho não começa nesse ponto, embora talvez gostássemos que começasse aí. Pela mesma razão, muita gente prefere ouvir pregar sobre a ressurreição, e não sobre a cruz; e essa pregação é popular hoje. Virtualmente não há mal na pregação que dá ênfase à ressurreição e a um Cristo vivo oferecido como amigo, ou como Alguém que cura o corpo, ou que pode guiar-nos e resolver os nossos problemas para nós de diversas maneiras. Mas nada disso será possível, se não se começar com a cruz de Cristo, Sua

morte, Seu "sangue". Aí, no entanto, imediatamente entra em cena "a ofensa" ou "o escândalo da cruz". A "pedra de tropeço" para o homem natural é sempre este Salvador crucificado; este Salvador cujo "sangue" é essencial. Mas. Gostemos ou não, é o que sempre vem em primeiro lugar nas Escrituras. E essencial e vital que façamos isso.

Todos nós, por natureza, temos aversão pela idéia de perdão dos pecados porque não nos agrada pensar que precisamos de perdão. Não gostamos que nos digam que somos pecadores, e não gostamos de palavras como "justificação". Dizemos: "Isso é legalismo". Não nos interessa a justiça, a retidão; queremos felicidade, queremos ter poder em nossas vidas, queremos qualquer coisa que nos dê alegria. Todavia, antes de podermos experimentar essas coisas, temos que humilhar-nos até o pó. Não gostamos do arrependimento, porque é penoso, e porque significa que temos de encarar a nós mesmos, examinar-nos e ver-nos como realmente somos. Mas nesta passagem de imediato o apóstolo nos faz lembrar que não poderemos experimentar libertação do poder do pecado enquanto não formos, primeiramente, libertados da culpa do pecado. A redenção vem primeiro, e começa com o perdão dos pecados. Não hesito em asseverar que, se você não compreende que os seus pecados têm que ser perdoados, você não é cristão. Talvez você diga, porém: "Mas estou cônscio de que Cristo nos está ajudando". Replico afirmando que Cristo não poderá ajudá-lo, e não o ajudará, enquanto o problema da sua culpa não for tratado. Atualmente há muitos que usam o nome de Cristo psicologicamente; todavia, mesmo que as experiências psicológicas sejam reais e benéficas, não devemos desviar-nos do ensino escriturístico. Nas Escrituras, a primeira coisa é o perdão dos pecados; e todas as experiências devem ser examinadas à luz dessa verdade.

Lembro-me de um amigo, um médico, que uma vez me falou da dificuldade que teve com um seu amigo e colega de profissão. Desafortunadamente, o casamento deste estava com sérios problemas. Ele e sua mulher não eram cristãos; mas, em sua dificuldade e angústia, tudo indo mal, eles procuraram o meu amigo, que era cristão. Ele me escreveu sobre isso, dizendo: “Senti que não podia ajudá-los”. A dificuldade que sentia, disse ele, era que eles não podiam compreender que a questão da culpa estava dentro do seu problema. Eles queriam ajuda e a procuraram porque tinham a idéia de que, de um modo ou de outro, o cristianismo pode ajudar a

pessoa quando sua vida entra em dificuldade e em confusão. Eles estavam prontos a crer num Cristo que pudesse ajudá-los naquele ponto em particular; entretanto como o meu amigo era um cristão verdadeiro, tinha falado com ele sobre a necessidade do perdão e sobre a culpa. “Mas”, disse ele, “parece que eles não entenderam a minha linguagem”.

Essa é a situação de muitos. Nossa réplica pode ser exposta da seguinte maneira: a necessidade fundamental do homem é a necessidade que ele tem de Deus. Tudo o que vai mal na vida neste mundo, vai mal porque não estamos bem relacionados com Deus. O de que necessitamos, acima de tudo, é a redenção que somente Ele pode propiciar, a qual nos reconciliará com Ele. Não podemos ser abençoados por Deus, se não estivermos bem relacionados com Ele. A ira de Deus está sobre “todos os filhos da desobediência” Como todas as bênçãos vêm de Deus, a primeira coisa de que necessito é reconciliação com Ele, e não poderei ser reconciliado com Ele enquanto a questão dos meus pecados, e da minha culpa por causa deles, não for tratada devidamente. Daí, toda vez que a Bíblia fala acerca da redenção, sempre começa com o perdão dos pecados.

Yê-se um excelente exemplo deste princípio na Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 5, versículo 10, onde ele argumenta: “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. O Cristo vivo nos ajuda, graças a Deus. Ele é o nosso companheiro, o nosso auxílio, a nossa força, o nosso poder; pela vida de Cristo estamos sendo salvos. Observem, porém, que antes de acontecer isso, fomos salvos por Sua morte. Sua vida não nos aproveita, enquanto primeiro não somos, por Sua morte, libertos e salvos da nossa culpa por causa dos nossos pecados. Paulo diz também no capítulo 8 da mesma Epístola aos Romanos, versículo 32: “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?” (ou, "... como não nos dará gratuitamente com ele todas as coisas?”, VA). Ele não nos dará “gratuitamente com ele todas as coisas” enquanto primeiramente não formos salvos por Sua morte. Não há erro mais sutil do que o de passar por alto a necessidade do perdão dos pecados e de só interessar-nos pelas bênçãos dadas pelo Cristo ressurreto.

Li numa revista evangélica, há alguns anos, um artigo de

primeira página sobre o tema: *A mensagem do evangelho.* O que me interessou muito observar foi que a morte do Senhor Jesus Cristo literalmente não foi sequer mencionada. Ele foi retratado como Salvador, mas unicamente como o Senhor redivivo, ressurreto. Segundo aquela mensagem, é a vida de Cristo que nos liberta: a cruz não foi mencionada. Não houve menção da morte do nosso Senhor, e menos ainda do Seu sangue. A cruz foi deixada de lado. O escritor foi direto ao Senhor redivivo e ressurreto. A morte expiatória, sacrificial, substitutiva estava ausente do artigo. Entretanto a verdade ensinada nas Escrituras não é isso. Vou mais longe; isso não é salvação. Primeiro precisamos ser reconciliados com Deus. O primeiro passo na redenção é o perdão dos pecados; e se você não reconhecer a sua culpa, nunca obterá a ajuda que está procurando. A primeira necessidade de todo pecador não é de ajuda e poder para vencer o pecado e a tentação, e sim que os seus pecados passados recebam o devido tratamento e que ele seja liberto da condenação e da ira de Deus que está sobre ele. Por isso o apóstolo, deveras deliberadamente, quando menciona a palavra "redenção" e nos ajuda a ter algum discernimento quanto a ela, põe primeiro o que é primeiro, a saber, "o perdão dos pecados". Somos pecadores perdidos, condenados, culpados por natureza; e a primeira coisa da qual todos nós necessitamos é sermos libertados da ira de Deus. Noutras palavras, o apóstolo introduz neste ponto a doutrina cristã do perdão. Ele não somente afirma que isso tem que vir primeiro, mas também que ele está muito interessado em que saibamos o que ela significa.

De modo geral, as idéias hodiernas acerca do perdão são inadequadas, porque sempre pensamos nele em termos de nós mesmos, e do que pensamos e fazemos. Portanto, a primeira coisa que devemos acentuar é que o perdão não é coisa simples ou fácil, mas extremamente difícil. Essa verdade tende a causar-nos surpresa, porque geralmente temos idéias frouxas e sentimentais a respeito. Por exemplo, alguém nos fez algum mal. Muito bem, nós o perdoamos, não ligamos para aquilo e fingimos que não o percebemos. Tudo fica bem; não há nenhum problema. Mas, segundo a Bíblia (falo com reverência), o perdão dos pecados foi um tremendo problema para o todo-poderoso Deus. Não hesito em asseverar que o perdão dos nossos pecados é o único problema com o qual Deus Se defrontou. A idéia de Deus como um Pai indulgente que apenas diz: "Tudo bem, meu filho, volte, está tudo bem", é

completamente antibíblica. Há os que ensinam que na parábola do filho pródigo se vê toda a doutrina da salvação. Não é assim porém; e nunca houve a intenção de que fosse. Essa parábola tem o propósito de ensinar uma só coisa, a saber, que Deus estava pronto a perdoar publicamos e pecadores, bem como fariseus. Nunca houve a intenção de que essa parábola fosse uma exposição completa do método de salvação, pois o mesmo Cristo que a proferiu, também disse que tinha que ir a Jerusalém para "dar a sua vida em resgate de muitos".

O perdão dos pecados constituiu um problema tão grande que nada, senão o derramamento do sangue de Cristo, poderia resolvê-lo. Deus não poderia perdoar pecados simplesmente dizendo uma palavra. Para Ele foi simples criar o mundo pelo "fiat" da Sua Palavra: "Haja luz". Perguntamos com reverência: por que Deus não disse: "Sejam perdoados os homens?" A resposta é que não foi desse modo que entrou o perdão. E isso porque - digo-o de novo com reverência - Deus não poderia fazê-lo. "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 João 1:5). Deus é eternamente justo, reto e santo; não pode contradizer-Se. Havia somente um meio pelo qual Deus poderia perdoar o pecado. "Nenhum outro bem havia, que suficiente fosse para pagar o preço do pecado." Somente "pelo sangue de Cristo" esse perdão se torna possível. Pensem na força e no poder de Deus. Vemos o Seu poder na neve e na geada, e podemos ler sobre ele em muitos lugares das Escrituras, por exemplo, no Salmo 147. Pelo poder da Sua palavra Deus governa a natureza e a criação, e as nações do mundo são para Ele "como o pó miúdo das balanças" (Isaías 40:15). Mas quando surgiu o problema do perdão dos pecados da humanidade, foi necessário que o Filho de Deus saísse do palácio da realeza celestial e viesse à terra, nascesse como uma criança, sofresse a contradição dos homens contra Ele, fosse levado à morte e derramasse o Seu sangue. Era a única maneira. Tal a dificuldade levantada pelo problema do perdão dos pecados!

Outra verdade aqui sugerida é que o modo como Deus perdoa os pecados é completo. Não é apenas uma questão de dominar os nossos pecados e transgressões. Os pecados não podem ser tratados dessa maneira. Antes que Deus pudesse perdoar os nossos pecados, Ele tinha que tratá-los de maneira completa. O versículo que estamos considerando poderia ser traduzido assim: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, o perdão dos nossos delitos". A palavra

"delito" sugere violação da lei, transgressão da lei. Observem então que a maneira pela qual Deus perdoa é primeiramente algo que põe à mostra o pecado. A nossa tendência é sempre acobertá-lo, para podermos ser felizes. Mas a primeira coisa que Deus faz é pô-lo à mostra, desmascará-lo, defini-lo, assinalá-lo. Essa era a real função da lei. O pecado existia, como Paulo argumenta no capítulo 5 da Epístola aos Romanos, desde o momento em que Adão caiu. Todavia ele argumenta ademais: "o pecado não é imputado, não havendo lei"(versículo 13) A lei foi destinada a definir o pecado e a fazer-nos plenamente conscientes dele pela imputação. Mas em nenhum lugar nos é dada consciência do pecado como na cruz de Cristo e pelo Seu sangue. Antes de sermos perdoados, temos que compreender algo da enormidade do pecado, e é na cruz que o fazemos. Vemo-lo como algo tão terrível, tão horrível, como tal afronta a Deus que torna necessária a cruz. Portanto, a cruz nos condena, antes de fazer-nos livres. É por isso que ela é um "escândalo" para o homem natural. A cruz faz que nos vejamos como vermes, como pecadores miseráveis e culposos. E quando o homem realmente se vê face a face com Deus e com a santa lei de Deus, ele percebe o que realmente é. "Vil e cheio de pecado eu sou" diz Charles Wesley, e diz

bem. “Em mim, isto é, na minha came, não habita bem algum ...Miserável homem que eu sou!” (Romanos 7:18,24). Essa é a linguagem das pessoas que enxergam a culpa do seu pecado à luz da cruz de Cristo. O pecado é tão terrível, tão sórdido e tão vil que nada pode tratá-lo satisfatoriamente, senão o sangue de Cristo. E foi o que aconteceu na cruz. Não é um remendo, uma cobertura do gecado; não é Deus dizendo: “Não se preocupe; está tudo bem”. É Deus mostrando-nos o pecado como ele é, realmente o trazendo à luz, e depois o tratando devidamente.

Também não podemos dizer que o modo como Deus trata o pecado é absolutamente justo. Como é importante essa verdade! O apóstolo dá forte ênfase a ela em sua Epístola aos Romanos, capítulo 3. Versículos 24, 25 e 26: “Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Essa é a maneira de Paulo dizer que o método pelo qual Deus trata o pecado é estritamente justo. Perdoar um pecador ou

pecados às vezes pode ser injusto. Podemos fazer grande dano e grande injustiça a uma pessoa, se perdoarmos o seu pecado muito ligeiramente e com muita facilidade; podemos encorajá-la a continuar agindo mal. Deus, porém, não perdoa o pecado de um modo que permite que a pessoa continue pecando, confiando em que o amor de Deus acerte tudo. Isso não seria justo. Tudo o que Deus faz só pode ser justo, reto, santo e coerente com o Seu caráter. E o Seu modo de perdoar os pecados pelo sangue de Cristo explica-se simplesmente porque Deus em Cristo puniu o pecado. O pecado merece punição. Deus disse que puniria o pecado e que a punição significaria morte. Assim, se Deus voltasse atrás nisso, Ele não mais seria reto e justo. A maneira pela qual Deus perdoa é dando o devido tratamento ao pecado, golpeando-o e dando-lhe a punição que merece, a punição condigna. E foi o que Ele fez em Cristo na cruz. Quando Deus perdoa os meus pecados pelo sangue de Cristo, Ele declara a Sua retidão e justiça. Ele continua sendo justo e , ao mesmo tempo, o justificador da minha pessoa como crente em Cristo. Essa é a doutrina bíblica do perdão dos pecados. Isso mostra a dificuldade do problema e completude do tratamento que Deus lhe dá, e também que a solução é justa e reta. Deus nos perdoa, porque, e somente porque, o nosso pecado foi punido, e a nossa culpa foi expiada.

Mas, graças a Deus, podemos ir adiante e dizer que o perdão dos pecados, adquiridos pelo sangue de Cristo e por seu intermédio, é tão completo que leva a um total restabelecimento do ofensor no favor de Deus. Visto que Deus tratou com o pecado da maneira explicada nas Escrituras, somos perdoados absolutamente e uma vez por todas. O perdão é definitivo. Somos reconciliados completamente com Deus pela morte de Seu Filho. “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o

mundo, não lhes imputando os seus pecados." "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Conntios 5:1921). Deus tratou dos nossos pecados de maneira tão completa em Cristo, e por Seu sangue, que Ele os pôs para fora uma vez para sempre, e nunca mais os tornará a ver.

O ensino do Velho Testamento acerca do bode expiatório era uma prefiguração dessa verdade. Como Levítico, capítulo 16 descreve, o sumo sacerdote tomava um bode, punha sobre ele as suas mãos, colocando assim os pecados de Israel sobre ele; e depois o bode era levado para o deserto para nunca mais ser visto. E como

Deus Se descarta do pecado. Lemos no Salmo 103: "Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (versículo 12). Não poderia ser para mais longe. Deus fez uma promessa específica nesse sentido quando, por meio de Jeremias, fez a promessa da nova aliança: "Nunca mais me lembrarei dos seus pecados" (Jeremias 31:34; Hebreus 10:17). Que coisa espantosa! De tal maneira Deus tratou dos nossos pecados que Ele os tomou e os lançou nas profundezas do mar do Seu esquecimento. Um esquecimento eterno. Os nossos pecados, em Cristo, são perdoados absoluta, final e completamente; para que não se vejam nunca mais.

Só Deus poderia fazer isso. Eu e vocês dizemos que perdoamos as pessoas, mas achamos difícil esquecer. A glória da doutrina do perdão dos pecados nas Escrituras é que Deus não somente perdoa, mas também esquece. "Nunca mais me lembrarei dos seus pecados."

Notemos, finalmente, que o apóstolo diz: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, o perdão dos pecados". Ele não diz que poderíamos tê-lo; diz que o temos; é uma posse atual. É algo que já desfrutamos aqui e agora. "Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus", diz Paulo. Ser cristão verdadeiro é saber que os seus pecados já estão perdoados. Pode-se expor a doutrina assim: Deus lançou sobre o Senhor Jesus Cristo todos os nossos pecados, todos os pecados já cometidos por nós, todos os pecados que viermos a cometer. Todos eles foram lançados sobre Ele, foram todos punidos e tratados devidamente na cruz. Quando caímos em pecado, Deus não precisa fazer algo novo, já fez tudo em Cristo. O quer Ele faz é aplicar a nós agora o remédio da cruz. Quando um homem crê no Senhor Jesus Cristo não é necessária uma nova ação da parte de Deus; Ele simplesmente aplica ao homem o que foi feito uma vez por todas no Calvário; e, caso ele torne a cair em pecado, é "o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus" que vai purificá-lo de todo pecado e injustiça. Essa é a maneira, a única. A nossa salvação está baseada numa transação já realizada completamente. É por isso que o apóstolo dá ênfase ao "sangue de Cristo". Cristo morreu uma vez para sempre. Não há necessidade, diz a Epístola aos Hebreus, de que Ele repita o sacrifício; isso aconteceu uma vez por todas.

Essa é a situação de todo cristão verdadeiro no presente momento. Se continuamos dizendo que não somos bastante bons para chamar-nos cristãos, simplesmente significa que não entende-

tnos o primeiro princípio da salvação. Se dizemos que estamos tentando fazer-nos cristãos por nós mesmos, nunca vimos a verdade. Cristão é aquele que compreende que foi reconciliado com Deus pelo sangue de Jesus Cristo. Quando ainda era pecador, quando ainda era inimigo e estava em desarmonia em sua mente, quando estava indo direto para o inferno, precisamente nesse tempo a obra de salvação foi realizada pela morte, pelo "sangue" de Cristo. É cristão aquele que crê nisso e que sabe que os seus pecados foram perdoados gratuita, inteira e completamente, uma vez para sempre, no sangue de Cristo e por intermédio dEle. Ele se regozija no fato, e diz: "Tenho a redenção pelo seu sangue". O perdão dos pecados leva à justificação e à justiça, à santificação e à glorificação por vir, e a todas as demais bênçãos, "segundo as riquezas da sua graça".

Você sabe que tem a redenção? Você sabe que os seus pecados estão perdoados? Olhe para Ele; permaneça junto à cruz até saber desta verdade bendita, até vê-la e regozijar-se nela, e possa dizer: "Estou reconciliado; tenho paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, seu Filho".

"AS RIQUEZAS DA SUA GRAÇA"

"Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça." - Efésios 1:7

Passamos agora a tratar da última frase deste versículo -"Segundo as riquezas da sua graça". Há muitas maneiras de considerar e estudar as Escrituras; é preciso que fique claro, a esta altura, que sou seguidor e exponente de um método em particular. Considero as Escrituras e estas grandes declarações nelas contidas como comparáveis a uma grande galeria de arte onde há pinturas famosas penduradas nas paredes. Há pessoas que, quando visitam tal lugar, compram um catalogo do guia à porta, e com o catálogo em mãos percorrem a galeria. Elas notam que o Item número 1 é uma pintura de Van Dyck, digamos; e dizem: "Ah, este é um Van Dyck". Depois passam depressa ao Item número 2, talvez um retrato feito por Rembrandt. "Ah", dizem elas, "este é um Rembrandt, um quadro famoso. "Movem-se depois, passando por outros itens mais, da mesma maneira. Admito que esse é um possível modo de ver os tesouros de uma galeria de arte; e, todavia, tenho a impressão de que quando tais pessoas acabam de passar por todas as salas da galeria e dizem: "Bem, já "fizemos" a Galeria Nacional, vamos agora à Galeria Tate", [1] a verdade é que elas nunca viram de fato nenhuma dessas galerias ou seus tesouros. Dá-se o mesmo com relação às Escrituras. Há os que percorrem este capítulo primeiro desta Epístola aos Efésios mais ou menos da maneira que descrevi, e acham que o

“fizeram”. Certamente melhor será ficar, se necessário, horas diante deste capítulo que nos foi dado por Deus por meio do Seu Espírito, contemplá-lo e procurar descobrir as suas riquezas, tanto em geral como em seus pormenores. As Escrituras visam alimentar as nossas almas, enriquecer as nossas mentes e comover os nossos corações; e, se havemos de ter essas experiências, temos que demorar-nos nestas coisas, bebê-las e tomar da sua plenitude.

Permaneçamos, pois, e examinemos esta declaração particular:

“segundo as riquezas da sua graça”. Certamente todo cristão verdadeiro há de querer deter-se aqui. Por certo o apóstolo, quando escreveu sob a inspiração do Espírito, esperava que as pessoas às quais escreveu meditassem nesta frase, orassem sobre ela e pensassem a respeito, até os seus corações serem arrebatados por ela, como indubitavelmente o coração do apóstolo o foi quando a escreveu. Comecemos observando a maneira pela qual o apóstolo chega a esta declaração particular. Primeiro ele nos lembra que o método ou modo da nossa salvação é pelo pagamento de um resgate. A seguir ele nos diz que a primeira coisa que temos de compreender e apreciar como resultado do nosso livramento é “o perdão dos pecados”. Mas ele não pode deixar-nos aí. Que é que torna possível isso tudo? Que é que nos dá esta salvação mediante resgate, este perdão dos pecados usufruído por nós? A resposta, como sempre, é: “as riquezas da sua graça”!

Num sentido o apóstolo já o tinha dito. Ele o dá a entender logo no versículo primeiro; e o deixa implícito do começo ao fim. Ele próprio é apóstolo “pela vontade de Deus”, o que é apenas outro modo de dizer “pela graça de Deus”; pois se Deus não fosse Deus da graça, nunca teria desejado tal coisa para tal homem. Mas, quando ele se refere a isso de novo, notamos certa mudança. No versículo 6, por exemplo, o apóstolo usa o termo “graça” - “Para louvor e glória da sua graça” (ou “Para louvor da glória da sua graça”, VA). Entretanto aqui ele fala das “riquezas da sua graça”. “Graça”, como ele pensa a respeito no versículo 6, é uma das manifestações da glória de Deus, é uma das facetas do esplendor eterno que refulge sobre nós. Tudo em Deus é glorioso. Sua glória manifesta-se numa infinita variedade de maneiras; a graça é uma delas, e uma das mais notáveis. Assim, como no versículo 6 lemos sobre a “glória da sua graça”, aqui há esta mudança para “as riquezas da sua graça”. Porque a mudança? Por esta razão: no versículo 6, como parte da declaração completa, dos versículos 3 a 6, o apóstolo estava vendo a salvação do ângulo ou do ponto de vista direcionado para Deus. E lá, naturalmente, o que lhe causa impacto acima de tudo mais é a glória do Deus da graça. Mas aqui ele começa pensando em nós e no perdão dos nossos pecados; ele está vendo a salvação pelo aspecto direcionado para o homem. Quando se vê a “graça” do lado voltado para o homem, sempre nos há de transmitir esta idéia de riquezas. Pelo que o apóstolo introduz “riquezas” neste ponto.

Esta é uma das declarações mais características do apóstolo. Na verdade, é a sua declaração favorita. No capítulo 2, versículo 4, ele diz: "Mas Deus, qu*é riquíssimo* em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou..."Depois, no versículo 7 deste capítulo, ele diz: "Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes *riquezas* da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus". E ainda, no capítulo 3, versículo 8, ele diz: "A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as *riquezas* incompreensíveis (ou "insondáveis", VA e ARA) de Cristo". Este tema, é óbvio, enchia a mente e o coração deste grande apóstolo. Era algo que arrebatava o seu coração. Como Philip Doddridge nos assegura, a graça era para ele "um som encantador, harmonioso de se ouvir". Arrebatava o seu coração e comovia todo o seu ser. Ele nunca menciona "graça" sem entrar numa espécie de êxtase. A palavra sempre provoca os seus superlativos. De tal modo ele o cativara, o maravilhara e o comovera que ele mal podia controlar-se.

Esse júbilo não é surpreendente, em vista da coisa maravilhosa que tinha sucedido a Paulo no caminho de Damasco. Ele nunca deixou de admirar-se de que aquele que tinha sido um perseguidor e um blasfemo, e uma pessoa injuriosa, que insultara a Pessoa de Cristo; aquele que tinha pensado consigo mesmo que devia fazer muitas coisas contra o nome de Jesus de Nazaré; aquele que fora um fariseu cheio de si, orgulhoso, satisfeito consigo mesmo, cheio de jactância e presunção ao contemplar a sua abundante justiça própria - que ele, dentre todos os homens, fosse perdoado e, além disso, fosse chamado para ser apóstolo, fosse feito pregador do evangelho e fosse enviado aos gentios como emissário especial do Senhor - que ele, dentre todos os homens fosse objeto da graça de Deus, era um fato verdadeiramente espantoso, e sempre que olhava para si mesmo, admirava-se.

O apóstolo parece perguntar a si mesmo: "Será possível? Ainda sou Saulo de Tarso? Ainda sou o mesmo homem? E se sou, que é que explica o que eu sou agora?" E havia uma só resposta - "Sou o que sou pela graça de Deus". "As *riquezas* da sua graça"! O maior desejo da sua vida era que todos pudessem conhecer essa realidade, que todos experimentassem as *riquezas* da graça de Deus. No capítulo 3 desta Epístola, versículo 8, ele descreve o seu chamamento: "A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as insondáveis

riquezas de Cristo". A "graça" que fez dele um pregador através dos continentes e dos mares; fê-lo pregar dia e noite, com clamor e lágrimas; era a força mais vital da sua vida. Era isso que o "constrangia" e o levava a dizer: "Ai de mim, se não anunciar o evangelho!" Pensar nessas riquezas da graça o impulsionava, como também pensar na ignorância dos homens e das mulheres concernente a elas. Essa foi a sua principal razão para escrever esta Epístola aos Efésios.

Paulo diz aos efésios que lhes está escrevendo porque eles estão constantemente em sua mente, e que está sempre orando por eles - "tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais... quais as *riquezas* da glória...". Uma declaração similar ocorre no capítulo 3, onde ele diz: "Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, para que, segundo as *riquezas* da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior", sendo o propósito do apóstolo que eles conhecessem "o amor de Cristo, que excede todo o entendimento", em sua largura e comprimento, em sua altura e profundidade. Noutras palavras, ele quer que eles conheçam "as *riquezas* da graça de Deus".

Faço algumas perguntas neste ponto: conhecemos individualmente as riquezas da graça de Deus? Temos alguma experiência delas? Estamos cientes delas? Não estou perguntando se todos nós lemos a Epístola aos Efésios; estou perguntando se conhecemos individualmente as riquezas da graça de Deus. Submetamo-nos aos seguintes testes: conhecer as riquezas da graça de Deus, invariavelmente leva ao mesmo resultado, em alguma medida, como foi no caso de Paulo. Isso nos faz cantar, faz-nos louvar a Deus, faz com que nos alegremos "com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8). Foi porque conhecia estas riquezas que o apóstolo escreve sobre elas, ora sobre elas, entra em êxtase sobre elas, e produz os seus superlativos. "Que posso dizer?", parece perguntar, "como posso expressar o que tudo isso significa?"

Notem os verbos e os adjetivos de Paulo. Diz ele que Deus "derramou abundantemente" a graça sobre nós (ARA); fala das riquezas da Sua graça; fala das "insondáveis riquezas de Cristo". A linguagem parece inadequada, a coisa mesma é tão avassaladora! E isso não se limita ao apóstolo. Vê-se a mesma exuberância nos hinos cristãos. João Wesley traduziu um hino do Conde Zinzendorf,

e nele vemos a expressão, "misericórdia sem limites". Não há limite, não há fim para isso. Seu irmão Charles escreve similarmente -

Mercê completa, imensa e franca,

Pois, ó meu Deus, me descobriu!

E Isaac Watts concorda quando escreve: "Quando avalio a maravilhosa cruz". Ele não diz meramente que olha para a cruz; ele permanece ali e a "avalia"; fica parado lá, trespassado por ela. Essa é a reação característica de todos os santos de todas as eras, independentemente de quaisquer diferenças naturais que acaso se achem neles.

Insisto na questão sobre se realmente conhecemos estas "riquezas" da graça e da glória. Cada vez me convenço mais do que é a nossa falha nesse ponto que explica muitos dos nossos problemas, dificuldades e fracassos. Muitas vezes as nossas vidas como cristãos estão "presas a depressões e angústias". Quão diferentes somos das

pessoas do Novo Testamento! Onde está a nota de vitória, de alegria, de louvor e de ação de graças? Os nossos corações comovem-se e se encantam arrebatados? Não é que eu esteja interessado em sentimentos ou êxtases como tais, mas eu assevero que ninguém pode apreciar o tesouro e as riquezas da graça de Deus sem reagir com assombro. Um dos mais delicados e sensíveis testes da nossa profissão de fé cristã é a proporção em que ficamos extasiados com as *riquezas* da graça de Deus - "Divino amor, tão admirável! Requer minha alma, minha vida, meu tudo". Temos sabido apreciar estas riquezas? É porque muitos de nós não o temos feito que estamos constantemente murmurando e nos queixando de que não conseguimos ver isto ou entender aquilo. Isso explica também porque muitos vivem aflitos e parecem aflitos, razão pela qual nunca atraem uma alma para Cristo.

Ao passarmos a investigar estas riquezas, só não posso indicar certos aspectos ou itens, confiante em que a visão deles nos levará à reflexão, à meditação e à contemplação crescentes, até nos vermos "perdidos de amor, encanto e louvor".

Como podemos tentar avaliar e computar este grande tesouro? Em certo sentido, estamos ensaiando uma tarefa impossível, porque o próprio apóstolo disse: "...conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Mas o fato de não podermos jamais penetrá-lo e compreendê-lo plenamente não significa que não devemos

examiná-lo. Tratemos de ir tão longe quanto pudermos no presente, e daí prosseguir enquanto um dia seguir outro, até já não existir o tempo. Acredito que passaremos a nossa eternidade dessa maneira. Assim é o céu, parece-me. A glória da eternidade consistirá das nossas descobertas de novos aspectos destas riquezas, e do nosso ingresso em mais outras apreciações maravilhosas da glória da graça de Deus.

O primeiro teste, sugiro, é descobrir a dignidade e o valor de algo sabendo o preço que foi pago por isso. E um bom teste para uma pintura, uma gravura ou qualquer obra de arte. Como é avaliada? Qual o preço pago para sua aquisição? Já estudamos esse assunto, porém não permita Deus que sejamos tão mecânicos em nosso modo de pensar que digamos que, porque o estudamos uma vez, não temos necessidade de mencioná-lo nunca mais. Jamais deveria haver um culto ou uma reunião de cristãos em que não se mencionasse o precioso sangue de Cristo: "Em quem temos a redenção pelo seu sangue". Não consigo entender os cristãos que ficam em casa domingo à noite, dizendo: "Ah, não precisamos ir ao culto à noite; já sabemos tudo sobre a mensagem evangelística". Você sabe "tudo" sobre o sangue de Cristo? Você acha que realmente sabe tanto sobre isso que não pode aprender nada de novo a respeito? O cristão que não recebe nada num culto evangelístico está, para dizer o mínimo, numa condição nada saudável. Se o seu coração não bate mais rápido toda vez que você ouve falar do "sangue de Cristo", você não é como o apóstolo Paulo. Vêem-se as riquezas da graça de Deus no preço que foi pago para a nossa redenção -

“Em quem temos a redenção pelo seu sangue”. Não ouro nem prata nem platina, nem qualquer dos metais mais preciosos do mundo; mas o sangue do Filho de Deus, a vida do Senhor vertida, dAquele “por quem foram feitas todas as coisas, e por quem todas as coisas subsistem”. Essa é uma maneira de avaliar “as riquezas da graça de Deus”.

A segunda maneira de apreciar as riquezas é notar a munificência pela qual Deus nos dá essas riquezas. Essa já é em si uma expressão da grandiosidade das riquezas. Temos “a redenção pelo seu sangue... segundo as riquezas da sua graça”. Tudo o que temos não é resultado dos nossos pedidos a Deus; é dado gratuitamente por Deus. Se você vai a uma pessoa rica e lhe pede uma dádiva, e ele, tendo considerado o pedido, diz: “Muito bem, eu lhe darei o que pede”, você lhe fica muito grato, e com razão. Isso

prova que a pessoa é generosa. Mas quando pensamos nesta grande salvação, todas as dádivas menores empalidecem em sua significação. Deus não nos perdoa porque Lhe pedimos que nos perdoe. Deus não enviou Seu Filho ao mundo porque o mundo ficou clamando a Ele que o fizesse. Na salvação nada nos é dado por Deus como resposta a um pedido nosso, absolutamente nada! Tudo vem inteira e absolutamente de Deus. Ele no-lo dá sem que Lho peça-mos; Ele no-lo derrama sem que haja pedido algum. E, na verdade, apesar de nós, apesar de sermos inimigos, alheios e rebeldes, apesar de Lhe darmos as costas. E apesar de tudo o que somos e de tudo o que fizemos que Deus nos deu “as riquezas da sua graça”. DEle é a iniciativa, como também o ato de dar.

Depois devemos ir adiante e compreender que o apóstolo está salientando que Deus nos dará tudo isso, não se lamentando, mas com uma liberalidade e generosidade que frustra toda tentativa de descrição. Tiago nos dá uma idéia disto no capítulo primeiro da sua Epístola, quando nos diz que, se a algum de nós falta sabedoria, que a peça a Deus que dá “liberalmente, e o não lança em rosto”. Se posso dizê-lo com reverência, Deus não pode dar de nenhum outro modo. Deus não dá reclamando; Sua natureza torna isso impossível. Deus só pode ser liberal. Posto que Ele é Deus, só pode agir de uma maneira, com superabundância, “sem empecilho ou obstáculo” ou limite. Como já vimos, o apóstolo Paulo, no capítulo 3 de Efésios, afirma que a maneira como Deus dá “excede todo o entendimento”. Ali ele fala em medidas, em largura e comprimento, altura e profundidade. Como vivemos no tempo, pensamos na imensidão em termos de medidas. Nós a medimos com o auxílio de telescópios, teodolitos e outros instrumentos. Por isso o apóstolo, por assim dizer, convida-nos a trazer todos os nossos instrumentos e meios para com eles tentarmos medir o amor e a bondade de Deus para conosco. No entanto, ele nos assegura que tudo isso é fútil. Vá tão longe quanto puder, e ainda não terá nem começado; “excede todo o entendimento”. O amor e a graça de Deus são um “mar sem fim”. Você pode pensar que vê o outro lado, e se lança às águas, só para descobrir que um horizonte cede

lugar a outro, e a outro, e a outro; é interminável, um abismo imenso, "excede todo o entendimento". "As riquezas da sua graça" são tão grandes, grandiosas e profundas como o próprio Deus, pois, quando Deus preparou a nossa salvação, Ele deu-Se em Seu Filho. Assim, "as riquezas da graça de Deus" são realmente o próprio Deus. Ele entesourou todas as Suas

riquezas de sabedoria e graça no Filho; tudo está em Cristo. A medida das riquezas da graça é a medida da Pessoa de Deus. Por isso podemos dizer, em nosso linguajar fraco e inadequado, que as riquezas da graça de Deus são insondáveis. Como William Cowper nos lembra num dos seus hinos:

Em fundas e insondáveis minas De infalível habilidade Seus belos planos guarda, e aciona Sua soberana e boa vontade.

Toda vez que exploramos as palavras, os caminhos e as obras de Deus, vemo-nos num espaçoso e "rico lugar" (VA; NVI, em projeto: "lugar de fartura"), como nos lembra o salmista (Salmo 66:12). As riquezas da graça de Deus são inexauríveis, e embora os santos de todos os séculos tenham estado bebendo dessa fonte, ela continua borbulhante na superfície. Não importa qual seja a sua necessidade ou o seu problema; não há nada que alguma vez aflija o coração humano ou a vida humana, pelo que já não tenha sido feita provisão. Jesus "tudo faz bem " (Marcos 7:37). Quem vier a mim, disse Cristo, nunca tornará a ter sede (João 4:14). Sede, nunca, jamais! Ele é todo-suficiente, e todos os que vêm a Ele ficam plenamente satisfeitos.

Devemos a seguir examinar alguns dos pormenores destas riquezas da graça de Deus. Primeiramente há o que o apóstolo já tinha mencionado - perdão gratuito, perdão sem nenhum pagamento. Ele não exige nada. Seu convite é "O vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde e comprai... sem dinheiro e sem preço" (Isaías 55:1). Há alguns que se sentem infelizes em sua vida espiritual porque não compreenderam essa primeira verdade. Ainda estão tentando trazer alguma espécie de dinheiro, algum tipo de pagamento. Dizem eles: "Ainda não sou suficientemente bom, mas estou tentando ser". Só se pode dizer uma coisa a uma pessoa dessas - a salvação é "sem dinheiro e sem preço" - nem um centavo, nem um tostão! Nada se requer como pagamento e nada se receberá. É tudo pelas "riquezas da sua graça". Não há maior insulto à pessoa que lhe está dando um presente pela generosidade do seu coração do que enfiar a mão no seu bolso e dizer: "Gostaria de dar-lhe algo pelo que você me está dando". E

todos nós temos insultado a Deus Todo-poderoso tentando oferecer-Lhe algo. Tratem de compreender que a salvação é resultante das "riquezas da sua graça":

Assim como estou, sem nada alegar,

Senão que o Teu sangue deste por mim,

E que me atraíste para buscar-Te O Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.

Nada trago em minha mão;

Só Tua cruz minh'alma abraça;

Busco, nu, vestes de Ti;

Mísero, busco Tua graça;

Imundo, à fonte já corro:

Lava-me, Senhor, ou morro!

Essa é a linguagem do cristão.

Ainda, o perdão de Deus é um perdão completo. Isso é ainda mais maravilhoso. Quando Deus perdoa os nossos pecados, Ele não deixa nada para trás. Não há reserva alguma, não há condições. Ele não diz: "Pois bem, vou perdoar você sob condições"- nunca! "Eu perdoo você", diz Deus, "porque o meu Filho sofreu o castigo que você deveria receber por seus pecados." Ele nos justifica gratuita e completamente; os nosso pecados passados estão perdoados, os nossos pecados atuais estão perdoados, os nossos pecados futuros já receberam o devido tratamento. Ah, "as riquezas da sua graça"! Se pertencemos a Seu Filho, o livro da lei de Deus é posto de lado; esse livro fiscal nunca mais será apresentado, no que se refere a nós. Fomos justificados uma vez para sempre. Perdão completo!

Mais que isso, é uma completa reconciliação com Deus. Se você crê no Senhor Jesus Cristo, se você crê que Ele morreu pelos seus pecados e levou sobre Si o castigo que cabia a você, se você põe somente nEle a sua confiança, proclamo a você, com autoridade, que você goza completa reconciliação com Deus. Agora não há nada entre você e Deus porque Cristo morreu por você. Você foi plenamente restabelecido à comunhão com Deus, e foi habilitado a desfrutar tanto quanto Adão desfrutava antes da Queda. Sim, e até mais, porque você está "em Cristo"! Você está gozando esta plena comunhão com Deus? Quando você busca a Deus em oração, você vai com um espírito acovardado, hesitante e cheio de dúvida? Ou

vai ciente de que o caminho para Deus está amplamente aberto, graças ao sangue de Jesus? Esse é o ensino das Escrituras, e constitui um dos aspectos das "riquezas da sua graça".

Receio que muitos de nós são como o filho pródigo. Em desespero, voltamos para

casa, e cremos em certas coisas. Mas como era inadequada a idéia, a concepção, que o pródigo tinha do amor do seu pai. Ele foi com temor e tremor, dizendo: "Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros". Do que é que você está falando?", diz o pai, noutras palavras. "Tragam a melhor roupa, tragam o anel, e vão matar o bezerro cevado." Esse é o modo de Deus. E plena reconciliação; é como se o pródigo nunca tivesse feito nada errado, como se nunca tivesse insultado o pai antes de sair de casa, como se nunca tivesse saído de casa. Tudo é esquecido e banido; a reconciliação é completa. Esta é agora a nossa relação com Deus em Cristo Jesus. Se confiamos em Cristo, estamos reconciliados plenamente.

Todavia, as riquezas da graça de Deus vão até além disso! Não somente isso é uma verdade a nosso respeito, mas também podemos saber que é verdade. Podemos ter conhecimento disso, e segurança disso, e certeza quanto a isso aqui e agora. Já seria uma coisa magnífica e maravilhosa se Deus nos tivesse reconciliado com Ele em Cristo, e não nos tivesse dito que o fizera. Seria algo maravilhoso se todos nós, quando morrêssemos, tivéssemos a súbita surpresa de que, apesar de sentirmos todos que, através das nossas vidas, tínhamos pecado tanto contra Deus que Ele não poderia perdoar-nos, e, em conseqüência, nos sentíamos acabrunhados e infelizes, todavia Deus já nos tinha perdoado, e isso desde o início em que cremos em Seu Filho. Seria maravilhoso; porém Deus não nos trata dessa maneira. Segundo as riquezas da Sua graça, Ele não somente nos perdoa, mas também nos diz que o fez. Podemos ter "inteira certeza de fé" e da esperança, mesmo enquanto estamos neste mundo. Regozijamo-nos em que, "sendo justificados pela fé, temos paz com Deus". É um pobre cristão aquele que não sabe que os seus pecados estão perdoados. Não temos direito de ficar sem a certeza da salvação; é nosso direito de nascimento. Deus no-la dá; faz parte do Seu propósito a nosso respeito; é um aspecto da superabundância que Ele nos dá "segundo as riquezas da sua graça".

Pensem depois em nossa filiação e na "adoção" a que já nos referimos. Considerem-nas de novo, e não digam tolamente: "Já fizemos serviço completo com a adoção". Voltem e contemplem

essa verdade até se verem firmes sobre os seus pés louvando a Deus. Lembrem-se, então, mais uma vez, do que significa estar "em Cristo". E ainda outra vez considerem o dom do Espírito Santo e o fato de que fomos "selados" pelo Espírito de Deus até o tempo da "redenção da possessão de Deus", por Ele adquirida. Assegurem-se de que vocês conhecem algo do poder do Espírito Santo agindo em vocês. O apóstolo orou no sentido de que esses efésios tivessem aquele conhecimento. Ele desejava que eles conhecessem "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos" (1:19). Deus não nos salva e perdoa os nossos pecados, e depois nos deixa entregues a nós mesmos para combatermos o mundo, a carne e o diabo. Ele nos deu o dom do Espírito. Pelo Espírito Cristo habita em nós, e Ele "é poderoso para fazer (por nós) tudo muito mais abundante além daquilo que

pedimos ou pensamos" (3:20). Quando você estiver inclinado a sentir-se oprimido pelo diabo, pelo mundo e pela carne, lembre-se do poder que ressuscitou a Cristo dentre os mortos e que agora opera em você "segundo a riqueza da sua graça".

Prossiga depois e lembre-se do que Paulo diz no capítulo 2 sobre o acesso que temos à presença de Deus como resultado das "riquezas da sua graça". "Porque por ele (Cristo) ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (versículo 18). "Céu" significa estar na presença de Deus e fruí-10 sem empecilho ou obstáculo ou restrição; e o apóstolo nos lembra que, segundo as riquezas da graça de Deus, é-nos dada uma prelibação daquela bênção aqui neste mundo. Temos acesso ao Pai por Cristo, mediante o Espírito. Você conhece a Deus? Você está fruindo a Deus? Você está desfrutando uma Vida de comunhão com Deus? Você sabe que a intenção de Deus é que você tenha essa alegria? Você não deve contentar-se com menos que isso. Você deve crer nestas palavras, deve crer na mensagem. Não espere por um sentimento especial; tome a Palavra de Deus como é, e aja com base nela. Deus nos possibilitou isso; e nos cabe receber destas riquezas.

O apóstolo escreve também sobre Cristo "habitar em nossos corações pela fé". Na verdade, ele vai adiante e diz algo ainda mais estupendo. Devemos "conhecer o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que (nós sejamos) cheios de toda a plenitude de Deus" (3:17-19). Com Charles Wesley, não há nada que possamos dizer neste ponto, exceto "Quem poderá explorar Seus estranhos desígnios?", mas nós devemos conhecê-los, experimentá-los e

desfrutá-los mais e mais. A plenitude de Deus! Cristo em nossos corações pela fé! Manifestações espirituais do Filho de Deus, as vezes em que Ele vem a você, e você sabe que Ele está aí! Não significa que você O vê a olhos nus, mas, sim, que você "sabe e sente" que Ele está presente. Tudo isso nos é oferecido "segundo as riquezas da sua graça". Não é surpreendente que John Cennick em seu hino nos exorte, dizendo -

Filhos do celeste Rei Indo, cantai suavemente.

Isaac Watts nos encoraja a isso lembrando-nos que o "fruto celestial" pode desenvolver-se neste solo terrenal em que vivemos. Eis como ele o expressa:

Os filhos da graça já viram A glória cá embaixo iniciada;

Fruto celestial mesmo aqui Pode crescer da fé e esperança.

O Monte Sião sacros dulçores Dá-nos, antes de aos campos celestiais chegarmos,

Ou de andarmos pelas ruas de ouro da Cidade.

Seu rosto lá contemplaremos Sem nunca, nunca mais pecar;

Dos rios que manam da Sua graça Vamos beber prazer infindo.

Então iremos entoar canções,

E toda lágrima secará:

Vamos pela terra de Emanuel A mundos mais belos, nas alturas.

É no presente mundo, diz o apóstolo, que nos cabe provar as "primícias" da grande colheita, e antegozar a grande festa que Deus preparou, em toda a sua plenitude, no céu.

Pense ainda na armadura de que Paulo fala no último capítulo desta Epístola. Somos supridos de todo o necessário para habilitarmos a permanecer firmes no dia mau contra as astutas ciladas de satanás; cada parte de nós é coberta completamente.

São assim "as riquezas da graça de Deus". E, naturalmente, tudo isso leva à alegria, à paz e ao amor. Também leva a um sentimento de certeza e segurança; e isso tudo, lembremo-nos , é simplesmente com referência à nossa vida neste mundo e no tempo. Ergam os olhos e vejam, à nossa espera, "a esperança da sua vocação" e "as riquezas da glória da sua herança nos santos", a "herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para nós", que estamos em Cristo. Tudo está preparado, e tudo faz parte das "riquezas da sua graça". Nós O veremos como Ele é, estaremos com Ele, reinaremos com Ele, nós O fruiremos, seremos semelhantes a Ele e senhores do universo com Ele. Quando nos voltamos para Deus em arrependimento e fé, não o fazemos como servos, pois somos adotados como filhos! E a nós nos cabe gozar tudo quanto o coração e o amor do Pai preparou para nós. É isso que nos é oferecido em Cristo Jesus, segundo as riquezas da graça de Deus.

Ao contemplarmos tudo isso, que nos resta dizer, senão,

Assim como estou, sem nada alegar,

Senão que o Teu sangue deste por mim,

E que me traíste para buscar-Te,

O Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.

Assim como estou, sem mesmo esperar Minh'alma livrar de algum borrão,

A Ti, cujo sangue pode limpar-me,

Ó Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.

Assim como estou, cego, pobre e febril;

Visão e riquezas e cura mental,

Sim, para achar tudo o que eu preciso,

Ó Cordeiro de Deus, eu venho a Ti.

Mísero pobretão! Levante-se, e em seus trapos e em sua penúria vá ao Senhor e comece a receber as riquezas da Sua graça. Acredite nEle quando Ele lhe diz que tudo isso e infinitamente mais estão disponíveis agora. Estenda a mão e receba toda essa bênção, e logo estará regozijando-se, cheio de assombro ante as "riquezas da sua graça".

1

"The National Gallery of London", Trafalgar Square, Londres; "The Tate Gallery", Millbank, Londres. Nota do tradutor.

“O MISTÉRIO DA SUA VONTADE”

“Que ele derramou abundantemente (ARA) para conosco em toda a sabedoria e prudência; descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo.”

-Efésios 1:8-9

Aqui o apóstolo dá continuidade à declaração que iniciara no começo do versículo 3. O texto que vai do versículo 3 ao fim do versículo 14 é só uma grande afirmação dividida em suas partes componentes; constitui, pois, somente uma grande declaração. A expressão *na qual,* na tradução da Versão Autorizada inglesa *(que,* na de Almeida), lembra-nos que o que temos diante de nós é uma continuação do mesmo tema. Cada declaração particular contribui com algo de novo e vivo e, todavia, cada uma delas está relacionada com todas as demais, e todas se juntam num grande pronunciamento concernente ao método de salvação planejado por Deus. Ao descrevê-lo, o apóstolo tinha feito uso dos seus superlativos, mas agora vemos que até eles deixam de cumprir os seus desejos; ele tem que acrescentar algo. Eis como o faz: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas (ou o “perdão dos pecados”), segundo as riquezas da sua graça, que ele derramou abundantemente para conosco”. As riquezas tornaram-se abundantes! Assim, é a esse aspecto das riquezas da graça de Deus que vamos dar atenção agora.

Para entendermos estes dois versículos, devemos ter bem claro em nossas mentes exatamente o que o apóstolo está dizendo, e isso envolve um estudo da fraseologia exata das duas declarações. A Versão Autorizada inglesa diz: “Na qual ele foi abundante para conosco”, porém em geral se concorda que essa tradução não é muito boa. É melhor traduzir: “A qual ele tornou abundante para conosco” (semelhante à Versão de Almeida: “que ele fez abundar” (ARC); “que Deus derramou abundantemente” (ARA). Esta é preferível porque “na qual ele foi abundante para conosco” dirige a atenção para Deus, ao passo que nesta altura o apóstolo está desejoso de concentrar-se nas “riquezas da sua graça, que ele tornou abundante para conosco”. Ele está dando ênfase à maneira pela qual

a graça de Deus, em suas riquezas, tornou-se abundante para conosco.

Depois há o problema adicional quanto a decidir qual a relação da frase “em toda a sabedoria e prudência”. Tem havido muito desacordo sobre isso. Na Versão Autorizada (“AV”) e na Versão Revista Inglesa (“ERV”) as palavras “em toda a sabedoria e prudência” estão no versículo 8 e estão ligadas a Deus tornando abundante a Sua graça para conosco. Mas na Versão Padrão Revista inglesa (“RSV”) há uma diferença. Nela essas palavras são colocadas no versículo nove, e a tradução diz: “A graça que ele prodigalizou para nós. Pois ele nos fez conhecidç, em toda a

sabedoria e discernimento, o mistério da sua vontade". É claro que, em última análise, vem a dar na mesma; entretanto, se se trata de uma descrição de como a graça de Deus se torna abundante para conosco, devemos colocar "sabedoria e prudência" no versículo 8, e não no 9, e tomá-los em conexão com a graça de Deus.

Há três maneiras pelas quais podemos tratar desta questão. Podemos dizer que Deus, no exercício da Sua sabedoria e prudência, foi abundante para conosco em graça. Ou podemos dizer que Deus nos tornou conhecido, em toda a sabedoria e prudência, o mistério da Sua vontade. É como entende a Versão Padrão Revista Inglesa ("RSV"). Mas me parece que a melhor maneira, a sugerida pela Versão Autorizada e Revista inglesa ("ARV"), é simplesmente mudar a primeira parte do versículo 8 para: "A qual (referindo-se à graça), juntamente com toda a sabedoria e prudência, ele tornou abundante para conosco". Eu argumento no sentido de que se deve entender dessa maneira porque não acho certo atribuir "toda a sabedoria e prudência" a Deus, pela seguinte razão: como Deus é sabedoria absoluta não temos direito de dizer que Deus faz algo "em toda a sabedoria". De um homem podemos falar que ele faz coisas "em toda a sabedoria", porém Deus é sabedoria essencial e, portanto, não Lhe podemos aplicar tal expressão. É falta de reverência.

Com maior razão quanto à palavra "prudência". Em parte alguma de toda a gama das Escrituras se atribui "prudência" a Deus. Pode se usar o termo com referência aos homens, mas é impróprio com relação à Deus, cujos caminhos são perfeitos, e que é sabedoria absoluta e eterna. Por isso afirmo que devemos considerar a "sabedoria" e a "prudência" como aplicada a nós, e que Paulo está dizendo que elas nos vêm como resultado da operação da graça de Deus.

O que o apóstolo está dizendo é, pois, que as riquezas da graça de Deus para conosco não ficaram restritas à questão do perdão, mas foram tão abundantes que nos trouxeram algo mais, a saber, a sabedoria e a prudência, que são absolutamente necessárias para que se possa ter algum conhecimento do mistério da vontade de Deus e do Seu propósito eterno em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Essa é, então, a terceira grande declaração que o apóstolo faz concernente às coisas que Deus fez com relação à nós - Ele nos escolheu; Ele nos predestinou; Ele nos tornou conhecido o mistério da Sua vontade. Há uma seqüência definida aqui, como se nos diz no versículo 9: "Descobrindo-nos (Deus) o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo." Deus propusera em Si mesmo, antes da fundação do mundo, este grande esquema de redenção e de salvação; é algo que se originou inteiramente na mente e no coração de Deus. Ele o propusera em Si mesmo. E o que propusera é este "beneplácito", esta "boa vontade para com os homens"da qual os anjos falaram aos pastores: "Paz na terra, boa vontade para com os homens".

Contudo, diz o apóstolo, Deus não somente propôs e planejou a salvação; revelou-a

também; é um mistério que Ele tornou conhecido. E, ainda mais maravilhoso - e esta é a mensagem particular destes dois versículos - Deus fez também algo que nos possibilita saber isso, apreendê-lo e recebê-lo. Esta é a maneira pela qual "as riquezas da graça de Deus" tornaram-se "abundantes para conosco". Fê-lo "em toda a sabedoria e prudência", para que pudéssemos penetrar e entender o mistério da vontade de Deus e do Seu propósito misericordioso.

Este é, pois, o tema, e é um tema particularmente importante no presente, porquanto aqui o apóstolo está manejando e tratando toda a questão da nossa abordagem da salvação cristã. Esta questão está provocando muita discussão atualmente, como aconteceu com muita freqüência na história da Igreja. É uma particular causa de tropeço para o homem moderno, que tem muita coisa para dizer acerca do lugar que a mente, a razão e o entendimento humanos ocupam com relação à fé. Há muitos que rejeitam a fé cristã porque não a podem entender; dizem eles que ela é irracional, que ela não se encaixa nas categorias do pensamento normalmente utilizadas, e assim por diante. Isso lhes parece boa e suficiente razão para rejeitá-la e alegar que ela não tem nada para comunicar ao homem moderno.

Portanto, essa questão é crucial, e de vital importância em relação à pregação do evangelho e à evangelização. Ela determina toda a nossa maneira de abordar esses pontos, particularmente com respeito aos nossos métodos. A pergunta é: como a pessoa passa a ter conhecimento da grande salvação que está em Cristo, e a ter entendimento do poderoso e eterno propósito de Deus? Para respondê-la não podemos fazer nada melhor do que examinar com atenção os termos utilizados pelo apóstolo.

O primeiro é "mistério" - "Que ele derramou abundantemente para conosco em toda a sabedoria e prudência; descobrindo-nos o mistério da sua vontade". "Mistério" é um termo muito importante nas Epístolas de Paulo. Mas de modo algum está restrito aos seus escritos; é um termo vital em todo o Novo Testamento. Mesmo o nosso Senhor fez uso dele em Seu discurso registrado no capítulo 13 do Evangelho Segundo Mateus, e nas passagens paralelas, como em Marcos, capítulo 4. O Senhor estava explicando aos discípulos o Seu método de ensinar o mistério, ou a verdade, concernente ao reino de Deus por meio de parábolas. Os discípulos são conseguiam entender isso, todavia o Senhor explicou-lhes: "A vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado" (Mateus 13:11). O ensino concernente ao reino dos céus é um mistério; e Ele o faz conhecido somente aos discípulos. Embora os fariseus e outros estivessem por perto e ouvissem as mesmas palavras, quando Ele proferiu as Suas parábolas, eles não as entenderam e se retiraram levando uma impressão errada. Isso tudo por causa do *mistério* do Reino, diz o nosso Senhor.

O apóstolo Paulo emprega o termo no capítulo 16 da Epístola aos Romanos: "Ora,

àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto. Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé" (versículos 25 e 26). Vemo-lo também na primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2: "Todavia falamos sabedoria entre os perfeitos; não porém a sabedoria deste mundo, nem dos príncipes desse mundo que se aniquilam; mas falamos a sabedoria de Deus oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para a nossa glória" (versículos 6 e 7).

O apóstolo utiliza a palavra de novo no capítulo 3 desta

Epístola aos Efésios, onde ele fala da dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima em pouco vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens..." (versículos 2 a 5). O apóstolo se repete freqüentemente, como todo bom mestre faz, especialmente um mestre do evangelho, que tem algo que vale a pena repetir. Vemos ainda a palavra na Primeira Epístola a Timóteo, capítulo 3: "Grande é o mistério da piedade" (versículo 16). É patente que se trata de um termo chave; e, se não entendermos o seu significado, certamente nos perderemos nesta questão de como um homem se torna cristão, e quanto à relação da razão com a fé, e da mente com a salvação.

O termo "mistério", como empregado no Novo Testamento, não significa uma espécie de segredo místico, só revelado a uns poucos iniciados e deliberadamente guardado e mantido longe de todos os demais, como era característico das "religiões de mistério" tão comuns no tempo de Paulo. Os homens tinham que ir aos templos e passar por certos procedimentos cúlticos, antes de se iniciarem para o conhecimento do mistério. Era um segredo guardado zelosamente e que se limitava a certos filósofos e a pessoas excepcionais; nunca era dado às pessoas comuns. Há certas seitas e sociedades secretas atualmente que evidentemente se baseiam nessas idéias. Suas reuniões são feitas a portas cerradas, e o candidato se compromete a nunca divulgar o segredo, e lhe é dado um sinal ou uma senha pela qual ele pode reconhecer os seus companheiros de devoção. Isso é a própria antítese do cristianismo, o qual proclama, prega, expõe, anuncia a sua mensagem e deseja que todos a conheçam. Portanto, o termo *mistério* como empregado no Novo Testamento, não denota algum segredo místico guardado cuidadosamente e ao qual somente os iniciados são admitidos.

Mais importante ainda, porém, é o fato de que quando esta verdade é descrita como um *mistério,* não quer dizer que se trata de algo vago, nebuloso e indefinido. Esse é, talvez, o principal ponto que se deve salientar hoje, pois há uma escola de

pensamento que ensina que a fé cristã nunca pode ser exposta em proposições. O cristianismo, ensinam os seguidores dessa escola, é essencialmente um "encontro" que se dá num "momento existencial", quando o evangelho fala ao homem e se dirige a ele, e acontece algo com o homem que nunca pode ser impresso no papel ou exposto com frias

palavras. Daí dizerem eles que a Bíblia é um livro falível porque são somente tentativas de homens para expor e explicar a experiência vital que tiveram no momento do encontro. Isso, sustentam eles, é muito diferente de chamar as pessoas à fé em certas proposições. Dizem eles: "A verdade nunca pode ser exposta proposicionalmente" porque é um mistério. Noutras palavras, eles definem *mistério* como algo incompreensível, algo que o homem não pode expor ou expressar, e eles acrescentam que qualquer tentativa para fazê-lo o deprecia e o invalida.

É de grande importância que compreendamos que não é esse o sentido de *mistério,* nem tampouco aquele conceito que dele sempre aparece com aspecto intelectual e teológico; esse conquistou certa popularidade num movimento cujo lema afirma que "Religião é captada, não ensinada". Religião, alega-se, é coisa do espírito, algo indefinível, algo que não se pode expor em frias palavras; você simplesmente a "capta" de outros. Não se deve expor a religião numa confissão de fé ou nalguma declaração tipo credo. Tentar fazê-lo é ser racionalista. Você encontra pessoas que a têm, você não pode explicar exatamente o que é, mas sabe que elas a possuem, e você a capta, e assim ela se propaga de uns aos outros.

Tais asserções fazem completa violência ao que o Novo Testamento quer dizer com o termo "mistério", e subvertem inteiramente a fé cristã. No entanto, certamente dão excelente base para outro movimento ecumênico de sucesso. A única esperança de se ter um movimento ecumênico de sucesso é dizer que se pode evitar descer às particularidades, e que não se deve insistir em coisa alguma. Desde que de algum modo creiamos em Cristo, somos todos um, e se tem em vista uma igreja mundial que inclua todas as pessoas religiosas. Como uma publicação religiosa, agora defunta, disse por ocasião de uma grande campanha evangelística a alguns anos: "Tenhamos tréguas teológicas durante a campanha"! Contudo, toda essa conversa baseia-se na idéia de que a verdade cristã é misteriosa no sentido de que é incompreensível para o intelecto humano, que nunca pode ser entendida ou exposta em proposições e que a única coisa que importa é que todos nos devemos crer vagamente em Cristo.

Positivamente, a palavra *mistério* no Novo Testamento não significa algo que é incompreensível para a mente humana, mas é antes algo que a mente humana desassistida não pode descobrir. Essa é a diferença vital. Diz a definição errônea que é sempre

incompreensível. A segunda definição afirma que a mente humana, por seu próprio

empenho ou esforço, nunca pode chegar a ele, porém, quando capacitada a fazê-lo começa a compreendê-lo. E um mistério no sentido de que o homem, com a sua mente e o seu intelecto decaídos e desassistidos, nunca pode descobri-lo e chegar a ele; mas quando lhe é revelado ele pode entendê-lo. O apóstolo Paulo refere-se a ele como "sabedoria de Deus" e "sabedoria oculta". Diz ele que "nenhum dos príncipes deste mundo conheceu", porque eles procuravam entendê-lo com sua mente desassistida. "Mas", diz o apóstolo, "Deus nô-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. "Não recebemos o espírito do mundo", prossegue ele, "mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (1 Coríntios 2:7-12). Nós podemos saber estas coisas; elas se nos tornaram compreensíveis como resultado da operação do Espírito Santo.

Falando dessa maneira, o apóstolo está apenas repetindo o que o nosso Senhor tinha dito antes dele. No capítulo 11 do Evangelho Segundo Mateus lemos que o nosso Senhor dirigiu-Se a Seu Pai e disse: "Graças te dou, o Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultastes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos. Sim ó Pai, porque assim te aprouve" (versículos 25 e 26). Deus esconde dos "sábios e entendidos"a verdade; e esta continua sendo um mistério para eles; não, porém, para os "pequeninos". Deus a revela aos "pequeninos" para que eles a desfrutem. Noutras palavras, o termo "mistério" significa que esta grande verdade concernente a vontade de Deus e ao Seu propósito de salvação só pode ser recebida quando Deus a faz conhecida e a revela. E diz o apóstolo que ele o fez. "Que ele derramou abundantemente para conosco em toda a sabedoria e prudência, descobrindo-nos o mistério da sua vontade."

Portanto, "mistério", não é algo inerente e essencialmente incompreensível para a mente humana, mas é antes algo que constitui um segredo que está fora do alcance da mente humana natural, algo que Deus revelou e desdobrou para os que crêem. Todo ensino no Novo Testamento gira em torno disto, que os crentes em Cristo penetraram o segredo, tiveram o mistério revelado a eles. A verdade salvífica deixou de ser um mistério para o cristão; só é mistério para o não cristão. Para o cristão é um segredo aberto, porque aprouve a

Sendo assim, devemos, em segundo lugar, ir adiante e perguntar: é, pois, certo dizer que, visto que Deus fez esta revelação do mistério de Sua vontade em Cristo, quem quiser pode recebê-lo e entendê-lo? Resultará disso que, desde que Deus o revelou em Cristo, qualquer pessoa pode vir ao Novo Testamento e o pode ler, aplicar a sua mente e o seu intelecto a ele, e então pode descobrir a mensagem? A resposta é exatamente o que o apóstolo está salientando aqui, e ela nos leva às palavras "sabedoria e prudência". Partamos das proposições que constam na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulos 1 e 2: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus" e, "não são muitos os sábios, nem muitos os nobres que são

chamados". A verdade estava sendo apresentada àqueles intelectuais gregos, mas eles não podiam vê-la. Os homens vêm ao Novo Testamento com toda habilidade, entendimento e preparo que têm, porém não enxergam a verdade. Nunca poderão enxergá-la, sem o Espírito Santo. O Espírito Santo, e a Sua operação em nós, são absolutamente essenciais antes de podermos receber a verdade e começar a entendê-la. A "sabedoria" é necessária, e sabedoria significa conhecimento e entendimento. Noutras palavras, a melhor exposição dos dois versículos que estamos examinando acha-se nos dois primeiros capítulos da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. A grande busca que os gregos faziam era de sabedoria; a grande busca feita por todos os filósofos é de conhecimento e entendimento; eles tentam achar Deus e entendê-10 e ao mundo, mas "o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria". A sabedoria do mundo não é suficiente. Entretanto, diz Paulo, nós "falamos a sabedoria de Deus".

É preciso que Deus nos dê entendimento também. Escrevendo aos Coríntios nessa mesma primeira Epístola, no capítulo 3, o apóstolo diz algo de crucial importância: "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio" (versículo 18). Noutras palavras, se você quiser entender e penetrar esta sabedoria de Deus, terá que se tornar como criança. Terá que renunciar à sabedoria terrena e à confiança nos poderes e faculdades humanas; terá que se tornar louco; terá que dizer: "Eu não sei nada, as minhas habilidades de nada valem aqui; tornei-me como uma criança pequena". "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino

dos céus" (Mateus 18:3). A glória do evangelho diz o apóstolo, é que Deus, em Sua graça, nô-lo revelou. Sua graça foi tão abundante para conosco que podemos dizer: "Nós temos a mente de Cristo" (1 Coríntios 2:16). Assim o apóstolo termina a sua argumentação. Mas observem que ele diz também no capítulo 2 de sua Primeira Epístola aos Coríntios: "O que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido" (versículo 15). O cristão entende, porém o incrédulo não o entende. E então Paulo faz uma pergunta: "Quem conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo?" Sua resposta é que, conquanto ninguém possa instruir Deus, não obstante, "nós temos a mente de Cristo", e a temos por causa das riquezas da graça de Deus que "foi abundante para conosco em toda a sabedoria". Ele nos deu poder para entender e compreender.

Mas recebemos não somente "toda a sabedoria", como também "prudência". Esta palavra "prudência", como empregada aqui no Novo Testamento, não tem o sentido que normalmente atribuímos à palavra "prudência". Poderemos ver isso examinando alguns outros exemplos do uso da mesma palavra no Novo Testamento. Quando Simão Pedro fez a sua grande confissão de fé em Cesaréia de Filipe, ficou surpreso quando nosso Senhor lhe disse que Ele tinha que sofrer a morte na cruz. Disse Pedro: "Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso".

Mas o nosso Senhor voltou-Se para ele e disse: “Para trás de mim, satanás, porque não compreendes as coisas que são de Deus” (VA: “...pois *não gostas* das coisas que são de Deus”). Quer dizer, Pedro não as apreciava, não as entendia.

Vejam mais uma ilustração na Epístola aos Romanos, capítulo 8, versículo 5: “Os que são segundo a carne *inclinam-se* para as coisas da carne; mas os que são segundo o espírito, (*inclinam-se)* para as coisas do espirito” (VA e ARA: “... segundo o Espírito, ...do Espírito”). *Inclinam-se* traduz a mesma palavra grega que estamos estudando, e o sentido é que as “coisas carnais” constituem o interesse dos homens que estão “na carne”; essa é a esfera que os atrai, é onde vivem as suas inclinações, onde vivem em suas mentes; as coisas deste mundo constituem o seu gozo. Ou vejam ainda Colossenses, capítulo 3, versículo 2: “*Ponde o vosso afeto* nas coisas que são de cima” (VA). *Ponde o vosso afeto* traduz a mesma palavra que em nosso texto vem traduzida por “prudência”.

Essas ilustrações ajudam nos a entender o sentido do termo “prudência”. Significa um estado mental que inclui os afetos, bem

como a mente. Assim, pode se traduzir por “perspicácia” - “Em toda a sabedoria e perspicácia”. Significa “discernimento espiritual”, a capacidade de discernir a excelência das coisas de Deus, e de ter um correspondente afeto para com elas. Portanto, as riquezas da graça de Deus tornaram-se abundantes para conosco, não somente na sabedoria que me dá entendimento; toda a minha alma é envolvida, o homem integral. Estão incluídos os meus afetos, o meu interesse, o meu amor; todo o meu ser é conclamado; e eu o desejo de todo meu ser.

Sendo essa a doutrina, tiro as seguintes conclusões: se esta é a verdade, então os progressos do conhecimento e da ciência, os progressos dos séculos, não fazem a mínima diferença na questão da verdade espiritual, e são completamente irrelevantes onde o que interessa é essa verdade.

Recentemente vi uma declaração que mostra quão necessário é chamar a atenção para isto hoje. Eu estava lendo a resenha de um livro na qual o resenhista visou os que se deleitam em elogiar a teologia dos séculos 16 e 17, e também certos escritores católico--romanos mais antigos. Eis o que ele escreveu: “Estou menos certo do que já estive, porém, de que as categorias daqueles grandes dias sejam apropriadas para uma discussão dos problemas levantados para o nosso pensamento pelos neofisicistas”. O que ele quis dizer é que há pouco valor em ler e estudar as grandes teologias do passado, pois elas não podem ajudar-nos agora. Enfrentamos os grandes problemas levantados por novas ciências, como a física atômica, e pelos progressos atuais no conhecimento, no pensamento, e em nosso entendimento do cosmos e da natureza do universo. O resenhista asseverou que de nada vale retornarmos aos escritores antigos, pois é óbvio que temos de possuir algo novo antes de podermos entender a verdade e o método de Deus com relação ao

homem e ao plano da salvação na hora presente. Há novos problemas, alegou ele, por causa dos progressos feitos pelas mentes dos homens. Mas isso é simplesmente uma completa negação do que o apóstolo ensina nestes dois versículos que estamos considerando, e, na verdade, de todo o Novo Testamento. A mente humana, em suas melhores condições, quer no primeiro século quer no século vinte, nunca é adequada. Para o homem natural a verdade permanece sempre um mistério. Era um mistério há quase dois mil anos; é igualmente um mistério hoje. A nova astrofísica não faz a

mínima diferença. Nosso interesse é Deus, o homem, o pecado; e a divisão do átomo é completamente irrelevante nessa esfera. Dizer que a era dos neofisicistas exige uma nova espécie de verdade e entendimento é negar a base mesma da fé cristã.

Em segundo lugar, as Escrituras, e somente elas, devem ser a nossa única e final autoridade quanto a todas estas questões. A modernidade não faz absolutamente nenhuma diferença. A revelação acha-se na Bíblia, e ali permanece sem mudar e imutável. Não há nada adicional no século vinte, e nunca haverá. Deus revelou o mistério; portanto, falar em mente moderna e em homem moderno é negar as Escrituras. Nunca haverá, nunca poderá haver algum progresso sobre o qual tenha havido revelação. Vivemos sobre "o fundamento dos apóstolos e profetas", e não podemos ir além deles.

Em terceiro lugar, a obra de Espírito Santo é absolutamente essencial ao entendimento das Escrituras. O que quer que um homem seja, e por maior que seja a sua capacidade natural, se ele não for iluminado pelo Espírito Santo , não entenderá e não poderá entender as Escrituras . A verdade que elas revelam é "discernida espiritualmente".

Por último - e com prazer o digo! - visto que se trata do método de Deus, há esperança para todos, de que o entendam. Como é algo que é revelado por Deus e que Ele nos habilita a entender dando nos "sabedoria" e "prudência", haja intelecto ou não, não faz diferença vital. O entendimento dado por Deus mediante o Espírito Santo está á disposição de todos. Torno a lembrar-lhes o que o apóstolo diz aos Coríntios: "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados". "Deus escolheu as coisas loucas", as fracas, as vis, as desprezíveis, "as que não são; para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele" (1 Coríntios 1:26-29). Não é o poder do intelecto que faz o cristão; a salvação é espiritual; é tudo dado por Deus. Ele nos dá a sabedoria e a prudência, como também a verdade. Estamos todos no mesmo nível, e, portanto, não devemos gloriar-nos em nada e em ninguém, exceto no Senhor.

Diga-se de passagem que esta verdade é toda a base da atividade missionária. É por causa disso que você pode ir ao coração da África Central e visitar uma tribo de pessoas que não sabem ler e escrever, e sem instrução. Você pode pregar o

evangelho com a mesma confiança como o prega na sociedade ocidental, porque Deus

pode iluminá-las por intermédio do Espírito Santo . Muitos dos cristãos primitivos eram escravos; “aos pobres é anunciado o evangelho”. Através dos séculos tem sido assim. Graças a Deus por isso. Se fosse de outro modo, os homens bem dotados intelectualmente teriam grande vantagem sobre os outros; mas neste ponto somos todos iguais. “Não há um justo, nem um sequer.” “O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria”. “Aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (1 Coríntios 1:21). Quão gratos devemos ser a Deus por Ele ter derramado abundantemente sobre nós as riquezas da Sua graça para conosco “em toda a sabedoria e prudência”; descobrindo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo”! Juntemo-nos ao apóstolo Paulo, dizendo: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Romanos 11:33). Quem, senão Deus, poderia engendrar tal plano de salvação, um tão perfeito plano de salvação? “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém!”

TODAS AS COISAS REUNIDAS EM CRISTO

“De *tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.”* - Efésios 1:10

Esse versículo explica a natureza do mistério que a Deus aprouve revelar-nos. Não hesito em asseverar que nesse versículo temos a chave para o entendimento do principal propósito prático desta Epístola aos Efésios. E essa a mensagem que o apóstolo está muito interessado em expor. Ao mesmo tempo, naturalmente, ele estava desejoso de dizer-lhes todas as coisas que já consideramos; mas o traço peculiar desta Epístola é que se destina a ser uma exposição desse tema em particular. De fato podemos ir adiante e dizer que esse versículo mostra qual é o tema central de toda a Bíblia. Do ponto de vista da concepção do pensamento e da categoria do significado, não há nada maior. Não quero dizer que é maior do ponto de vista da nossa experiência; nesse aspecto não é maior do que o versículo 7 - “Temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas (ou, “o perdão dos pecados), segundo as riquezas da sua graça”. Entretanto, visto do ponto de vista do intelecto, como um conceito poderoso, devemos dizer que é superior ao versículo 7, porque no versículo 10 somos elevados direto aos céus e nos vemos contemplando o propósito final de Deus com relação a este mundo. Não há nada mais elevado que isso, nada que esteja além do propósito final de Deus. É maior e mais grandioso que nossa salvação pessoal. Nesse versículo somos transportados acima da questão da nossa salvação pessoal e somos introduzidos na esfera das

realidades supérrimas - do grande, compreensivo, final e supremo propósito de Deus. A mente humana não pode contemplar algo mais grandioso. Deus não nos dá maior privilégio do que o de permitir que vejamos isso a fundo,

Como é maravilhoso poder fazê-lo, em vista do presente estado e condição do mundo! Vemos as nações rasgadas e divididas;

vemos tumultos; sabemos de certas possibilidades terríveis. Para todas as pessoas que pensam, a grande pergunta é: que é que há de errado com o mundo, e que se pode fazer a respeito? Para mim, a maior tragédia da hora presente é que muitos "líderes" cristãos, quando tentam lidar com esta situação do mundo, concentram-se no que eles acham que os estadistas deveriam fazer para resolver as crises que se repetem e impedir certos perigos. Eles expõem as suas opiniões e dão o seu conselho. Mas nem eu nem eles estamos em condições de aconselhar os estadistas. Essa é a tarefa especial dos estadistas; e quanto mais estadistas cristãos tivermos, melhor. Como cristão, tenho os meus pensamentos e as minhas idéias acerca dessas coisas, porém, elas não têm autoridade nenhuma sobre os pensamentos alheios, sejam de quem forem.

Ainda que não seja qualificado para aconselhar estadistas, eu fui comissionado para expor as Escrituras. Não sei o que vai acontecer neste mundo; ninguém sabe. Não sei se haverá paz ou guerra, e se será tempo perdido tentar mexer nesse assunto. Mas me proponho a tratar de um assunto que conheço, que pertence a uma esfera muito mais ampla, e estou pronto para fazê-lo com a autoridade que Deus me dá. O futuro imediato poderá trazer guerra ou paz; não sei; todavia sei algo a respeito do futuro distante. Este é um dos pontos nos quais o cristão e o não cristão se diferenciam e estão separados um do outro. O cristão está interessado no futuro distante e no plano de Deus, e ele sabe que a história terá fim de uma certa maneira. Há muitos que acreditam que é possível cristianizar o mundo, e que o principal dever da pregação é procurar persuadir as pessoas a aplicarem o ensino cristão às atividades do mundo. Mas esperar comportamento cristão de pessoas não cristãs indica uma colossal ignorância sobre o pecado e os meios de que se serve como são revelados na Bíblia. Não é essa a mensagem revelada aqui e, na verdade, em parte nenhuma da Bíblia. O que nos é dito aqui é algo que vai acontecer apesar do que os homens e as nações façam ou deixem de fazer, pois é plano de Deus, e é absolutamente certo. Se você entende estas coisas, esse entendimento o habilita a ver a presente crise mundial e a permanecer calmo; você sabe que o supremo Deus é infalível.

Talvez a melhor maneira de abordar a crucial declaração deste versículo 10 seja, de novo, tomar as palavras que o apóstolo usa, porque, se não tivermos claro entendimento do significado das

palavras, a nossa compreensão do ensino será inevitavelmente errônea. A primeira palavra que vamos considerar é "dispensação" - "De tomar a congregar em Cristo

todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos...”A que maus tratos essa palavra tem sido submetida! Tem sofrido tal abuso e tem sido tão mal interpretada que quase dá medo de usá-la. Há pessoas que dividem a Bíblia em tantas dispensações que o que resta é confusão. As autoridades concordam que “dispensação” tem dois sentidos principais, e o termo é empregado três vezes nesta Epístola. É utilizado no versículo 2 do capítulo 3, onde Paulo diz: “Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação”. Acha-se também no versículo 9 do mesmo capítulo: “E demonstrar a todos qual seja a dispensação (VA: “a comunhão”) do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus que tudo criou” (VA: “que tudo criou por Jesus Cristo”). A palavra traduzida por “comunhão” (VA) é a mesma palavra grega traduzida por “dispensação” no texto que estamos estudando. Ainda a mesma palavra é empregada pelo apóstolo na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 9, versículo 17. Falando de si mesmo como pregador, ele diz: “Se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se me dá má vontade, apenas uma dispensação me é confiada”. (O termo “apenas” (ARC) não consta nem na VA, nem em ARA, nem no texto grego.)

Como poderemos saber qual dos dois sentidos adotar? Tudo depende de se você a considera do ponto de vista de uma pessoa que exerce autoridade ou do ponto de vista de uma pessoa que está sob autoridade. Se você considera a palavra do primeiro ponto de vista, significa um plano, um esquema, uma economia; se a considera do segundo, significa ofício, mordomia, administração. É certamente claro que o primeiro significado aplica-se aqui, no versículo 10; ao passo que no versículo 2 do capítulo 3 é óbvio que se aplica o segundo significado, sendo a referência a ofício - “Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada”. Era sua obra, seu ofício. Uma mordomia, uma administração lhe fora dada, diz ele. Mas no versículo 9 do capítulo 3 é igualmente claro que o termo “dispensação” significa “plano” - “E demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus”. Aqui no versículo 10 do capítulo primeiro o termo é obviamente aplicado a Deus, Aquele que exerce autoridade e, portanto, significa plano,

esquema, economia. O apóstolo está dizendo que nos foi dado este conhecimento, esta penetração no grande plano de Deus. O mistério que foi revelado é que Deus tem um grande esquema, uma “economia” com relação a este mundo, e que Ele o está pondo em operação.

A segunda expressão que se deve considerar é “plenitude dos tempos” - “na dispensação da plenitude dos tempos”. Aqui o apóstolo nos diz quando este grande plano de Deus será posto em operação, quando este grande propósito que estava na mente de Deus desde a eternidade vai se cumprir realmente. O apóstolo emprega a mesma expressão na Epístola aos Gálatas, no versículo 4 do capítulo 4. Referindo-se

à vinda do nosso Senhor ao mundo, ele diz: “Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam sob a lei, a fim de recebermos a adoção de filhos”. A extensão total do tempo foi dividida pela vinda do Senhor Jesus Cristo a este mundo. É a essa divisão que o Novo Testamento dá ênfase. Os tempos nos quais vivemos são chamados “últimos tempos”, “últimos dias”. Os profetas do Velho Testamento escreveram acerca dos “últimos tempos”, e dos “últimos dias”; e todos eles se referiam aos tempos posteriores à vinda do Senhor Jesus Cristo a este mundo. Ele veio na “plenitude dos tempos”. Tudo estivera levando a isso, agora a “plenitude” chegou, e tudo o que vem depois é mencionado como “os últimos tempos”.

Consideremos dois exemplos desse uso. Na Primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo 10, diz o apóstolo: “Ora, tudo isso lhes sobreveio” - isto é, aos israelitas - “como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” (VA: “os fins do mundo” - versículo 11). No momento em que o Senhor Jesus Cristo entrou neste mundo, “os fins do mundo” começaram. “Os fins do mundo”, diz o apóstolo, já chegaram para nós. O autor da Epístola aos Hebreus faz igual afirmação. “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, falou-nos nestes últimos dias pelo (Seu) Filho” (1:1).

Estes exemplos ajudam-nos a entender o sentido da expressão “plenitude dos tempos”. O clímax das eras aconteceu na Encarnação. O tempo foi dividido uma vez por todas por aquele evento. Na “plenitude dos tempos” Cristo veio. Por isso aqui o apóstolo nos ensina que o grande plano de Deus começou a entrar em operação no nascimento do Senhor Jesus Cristo. O que está acontecendo ná

presente hora é que este grande plano de Deus está sendo levado a efeito - “na plenitude dos tempos”, nestes “últimos dias”, “nos fins do mundo” - e continuará até for completado finalmente. Deus nos propiciou este conhecimento por meio da “sabedoria” e do “discernimento”, da “prudência” que Ele nos deu. Podemos ver que este grande plano original de Deus foi posto em operação neste mundo pela vinda de Cristo, que ele está tendo prosseguimento e que continuará até ser realizado completamente por Sua volta a este mundo.

Outra coisa que se nos diz é que este grande plano está sendo levado a efeito no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Paulo escreve: “De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra, nele” (VA). O apóstolo deu-se ao trabalho de repetir isso, e, não se satisfazendo em dizer “em Cristo”, teve que acrescentar “nele”. Já tivemos ocasião de salientar isso diversas vezes. E sempre Cristo; o apóstolo fica mencionando reiteradamente o Seu nome; e o faz porque é tudo em Cristo. O apóstolo Lhe prestava culto e adoração, e ele parece estar nos dizendo:

jamais mencionarei demasiadas vezes o Seu nome, pois tudo é nEle. Portanto, a Ele demos toda a glória e todo o crédito - sim, a "Ele". A mesma nota ocorre em Colossenses, capítulo primeiro, versículo 20: "por ele...por meio dele". Cristo é central, é essencial, e o que quer que se chame cristianismo e não vá repetindo o nome bendito, em última análise é uma negação do cristianismo.

O plano é "tornar a congregar em Cristo todas as coisas", e agora passamos a considerar a sua natureza. Aí está o vigor e o centro da mensagem, como se vê na Versão Autorizada inglesa ("AV"): "para que unisse todas as coisas em Cristo". A Versão Revista inglesa ("RV") diz: "resumir (ou "somar") todas as coisas em Cristo". A Versão Revista Padrão inglesa ("RSV") diz: "unir todas as coisas nele"; (ARA: "fazer convergir nele...todas as coisas"). É de se notar que as três versões inglesas acima citadas (como também ARA), por alguma razão, omitiram uma expressão muito importante, qual seja, "de novo"(implícita na ARC: "tomar a congregar"). A palavra aqui empregada pelo apóstolo, e traduzida por "resumir" ou "somar", "unir" ("convergir"), "congregar", no grego é uma palavra composta que se inicia com a preposição "ana", que significa "de novo". Todavia as referidas traduções a deixaram de lado. O *Grimm-Thayer Lexicon* diz corretamente que ela significa

"congregar de novo", para Si mesmo. A excelente tradução que A. S. Way fez das Epístolas de Paulo e da Epístola aos Hebreus põe isso às claras, traduzindo assim o versículo: "Pois o Seu propósito era re-unir todas as coisas...fazendo-as todas uma só nele". Congregar "de novo"; não meramente unir, mas re-unir! Não resumir ou somar apenas, mas resumir ou somar de novo! Esta expressão "de novo" revela o significado. Sem dúvida, aquelas outras traduções consideram, essa idéia um ponto pacífico, porém, é algo que precisa ser ressaltado, porquanto é só quando reparamos nisso que chegamos à doutrina do apóstolo. A palavra utilizada por Paulo traz também a idéia de "pôr na frente". Não gosto da expressão; é uma gíria que depressa vai ganhando aceitação; mas essa idéia está presente no significado da raiz da palavra que o apóstolo empregou. Ele está dizendo que Deus vai "tornar a pôr à frente" todas as coisas em Cristo.

Isso nos leva a considerar o que significa e o que inclui a expressão "todas as coisas", pois a dispensação, o plano, o propósito que está sendo levado a cabo na hora presente e que começou com a Encarnação, é que Deus reconcilie em Cristo todas as coisas. Isso é logo ampliado ou explicado pela frase "tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". "Todas as coisas" haverão de ser re-unidas em Cristo.

Várias idéias têm sido apresentadas para explicar essa expressão. Alguns não hesitam em dizer que significa absolutamente todas as coisas em toda parte. Um segundo grupo não vai tão longe, mas afirma que deverá ocorrer uma redenção

universal de todos os seres dotados de inteligência. Os desse grupo não hesitam em dizer que tanto os homens bons como os maus, os anjos maus, e o próprio diabo, vão ser redimidos e salvos - todos serão restabelecidos em sua relação com Deus. Esse é o chamado universalismo; e é pena, porém está se tornando cada vez mais popular atualmente. Segundo outro conceito, a expressão "coisas no céu e na terra" refere-se aos judeus e aos gentios. Seu ensino é que os judeus pertencem ao reino dos céus e ocupam posição especial; e que os gentios pertencem à terra. Essa é uma das extravagâncias que se vêem em certa escola de interpretação que traça uma distinção entre o reino dos céus e o reino de Deus, apesar do fato de que essas expressões são empregadas uma pela outra nas Escrituras. Essa escola de pensamento traças uma aguda divisão entre judeu e gentio, e ensina que os judeus terão um lugar especial no reino de Deus.

Estarão em nível mais alto que os outros, pertencem aos céus, ao passo que os restantes salvos pertencem à terra. Por isso os seguidores dessa escola explicam "céu" e "terra" em termos de "judeu" e "gentio". Outros dizem que a expressão "todas as coisas" é uma referência a todos quantos pertencem a Deus, a todos os remidos. "As coisas dos céus e as coisas da terra" dizem eles, referem-se aos cristãos que já deixaram este mundo e estão na glória; já estão no céu, de modo que "estão nos céus", enquanto outros estarão vivendo na terra quando do regresso de Cristo; são eles que "estão na terra". Assim a expressão "tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" significa os remidos que já foram para a glória e os remidos restantes, ou seja a totalidade dos remidos.

Certamente não podemos aceitar aquelas duas idéias universalistas, porque se as aceitamos, significa que nos vemos contradizendo o claro ensino das Escrituras naquelas passagens em que há clara divisão entre salvos e os não salvos, os bons e os maus, os remidos e os perdidos. A despeito dos argumentos baseados na idéia filosófica do amor de Deus, as Escrituras traçam a distinção definitiva entre a salvação eterna e a destruição eterna. Não há um vestígio sequer de evidência nas Escrituras que mostre que os anjos caídos estão de algum modo incluídos no esquema da redenção. Por isso, rejeitamos aqueles dois primeiros conceitos. Como já vimos, também devemos rejeitar o conceito que considera as palavras de Paulo descritivas de judeu e gentio, porque o mesmo apóstolo ensina aos colossenses que "não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre" (3:11). Todas essas distinções, nesta questão da salvação, foram-se, a parede da separação que estava no meio foi derrubada. Todos os que estão no reino são um, e sempre serão. Há somente uma salvação - pelo sangue de Cristo - e ninguém pode entrar no reino, senão pela fé em Cristo. Este é o ensino universal das Escrituras. Por isso rejeitamos aquela exposição.

Aplica-se a mesma verdade à quarta possibilidade, a saber, que a linguagem de Paulo é descritiva da totalidade dos remidos. A expressão "todas as coisas nos céus

e na terra" certamente inclui essa totalidade, mas não vai suficientemente longe. Isso é mostrado com clareza pela passagem paralela do capítulo primeiro da Epístola aos Colossenses (versículo 20). Opino, pois, que "as coisas que estão nos céus" incluem os anjos bons, preservados em seu estado original, e que "as coisas que estão na terra" incluem, não somente

os remidos que estarão na terra quando Cristo voltar, e sim também, em acréscimo, o universo criado, incluindo a terra, os animais e as feras.

A chave disso tudo está na breve expressão "de novo". O plano de Deus, segundo o apóstolo Paulo, é re-unir todas as coisas em Cristo, congregá-las e juntá-las de novo, trazê-las de volta, levar para diante, mais uma vez, todas as coisas em Cristo. A expressão sugere imediatamente que as coisas já estiveram outrora numa condição perfeita, entretanto não estão mais naquela condição. Mas estarão de novo. Serão "re-unidas".

Originariamente, todas as coisas estavam num perfeito estado de harmonia sob o nosso Senhor Jesus Cristo, como nos é dito no capítulo primeiro da Epístola aos Colossenses, versículos 15-19: "O qual (referindo-se ao Senhor Jesus) é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja: é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse".

Aí temos um relato da condição original da criação. No versículo 10 do capítulo 2 de Colossenses lemos: "Também nele (em Cristo) estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade"(ARA).[1] Termos como "principado" e "potestade", "tronos" e "dominações" sempre se referem aos seres angélicos, aos poderes angélicos, aos grandes poderes dos céus. Por isso o que se nos diz é que o Senhor Jesus Cristo era o cabeça de todos esses poderes, como também era o cabeça do universo. Tudo quanto foi feito e criado, foi feito e criado nEle, por Ele, por meio dEle e para Ele; não somente o mundo e os animais, mas todos os anjos, os tronos, os principados e as potestades. Além disso, havia perfeita harmonia em todos esses domínios. O Senhor Jesus Cristo estava

sobre todos - sobre os anjos, sobre todas as potestades, autoridades e dominações; e também sobre o mundo, os animais e o fruto da terra. O homem foi feito senhor da criação, sobre todos os animais e sobre a natureza inanimada. Todos eram absolutamente perfeitos e estavam num estado de inteira harmonia e unidade. Tudo funcionava harmoniosamente, descendo do grande Cabeça, e tudo agia ascendendo

de volta ao Cabeça Supremo, o Senhor Jesus Cristo. Mas, que lástima! A unidade e a harmonia não tiveram continuidade; e a presente situação do mundo deve-se a esse fato. A harmonia foi destruída. Primeiro houve uma revolta, uma rebelião, no próprio céu. O diabo rebelou-se e caiu, e grande número de anjos o seguiu e caiu com ele. Imediatamente houve discórdia, mesmo no céu. Há uma declaração muito significativa no livro de Apocalipse, capítulo 12, que lança grande luz sobre o assunto que estamos considerando. No versículo 7 daquele capítulo lemos: "E houve batalha no céu". Discórdia no céu! Guerra no céu! "Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos." Mas a discórdia não se restringiu ao céu. O anjo caído, a saber, o diabo, satanás, veio, tentou o homem, e este caiu. A conseqüência foi discórdia entre os homens - contendas, brigas, desentendimento, guerra, derramamento de sangue, assassinatos, ciúmes, inveja, e tudo quanto se lhe seguiu.

Lembremo-nos, porém, de que até a própria criação sofreu as conseqüências do pecado. Paulo, no capítulo 8 da sua Epístola aos Romanos, afirma que "a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança ..." (20). Quando o homem caiu, a terra foi amaldiçoada, e daí por diante a história da criação sempre foi, "A natureza vermelha nos dentes e nas garras", espinhos e cardos, problemas, enfermidades, pestilências. A harmonia deixou de existir; a perfeição original desvaneceu-se e desapareceu. Essa é a situação do mundo, em conseqüência da queda dos anjos, da qual decorreu a queda do homem.

Agora estamos em condições de ver a doutrina deste versículo que estamos estudando. O segredo místico que nós, como cristão, temos permissão para compartir é que Deus finalmente restabelecerá a harmonia original, e re-unirá todas as coisas em Cristo. Cristo está sobre todos, e a antiga harmonia será restabelecida. E nos é dito como isso vai acontecer. Com relação aos homens já observamos

que isso acontece como resultado da redenção mediante o sangue de Cristo. A reconciliação com Deus, e a reconciliação de uns com os outros é pelo Seu sangue, por Sua graça. Ele "fez a paz", "a parede de separação que estava no meio" foi retirada. A velha inimizade, juntamente com todas as divisões, foi abolida. Essa, diga-se de passagem, é mais uma razão para rejeitarmos a idéia de uma perpétua distinção entre os gentios e os judeus em Cristo.

Tenhamos o cuidado de observar que estas bênçãos aplicam-se unicamente aos que crêem no Senhor Jesus Cristo. Não se promete harmonia aos outros; estes são enviados para a "destruição eterna"; mas eles estarão fora do cosmos, por assim dizer; estarão fora da harmonia e não a perturbarão, eternamente. Quanto aos anjos caídos, é evidente que não há esperanças para eles. Estão reservados "em prisões eternas" nas trevas, até vir a sua condenação final (2 Pedro 2:4, Judas 6). Satanás também será lançado no "lago de fogo", onde ele e os seus seguidores serão

atormentados para sempre (Apocalipse 20:10). Quanto aos anjos bons, as Escrituras nos ensinam que eles entram no bom propósito de Deus. No livro de Apocalipse, capítulo 5, é-nos dito que não somente os santos e remidos cantam os louvores do Cordeiro que uma vez foi morto, mas também os anjos - "milhões de milhões e milhares de milhares" - e os animais e os anciãos se juntarão aos santos no mesmo coro. Isso faz parte da harmonia que vai ser restaurada.

A mesma idéia aparece na Epístola aos Hebreus, capítulo 12, onde se nos diz que, como cristãos, já chegamos "ao monte de Sião, e a cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos; à universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados...". "Muitos milhares de anjos"? Eles são parte integrante da harmonia; não é que eles são redimidos (eles jamais caíram), porém estão sob a chefia de Cristo e O adoram e Lhe prestam serviço. Eles estão conosco agora, e estarão conosco participando da glória eterna.

A terra também está envolvida. Diz-nos o apóstolo Pedro, em sua Segunda Epístola, capítulo 3, que virá o dia em que haverá destruição da presente terra e do mundo pelo fogo: "Os elementos, ardendo, se desfarão". O mal e o pecado serão queimados e eliminados do universo, e haverá "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (versículos 12 e 13). O apóstolo Paulo, igualmente, no capítulo 8 da Epístola aos Romanos, diz-nos que "toda a criação

geme e está juntamente com dores de parto até agora". Ela está esperando "a manifestação dos filhos de Deus". A criação será envolvida na restauração de todas as coisas: ela "será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (versículos 19-21). O autor da Epístola aos Hebreus se lhes junta e diz, em seu capítulo 2: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos. Mas em certo lugar testificou alguém dizendo: que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste, e o constituíste sobre as obras de tuas mãos: todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte".

Cristo nos representa e nós estamos nEle, e assim vamos ser de novo elevados à posição de "senhores da criação", e todas as coisas serão colocadas sob nós. A antiga harmonia original será restabelecida. Isaías fala disso profeticamente. Ele viu que viria o dia em que "morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, o bezerro e o filho do leão e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e seus filhos juntos se deitarão; e

o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca do áspide, e o já desmamado meterá a sua mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Isaías 11:6-9).

A harmonia perfeita que será restabelecida será harmonia no homem e entre os homens. Harmonia na terra e na criação animal! Harmonia no céu, e tudo sob este bendito Senhor Jesus Cristo, que será o Cabeça de todos! Todas as coisas voltarão a estar unidas nEle. E, maravilha das maravilhas, maravilhoso acima de comparação, quando tudo isso acontecer, nunca mais será desfeito. Tudo estará re-unido nEle por toda a eternidade. Essa é a mensagem; esse é o plano de Deus. Esse é o mistério que nos foi revelado.

Mais uma vez devo fazer algumas perguntas. Você conhece estas coisas? Está disposto a dedicar tempo a estas coisas - a ouvidas ou a ler sobre elas? Você sabe que estas coisas são tão maravi-

lhosas que jamais ouvirá nada mais grandioso, nem neste mundo nem no mundo por vir? Você se dá conta de que tem parte nestas coisas? Como eu disse no início, não sei se está para haver outra guerra mundial ou não; mas, haja guerra ou não, como cristãos estamos neste plano de Deus. Não se poderá inventar bomba nenhuma, não se poderá cultivar e usar bactérias, não se poderá pôr em uso armas químicas ou gases que possam fazer a mínima diferença para estas coisas. Esse é o plano de Deus, como nos é revelado nas Escrituras, e o plano de Deus será levado a cabo; e se eu e você estamos em Cristo, estamos envolvidos nesse plano. Fomos destinados a ser elevados e restaurados ao que o homem estava destinado a ser. Seremos "senhores da criação". "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo... (e) os anjos?", diz Paulo aos Coríntios (1 Coríntios 6:2-3). Tratemos de decidir-nos a passar menos tempo lendo jornal e mais tempo lendo a Bíblia.

Não permita Deus que façamos mau uso das Escrituras reduzindo-as ao nível das nossas idéias ou dos eventos contemporâneos. Tenha em vista o propósito supremo, o grande e glorioso propósito de Deus. Não seja exageradamente particular em sua interpretação histórica contemporânea, não desperdice o seu tempo em tentativas de fixar "tempos e estações". O que importa é o plano de Deus, o esquema eterno de Deus, esta "dispensação", esta "economia", este propósito de que fazemos parte e que está sendo efetuado desde o princípio da "plenitude dos tempos". Pense na restauração final daquela gloriosa harmonia vindoura, quando com todo o nosso ser louvaremos "o Cordeiro que foi morto". Viva por essa gloriosa restauração. O Cordeiro nos redimiu. Cantemos: "Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para sempre" (Apocalipse 5:13). Venham guerras, venham pestes, seja solto o inferno "nada nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" Essa é

a mensagem cristã para hoje. Dê graças a Deus por ela, e regozije-se nela.

1

Quando a referência é a Cristo como cabeça da Igreja (Seu corpo), a tradução deve ser "Cristo, a cabeça", como em Colossenses 1:18, quando a referência é a Cristo como Chefe (sem a ligação orgânica que há entre Ele e a Igreja), a tradução deve ser "Cristo é o cabeça", como faz ARA em Colossenses 2:10. Nota do tradutor.

“NÓS... TAMBÉM VÓS”

“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade; com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo; em quem também vós estais, depois que ouviste a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. 0 qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória.” - Efésios 1:11-14

Evidentemente, não se pode tratar da declaração completa contida nestes versículos numa só ocasião; mas, antes de considerarmos as declarações separadamente, é bom tratar da declaração como um todo. É só quando temos claro entendimento do tema geral, e o captamos, que podemos apreciar e fruir verdadeiramente as particularidades. Aqui estamos focalizando o fim da grande sentença que, como vimos, inicia-se no princípio do versículo 3 e vai até o fim do versículo 14. Essa sentença é, seguramente, uma das maiores da Bíblia inteira. É óbvio que ela não termina no versículo 10, porque o apóstolo continua e diz: “Nele, digo, em quem também”. “Quem” refere-se a alguém já mencionado e “também” nos fala de algo adicional. É importante que tenhamos em nossas mentes a sentença toda quando consideramos alguma parte dela.

O apóstolo, lembremo-nos, está desdobrando o grande e eterno propósito de Deus. Esse é declarado, em sua essência, no versículo 10. O mundo se interessa pela política e pelas manchetes dos jornais; mas aqui estamos olhando para algo que vai além disso tudo, algo que está desdobrando e continuará a desdobrar-se, aconteça o que acontecer ao nível do mundo. Não estamos dizendo que o que acontece no nível inferior não tem nenhuma importância, porém o plano de Deus é imensamente maior e mais grandioso. Também, o plano de Deus é certo, bem como a sua realização, ao passo que os planejamentos do mundo são incertos. O apóstolo nos dissera que Deus, por Seu Espírito Santo, deu-nos a “sabedoria” e a “prudência” sem as quais estas coisas permaneceriam obscuras para

nós e pareceriam totalmente distantes da vida. Todavia, uma vez iluminados, tudo fica claro para nós, pois vemos que Deus está levando a efeito o Seu plano e que nós e todo o nosso destino eterno estão envolvidos nele. Tendo-nos dito que o plano é o restabelecimento da harmonia, o apóstolo prossegue e diz-nos algo sobre a maneira pela qual Deus o está efetuando. Esse é o tema que agora ele toma no versículo 11. Temos examinado o plano em geral; agora ele nos leva aos pormenores.

O próprio fato de que Paulo estava escrevendo esta carta aos cristãos efésios era em

si uma prova de que o plano estava sendo executado. Era um fato espantoso que um homem como Saulo de Tarso, "hebreu de hebreus", escrevesse uma carta aos efésios gentios. Ele faz isso porque fazê-lo é uma parte do desdobramento, da realização deste grande plano de Deus. A grande ilustração que o mundo vira até então da execução do plano de Deus de re-fazer todas as coisas, é o que se deve ver na Igreja Cristã, e esse é o grande tema desta Epístola particular. Ela é uma das chamadas "Epístolas sobre a Igreja", e nela o apóstolo nos propicia o seu mais rico ensino relacionado com a natureza e o caráter da Igreja Cristã. A Igreja é uma ilustração, a suprema ilustração, de muitas maneiras, no tempo, do plano gigantesco e cósmico de Deus de restaurar a harmonia em todos os domínios e esferas.

Não podemos senão notar de passagem a maneira interessante pela qual Paulo expõe os seus temas. Nada é tão absorventemente interessante como observar a sua mente em ação. Todo escritor tem as suas características particulares, o seu estilo particular. Todo aquele que está familiarizado com o Novo Testamento imediatamente pode dizer se um dado parágrafo vem de Pedro ou de Paulo ou de João. E as características do apóstolo Paulo como escritor podem ser vistas com muita clareza nos versículos que estamos examinando. Vêem-se nos próprios termos que ele introduz. Paulo nunca se contenta em, dizer uma coisa uma só vez; tem que repeti-la. Aqui o vemos dizer; "Em quem também fomos feitos herança" (VA; "...Obtivemos herança"). Mas ele não se satisfaz com a afirmação de que nós fomos feitos herança; diz-nos como foi que isso aconteceu - "havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade". Ele já tinha utilizado expressões similares, contudo está disposto a continuar a utilizá-las.

Chamo a atenção para este ponto, e lhe dou ênfase, por esta boa razão, que esse desenvolvimento é uma boa maneira de provar a nossa apreciação da fé cristã. Paulo não pode dizer estas coisas sem espantar-se e admirar-se. Seu interesse por elas não era meramente intelectual; ele não era apenas mestre; era pregador, evangelista, pastor. Ele não pode considerar estas coisas de maneira simplesmente desligada e objetiva. Por isso, quando diz: "fomos feitos herança", fica tão admirado com esse fato que parece indagar como foi que nos aconteceu, e nos dá a única explicação possível, a saber, que foi "segundo o conselho da vontade de Deus". Uma palavra parece incendiá-lo, e ele vê nela todo o panorama da salvação.

Naturalmente, os pedantes consideram isso um mau estilo. O apóstolo, dizem, não era um bom estilista literário; ele não tinha um estilo castiço e polido; ele enfeita, multiplica adjetivos; é repetitivo, amontoa epítetos sobre epítetos. As autoridades o acusam do uso de "anacolutos", o que significa que, tendo iniciado uma linha de argumentação, permite que uma palavra o afaste, e ele se vê tão arrebatado e posto em fogo por ela que interpõe louvores a Deus. Parece esquecer o que ia dizer, e depois retoma àquele ponto. As vezes, porém, ele não volta, e deixa inacabada a

sentença. O que estou sugerindo é que os seus "anacolutos" são uma indicação da sua espiritualidade. Ele não era um mero *litterateur,*[1] um mercenário; escrever não era o seu ganha-pão. Ele era um evangelista, um apóstolo de Cristo e gostava de escrever a respeito de Cristo e das coisas de Cristo. A sintaxe e a composição de sentenças, não eram o seu principal interesse. A verdade era o objeto do seu interesse; e nestes versículos ele a despeja sobre nós.

Estes catorze versículos, como já lhes fiz lembrar, são a introdução da Epístola toda, e esta pode ser comparada com uma espécie de abertura que, numa ópera ou numa sinfonia, apresenta os diversos temas. O apóstolo nos lembra o fato de que Deus está executando este grande plano de re-unir, de levar para diante em Cristo todo o cosmos, e agora ele começa a dizer-nos como Deus está fazendo isso. Notem, primeiro, duas frases, uma no começo do versículo 11 e a outra no começo do versículo 13. "Em quem também obtivemos uma herança"(VA), e "Em quem também vós".

Nestas duas frases Paulo nos mostra o início da execução deste grande plano. Naturalmente, é preciso que esteja claro para nós qual a exata referência de "Nós", a quem ele se refere no versículo *11, e* de "Vós", no versículo 13. Há os que dizem que "Nós" é apenas uma espécie de "Nós" editorial; que o apóstolo está se referindo a si mesmo, mas, em vez de dizer "Eu", diz "Nós". Há outros que dizem que "Nós" inclui judeus e gentios, todos os cristãos, independentemente das suas origens. No entanto, certamente ambas as idéias são insustentáveis.

Em minha opinião, "Nós" está em contraste com "Também vós" - Nós e Vós. Está bem claro que "Vós", no versículo 13, é uma referência aos gentios, aqui representados pelos efésios e pelas diversas outras igrejas às quais esta carta provavelmente foi enviada. Por isso devemos insistir em dizer que "Nós", aqui é uma referência aos judeus. Há mais um argumento, o qual põe um fecho nesta exposição. Notamos que, concernente a este "Nós", ele diz no versículo 12: "Com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo" (ARC, semelhante à Versão Autorizada inglesa). A Versão Revisada inglesa ("ERV") diz: "Nós, que anteriormente havíamos esperado em Cristo" (semelhante a ARA). Isso prova que "Nós", aqui, é uma referência aos judeus. Se vocês tomarem o texto como o vemos na Versão Autorizada, onde temos. "Os que primeiro confiamos em Cristo", a ênfase é ao fato de que os judeus creram em Cristo cronologicamente antes de os gentios terem começado a fazê-lo. Eles creram primeiro, e então os outros os seguiram. O nosso Senhor dissera aos Seus apóstolos que eles deveriam ser Suas testemunhas "tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra" (Atos 1:8). Historicamente, o fato é que os judeus foram os primeiros cristãos. Ou, tomando a Versão Revista inglesa, que diz: "Nós, que anteriormente havíamos esperado em Cristo", a referência é ao fato de que em toda a dispensação do Velho Testamento, os judeus esperavam a vinda do Messias.

De qualquer forma, ainda é uma referência aos judeus.

A ênfase dada pelo apóstolo recai em "Nós" e em "Vós" -Nós, judeus, Vós, gentios - em vista do assombroso fato de que eles foram aproximados, foram feitos um em Cristo. "Em quem também obtivemos herança ... também vós" - nós estamos juntos nisso. Este, como já sugeri, não é somente o grande tema desta Epístola particular; é o tema de todo o Novo Testamento e, particularmente, das

Epístolas neotestamentárias. É preeminentemente o tema desta Epístola em especial. Vê-se isto mais explicitamente no capítulo 2. Paulo o repete muitas vezes, e não se cansa de fazê-lo. No capítulo 3 ele afirma que lhe fora confiada a dispensação para revelar a verdade, "o mistério de Cristo, o qual noutros séculos não foi manifestado aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado". Deus agora o revelou "pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas; a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo" (versículos 2-6).

O apóstolo nunca deixou de admirar-se e de emocionar-se com isso. Assim, no capítulo 4 ele torna a dizer a mesma coisa. Recordamos também a frase interessante que ele emprega quando escreve aos Romanos, onde lhes diz que o que o deixava mais ufanoso era ser ele o "apóstolo dos gentios". "Glorificarei o meu ministério", diz ele (Romanos 11:13). Isso produzira uma revolução na sua vida. Sabemos que judeus estreito, preconceituoso e nacionalista ele fora, e como se orgulhava da sua nacionalidade. Isso o tornara intolerante, e para ele os gentios não passavam de cães, de profanos. Mas agora ele é o "apóstolo dos gentios". E nesta Epístola aos gentios efésios, ele tem que salientar este fato maravilhoso que Deus fez acontecer. O grande plano de Deus já está em operação; ele faz parte desse plano, como também os efésios!

Paulo começa a sua Epístola aos Romanos com a mesma nota: por Cristo "recebemos a graça e o apostolado, para a obediência da fé entre todas as gentes" (1:5). De novo: "Um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam" (Romanos 10:12), venham estes de onde vierem. Ainda, na Epístola aos Gálatas: "Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea" (3:28). Foram-se as mais antigas divisões, e perpetuar tais distinções é uma negação do evangelho de Jesus Cristo. Esse é o ensino, e essa é a glória dele. Esta foi uma coisa assombrosa que aconteceu. Na mesma Epístola aos Gálatas ele diz: "Se sois de Cristo (quer judeus quer gentios), então sois descendência deAbraão, e herdeiros conforme a promessa" (3:29). Temos que livrar-nos de todas as idéias carnais, materialistas, nacionais. Tudo isso acabou; o que vale aos olhos de Deus é a semente espiritual em Abraão e em Cristo. Existe uma nova nação, que consiste do povo de Deus; nós, cristãos, somos o povo de Deus. Este é o novo caminho, o grande tema do Novo Testamento, da nova dispensação; tudo mais foi abolido. Foi propósito de Deus usar temporariamente os judeus; mas

agora Ele tem algo maior e mais grandioso, que inclui tanto os judeus como os gentios.

Esse é o argumento do apóstolo. Se formos à sua Epístola aos Colossenses, nós o veremos lá; nós o veremos em toda parte. Talvez seja certo dizer que naquela peça de autobiografia que consta no capítulo 3 da Epístola aos Filipenses o apóstolo expressa a matéria com maior clareza (versículos 4-14). Ele se condena pelo que fora e ridiculariza todo o seu antigo e louco orgulho e jactância. Contudo, o que é realmente importante é ter claro entendimento sobre como isso foi feito, como foi que Deus o fez acontecer. O apóstolo no-lo diz de maneira particularmente interessante e arrebatadora; e nos fica ainda mais interessante quando nos lembramos de como o mundo é, com todos os seus entrechoques, conflitos, divisões e tensões. A luz da verdade bíblica e tendo o mundo como pano de fundo, quão maravilhoso é contemplar este plano de Deus desenrolado pelo apóstolo! Ao mesmo tempo é particularmente interessante observar que o caminho de Deus em Cristo é tão diferente daquilo que freqüentemente passa por cristianismo na hora presente, com toda a sua ênfase à aplicação política e social do evangelho.

O meio pelo qual Deus restaura a harmonia e a unidade é produzir cristãos, e portanto Paulo nos diz algumas coisas acerca do cristão. Ele nos oferece uma descrição perfeita do cristianismo e, segundo o meu entendimento, diz-nos cinco coisas a respeito dele.

A primeira coisa é que o que faz de nós cristãos é que estamos “em Cristo”. Não há esperança de unidade fora do cristianismo. Nunca haverá verdadeira unidade entre os homens, enquanto os homens não forem cristãos. Não se pode conceber duradoura unidade e harmonia, não há esperança de restauração de acordo com o que Deus fez originariamente, exceto quando os homens são transformados em cristãos. E só somos cristãos quando estamos “em Cristo”.

Em segundo lugar, há certas coisas que verdadeiramente nos caracterizam como cristãos porque estamos “em Cristo”. Paulo nos diz quais são.

Em terceiro lugar, numa exposição que mostra tanto o lado de Deus como o do homem, Paulo nos dá uma explicação da maneira pela qual passamos a participar destas bênçãos.

Em quarto lugar, ele nos mostra a garantia do fato de que temos estas bênçãos, e, ainda mais importante, a garantia do fato de que

nunca as perderemos. O Espírito Santo é o Selo até a “redenção da possessão de Deus”. De uma só vez e ao mesmo tempo Ele a sela para nós e nos diz que já estamos no plano.

Em quinto lugar, e finalmente, o apóstolo ressalta que o supremo objetivo de todas as coisas é a glória de Deus - "para louvor da sua glória" (versículos 12, 14).

A primeira coisa, então, é que o que reconcilia os judeus e os gentios - e a única coisa que os reconcilia - é que se tornem cristãos, "em Cristo". Ser cristão é estar numa nova relação com Cristo, é estar "em Cristo". Não é que você tenha nascido num determinado país, ou que seus pais ou avós eram cristãos. Cristianismo significa estar "em Cristo". Noutras palavras, Deus reconcilia os homens introduzindo-os numa nova relação; é pura questão de relações. Todas as dificuldades do mundo, entre as nações, entre os indivíduos, brotam de um fracasso nalgum ponto da esfera das relações.

Jamais haverá ilustração mais perfeita disso tudo do que esta extraordinária descrição de judeus e gentios. Entre eles havia aquela parede de separação no meio; o judeu se via de certa maneira, e o mesmo fazia o gentio. No entanto as relações entre eles eram tão más porque cada um fazia de si e da sua posição um deus, e havia um conflito entre os seus respectivos deuses. O judeu orgulhava-se de pertencer ao povo de Deus e de possuir a lei. A lei divina tinha sido dada à sua nação. Os judeus não paravam para indagar se eles guardavam a lei, se eles a honravam; isso não importava, o importante era possuir a lei. Os gentios nunca tiveram a lei; não lhes fora dada. Os judeus desprezavam todos os que esta-vam fora da comunidade de Israel considerando-os como cães, "sem Deus no mundo".

Mas esse tipo de atitude não se restringia aos judeus. Era igualmente característica dos gentios, dos gregos, por exemplo. Os gregos tinham uma grande herança de cultura e de capacidade intelectual; e tinha havido um período espantosamente florescente na história da mente humana quando os principais filósofos gregos - Platão, Sócrates, Aristóteles, e outros - examinaram a fundo os problemas da vida e elaboraram as suas teorias e traçaram os seus planos para a Utopia. Nenhum outro povo tinha feito isso; eles eram uma raça à parte, um povo único. Os judeus e todos os demais eram para eles bárbaros. Assim se orgulhava o grego de sua superioridade.

Dessa maneira judeus e gregos entrevam em choque e se combatiam, como sempre fizeram, e como continuam fazendo no mundo moderno. Era essa, pois, a situação; havia essa divisão da humanidade, essa "parede de separação que estava no meio", entre eles. Hoje falamos de "cortinas" - de ferro, de bambu - mas elas são, na realidade, paredes que foram construídas cuidadosamente por ambos os lados. Cada qual cuida de manter a parede do seu lado. Essa é a verdade quanto à vida do mundo atual, com todos os seus conflitos, divisões e infelicidades.

A maneira cristã é a única de lidar com tal situação. Isto, porém, não significa como tanta gente ensina, que o que é necessário é aplicar o ensino de Cristo aos problemas modernos, e que o dever da Igreja é dizer às pessoas como portar-se de maneira

cristã e como aplicar os princípios cristãos. Não é esse o ensino de Paulo. Não há maior heresia, em certo sentido, do que esperar, conduta cristã de pessoas não cristãs. Por que deveriam portar-se de maneira cristã? Elas não concordam com o ensino cristão e não o aceitam. Ninguém pode viver a vida cristã sem primeiro tornar-se cristão. O apóstolo deixa isso bem claro no capítulo 2 da nossa Epístola, onde ele diz: "Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras" (versículos 9-10). Temos que ser "criados em Cristo", antes de podermos fazer boas obras; temos que estar vivos, antes de podermos agir. Um morto não pode agir, e todos os que não estão em Cristo estão "mortos em ofensas e pecados". Eles não podem pôr em execução o ensino cristão, e nunca o fizeram.

Dou ênfase a isso porque às vezes é uma pedra de tropeço para os cristãos fracos na fé, e certamente é uma pedra de tropeço para muitos que estão fora da igreja. A dificuldade se apresenta da seguinte maneira: alguém nos diz: não posso crer no seu cristianismo; ele tem sido pregado e ensinado durante quase dois mil anos, e, todavia, veja o mundo! "Se a sua mensagem é certa" dizem muitos, "então, por que o mundo não está melhor do que é?" A resposta é que o cristianismo verdadeiro nunca afirmou que o mundo se tornaria cada vez melhor dessa maneira, pois ele não é um ensino que deve ser aplicado pelos homens como eles são. Só funciona quando os homens estão juntos "em Cristo", numa nova relação.

Vejamos como foi que isso aconteceu. Que foi que aproximou Paulo e os efésios? Que foi que levou o judeu e o gentio a dobrar juntos os seus joelhos diante de Deus e orar em um só espírito?

Cristo é a resposta. Cristo veio, viveu, ensinou, morreu e ressuscitou pelo judeu e pelo gentio igualmente, pois o judeu não tinha guardado a lei mais do que o gentio, e foi condenado pela mesma lei da qual se orgulhava. Quando Paulo, judeu, enxergou o verdadeiro significado da lei e o seu caráter espiritual, e enxergou principalmente o significado da cruz, ele viu que "todo mundo era condenável diante de Deus", que "não há um justo, nem um sequer". O judeu não era melhor que o gentio. "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:9-23). O judeu não é superior ao grego; o grego não é superior ao judeu. Todos eles rastejam no pó, no mais completo fracasso, e são todos pecadores aos olhos de um Deus santo. Estão todos unidos na condenação e no pecado. Arranca-se o orgulho de ambos, e eles são esmagados no solo. Não há nada do que um deles possa gabar-se contra o outro; a situação deles é de igual desamparo.

Mas então o evangelho prossegue e lhes diz que ambos podem ser redimidos e reconciliados com Deus e um com o outro pelo sangue de Cristo. Unicamente porque Cristo Se fez responsável pela culpa e pelo fracasso deles, e morreu por eles, é que eles podem ter esta reconciliação; e ambos a recebem exatamente da mesma maneira.

Não é a lei que aproxima alguém dessa reconciliação; não é a filosofia que o faz; é Cristo que introduz a ambos. Eles são iguais em todos os pontos. Ambos também necessitam igualmente de força e poder para levar adiante esta nova vida na qual foram introduzidos; por isso é dado a eles o mesmo Espírito Santo, é-lhes dada a mesma nova natureza. Cristo está neles e eles estão em Cristo . É tudo "nele", e tudo provém dEle, e todos eles desfrutam essa bênção juntos. Foram criados de novo, nasceram de novo, "em Cristo". "Em que nós...em quem vós..." (Efésios 1:11, 13).

Em grande parte a Igreja está desperdiçando o seu tempo falando em política e imaginando que, se você der às pessoas a ética cristã e concitá-las a praticá-las, os problemas do mundo serão resolvidos. Não se pode fazer isso: a regeneração é essencial. Deus torna a produzir esta harmonia final pela regeneração, por uma nova criação, novos homens num mundo novo - "novos céus e novâ terra, em que habita a justiça". Esse é o método de Deus. Somente quando estivermos todos "em Cristo" é que poderemos ser reconciliados. Tornamo-nos membros de maneira diversificada do Seu corpo. "Vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular", pelo que o olho não diz ao pé, "Não tenho necessidade de ti", nem

a mão fala desse modo a qualquer outra parte do corpo. Todas são essenciais (1 Coríntios 12:14-27). Essa é a descrição. Todos um -não em Cristo como mestre, mas vital, espiritual e misticamente membros do Seu corpo reunidos nEle pelo Espírito Santo.

A segunda questão que temos de considerar é o que nos qualifica verdadeiramente como cristão por estarmos "em Cristo". Paulo expõe isso de maneira muito interessante dizendo: "Em quem também nós obtivemos uma herança". E isso que vem expresso na Versão Autorizada inglesa, mas aVersão Revista inglesa ("ERV") (à semelhança de Almeida) diz: "Em quem também fomos feitos herança". Assim é que as duas versões diferem nesse ponto. A Versão Padrão Revista ("RSV") é lamentavelmente fraca, tendo simplesmente a palavra "designados", e assim perde o rico sentido da palavra que o apóstolo utilizou. De fato ele usou uma palavra muito interessante e antiga, e este é o único lugar em que ela é empregada no Novo Testamento. É uma palavra que traz o sentido e comunica a idéia de uma herança obtida lançando-se ou tirando-se a sorte. A diferença das traduções que se acham nas versões Autorizada ("AV") e Revistas ("ERV" e "RSV") deve-se ao fato de que a palavra foi utilizada na voz passiva; foi por se impressionarem com isso que os revisores usaram a palavra "herança" em vez de "patrimônio". Posto que a bênção descrita não é resultado de algo que fizemos - na verdade somos passivos - eles traduziram "feitos uma herança". Mas certamente estavam errados. Se se tivessem lembrado do contexto, em vez de concentrar-se unicamente na palavra, nunca teriam caído nesse erro. Uma tradução melhor seria, "fomos feitos proprietários, ou herdeiros por sorteio"; ou "foi-nos doada uma herança por sorteio".

Insisto nisso, e digo que aVersão Autorizada inglesa está muito mais perto da verdade. E pela seguinte razão: no versículo 14 o apóstolo fala definida e explicitamente sobre herança - "O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus" (VA: "para redenção da possessão adquirida"). E evidente que é certo dizer que os cristãos são herança de Deus. Paulo mesmo diz isso no versículo 18, porém aqui ele não está salientando essa verdade, mas antes a nossa herança. O que ele diz aqui é que o judeu e o gentio são feitos um, não somente porque tiveram os seus pecados perdoados da mesma maneira, como também eles são juntamente herdeiros da mesma herança. "Nós" obtivemos uma parte dela, diz Paulo, e "vós" obtivestes uma parte; estamos nisso juntos,

somos "co-herdeiros".

Parece claro que é isso que o apóstolo está dizendo aqui. Como já lhes fiz lembrar no capítulo 3 ele diz que a mensagem especial a ele confiada era que os gentios deveriam ser "co-herdeiros, e de um mesmo corpo". De fato ele diz a mesma coisa no capítulo 2, versículos 12 e 13 - "Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" e vos tornaste membros da "família de Deus" (versículo 19). Agora eles estão na mesma família.

Em Cristo , o judeu e o gentio não somente estão juntos e são co-herdeiros; ainda mais maravilhoso, são co-herdeiros com Cristo. Essa é a declaração que o apóstolo faz em sua Epístola aos Romanos , capítulo 8, versículo 17 - "E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e (portanto) co-herdeiros de Cristo" (ou, "com Cristo" - VA e ARA). Estamos "nEle", pertencemos a Ele, e, portanto, somos co-herdeiros com Ele - co-herdeiros uns com os outros e co-herdeiros com Ele. Tudo é e está em Cristo.

Se captássemos isso como devíamos, não somente seriamos o povo mais feliz na face da terra, mas também nos regozijaríamos "com gozo inefável e glorioso". Isso porque, com Paulo, compreenderíamos que temos interesse em tudo isso, temos parte nisso; pertencemos ao povo que vai participar disso. Virá o grande dia em que o pecado e o mal serão destruídos, e o diabo será lançado no lago da perdição. Esta harmonia perfeita será então restabelecida na totalidade do cosmos. Essa é a bênção que vem a quem está "em Cristo", ao cristão. Ele é herdeiro da bênção completa; ele vai ser um herdeiro dela. E assim será com todos os seus conservos cristãos. Aguardemo-lo juntos, pois.

Em última análise, significa ver a Deus. Significa estar com Cristo e usufruir a Sua glória. Significa reinar com Cristo: se sofrer-mos com Ele, também reinaremos com Ele. O reino de Deus e do Seu Cristo vem; e nada poderá detê-lo. E é certo que nós, que estamos "em Cristo", estaremos lá. Será naquela nova terra e sob os novos céus,

e gozaremos o Paraíso, e comeremos os seus frutos celestiais. Passaremos a eternidade fazendo isso. Vamos "julgar os homens", vamos "julgar os anjos", porque estamos "em Cristo". Com Ele desfrutaremos aquele estado eternamente bem-aventurado que jamais terá fim.

Os homens e as mulheres que crêem nesta verdade, e que sabem que esta verdade lhes diz respeito, não se interessam demais por este mundo e pelo que nele acontece. As nações entram em conflito porque desejam dilatar os seus impérios, ou tomar alguma porção de terra. Dá-se o mesmo com os indivíduos. Assim é por causa do seu senso de valores. As pessoas lutam por dinheiro, por posição, por popularidade, por qualquer coisa. Isso é o resultado do seu espírito possessivo, do seu egoísmo, da sua cobiça. Essas são as únicas coisas com as quais se preocupam e que valorizam; e tão logo vêem as coisas dessa maneira, continuarão brigando e lutando por elas, não importa quão instruídas e culturalmente avançadas elas sejam. Se servir aos seus propósitos adotar princípios cristãos, elas os adotarão; há nações que muitas vezes usaram o cristianismo para estender impérios! Contudo isso não é cristianismo. A essência da posição do cristão é que ele enxergou a herança "incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus" por Deus, para aqueles que estão em Cristo Jesus. O homem que não teve mais que um vislumbre dessas coisas passa de leve por esta vida e seus interesses. Ele pensa "nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra" (Colossenses 3:2), e sabe que todos quantos fizeram isso são co-herdeiros com ele. Desapareceram pois, a luta, a briga e a parede de separação que estava no meio. Somos todos um, buscamos as mesmas coisas. A única harmonia que este mundo conhecerá é a harmonia produzida nos homens e nas mulheres, e por meio dos homens e mulheres que em Cristo fixaram o seu pensamento nas coisas que são de cima. "Em quem também obtivemos herança; em quem também vós..."

Nas palavras de John Newton -

Do mundo os fugazes prazeres Com toda a sua poupa fenecem.

Alegria e tesouros perenes Somente os filhos de Sião conhecem.

Ah! Que alegria estar entre os remidos! Que alegria saber que, ainda que sejamos despojados de todas as coisas aqui, a nossa herança final está garantida, a salvo e segura! Você tem parte nela? Foi-lhe dada uma "porção"? Foi dada, afirma Paulo, a todos os que estão "em Cristo", a todos quantos têm sua esperança nEle posta.

"O CONSELHO DA SUA VONTADE"

"*Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua*

vontade; com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo; em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória." - Efésios 1:11-14

Continuamos a nossa discussão sobre a grande declaração do apóstolo. Ele tinha anunciado que o grande segredo que Deus revelou concernente ao Seu propósito é que na era presente, e em Cristo, Ele reuniu as partes discordantes, as partes separadas, em que o pecado dividiu o mundo e o cosmos todo. Deus está restabelecendo a harmonia original, no céu e na terra, e Ele o está fazendo em nosso Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Na dispensação da plenitude dos tempos é Seu propósito "tornar a congregar em Cristo todas as coisas... tanto as que estão nos céus como as que estão na terra" (Efésios 1:10. A VA inclui neste versículo "nele"). Nestes versículos estamos considerando as maneiras pelas quais Deus está fazendo isso, e já demos atenção à primeira e, na verdade em muitos sentidos, a principal, a saber, a formação e o crescimento da Igreja Cristã. A Igreja é o novo Israel. O Israel espiritual, a verdadeira semente de Abraão, e ela consiste de judeus e gentios. Mas a unidade é estabelecida, como vimos, tornando cristãs pessoas de diferentes povos, e o apóstolo incidentalmente diz-nos várias coisas acerca do cristão. Já consideramos duas delas.

Agora passamos a considerar, em terceiro lugar, a maneira pela qual tudo isso nos aconteceu, como foi que isso veio a ser uma realidade com relação a nós, conhecendo-nos a nós mesmos como nos conhecemos. Como é que alguém se torna cristão? Como é que alguém entra nesta posição na qual ele está "em Cristo" e é "co--herdeiro" com Cristo? Afortunadamente o apóstolo trata desse assunto também. Ele não se contenta em dizer que isso é verdade

quanto a nós; ele nos diz como isso aconteceu. E ele o faz, por certo, porque era algo que nunca deixara de causar-lhe admiração. Conforme avançamos, veremos Paulo usando diversos termos que já encontramos. Vimo-los nos versículos 4 e 5. Estão incluídos certos grandes termos e frases que se encontram em toda a extensão do Novo Testamento, termos absolutamente essenciais a um verdadeiro e supremo entendimento do evangelho: "Em quem também obtivemos herança, havendo sidos predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade". Nos versículos 4 e 5 lemos: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; a nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo". Eis os termos. Estamos aqui face a face com elevada doutrina, com algumas das grandes profundidades da fé cristã e da mensagem cristã. Alguém poderá perguntar: por que o apóstolo repete esses termos aqui, tendo-os usado já nos

versículos 4 e 5? A explicação não somente é simples, como também é importante. Nos versículos 4 e 5 o apóstolo estava tomando uma vista geral do propósito de Deus, vendo-o, por assim dizer, do ponto de vista eterno. Agora ele não o está examinando de modo geral, apenas, mas também em sua aplicação particular a nós. Lá era o grande esquema propriamente dito; aqui é o esquema aplicado a nós. Todavia ele continua a usar os mesmos termos que tinha usado lá. Eles servem não somente para o pensamento, mas também para a aplicação.

Muitos cristãos nunca estudam esses termos, nunca se demoram neles, nunca voltam a eles em suas mentes. Permitam-me provar essa afirmação fazendo uma pergunta. Quantas vezes você ouviu alguém passar lentamente, termo por termo, por esse grande capítulo? Ou quantas vezes você o leu dessa maneira? Não corremos o risco de evitar esses grandes termos por certas associações que eles têm? Isso é uma coisa sobre a qual nós, como cristãos, precisamos ser muito cautelosos na hora presente, porquanto alguns aspectos da verdade do Novo Testamento simplesmente não estão sendo considerados por causa de certo elemento de controvérsia ligado a eles. É grande o número de cristãos que ignoram totalmente a verdade profética, por exemplo, porque a sua atitude para com ela é determinada pelo fato de que ela leva à argumentação e contenda sobre várias teorias. Eles imaginam que assumir essa posição é sábio e seguro. Mas o que de fato estão fazendo é ignorar

deliberadamente a Palavra de Deus; estão deliberadamente deixando de lado certos aspectos e elementos da verdade revelada. Deus quer que estudemos e encaremos tudo em Sua Palavra, seja difícil ou simples, esteja ou não envolvido em controvérsia. Dizer "paz a qualquer preço", às custas da verdade de Deus revelada, certamente é um insulto a Deus. Estas questões devem ser enfrentadas, quer seja a verdade concernente à profecia, quer seja a verdade concernente a estes elevados pontos doutrinários que o apóstolo coloca diante de nós nestes versículos, como já o fizera nos versículos 4 e 5.

Como, então devemos abordar a verdade? Primeiramente, sem preconceito. Todos nós partimos de preconceitos; assumimos posições e, tendo-as assumido, argumentamos a favor delas e as defendemos. Dizemos: "Eu sempre disse isso; meus pais o diziam antes de mim; sempre fui ensinado a crer nisso; portanto permaneço..." E assim acontece muitas vezes que nunca estudamos o ensino das Escrituras a respeito destas questões. Talvez nunca tenhamos lido um livro sobre o assunto, nem tenhamos considerado o que a respeito disseram e ensinaram os que Deus chamou e designou como líderes da Igreja através dos séculos. Partimos de um preconceito e nos apegamos a ele, e achamos que ele faz parte da nossa personalidade. Temos que defendê-lo! As nossas mentes ficam tão estreitas e fechadas que nem conseguimos considerar a questão. Certamente é desnecessário assinalar que essa atitude é totalmente anticristã. Nada está mais distante da posição cristã. Essa era a atitude dos fariseus, e por isso odiavam o nosso Senhor e o Seu ensino. Foi essa mesma

atitude que esteve em oposição aos apóstolos por onde quer que pregassem. Esta nova teoria, esta nova idéia e ensino ofendia os preconceitos das pessoas. Dê-nos Deus graça para livrar-nos dos preconceitos a que estamos propensos, e a que estamos sujeitos em conseqüência do pecado.

A segunda questão que eu gostaria de salientar é que devemos submeter-nos e a nossa mente inteiramente às Escrituras. Devemos fazer um esforço positivo para assegurar que busquemos as Escrituras como se não soubéssemos nada, e que deixemos que as Escrituras nos falem, em vez de as lermos através de nossos pensamentos. Esta é uma coisa extremamente difícil para todos nós, porque todos nós temos noções preconcebidas que tendem a tornar-se óculos pelos quais vemos as Escrituras. Mas devemos

submeter-nos às Escrituras.

Saliento isso negativamente dizendo que não devemos abordar estas questões em termos da filosofia. Todos nós tendemos a começar de idéias próprias ou herdadas quanto ao que Deus deveria fazer, e ao que é correto que Deus faça, e se Deus não Se porta daquela maneira, podemos até imputar injustiça a Ele. Isso é filosofia; é um exemplo do filósofo pondo a sua mente contra a revelação de Deus. Não há nada que seja mais perigoso. Por se comportarem dessa maneira, muitas pessoas mostram que são por demais anticristãs. Elas dizem: "Não posso entender essa idéia de encarnação - duas naturezas em uma pessoa" - e assim a rejeitam. A insistência no entendimento faz parte da filosofia. Não podem entender a expi-ação, dizem tais pessoas, e por isso não crêem nela. Muitos que rejeitam o evangelho, rejeitam-no simplesmente porque não conseguem entendê-lo. Tecnicamente não são filósofos; não obstante, falam filosoficamente.

Acentuo, pois, que é de vital importância que submetamos as nossas mentes às Escrituras e sua revelação, e que deixemos de pensar filosoficamente. Noutras palavras, temos que dar-nos conta de que nos vemos face a face com algo que não fomos destinados a entender antes de crermos. Lembramos como o apóstolo trata da situação do homem que levanta sua objeção desta maneira: o apóstolo simplesmente replica dizendo: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" (Romanos 9:20). Esta verdade não é para ser entendida, diz efetivamente Paulo, é para ser recebida. Foi isso que o próprio Deus nos disse, e se você imagina que pode entender e abranger a mente do Senhor, está simplesmente pondo à mostra o fato de que toda a sua idéia sobre Deus está errada. Esse é, em última análise, o problema de todos os incrédulos; seu pensamento sobre Deus é totalmente errado. "Quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi seu conselheiro?" Essa é a pergunta feita por Isaias (40:13, VA), e citada no Novo Testamento (Romanos 11:34). Aqui deparamos com o mistério da mente eterna de Deus ; e ela é tão elevada, acha-se tão acima de nós, que nem sequer devemos começar a tentar entendê-la. Devemos

aproximar-nos humildemente dela, observá-la e recebê-la. Se você tentar obter um entendimento conclusivo destas questões, ou s e você espera ser capaz de conciliar intelectualmente certas coisas, você não somente estará condenado ao fracasso, mas também será culpado de tentar fazer uma coisa que o apóstolo reprova da maneira mais forte e mais clara no

capítulo 9 da Epístola aos Romanos. Mais outras censuras acham-se no capítulo 2 da sua Primeira Epístola aos Coríntios, como por exemplo: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus".

Agora somos capazes de abordar estas grandes questões de maneira correta. As palavras do nosso texto comunicam uma verdade destinada unicamente aos cristãos; não é uma verdade que deva ser pregada num culto de evangelização. É uma verdade para os filhos, para os que gozam intimidade; para aqueles a quem foi dado o Espírito Santo, que ilumina as mentes e dá entendimento. Não é para o homem natural, que não entende parte alguma da salvação, e ainda menos esta. Mas é uma verdade que os filhos de Deus, através dos séculos, sempre acharam assaz consoladora, animadora e reconfortante. A maneira certa de abordá-la é lembrando que o elemento dominante nestas questões é sempre a glória de Deus. "Com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós os que primeiro esperamos em Cristo"; e mais: "O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da sua glória". A perícope começa com estas palavras: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Vocês devem começar aí e terminar aí. Vemos também o mesmo ponto no versículo 6: "Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no amado".

Em todos os conceitos da salvação, o lugar dado neles à glória de Deus fornece a prova suprema. A prova de que o conceito é verdadeiramente bíblico é que ele atribui *toda* a glória a Deus. Nenhuma glória deve ser reservada para nós, nem para qualquer outro ser. O apóstolo fica repetindo isso - "para a glória de Deus", "glória da sua graça", "para louvor da sua glória". Noutro lugar ele escreve: "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Coríntios 1:30-31). A idéia que tenho da maneira pela qual me tornei cristão terá que satisfazer a prova de que ela promove a glória de Deus e ministra a ela. A salvação nos vem apesar de nós mesmos; nós não somos nada. Não somos cristãos por causa do nosso caráter especial ou por causa de algo que tenhamos feito. E tudo de Deus. O apóstolo dá ênfase a isso no capítulo 2 desta Epístola, quando escreve: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e

isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras para que ninguém se glorie" (versículo 8). É preciso que não haja nenhuma glorificação própria; ninguém deve gloriar-se em si mesmo.

Este ensino não está restrito à Epístola aos Efésios; acha-se em toda parte nas Escrituras. É um tema grandioso que percorre todo o Novo Testamento, talvez com maior clareza no Evangelho Segundo João. Este aspecto particular da verdade acha-se de maneira a mais clara nos lábios do nosso bendito Senhor e Salvador, como se vê nos capítulos 6 e 10 do Evangelho Segundo João. Vê-se igualmente no capítulo 17, na oração sacerdotal. Mas é igualmente certo dizer que essa é a doutrina que também sobressai no Velho Testamento. Somente ela explica porque Israel foi a raça escolhida, por que os judeus foram o povo escolhido. Não foi por coisa alguma que houvesse neles. A verdade é que, como alguém disse - e eu acredito que há forte justificação para esse dito - Deus os escolheu a fim de mostrar que, se Ele pudesse fazer algo daquela gente, poderia fazê-lo de qualquer outra. Considerem a história que se vê no Velho Testamento; não há nada que seja tão miserável e sem esperança. Sua salvação era de Deus, e Deus diz isso, e o diz especificamente a eles. Ele lhes fala clara e repetidamente que os tinha escolhido, não porque houvesse algo de meritório neles, porém por amor do Seu nome, e para que se manifestasse a Sua glória. Toda a história do Velho Testamento, da vocação de Abraão em diante, é de Deus. "De todas as famílias da terra a vós somente conheci", diz Ele por meio do profeta Amós (Amós 3:2). .

Esse é o aspecto da verdade que cobre todos os demais, mas Paulo o divide em suas partes componentes. A primeira coisa que ele nos diz é que Deus planejara tudo isso segundo o Seu "propósito". "Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados segundo o propósito daquele..." Esta palavra "propósito" acentua o fato de que a idéia original, o pensamento em seu início, é algo que teve Deus por seu autor. O Deus eterno engendrou o propósito de restabelecer esta unidade, esta harmonia, e isso em termos de certas pessoas, "antes da fundação do mundo". Mas depois o apóstolo acrescenta algo a isso, dizendo: "conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade". Esta frase sumamente importante, "o conselho da sua vontade", é acrescentada parece-me, para salvaguardar a idéia prévia de que o propósito é inteira e unicamente de Deus; razão pela qual o apóstolo já dissera a mesma coisa. Ele o fizera no versículo

5: "E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade". Também no versículo 9: "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo". A repetição é o modo de dizer do apóstolo que este propósito concebido por Deus não foi sugerido a Deus por ninguém. Torno a citar a pergunta do capítulo 14 de Isaias: "Quem guiou o Espírito do Senhor? E que conselheiro o ensinou?" (versículo 13). É tudo "conforme o conselho da vontade de Deus".

Ninguém sugeriu a Deus que seria bom fazer isto ou aquilo. Não somente não foi sugerido por ninguém, mas nem mesmo foi sugerido a Deus, como alguns supõem, em

razão do Seu pré--conhecimento, pelo qual Ele viu que certas pessoas iam pensar e fazer certas coisas, em conseqüência do que os Seus pensamentos foram determinados. Tal idéia é uma completa negação daquilo que o apóstolo ensina na passagem que estamos estudando. É tudo de acordo com o conselho da Sua vontade. Ele pensou conSigo mesmo, ele deliberou e meditou conSigo mesmo. Todo o plano da salvação, do começo ao fim, é exclusivamente de Deus, com coisa alguma vinda de fora. Tudo se origina em Deus, tudo provém de Deus. Eu disse no princípio que estávamos considerando uma elevada doutrina. Não existe nada que seja mais glorioso que isto, que tenha sido do agrado de Deus revelar-nos estas coisas. E por isso que constantemente devemos dar graças a Deus pela Bíblia e seus ensinamentos, que ressaltam a aplicação do grande plano de Deus a mim e a vocês.

Não estamos estudando uma verdade abstrata. Antes da existência do tempo, antes da criação do mundo, Deus Se propôs, conforme o conselho da Sua vontade, restabelecer a harmonia na totalidade do cosmos; e, em particular, foi Seu propósito que eu e vocês tivéssemos parte e lugar nele - "Em quem também obtivemos uma herança" (VA). Temos esta parte e este lugar porque Deus nos predestinou para isso conforme o propósito ao qual Se propôs, conforme o conselho da Sua vontade. O resultado é que eu e vocês estamos participando disto, e temos provado o dom celestial. Eu e vocês sabemos algo das "primícias" da bênção e glória sempiterna. Eu e vocês somos o que somos porque Deus Se propôs, conforme o conselho da Sua vontade, que estivéssemos nesse plano e partilhássemos dele.

"Predestinado" significa "predeterminado". Que poderá ser mais

grandioso e mais estonteante do que o fato de que Deus pensou em mim, pensou em vocês, no conselho da Sua vontade?! Ele não somente concebeu o plano; viu-nos nele. "Nós", diz Paulo - "nós judeus, que primeiro confiamos em Cristo, fomos predestinados, e vocês, gentios, também têm parte nesta herança. Deus predestinou que tanto nós como vocês, judeus e gentios, estivéssemos nisso. Não estamos só na mente e no coração de Deus; sempre estivemos ali. Estamos ali agora porque estávamos ali antes da fundação do mundo."

E Deus que executa este propósito. Esta é a verdade mais admirável e mais consoladora e fortalecedora que podemos conhecer. Ela é toda a base da minha segurança no presente momento; é também a garantia do meu futuro. Foi Deus que me colocou onde estou, e "aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6). Estou neste plano de Deus, e sou o que sou, apesar do meu pecado, apesar de toda a verdade a meu respeito, apesar do fato de que, com os outros, eu estava morto em ofensas e pecados". "Havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que fez todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade."

Contudo, não devemos pensar nisso somente num sentido pessoal, Este propósito

concebido na mente eterna de Deus, além da referência particular a mim e a vocês, também tem em vista a "plenitude dos judeus". Esta constituirá o grande reino, o povo, a família de Deus, reunida daquela maneira, e sendo reunida através dos séculos. Esse é o plano de Deus.

Ao descrever como este plano vê o cumprimento concreta-mente, como ele de fato nos alcança, como ele começa a operar, o apóstolo faz uso da palavra "faz" (efetua, executa) - "Em quem também obtivemos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele *que faz* todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade." Essa é a maneira pela qual o apóstolo afirma que Deus não é só inteiramente responsável pela iniciação e pela concepção do propósito, mas é igualmente responsável pela sua execução. Isso também é da própria essência do ensino da Bíblia. É na verdade, de muitas maneiras, toda a história da Bíblia. Quando o homem caiu, Deus imediatamente revelou o Seu propósito. O homem tinha dado ouvidos ao diabo, tinha pecado, tinha caído; e com isso arrastou toda a humanidade na queda com ele. A própria terra tinha sido amaldiçoada, e a harmonia do cosmos de Deus

havia dado lugar a conflitos e problemas.

Deus anunciou o Seu plano, o Seu propósito, dizendo que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Quando lemos o Velho Testamento, vemos Deus executando o Seu plano. Ele é o trabalhador, aquele que faz todas as coisas. "Somos feitura sua." Nada vem de nós - "Não vem das obras para que ninguém se glorie" (Efésios 2:9). Quando lemos a história, vemos Deus produzindo o Dilúvio, porém, salvando um remanescente, apenas uma família - oito almas, Noé e sua família. Foi Ele que lhes disse o que fazer para salvar-se; Ele os colocou na arca. Mais tarde chegamos à vocação de Abraão. Tudo isso faz parte da execução do grande propósito de Deus. Ele estava preparando tudo para a vinda do Seu Filho, o Messias, em quem o plano se centralizava. Mas a preparação era necessária; e esta era inteiramente obra de Deus. Ele olhou para Abraão em suas circunvizinhanças pagãs, e o chamou dentre elas. Esse foi outro passo vital na execução do plano. Ele fez daquele homem uma nação. Em seguida vieram os patriarcas e os seus descendentes, os filhos de Israel. Logo os vemos como escravos no Egito, e numa situação aparentemente desesperadora. Todavia Deus os livra do Egito e os conduz à Canaã. Constantemente pecam e se desviam, e Ele lhes envia profetas para admoestá-los. Finalmente são levados para o cativeiro na Babilônia; mas Ele traz de volta à Canaã um remanescente. Se o plano tivesse dependido dos judeus, teria fracassado. Contudo era o próprio Deus que o estava executando.

Depois, "vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei...a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gálatas 4:4-5). Deus está executando agora o Seu plano por intermédio do Seu Filho. O Filho veio para

efetuar a nossa salvação. Ele obedeceu à lei, fez manifestações da Sua glória, e levou sobre Si os pecados do Seu povo em Seu corpo no madeiro, fazendo com isso expiação pelos nossos pecados. Depois ressurgiu do túmulo, subiu ao céu e enviou o Espírito Santo. E tudo obra de Deus; é Deus levando a efeito o Seu propósito em todas as coisas, "segundo o conselho da sua vontade". E isso está sendo efetuado em nós também. Não fosse assim, nenhum de nós seria cristão. Ele nos desperta, nos convence do pecado, nos regenera e nos dá o Espírito Santo para habitar em nós.

Mas alguém poderá perguntar: que dizer da injunção: "Operai a vossa salvação com temor e tremor"? A resposta é "Deus é o que

opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:13). Foi Deus que nos deu "o Espírito (que) penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:10), se não, jamais entenderíamos estas coisas. Do começo ao fim, Deus está efetuando o Seu grande esquema e propósito.
No capítulo 8 de Romanos, o apóstolo diz, no versículo 28: "Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (VA: "...todas as coisas trabalham juntas (cooperam) ... daqueles que são chamados segundo o seu propósito"). Notamos aí os mesmos termos - "propósito", "chamados", "trabalhar" ou "efetuar". E então Paulo continua: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou". É Deus que efetua toda essa obra, desde o começo até o fim - "Ele"! "Ele"! "Ele"!

Mas isso não é o fim da história; é só o começo. Essa parte nos explica por que e como nos tornamos cristãos. Explica por que nos interessamos por estas coisas e gostamos do culto público, e por que não continuamos tendo uma vida mundana como tantos outros fazem. Não há nada de excepcional em nós; não é que nós somos diferentes ou melhores do que os outros por natureza. Não somos melhores do que o mundo, precisamente como Jacó não era melhor do que Esaú. De fato, pode muito bem ser que o contrário foi a verdade. Como homem natural, Esaú parece que foi um tipo muito melhor, mais cavalheiro e mais agradável do que Jacó. A salvação não se baseia em coisa alguma que haja em nós. É fruto do propósito de Deus , "segundo o conselho da sua vontade". É a execução feita por Ele daquilo que Ele predestinou, predeterminou.

Ainda iremos considerar os meios que Deus usou para realizar essa obra, o modo como Deus a efetua, e o que Ele requer de nós na execução do Seu grande e glorioso propósito. Mas, como era nosso dever, começamos onde o apóstolo começa, porque o que sempre deve estar em proeminência é a glória de Deus. "Com o fim de sermos

para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo.”

[1]

Literato; pessoa que se ocupa de literatura. Em francês no original. Nota do tradutor.

“OUVISTES, CRESTES, CONFIASTES”

“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade; com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo; em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também cri-do, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória.” - Efésios 1:11-14

Já vimos que somos cristãos porque Deus executa Seu plano, e faz isso usando meios. Nestes versículos nos é dito exatamente quais os meios de que Ele faz uso a fim de colocar-nos “em Cristo”, a fim de fazer-nos herdeiros da herança que Deus preparou para nós em nosso bendito Senhor e Salvador. No versículo 13 Paulo diz: “Em quem também vós crestes, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação”. [1] Estas palavras descrevem os meios que Deus sempre usa para tornar-nos cristãos. No livro de Atos dos Apóstolos vemos isso claramente na prática. O Senhor Jesus Cristo, a Cabeça da Igreja, a quem fora confiada esta obra, deixou apenas um punhado de pessoas na terra, quando ascendeu ao céu. Parecia totalmente impossível que este grande esquema de Deus fosse levado a efeito por um simples punhado de pessoas - e que pessoas! Mas aconteceu! Foi dito aos apóstolos que esperassem em Jerusalém até que o Espírito Santo viesse sobre eles, e depois partissem', como testemunhas de Cristo. Eles deviam ir pregar a Palavra. E foram, como consta no livro de Atos dos Apóstolos. Assim é que Ele nos torna cristãos. Foi dessa maneira, e por intermédio da “palavra da verdade, o evangelho da nossa salvação”.

O apóstolo dá-lhe o nome de “palavra da verdade”. Mas não significa simplesmente palavra verdadeira. *É* palavra verdadeira, é claro, porém Paulo não fala da verdade indiscriminadamente. Ele se refere a uma verdade particular, através e por meio da qual recebemos a nossa salvação - “a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação”. É uma palavra que comunica determinada verdade que, quando a enxergamos, vem à nós como a maior boa nova que jamais conhecemos. É a boa nova concernente ao Senhor Jesus Cristo, a notícia concernente à Sua Pessoa e à Sua obra - quem Ele é e o que realizou. Essa é a boa nova, nenhuma outra coisa o é, e ninguém pode tornar-se cristão sem esta “palavra da verdade”.

Colocando o ponto negativamente, significa que você não se torna cristão simplesmente por ter uma experiência ou por ter em seu íntimo um sentimento diferente do que tinha antes. Muitos acham que é isso que nos torna cristãos. Por terem agora uma nova espécie de vida, pensam que são necessariamente cristãos. Mas talvez não seja assim. Você não pode ser cristão sem a verdade, sem o

“evangelho da vossa salvação”. Isso é fundamental. Constantemente estamos lendo nos jornais a respeito de pessoas que são elogiadas e aclamadas como “os maiores cristãos do século”, mas que, às vezes, não crêem em nada, exceto no que chamam “reverência pela vida”. Não crêem na “palavra da verdade”, não crêem na Palavra de Deus; sua posição não está na dependência da Pessoa de Cristo e Sua obra. Muitos há que pensam nos cristãos como pessoas que “têm vida virtuosa”, fazendo grande sacrifício para ajudar os outros e praticar boas obras. Todavia esse pensamento é equivocado; isso de ser cristão sem essa “palavra da verdade” não existe. É dessa maneira que Deus faz cristãos; é pela “palavra da verdade”, pelo evangelho da nossa salvação.

Há neste mundo muitos instrumentos que nos podem propiciar experiências e bons sentimentos, e que podem fazer-nos felizes e levar-nos a praticar muitos atos de bondade. Muitas seitas podem produzir esses resultados. O nosso argumento cristão contra as seitas não é que elas não levam a bons resultados, mas, sim, que elas não se baseiam na verdade, pois não apresentam a palavra da verdade. Certamente produzem resultados. Seria ridículo negar que muitas seitas têm feito benefícios. Há pessoas que testificam que, desde que passaram a seguir uma certa seita, sua vida foi transformada. Agora são felizes, ao passo que antes eram infelizes; perderam as suas preocupações; livraram-se de certos sofrimentos;

sentem-se completamente bem em todos os aspectos, e sua vida está repleta de alegria e felicidade. Por isso temos que insistir em que é “a palavra da verdade” que Deus utiliza. É por intermédio do “evangelho da nossa salvação”; é por intermédio da mensagem transmitida aos apóstolos, e que estes foram capacitados a transmitir a nós. É unicamente isso que nos faz cristãos.

Podemos e devemos declarar dogmaticamente este ponto. Pensem numa pessoa que até aqui tem sido inteiramente ímpia e irreligiosa, completamente indiferente quanto às questões religiosas, e vivendo no pecado. De repente essa pessoa descobre um novo interesse, começa a sentir que, afinal de contas, há algo na religião. Começa a pensar que a religião a ajudará, e alguém lhe diz que tudo o que ela tem que fazer é crer em Deus. Ela aceita isso e começa a ler a Bíblia, a orar e a cultuar a Deus como ela acha melhor. Ela se sente bem em fazer isso. Agora ela é uma pessoa religiosa e tem essa elevada intenção de servir a Deus e agradá-lO, e de viver para a glória de Deus.

Pois bem, não hesito em asseverar que, se a experiência dessa pessoa pára nesse ponto, ela não é cristã no verdadeiro sentido do termo. O cristão é alguém que compreende que toda a sua posição depende unicamente da Pessoa e obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo . A “palavra da verdade”, “o evangelho da nossa salvação” é essencial. A pessoa que acabo de descrever está exatamente na mesma situação dos judeus do Velho Testamento. Estes criam em Deus, tentavam agradar a

Deus, guardar os Seus mandamentos e servi-lO. Muitas vezes se sacrificavam bastante para fazê-lo. Essa era a situação dos fariseus. Jejuavam duas vezes por semana e davam o dízimo dos seus bens aos pobres; adoravam a Deus e viviam para Ele conforme o seu modo de pensar. Mas não eram cristãos, e foram grandes oponentes do Senhor Jesus Cristo.

O que nos diferencia dos não cristãos é que confiamos inteiramente nesta "palavra da verdade", neste "evangelho da nossa salvação". A boa nova não consiste em dizer que se deve servir a Deus e agradá-10. A boa nova consiste em falar do que Deus fez por nós em Cristo. O evangelho é isso; é esta salvação que é acessível graças ao que o Senhor Jesus Cristo fez. Daí decorre que lemos sobre o apóstolo Paulo exortando o jovem Timóteo a "pregar a palavra". Ele não lhe diz que simplesmente exorte as pessoas a servirem a Deus ou a terem vida melhor ou a buscarem certa experiência. Sua exortação é: "Que pregue a palavra", "faze a obra dum

evangelista" (2 Timóteo 4:2,5). A respeito de cristãos comuns, lemos em Atos que eles "iam por toda parte, anunciando a palavra" (8:4).

Mas devemos ter o cuidado de comunicar todo o conteúdo desta palavra "verdade" pois o cristianismo pode ser utilizado falsamente como um instrumento psicológico. Além disso, há muitos que parecem pensar que são cristãos, e jamais conheceram certos aspectos desta "palavra da verdade". No entanto, está bem claro no Novo Testamento que há um mínimo irredutível que se considera essencial. No capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Tessalonicenses é nos dada uma notável sinopse desta "palavra da verdade". O apóstolo Paulo não se demorou muito em Tessalônica, mas ficou lá o suficiente para dar-lhes a verdade essencial, e então os faz lembrar-se destes dizeres: "Eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus para servi o Deus vivo e verdadeiro. E esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura". Não podemos ser cristãos sem convicção do pecado. Ser cristão significa que compreendemos que somos culpados diante de Deus e que estamos sob a ira de Deus. O apóstolo tinha pregado essa mesma mensagem aos cultos filósofos de Atenas, e lhes tinha dito que Deus "tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo", por meio de Jesus Cristo (Atos 17:31).

Por natureza estamos todos sob a ira de Deus, somos todos pecadores; portanto, antes de começarmos a buscar um sentimento feliz ou uma "experiência", temos que aperceber-nos da nossa perigosa situação. Estamos condenados pela lei de Deus, estamos debaixo da Sua ira, corremos perigo de perdição eterna. Precisamos ser libertados da "ira futura". A boa nova da salvação é que podemos ser libertados da ira por vir porque o Senhor Jesus Cristo levou sobre Si a ira por amor de nós. O apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, esclarece que a sua obra como pregador

era proclamar que “tudo provém de Deus que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo”. Mas, para evitar mal-entendidos, ele desenvolve esse tema em detalhe para os seus leitores, e acrescenta: “não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós (os pregadores) a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós

rogasse. Rogamo-vos pois da parte de Cristo que vos reconcilieis com Deus. Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:18-21). A boa nova é que Deus fez tudo em Cristo, Ele nos livrou da ira vindoura, Ele nos reconciliou conSigo. Ele nos preparou para esta herança e fez de nós Seus filhos. Tudo isso é resultado do fato de que Deus tomou os nossos pecados, colocou-os sobre o Seu Filho e os puniu e os tratou ali. Dessa maneira Ele nos perdoa e nos dá todos estes benefícios. Essa é a mensagem da salvação. Essa é a “palavra da verdade”. Não é suficiente que nos perguntemos a nós mesmos se cremos em Deus, e tentamos servir a Deus, agradá-10 e viver uma vida virtuosa. Compreendemos o que Deus fez por nós em Cristo? Chegou a nós esta “palavra da verdade”? Dou-me conta de que toda a minha posição se baseia nesta palavra da verdade, no evangelho, nas boas novas de salvação?

Há outra declaração desta verdade, feita por este mesmo apóstolo, em sua Primeira Epístola a Timóteo, onde ele afirma que Deus “quer que todos os homens se salvem” (2:4). Notem, porém, que ele tem todo o cuidado de acrescentar imediatamente que essa declaração significa “vir ao conhecimento da verdade”. Não basta ser capaz de dizer: “Estou tendo uma vida modificada, sou um homem diferente, sou melhor do que era”. A questão vital é: você tem conhecimento da verdade? Você sabe em que crê? Você pode dar a “razão da esperança que há em vós? Diz o apóstolo Pedro que devemos estar preparados o tempo todo para dar a razão da esperança que há em nos “com mansidão e temor” (1 Pedro 3:15). Portanto, o cristão é alguém que tem conhecimento da verdade, e da Palavra da verdade, e sabe que tudo lhe veio mediante aquela Palavra. Deus realiza esta obra em nós através e por intermédio da Palavra.

Todavia, nem mesmo a só proclamação da Palavra é suficiente. Não podemos ler o livro de Atos dos Apóstolos sem encontrarmos prova disso. Vemos os apóstolos pregando o evangelho a um grupo de pessoas. Pode ser Pedro, ou pode ser Paulo que está pregando esta “palavra da verdade”, “o evangelho da salvação”. Mas o resultado varia; alguns crêem, porém começam a regozijar-se; outros ficam furiosos, empreendem perseguição e dizem: “Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui” (17:6). Às vezes os apóstolos eram apedrejados; os homens tentavam matá-los. Ambas

as partes, crentes e incrédulos, tinham ouvido a mesma palavra; por isso é óbvio que não é apenas uma questão de apresentar a mensagem. Isso tem que ser feito porque a palavra da verdade é essencial; mas a mera apresentação da palavra da verdade, em si e por si, não realiza a obra. O fator adicional e essencial é a obra realizada pelo Espírito Santo.

A aplicação d a verdade da Palavra é feita pelo Espírito. Isso se vê claramente numa declaração feita pelo apóstolo no capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Tessalonicenses. O apóstolo diz, no versículo 5: "O nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza". Obviamente, essa é uma declaração vital, e ele a salienta em todos os seus escritos. No capítulo 2 desta Epístola aos Efésios ele a coloca assim: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (versículo 1). Ele a repete no versículo 4: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo". Essa é a obra realizada pelo Espírito.

A obra do Espírito é uma parte essencial da doutrina cristã. A mensagem, o evangelho da salvação, é pregada a todo tipo de gente, e uma oferta geral de salvação é feita a todos os homens, mas nem todos a aceitam. O que determina a diferença é a obra do Espírito Santo, que leva a palavra com "poder" e "com muita certeza" aos que se tornam crentes. Temos outra declaração clássica desta verdade vital no capítulo 2 da Primeira Epístola aos Coríntios, onde Paulo fala sobre o "mistério" confiado a ele para que o pregasse. Diz ele então: "A qual sabedoria nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória" (versículo 8). Os príncipes deste mundo não conheceram a verdade, não reconheceram a Cristo. Como então pode alguém tornar-se cristão? Como estes coríntios se tornaram cristãos? A resposta é: "Deus no-las revelou (Suas verdades) pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus". "Mas nós não recebemos o espírito do mundo", continua ele, "mas o Espírito que vem de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus" (versículo 12). Ninguém pode crer no Senhor Jesus Cristo independentemente da ação do Espírito Santo. Em 1 Coríntios Paulo o expõem categoricamente assim: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (12:3). Sem a operação do

Espírito Santo, não há quem possa fazê-lo. Para o homem natural essas coisas são loucura. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Nenhum homem, como o homem é por natureza, e em conseqüência do pecado, tem possibilidade de crer no evangelho. A obra do Espírito Santo é absolutamente essencial. Com relação a isso o Senhor proferiu as seguintes palavras, registradas no capítulo 11 do Evangelho Segundo Mateus:

“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos”. E prossegue, dizendo que só há uma explicação dessa ação, a saber: “Sim, ó Pai, porque assim te aprouve” (versículos 25-26). Não há explicação senão esta, que o Pai teve esse propósito, “segundo o conselho da sua vontade”. Não podemos entender isso, mas sabemos que é a verdade. Não nos fizemos cristãos; não é coisa alguma que haja em nós - “Sou o que sou pela graça de Deus” - e esta verdade refere-se a todos os cristãos. Isso não é para ser entendido, e sim, para ser cri do e para ser admirado.

Há uma ilustração particularmente interessante deste assunto na narrativa dada em Atos, capítulo 16, de como o evangelho chegou pela primeira vez ao continente europeu, numa cidade chamada Filipos. O apóstolo soube que algumas mulheres costumavam fazer reunião de oração nas tardes de sábado à margem de um rio, fora do muro da cidade. Assim, ele e os seus companheiros saíram, foram à pequena reunião de oração, sentaram-se entre as mulheres e lhes falaram. Proferiram esta “palavra da verdade”; e nos é dito que uma mulher chamada Lídia foi convertida. Ela creu na verdade e veio a ser o primeiro vulto cristão da Europa. Como, porém, Lídia veio a crer na realidade? A resposta é dada no versículo 14 daquele capítulo, com as palavras: “...e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia”. Por natureza, os corações de todos nós estão fechados e trancados para a verdade, para esta mensagem do evangelho. Somente a Palavra pode abri-los ou amolecê-los. Para que aconteça isso, a operação do Espírito Santo é absolutamente vital e essencial. William Cowper lembra-nos isso num hino:

Sopra o Espírito na Palavra E traz à luz a verdade.

Trata-se de uma operação dual. O Espírito está na Palavra, mas precisa estar em meu coração também, e abri-lo, para que eu possa receber a Palavra. É o Espírito que nos vivifica; é o Espírito que nos dá vida, tirando-nos da morte do pecado na qual todos estamos por natureza; é o Espírito que nos dá a faculdade da fé; é o Espírito que nos dá um novo princípio de vida que torna possíveis todas estas coisas. Há um resumo disso tudo no capítulo 2 desta Epístola aos Efésios, versículo 8: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. A fé é dom de Deus. Pelo Espírito Deus nos capacita a crer. Sem esta operação do Espírito, permanecemos mortos para a Palavra, e não a “vemos”. Mas quando o Espírito sopra na Palavra, Ele traz à luz a verdade. Vemo-la, e por isso cremos nela.

Isso nos leva ao terceiro e último passo no que diz respeito àquilo que eu e vocês temos que fazer. Sem que o saibamos, o Espírito esteve operando e, como resultado disso, acontecem três coisas. Ouvimos a Palavra, cremos nela, confiamos ou esperamos nela. As três palavras que o apóstolo emprega aqui, nesta Epístola são: “Em quem também vós *crestes* (ou *confiastes* ou *esperastes),* depois que *ouvistes* a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, *tendo* nele também *crido,*

fostes selados com o Espírito Santo da promessa". Devemos entender claramente que Deus, mediante o Espírito Santo, não opera ou age em nós mecanicamente. Deus não força a nossa vontade; Deus não compele ninguém a crer contra a vontade no evangelho. Não é essa a Sua maneira de agir. Não somos tratados como autômatos. O que acontece é que Deus persuade a vontade; Ele torna atraente a verdade para nós. Assim é que homem nenhum jamais creu no evangelho contra a sua vontade; foi-lhe dado vê-lo de tal maneira que ele o deseja, admira-o, gosta dele.

Essa é a verdade com relação à nossa experiência. Houve tempo em que não víamos nada destas coisas, mas agora elas se tornaram tudo para nós. A diferença é explicada pelo fato de que há uma mudança em nós resultante da operação mediante o Espírito Santo em nós. A verdade que nos parecia coisa aborrecível, nada interessante e sem atrativo, de repente se torna a coisa mais maravilhosa que ouvimos em toda a nossa vida. É a mesma verdade, e pode ser que a tenhamos ouvido do mesmo pregador. O fato é que somos diferentes, agora temos em nós um novo princípio ou dispo-

sição que nos capacita a exercer a fé e nos dá a capacidade de compreender e entender. Foi-nos dada uma "unção" pelo Espírito Santo, como diz o apóstolo João (1 João 2:20,27). Nunca se deve entender esta operação de Deus sobre nós e em nós como se Deus macetasse as nossas vontades, forçando-nos ou compelindo-nos. Ele nos *conduz* ao arrependimento. Ele nos leva à fé pela operação do Espírito Santo, revelando-nos a Palavra e abrindo os nossos corações para a receberem; e o resultado é que, como crianças recém-nascidas, não há nada que mais desejemos do que o "leite racional, não falsificado" (1 Pedro 2:2; VA: "o genuíno leite da palavra"). Esta nova faculdade, este novo princípio de vida, faz toda a diferença.

Tendo-nos tornado possível agir, Deus nos chama à ação. A palavra é pregada e nós a *ouvimos*. Mas ouvir não é suficiente. Não somente devemos ouvir esta Palavra; temos que crer nela. E o homem que verdadeiramente a ouve, crê nela. Ele passou a ver-se como pecador, passou a ver a lei de Deus o condenando; agora ele tem alguma concepção sobre a santidade de Deus; e compreende que tem de comparecer perante Deus no juízo. E assim ele fica preocupado e alarmado com a sua situação. Que é que ele pode fazer? Ele ouve esta mensagem que fala de Cristo morrendo pelos pecados e diz: "Ai está exatamente o de que necessito; quero esta mensagem; creio nela, apesar de não compreendê-la plenamente". Portanto, tendo-a ouvido, ele crê; e percebe que o seu dever é crer, porque todos são chamados ao arrependimento e à fé.

O último termo usado pelo apóstolo é traduzido pela Versão Autorizada (inglesa) por "confiastes". Na Versão Revista (inglesa) e nalgumas outras versões é traduzido por "esperastes". Essa tradução é igualmente boa porque as duas palavras significam praticamente a mesma coisa, a saber, que colocamos a nossa esperança, a nossa fé

pessoal, a nossa confiança, em todos os aspectos, no Senhor Jesus Cristo. É isso que nos torna cristãos. Por isso o apóstolo diz aqui, acerca dos judeus, "com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo"; ou, noutras palavras, nós, judeus, que fomos os primeiros a compreender que Cristo é a nossa única esperança e a nossa única fonte de confiança, a única base de nossa certeza. O apóstolo prossegue, dizendo: "Em quem também vós *confiastes".* A palavra *confiastes* foi acrescentada, e nem ela nem a palavra *esperastes* (ARC: "estais") estão no original. "Em quem também vós (obtivestes uma herança)

depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação." Eles igualmente haviam firmado a sua fé pessoal, a sua confiança e a sua esperança no Senhor Jesus Cristo, e nEle somente. Esta é a melhor definição de um cristão que podemos encontrar.

O cristão é alguém que centraliza toda a sua esperança no Senhor Jesus Cristo. Quando ele pensa em seu passado e olha retrospectivamente, é-lhe dada paz com relação a isso, não simplesmente porque ele crê que Deus é um Deus de amor que está pronto a perdoar; não, é-lhe dada paz acerca do seu passado porque ele sabe que os seus pecados passados foram lançados sobre o Senhor Jesus Cristo em Sua morte na cruz do Calvário. Ele sabe que Cristo os levou sobre Si e os eliminou. É unicamente este fato que lhe dá fé segura, esperança e confiança quando recorda o seu passado; nada menos do que isso. Sem isso, ele não teria segura esperança, não seria cristão. Com relação ao presente, ele está ciente da sua fraqueza, está ciente da sua indignidade, está ciente do terrível poder do pecado e da tentação em seu interior; mas, ainda assim, ele tem esta esperança, fé e confiança. Sempre com base na verdade, isto é, no Senhor Jesus Cristo e Sua obra -

Senhor, de Ti careço; fica perto, à mão!

Quando estás perto, perde a força a tentação.

e -

Tendo à mão Tua bênção, não temo o inimigo.

Tais são as expressões da sua confiança, com relação ao presente. E quando ele olha para o futuro, essa confiança permanece inabalável. Ele não sabe o que vai acontecer, ele está no mesmo mundo de todos os demais; poderão vir guerras, poderão vir pestes, o diabo certamente estará presente, a tentação e o pecado não mudarão, o mundo não mudará, nada mudará, e, além, disso, ele é fraco; como pode, pois, encarar e enfrentar tudo isso? Ele sabe que Aquele que está com ele "nunca o abandonará nem o desamparará". E então, acima de tudo o mais - a morte! É certo que ela vem, e tem que ser enfrentada. Mas ele continua feliz, cheio de esperança, confiança e certeza. Aquele que tem estado com ele na vida, estará com ele na morte.

“Não te deixarei, nem te desampararei” (Hebreus 13:5). Por isso ele pode dizer com Paulo: “Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade,

nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8:38-39). Seria Cristo a base de toda a sua esperança, confiança e fé? Se não é, você não tem direito de dizer-se cristão. Contudo, se você pode dizer:

Minha esperança é baseada em nada menos Que o sangue de Jesus e Sua justiça;

Não ouso confiar na mais rica disposição Mas de todo me apóio no nome de Jesus:

Em Cristo , afirme Rocha, é que me firmo; Qualquer outro terreno é areia movediça.

Nesse caso, você é cristão de verdade, e Deus o abençoará.

“SELADOS COM O ESPÍRITO”

“Em quem também confiastes, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa.”

- Efésios 1:13

Nestas palavras nos vemos face a face com mais outro acréscimo a esta série de extraordinárias declarações que o apóstolo vem fazendo com respeito à nossa posição e à nossa herança no Senhor e Salvador Jesus Cristo. Já observamos como a sua fórmula para a introdução de alguma bênção adicional é a expressão “Em quem também vós...”. Ele dissera no versículo 7: “Em quem temos a redenção”, depois no versículo 11, continua dizendo: “Em quem *também* obtivemos uma herança” (VA). Mas agora temos algo que nos leva ainda mais longe: “Em quem *também,* depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa” (VA). E espantosa a maneira pela qual, nesta grande declaração que, como vimos, vai do início do versículo 3 ao fim do versículo 14, o apóstolo parece estar empilhando uma glória sobre outra à medida que nos desvenda as bênçãos que são nossas como frutos das riquezas da graça de Deus. Deus de fato as tornou abundantes para conosco. Aquele algo mais que o apóstolo quer apresentar-nos é, “depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa”. Aqui ele nos apresenta, de maneira explícita, pela primeira vez neste capítulo, o Espírito Santo.

Evidentemente, como notamos, o Espírito estava envolvido em tudo o que encontramos até aqui. Não podemos estar cientes da nossa necessidade de redenção, sem o Espírito Santo; na verdade, não podemos crer, sem a operação do Espírito Santo. Mas aqui Ele é mencionado explicitamente, o Seu nome propriamente dito é introduzido, e somos postos face a face com certos aspectos vitais do ensino do Novo Testamento concernente ao Espírito Santo e Sua obra. É, pois, um acréscimo importante, e é lamentável que, quando esta carta foi dividida em versículos, não foi iniciado um novo versículo neste ponto; pois este é um novo assunto, e isso deveria ser salientado daquela maneira.

Esta declaração adicional é particularmente importante do ponto de vista experimental. O apóstolo nos estivera lembrando tudo o que é verdadeiro com relação ao evangelho, e tudo o que nos é dado nele. Aqui, porém, ele nos faz plenamente conscientes da verdade e nos faz lembrar a maneira pela qual podemos certificar-nos destas coisas e usufruir algo da sua glória e da sua grandeza, mesmo enquanto ainda estamos neste mundo limitado pelo tempo.

Estou cada vez mais persuadido de que é o nosso malogro quanto a entendermos esta precisa declaração que explica tanta letargia entre nós cristãos na hora presente. Pelo menos chego a afirmar que todo cristão que não esteja experimentando a alegria da salvação acha-se nessas condições em grande parte por não compreender a verdade ensinada neste versículo particular das Escrituras, pois nele nos vemos face a face com a maneira pela qual podemos penetrar na plenitude que deveríamos estar experimentando em Cristo. "Regozijai-vos no Senhor", e regozijar-nos sempre, é uma parte essencial do propósito de Deus quanto a nós em Cristo. O nosso Senhor, no fim da Sua vida terrena, não somente disse, "A minha paz vos dou"; disse também; "o meu gozo" (ou "a minha alegria") (João 15:11). Essa é a herança do cristão. O povo cristão deveria estar cheio de alegria, paz e felicidade. Não somente isso, mas também, se sentimos que somos ineficientes como cristãos e que a nossa utilidade não é muito evidente, então opino que, de novo, deve-se isso ao mesmo fato, a saber, a nossa incapacidade de compreender o que se quer dizer com o selo de Deus aplicado aos Seus pelo "Espírito Santo da promessa". Além disso, esta é uma das doutrinas mais vitais do Novo Testamento com respeito ao aviva-mento e ao despertamento dentro da Igreja Cristã.

O selo é um assunto que tem causado muita controvérsia. Não é um assunto fácil, portanto, não obstante, devemos enfrentá-lo. E o melhor modo de fazê-lo é adotar o nosso método anterior e examinar os termos que o apóstolo emprega: "Em quem também, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa".

Tomemos primeiro o termo "selo" em seu sentido comum, em seu uso habitual entre os homens. O termo tem três sentidos principais. Primeiro, o selo autentica ou veicula autoridade. Dois homens fazem um acordo; pode ser a venda de uma casa ou

o acerto de um negócio, ou alguma outra coisa nessa área. Concordaram nos termos a serem lavrados, mas, como sabemos, esse documento não

será realmente válido, e nem um nem outro ficarão satisfeitos com ele, enquanto não for "assinado e selado". Mesmo à assinatura é preciso acrescentar o selo. Isso torna o acordo mais autêntico, mais absoluto - "assinado e selado". Portanto, um selo é aquilo que transmite autoridade, ou estabelece a autenticidade, a validade, a veracidade de um documento ou de uma declaração.

Outro sentido ligado ao "selo" é que ele é um sinal de propriedade. Usa-se freqüentemente no caso de animais; o proprietário ou o homem que compra os animais põe a sua marca ou o seu selo neles para indicar que lhe pertencem. A mesma coisa se faz com a posse de propriedades, ou, de novo, com documentos. Isso indica que uma coisa, seja qual for, pertence por direito de propriedade à pessoa que faz uso desse selo particular. O selo tem uma imagem especial que pertence unicamente a uma pessoa, e, portanto, quando você vê aquele selo ou aquela imagem nalguma coisa, você sabe que é propriedade ou posse de uma determinada pessoa.

Além disso, o selo também é utilizado com fins de segurança. Se você deseja que uma encomenda chegue bem ao seu destino, pelo correio ou pelo trem, você não somente a embala e amarra bem, mas também lacra e carimba os nós com um selo. Se de algum modo o selo for rompido ou estragado, quer dizer que alguém violou a encomenda. Há um exemplo disso no Novo Testamento. Quando nosso Senhor foi sepultado, as autoridades romanas e os judeus ficaram preocupados com o que os Seus seguidores poderiam fazer com Seu corpo, pelo que rolaram uma pedra sobre a boca do sepulcro e depois o selaram, por segurança.

Vemos, pois, que há três principais sentidos do termo "selo" -autenticidade e autoridade; propriedade; e garantia e segurança - e estes significados nos ajudarão a entender o que quer dizer "selados com o Espírito Santo da promessa".

Faremos bem em prestar atenção no uso escriturístico de "selo", pois termos dessa espécie geralmente têm o mesmo sentido e a mesma conotação em todas as partes da Palavra. Observemos dois importantes exemplos de "selo". No capítulo 3 do Evangelho Segundo João, lemos: "Aquele que aceitou o seu testemunho colocou o seu selo de que Deus é verdadeiro" (versículo 33,VA). Esta é simplesmente outra maneira de dizer que quando um homem crê no evangelho e o aceita, ele está, por assim dizer, expressando o seu acordo e autenticando que este é realmente a verdade de Deus, e que o que Deus diz é verdadeiro. É uma declaração ousada, uma

figura ousada, mas aí está! Seu oposto (embora a palavra "selo" não seja empregada concretamente) acha-se na Primeira Epístola de João: "Quem a Deus não crê mentiroso o fez: porquanto não creu no testemunho que Deus de seu Filho deu" (5:10). Crer no evangelho é colocar o seu selo nele e dizer que ele é verdadeiro; não

crer é virtualmente dizer que Deus é mentiroso.

Mas há um uso ainda mais importante de "selo", e este se acha no capítulo 6 do Evangelho Segundo João, onde nos é oferecida uma narrativa que mostra o nosso Senhor alimentando os cinco mil. Feito isso, Ele colocou os Seus discípulos num barco e lhes disse que atravessassem o mar; quanto a Ele, subiu a um monte para orar. Mais tarde, à noite, juntou-Se a eles, e chegaram do outro lado do lago. Muitas outras pessoas também tinham tomado barcos e cruzado, e seguiam o nosso Senhor, que Se voltou para elas e disse: "Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, selou" (versículo 27). Nessa passagem o nosso Senhor estava dizendo às pessoas que elas deviam ouvi-lO porque o Pai O havia selado. Não entenderam essas palavras e perguntaram ao Senhor que obras de Deus elas deviam praticar. Respondeu-lhes o Senhor, dizendo: "A obra de Deus é esta: que creiais naquele que ele enviou". Replicaram Seus ouvintes: "Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos e creiamos em ti? Que operas tu?" Que provas nos dás de que és o Filho de Deus, o Salvador, o Messias? E acrescentaram: "Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: deu-lhes a comer o pão do céu". Quando Moisés estava conduzindo o nosso povo no deserto, deu aos nossos antepassados maná do céu como um sinal; que sinal nos dás? Em certo sentido, o nosso Senhor já tinha respondido essas perguntas quando disse que Ele tinha sido "selado", isto é, autenticado por Deus. Efetivamente Ele diz: Deus mostrou claramente que Eu Sou o Seu Filho, que Eu, o Filho do homem, sou o Filho de Deus; isso Ele mostrou selando-Me, dando-Me autoridade, autenticando as Minhas reivindicações, estabelecendo o Meu ministério e ungindo-Me como o Messias.

De que modo Deus tinha selado o Senhor Jesus vê-se em toda parte nos Evangelhos. Deus O tinha selado por ocasião do Seu batismo, enviando sobre Ele o Espírito Santo em forma de pomba. O Evangelho Segundo João diz-nos que "não lhe dá Deus o Espírito por medida" (3:34). O Espírito foi enviado sobre Ele em toda a

Sua plenitude. Embora continuando a ser o Filho de Deus, eterno e igual ao Pai, Ele Se havia limitado a Si próprio, tinha vindo na forma de servo; e para poder realizar a Sua obra como o Salvador. Necessitava do poder do Espírito Santo. Por isso o Espírito Lhe foi dado, não por medida, mas em toda a Sua plenitude. Foi desse modo que Deus pôs nEle o Seu selo.

Além disso, "eis que uma voz do céu dizia: este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3:17). Ouviu-se essa voz em três ocasiões, autenticando-O, selando-O, proclamando que ele é o Filho de Deus, o Messias, o Libertador. Foi devido Ele ser revestido de poder por Deus, mediante o Espírito Santo, que o nosso bendito Senhor pôde falar e realizar Suas obras poderosas. Disse Ele: "As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é

quem faz as obras" (João 14:10).

Portanto, no que se refere às obras, Ele afirma que está realizando as obras que o Pai Lhe confiara para realizar. Essa foi a Sua autenticação, e essa se manifestou em Sua capacidade de expor as Escrituras, embora nunca tenha recebido instrução para isso. Pessoas que O ouviram disseram: "Nunca homem algum falou assim como este homem" (João 7:46), pois Ele falava na plenitude do poder do Espírito. A mesma verdade aplica-se às Suas obras. Ele pôde dizer: "Se não credes em mim, crede nas obras" (João 10:38). As obras eram Sua autenticação. Foi esse o argumento que Ele usou no caso de João Batista, que tinha ficado na incerteza quanto a Ele: "Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho" (Lucas 7:22). São essas as coisas que os profetas haviam dito que o Messias faria; portanto, o fato de que Ele as estava fazendo é o selo de que Ele era o Messias.

O bispo Westcott resume muito bem o "aquele que o Pai selou" dizendo que significa "solenemente separado para a incumbência de (uma) responsabilidade, e autenticado por sinais inteligíveis". O Pai autenticara o Filho mediante sinais inteligíveis -os milagres, as obras, as palavras, tudo quanto Lhe diz respeito. Tendo recebido o Espírito Santo em toda a Sua plenitude, Ele fora "selado", fora autenticado.

Vimos, pois, o sentido do termo como se vê no uso comum e também nas Escrituras; e vimos que em ambos os casos coincide. Quanto ao nosso Senhor, é-nos dito que foi feita uma declaração dizendo: "Este é o meu Filho amado", e que essa foi confirmada por

Suas obras e por Suas palavras. O que quer que os homens Lhe façam, Ele está credenciado, autenticado como o Filho de Deus e como o Salvador, e ainda que o inferno seja solto contra Ele, o propósito de Deus será levado a efeito nEle e por meio dEle. "A este o Pai, Deus, o selou."

Isso certamente é de grande utilidade quando passamos a considerar o sentido desse termo com relação a nós. Obviamente deve significar para nós o que significou para o Senhor. Significa que podemos ser autenticados, que pode ser estabelecido por sinais inteligíveis que realmente somos filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com o nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Pois bem, para chegarmos ao significado do termo "selo" com ainda maior clareza, consideremos quando se dá a aplicação do selo. Onde é que a selagem entra na vida e na experiência do cristão? Tem-se visto que essa é uma questão interessante e, na verdade, para alguns, um problema. A Versão Autorizada inglesa diz: "Em quem também vós, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". A Versão Revista inglesa ("ERV") diz: "Em quem tendo também crido..."; e a Versão Padrão Revista ("RSV"): "também vós, que crestes nele...". Portanto, a questão que

se levanta é qual tradução está correta. Quando ocorre esta selagem com o Espírito Santo? Será no momento em que a pessoa passa a crer, ou depois? A Versão Autorizada, que não é só tradução mas também exposição, claramente indica que se trata de algo que se segue ao crer, que é diferente, separado e distinto do crer, e que não faz parte do crer. Somos, pois, confrontados pela questão: este selo do Espírito Santo é uma experiência distinta e separada na vida cristã, ou é algo que acontece inevitavelmente com todos os cristãos, de maneira que não se pode ser cristão sem este selo?

O ensino comum que prevalece atualmente, em especial nos círculos evangélicos, é que a segunda alternativa é a correta. Segundo esse ensino, a selagem com o Espírito é algo que acontece imediata e inevitável e inexoravelmente com todos os que crêem. Mas eu não posso aceitar isso, e para consubstanciar a minha opinião, menciono o ensino do puritano do século dezessete, Thomas Goodwin, e, menos extensamente, a do seu contemporâneo John Owen; também o ensino de Charles Simeon, de Cambridge, há dois séculos, e de Charles Hodge, de Princeton, E.U.A , em seu comentário desta Epístola em fins do século dezenove. Esses mestres

traçam aguda distinção entre crer (o ato de fé) e a selagem com o Espírito Santo. Eles asseveram que as Escrituras ensinam que, conquanto seja verdade que ninguém pode crer sem a influência do Espírito Santo, não obstante, não é a mesma coisa que ser selado com o Espírito, e que o ser selado com o Espírito nem sempre acontece imediatamente quando a pessoa crê. Eles ensinam que pode haver um grande intervalo, que é possível a pessoa crer, e, portanto, ter o Espírito Santo, e ainda não conhecer o selo com o Espírito. É certamente óbvio que os piedosos homens que nos legaram a Versão Autorizada sustentavam essa idéia, porque introduziram deliberadamente a palavra “depois”.

Geralmente se concorda que a Epístola não diz: “Em quem também vós, crendo, *estais* selados com o Espírito Santo”. O verbo está no passado; não é “como crieis” ou “quando crieis”; é no mínimo, “tendo crido”. A Versão Revista (RV) sugere o passado, “tendo também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa”; minha opinião é que mesmo a frase “tendo crido” sugere que estas duas coisas não são idênticas e que o selo não acompanha imediatamente o ato de crer. O que torna isso tão importante é que se supõe que o selo com o Espírito, ou o batismo com o Espírito, é algo que todos os cristãos têm que ter necessariamente experimentado. Sustenta-se, pois que não é algo que ocorre na esfera da consciência ou na esfera da experiência, e sim, algo que acontece com todos os cristãos inconscientemente. Daí não o buscam. E a conseqüência de não o buscarem é que nunca o experimentam; e, em conseqüência, vivem num estado de fide-ismo ou crede-ismo, dizendo a si mesmos que eles têm que ter recebido isso, e portanto, o têm. E assim continuam a viver sem jamais experimentar o que foi experimentado pelos cristãos do Novo Testamento e também por muitos outros cristãos na

subseqüente história da Igreja Cristã.

Por isso eu afirmo que este "selados com o Espírito" é algo subseqüente ao crer, algo adicional ao crer, e dou suporte à minha alegação lembrando-lhes algumas declarações das Escrituras. Primeiro vou ao capítulo 14 do Evangelho Segundo João. Ali o nosso Senhor Se dirige aos Seus discípulos crentes. Ele traça aguda distinção entre eles e o mundo, e lhes diz que o Espírito Santo lhes será dado como outro Consolador porque eles pertencem a Deus. Diz Ele que o mundo não pode recebê-10, mas que eles estão prestes a recebê-lO. A distinção é entre crentes e não crentes. No capítulo 16 Ele acrescenta: "Digo-vos a verdade, que vos convém

que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós". Sua vinda é uma grande bênção, à qual deverão estar aguardando. Deveriam alegrar-se, diz Ele, que Ele vá ao Pai, porque assim esta bênção lhes virá. Ele está falando com crentes; mas lhes diz que eles vão receber uma bênção adicional. Passando aos dois primeiros capítulos do livro de Atos, vemos, que o ensino é ainda mais claro. O nosso Senhor está falando com homens sobre os quais Ele já tinha "soprado" o Espírito Santo, e aos quais Ele dissera: "Recebei o Espírito Santo" (João 20:22); todavia, lemos em Atos, capítulo primeiro, "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse Ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias" (versículos 4 e 5). Eles já criam nEle plenamente; Ele já tinha soprado o Espírito sobre eles; contudo, diz a eles que esperem. Eles tinham necessidade de mais alguma coisa. E no capítulo 2 de Atos temos uma narrativa de como veio a bênção; exatamente o que o nosso Senhor tinha prometido aconteceu dez dias depois. É evidente que os discípulos já eram crentes nEle antes disso. E absurdo sugerir que eles não eram crentes antes do dia de Pentecoste. Eram plenamente crentes no Senhor Jesus Cristo. Ele lhes expusera a doutrina da expiação e eles a entenderam após a Sua ressurreição. Ele soprara sobre eles o Espírito. Eles sabiam que ele era o Filho de Deus. Tomé fizera a sua confissão "Senhor meu, e Deus meu!" Contudo, eles ainda não tinham recebido o Espírito Santo. No Pentecoste é que eles foram "selados"; foi ali que lhes foi dada a autenticação; e foi ali que começou o glorioso ministério deles.

No capítulo 8 do livro de Atos dos Apóstolos vemos que Filipe evangelizou os samaritanos, resultando daí que muitos samaritanos creram no evangelho. É-nos dito explicitamente que, tendo ouvido esta mensagem, eles creram: "Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres" (versículo 12). Eles creram no Senhor Jesus Cristo, e Filipe ficou satisfeito com o que fizeram, pelo que os batizou. Todavia no versículo 16 lemos: "Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido (o Espírito Santo); mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus". Depois Pedro e João desceram de Jerusalém a Samaria e, "tendo descido, oraram por eles

para que recebessem o Espírito Santo. (Porque sobre

nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus). Então lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo". Já eram crentes, já tinham crido no Senhor Jesus Cristo. Não poderiam tê-lo feito se o Espírito Santo não operasse neles e não lhes abrisse os corações e as mentes. Mas o "selo" ainda não lhes tinha sido dado. Houve um intervalo. Como é errôneo dizer que a pessoa crê e imediatamente é selada pelo Espírito! Certamente não foi o que aconteceu com estes samaritanos, como tampouco acontecera com os apóstolos.

No capítulo 9 do livro de Atos dos Apóstolos temos o relato da conversão de Saulo de Tarso. Ele creu no Senhor Jesus Cristo como resultado do que lhe aconteceu no caminho de Damasco; contudo não foi senão três dias depois que ele recebeu o Espírito Santo e dEle foi cheio, graças ao ministério de Ananias.

No capítulo 15 do livro de Atos temos um acontecimento similar. O apóstolo Pedro está se defendendo por ter recebido Comélio e sua família na Igreja Cristã e por batizar gentios. Diz o registro: "E havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho (autenticou-os), dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós". Deus lhes tinha dado testemunho, Deus estabelecera o fato de que eles tinham crido e verdadeiramente eram Seus dando-lhes o Espírito Santo. Ele "selou-os"

Outro exemplo deste selo vê-se no capítulo 19 do livros de Atos. Paulo chegou a Efeso, "e achando alguns discípulos, disse-lhes" - segundo a Versão Autorizada (inglesa) - "Recebestes o Espírito desde quando crestes?" (versículo 2). Mas aVersão Revista ("RV") e a Versão Padrão Revista ("RSV") oferecem uma tradução que diz: "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?" (semelhante ao que diz Almeida). Não pode haver dúvida de que esta última é a tradução correta. Muitos acham que isso estabelece e prova que crer e receber o Espírito Santo são atos sincrônicos. Eles lamentam que a Versão Autorizada tem levado muitos a pensarem que é possível alguém crer e não receber o Espírito Santo senão mais tarde.

No entanto, isso não resolve o nosso problema; de fato eu afirmo que, longe de apoiar a idéia de que o recebimento do Espírito Santo sempre acompanha imediatamente o ato de crer, esta

correta tradução de Atos capítulo 19, versículo 2 faz exatamente o oposto. Confesso que uma vez caí em erro nesta questão. O opúsculo que traz o meu nome intitulado *Cristo, a nossa santificação* ("Christ our sanctification"), inclui o argumento segundo o qual, se tão-somente seguirmos a Versão Revista, e não a Versão

Autorizada, veremos que não há intervalo algum entre o crer e o selar. Confesso meu erro de antes. Realmente caí nesse erro porque estava preocupado em mostrar que a santificação não é uma experiência que se recebe após a justificação. Isso eu ainda afirmo. Mas naquele tempo eu estava enganado quanto ao "selo", como passo a demonstrar.

Quando o apóstolo perguntou aos "discípulos", "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?", a implicação certamente é óbvia. E que os homens podem crer sem receberem o Espírito Santo. Se as duas coisas acontecessem inevitavelmente juntas, seria uma pergunta desnecessária, e o apóstolo simplesmente perguntaria se eles eram crentes. Entretanto não é isso que o apóstolo lhes pergunta. Sua pergunta é: "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?" Noutras palavras, quando ele falou com aqueles homens, logo viu que eles não tinham o selo do Espírito Santo , que eles não tinham recebido o Espírito Santo. Por isso lhes diz efetivamente: olhem, vocês se dizem crentes, mas receberam o Espírito Santo quando creram? Receberam-nO, vocês que se dizem crentes? Meu parecer, pois, é que a tradução correta de fato indica claramente que há distinção entre as duas coisas. Cremos, e, naturalmente, só podemos crer graças à operação do Espírito, mas pode ser que ainda não tenhamos recebido o selo do Espírito.

Os eventos subseqüentes nesta narrativa acerca de Paulo e os "discípulos" de Éfeso esclarecem ainda mais o assunto. O apóstolo começa a examiná-los, e indaga: "Em que sois batizados então?" E eles disseram: "No batismo de João". "Mas Paulo disse: certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus" (versículos 4-5). Paulo jamais os teria batizado, se eles não tivessem crido. Eles creram e aceitaram o que Paulo disse, e assim foram batizados. O que quer que tenham sido antes, agora evidentemente eram crentes, Mas então lemos: "E impondo-lhes as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (versículo 6). Eles tinham crido, porém ainda lhes faltava o "selo do Espírito". Só foram selados quando Paulo lhes impôs as mãos. Certamente este

incidente prova que os homens que nos legaram a Versão Autorizada estavam interpretando Efésios capítulo 1, versículo 13 corretamente. Eles estavam teologicamente certos ao dizerem: "Em quem também vós, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". Houve um intervalo entre o seu ato de crer e o ato de serem selados, como foi no caso do próprio Paulo e de todos os apóstolos, como foi no caso dos samaritanos, como foi no caso dos discípulos de Éfeso.

Contudo, deixemos claro que, embora eu esteja acentuando que há uma distinção entre estas duas coisas, e que sempre há um intervalo - que o ser selado não acontece

imediata e automaticamente no ato de crer - eu não gostaria que entendessem que estou dizendo que sempre tem que haver um longo intervalo entre ambos. Pode ser um intervalo muito curto, tão curto que pode fazer parecer que crer e ser selado *são* simultâneos; mas há sempre um intervalo. Primeiro o crer, depois o selo. Unicamente os crentes são selados; e você pode ser um crente e não ter sido selado; as duas coisas não são idênticas. Crer é que nos torna filhos de Deus, que nos une a Cristo; ser selado com o Espírito Santo é que autentica esse fato. O selo não nos faz cristãos, porém autentica o fato, como faz o selo em geral.

1

Efésios 1:13, cf. Versão Autorizada (inglesa). Nota do tradutor.

A NATUREZA DA SELAGEM (1)

"Em quem, depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa." - Efésios 1:13

Devemos apegar-nos mais de perto a esta importante declaração porque, como sugeri, é uma das mais vitais declarações para nós cristãos na hora presente. Se me pedissem um diagnóstico do que há de errado com a Igreja Cristã hoje, e de qual tem sido o seu principal problema já por vários anos, eu diria que é a sua incapacidade de entender esta declaração. Visto que, por certos motivos, temos interpretado mal o ensino dos apóstolos, falta à Igreja poder vital em sua qualidade de testemunha, e ela tem recorrido a meios e métodos nem sempre coerentes com o ensino das Escrituras. O mundo deixou de interessar-se pelo cristianismo porque os cristãos não têm manifestado a vida cristã como esta deveria ser vivida. A história da Igreja Cristã através dos séculos mostra que todos os avivamentos foram resultantes de um despertamento da Igreja no seio do povo de Deus. O avivamento começa na Igreja e se espalha para fora. Uma igreja sem vitalidade e moribunda nunca realiza nada de duradouro, mas quando acontece alguma coisa na Igreja, o mundo fica sabendo; sua curiosidade é despertada e, como no dia de Pentecoste, ele começa a perguntar que é que certos fenômenos significam. É assim a história de todos os avivamentos; é como Deus age. Primeiro Ele aviva a Igreja e o Seu povo.

Para estarmos firmes nessas coisas, primeiro temos que estabelecer a nossa doutrina, pois, se não estivermos satisfeitos quanto à doutrina, nunca haverá a probabilidade de a experimentarmos. E é porque tantos sustentam uma doutrina errônea quanto a esta questão do selo do Espírito, que lhes falta a experiência disso.
Observo, primeiramente, que o apóstolo nos dá frutuosa sugestão quando afirma que os crentes efésios tinham sido "selados com o Espírito Santo da promessa". Ele não diz apenas: "Fostes selados com o Espírito Santo", porém se refere especificamente ao "Espírito Santo da promessa". Realmente o que o apóstolo disse foi: "Fostes

selados com aquele Espírito daquela promessa que é santa". Essa é a tradução exata. Ele repete a palavra "aquele(a)" - "aquele Espírito daquela promessa que é santa". Evidentemente, ele focaliza a nossa atenção em "aquela promessa", no Espírito Santo daquela promessa; o que significa: "Fostes selados com aquele Espírito Santo que fora prometido", o Espírito em relação a quem certas promessas tinham sido feitas. É simples provar que em todas as Escrituras há esta promessa concernente à vinda e à dádiva do Espírito Santo daquela maneira particular que aconteceu em Jerusalém, no dia de Pentecoste. Consideremos algumas das passagens que indicam isso.

Na profecia de Isaías há muitas referências ao dia em que o Espírito Santo seria derramado. Pode-se dizer isso principalmente do capítulo 40 até o fim. O povo foi

ensinado a aguardar esse evento. Na profecia de Ezequiel vê-se também de maneira notável, especialmente nos capítulos 36 e 37, com promessas do Espírito vivificante. Deus tirará o coração "de pedra" da "casa de Israel" e lhe dará "corações de carne"; derramará Seu Espírito sobre eles. Mas talvez o exemplo mais notável seja o que nos é dado no capítulo 2 do profeta Joel. Foi essa a passagem que o apóstolo Pedro citou e expôs no dia de Pentecoste, imediatamente depois que ele e os seus colegas de apostolado foram batizados com o Espírito Santo. Ao ser interrogado, e ao ouvir a insinuação de que ele e os seus companheiros estavam bêbados, Pedro ouviu o povo dizer: "Estão cheios de mosto", e começou ele a falar, dizendo: "Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel". Então expôs o ensino de Joel ao povo. A profecia dizia: "Nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos", e assim por diante. "Esse é o Espírito da promessa", diz o apóstolo; Deus fez o que tinha prometido por meio dos profetas naqueles tempos antigos. Esse é o sentido da expressão: "O Espírito da promessa".

Voltando do Velho Testamento para o Novo, temos a mesma evidência. Essa era a essência da pregação de João Batista. Esta era a mensagem de João: "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele tem a pá na sua mão, e limpará a sua

eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga" (Lucas 3:16-17). Ele contrasta "Eu, na verdade batizo-vos com água", com "Esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Essa é a promessa. O precursor do Messias chama a atenção para a diferença" que há entre o seu ministério e o do nosso Senhor em termos da vinda do Espírito: "Esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo".

O nosso Senhor ensinou a mesma mensagem. Vejam, por exemplo, a declaração que se acha no capítulo 11 do Evangelho Segundo Lucas, especialmente no versículo 13, que diz: "Se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que Iho pedirem?" Isso nos ensina o nosso Senhor concernente à dádiva do Espírito Santo pelo Pai; e notem que isso está no contexto da importunação pela oração. Há aqueles que, sobre bases dispensacionalistas, afirmam que isso não se aplica a nós. Eles excluem de nós completamente muito do ensino do Senhor como vem registrado nos Evangelhos. Segundo eles, o Sermão do Monte não se aplica a nós. Era para os judeus daquele tempo, e se aplicarão de novo, numa era vindoura. Mas, certamente, isso é totalmente inaceitável. O ensino do nosso Senhor é para todos nós. Ele disse aos Seus apóstolos, quando estava para deixá-los, que eles deveriam

ensinar e pregar todas as coisas que Ele tinha dito; “E”, disse Ele, “eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”. Ele deu a eles o Espírito para capacitá-los a obedecer Seus mandamentos. E entre os ensinos que lhes deu está, “Quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que Iho pedirem?” (Lucas 11:13).

Há mais uma declaração significativa no capítulo 7 do Evangelho Segundo João, versículos 37 a 39, que trata diretamente desta matéria, e especialmente o comentário feito por João. “No último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre.” Então vem o comentário de João: “E isso disse ele do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado”. Temos aí, mais uma vez , um claro ensino quanto a este “Espírito Santo da promessa”. “Os que crêem em mim” - e não outros - diz Cristo, vão recebê-10. E João nos lembra que esta profecia diz respeito a algo que aconteceria no futuro.

Passando, então, ao capítulo 14 do Evangelho Segundo João, já vimos que essa passagem faz parte das evidências sobre esta questão. O nosso Senhor estava prestes a encarar a morte e a deixar os discípulos. Eles estavam abatidos, seus corações estavam inquietos, e eles achavam que a vida seria impossível sem Ele. Mas Ele lhes diz: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim” (versículo 1), e depois, prosseguindo, diz-lhes: “Eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador” (versículo 16). Noutras palavras, Ele lhes promete que o Espírito Santo virá. Os capítulos 14,15 e 16 do Evangelho Segundo João estão cheios de promessas concernentes à vinda do Espírito Santo e ao que Ele irá fazer aos crentes verdadeiros e por eles.

Finalmente chegamos então à crucial declaração registrada no capítulo primeiro do livro de Atos, à qual já nos referimos (versículos 4-8). O Senhor lhes ordenou que não saíssem de Jerusalém, porém aguardassem a promessa do Pai, “O Espírito Santo da promessa”, bênção sobre a qual João Batista e Ele, o Senhor, tinham ensinado. Nessa passagem, após a Sua ressurreição , Ele a está prometendo mais uma vez, e de novo a contrasta com o batismo de João. Depois, para rematar tudo, no capítulo 2 de Atos, no versículo 33, vemos a importante declaração feita pelo apóstolo Pedro depois do grandioso acontecimento que se dera com ele e com os outros apóstolos: “De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis”. Disse Pedro que o Espírito Santo, prometido havia muito tempo, fora afinal dado ao Filho em vista da Sua obra perfeita, e o Filho O tinha derramado. O Espírito Santo que fora prometido tinha sido dado efetivamente. Minha derradeira citação é Gálatas capítulo 3, versículo 14: “Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito”. Todas estas

passagens indicam que esta é, indubitavelmente, a explicação do que o apóstolo quer dizer com "o Espírito Santo da promessa".

Então, em que sentido se pode dizer que o Espírito Santo não foi dado antes do dia de Pentecoste? Evidentemente não significa que o Espírito Santo não tinha sido dado de forma alguma, ou em nenhum sentido, até o dia de Pentecoste. Não pode ser isso, porque vemos que mesmo os homens da dispensação do Velho Testamento tinham o Espírito. O que Davi mais temia, depois que cometeu os terríveis pecados de adultério e homicídio, vê-se em sua oração:

"Não retires de mim o teu Espírito Santo" (Salmo 51:11). O Espírito Santo estava em Davi; ele foi o homem que foi porque o Espírito Santo estava nele. Perder o Espírito era a coisa que ele temia acima de tudo mais. Fizesse Deus com ele o que fosse para puni-lo, ele roga a Deus que não retire o Seu Espírito. O Espírito Santo estava em todos os santos do Velho Testamento - em Abraão, Isaque, Jacó, e em todos os eleitos de Deus. Foi o Espírito neles que fez deles o que eles foram. Eles eram filhos da fé; e, como Paulo nos diz, nós, como cristãos, somos todos filhos de Abraão porque somos filhos da fé. Abraão, Isaque, Jacó, Davi e os demais estavam no reino de Deus. Nenhum homem pode estar no reino de Deus a não ser que seja filho de Deus; e não pode ser filho de Deus sem o Espírito. O Espírito estava em todos esses homens. A nossa posição é que estamos compartindo com eles, fomos feitos co-herdeiros com eles destas bênçãos de Deus.

Nesse sentido os discípulos do nosso Senhor tinham recebido o Espírito muito antes do dia de Pentecoste. Eram crentes; e num certo aposento o nosso Senhor tinha soprado sobre eles, dizendo: "Recebei o Espírito Santo". Isso foi antes do dia de Pentecoste (João 20:22). Eles não somente haviam crido, mas também tinham sido capacitados a realizar certas grandes obras, e, contudo, Ele ainda lhes promete o Espírito Santo. A esses mesmos homens sobre os quais naquela ocasião soprara o Espírito Ele diz: Vós recebereis isto, "sereis batizados com o Espírito Santo; não muito depois destes dias" (Atos 1:5). E isso aconteceu no Pentecoste.

Portanto, a interpretação da declaração que consta em João capítulo 7 versículo 39: "O Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado", é que o Espírito Santo ainda não fora dado desta maneira particular. Já tinha sido dado das outras maneiras, porém não desta. Esta é uma bênção particular que ainda não tinha chegado; eles tinham tido outras bênçãos, eram crentes, e é como crentes que eles receberiam esta bênção adicional. Assim, evidentemente, esta "promessa do Pai" é uma dádiva especial do Espírito Santo que tinha sido prometida através dos séculos, e finalmente pelo próprio Senhor, e mais, pelo Senhor ressurreto. E o Pentecoste viu o seu cumprimento.

Ao definirmos esse cumprimento, devemos começar com várias negativas. Somos levados a fazê-lo por causa do entendimento errôneo desse assunto. Fazer

declarações positivas não é suficiente;

é preciso que sejamos negativos primeiro, para corrigir o que consideramos falso ensino. Evidentemente, pois, este selo com o Espírito prometido não significa a obra do Espírito Santo na regeneração, ou no arrependimento, ou na fé. Que os apóstolos não eram regenerados antes do dia de Pentecoste, é uma idéia impossível. Como vimos, é evidente que eles tinham nascido de novo antes daquele dia, e que tinham recebido o Espírito Santo. Eles criam no Senhor, tinham se arrependido, tinham recebido nova vida.

Mas talvez alguém argumente que isso foi antes do Pentecoste e que desde o Pentecoste estas duas coisas acontecem juntas. A resposta a essa alegação é dada pelo caso dos samaritanos, no capítulo 8 do livro de Atos, os quais tinham crido no evangelho como resultado da pregação de Filipe. Eles tinham crido no Senhor Jesus Cristo - o que não se pode fazer sem o Espírito Santo - eles tinham exercido a fé, tinham nascido de novo, tinham se arrependido e crido e tinham sido batizados; entretanto ainda não tinham recebido o Espírito no sentido de "selo". E isso não se aplica só aos samaritanos, mas também ao próprio Paulo, e igualmente aos discípulos efésios no capítulo 19 de Atos.

Segundo, o cumprimento não se refere à unção que nos é dada pelo Espírito Santo para o nosso entendimento espiritual. Que a unção provém do Espírito Santo Paulo deixa mais que claro em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 2. Os príncipes deste mundo não reconheceram o nosso Senhor e não creram nEle. Mas nós O reconhecemos e cremos nEle porque o Espírito, que revela todas as coisas, até as profundezas de Deus, capacitou-nos, a nós, crentes, a fazê-lo. "Vós tendes a unção do Santo", diz João em sua Primeira Epístola (2:20,27). É evidente que este selo com o Espírito não se aplica aí, porque podemos ter essa unção e entendimento espiritual e ainda não conhecer este selo, como está provado no último capítulo do Evangelho Segundo Lucas, onde lemos que o nosso bendito Senhor e Salvador, tendo ressuscitado dos mortos, conduziu os Seus discípulos através das Escrituras - os Salmos, os Profetas e Moisés - e lhes mostrou a verdade concernente a Ele próprio. Eles a receberam; e não poderiam recebê-la sem a iluminação do Espírito Santo; mas ainda não tinham recebido a bênção especial que lhes veio no dia de Pentecoste.

Terceiro, e particularmente importante, o selo com o Espírito não é santificação. Acreditar que é tem sido o principal erro com relação a este assunto. Que o selo do Espírito não significa

santificação pode-se provar pelo fato de que não há brecha ou intervalo entre a justificação e a santificação. O ensino das Escrituras é que no momento em que a pessoa "nasce de novo", sua santificação começa, ou deve começar. O processo de fazê-la santa e de separá-la para Deus já começou. Não há maior erro do que ensinar que você pode receber a sua justificação pela fé e depois a santificação pela fé. A

santificação não é uma experiência, nem um dom que se recebe; é uma obra realizada pelo Espírito Santo no coração, obra que começa no momento da regeneração. Portanto, este selo com o Espírito Santo não pode ser a santificação; na verdade, nada tem que ver com ela, num sentido direto. E algo completamente distinto e separado.

O que ajuda a entender este ponto é o fato de que, ao descrever este selo, o apóstolo se refere a ele como algo que aconteceu no passado - "Em quem, depois que crestes, fostes selados". Mas a santificação não é uma coisa que acontece uma vez por todas; é um processo que prossegue crescentemente e se desenvolve mais e mais. Os gálatas estavam em condições muito pobres, quanto à santificação; todavia, Paulo afirma que eles tinham recebido o Espírito neste sentido de "selo". A mesma coisa aplica-se à Igreja de Corínto, e de maneira ainda mais extraordinária. O selo é uma experiência, algo que Deus nos faz, e nós ficamos sabendo quando acontece. Não se pode dizer isso acerca da santificação, que é uma obra que Deus realiza nas profundezas da alma, convencendo do pecado, levando a melhores desejos. É uma obra que vai avante firme e progressivamente, começando no momento do nosso novo nascimento. Contudo, está claro que pode haver, e geralmente há, um intervalo entre o ato de crer e o selo. Logo, o selo com o Espírito e a santificação não são a mesma coisa.

Vou mais longe ainda e digo que o selo com o Espírito não é nem mesmo uma manifestação do fruto do Espírito . "O fruto de Espírito é amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade". Afirmo que se pode manifestar tal fruto sem necessariamente haver conhecimento do "selo do Espírito", pois a produção desse fruto faz parte da obra do Espírito dentro de nós, obra que prossegue firme e constantemente no processo de santificação. O fruto não aparece de repente; é o resultado de um processo, é um desenvolvimento gradual, um amadurecimento. Há os que desenvolvem e mostram o fruto do Espírito, mas não podem dizer que conhecem o "selo do Espírito".

Uma vez mais, negativamente, o selo do Espírito não significa "certeza" da salvação resultante da nossa fé na Palavra ou de argumentos extraídos da Palavra. O ensino comum concernente à certeza da salvação é que a maneira pela qual se dá certeza às pessoas é levá-las às Escrituras e depois perguntar-lhes: "Vocês crêem que esta é a Palavra de Deus?" Se elas dizem que crêem, mostra-se a elas que as Escrituras dizem: "Quem crê tem a vida eterna", com muitas outras passagens, como por exemplo, "Quem crê nele não é condenado"; "Deu a amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (João 3:16,18). Depois lhes perguntam: "Vocês crêem nEIe?" Se crêem, tornam a dizer-lhes: "A Palavra afirma que se vocês crêem nEle, vocês têm a vida eterna". Assim, se elas crêem, só podem ter a vida eterna, e isso se torna a base da sua certeza de salvação. Esta é deduzida daquela forma das

Escrituras. Mas isso não é o selo do Espírito, embora seja certo, dentro dos seus limites.

Outro tipo de certeza é a que se obtém mediante argumentação baseada na Primeira Epístola de João, uma Epístola muito interessada na questão da certeza da salvação. Conforme João, há vários testes que se pode aplicar neste sentido. Por exemplo, "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (3:14). Outro é que sabemos se somos cristãos se "guardamos os seus mandamentos", e se cremos no Senhor Jesus Cristo, e assim por diante. Se podemos dizer sinceramente que amamos os que pertencem a Deus e preferimos a companhia deles à de qualquer outro, devemos ser cristãos. E se chegarmos a uma similar resposta satisfatória às outras perguntas, podemos estar certos de que somos cristãos verdadeiros, sejam quais forem as dúvidas que acaso surjam em nossos corações. Estes testes da Primeira Epístola de João são mais completos e melhores do que os que se baseiam objetivamente na Bíblia. Mas os dois tipos de testes, tomados juntos, dão fortes bases para a certeza. E, contudo, estou sugerindo que o selo do Espírito é mais do que o que temos considerado até aqui. É uma forma de certeza mais forte e mais elevada. Inclui as bênçãos mencionadas, mas vai além delas. É o Espírito em nós que nos capacita a fazer o que já descrevi; no entanto, o selo do Espírito é algo adicional a isso, e é algo que nos é feito pelo Espírito.

Minha última negativa consiste em dizer que o selo não é a plenitude do Espírito, pois mais adiante, na Epístola aos Efésios,

veremos que o apóstolo dá um mandamento, faz uma exortação, na qual diz: "Enchei-vos do Espírito", o que significa "Ide-vos enchendo do Espírito" (5:18). Portanto, isso é algo que eu e vocês podemos controlar. Se entristecermos o Espírito ou extinguirmos o Espírito, não seremos cheios do Espírito. De qualquer forma, é algo que deve ser um estado ou uma condição perpétua; devemos "ir nos enchendo" do Espírito. Mas, na passagem que estamos estudando, ao descrever este "selo", o apóstolo se refere a algo que aconteceu no passado. "Fostes selados", diz ele, sabem que aconteceu isso; e, além disso, foi algo feito a vocês, não algo que vocês fazem. Por isso é minha opinião que devemos traçar uma distinção entre o selo do Espírito e a "plenitude do Espírito", ou "sermos cheios do Espírito".

Não é de admirar que sejamos propensos a confundir-nos acerca destas questões; é tudo devido a limitação da nossa linguagem humana; e às vezes parece que as expressões são utilizadas de maneira intercambiável. Permitam-me ilustrar o que quero dizer. No capítulo primeiro de Atos o Senhor prometeu aos discípulos que eles seriam "batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias", porém, quando passamos ao capítulo 2, aos grandes eventos do dia de Pentecoste, vemos que o cumprimento da promessa é descrito, não como "batizados com o Espírito", mas como sendo "cheios" do Espírito Santo. O que aconteceu lá foi o

cumprimento do que o nosso Senhor profetizara como, “Sereis batizados com o Espírito Santo”. Todavia, a palavra “batizados” não é empregada no capítulo 2; a palavra empregada é “cheios”. Evidentemente, as expressões são utilizadas intercambiavelmente.

Ao que parece, a explicação é que o batismo com o Espírito Santo é a primeira experiência da plenitude do Espírito; é o Espírito derramado sobre nós nessa plenitude excepcional. A primeira vez que alguma coisa notável acontece, é sempre única. Aconteceu com os apóstolos, aconteceu com Cornélio, aconteceu com os samaritanos, aconteceu com os efésios, aconteceu com os gálatas, e vem acontecendo com os cristãos através dos séculos, como mostrarei.

A opinião que dou, pois, é que o “batismo com o Espírito” é o mesmo que “selo com o Espírito”. Mas alguém poderá perguntar: “Então, por que usar duas expressões diferentes?” Se o que se quer dizer é batismo, por que não dizer batismo? Na verdade, por que

Pneumatologia (*Pneumatology*), que é um de uma série sobre teologia bíblica e que é excelente em muitos aspectos, quando se trata da doutrina do selo do Espírito Santo tem o arrojado título “O Selo do Espírito, não experimental”. Isso é característico do ensino sobre esse assunto durante o século atual, e, na verdade, desde meados do século passado. Grande ênfase também é dada ao fato de que o batismo do Espírito Santo ou o batismo com o Espírito Santo não é nada experimental.

Isso é pertinente à nossa discussão sobre este assunto. O livro a que me referi declara categoricamente: “Não há nenhuma experiência ou sentimento em relação ao batismo do Espírito”. A explicação do motivo pelo qual esse escritor diz uma coisa dessas é muito simples. Ele acha que tem que dizer isso em vista do que se acha na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 12, versículo 13, onde Paulo diz: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo”. Essa, alegam eles, é obviamente uma referência ao batismo do Espírito Santo; e daí eles concluem que o batismo do Espírito Santo evidentemente se refere à ação de Deus na qual Ele nos incorpora no corpo de Cristo. É, pois, uma ação de Deus que se aplica a todos os crentes, na qual eles são inconscientemente incorporados no corpo de Cristo. O argumento se baseia no fato de que sucede que a palavra “batismo” é utilizada neste versículo particular.

Uma real dificuldade surge neste assunto em conexão com a palavra “batismo”. Pressupõe-se que onde quer que as palavras “Espírito” e “batismo” se achem numa mesma declaração, o sentido deve ser sempre o mesmo, e assim se conclui que o batismo do Espírito significa a nossa incorporação em Cristo, o que é um evento inteiramente alheio à consciência e à esfera da experiência da pessoa. A falácia aqui certamente se deve à incapacidade de compreender que a palavra “batizar” é

empregada de muitas maneiras diferentes nas Escrituras. De um modo ou de outro, esta palavra "batismo" parece ter um efeito hipnótico sobre nós e sobre as nossas mentes e o nosso pensamento. Vejam, por exemplo, uma declaração feita pelo nosso bendito Senhor: "Importa, porém, que (eu) seja batizado com um certo batismo; e como me angustio até que venha a cumprir-se!" (Lucas 12:50). É óbvio que o nosso Senhor não estava se referindo à água do batismo; isso já lhe havia sucedido. Ele não estava dizendo que ia ser rebatizado nesse sentido. Ele estava se referindo à Sua provação e à Sua morte que se **avizinhavam. Isso é comparável ao que muitas vezes se diz a um**

soldado que pela primeira vez participa de fato de uma batalha. O que se diz é que com isso ele recebe um batismo de fogo. Há muitos usos especiais e diferentes com relação a esta palavra "batismo", e a declaração de 1 Coríntios 12:13 é apenas um deles. Somos colocados nos domínios de Cristo pelo Espírito Santo, e em Seu corpo, que é a Igreja. Todos os cristãos são desse modo feitos membros em particular do corpo de Cristo. Mas não se segue que esse é o único sentido possível da expressão "batizados com o Espírito Santo".

Este é um ponto vital, e a razão disso é que, se é certo dizer que este selar com o Espírito Santo é algo que se dá fora da esfera da nossa consciência, e que é inteiramente não experimental, então, num sentido, é algo acerca do qual não devemos preocupar-nos muito, e certamente é algo que de modo algum atende ao propósito do apóstolo aqui em Efésios 1:13, onde o seu interesse é dar-nos certeza concernente à nossa herança.

Um modo de demonstrar que não é esse o sentido do selo em Efésios 1:13 é lembrar que o apóstolo já tinha tratado do tema sobre estarmos em Cristo e na Igreja neste mesmo capítulo. Ele começara dizendo: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo". O termo "predestinação", que consideramos no versículo 5 e de novo no versículo 11 - "em quem também obtivemos herança, sendo predestinados conforme o propósito daquele..." - igualmente acentua o mesmo aspecto. Mas aqui o apóstolo volta-se para o aspecto experimental, dizendo-nos que nós, judeus e gentios, somos herdeiros juntos. Certamente ele retorna aqui a algo que já dissera, pois está nos falando de uma bênção adicional, acima e além do que tinha mencionado previamente. O ensino, porém, ao qual eu estou me opondo aqui, não somente faz do apóstolo culpado de tautologia, mas também sugiro que é uma interpretação inteiramente antibíblica do selar com o Espírito.

Pertence a terreno comum a afirmação de que o selo com o Espírito e o batismo com o Espírito são a mesma coisa. E nos dito no capítulo primeiro do livro de Atos: "E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas

que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias". Essa é uma declaração categórica. O que o nosso Senhor prometeu aconteceu

no dia de Pentecoste, em Jerusalém, como nos é dito no capítulo 2 do livro de Atos. Todavia, a despeito da narrativa do evento que ali se deu, pedem-me que eu acredite que não é experimental, que não levou a sentimentos nem a qualquer coisa pertencente à esfera da consciência. Tal sugestão é quase inimaginável. O batismo, dizem-me, é algo que Deus me faz e do qual não tenho consciência. Sou membro do corpo de Cristo, mas isso nada tem a ver com os sentimentos; é algo não experimental. Não tenho ciência de que algo esteja acontecendo, é uma ação que Deus assume. Isso se harmoniza com o relato do que aconteceu no dia de Pentecoste em Jerusalém? Poderia algo não experimental e alheio à esfera da consciência afetar tanto as pessoas, a ponto de transeuntes dizerem: "Estes homens estão cheios de mosto"? Isso explicaria a maneira pela qual os apóstolos falaram noutras línguas, quando Pedro pregou com poder, autoridade e ousadia? Quão escravos podemos tornar-nos em nosso uso dos termos! E como nos privamos das bênçãos de Deus, em conseqüência disso! Temos tanto medo de excessos, temos tanto medo de ser rotulados desta ou daquela maneira, que afirmamos que o batismo do Espírito é algo inconsciente, não é experimental, um acontecimento que não afeta os sentimentos do homem.

Esse argumento é completamente anti-escriturístico. Não consciente! Os apóstolos eram homens que pareciam estar cheios de vinho novo; achavam-se num estado de êxtase. Estavam se regozijando, estavam louvando a Deus; estavam comovidos, seus corações estavam cheios de encantamento; experimentaram coisas que nunca tinham sentido nem conhecido antes. Estavam transformados, e tão diferentes que mal poderiam ser reconhecidos como os mesmos Pedro, Tiago, João e todos os demais como eram antes. Não experimental! Nada poderia ser mais experimental; é o cúmulo da experiência cristã. Isso não é verdade somente com relação ao que lemos no capítulo 2 de Atos; vê-se a mesma coisa nos samaritanos, em Atos capítulo 8, e também no caso do próprio apóstolo Paulo. Ele tinha crido em Cristo no caminho de Damasco, porém foi três dias mais tarde, quando visitado por Ananias, que se deu o seu batismo com o Espírito. É igualmente claro que o que aconteceu com Cornélio e sua família foi altamente experimental, como vem explicado concludentemente no capítulo 15 de Atos. E, por causa da sua crucial importância, vemo-lo registrado assim: "E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o

Espírito Santo, assim como também a nós" (versículo 8). Como Pedro soube disso tudo, se o batismo do Espírito Santo é algo que se dá fora da esfera da consciência e que não passa de uma ação pela qual Deus nos incorpora individualmente no corpo de Cristo? Como Pedro pôde dizer que aqueles gentios

tinham-se tornado cristãos? Pedro era judeu, e um judeu muito rígido; foi preciso que houvesse uma visão do céu no terraço de uma casa de Jope para convencê-lo de que ele devia receber gentios na Igreja Cristã. E sabemos que mesmo depois daquela visão ele ficou em dúvida sobre a posição dos gentios na Igreja, e Paulo teve que resistir-lhe na cara em Antioquia. Contudo, Pedro diz: (como eu poderia recusá-los, depois que) "Deus que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós?" É óbvio que houve evidência externa tangível, suficiente para convencer o apóstolo vacilante. Todavia, isso é descrito como não "experimental". Pedro pôde ver que aqueles homens foram cheios do Espírito Santo, foram batizados com o Espírito Santo, assim como ele e os outros tinham sido batizados no dia de Pentecoste. Quando temos este "selo do Espírito", ficamos sabendo disso, e os outros também ficam sabendo. E a mais elevada, a mais grandiosa experiência que o cristão pode ter neste mundo. "Deus lhes deu testemunho". Ele colocou neles o Seu selo, diz efetivamente Pedro, pelo que eu os recebi na Igreja. Quem era eu para negar-me a batizá-los com água, quando Deus já os tinha batizado com o Espírito Santo de maneira tão óbvia para todos? Nada, senão algumas claras manifestações externas poderia convencer o apóstolo.

Vê-se a mesma verdade no capítulo 19 de Atos. Paulo percebeu que aos "discípulos" ali mencionados faltava algo em sua experiência, e que eles não tinham recebido o Espírito Santo; daí sua pergunta a eles: "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?" Paulo não teria percebido isso, se não fosse algo experimental.
E similarmente ocorre em toda parte no livro de Atos dos Apóstolos.

Uma das provas mais convincentes da minha alegação acha-se na pergunta feita por Paulo aos gálatas, no capítulo 3 da sua Epístola a eles: "Recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (versículo 2). Tinham eles recebido este batismo com o Espírito Santo pelas obras da lei ou pela pregação da fé?
Como alguém poderia responder essa pergunta, se fosse algo alheio aos domínios da experiência? Como eu poderia saber se recebi ou não o Espírito, se não fosse algo experimental? Todas essas citações das

Escrituras contradizem claramente a desafortunada interpretação que apareceu em fins do século passado e que, daí em diante, parece um pesadelo sobre a interpretação.

Mas se retrocedermos na história da Igreja para antes daquele tempo, veremos uma grande riqueza na exposição sobre o nosso tema presente. Já citei os nomes de Thomas Goodwin e John Owen, puritanos; também os de Charles Hodge e Charles Simeon. Também posso reivindicar o apoio de João Wesley e de George Whitefield. O selo com o Espírito ou o batismo com o Espírito é claramente experimental e existencial.

Passando agora a considerar o que esta experiência é exatamente, vemos a melhor

resposta na Epístola de Paulo aos Romanos, capítulo 8, onde lemos: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (versículo 16), ou a declaração paralela, no capítulo 4 da Epístola aos Gálatas, já citado: “E porque sois filhos, Deus enviou aos nosso corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai” (versículo 6). Lembremo-nos do argumento registrado no capítulo 4 da Epístola aos Gálatas. “O herdeiro” - o jovem que é herdeiro de uma propriedade - “enquanto é criança, em nada difere de um servo, embora seja senhor de tudo, mas está sob tutores e sob curadores até ao tempo determinado pelo Pai” (versículos 1 e 2, VA). Essa é uma declaração acerca da qual não pode haver desacordo. Conquanto o menino seja de fato o herdeiro de uma grande propriedade, por ser ainda apenas um menino, não administra a propriedade, e não tem consciência da sua importância e dignidade e de tudo o que lhe pertence. Ele precisa ficar muito tempo debaixo de tutores e servos. Realmente acontece muitas vezes que o menino que talvez seja herdeiro de uma grande herdade é maltratado por tutores e servos, e punido por eles. Ele é virtualmente como um servo; na verdade pode às vezes achar preferível ser servo, porque eles parecem dominá-lo.

Nada disso afeta a sua posição real, nada disso afeta a sua relação; contudo até aqui, essa é a sua experiência. É pura questão de experiência, não de posição ou status. “Assim também nós”, diz Paulo, “quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão, debaixo dos primeiros rudimentos do mundo, mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos” (versículos 3-5). Mesmo então éramos

filhos, porém éramos mantidos debaixo da lei. Mas agora Cristo veio, e recebemos a adoção de filhos; “E, porque sois filhos, Deus enviou aos seus corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai”. Agora vocês começam a “experimentar” o que eram antes, sem o saber de fato.

Examinando mais minuciosamente o argumento presente em, Gaiatas capítulo 4, vemos que a palavra traduzida por “que clama” é muito interessante. A palavra grega traduzida por “que clama” é extremamente antiga. Seu sentido original é “o crocitar do corvo”. Era utilizada para expressar qualquer tipo de clamor ou grito elementar saído do coração, algo nem sempre caracterizado por dignidade ou felicidade de expressão; vai muito mais fundo! E o grito do coração da criança, grito resultante de uma relação, o grito de uma criança pleiteando com o pai.

É muito interessante e proveitoso notar que esta mesma palavra é empregada em relação ao nosso Senhor. No capítulo 14 do Evangelho Segundo Marcos vemos que o nosso Senhor empregou esta mesma expressão quando estava no jardim do Getsêmani, e orou dizendo: “Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja porém o que eu quero, mas o que tu queres” (versículo 36).

O nosso Senhor em sua terrível agonia, suando gotas de sangue, mostra percepção da Sua relação filial com Seu Pai de maneira extraordinária. Ele não diz somente "Pai"; diz "Aba, Pai", expressão de carinhoso afeto em que são postos juntos o aramaico e o grego. Este grito era o grito instintivo de um filho que tem ciência da sua relação com o Pai; Ele apela: "Aba, Pai, se é possível..." (cf. Mateus 26:39). Assim é que o apóstolo nos diz no capítulo 4 de Gálatas que, como resultado da obra realizada por Cristo e deste batismo do Espírito, também nos é dado o Espírito que estava em Cristo, e Ele nos faz gritar também: "Aba, Pai". Passamos a estar certos de que Deus é nosso Pai, conhecemo-lO como Pai. Já não cremos apenas teoricamente em Deus como Pai; este é o grito do coração, grito elementar, instintivo, que brota das profundezas. É resultado do selo do Espírito.

Podemos dar maior explicação dizendo que a bênção peculiar dada ao cristão o diferencia dos santos do Velho Testamento. Esse é o real argumento do capítulo 4 de Gálatas. Os santos do Velho Testamento, Abraão, Isaque, Jacó, Davi - todos eles - eram filhos de Deus como nós. Se não entendermos bem isso, ficaremos confusos em todos os pontos. Mas Paulo, na Epístola aos Gálatas, argumenta

assim: "Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa" (3:29). Quando esses gentios se tornaram cristãos, tornaram-se sementes de Abraão, e co-herdeiros das promessas de Deus com Abraão e com todos os judeus crentes.

Similarmente, na Epístola aos Efésios o apóstolo afirma que a mensagem que lhe fora confiada era anunciar que os gentios seriam "co-herdeiros" com aqueles judeus que já pertenciam ao reino de Deus. Portanto, podemos ver que diferença o selo do Espírito faz, da seguinte maneira: os santos que estavam sob a dispensação do Velho Testamento, e também os apóstolos, como crentes e filhos de Deus antes do dia de Pentecoste, não somente eram crentes, mas também filhos de Deus. Até aqui, porém, eles eram como servos, estavam sob tutores, faltava-lhes a verdadeira compreensão da sua posição, não podiam clamar "Aba, Pai". Eles criam que Deus era seu Pai, mas não gritavam das profundezas de seu ser, "Aba, Pai". Entretanto, uma vez batizados com o Espírito, tendo vindo o "selo", eles clamaram: "Aba, Pai", porque Deus tinha derramado em seus corações este Espírito de adoção, o Espírito do Seu Filho.

Esta experiência é que constitui o significado de selar com o Espírito, ou do batismo com o Espírito. Isso aconteceu com os apóstolos no dia de Pentecoste, em Jerusalém. Eles já tinham crido no nosso Senhor e em Sua salvação, mas agora estavam cheios de entusiasmo e de regozijo, "com gozo inefável e glorioso". Apesar disso, muitos mestres evangélicos nos dizem que isso não é experimental! Desse modo, em nosso medo dos excessos de que alguns que se arrogam esta experiência podem ser culpados, muitas vezes nos tornamos culpados de "apagar o Espírito", e de privar-

nos das mais picas bênçãos.

É, pois, esse o significado da promessa do Espírito feita pelo Pai. E "o Espírito de adoção", "o Espírito de filiação"; não o fato de que somos filhos, porém a nossa percepção disso. Noutras palavras, este selo é a direta certeza que o Espírito Santo nos dá da nossa relação com Deus em Jesus Cristo. Já vimos que há dois outros tipos de certeza que são bons, são excelentes, até onde eles podem ir - a certeza obtida da argumentação objetiva baseada em declarações das Escrituras, e também o fundamento mais subjetivo da certeza deduzida dos chamados testes da vida que se acham na Primeira Epístola de João. Mas nos é possível conhecer e ter uma certeza que transcende aquelas, a saber, a que é dada pelo selo do Espírito. "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que

somos filhos de Deus" (Romanos 8:16). Este é um testemunho direto e imediato que o Espírito Santo nos dá. Já não é algo que eu tiro das Escrituras por meu raciocínio; não é o resultado de uma lógica espiritual ou de uma dedução; é algo direto e imediato. Não significa que ouvimos alguma voz audível, ou que temos alguma visão. Geralmente vem como resultado da ação do Espírito iluminando certas declarações das Escrituras, certas promessas, certas palavras de segurança. Ele as traz a mim com poder, e elas me falam, e eu passo a ter certeza delas. Estas coisas tornam-se luminosamente claras para mim, e eu passo a ter tanta certeza de que sou filho de Deus como a que tenho de que estou vivo. É algo que nos acontece de tal maneira que, não somente cremos em geral que todos os cristãos são filhos de Deus, mas também o Espírito Santo me diz em particular que *eu* sou filho de Deus.

Permitam-me agora dar-lhes algumas citações que expõem esta verdade de maneira a mais comovente. Comecemos com Thomas Goodwin, que escreve: "Há uma luz que vem e se apodera da alma do homem e lhe assegura de que Deus é dele e ele é de Deus, e de que Deus o ama desde toda a eternidade". "É uma luz", diz ele ainda, "que transcende a luz da fé comum." É mais do que a fé que você tem nas Escrituras e em todos os argumentos que você possa deduzir. Goodwin prossegue e diz: "E o segundo bem, depois do céu; você não obtém mais nada, não poderá obter nada mais, enquanto não chegar lá". É, noutras palavras, a maior e mais grandiosa experiência que o cristão pode ter neste mundo$_v$ Há somente uma coisa que está acima dela, a saber, o próprio céu. E a fé elevada e posta acima da sua distinção comum e do seu alcance comum. E o amor eletivo de Deus colocando-se como algo familiar para a alma.

Ouçam agora João Wesley: "É algo imediato e direto, não o resultado de reflexão ou argumentação". Notem que ele dá ênfase ao mesmo fato de que se trata de algo imediato e direto salientado por Goodwin. A bênção não é o resultado de reflexão ou argumentação. Wesley passa então a fazer esta extraordinária declaração: "Pode haver o antegozo de alegria, de paz, de amor, e não ilusório, mas vindo realmente de

Deus, muito antes de termos o testemunho em nós mesmos". Noutras palavras, você pode experimentar a obra geral do Espírito muito antes disto acontecer com você, antes de o Espírito de Deus "testemunhar com os nossos espíritos" que temos redenção no sangue de Jesus. Segundo o ensino de Wesley, você pode ser um bom cristão, e pode ter experimentado as operações do

Espírito de muitas maneiras, incluindo até o antegozo de alegria, paz e amor da parte do próprio Deus, muito antes de você ter este testemunho direto do Espírito, esta experiência irresistível.

Você foi "selado" com o Espírito? Não estou perguntando se você é crente no Senhor Jesus Cristo; não estou nem mesmo perguntando se você tem o tipo de certeza que se baseia no primeiro e no segundo fundamento; estou perguntando se você conhece algo da experiência de ser tomado poderosamente em sua alma pelo testemunho direto do Espírito.

A fim de ajudá-lo nesse exame de si mesmo, permita-me citar as experiências de alguns grandes homens de Deus no passado. Aqui vai uma experiência descrita por John Flavel, puritano que viveu há uns trezentos anos - "Assim, seguindo seu caminho, seus pensamentos começaram a avolumar-se e a subir cada vez mais alto, como as águas da visão de Ezequiel, até que finalmente se tornaram antegozos das alegrias celestiais, e tal plena certeza do seu interesse nisso, que ele perdeu completamente a visão e a percepção deste mundo e de todos os interesses deste mundo, e por algumas horas não sabia mais onde estava, como se estivesse em profundo sono em seu leito". Chegando exausto a certa fonte, "sentou-se, lavou-se, desejando ardentemente que, se fosse do agrado de Deus, que esse podia ser o lugar de sua partida deste mundo. Aos seus olhos a morte tinha o rosto mais amigável que ele já contemplara, exceto o rosto de Jesus Cristo, que tinha realizado isso, e, embora acreditasse que estava morrendo, não podia lembrar-se de ter tido um só pensamento sobre sua querida esposa ou filhos ou qualquer preocupação terrena. Chegando à sua hospedaria, a influência continuou, banindo o sono. Ele se sentiu cada vez mais transbordante da alegria do Senhor, e ficou parecendo um habitante doutro mundo. Muitos anos depois ele ainda dizia que aquele dia fora um dos dias do céu, e dizia que por aquela experiência ele entendeu mais da luz do céu do que por todos os livros que ele tinha lido ou pelos descobrimentos que a respeito agasalhara".

Essa é uma excelente narrativa da selagem do Espírito, deste antegozo do céu.

Jonathan Edwards descreve a mesma experiência como segue - "Uma vez, quando eu cavalgava pelas florestas para benefício da minha saúde em 1737, tendo apeado do meu cavalo num lugar retirado, como sempre eu fazia, para buscar contemplação divina e oração, tive uma extraordinária visão da glória do Filho de Deus

como Mediador entre Deus e o homem, e Sua maravilhosa, grande, plena, pura e suave graça e amor, e de Sua terna e gentil condescendência. Esta graça que se mostrou tão tranqüila e suave, mostrou-se também grandiosa, acima dos céus. A Pessoa de Cristo pareceu-me inefavelmente excelente, com uma excelência grande o suficiente para tragar todo pensamento e concepção, o que durou, quanto posso julgar, perto de uma hora, e me manteve a maior parte do tempo numa torrente de lágrimas e chorando alto".

Que contraste com o ensino tão popular hoje que diz que o selo não é experimental, que é tudo pela fé! Jonathan Edwards continua o seu relato: "Senti um ardor na alma, desejando ser não sei como expressá-lo doutra maneira, esvaziado e aniquilado; jazer no pó para ser cheio unicamente de Cristo; amá-10 com um amor santo e puro; confiar nEle; viver apoiado nEle; servi-10 e segui-10, ser santificado perfeitamente e tornado puro com uma pureza divina e celestial".

Tenhamos em mente que Jonathan Edwards foi um dos maiores filósofos desde Sócrates, Platão e Aristóteles.

Vejamos agora um homem muito diferente, D.L. Moody, que não era filósofo nem um grande intelecto. Ele escreve: "Comecei a clamar como nunca antes. A fome disso aumentou. Eu realmente senti que não quereria mais viver se não pudesse ter poder para o serviço. Continuei clamando o tempo todo, que Deus me enchesse com o Espírito. Bem, um dia, na cidade de Nova Iorque, ah, que dia, nem posso descrevê-lo. Raramente me refiro a isso, é uma experiência quase sagrada demais para se mencionar. Só posso dizer que Deus Se revelou a mim, e de tal maneira experimentei o Seu amor que tive de pedir-Lhe que detivesse a Sua mão".

Ou tomemos as palavras do grande pregador batista galês Christmas Evans, quando ele descreve uma experiência que teve quando viajava cruzando um trecho de montanha certo dia. Ele estivera num estado de sequidão e sem vida durante vários anos em conseqüência de haver dado crédito ao ensino conhecido como sandemanianismo [1] - similar ao ensino do "Tome-o pela fé" - mas agora, tendo começado a orar a Deus rogando-Lhe que tivesse misericórdia dele, ele diz:

"Tendo começado em nome de Jesus, senti como se estivessem sendo soltos os meus grilhões, a velha dureza fosse amolecendo e, como eu pensava, as montanhas de gelo e neve se dissolvendo e se fundindo dentro de mim. Isso gerou em minha alma confiança na promessa do Espírito Santo. Senti toda a minha mente aliviada de uma grande escravidão. As lágrimas correram copiosamente, e fui constrangido a clamar em alta voz pelas misericordiosas visitas de Deus devolvendo à minha alma a alegria da salvação, e que Ele tornasse a visitar as igrejas de Anglesey que estavam sob os meus cuidados".

As palavras seguintes são do eloqüente George Whitefield, talvez o maior pregador

da Inglaterra:

“Logo depois disso eu vi e senti que estava livre de um fardo que me oprimia pesadamente; o espírito de tristeza me foi tirado, e eu soube o que é regozijar-me verdadeiramente em Deus, meu Salvador, e por algum tempo não pude evitar cantar salmos onde quer que eu estivesse. Mas a minha alegria tornou-se gradativamente mais serena e, bendito seja Deus, permanece e cresce em minha alma sempre, daí em diante, salvo alguns intervalos casuais. Assim terminaram os dias da minha tristeza. Após uma longa noite de deserção e tentação, a Estrela da Manhã raiou em meu coração. Agora o Espírito de Deus tomou posse da minha alma e, como humildemente espero, selou-me para o dia da redenção”.

Ele era crente havia algum tempo antes disso, porém agora ele estava selado com o Espírito. Ele continua, dizendo: “Meus amigos ficaram surpresos ao me verem parecer tão alegre e portar-me tão alegremente, depois de muitas informações que tinham recebido a meu respeito”.

Ouçam ainda as palavras do seu amigo João Wesley, descrevendo a famosa experiência que teve na Rua Aldersgate, em Londres, em 24 de maio de 1738. Lembrem-se também de que ele se tornara verdadeiro crente na justificação pela fé desde março do mesmo ano. Ele escreve:

“Senti meu coração estranhamente aquecido, senti que confiava em Cristo, unicamente em Cristo, para a salvação, e me foi dada a certeza de que ele tinha removido os *meus* pecados, sim, os *meus*, e me salvara da lei do pecado e da morte”.

Ele já cria antes, mas agora passou a ter certeza, foi-lhe dada esta experiência direta, imediata, irresistível, experiência e testemunho dados pelo Espírito, o selo do Espírito, e ele sentiu essas

coisas. Depois dessa experiência o seu ministério foi transformado.

É quase inacreditável que alguém possa dizer que a “selagem com o Espírito” não é experimental, e assim privar-se de tais experiências. O seu coração foi arrebatado? Você teve essa irresistível experiência do amor de Deus? Examine-se cada um a si mesmo.

[1]

De Robert Sandeman (1718-71). As seitas sandemanianas são semelhantes às seitas glassitas, cujo fundador foi John Glass, ministro dissidente da Igreja da Escócia. Robert Sandeman era genro de John Glass. Nota do tradutor.

EXPERIÊNCIAS REAIS E FALSAS

"Em quem também vós, depois que crestes, fostes selados com aquele Espírito da promessa." - Efésios 1:13

Há um sentido em que eu, de minha parte, não me preocupo com a terminologia quanto ao "selar" com o Espírito ou ao "batismo" com o Espírito. Para mim é muito lamentável que muitos se preocupem tanto com a terminologia, especialmente com a palavra "batismo", que deixam de considerar a questão real. Essa questão é: porventura sabemos se fomos selados com o Espírito Santo? A questão que deve estar acima de tudo mais em nossas mentes não é a da terminologia, e sim a questão sobre se temos o "Espírito de adoção", se realmente clamamos "Aba, Pai" das profundezas dos nossos corações. A terminologia tem o seu lugar, e é importante que tenhamos idéias claras em nossas mentes; mas é a experiência propriamente dita que mais importa. Por isso vamos continuar com a nossa descrição desta bênção para esclarecer ainda mais a verdade.

O primeiro resultado da selagem com o Espírito é a imediata, direta e bendita certeza de que somos filhos de Deus, "herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo". É com isso que o apóstolo está principalmente preocupado aqui. Ele está escrevendo acerca de uma herança que judeus e gentios receberam juntos em Cristo; e ele diz que essa herança é selada para nós pelo Espírito da promessa. No entanto, há outros resultados decorrentes ao mesmo tempo. Um deles é mencionado pelo apóstolo na Epístola aos Romanos, capítulo 5, onde ele diz: "A experiência (produz) a esperança. E a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (versículo 5). Notem a expressão "o amor de Deus *está derramado* em nossos corações". E comparável à expressão empregada no capítulo 2 de Atos acerca do Espírito Santo sendo "derramado". É exatamente a mesma idéia; não se trata de algo vago e indefinido, mas o amor de Deus é "derramado" em nossos corações para que transbordemos deste amor de Deus. O selo do Espírito leva a este derramamento do amor de Deus em nossos corações. Assim devemos perguntar a nós

mesmos se o conhecemos e o experimentamos. A questão não é se cremos no amor de Deus, e sim se este amor foi "derramado" dentro de nós pelo Espírito Santo. Devemos ter o cuidado de não reduzir esses termos à medida das nossas experiências.

Outro resultado deste selo é descrito pelo apóstolo Pedro quando, escrevendo aos cristãos em sua Primeira Epístola, no capítulo 1, ele os trata como "estrangeiros dispersos". Mas, apesar de os não conhecer, pode dizer-lhes: "Ao qual (a Jesus Cristo), não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (versículo 8). A relação deles com o Senhor

Jesus Cristo é que eles O amam e se regozijam nEle com "gozo inefável e glorioso". Esse é outro resultado deste selo. Será certo supor, como fazem muitos, que esta é a experiência normal, costumeira, de todo os cristãos?

Neste estágio alguém poderá muito bem inquirir acerca dos dons espirituais, pois pelo capítulo 2 do livro de Atos se vê claramente que aqueles que naquela ocasião foram batizados pelo Espírito receberam certos dons; falavam em outras línguas, e evidentemente houve outras manifestações. Está claro que no dia de Pentecoste e subsequentemente esta selagem com o Espírito foi acompanhada por dons. Isso apareceu nas várias passagens que já examinamos. Por isso é válido que se faça essa indagação sobre se, portanto, toda vez que uma pessoa é selada com o Espírito, decorre que necessariamente ela tem alguns desses dons especiais. Afortunadamente, é-nos dada resposta a essa questão no capítulo 12 da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, onde o ensino é que o Espírito Santo é o Senhor desses dons, e que Ele os dispensa e distribui à Sua conveniência. A este homem Ele dá um dom, àquele, outro. Não têm todos os mesmos dons, não têm todos um certo dom particular. Paulo faz a indagação: "Falam todos em línguas?" "Interpretam todos?" "Todos operam milagres?" E é claro que não. Há muitos dons, e o apóstolo dá uma lista deles - "sabedoria", "socorros", "discernimento", etc.

Houve dificuldade na igreja de Corínto por causa disso, pois toda a igreja ficara dividida em grupos e facções quanto à posse de dons especiais. Uns eram mais espetaculares que outros, e os homens que tinham os dons espetaculares desprezavam os que tinham os menos espetaculares. Por isso Paulo ministra o seu ensino concernente à Igreja como "corpo"; mas a sua maior ênfase é que a

concessão de dons é prerrogativa do Espírito Santo. Ele pode dar e negar dons, como quer e como Lhe apraz.

É interessante observar que quando lemos a história da Igreja Cristã, especialmente em termos desta doutrina da selagem com o Espírito Santo, vemos que muitos destes dons concedidos no princípio não parece que foram concedidos nas subseqüentes épocas da Igreja Cristã. Isso fica bem claro quando recordamos as experiências dos grandes homens aos quais nos temos referido e que viveram em diferentes séculos e lugares, e que diferiam muito em seus dons naturais. Nenhum deles jamais "falou em línguas"; entretanto tinham outros dons notáveis. Alguns tinham o dom de discernimento, outros o de ensino. Wesley tinha o seu admirável dom de "administração" e organização. Mas nem um só deles parece ter tido o dom de milagres. Todavia, evidentemente eles tinham o selo do Espírito.

Assim, é importante que diferenciemos entre o selo propriamente dito e os dons que podem acompanhá-lo ou não. A verdade central concernente à selagem com o Espírito é que sela a herança para nós, dá a certeza da filiação e o "Espírito de adoção" pelo qual clamamos "Aba, Pai". Desafortunadamente, muitos ficam

confusos nesta questão do selo por causa da confusão a respeito de toda a questão dos dons. Muitos receiam até meramente considerá-lo porque conhecem pessoas que alegam ter recebido esta selagem com o Espírito, contudo elas insistem nalgum dom particular como prova. Mas as Escrituras mesmas, como vimos, não nos dão o direito de pressupor quaisquer dons particulares em conexão com o selo do Espírito. Pode haver e não haver dons. Geralmente há algum dom, porém o elemento vital é a certeza - imediata e direta -de que somos filhos de Deus. Portanto, eu não pergunto de você fala em línguas ou não; o que lhe pergunto mais uma vez é se o amor de Deus foi derramado em seu coração. Você se regozija em Cristo com "gozo inefável e glorioso"? Você recebeu um testemunho direto dado pelo Espírito, de que você é filho de Deus e herdeiro da bem-aventurança eterna?

Certamente é só à luz disso que podemos entender o sentido da frase que foi empregada pelo nosso Senhor quando Ele falou com os discípulos pouco antes da Sua morte. Disse Ele: "Digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei" (João 16:7). O Filho de Deus estava entre os discípulos e lhes dizia que não deixassem que os seus corações se turbassem porque Ele

estava para deixá-los, de fato lhes dizia que para eles era uma boa coisa que Ele partisse. E quase incrível que isso pudesse acontecer. Ele era o Filho de Deus, com todo o conhecimento; Ele os estivera ensinando, e sempre estivera lá para aconselhá-los quanto ao que fazer e ao que não fazer, e podendo dar-lhes poder para pregar e expulsar demônios. Mas agora Ele se vai, e ainda diz: "Para vocês é bom que eu vá".

Há unicamente uma explicação adequada dessa espantosa declaração, e é a verdade concernente à selagem com o Espírito. O fato é que depois do Pentecoste aqueles discípulos tinham mais certeza quanto a Ele do que quando podiam vê-10 com os seus próprios olhos. Tinham mais certeza quanto a Ele e quanto à veracidade da Sua doutrina. Não somente passaram a ter entendimento mais completo, mas agora estavam cheios do Seu Espírito e do Seu amor. E o que se tem em mira é que estamos na mesma situação, numa situação melhor do que se vivêssemos quando o nosso Senhor esteve na terra nos dias da Sua carne. Por isso, a pergunta que devemos fazer a nós mesmos é: temos esse entendimento, temos esse seguro conhecimento da nossa filiação, temos o amor de Deus derramado em nossos corações?

Para ser ainda mais explícito e claro, consideremos várias questões que são levantadas quando se prega esta doutrina. Lembro-lhes que esta doutrina não é nova. Considerá-la como tendo se originado neste presente século indica a medida da ignorância do movimento evangélico moderno. Nós a vimos no ensino dos puritanos do século dezessete. João Wesley disse muitas vezes que ele acreditava que Deus

tinha levantado os metodistas em grande parte para pregarem esta doutrina especial da certeza. Ele cria tão intensamente nesta verdade que, a princípio, tendia a dizer que se você não tem esta certeza, você não é cristão. Mais tarde ele modificou isso, dizendo de si próprio que antes da sua experiência na Rua Aldersgate, em maio de 1738, ele tinha a fé própria de um servo, não de um filho.

A primeira pergunta que geralmente se faz é: qual a relação da experiência da conversão com esta selagem com o Espírito? Argumenta-se que quando um homem é convertido lhe é dado repouso de alma: "Justificados pela fé, temos paz com Deus" (Romanos 5:1). Ora, alguém poderá perguntar: que diferença há entre isso e a selagem com o Espírito? Quando um homem tem este repouso

decorrente da justificação, ele sabe que os seus pecados estão perdoados, e lhe é dado um sentimento de paz e tranqüilidade. Daí, não seria a mesma coisa? A resposta é que a "selagem com Espírito" vai muito além daquilo que se experimenta na conversão. O homem que é justificado pela fé crê na Palavra e crê no ensino da Palavra, e em decorrência disso ele tem este sentimento de repouso e de satisfação. Contudo, isso muitas vezes pode ser provado e sofrer abalo, e ele será levado de volta à Palavra e terá que extrair os argumentos escriturísticos para silenciar suas dúvidas. Mas, como vimos, quando ocorre a selagem com o Espírito, já não há argumentação. E assim porque nesse caso há uma certeza direta, é o Espírito mesmo que dá testemunho com o nosso espírito de maneira inequívoca.

Há uma bela ilustração deste aspecto da verdade nas obra do piedoso, do "celestial" Dr. Richard Sibbes, outro dos grandes puritanos de há 300 anos. Diz o Dr. Sibbes que a diferença entre a experiência da conversão e o "selo" pode ser exposta assim: é como uma criança que, tendo sido travessa e desobediente, tem um sentimento de culpa e se sente infeliz, e corre para os braços do pai. O pai a recebe, mas não lhe sorri muito. Esta é a maneira pela qual o pai a repreende e a castiga por sua desobediência; todavia, a criança, em sua volta ao pai, obtém certa satisfação quando está com seu pai. Isso pode durar algum tempo. Então chega o dia em que os dois estão caminhando juntos por uma estrada, e a criança se aproxima do pai e lhe toca. O pai continua simplesmente a olhar para ela; mas após algum tempo o pai toma a criança, levanta-a, acaricia-a em seus braços, e derrama o seu amor sobre ela. Essa é a diferença! Sem a selagem com o Espírito você pode saber que os seus pecados estão perdoados; não, porém, desta maneira segura e especial. Isso vai além da experiência inicial do perdão: é Deus, se podemos expressá-lo assim, acariciando-nos e despejando Seu amor sobre nós, engolfando-nos. Observamos esse elemento no caso das experiências que já citei. Sempre houve um elemento irresistível. Mesmo um homem de físico poderoso como D. L. Moody sentiu o seu corpo quase estourar sob a grandeza da experiência do amor de Deus, e clamou a Deus que parasse. Temia que a glória da experiência realmente o matasse. Essa é a diferença entre as duas experiências.

Outra pergunta que quase invariavelmente se faz é sobre a relação do selo com a santificação. Muitos se confundem acerca do

selo do Espírito por causa dessa infeliz confusão dele com a santificação. Alguns tendem a evitar totalmente esta doutrina da selagem com o Espírito porque as únicas pessoas que eles conhecem que a mencionam também acreditam na doutrina da completa erradicação do pecado nesta vida. É verdade que até sobre João Wesley pesa a culpa dessa confusão em seu ensino sobre o "perfeito amor" e sobre o que ele denominava "santidade escriturística". A resposta a essa pergunta é que não há conexão entre a selagem com o Espírito e a santificação.

Nesta parte da Epístola aos Efésios, o apóstolo não está ensinando a doutrina da santificação; ele ainda não passou a fazê-lo. O que o apóstolo está fazendo do versículo 1 ao versículo 14 é dizermos o que Deus nos fez em Cristo. Ele nos está mostrando a nossa posição em Cristo como filhos e herdeiros. Posteriormente ele tratará da santificação. Paulo afirma que a selagem acontecera com os efésios; portanto, não pode ser algo contínuo. Contudo a santificação é contínua.

Aventuro-me a comparar a relação entre esta experiência de selagem e a santificação com a relação que há entre as chuvas e o sol para fazerem germinar o que foi plantado na terra. Pensem num agricultor que arou sua terra, passou-lhe a grade, semeou-a, cobriu as sementes, e se foi. Muitos dias frios, secos, sem chuva passaram e ele não vê germinação. Então ele fica a perguntar-se se há vida naquelas sementes, porque não vê nenhuma mostra de crescimento. Passado algum tempo, porém, um pequeno sinal de crescimento começa a aparecer no terreno. Ele o observa dia após dia, e começa a duvidar de se terá alguma colheita. Mas então, de repente, há uma aguaceiro seguido de forte calor do sol; e o cereal brota quase visivelmente. Vem depois outra chuvarada, e a coisa fica mais maravilhosa ainda. A mim me parece ser essa a relação existente entre o selo e a santificação. Desde o momento em que o agricultor semeou a semente, a vida estava lá e o processo de crescimento havia começado. De igual maneira, no momento em que um homem nasce de novo, a santificação já começou.

A santificação não é uma experiência que se recebe, é o desenvolvimento da vida de Deus na alma, e esta começa no momento do novo nascimento. É assim porque você não pode ter em seu ser a vida de Deus sem a atividade dessa vida. Mas, conquanto isso seja verdade, o processo pode parecer quiescente por algum tempo. Daí então é concedida esta experiência do selo e, à semelhança da

chuva'e do sol sobre a terra, ela tem marcante efeito sobre a santificação da pessoa. Não é santificação, mas tem um inevitável efeito sobre a mesma. Não há vida na chuva; a vida está na semente; porém a chuva e o sol promovem e estimulam grandemente o florescimento da semente; é similar o que acontece com esta experiência.

Podemos dizer que a selagem com o Espírito promove a santificação, mas não a garante necessariamente. Não é a mesma coisa. Decorre disso, pois, que é possível que um homem que teve esta admirável experiência da selagem com o Espírito venha a ser um apóstata. Isso tem acontecido com freqüência. Ele ainda se lembra do que lhe aconteceu; não consegue desfazer-se disso. Há homens que lhes dirão, relatando a experiência que tiveram, que esse conhecimento foi, por vezes, a única coisa que os impediu de suicidar-se. Eles tinham esse conhecimento, apesar de todos os argumentos pareceram contraditá-lo. O selo não garante a continuidade de uma vida santificada. O poeta William Cowper ajuda-nos neste ponto. Diz ele -

Onde está aquela aventura que tive,

Quando encontrei o Senhor?

Onde está a visão revigorante De Jesus e Sua Palavra?

Trata-se de algo aqui que se pode recordar do passado; é uma experiência.

Mais uma pergunta freqüentemente feita da seguinte maneira: na declaração citada de John Flavel, diz ele que durante a maior parte do dia ele não sabia onde estava; estava fruindo de tal maneira a visitação de Deus que, em êxtase, até se esqueceu da mulher e dos filhos. Será, pois, certo dizer que não somos selados com o Espírito enquanto não tivermos uma experiência tão dominadora como aquela? A resposta é que a intensidade da experiência pode variar consideravelmente. A experiência mesma é inconfundível, mas a intensidade varia, como se dá com a intensidade de qualquer experiência. A nossa apreciação da música varia. Muitos são os que apreciam a música, todavia nem sempre com o mesmo grau de intensidade. Nem sempre a nossa apreciação da beleza das flores é a mesma. Posso gostar de flores, mas pode ser que eu não possa dizer: “O desabrochar da mais singela flor inspira-me pensamentos

que se aprofundam tanto que por vezes me provocam lágrimas”. Não sou um Wordsworth; entretanto sou capaz de apreciar a beleza das flores. A intensidade pode variar, mas não se deve entender isso como significando que às vezes a experiência pode ser duvidosa. É sempre definida e inconfundível; isso é inquestionável! Se você tiver que persuadir-se sobre ela, você não a conhece. É da essência do selo que ele é inconfundível quando dado, porquanto é ação de Deus.

Isso, por sua vez, levanta a questão do lugar que as emoções ocupam nesta experiência. Muitos se preocupam com isso. Os cristãos modernos parecem ter mais medo das emoções do que qualquer outra coisa. Deve-se isso ao fato de que não fazem distinção entre emoção e emocionalismo. Devido temerem o emocionalismo, temem as emoções. Há alguns que vão tão longe que chegam

a gabar-se de que não há emoção na experiência cristã. Gostam quando as pessoas não mostram nenhuma emoção em sua conversão. Desse modo podemos ser levados a extraviar-nos por pensamentos confusos. Há uma real diferença entre emoção e emocionalismo. Seria concebível que alguém possa saber diretamente de Deus que ele é filho de Deus, e contudo não sentir nada, não sentir nenhuma emoção? Jamais houve homem que por natureza fosse mais impassível e infenso às emoções do que João Wesley. Ele era um típico mestre na lógica, um tanto pretensioso e pedante, que desconfiava de toda tendência para excessos; todavia, na reunião que houve na Rua Aldersgate o seu coração foi "estranhamente aquecido".

"Mas", dirá alguém, "que dizer dos excessos, do fanatismo, e dos diversos fenômenos que às vezes são relatados? Você não estaria tendendo a encorajar a desordem? Nos relatos dos aviva-mentos muitas vezes há informações sobre fenômenos estranhos; acaso tudo isso faz parte deste selo?" Em resposta devemos salientar que visitar Deus uma alma é a experiência mais empolgante que se pode conhecer; e, portanto, não é surpreendente que às vezes a estrutura física não lhe possa resistir. Podemos lembrar-nos do caso de Moody, que se sentiu a ponto de cair em colapso físico; não é surpreendente se, às vezes, quando o Espírito de Deus visita as pessoas com grande poder, elas percam seu autocontrole por algum tempo. Isso não deveria perturbar-nos. Mas se ainda ocorrer isso, o melhor caminho será ler um grande livro de Jonathan Edwards intitulado *Sobre a Natureza dos Afetos Religiosos (On the Nature of the Religious Affections)*. Jonathan Edwards passou pelo grande

avivamento de Northampton, na Nova Inglaterra, em 1735 e depois. Houve muitos fenômenos estranhos ligados àquele avivamento; algumas pessoas se inquietaram com isso, e perguntaram: "Isso seria uma verdadeira obra do Espírito, ou uma falsificação?" Jonathan Edwards respondeu a perguntas como essa naquele alentado volume. A essência do seu argumento consiste em demonstrar que absolutamente não é surpreendente que, caso o Espírito de Deus entre na alma de um homem com poder, coisas incomuns aconteçam, e que o seu equilíbrio fique transtornado temporariamente. Isso não justifica os excessos, porém ajuda a explicá-los. Assim, não temos necessidade de temer esse elemento. Devemos lembrarmos também de que em época de avivamento o diabo deseja produzir falsificações e causar confusão. Ele atrai a atenção das pessoas para os fenômenos, para as experiências, para a agitação; e sempre há gente que só procura essas coisas.

Surge, pois, a questão sobre como podemos dizer qual a diferença entre o real e o falso. Há certas provas que sempre podem ser aplicadas. A verdadeira emoção produzida pelo Espírito Santo sempre leva à humildade, à reverência, a um santo amor a Deus. Alguém pode cantar ou dançar por algum tempo; mas isso não persiste. E temporário, e se deve à fraqueza do corpo; no entanto, o que é permanente, e o que prova genuinidade, é que o homem fica tomado por um sentimento de temor. Ele esteve perto da majestade de Deus, e necessariamente se humilha. Isso aparece

claramente nas narrativas da experiência de vários dos grandes homens de Deus que eu citei. Eles raramente falavam sobre isso; não havia jactância. O que acontecera com eles era quase sagrado demais para ser mencionado. Isso leva à humildade, ao amor de Deus, a um regozijar-se em Cristo com um "gozo inefável e glorioso". Só pode ser assim, porque é a revelação de algo da "largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo o entendimento" (Efésios 3:18-19). E impossível alguém ter sequer um vislumbre de tal experiência, sem se comover até às profundezas do seu ser. Contudo, a pessoa se humilha e, ao mesmo tempo, enche-se de um sentimento de temor, de reverência e de admiração.

Ninguém jamais conheceu mais destas coisas do que o próprio apóstolo Paulo. Como cristãos, não podemos ler as suas cartas sem ficarmos comovidos. A emoção parece perspassá-las e apanhar-nos

também. Portanto, ela se torna uma prova do nosso conhecimento dessas coisas. Já o nome do Senhor Jesus Cristo sempre comovia o grande apóstolo, e às vezes parece fazê-lo esquecer o seu argumento e a sua lógica por algum tempo. Ele irrompe repetidamente num hino de louvor e ação de graças; contudo, notamos o seu auto--rebaixamento. Com todo o seu amor inflamado e apaixonado, sempre há reverência. Os dois elementos estão sempre presentes no mesmo homem. Ele sabia o que é ser arrebatado ao terceiro céu e, todavia, dá-nos o seu ensino incomparável, caracterizado pelo equilíbrio, sabedoria, e entendimento. Sejamos cautelosos, pois, para que não suceda que por nosso medo de agitação, de emocionalismo, de estranho entusiasmo e de alguns fenômenos esquisitos, venhamos a ser culpados de "extinguir o Espírito", e, com isso, privar outros destas bênçãos maravilhosas que Deus tem para todo o seu povo. A pergunta para cada um de nós é: o amor de Deus foi derramado em meu coração? Sei acima de todo argumento, acima de ter que convencer-me, que sou filho de Deus e co-herdeiro com Jesus Cristo? É a esse resultado que o selo do Espírito leva.

PROBLEMAS E DIFICULDADES CONCERNENTES À SELAGEM

"Em quem também vós, depois que crestes, fostes selados com aquele Espírito da promessa." - Efésios 1:13

Todos quantos já escreveram sobre esta experiência da sela-gem com o Espírito concordam que é muito difícil descrevê-la com palavras. Há algo com ela que frustra a sua descrição, como se pode ilustrar com o livro de Apocalipse: "Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz à igrejas. A quem vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe" (2:17). Há quase um segredo aí. Mas qualquer homem que o tenha conhecido, mesmo na mais ligeira e tênue medida,

concordará que não há nada que ele jamais conheceu que de algum modo lhe seja comparável. As verdades em que ele já cria, que ele aceitava e nas quais punha a sua confiança, subitamente se tornam luminosas e límpidas, com uma claridade celeste e divina. No amor, mesmo no amor humano, há sempre um elemento que não pode ser posto em palavras. Muito mais com esta experiência, porque é uma experiência do amor de Deus e, em resposta, do nosso amor partindo para Ele! Nós O amamos porque Ele nos amou primeiro, e há algo que é quase inexprimível com relação a esta experiência. Todavia, é a coisa mais real que nos pode suceder.

Temos tratado deste assunto amplamente porque, pelo Novo Testamento e pela longa história da Igreja Cristã, parece muitíssimo claro que não existe nada que seja tão essencial, do ponto de vista do testemunho cristão, como esta experiência do selo. É possível testemunhar de maneira mecânica, mas isso tem muito pouco valor; somente os que conhecem esta experiência do selo são testemunhas realmente eficientes. Foi por isso que o nosso Senhor disse aos Seus discípulos que ficassem em Jerusalém até recebê-lo. Não é somente a mais elevada experiência que o cristão pode ter; é o meio de fazer de nós cristãos efetivos, de tornar-nos vivos e radiantes. Prova-se isso em todos os períodos de avivamento e despertamento.

Mas há certas dificuldades com relação a esta questão, das quais devemos tratar. A questão mais importante é: todos os cristãos primitivos tiveram esta experiência? Paulo parece estar dizendo que todos os membros da igreja em Éfeso e das outras igrejas às quais esta carta-circular foi enviada tinham sido selados pelo Espírito: "Em quem também vós , depois que crestes, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". Se é esse o caso, argumenta-se, não se aplicaria a mesma coisa atualmente? Então, como se pode dizer que é possível ser cristão sem se conhecer o selo do Espírito?

De muitas maneiras esta é a questão mais importante com respeito a este ensino. Acrescento que é também uma questão extremamente difícil; e eu posso apenas sugerir que, para mim é, de qualquer forma, uma resposta adequada e suficiente. A declaração desta passagem é uma das muitas declarações similares e comparáveis que encontramos nas Epístolas do Novo Testamento. Vejam, por exemplo, a declaração que consta no capítulo 5 da Epístola de Paulo aos Romanos, onde lemos que "a esperança não traz confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nosso corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (versículo 5). Nessa passagem Paulo parece estar dizendo que o amor de Deus foi derramado em toda a sua profusão no coração de todos os cristãos. Assim, podemos muito bem perguntar se isso aconteceu com todos os cristãos primitivos. E se é assim, por que não acontece com todos os cristãos agora? Ou se afirma que acontece com todos? A questão não é se sentimos alguns ocasionais vislumbres do amor de Deus, mas se esse amor foi derramado em nossos corações até eles se transbordarem. Este versículo é, pois, um versículo comparável. Também na Primeira Epístola de Pedro temos uma

declaração, que já citamos: “Ao qual (a Jesus Cristo), não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso” (versículo 8). Isso seria verdade com relação a nós? Pedro faz o que parece ser uma declaração universal acerca de todos os cristãos. Há outras declarações semelhantes que poderíamos citar. Parecem universais e aplicáveis a todos os cristãos aos quais as cartas foram enviadas.

Qual será, então, a explicação, e como conciliar tais declarações com a nossa alegação de que o selo não se aplica a todos os cristãos? Pois bem, é óbvio que o apóstolo não conhecia todos e cada um dos membros da igreja de Efeso e das outras igrejas, a de Roma inclusive. O apóstolo Pedro, como é demonstrado

claramente, não conhecia as pessoas para as quais estava escrevendo; ele as trata como “estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”. Mas ele tinha ciência de que havia cristãos em certos lugares; e lhes escreve uma carta-circular geral. Certamente ele não tinha um detalhado conhecimento de cada membro individual ao escrever-lhes esta carta geral. Logo, podemos tirar a conclusão de que em todas estas declarações universais e gerais os escritores estão tratando de algo que eles consideram como norma ou padrão. Não estão dizendo que essa experiência é necessariamente real com relação a cada cristão individual. Quando escrevem uma carta geral a uma igreja, escrevem na suposição de que os seus membros são o que todo cristão deveria ser; e se dirigem a eles considerando-os tais. Pedro obviamente está fazendo isso, e apesar de saber que havia variações na experiências dos membros das igrejas ele lhes escreve em geral, dizendo: “Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso”. Ele está claramente proclamando o que constitui a norma ou padrão para todo cristão verdadeiro. Esta é uma parte da resposta.

Contudo, podemos ir além e sugerir que é concebível, na verdade é até provável, que a muitos daqueles cristãos primitivos fora concedida esta experiência. Tome-se o evento descrito no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos. Evidentemente aquele evento foi único, não somente por ser aquela a primeira ocasião; foi também excepcional em sua extensão e intensidade. Não quero dizer que aconteceu uma vez por todas, e que nunca mais se repetiu. Dizer isto é um grande erro. Só estou sugerindo que no princípio foi mais intenso do que subseqüentemente. Pois não somente vemos repetições do que aconteceu no dia de Pentecoste nos capítulos posteriores de Âtos dos Apóstolos, mas também o relato de cada grande aviva-mento ocorrido na história da Igreja é mais ou menos uma exata repetição do que aconteceu no princípio. Toda vez que temos um grande avivamento, vemos grande número de pessoas, talvez centenas de uma vez, tendo esta extraordinária experiência, que só parece vir a uma pessoa ocasional, aqui e ali, uma vez ou outra, nas épocas em que a Igreja se acha em períodos de declínio e letargia. Quando há um avivamento, a bênção é derramada prodigamente, às vezes cobrindo ampla área, e grande número

de pessoas dão testemunho da experiência. De fato se tem assinalado muitas vezes que pode acontecer mais num único dia de avivamento do que em

cem anos sem avivamento. Não que nas épocas mais comuns a Igreja deixe de ser cristã. Nesses períodos o Espírito Santo está realizado a Sua obra mais regular, e os que recebem esta experiência são mais ou menos excepcionais; todavia em tempo de avivamento a experiência vivida propaga-se mais.

Foi esse, mais evidentemente, o caso por ocasião da inauguração da Igreja Cristã. Deus estava estabelecendo o padrão, por assim dizer, aquilo que deveria ser a norma ou modelo para a Igreja toda. É como se Deus dissesse: "É isto que eu prometo fazer, isto é um exemplo do que é possível a você. Faço isso para encorajar você a procurá-lo". Assim, é possível que em todas aquelas igrejas primitivas, quando foram fundadas esta selagem com o Espírito tenha sido dada a todas. Certamente vemos isso acontecendo com um grande número no dia de Pentecoste; vemo-lo acontecendo com certos samaritanos como resultado da visita de Pedro e João; vemo-lo acontecendo com o apóstolo Paulo; e na casa de Cornélio; vemos Paulo transmitindo a mesma bênção aos doze discípulos que ele encontrou em Efeso. Essa parece ser a norma e o padrão dos tempos do Novo Testamento.

Portanto, para explicar por que Paulo aqui escreve desta maneira aos Efésios, temos o direito de dar uma outra destas duas explicações - ou que todos os cristãos tinham de fato recebido esta bênção porque pertenciam à Igreja Primitiva, no princípio, ou que os apóstolos estavam falando em termos gerais sobre a norma e o padrão, e não em termos de cada membro individual da Igreja.

Nossa próxima pergunta é ainda mais relevante para nós, e ainda mais prática: a experiência que venho descrevendo destina-se a todos os cristãos? "Notei", alguém poderá dizer, "que você deu ênfase ao que aconteceu nos tempos apostólicos e ao que acontece em tempos de avivamento; e também que os indivíduos cujas experiências foram citadas eram homens proeminentes, como Whitefield, Wesley, Jonathan Edwards e D.L. Moody". Muitos deduzem disso que a experiência é só para pessoas importantes, e não para os cristãos "comuns". Mas essa é uma dedução inteiramente falsa, como prontamente se pode mostrar pelas Escrituras. Quando o apóstolo Pedro pregou no dia de Pentecoste, no poder do Espírito, os homens clamaram: "O que faremos, varões irmãos?" Pedro respondeu: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo (do Senhor Jesus Cristo), para perdão dos pecados;

e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (versículos 38 e 39). Não há limite, não há distinção; não se destina somente aos apóstolos ou a proeminentes servos de Deus; destina-se a todo o povo cristão. Deus é o pai de todos os cristãos exatamente da mesma maneira. Ele é o pai

do cristão mais humilde precisamente da mesma maneira como o é do mais ilustre servo na Igreja. A história subseqüente da Igreja confirma isso abundantemente. Já vimos que parece ter sido esse o caso na Igreja do Novo Testamento: "Os estrangeiros dispersos" aos quais Pedro escreveu regozijavam-se em Cristo com "gozo inefável e glorioso".

Na subseqüente história da Igreja vocês verão que pessoas de cujos nomes nunca se tinha ouvido falar experimentaram o selo do Espírito. Foi o que se deu nos dias do despertamento evangélico há duzentos anos. Algumas das primeiras igrejas metodistas não recebiam como membro da igreja o homem que não tivesse plena certeza. Essa pode ser uma condição excessiva, porém certamente é um erro admissível, e prova a espiritualidade dos líderes daquelas igrejas. Contudo, repito, esta experiência visa a todos nós; e tenhamos sempre em mente que ela nem sempre está presente com a mesma intensidade.

A analogia do selo em lacre ajuda aqui. As vezes, quando uma pessoa usa um selo vê que o impresso no lacre se enxerga com clareza; mas às vezes é tão fraco e indistinto que mal se pode entender. No entanto, distinto ou indistinto, está lá; e deve estar. Não devemos insistir em que todos tenham a profunda e comovente experiência de um homem como Jonathan Edwards, que nos conta que a sua percepção da glória e do amor de Deus veio sobre ele em ondas e com tal intensidade que ele ficou suando, embora a temperatura ambiente estivesse baixa. E vocês verão que um homem como Charles G. Finney, embora tão diferente teologicamente, descreve a mesma experiência quase exatamente com a mesma terminologia. Conquanto não precise ser de tanta intensidade, repito que é um direito de nascimento de todos os cristãos estarem absolutamente certos e seguros da salvação - "Porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai" (Gálatas 4:6). Para usar uma analogia humana: pode haver um filho não muito normal ou não plenamente desenvolvido numa família, mas é tão filho do pai e da mãe quanto os membros da família

altamente inteligentes. O que importa é a filiação; portanto, todo cristão deve conhecer esta selagem com o Espírito. Resta ainda a pergunta que muitos fazem: devemos buscar este selo? Sem hesitação, a minha resposta é que é mais que certo que devemos fazê-lo. E, como devemos ser cautelosos quanto à maneira de buscá-lo, é prudente começar com uma negativa. Não há nada no cristianismo contemporâneo que seja tão perigoso e antibíblico, quanto o ensino segundo o qual, com relação a todas e cada uma ds bênçãos da vida cristã, tudo o que temos de fazer é "tomá-las pela fé", sem preocupar-nos com os sentimentos. Ensina-se isso quanto à conversão, à santificação, à certeza e à cura física. Terríveis tragédias tem acontecido em cada uma dessas esferas em conseqüência desse ensino. Permitam-me dar-lhes alguns exemplos. __

O bem dotado Andrew Murray, da África do Sul, já falecido, em certo período era um grande crente no que chamam cura pela fé; e ele a ensinava da maneira que nós criticamos. Se um cristão ficava doente, devia ler as Escrituras e acreditar que o seu ensino é que a vontade de Deus quanto ao cristão é que ele esteja sempre gozando boa saúde. Depois ele devia ir a Deus e dizer-Lhe que cria nas Escrituras e nesse ensino particular, e então pedir-Lhe a cura. Mas o ponto vital era que ele, ajoelhado em oração, devia levantar-se crendo que tinha sido curado. O fato de não sentir-se melhor não fazia nenhuma diferença; ele tinha que tomar a sua cura pela fé e continuar vivendo como se estivesse perfeitamente bem. Entretanto chegou a hora em que Andrew Murray deixou de crer desse modo, e a sua biografia explica como foi que isso aconteceu. Seu sobrinho predileto teve um mal do peito, provavelmente tuberculose. Andrew Murray devia partir para uma série de pregações em certa parte da África do Sul e o sobrinho estava desejoso de acompanhá-lo; porém as suas condições de saúde não lhe permitiam ir. Os dois homens acreditavam no mesmo ensino acerca da cura pela fé, e ambos ajoelharam-se para pedir a Deus a cura. Levantaram-se crentes em que o jovem fora curado. Fizeram as malas e viajaram. Mas, pouco depois que partiram, o jovem morreu.

Tenhamos, pois, claro em nossas mentes que não recebemos esta bênção dessa maneira e sem levar em conta os sentimentos; quando formos selados com o Espírito Santo de Deus, teremos conhecimento disso. Não é para ser aceito pela fé, sentimentos à parte. Você deve continuar pedindo a bênção até obtê-la, até você saber que a tem. O ensino do "Tome-o pela fé", creio eu, é res-

ponsável por grande parte do indesejável estado atual da Igreja Cristã. Muitos passam a vida cristã inteira desse modo, dizendo: "Não nos preocupamos com nossos sentimentos, nós o tomamos pela fé" resultando disso que eles nunca chegam a ter nenhuma experiência. Vivem baseados no que eles mesmos sugerem a si próprios, numa espécie de auto-sugestão ou coueismo.* Mas quando *Deus* abençoa a alma, a alma *fica sabendo* disso. Quando Deus revela o Seu coração de amor a você, o seu coração se derrete com a experiência. Os apóstolos e outros que foram cheios do Espírito Santo no dia de Pentecoste ficaram radiantes, arrebatados acima e além de si mesmos, e falaram com espantosa autoridade e segurança; e todos os que os viram e os ouviram ficaram admirados e perguntaram: "Que quer isto dizer?" (Atos 2:12). Tenhamos cuidado, para não suceder que nos privemos de algumas das mais ricas bênçãos de Deus. Quando Deus o selar com o Espírito, você saberá. Não terá que "Tomá-lo pela fé" independentemente dos seus sentimentos e das suas condições pessoais, e continuar dizendo: "Devo tê-lo, porque eu creio, tomei a palavra de Deus para isso". Você não terá que pesuadir-se; a persuasão será feita pelo Espírito Santo, e você conhecerá algo desse regozijo com "gozo inefável e glorioso".

Não estou sugerindo, porém, que devemos ser condescendentes com o que às vezes

denominam “reuniões de espera”. Há um sentido em que os que deram início a tais reuniões estavam certos; em todo caso, eles compreendiam que tal plano de ação era algo experimental. Mas erraram quando passaram a dizer: “Vamos reunir-nos e esperar até obtermos a bênção que buscamos”. Costumavam esperar dias e às vezes semanas resultando em que de vez em quando certos resultados infelizes tendiam a ocorrer. Isso era mais ou menos inevitável, pois eles criavam certas condições psicológicas. Se as pessoas ficam esperando dessa maneira, sem comer nem beber, e numa atmosfera tensa, há sempre um inimigo por perto, pronto a produzir falsificação. E há sempre a nossa própria psicologia, o poder de persuasão, e o perigo de as pessoas entrarem num falso êxtase. Esse perigo ganhava especial realidade quando eles diziam: “Não sairei do edifício enquanto não obtiver a bênção”. Alem disso, há o perigo muito real de se esquecerem do

’ De Émile Coué (1857-1926), chamado “apóstolo da auto-sugestão como método de cura”. Natural de Troyes, França. Nota do tradutor.

senhorio do Espírito e da soberania de Deus. É Ele quem decide quando dar esta bênção. É Ele quem decide a quem dá-la. Não podemos mandar nisso, e nunca devemos adotar a atitude de dizer: “Vou cumprir as condições e esperar até acontecer”. Isso é antibíblico; não é o método de Deus. É certo que o Senhor disse aos discípulos que esperassem em Jerusalém até o dia de Pentecoste, pois Ele tinha determinado aquele dia em particular, como já havia revelado aos santos do Velho Testamento; porém isso não estabelece precedente para as “reuniões de espera”.

Então, que é que devemos fazer? Permitam-me resumir a resposta: examinem as Escrituras, examinem as Escrituras em busca das promessas, das “grandíssimas e preciosas promessas” de que fala o apóstolo Pedro (2 Pedro 1:4). Procurem compreender o que Deus tenciona que vocês tenham, e o que Ele lhes oferece. No capítulo 3 da nossa Epístola aos Efésios Paulo declara que está orando por seus amigos: “Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfei-tamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento” (versículos 16-19). O propósito é que eu e vocês conheçamos algo desse amor de Cristo que excede todo o entendimento. Vocês o conhecem? O propósito é que vocês o conheçam. Por isso digo: leiam as Escrituras, e quando lerem as Escrituras digam: “Isso foi destinado a mim, eu fui destinado a saber que Cristo me ama dessa maneira. Creio em Seu amor, mas nunca o conheci, nunca o experimentei; todavia fui destinado a conhecê-lo”. Depois continue e diga: “É meu dever ter esta bênção; é meu dever conhecê-la”. Isso o incentivará a orar.

O próximo princípio é assegurar-nos de que estamos buscando a coisa certa. Não devemos procurar experiências e fenômenos como tais. Devemos buscar o Senhor,

buscar conhecê-10 e Seu amor. E quase um ultraje a Ele buscar Suas bênçãos e não buscá-10. Ele fez tudo isso por nós a fim de que O conheçamos, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou. Busquem-nO busquem o conhecimento dEle, busquem a Sua justiça, busquem a Sua santidade. Busquem todas essas coisas e jamais vocês se desviarão. Mas se vocês buscarem êxtase, visões e sentimentos, provavelmente os terão; eles, porém, serão uma falsificação. Busquem a Deus, e vocês

não poderão errar.

O próximo passo é que façamos tudo o que pudermos para preparar o caminho. "Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra" (Colossenses 3:5). Temos que ser purificados e purificar-nos a nós mesmos, se é que este Hóspede amoroso deve entrar. "Mortificai, pois, os vossos membros." Livrem-se do pecado, purifiquem os seus corações; livrem-se, diz Paulo, "De toda a imundícia da carne e do espírito" (2 Coríntios 7:1). "Vós de duplo ânimo, purificai os corações", diz Tiago (4:8). Vejam então o conselho de Pedro no capítulo Primeira da sua Segunda Epístola : "Acrescentai à vossa fé a virtude" etc. (versículos 5-8). O homem que deixa de agir assim é cego, diz Pedro; não vê nada ao longe, e não se dá conta de que foi feita a "purificação de seus antigos pecados" (versículo 9). Mas se vocês praticarem aquelas coisas farão "cada vez mais firme" a sua "vocação e eleição" e lhes "será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (versículos 10 e 11). Devemos concentrar-nos em "Fazer cada vez mais firme" a nossa "vocação e eleição" .

Depois, positivamente, cabe-nos pôr em prática as virtudes que o apóstolo Pedro menciona em detalhe: "Acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude o conhecimento (ARA), e ao conhecimento temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal caridade (amor)". Pedro nos exorta a praticarmos essas coisas. Ele não diz meramente: "Vão a uma reunião e esperem pela bênção, ou recebam-na pela fé". Temos que "suprir a nossa fé", preenchê-la com essas outras coisas. Temos que trabalhar nisso - "Operai a vossa salvação com temor e tremor" (Filipenses 2:12).

Se vocês lerem as vidas dos grandes homens de Deus cujas experiências citei, verão que todos eles seguiram essas injunções. Todos eles eram homens que se empenhavam na leitura das Escrituras e em entendê-las; purificavam suas vidas pelo auto-exame e pela mortificação da carne. Quando lerem as biografias de Whitefield, Wesley, Jonathan Edwards, John Fletcher, de Madeley, e outros, vocês verão que todos eles se dedicavam a exercícios espirituais, não tomavam nada "pela fé", nem se persuadiam a si mesmos de que tinham que receber a bênção; dedicavam-se a buscar a Deus. Naturalmente, tudo isso leva invariavelmente à oração. E preciso orar por esta bênção. Gosto da palavra de Thomas Goodwin

aqui: “Requeste-0 pela bênção”. Ele diz: “Requeste-0 pela benção”. Ou

como diz Isaías: “Não lhe dê descanso” (62:7) .

Não conheço melhor oração para elevar a Deus do que a que se vê num dos hinos de William Williams, galês, escritor de hinos, hino que foi assim traduzido:

Fala, rogo-Te bom Jesus,

Ah, com Tuas suaves palavras Sopra em meu turbado espírito Paz que a terra nunca dá;

Todas as vozes do mundo,

Todo mal provocador Tua terna voz subjuga e serenidade impõe.

Salvador, dize que és meu,

Dá-me certeza cabal;

Bane todo o meu sombrio pensar; dúvida e temor acalma.

Ah, minha alma anseia agora Tua voz divina ouvir,

E a aflição e o desespero Desapareçam de mim.

Esse é o caminho! Faça a Deus esse tipo de oração até que Ele a responda. “Salvador, dize que és meu, dá-me certeza cabal.” Ele já lhe atendeu esse pedido? Ele já lhe sussurrou, já lhe falou? Ore rogando a Sua bênção, busque-a, busque-a com avidez, com fome, com sede. Mantenha-se orando até que a sua oração seja respondida. Noutras palavras, tome tempo. Tome tempo! Não somente “tome tempo para ser santo”, mas também para buscar a selagem com o Espírito. Persevere, não cesse nunca; e um dia a sua experiência será:

À.v *vezes uma luz surpreende O cristão enquanto canta;*

É o Senhor que Se levanta Cura em Suas asas trazendo.

Isso muito bem pode acontecer quando você menos espera. As vidas e os testemunhos dos santos através dos séculos concordam em dizer que Deus tende a fazer isso por nós em ocasiões especiais.

Às vezes, quando a pessoa tem que passar por uma grande provação, Deus lhe dá esta bênção pouco antes de chegar a provação. Como é bondoso o nosso Deus! Que Pai amantíssimo! Quando Ele sabe que algo está para acontecer com você, algo que

o provará até as profundezas do seu ser, Ele lhe concede esta bem-aventurada certeza, para que você passe triunfantemente pela provação. Isso pode acontecer após um período de aparente abandono. Ãs vezes, depois de um período em que a figueira não floresce e todas as árvores estão desnudas, quando tudo deu errado, de repente irrompe a luz, e Ele fala e sussurra o Seu amor por nós, e nos dá "a pedra branca" com "o nome novo", e nos alimenta com o "maná escondido".

Muitos cristãos só conheceram isto momentos antes de morrer; e eles concordaram em dizer que foi a ignorância deles que os impediu de o receberem mais cedo. Não o tinham buscado como deviam. Eram bons homens, tinham vivido a vida cristã, tinham até sido usados por Deus; mas nunca tinham ouvido a Sua "terna voz"; Ele nunca tinha sussurrado em seus corações. Seu desejo da bênção fora por demais espasmódico; nunca tinham ansiado por ela, nem a tinham buscado como deviam. Contudo, estando face a face com o fim, buscaram-na com nova intensidade, e Ele os ouviu e lhes falou. Houve muitos cristãos assim. Deus lhes concedeu esta bendita certeza direta pouco antes de os levar para Si para sempre.

Por isso torno a dizer a você: busque esta bênção. Não se satisfaça com nada menos. Deus já lhe falou que você é Seu filho? Falou-lhe, não com voz audível, mas, num sentido, de maneira real? Você conheceu esta iluminação, este poder persuasivo? Você já sabe o que é ser elevado acima e além de si próprio? Se não, busque-o, clame a Ele dizendo: "Fala, rogo-Te bom Jesus", e "Requeste-O pela bênção", e persevere, até que Ele fale com você.

“O PENHOR DA NOSSA HERANÇA”

“O qual é o penhor da nossa herança, para redenção das possessão de Deus, para louvor da sua glória.” - Efésios 1:14

Esta declaração é, obviamente, uma continuação do que o apóstolo dissera no versículo 13, especialmente com relação à selagem com o Espírito Santo da promessa. Não somente uma continuação, mas também um acréscimo àquela declaração e à declaração completa que o apóstolo faz desde o começo da Epístola.

Vimos que a selagem com o Espírito é a certeza excepcional que Deus dá ao Seu povo; é “o Espírito testificando com o nosso espírito que somos filhos de Deus”. No entanto, o apóstolo em seu desejo de fortalecer, consolar e edificar os efésios, percebe que não deve abandonar o assunto ali, porque há outro aspecto da verdade, que, do ponto de vista experimental e existencial, é, em certo sentido, mais precioso ainda. Ele trata disso no versículo 14. A conexão é como segue: “... depois que crestes, fostes selados com aquele Espírito Santo da promessa, que é o penhor da nossa herança até a redenção da possessão adquirida” (VA).

É uma infelicidade que a Versão Autorizada (inglesa) e algumas outras versões dizem *o qual,* em vez de *quem,* porque é ao próprio Espírito Santo que o apóstolo está fazendo referência. (Almeida diz, *o qual,* mas está claro que se refere ao Espírito Santo).

Digo enfaticamente que o apóstolo não está se repetindo aqui, ou dizendo de novo a mesma coisa de maneira diferente. Não se trata de tautologia; ele realmente está acrescentando algo à verdade, está dando mais um passo, e ainda com o objetivo e propósito de ajudar-nos a ver algo mais da glória da nossa posição em Cristo Jesus. É tudo “para louvor da sua glória”. Esta é outra faceta, outro vislumbre, outro ângulo de visão daquela glória que reside em nosso bendito Senhor e Salvador.

É interessante observar como o apóstolo quase invariavelmente interliga estas duas coisas - o selo e o penhor. Ele faz isso na Segunda Epístola aos Coríntios, onde ele diz: “Mas o que nos confirma convosco em Cristo, e o que nos ungiu, é Deus, o qual

também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações” (1:21-22). Paulo faz praticamente a mesma coisa - embora não use realmente a expressão referente ao selo - também no capítulo 5 dessa mesma Segunda Epístola aos Coríntios, onde ele diz: “Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito” (versículo 5). Somente quando entendemos este tipo de doutrina é que podemos ser preparados verdadeiramente. Todo o propósito da doutrina não é meramente dar-nos entendimento ou satisfação intelectual, mas preparar-nos, firmar-nos, fazer de nós cristãos sólidos, inabaláveis, dar-nos um alicerce tal que nada nos

faça estremecer. E certamente esta é a nossa maior necessidade na hora presente. Como cristãos, precisamos estar preparados e precisamos aprender a pensar em nós mesmos, não tanto em termos de experiências particulares, como em termos de toda a nossa posição e da grandeza daquilo que Deus planejou e tencionou para nós.

Começamos, pois, estudando o sentido deste termo *penhor* -"o qual é o *penhor* da nossa herança". É um termo empregado freqüentemente com relação a transações comerciais, embora não seja usado tão comumente hoje como dantes. Houve tempo em que era um termo muito comum em todas as transações de compra e venda, e geralmente se concorda que, nesse caso, ele tinha dois sentidos. Um deles significava que eram uma espécie de fiança, de garantia. Um homem que comprasse um lote de terra, por exemplo, e não tivesse dinheiro para pagá-lo à vista; o costume era que, como prometesse pagar em data posterior, dava à outra pessoa algo como fiança e garantia de que finalmente pagaria o preço total.

Mas há um sentido mais rico deste termo, a saber, que não somente se trata de uma fiança ou garantia, porém também de um pagamento parcial, de fato uma pequena parte do preço total. Há uma diferença sutil, mas real, neste ponto. Você pode dar como garantia algo que não é da mesma natureza da aquisição feita. Por exemplo, na compra de um lote de terra você pode dar uma garantia em dinheiro; é uma fiança, uma garantia, entretanto não um penhor. O que é peculiar no penhor é que é uma fiança ou garantia da mesma espécie e da mesma natureza do objeto de aquisição. Por exemplo, no caso da transferência de dinheiro, se você der uma parte do dinheiro, será um penhor, além de ser uma fiança; ao passo que, se você der uma peça de vestuário ou de mobília como garan-

tia, será uma garantia, porém não um penhor. A característica do penhor é que é um pagamento parcial, o primeiro pagamento em espécie da mesma espécie do que está sendo adquirido. É vital para o verdadeiro entendimento desta doutrina que compreendamos que o penhor é o primeiro pagamento do total, uma garantia de que se seguirá o restante, e nesse sentido é uma fiança. Mas há outra também diferença entre fiança e penhor. Se você der uma garantia para cobrir uma transação, quando você fizer realmente o pagamento, o que você dera em garantia lhe será devolvido. Os termos "fiança", "garantia" e "caução" significam a mesma coisa. Você deixa o seu depósito, porém quando chega a hora e você faz o seu pagamento, o seu depósito ou a sua garantia lhe é devolvida. Mas isso não acontece no caso do penhor (no sentido dado pelo autor). A razão é que o penhor é uma parte ou porção do total, e, portanto, não lhe é devolvida quando o restante é pago.

Vejamos uma ilustração simples: imagine que você deve à alguém uma libra. Você pode dar uma garantia por essa dívida; por exemplo, pode dar um livro como garantia. Depois, quando você pagar o seu débito, terá de volta o seu livro. Todavia, se em vez de dar um livro como garantia der um penhor, digamos um xelim, então,

quando você acertar as contas com o homem que lhe fez o empréstimo, você não terá de volta o xelim, e como lhe deve uma libra (20 xelins), simplesmente completará o pagamento dando-lhe dezenove xelins. Isso porque o seu penhor era de fato uma parte do todo. Assim, se havemos de auferir pleno benefício do ensino do apóstolo aqui temos que apegar-nos a essa idéia.

Um defeito de algumas traduções populares modernas das Escrituras, é que elas omitiram completamente esse ponto. A tradução que se vê na Versão Revista Padrão ("RSV"), por exemplo, não somente é fraca, é também totalmente inadequada. Ela o traduz assim: "O qual é a garantia da nossa herança até nós obtermos posse dela". Isso está certo, é claro; é uma garantia; mas a palavra empregada por Paulo tem conteúdo muito mais completo. Isso me move a dizer que devemos ser cautelosos em nosso uso dessas traduções modernas. A estrita precisão na linguagem não é tudo. Um preconceito pode influir, e é interessante notar como homens que podem ser versados no manejo das palavras, quando se pode usar uma ou duas ou três palavras, frequentemente escolhem uma palavra deveras correta, palavra a qual falta a plenitude de significado dado por uma das outras palavras. O ponto de vista dos tradutores é

importante, bem como a sua habilidade técnica. Já encontramos diversos casos nessa parte da Epístola aos Efésios nos quais os tradutores da Versão Revista Padrão parecem quase deleitar-se em usar a palavra mais fraca, quando poderiam usar a mais grandiosa e mais elevada. "Garantia" aqui é mais fraca que "penhor".

O "penhor", então, é algo dado "por conta". A palavra "até" esclarece ainda mais o ponto - "O qual é o penhor da nossa herança até...", até o que? "Até a redenção da possessão adquirida". Notem de novo a colocação feita pela Versão Revista Padrão: "o qual é a garantia da nossa herança até nós obtermos posse dela". Isso, de novo, é legítimo, é possível; mas a sua ênfase está em *"obtermos"*. A Versão Autorizada diz: "até a redenção da possessão adquirida". A palavra "redenção" é omitida na Versão Revista Padrão. A Versão Revista (inglesa) ("ERV") é ligeiramente diferente da Versão Autorizada, e traduz assim: "o qual é um penhor da nossa herança, para a redenção". Ela mantém a palavra "redenção" e também a palavra "penhor". E continua: "penhor da nossa herança, para a redenção da possessão de Deus" (semelhante à Versão de Almeida, Revista e Corrigida). Ora, "Deus" não é mencionado na Versão Autorizada. A referência a Deus na verdade não se acha no original; os revisores fizeram interpretação nesse ponto, como o uso de itálicos o demonstram (tanto na VA com em ARC).

Quanto à palavra "redenção", vemos que ela está no grego, no original; o que torna muito mais significativa a sua omissão por parte dos tradutores da "RSV". Está claro que "a consumação final do plano de Deus" é o significado dessa palavra aqui. Vemos o mesmo sentido na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 1, versículo 30,

onde o apóstolo diz: "...em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Nessa passagem alguns pensam em "redenção" somente em termos do perdão de pecados; porém em diversas passagens ela tem escopo mais amplo. As vezes significa "perdão"; mas o contexto geralmente esclarece o sentido. Obviamente, como vem empregada em 1 Coríntios capítulo 1, versículo 30, "redenção" significa "consumação final", o fim, o propósito completo de Deus cumprido em sua total emancipação e libertação.

Como vimos anteriormente, a palavra que o apóstolo empregou é um termo muito especial e técnico. "Redenção" significa libertação por meio do pagamento de um preço de resgate, e no sentido cristão significa o preço de resgate do sangue de Cristo que

foi pago por nossa redenção e libertação final. Assim, o apóstolo está dizendo aqui que a bênção a nós trazida pelo Espírito Santo, e em particular o selo, é um pagamento parcial que nos é dado até recebermos em toda a sua plenitude o que Cristo adquiriu para nós com o Seu precioso sangue. A palavra "obter" ("Acquire"), da "RSV", introduz uma idéia alheia à ênfase do apóstolo.

Ao considerarmos a redação da Versão Revista Inglesa - "O qual é o penhor da nossa herança até a redenção da possessão de Deus" - vemo-nos confrontados por duas possibilidades. Podemos examinar as palavras, ou do ponto de vista de Deus, ou do ponto de vista humano. É plano de Deus reunir um povo - a plenitude dos gentios, a plenitude dos judeus. Ele está realizando isso, pois lemos: "Conhecidas de Deus são todas as suas obras" (Atos 15:18,VA); "o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: o Senhor conhece os que são seus" (2 Timóteo 2:19). Deus tem Seu plano perfeito para redimir um dado número de almas, e "redenção", no aspecto voltado para Deus, refere-se ao tempo em que todas elas terão sido reunidas em segurança. Elas são a possessão de Deus. "A porção do Senhor é o Seu povo" (Deuteronômio 32:9). É evidente que os tradutores da Versão Revista Inglesa adotaram este conceito sobre o assunto. Esse é, indubitavelmente, o conceito que o apóstolo apresenta no versículo 18 deste capítulo. Ele ora para que os olhos do nosso entendimento sejam iluminados, "para que saibamos qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos". Aí temos uma descrição dos santos como uma herança de Deus, um patrimônio de Deus. Portanto, este é um conceito legítimo sobre esta frase.

Não obstante, parece-me que aVersão Autorizada é melhor neste caso. A maneira de decidir a questão não é unicamente em termos de lingüística, mas também em termos do contexto e da doutrina. Neste ponto o apóstolo está interessado em dar conforto, consolo e segurança aos seus leitores, pelo que opino que ele está examinando esta matéria do ponto d vista humano, e não do lado de Deus. Ele está dizendo que Deus nos fez um pagamento parcial da nossa herança, até recebermos a totalidade. A

tradução da Versão Autorizada encaixa-se natural e confortavelmente no contexto inteiro. Alternativamente, faz pouca diferença, porque o dia em que entrarmos plenamente em nossa herança é o dia em que toda a possessão de Deus em Seu povo também estará completa.

Agora podemos passar à mensagem, à doutrina comunicada pelo termo "penhor". A primeira questão é quanto a diferença entre o selo e o penhor. O selo é aquilo que me assegura que sou um herdeiro; dá-me segurança quanto à minha relação com a herança. O penhor é aquilo que dá segurança quanto à coisa mesma; dá-me o usufruto de uma real porção dela e, portanto, aumenta a minha certeza de que receberei tudo finalmente. Há uma óbvia diferença entre ambos.

O ensino do apóstolo é, pois, que o Espírito Santo me foi dado, e que Ele, testificando com o meu espírito, garantiu-me que sou filho de Deus. Deus me disse, "Tu és meu filho", e, mediante a selagem, deu-me prova cabal de que está peculiarmente interessado em mim em Cristo; mas Ele deu-me também este penhor da minha herança.

Examinemos o penhor primeiro como uma garantia. A melhor maneira de ver o Espírito Santo como a garantia da minha herança é examinar a matéria da maneira pela qual o apóstolo a expõe em alguns versículos do capítulo 8 da Epístola aos Romanos. Vejam, por exemplo, o versículo 11: "E, se o Espírito daquele que dos mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dos mortos ressuscitou a Jesus também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita". Notem o argumento do apóstolo no contexto deste versículo. Ele explica que em espírito já fomos redimidos, estamos mortos para a lei, mortos para o pecado; estamos "em Cristo", fomos ressuscitados com Ele. Mas o pecado permanece em nosso corpo mortal, e por vezes ficamos desanimados por causa da nossa luta contra ele. O conforto e o encorajamento que o apóstolo nos dá vê-se no versículo recém-citado. O fato de que o Espírito habita em nós é um penhor, uma garantia do que ainda acontecerá conosco completa e perfeitamente. Vem o dia em que os nosso corpos serão inteiramente libertados do pecado, sendo que a garantia da sua bênção é a presença do Espírito dentro dos nosso corpos. Visto que o Espírito está em mim, sei que o meu corpo está destinado a ser finalmente libertado da presença do pecado.

Vemos a mesma idéia no versículo 23 deste mesmo capítulo 8, onde, depois de referir-se à criação, Paulo diz: "E não só ela (a criação toda), mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, saber, a redenção do nosso corpo". A presença do Espírito em nós é uma garantia da "adoção, da redenção do nosso corpo", o que há de vir,

a despeito de todo o gemer de que podemos estar cônscios no presente.

Vê-se a mesma idéia na Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 5,

versículos 1 a 5: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos (no corpo), desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados” - do pecado no corpo, do pecado na carne, da lei dos membros - não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito”. O Espírito em mim é um penhor, uma garantia de que, embora eu esteja gemendo agora, serei libertado e revestido daquela habitação que é do céu, verdadeiramente “um edifício de Deus”.

Examinemos agora o outro aspecto do assunto. O Espírito Santo em nós não é somente uma garantia; é também um pagamento parcial da nossa herança. O apóstolo nos comunica isto por meio do termo “primícias”. É uma referência a um antigo costume que havia entre as comunidades agrícolas. Na época da colheita o agricultor saía e colhia certa quantidade da sua lavoura. Levava essa parte colhida para casa, e, tendo-a transformado em farinha, dizia à esposa: “Asse isto para experimentarmos uma parte do que virá”. Ele não tinha colhido ainda a totalidade da produção, mas apenas uma parte, as primícias, os primeiros frutos. Tendo semeado a semente na primavera, e tendo esperado durante os meses de verão, finalmente chegou a época da colheita, e ele está desejoso de provar um pouco da colheita. O Espírito, e Sua obra em nós, especialmente o selo, são as primícias da grande colheita que nos aguarda. Ou podemos pensar nisso como um “antegozo”. As “primícias” são um espécime, e, ao tomarmos parte delas, temos um antegozo do que virá, algo para estimular o nosso apetite, algo que nos dá prazer e arrebata os nossos corações.

Noutras palavras, o ensino do apóstolo é que o Espírito Santo em nós dá-nos o que nós, como cristãos, deveríamos estar desfrutando - um antegozo do céu! A nossa participação, juntos, no culto público deveria ser um antegozo do céu. Quando nos reunimos para considerar estas coisas, para falar sobre elas e para considerá-las, estamos tendo um antegozo do céu. O culto público deveria ser

uma colheita das primícias, um exemplar daquilo que será a nossa parte no céu. Estas Epístolas do Novo Testamento nos concitam constantemente a olhar para o futuro, para o gozo no céu. Pouco sabemos do que significa isso, e as Escrituras nos falam pouco a respeito, porém com certeza podemos dizer que as duas principais bênçãos do céu serão ver o nosso bendito Senhor e Salvador, e tornar-nos semelhantes a Ele. “Bem aventurados os limpos de coração; porque eles verão a Deus” (Mateus 5:8). “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim é como o veremos” (1 João 3:2). Ver

o nosso bendito Senhor e Salvador face a face, ver a Deus; isso está além da nossa compreensão, e não conseguimos captá-lo porque é sumamente glorioso. No entanto, no céu veremos a Deus, e fitaremos o rosto do nosso bendito Salvador, que morreu por nós. Tudo o que temos no presente, mesmo as nossas experiências mais altas, são as primícias; são apenas o antegozo da bem-aventurança.

A ênfase do apóstolo é no sentido de que devemos fruir as primícias e o antegozo agora: "Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito" (Romanos 8:23). E alhures ele nos dá uma idéia do que isso significa. Na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 3, versículos 17 e 18, ele escreve: "Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor". Isso é para acontecer agora! Ainda não o vemos face a face, porém O vemos com o rosto descoberto, refletindo como um espelho. Agora só vemos um reflexo mas pelo Espírito vemos um reflexo da glória do Senhor.

Paulo diz praticamente a mesma coisa na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 13, versículo 12, onde lemos: "Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido". Agora vemos "por um espelho obscuramente" (VA), vemos um "mistério num enigna", como alguém traduziu. Ainda não vemos claramente; estamos vendo a glória, todavia somente de modo obscuro, como num espelho. A face do espelho não é suficientemente polida para captar plenamente a glória; há elementos de distorção e de imprecisão; mas *então,* "face a face"! Mas, graças a Deus que o que vejo agora é uma parte da glória eterna; é um

primeiro pagamento, as primícias, um antegozo, um penhor. Não é somente uma garantia; é uma parte da realidade mesma. Estamos penetrando na glória em certa medida, mesmo agora. Esse é o ensino do apóstolo. A glória começa aqui, imperfeitamente e em pequenas porções; não obstante, é real, é parte integrante da glória, quanto posso resistir e suportar enquanto ainda estou na carne.

O segundo aspecto é que nos tornaremos semelhantes ao nosso Senhor, e compartilharemos Sua vida. Ser semelhante a Ele significa perfeição, perfeição absoluta, sem mancha, sem mácula, sem ruga nem coisa semelhante. Judas, na admirável palavra de bênção do final da sua Epístola, diz: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-nos irrepreensíveis com alegria, perante a sua glória...". É nos dada uma idéia disso na descrição feita no livro de Apocalipse: "Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos fornicários, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte" (21:8). Esses não estarão no céu, mas fora dele. No mesmo capítulo lemos mais: "E não entrará nela (na cidade santa)

coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro" (versículo 27). Ainda, no capítulo 22 do mesmo livro, o ultimo capítulo da Bíblia lemos: "Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda". Isso é o inferno - fora do céu! (versículo 11). "E quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda". Isso é o céu! Vejam os versículos 14 e 15: "Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenha direito à árvore da vida[1] e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira". "Coisa alguma que contamine" entrará na cidade santa; é pureza completa e absoluta. É o que gozaremos quando O virmos como Ele é e formos feitos semelhantes a Ele. Contudo, até disso também nos é prometido um antegozo nesta vida, neste mundo, pois o Espírito Santo é o penhor da nossa herança. Cabe-nos conhecer algo sobre a alegria da santidade, sobre o ódio ao pecado, e abominar o mundo e todos os seus caminhos, todos os seus desejos e tudo o que ele representa. Devemos aprender a odiar o pecado

como Cristo o odiou, e a gostar da santidade, da pureza e da justiça. Você sabe o que é gostar da santidade, achar que os Seus mandamentos "não são pesados" (1 João 5:3), ter prazer na lei do Senhor, amá-la pelo que ela é? Temos que ter antegozo desse estado.

Ademais, o amor é uma grande característica do céu. Quando O virmos O amaremos plenamente; mas devemos começar a amá--ÍO aqui. Paulo ora pelos efésios no capítulo 3 da sua Epístola, para que, "corroborados com poder pelo seu Espírito no homem interior", comecem a conhecer algo da "largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que (eles sejam) cheios de toda a plenitude de Deus". Você ama a Deus? No céu você o amará absolutamente. Você começou a amá-lO aqui? O propósito é que o façamos; e se temos as primícias o faremos: procuraremos conhecer o Seu amor por nós, amá-10 e amar-nos uns aos outros. No céu todos nos amaremos uns aos outros; todavia isso deve começar aqui. Se temos em nós as primícias do Espírito, começaremos a amar-nos uns aos outros porque pertencemos a Cristo.

Aplica-se o mesmo à alegria. A alegria do céu é pura. Isso é descrito nos capítulos finais do livro de Apocalipse: "E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas" (21:4). Alegria pura! Mas isso também precisa começar aqui ."0 reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14:17). "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8) - agora! Se o Espírito Santo está em nós, conheceremos algo desta alegria. Por isso o apóstolo insiste repetidamente com os Filipenses: "Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez

digo, regozijai-vos" (4:1). Também havemos de conhecer algo da "paz de Deus, que excede todo o entendimento" (Filipenses 4:7). O céu é paz perfeita e perfeita bem-aventurança, e devemos conhecer algo acerca disso aqui. Sejam quais forem as circunstâncias nas quais nos encontraremos, podemos estar em paz - abatidos ou com abundância, na escassez, na necessidade, ou com fartura e abundância, devemos estar sempre gozando esta perfeita paz de Deus.

Acolham bem, pois, a doutrina veiculada pelo termo "penhor". Mediante o Espírito Santo em nós como penhor, cabe-nos começar a gozar o céu mesmo aqui. "Frutos celestiais em solo terrenal, da fé

Filhos do celeste Rei,

Peregrinando cantai...

Vamos para o lar, adeus,

Como andaram nosso pais;

Felizes já estão, e logo Sua felicidade veremos.

Não vemos nada disso, porém Deus, em Sua infinita graça, bondade e compaixão deu-nos um antegozo. Nós o estamos fruindo? Você O conhece? Você O vê com o rosto descoberto, como num espelho? Sua glória já foi revelada a você? Você conhece algo do *Seu* amor, e *você* O ama? Você conhece a alegria da santidade, da pureza e da santificação? E você está gozando "a paz de Deus, que excede todo o entendimento"? "O qual (o Espírito Santo) é o penhor da nossa herança, até a redenção da possessão adquirida."

PROVAS DA PROFISSÃO DE FÉ CRISTÃ

"Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações."

- Efésios 1:15-16

Completamos o nosso estudo da grande declaração que começou no versículo 3, indo sem interrupção até o fim do versículo 14. E uma das mais vigorosas declarações de fé cristã que se acham nas Escrituras, se não a mais vigorosa de todas. Havendo completado a sua declaração, o apóstolo se dirige agora, por assim dizer, a estes efésios a quem está escrevendo, e também às outras igrejas, para aplicar o que acaba de dizer.

Não devemos esquecer que esta é uma Epístola pastoral, e que o seu propósito era eminentemente prático. Não se deve pensar no apóstolo como sendo um teólogo que se assenta para escrever uma dissertação teológica; seu objetivo era ajudar os cristãos, fortalecê-los e animá-los em sua vida cristã diária. Este é o jeito apostólico de fazê-lo; os apóstolos acreditavam que a melhor maneira de ajudar os cristãos era ensinar-lhes as grandes doutrinas da fé cristã e depois aplicar a doutrina a eles.

Portanto, neste ponto, o apóstolo parece sugerir que até aí ele e os seus leitores estiveram examinando o cristianismo em sua essência. Ele se regozijara no fato de que o cristianismo é para os gentios, bem como para os judeus, sendo ambos co-participantes de Cristo e das primícias da grande colheita vindoura. Ele está particularmente interessado em que os crentes efésios a quem ele está escrevendo se apercebam de que são participantes destas bênçãos; e assim ele começa a sua nova seção com um enfático "portanto" ou "pelo que", expressão que age como elo entre o precedente e o subseqüente. Visto que tudo o que ele estivera escrevendo é verdade quanto aos cristãos de Éfeso, ele lhes diz que ora por eles constantemente e

sem cessar - "Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações".

Depois o apóstolo passa a indicar a natureza exata da sua oração. Observem que, como sempre deveria ocorrer com a oração cristã, há dois aspectos em sua oração. Primeiramente, ele não cessa de dar graças por eles. Agradece a Deus o fato de que eles estão na vida cristã; o fato de que eles foram feitos co-herdeiros com os judeus no grande e glorioso reino vindouro de Deus. Eles foram selados, têm o poder do Espírito, e estão aguardando o tempo da "redenção da possessão adquirida". Sua ação de graças é significativa porque é parte essencial da vida cristã. Não há quem possa ser verdadeiramente cristão e que não se regozije porque outros também se tornaram cristãos. Nada deveria alegrar mais o coração do crente do que saber que há outros que se acham em igual posição e gozando as mesmas bênçãos. Por isso o apóstolo dá o seu constante louvor e ação de graças a Deus; e então, e somente então, ele começa a fazer as suas petições, que se acham no trecho que vai do versículo 17 ao fim do capítulo.

É bom que tenhamos em mente a estrutura geral do capítulo. O apóstolo começa com a declaração doutrinária que já estudamos. Em seguida, ele dá graças a Deus porque os efésios estão envolvidos em todas as bênçãos mencionadas por ele, e delas participam. Então, por causa disso, ele ora constantemente por eles, rogando que o seu entendimento da fé cresça e se desenvolva, e que a experimentem cada vez mais. Com isso ele nos dá um excelente sumário daquilo que a nossa vida cristã deveria ser. Deveríamos penetrar mais profundamente no entendimento e na experiência real

das grandes e gloriosas coisas que o apóstolo já descrevera.

Ao passarmos pela última parte do capítulo, vemos que o apóstolo começa dando graças a Deus pelos cristãos efésios. Mas, como é que ele sabe que eles são cristãos? Ele nos diz que ouvira certas coisas a respeito deles: "Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos...". Alguns acham que há um problema levantado pelo uso que o apóstolo faz da palavra "ouvindo", porque lemos no livro de Atos, capítulo 19, que foi Paulo o primeiro a levar o evangelho a Éfeso e a pregar aos seus cidadãos, e que os que foram convertidos,

o foram em grande parte como fruto do seu ministério. Pode se resolver a aparente contradição assinalando que o que Paulo ouviu não foi somente que eles tinham entrado na vida cristã, mas perse-veravam nela. Continuavam exercendo a sua fé; não tinha sido apenas uma emoção passageira que viera e se fora; eles continuaram crendo, continuaram sendo cristãos. Tendo ouvido essa notícia, Paulo dá graças a Deus por ela. Não somente isso, provavelmente havia muitos que entraram naquela igreja desde quando Paulo estiveram em Efeso, e ele ouvira falar desses novos convertidos. E se, como sugerimos antes, esta é, provavelmente, uma carta circular que incluía igrejas que o apóstolo nunca visitou, podemos entender por que ele diz que tinha ouvido a respeito da sua fé. Está claro que ele tem razões para saber que as pessoas às quais está escrevendo continuam na vida cristã.

No entanto, o que foi exatamente que Paulo ouviu sobre estes cristãos? Que é que dá ao apóstolo esta definida certeza concernente a eles? Que é que ele tem em mente quando, de joelhos, na presença de Deus, dá graças por eles? Isso é importante porque nos supre de provas que podemos aplicar a nós mesmos. Como sabemos se somos cristãos? E os outros, como podem saber que somos cristãos? Que bases temos para dar graças a seus por sermos cristãos e para dar graças a Deus por outros cristãos? O simples fato de que um homem pode dizer que é cristão não prova que é: a história da Igreja Cristã no transcurso dos séculos prova que essa é, talvez uma das maiores falácias em que podemos cair. Por vezes pessoas que se diziam cristãs foram os maiores inimigos da fé cristã. O simples fato de pensarmos que somos cristãos não basta; o fato de outras pessoas talvez dizerem que somos cristãos não basta. É preciso haver alguma prova. Se havemos de ter certeza real e sólida, temos que ter algumas provas válidas para aplicar; e afortunadamente para nós, o apóstolo no-las fornece aqui.

Há muitas dessas provas próprias para o cristão no Novo Testamento. Indubitavelmente, a Primeira Epístola de João foi escrita com o propósito específico de que possamos provar-nos a nós mesmos para vermos se estamos na fé. O apóstolo Paulo exorta os corín-tios dizendo: "Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Coríntios 13:5). E há muitas outras exortações

similares nas Epístolas do Novo Testamento. Mas aqui o apóstolo reduz todas as provas a duas. Podemos estar certos de que, ao fazê-lo, suas provas podem ser consideradas cabais e definitivas.

Não precisamos preocupar-nos em aplicar todas as provas a nós mesmos; tudo o de que necessitamos é aplicar as duas provas aqui sugeridas por este homem de Deus. Se passarmos nestas duas provas, poderemos ficar contentes com nós mesmos. Você pode fazer as outras provas a seu bel-prazer, porém se quiser centralizá-las todas no mesmo foco, aqui estão as provas que deverá aplicar. O que quer que com verdade se possa dizer de nós, será irrelevante se não passarmos nestas duas provas. Digo isso baseado na autoridade do apóstolo. Ele nos dá os fundamentos da sua certeza e da sua segurança com relação a estas pessoas; e notamos que essas duas provas acham-se em toda parte no Novo Testamento. Uma delas refere-se principalmente à nossa fé; a outra, principalmente à nossa prática. Mais uma vez, temos aqui a fé e as obras; elas andam juntas, e jamais devem ser separadas. São indissoluvelmente unidas; e de nada vale ter uma sem a outra.

Este é um tema constante em todo o Novo Testamento. Vejam, por exemplo, o capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios, onde o apóstolo afirma que é inútil um homem dizer que tem fé, ou que pode falar nas línguas dos homens e dos anjos, ou que tem certos dons extraordinários, se lhe falta amor. A Epístola de Tiago diz igualmente que "a fé sem obras é morta" (2:20). Sem obras, a fé, assim chamada, não passa de uma crença intelectual. A prova da verdadeira fé é que ela se mostra em ação. Aqui o apóstolo nos confronta com estas duas coisas juntas - "Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos..." De todas as muitas coisas que o apóstolo tinha ouvido a respeito dos efésios, e das diversas provas que podem ser aplicadas, diz ele que estas duas coisas o habilitam a dar graças a Deus por eles sem dificuldade.

O primeiro fato concernente a eles é a sua "fé no Senhor Jesus" (cf. a VA), ou, como se poderia traduzir, "a fé que entre vós há" (como na Versão de Almeida). Refere-se à sua fé individual, pessoal no Senhor Jesus. Naturalmente, isso é o que há de mais vital; é o que podemos chamar a *differentia* * da fé cristã. Esta é a prova central, vital, segura. Não devemos colocar na primeira posição a nossa maneira de viver; não devemos colocar na primeira posição a nossa conduta e o nosso comportamento. Existe no mundo muita gente boa, muitas pessoas bondosas, muitas pessoas de boa moral, muitas

' Diferença. Em latim no original. Nota do tradutor.

pessoas benévolas que não são cristãs. Muitas nem mesmo se dizem cristãs; de fato, podem ser opositoras à fé cristã. Mas, quanto à vida e ao modo de viver, são boas pessoas. Evidentemente, pois, não é este o ponto no qual devemos começar.

Também devemos indicar que não é o homem de idéias nobres que importa, nem o seu idealismo; um conceito vago, geral, benevolente, idealista não significa que o homem é cristão. É preciso dar ênfase a isso no presente por causa da confusão que existe a respeito. Dificilmente se pode ler uma notícia obituária acerca de um grande homem nos jornais sem que haja alguma confusão. O tipo de observação que geralmente se faz sobre um homem que morreu é que ele não era cristão, porém era um grande homem, um homem que fazia muitos benefícios e que tinha muitas idéias nobres com relação à vida; depois, para resumir tudo, acrescentam: "Não podemos dizer que ele foi formalmente cristão, mas ..." O que eles querem dizer é que, embora ele não dissesse que era cristão, e não fosse membro de igreja e não subscrevesse os credos cristãos, não obstante era cristão. Ninguém poderia ter tido uma vida tão maravilhosa sem ser cristão. Noutras palavras, a vida, ou as idéias, ou a nobreza de caráter de um homem, ou a sua preocupação com a elevação da raça ou com o melhoramento da vida em geral, determinam se ele é cristão. A característica peculiar dos dias atuais é esta completa confusão sobre os primeiros princípios e sobre as definições primordiais; e, que pena, essa não é apenas a verdade em termos gerais, mas até com relação ao segmento mais fundamentalmente evangélico da Igreja Cristã! Os referenciais estão ficando cada vez menos distintos, e o clamor hoje é; "Não se preocupem com definições. Se um homem se diz cristão, ele é cristão; trabalhemos juntos".

Contudo, devemos ir até mais longe. Tampouco devemos começar perguntando se a pessoa crê em Deus. Não é essa a prova verdadeira, pois há muitos no mundo que crêem em Deus e não são cristãos. Os judeus, que deram morte ao Filho de Deus, criam em Deus. Atualmente, os judeus ortodoxos, que podem opor-se fortemente ao cristianismo, crêem em Deus. Os maometanos e outros são crentes em Deus. Daí a ênfase do apóstolo: "a vossa fé no Senhor Jesus". Ele, esta bendita Pessoa, tem que estar no centro. Esta prova inclui todas as provas. Se um homem crê no Senhor Jesus, necessariamente crê em Deus, e as suas idéias gerais só podem ser corretas. Esta prova é totalmente abrangente. Por isso o

apóstolo não se preocupa muito com as outras provas, mas vem logo ao centro. Ao que lhe parece, ele agiu com base no princípio frequentemente empregado na esfera da química. Um químico que está tentando identificar uma substância conta com diversas provas que se pode aplicar, entretanto, se ele tem pressa, não se dá ao trabalho de utilizar todas as provas possíveis; imediatamente aplica a prova cabal e definitiva. Na esfera do cristianismo a prova definitiva é o próprio Senhor Jesus Cristo, pelo que diz o apóstolo: "a vossa fé no Senhor Jesus".

O cristão é alguém em cuja vida e em cuja perspectiva global o Senhor Jesus Cristo ocupa o lugar central. Ele vê tudo em Cristo. Começa com Ele, e com Ele termina. Jesus Cristo veio a ser o fator controlador em toda parte. Há muitas pessoas religiosas e muitos movimentos religiosos hoje em dia que são muito ativos e

zelosos, e que conquistam os seus convertidos, assim chamados, mas muitas vezes Jesus Cristo não é mencionado por eles. Eles falam sobre "Vir a Deus", "Ouvir a Deus", etc., sem que Cristo seja mencionado. Isso, por definição, não é cristianismo, por melhor que eles pareçam e por mais religiosos que sejam. O cristão é alguém que vê e acha tudo em seu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Vejamos como o apóstolo, em muitos lugares dos seus escritos, salienta esta verdade. Na Epístola aos Filipenses ele adverte os seus leitores contra certos judaizantes que percorriam as igrejas dizendo: "Sim, é certo crer em Jesus Cristo, mas também você precisa ser circuncidado", você precisa tornar-se judeu, em acréscimo, por assim dizer. O apóstolo responde a esse ensino com esta asseveração: "Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne" (3:3). Termos fé no Senhor Jesus significa que vemos todas as coisas nEle, vemos que ele é nosso tudo em tudo. Se um homem me diz que tem fé no Senhor Jesus, com isso me diz que não tem fé em si mesmo, que ele passou a ver que a sua própria justiça não passa de refugio, é trapo imundo, é inútil e indigna. Ele não tem confiança na carne, não tem confiança em si mesmo; ele confia total e inteiramente no Senhor Jesus Cristo e em Sua obra a favor dele. Ter fé no Senhor Jesus significa que você confia nEle completa, inteira e absolutamente. Significa que você crê que Ele veio a este mundo para salvar você e que é Ele mesmo que o salva.

Dou ênfase a isto porque há alguns que parecem pensar que ter fé no Senhor Jesus significa que você acredita que Ele veio a este

mundo para dizer-lhe que Deus o ama e que Deus perdoa os seus pecados. Mas, como eu entendo o Novo Testamento, não é essa a fé no Senhor Jesus. Aquelas pessoas ensinam que a cruz é apenas uma declaração do fato de que Deus está pronto a perdoar-nos, que até está pronto a perdoar a própria cruz. Todavia, se fosse assim, o Senhor Jesus não seria o Salvador; simplesmente estaria anunciando que Deus perdoa e que a salvação é possível. Contudo, o Novo Testamento nos diz que o Senhor. Jesus é, pessoalmente, o Salvador, que Ele veio ao mundo para salvar-nos. É Ele, e o que Ele fez por nós, que constituem o meio da nossa salvação. É isso que significa "fé no Senhor Jesus". Noutras palavras, significa que se ele não viesse não haveria salvação. Mas, de acordo com o outro ensino, Deus ainda perdoaria e nos daria esta mensagem de maneira lancinante e comovente. Dizem eles que Deus está fazendo isso pela manifestação de Seu amor na cruz, quando perdoou os que O mataram, e com isso anunciaram o amor de Deus. No entanto, não é isso que o Novo Testamento quer dizer quando declara que Ele é o nosso Salvador. Ele assevera que nEle "temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas". A fé no Senhor significa, pois, que eu lanço minha inteira esperança sobre Ele e sobre o que Ele fez a meu favor; significa que eu não tenho nenhuma confiança em minha vida, em meus atos, nem nos de ninguém mais; que eu compreendo que sou um

pecador perdido e sem esperança, e que só sou salvo "graças ao sangue e à justiça de Jesus". Um hino escrito pelo conde Zinzendorf e traduzido do alemão por João Wesley expõem essa verdade perfeitamente -

Jesus, Teu sangue e Tua justiça São meu adorno e minha veste;

No mundo atroz, com tal peliça,

Minha cabeça eu ergo alegre.

É com essa veste que ousarei levantar-me no grande dia vindouro. Fé no Senhor Jesus significa que não tenho interesse por nenhuma outra coisa, e não ponho a minha confiança em parte alguma, senão nEle e em Seu sangue e em Sua justiça, a qual me é dada.

Mas eu devo chamar a atenção pela maneira pela qual o apóstolo expõe este assunto. Observem que ele diz "fé no *Senhor* Jesus". Sempre devemos prestar atenção em cada termo empregado

pelo apóstolo. Ele estava escrevendo sob a inspiração do Espírito Santo, e por isso ele nunca faz coisa alguma ao acaso ou acidentalmente. Quando varia as suas expressões e os seus termos, tem boa razão para fazê-lo. Já vimos que ele fez uso deste nome umas quinze vezes neste capítulo. Referiu-se a Ele como "Cristo Jesus", como "Jesus Cristo", como "o Senhor Jesus Cristo", etc.; mas aqui ele diz deliberadamente: "fé no Senhor Jesus". Não fé em Jesus Cristo, não fé no Senhor Jesus Cristo, não fé em Jesus, mas "fé no Senhor Jesus". No versículo 17 temos a expressão "o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo" - a expressão completa; mas aqui, "o Senhor Jesus". A explicação deve ser que, como ele está aplicando a prova definitiva, usa os elementos puramente essenciais, o mínimo. Seu objetivo imediato é chamar a atenção para a Pessoa. Sua tese é que o Salvador é Alguém do qual posso dizer ao mesmo tempo que Ele é o Senhor, e também Jesus. Ele é Deus, Ele é homem. A expressão é totalmente inclusiva; entre "Senhor" e "Jesus" tudo está incluído.

Senhor e *Jesus* são os dois pólos, os extremos que incluem tudo. O Salvador do cristão é o Senhor da glória, a substância da substância eterna, a segunda Pessoa da bendita e santa Trindade, o Filho eterno; todavia, Jesus também. "Chamarás o seu nome Jesus" (Mateus 1:21). Este Senhor é o bebê em Sua completa debilidade, Aquele que desceu e Se rebaixou tanto, o homem, Aquele que foi para a cruz, Aquele que foi sepultado, Aquele que ressuscitou. Tudo está incluído ali em "Senhor Jesus".

Já nos maravilhamos diversas vezes face a estas verdades estonteantes nos catorze primeiros versículos, mas hoje, mais que nunca é necessário repeti-las

constantemente. Só é cristão quem crê que Jesus de Nazaré é o Filho eterno de Deus. O cristão crê na encarnação, no nascimento virginal e no milagre envolvido nesse nascimento; crê na geração eterna do Filho, dedica a Ele nada menos que a expressão - o Senhor! Noutro lugar vemos o apóstolo referir-se a Ele como "o grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13). Tal é Aquele em quem unicamente se fixa a nossa fé.

O apóstolo, defendendo o mesmo ponto na Primeira Epístola aos Coríntios, diz no capítulo 12: "Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (versículo 3). O homem natural não crê nisso; os príncipes deste mundo não O reconhecem, "porque se (O) conhecessem, nunca crucificariam o Senhor da glória" (1 Coríntios 2:8). Pensavam que ele era homem somente, um carpinteiro, Jesus; não se aperceberam de que ele era o Senhor.

Na expressão, "Senhor Jesus", temos o "mistério da piedade", a saber, que Deus "se manifestou em carne" (1 Timóteo 3:16), juntamente com tudo o mais que se seguiu ao nascimento em Belém. Daí usar o apóstolo estas expressões; ele está exatamente desejoso de focalizar a atenção na Pessoa como tal.

Naturalmente, se uma pessoa crer nisso, não terá nenhuma dificuldade em crer nos milagres realizados pelo Senhor Jesus. Quando Deus está na terra, o crente espera o sobrenatural e o miraculoso; e assim não tropeça nas narrativas dos milagres, nem tenta explicá-los psicologicamente. O Senhor Jesus é Aquele em quem repousa a minha fé. Não posso salvar-me; homem nenhum pode salvar-me; mas o Senhor Jesus pode. Essa é a fé que caracteriza o cristão; e nada menos que isso pode satisfazê-lo. Somente Deus pode salvá-lo, Deus em carne, o Senhor Jesus. Crer no Senhor Jesus diz-me porque Ele veio e explica o que Ele fez. Quando contemplo tal Pessoa e considero por que o Filho de Deus veio, vejo que há somente uma resposta: "Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que esta-vam debaixo da lei" (Gálatas 4:4-5). Ele viveu como homem, e "em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Ele é verdadeiramente Jesus, o homem, e em nada foi poupado nesse aspecto. Veio para prestar obediência à lei de Deus, e o fez. Veio para levar sobre Si a penalidade que a lei impõe ao pecado, e o fez. Jesus é o Crucificado. Ele era o Senhor que foi crucificado. Filho de Deus, Deus o Filho, morreu por mim e por meus pecados. Está tudo incluído aqui, nesta Epístola aos Efésios.

Finalmente devemos ressaltar que não se pode separar o Senhor e Jesus. A Pessoa é una e indivisível. Ele é sempre o Senhor. Não há isso de "vir a Jesus". Num sentido, o homem não pode nem vir a Cristo. Só pode vir ao Senhor Jesus. Se esta doutrina está certa, o homem não pode aceitá-10 somente como Salvador e, mais tarde, talvez, aceitá-10 como Senhor, pois Ele é sempre o Senhor. Aquele que morreu pelos nosso pecados é o Senhor. E Ele morreu pelos nosso pecados porque o pecado está sob a

ira de Deus; é transgressão contra a lei, é inimizade contra Deus, e assim tem que ser punido. Se eu digo que necessito de um Salvador, é porque eu necessito de um Salvador que me salve do pecado, estando incluída a libertação do poder do pecado e de tudo quanto se relaciona com o pecado. Se tenho uma concepção verdadeira do pecado, não posso somente pedir que eu seja perdoado. Também devo desejar

ser libertado do poder e da corrupção do pecado. Não podemos crer "em Jesus" omitindo "o Senhor". Cremos numa pessoa indivisível. Nele há duas naturezas em uma só Pessoa; e quando cremos nEle, cremos nEle como o Senhor da glória e o Senhor da nossa vida. Quando cremos nEle, cremos que Ele morreu pelo nossos pecados, que Ele nos comprou, adquiriu-nos, resgatou-nos. Quando cremos nisso, nós nos entregamos a Ele. Não "vimos a Jesus", não cremos em Jesus; vimos ao Senhor Jesus, cremos nEle como Ele é.

O apóstolo é sempre cuidadoso nesta questão. Por exemplo, vemos isso escrito na Epístola aos Colossenses: "Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele". Não podemos recebê-lO como coisa alguma, senão como o Senhor, e, portanto, o Senhor da nossa vida. Você tem esta fé no Senhor Jesus? Você descansa sua fé unicamente nEle como Aquele que morreu para expiar as suas transgressões? Você pode dizer:

"Em Cristo a sólida Rocha, permaneço;

Toda outra base é areia movediça?"

Você está completamente comprometido com Ele? Sua fé é inteira, completa, exclusivamente nEle, o Deus-homem, o Senhor Jesus?

Passemos agora ao segundo aspecto, que é, "e o vosso amor para com todos os santos". Um segue o outro como a noite segue o dia. Como eu já disse, este é o argumento da Primeira Epístola de João. Na verdade é o argumento que se vê em todas as partes do Novo Testamento. O apóstolo Pedro tendo lembrado aos destinatários da sua Primeira Epístola que eles tinham purificado as suas almas na obediência à verdade mediante o Espírito para o amor fraternal não fingido, imediatamente passa a dizer: "Amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro" (1:22). Por natureza nos odiamos uns aos outros, como o apóstolo no-lo relembra. "Porque também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros" (Tito 3:3) - o homem em seu estado natural, não redimido! Mas Paulo soube que os cristãos de Efeso amam todos os irmãos; e por isso sabe que alguma coisa acontecera com eles.

Além disso, o homem natural, o não cristão, o homem que não nasceu de novo, não tem o mínimo interesse pelos cristãos. Geral-

mente não gosta deles, porque os acha insípidos e desinteressantes, e acha que eles têm mente estreita. São essas as expressões que ele usa a respeito dos cristãos, e certamente não gostaria de passar horas na presença de uma pessoa desse tipo. Ele percebe que não há nenhuma afinidade, nenhuma comunhão de interesses. Segue-se, pois, que quando se pode dizer de um homem que ele ama os santos, você pode estar certo de que a esse homem foi dada uma nova natureza, de que ele nasceu de novo. Isso é algo completamente inevitável. Os semelhantes se atraem: "Aves de igual plumagem voam juntas". "O sangue é mais denso do que a água". [2] Estamos prontos a perdoar em pessoas relacionadas conosco por laços de sangue coisas que não perdoaríamos noutras pessoas, porque somos do mesmo sangue; pertencemo-nos mutuamente, há esta comunhão de interesses. Por isso, quando nos vemos começando a ter esses sentimentos acerca dos cristãos, acerca dos santos, temos uma prova de que só podemos ser um deles. Há comunhão de interesses, e sentimos que pertencemos à mesma família. Esta é a verdade imutável acerca do cristão. Paulo tinha ouvido que estes efésios amavam os santos; gostavam de estar com eles, gostavam de passar o tempo com eles; eles eram as pessoas das quais eles gostavam mais do que de quaisquer outras.

Às vezes dou graças a Deus por esta prova, quando satanás me ataca, quando ele me pressiona duramente com as suas acusações e me empurra para um beco sem saída. Nessas ocasiões, alegra-me poder rebatê-lo com este argumento, e dizer-lhe: "Bem, o que quer que seja, prefiro passar o meu tempo na companhia do mais humilde cristão do que na do maior homem da terra, que não seja cristão". O diabo não tem resposta para isso; é uma das provas finais da salvação. Ou, exponhamos a matéria de maneira diferente: é uma prova de que o Espírito Santo está em nós. Não podemos amar verdadeiramente, se o Espírito Santo não estiver residindo dentro de nós. É Ele que produz o amor, especialmente o amor dedicado a todos os santos. Portanto, se amamos os santos, é prova de que o Espírito Santo está em nós. O apóstolo já se referira ao Espírito Santo como "selo", "penhor", e como aquele que habita em nós; e amar os irmãos, amar os santos, é prova disso. O apóstolo

João, no capítulo 3 da sua Primeira Epístola, diz: "E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros" (versículo 23).

Demais disso, podemos asseverar que, se amamos todos os santos, é prova do fato de que amamos também a Deus. Isso funciona da seguinte maneira: eu os amo porque eles estão na mesma relação com Deus em que eu estou; são pessoas que foram escolhidas e separadas do mundo, que foram transferidas do reino das trevas para o reino do amado Filho de Deus. Eu e estas pessoas estamos andando por este mundo de pecado rumo ao céu, e vou passar a eternidade com elas. Todos nós contemplamos tal prospectiva gloriosa juntos, graças ao admirável amor de Deus. Eu não o mereço; elas não o merecem; juntemo-nos, pois, no louvor a Deus. Se as amo,

por certo amo a Deus, pois Ele fez delas o que elas são, e fez de mim o que eu sou; por isso juntos podemos atribuir a glória a Ele. Paulo não tinha necessidade de dar todos os pormenores; ele declara uma coisa que cobre tudo mais. Se você ama os irmãos, se você ama os santos, isso garante todas estas outras coisas. E uma prova totalmente inclusiva.

Notem que o apóstolo declara que soubera do amor deles "para com *todos* os santos". Não só amavam aqueles dos quais já gostavam; mas todos os santos. Não só os inteligentes, não só os cultos, não só os agradáveis, não só os que pertenciam a determinada camada social - não, *todos* os santos. O cristão sempre tem uma nova prova para cada um e para cada coisa. Quando se encontra com alguém pela primeira vez, ele não repara na roupa dele, não repara na sua aparência externa geral. Essa é a maneira carnal de avaliar as pessoas. Ele não fica a perguntar-se: de onde ele veio? Que escola freqüentou? Qual é seu saldo bancário? Já não são essas as suas perguntas e as suas provas. Ele só se interessa por uma coisa agora: ele é filho de Deus? Ele é meu irmão em Cristo? Somos parentes?

Conta-se uma boa história relacionada com Philip Henry, pai do comendador Matthew Henry. Ele e certa jovem se apaixonaram. Ela pertencia a um círculo social mais "alto" do que o dele, mas se tornara cristã e, portanto, a questão de posição social deixara de ter valor para ela, ou não constituía nenhum tipo de obstáculo para o casamento deles. Seus pais, porém, não gostaram e, discutindo com ela, perguntaram: "Esse homem, Philip Henry, de onde veio?", a que ela deu a imortal resposta: "Não sei de onde ele veio, mas sei

para onde vai". Amamos os santos porque sabemos para onde eles vão. Juntos caminham para Sião. Pertencemos ao mesmo Pai, à mesma casa, à mesma família; vamos indo para o mesmo lar, e sabemos disso. Alguns de nós são muito difíceis, muito molestos e muito indignos; entretanto, graças a Deus, visto que somos filhos de Deus, estamos viajando juntos para o nosso lar celestial; e sabemos que virá o dia em que todos os nosso defeitos, manchas, máculas e rugas desaparecerão, e, todos juntos, seremos glorificados e aperfeiçoados, gozando a mesma eternidade gloriosa.

São essas as duas provas cabais e definitivas de toda a profissão do cristianismo, que podemos aplicar-nos uns aos outros. Lembremos a ordem em que o apóstolo as coloca. Ele não coloca o "amor para com todos os santos" antes da "fé no Senhor Jesus". Mas isso está sendo feito hoje em dia, em larga escala. Dizem-nos que "não nos preocupemos com definições", que a teologia não importa, que aquilo em que a pessoa crê é irrelevante, que devemos amar a todos os que se dizem cristãos. Todavia essa não é a ordem apostólica. O apóstolo jamais se interessou por sentimentos vagos. "A fé no Senhor Jesus" tem que vir em primeiro lugar; então, e somente então, mas definitivamente então, "o amor para com todos os santos". E ninguém é santo, a menos que tenha fé no Senhor Jesus. Coloquem ambos na ordem

certa, mantenha-nos na ordem certa, e depois insistam em ambos. O primeiro mandamento para o cristão não é que nos amemos uns aos outros, e sim que creiamos no Senhor Jesus. É nos dito acerca dos primeiros discípulos que eles "perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações" (Atos 2:42). Hoje se coloca a comunhão em primeiro, e a doutrina é quase considerada como um empecilho e um obstáculo. Por essa razão, na atualidade a Igreja está nas perigosas condições em que se acha. Ela se afastou da ordem apostólica - fé no Senhor Jesus primeiro, doutrina primeiro; e depois "amor para com todos os santos".

1

Versão Autorizada (inglesa); cf. Almeida, Revista e Corrigida, margem. Nota do tradutor.

2

Alguns ditados correspondentes: "Dize-me com quem andas, e te direi quem és"; "Farinha do mesmo saco ..."; "O sangue fala mais alto...". Nota do tradutor.

“O PAI DA GLÓRIA”

“Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações; para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação

- Efésios 1:15-17

Aqui o apóstolo diz aos cristãos efésios que está orando por eles, que não cessa de dar graças a Deus por eles, fazendo menção deles em suas orações a Deus. Já observamos que a sua oração se divide, como toda oração sempre deveria dividir-se, em ação de graças, que inclui adoração e culto geral, e depois petição. Agora vamos considerar como o apóstolo faz as suas petições a Deus. Temos aqui uma grande lição objetiva neste aspecto. Talvez não haja nenhum outro aspecto da nossa vida cristã que tantas vezes levante problemas nas mentes da pessoas como a oração. E é certo que seja assim, porque a oração é, afinal de contas, a mais elevada atividade da alma humana.

Estou certo de que todo pregador concordará que a pregação é relativamente simples, comparada com a oração, porque quando alguém prega, está falando aos homens, mas quando alguém ora, está falando a Deus. Muitos acham difícil concentrar-se, outros acham difícil saber o que falar e como formular as suas petições, e assim por diante. No momento em que vocês levarem a sério a oração, começarão a aprender algo sobre o seu caráter profundo. Naturalmente, os que “dizem as suas orações” mecanicamente, não sentem nenhuma dificuldade; tudo parece tão simples! Apenas repetem a oração “Pai Nosso” e fazem algumas petições, e imaginam que já oraram. Contudo, uma pessoa assim nem começou a orar. Assim que vocês começarem a encarar o que realmente acontece na oração, inevitavelmente verão que ela é a atividade mais profunda na qual se engajaram. Quão pouco temos orado! Quão pouco sabemos sobre a oração! Não é de se admirar que os discípulos se voltassem para ele um dia e dissessem: “Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos” (Lucas 11:1). Mas

provavelmente naquele momento eles não estavam pensando em João e seus discípulos; eles estiveram observando o seu Senhor e como Ele repetidamente Se retirava para orar. Não hesito em asseverar que, se vocês nunca sentiram algo do que aqueles discípulos sentiram, e fizeram aquela petição, é certo que vocês jamais oraram em sua vida. Se vocês nunca sentiram dificuldade, é porque jamais compreenderam o que a oração envolve.

Portanto, ao encararmos toda esta questão da oração, não podemos, não podemos

fazer nada melhor do que observar alguns dos grandes modelos e exemplos que temos nas Escrituras com tanta abundância. Entre tais exemplos, certamente não há nenhum maior do que o próprio apóstolo Paulo. Observemo-lo quando ele ora. Afortunadamente, não somente aqui, neste capítulo, porém também noutros lugares, ele nos diz como ora, e nos diz algo do que a oração significa para ele. Vejamo-lo e notemos tudo o que ele diz, observemos cada uma das suas palavras.

É fácil ler uma declaração como a que estamos estudando e supor que não passa de certo número de palavras sem muita significação. Felizmente o apóstolo se dá ao trabalho de contar-nos exatamente o que ele diz na oração e por que ora como ora; e, se tivermos êxito em captar a essência do seu ensino, este fará todos os manuais sobre oração parecerem totalmente desnecessários. Há os que se interessam pela questão da postura: devemos ajoelhar-nos? Devemos ficar de pé? Devemos prostrar-nos? Os manuais sobre oração geralmente tratam dessas questões, e também do tempo que se deve passar em oração, da ordem das nossas petições, e assim por diante. Concedo que, dentro de certos limites, há lugar para tais coisas; mas, quando lemos a literatura sobre a questão da oração, e sobre as vidas dos santos, vemos que esse tipo de abordagem tende a caracterizar o que podemos descrever como o conceito católico--romano sobre o culto. Por outro lado, o conceito protestante, certamente o conceito mais espiritual, dá muito menos atenção a esses detalhes, pois quando estamos bem no centro, e preocupados com os princípios fundamentais, estas outras coisas tendem a cuidar de si mesmas.

A primeira coisa que observamos é que o apóstolo ora a Deus o Pai. Ele não ora ao Senhor Jesus Cristo, não ora ao Espírito Santo. Não devemos dar exagerada atenção a esta questão, apesar de ter tomado a atenção de teólogos e expositores, e com razão. Certa-

mente é um assunto sobre o qual não podemos falar em termos finais, pois é um grande mistério. O próprio Senhor nos ensinou que a vida eterna é "conhecer o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Ao cristão é possível ter comunhão com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo, e não somente mediante o Espírito Santo, mas também com o Espírito, como John Owen e outros ensinaram. Não obstante, é interessante observar que a Bíblia, geralmente falando, ensina-nos a dirigir as nossas orações a Deus o Pai.

Faço uma pausa na argumentação por uma única razão, a saber, que muitos cristãos parecem pensar que a marca por excelência da espiritualidade é orar ao Senhor Jesus Cristo. Mas quando recorremos às Escrituras, descobrimos que realmente não é assim, e que, como na passagem que estamos estudando, normalmente as orações são elevadas ao Pai. O Senhor Jesus Cristo é o Mediador, não é o fim; Ele é que nos leva ao Pai. Vamos ao Pai por intermédio dEle; Ele é o grande Sumo Sacerdote; é o nosso representante. Normalmente não oramos a Ele, mas ao Pai, em nome do Senhor

Jesus Cristo, mediante o Senhor Jesus Cristo, confiantes no Senhor Jesus Cristo. Como o apóstolo Pedro nos faz lembrar, tudo o que Ele fez destina-se a levar-nos a Deus, não a Ele. Não devemos dar demasiada importância a isso, porém, é importante que o observemos porque há um inimigo por perto que está sempre pronto a fazer com que nos extraviemos; e a persuadir-nos a dar falsa ênfase a certas questões.

Às vezes penso que, talvez, o maior perigo que confronta os evangélicos na presente hora (e falo com reverência) é dar tanta ênfase à Pessoa do Filho que nos esquecemos do Pai. Falhamos, não compreendendo que o Filho veio para glorificar o Pai e levarmos a Ele. Neste aspecto somos frequentemente mal guiados pelos hinos, em muitos doa quais são elevadas orações ao Senhor Jesus Cristo, e ao Espírito Santo. Um exercício proveitoso é comparar os hinários com as Escrituras neste ponto. O apóstolo Paulo, especificamente, como vemos aqui e em toda parte nesta e noutras Epístolas, eleva a sua oração a Deus o Pai.

A segunda questão que observamos é a maneira pela qual o apóstolo ora ao Pai. Prestemos bastante atenção nos seus termos e perguntemos a nós mesmos por que ele diz certas coisas e expressa seus pensamentos como o faz. Á melhor maneira de tirar proveito da leitura das Escrituras e formular perguntas das Escrituras, é

tomar cuidadosamente cada frase e perguntar: "Por que ele disse isto, por que disse aquilo?" A primeira coisa que observamos é que o apóstolo faz pausas para lembrar-se de certas coisas. Ele está escrevendo aos cristãos efésios e procura faze-los lembrar-se das riquezas da graça de Deus e do seu regozijo pelo fato de que eles a experimentaram. Ele deseja dar graças a Deus por eles, mas antes faz uma pausa para lembrar-se do que vai fazer. Em particular, lembra-se dAquele a Quem vai falar. Este é um ponto de vital importância quanto à oração; na verdade estou disposto a asseverar que é a chave de toda a questão da oração. Vou além, e sugiro que, em última análise, todas as dificuldades relacionadas com a oração surgem porque não fazemos o que o apóstolo invariavelmente fazia. Ele não se põe de joelhos nem fica de pé - não toma esta ou aquela postura - ele começa imediatamente. Ele pára, faz pausa, recorda, medita, fala primeiro consigo mesmo, e procura lembrar-se do que ele está prestes a fazer. Lembra-se dAquele a Quem ele vai falar. Se todos nós fizéssemos o mesmo, começaríamos a orar verdadeiramente, talvez pela primeira vez.

Todos nós somos propensos a ser criaturas dos extremos; tendemos a oscilar de um extremo a outro; e assim há dois excessos comuns em relação à oração. Um deles é adotar o conceito litúrgico da oração, que concentra a atenção na beleza do culto, na beleza da linguagem das frases, na beleza das palavras e da dicção, no equilíbrio e na perfeição das formas, disposições e cerimônias. Isso se aplica ao tipo católico de culto, seja romano, ortodoxo ou anglicano. Pode ser muito bonito; mas certamente,

falando em termos gerais, tende a ser distante; há tanta ênfase à beleza, à grandeza e à sublimidade que de algum modo sente-se que Deus está muito longe, à distância, e em torno disso há uma sensação de irrealidade. Pode estar bem próximo da perfeição do ponto de vista estético ou artístico, contudo não sugere um ato vivo de culto.

O perigo que surge é que muitos de nos, em reação ao tipo litúrgico de culto, correm para o outro extremo e consideram a oração apenas como uma série de petições telegráficas, sem nada de adoração, culto ou louvor. De fato, alguns parecem pensar que isso é sinal de grande espiritualidade. Acham que têm tanta familiaridade com Deus e se sentem tão seguros da sua posição diante dEle, que podem correr para a Sua presença, e levar uma ou duas sentenças de petição, e terminar. Mas certamente ambos os extremos são errôneos; e no modelo e exemplo dado pelo grande apóstolo vemos

que ele invariavelmente combina o que é bom e certo nos dois métodos extremos. Os dois elementos estão sempre presentes, e ele invariavelmente os coloca na ordem certa. Ninguém sabia orar melhor do que este apóstolo; e não houve ninguém que tenha obtido maior abundância de respostas às suas orações. Ele ora com confiança, com acesso ousado, e com certeza; e, todavia, o outro elemento de culto e adoração, estava sempre lá e sempre vinha em primeiro lugar.

Todos nós só temos que sentir-nos culpados quando nos examinamos à luz do ensino e dos métodos do apóstolo. Paramos de pensar, de recordar, e de lembrar a nós mesmos o que de fato estamos fazendo quando oramos. Eu, pessoalmente, estou pronto a admitir que muitas vezes falho nesse aspecto. Um dia, recentemente, quis dar graças a Deus em certa questão; mas na ocasião eu também tinha em mãos uma responsabilidade que requeria urgente atenção. Eu estava a ponto de elevar uma apressada palavra em ação de graças a Deus para poder atender à tarefa urgente; todavia, percebendo o que estava acontecendo, de repente disse a mim mesmo: "Não é essa a maneira de agradecer algo a Deus; você se *dá* conta de quem é Aquele a quem você está prestes a dar graças?" É preciso pôr tudo de lado quando você se dirige a Ele; tudo, todos, todas as coisas, por mais urgentes que sejam. Em que se comparam com Ele? Pare! Faça uma pausa! Espere! Recorde! Trate de aperceber-se do que está fazendo.

Portanto, ouçamos o apóstolo quando ele se lembra de certas coisas concernentes a Deus, antes de proferir uma palavra. Ele ora, ele diz: "Ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo". Por que é que ele começa as suas palavras acerca da oração dessa maneira? Porque ele não diz, "Vou orar", e descreve a sua petição? A resposta é que ele diz deliberadamente que não está orando a um Deus desconhecido. Ele não está, como diz certo poema, "agradecendo a quantos deuses haja, sua alma indomável". Não! Ele está indo à presença de Deus, que lhe é conhecido, o Deus que

Se fez conhecido, o Deus que Se revelou a Paulo, não de maneira incerta.

No Velho Testamento vemos que o salmista e outros oravam ao "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó". É-nos difícil compreender o que tal frase significava para um santo do Velho Testamento. Ele tinha visto algo do poder e da majestade de Deus numa tempestade tonitruante ou numa praga ou na vitória sobre algum inimigo. Deus tinha manifestado o Seu poder e tinha dado aos judeus

alguma concepção da Sua grandeza. Tinha uma tendência de temer aproximar-se de Deus. Mas então se lembravam de que este Deus era o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, o Deus de seus pais, o Deus de Israel. E isso os fazia sentir que estavam orando a um Deus que eles conheciam.

Isso constitui uma parte essencial do ensino do Velho Testamento. O israelita piedoso conhecia a Deus, seu Criador, como o Deus da aliança, e como o Deus cumpridor da aliança. Quando com temor e o tremor ia à presença do Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o que efetivamente dizia era: "Ó Deus, venho a Ti compreendendo que Te revelaste aos meus pais, que disseste certas coisas, que fizeste uma aliança com meu povo, povo ao qual eu tenho o privilégio de pertencer, e, portanto, a aliança é comigo". Deus fez uma aliança com Abraão prometendo que em sua semente seriam "benditas todas as nações da terra", e que abençoaria particularmente a sua semente. Ele tinha garantido, tinha prometido com juramento, e o tinha confirmado com juramento. "As promessas foram feitas a Abraão e à sua semente" (Gálatas 3:16, VA), e essas pessoas pertenciam àquela semente pelo que iam à presença de Deus na confiança e no poder da Sua promessa: "O Deus de nossos pais", "o Deus de Abraão, e o Temor de Isaque" (Gênesis 31:42). "O Deus de Jacó", o Deus de Peniel. Eles iam à Sua presença com confiança, conhecendo-0 da maneira pela qual Ele Se revelara.

Contudo, o apóstolo não ora ao "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó"; ele ora ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo"; e faz isso porque há uma nova aliança. Deus agora fez uma aliança com o homem na Pessoa do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Esta é a "aliança da graça", a "aliança da redenção" aparecendo numa nova forma. Na essência, é a mesma aliança antiga, mas agora é na Pessoa do Filho, o segundo Adão, o novo homem. O representante da raça humana é o Senhor Jesus Cristo, e Deus fez aliança com Ele por Seu povo. Assim, quando Paulo se lembra de que está orando ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo", ele se lembra de que está orando ao Deus da nossa salvação, ao Deus que originou e ocasionou todas as coisas que estivemos considerando do versículo 3 ao versículo 14 do presente capítulo. Ele está orando ao Deus que, antes da fundação do mundo, escolheu-nos e elegeu-nos, e planejou Seu glorioso propósito em Cristo para a nossa final e completa salvação. Que diferença faz para a oração quando você começa a orar dessa maneira! Você não vai mais à presença de Deus com

incerteza, ou com dúvidas e indagações se Ele vai recebê-lo; você se lembra e compreende que está orando porque Ele lhe fez algo e o atraiu para si em "nosso Senhor Jesus Cristo" e por meio dEle. Você compreende que está se aproximando do "Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas" (Hebreus 13:20).

Paulo, porém, vai mais longe, pois as suas palavras nos lembram que Deus é de fato o Deus do Senhor Jesus Cristo. Porventura compreendemos o que isso significa? Na eternidade Deus o Pai não era o Deus de Deus o Filho, embora a relação do Pai e do Filho tenha existido eternamente. Mas quando o Senhor Jesus Cristo veio a terra e Se fez "semelhante aos homens", assumindo a "semelhança da carne do pecado", agora buscava o Pai como homem, e assim Deus tornou-Se o Seu Deus. Desse modo Ele podia falar em "meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (João 20:17). O Deus a quem busco, é com efeito o que Paulo diz, é o Deus de Jesus, meu Senhor, é o Deus do Senhor Jesus Cristo. Nos quatro Evangelhos lemos que o Senhor Jesus Cristo às vezes "se levantava antes do alvorecer" e subia a um monte para orar. E eu, diz o apóstolo, estou orando ao mesmo Deus a quem Ele orava.

O Senhor Jesus confiava em Deus para todas as coisas; era Deus que O sustentava. Disse ele: "As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo" (João 14:10). O Pai Lhe tinha dado tanto as palavras como as obras que as acompanhavam. Nada é tão óbvio acerca da vida do nosso Senhor como a sua total confiança em Deus o Pai. Ele recebia força e poder dEle, na verdade toda a sustentação de que necessitava. Assim é que Paulo declara que está orando ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Deus que O sustentava, o Deus que nunca O abandonou. Até mesmo o terrível momento do grito do sentimento de abandono na cruz foi imediatamente seguido por "Em tuas mãos entrego o meu espírito" (Lucas 23:46). Foi Deus que O ressuscitou dos mortos, que não O abandonou no inferno nem permitiu que Sua alma visse corrupção (Salmo 16:10; Atos 2:27). Este é o Deus a quem estou orando, diz Paulo, "o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo". Mas ainda além disso, Ele é o Deus em cuja presença o Senhor Jesus Cristo está neste momento, o Deus em cuja presença Ele é o nosso Advogado e Intercessor. Ele está assentado a mão direita cio Pai, "vivendo sempre para interceder por (nós)" (Hebreus 7:25). À luz disso tudo, podemos ir com segurança ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo".

Podemos resumir o que acima foi dito dizendo que o nosso Deus é o Deus no qual não se pode pensar com real acerto separadamente do Senhor Jesus Cristo, porque não podemos conhecer a Deus sem Jesus Cristo. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (ou "este o tornou conhecido", VA) (João 1:18). É com base nessa declaração que eu vou a Deus, ao Deus que foi revelado por Cristo; é Cristo que me leva a Deus, foi Cristo que morreu para que eu pudesse ter acesso a Ele. Chego à Sua presença unicamente de um modo, como diz o autor da Epístola aos Hebreus: "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar

no santuário pelo sangue de Jesus...” (Hebreus 10:19). Só sou admitido à presença de Deus pela vida, morte e ressurreição do Senhor Jesus. Aproximo-me do Deus que enviou Seu Filho para salvar-me e que entesourou nEle todos os tesouros da sabedoria e da graça. As riquezas da graça que eu gozo me vem do Deus de nosso Senhor Jesus Cristo. Noutras palavras, eu me aproximo do Deus que me prometeu todas estas coisas em Seu Filho; comprometeu-Se a elas em Seu Filho; fez aliança com o Filho. Jeová foi quem outorgou a aliança e a cumpre, e Ele jamais quebrará a Sua palavra. E Ele me disse estas coisas em Seu Filho - já não nos profetas, já não em partes ou tipos, mas em Seu Filho (Hebreus 1:1-3). Daí dizer o apóstolo no capítulo 3 desta Epístola: “No qual temos ousadia e acesso com confiança, pela nossa fé nele” (versículo 12). Sempre que oramos a Deus devemos lembrar-nos destas coisas, devemos aproximar-nos dEle, na plena certeza da esperança, por causa do Senhor Jesus Cristo; e nunca devemos deixar de parar e de recordar isso, e de lembrar-nos disso tudo, como invariavelmente o apóstolo fazia, antes de começarmos a falar em oração.

Mas o apóstolo acrescenta ainda mais; ele descreve o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo como “o Pai da glória”. Este acréscimo tem preocupado os comentadores. Alguns tentaram explicá-lo dizendo que significa e deve ser lido, “o Deus da glória, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. No entanto isso é fazer violência à língua grega. As duas frases são separadas e distintas, como as temos na versão inglesa, a Versão Autorizada (e em Almeida).

Permitam-me tentar expor estas palavras, com temor e tremor. Quem sou eu, para falar sobre tais palavras? Ao abordá-las, é bom que nos lembremos das palavras ditas a Moisés, junto da sarça ardente: “Tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu

estás é santo” (Êxodo 3:5). “O Pai da glória”! Não pode haver dúvida que isto significa, em parte, que Deus é em Si mesmo a origem e a incorporação de toda a glória. Há muitas frases semelhantes a essa nas Escrituras. A respeito de Deus lemos no capítulo 12 da Epístola aos Hebreus, que ele é “O Pai dos espíritos” (versículo 9). Sobre Ele também lemos na Epístola de Tiago, que Ele é “O pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (1:17). No livro do profeta Isaías Deus é descrito como “o Pai eterno” ou “Pai da eternidade” (9:6). Assim, “o Pai da glória” significa a origem, a fonte de toda a glória. Quanto à “glória”, que podemos dizer? As palavras nos falham completamente. Glória é Deus. Glória é a suma de todas as excelências, perfeições e atributos do Senhor Deus Todo--poderoso. E por isso que às vezes se faz referência a Ele nas Escrituras como “a glória”. A característica suprema de Deus é glória. Ele o é em Si mesmo. Sua essência é gloriosa. Esta é indescritível, é perfeição absoluta. Assim, só podemos ficar extasiados diante desta expressão: “o Pai da glória”.

Quando Estevão estava sendo julgado e falava ao Sinédrio, somos informados por seu discurso, no capítulo 7 de Atos, de que ele lhes lembrou a história dos filhos de Israel e disse: "O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão" (versículo 2). O Deus da glória! O Deus glorioso! Ele os estava fazendo lembrar-se de que a glória de Deus é inefável e indescritível. Ele "habita na luz inacessível", "a quem nenhum dos homens viu nem pode ver" (1 Timóteo 6:16). E esse é Aquele de quem nos aproximamos em oração.

Além disso, tudo quanto Deus faz é manifestação da Sua glória. Recordemos como Paulo terminou a sua descrição do plano de salvação com as palavras: "Para louvor da sua glória", no versículo 14. Tudo quanto Deus faz é manifestação da Sua glória. Na Epístola aos Romanos diz Paulo que Cristo foi ressuscitado dos mortos "pela glória do Pai" (6:4). Cada ato Seu é uma manifestação da Sua glória. "Os céus manifestam a glória de Deus" (Salmo 19:1). Acaso vocês vêem a glória de Deus no sol, na lua e nas estrelas, no firmamento, nas flores, em toda a criação? Todos eles manifestam a glória de Deus. Tudo o que Deus faz é glorioso, perfeito em sua beleza e em todos os outros aspectos. Falo com reverência quando digo que a maior realização do Senhor Jesus Cristo foi manifestar a glória de Deus. Em Sua oração sacerdotal, registrada no capítulo 17 do Evangelho Segundo João, Ele o diz de várias maneiras. E quando Ele descreve Sua segunda vinda, as palavras que emprega são:

"Porque o Filho do homem virá na glória do seu Pai com os seus anjos" (Mateus 16:27). Tudo o que Ele fez visava a glorificar Seu Pai. Deus, e a glória de Deus, são o fim, o término da salvação.

Mas a expressão de Paulo também pode ser legitimamente lida como "O Pai glorioso". É um hebraísmo, uma forma de expressão que se acha frequentemente na língua hebraica. Vejam como exemplo disso a declaração de Paulo de que lhe foi dado o privilégio de pregar o "glorioso evangelho do Deus bendito" (1 Timóteo 1:11 VA). Estou citando a frase como se acha na Versão Autorizada (inglesa). Todavia uma tradução melhor seria: "o evangelho da glória do Deus bendito"(como na versão de Almeida) - não "o glorioso evangelho", mas "o evangelho da glória". Portanto, no caso de "o Pai da glória", podemos ler "o glorioso Pai". Nesse caso significa que Deus o Pai não somente é glorioso, e a fonte de toda a glória, e a suma de toda a glória, Ele próprio também está disposto a manifestar e infundir essa glória. Ele é o Pai, e, como Pai, Ele dá, Ele gera, Ele transfere glória. Deus não guarda a Sua glória para Si, se posso me expressar assim; Ele a manifesta, a infunde. Ele o fez com o Filho, e assim vemos o nosso Senhor dizer no capítulo 17 do Evangelho Segundo João: "E agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse" (versículo 5). Ele tinha posto de lado essa glória com vistas ao propósito da encarnação, e agora Ele pede que possa tê-la de novo. E o Pai Lha deu. Há também a Sua oração registrada no

capítulo 12 do Evangelho Segundo João: “Pai, glorifica o teu nome” (João 12:28).

O apóstolo Pedro escreve: “E por ele credes em Deus, que o ressuscitou dos mortos e lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus” (1 Pedro 1:21). O Pai glorificou o Filho quando Este estava na terra. E ele deu-Lhe poder para realizar milagres, deu-Lhe palavras para dizer, capacitou-0 a ressurgir dos mortos; glorificou-0 em Sua morte, glorificou-0 na ressurreição. Ele é o Pai glorioso, o Pai que dá Sua glória ao Filho. Este é um pensamento que nos desnorteia por causa da sua imensidão, porém é certo dizer que, posto que ele dá a Sua glória ao Filho, está pronto a dá-la também a nós. Estamos no Filho porque Ele é o *nosso* Senhor Jesus Cristo. Ele é a Cabeça, como Paulo diz no fim do capítulo que estamos estudando, e nós somos membros do Seu corpo. Portanto, a glória que está nEle torna-se nossa; e vamos ao Pai, que nos está dando esta glória. Esperamos nEle, desejamos

conhecer mais da Sua glória. Paulo está prestes a orar para que estes efésios tenham “o espírito de sabedoria e revelação” no conhecimento desta glória, a fim de que, sendo aberto os olhos de seu entendimento, eles possam ver esta glória e recebê-la plenamente. Deus é o nosso Pai, e Ele manifestará a Sua glória a nós.

Termino citando de novo o que se registra que Cristo diz no capítulo 17 do Evangelho Segundo João: “Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste” (versículo 24). Quando vamos em oração à presença de Deus, devemos fazê-lo esperando alguma revelação desta glória. “Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Coríntios 3:18). O processo da nossa glorificação já começou; finalmente será aperfeiçoado, e seremos glorificados também em nossos corpos, bem como em nossos espíritos. Estaremos na presença do Pai da glória, e O veremos.

Nunca voltemos a tentar orar sem nos lembrarmos de que vamos falar ao “Pai da glória”. Não precisamos ficar aterrorizados; devemos ir com reverência e santo temor por causa de Seu caráter glorioso; mas, ao mesmo tempo, podemos ir com confiança e certeza, porque Ele é o Deus do *nosso* Senhor Jesus Cristo, e, nEle e por meio dEle, o *nosso* Pai. Por isso podemos orar: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”. E, se começarmos dessa maneira, não poderemos errar.

O CRISTÃO E O SEU CONHECIMENTO DE DEUS

“Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações; para que o Deus de nosso Senhor Jesus

Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação."

- Efésios 1:15-17

Passamos agora à petição que de fato o apóstolo faz e que está registrada no versículo 17: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação". A petição continua até o fim do capítulo, mas pode ser dividida em duas partes, principalmente. Há primeiro uma petição geral, e depois Paulo se volta para certos pontos particulares. Portanto, comecemos examinando a petição geral. Evidentemente, esta e muito importante, e deve vir em primeiro lugar porque domina tudo o que vem a seguir.

Esta petição é deveras notável, especialmente em vista do que o apóstolo já nos tinha dito acerca destes cristãos efésios. Eles tinham crido no Senhor Jesus Cristo e haviam posto nEle a sua confiança: "Em quem também vós crestes, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação" (VA). Eles e entregaram a Ele; mas, ainda mais, foram "selados com o Espírito Santo da promessa", e ele sabe que eles, igualmente por meio do Espírito Santo, têm um "penhor da herança" que estão destinados a receber. Todavia, mesmo assim, aqui vemos que Paulo não está plenamente satisfeito com a condição deles. Poderíamos pensar que não havia necessidade de orar por pessoas que tinham experimentado tão grandes bênçãos. Mas o apóstolo ora, e com urgência; ele não cessa de orar por eles, e eleva petições especiais a favor deles. E o que ele faz pelos efésios, faz por todos os outros cristãos a quem ele escreve as suas cartas. Ora por todos os que se tornaram cristãos, por todos os que ele mesmo tinha estabelecido nas igrejas. Ele

tinha um grande coração pastoral, e se preocupava profundamente com eles. Ele ora por eles porque há muito mais bênçãos à disposição deles; e ele deseja que eles conheçam mais e mais das infindáveis riquezas da graça de Deus.

A conversão não é o fim, é apenas o começo; é só o primeiro passo. E comparável ao nascimento. O nascimento de uma criança não é o fim, é o começo da sua vidaj e a regeneração e conversão é como sua reprodução fotográfica. E porque ele sabe disso e está ciente das tremendas possibilidades que se acham à espera destas pessoas, que o apóstolo ora por elas. À espera delas há possibilidades em todos os aspectos concebíveis, e, como alguém que cresceu tanto na graça, como alguém que já galgou os píncaros da vida espiritual, o apóstolo está desejoso de que eles tenham um vislumbre das vistas gloriosas que ele próprio estava desfrutando das culminâncias dessa vida, o panorama que se estendia diante dele, e as novas cumieiras que continuavam aparecendo. Já perto do fim da sua vida, ele diz sobre si próprio à igreja de Filipos; "Não julgo que o haja alcançado" (3:13); e acrescenta: "Esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando, prossigo". Não permita Deus que alguém pare ou se fixe apenas no começo, simplesmente com os primeiros

princípios do evangelho de Cristo.

As orações apostólicas são sumamente importantes porque nelas nos são dados claros retratos da vida cristã, em sua altura e em sua profundidade, em seu comprimento e em sua largura; nelas vemos algo da glória da vida à qual fomos trazidos pela admirável graça e amor de Deus.

Uma prova da nossa situação na vida cristã é se a petição feita pelo apóstolo nos chega como uma surpresa. Digo isso porque o ensino popular, durante muitos anos, vem sendo que a vida cristã pode ser dividida em duas seções. Primeiro, dizem-nos que as pessoas precisam ser salvas; precisam ser libertadas da culpa e da pena do pecado. Essa é a tarefa da evangelização. Eles concordam que esse é apenas o começo e que há um segundo passo. O passo subseqüente que uma pessoa como as acima descritas deve dar, dizem eles, é ser libertada do poder, da tirania e da escravidão do pecado. Ou, para usar outra terminologia, eles dizem que a nossa primeira necessidade é a justificação, e depois tudo o que resta é a santificação. Assim, o convertido deve agora ser introduzido na doutrina da santificação. Portanto, tudo o que devemos pedir em oração a favor de pessoas nessas condições é que elas sejam santificadas.

Naturalmente, tudo isso está certo, mas o que estou interessado em salientar é que não é por isso que o apóstolo ora a favor dos efésios. Ele ora no sentido de que Deus lhes dê "em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação". A significação disso para nós é que a maioria dos nossos problemas na vida cristã surgem do fato de que as nossas idéias são muito centralizadas no homem, muito subjetivas. Partimos do homem e suas necessidades, em vez de partirmos de Deus. O homem necessita de perdão e, então, de libertação do pecado, a fim de não ser infeliz numa vida de fracassos. Ficamos obcecados com o homem e suas necessidades e com o que se pode fazer pelo homem. Contudo a abordagem do apóstolo é inteiramente diversa. O nosso conceito da salvação não deve ser antropocêntrico; sempre deve ser teocêntrico. Essa é a característica particular do ensino do apóstolo. Temos visto que ele começa no versículo 3 com "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Assim, quando ele chega à sua petição por estes efésios, não é tanto pela santificação deles, nem pela sua felicidade, nem pela sua alegria, mas para que tenham "em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação". É isso que ele apresenta em primeiro lugar.

Não há nada de excepcional nisso, da parte do apóstolo. Sua oração pelos cristãos filipenses é no sentido de que o amor deles cresça, e de que eles cresçam no conhecimento e no entendimento espiritual. Na Epístola aos Colossenses a sua petição continua sendo a mesma. O interesse do apóstolo pelos seus recém-convertidos sempre foi que viessem a conhecer a Deus. Ele não pensa primordialmente em termos de estados e condições subjetivas, mas da relação total deles com o Deus

todo-poderoso. Corremos o grave perigo de esquecermos isso e desenvolvermos uma ênfase falsa. Devemos seguir sempre o modelo apostólico e pôr as coisas na ordem certa. Mais adiante nesta Epístola o apóstolo diz muita coisa a respeito da santificação; entretanto ele não começa a partir desse tema. Ele fala muito em felicidade e alegria, mas tampouco começa daí. Ele começa onde devemos começar sempre, a saber, da necessidade de conhecer cada vez mais a Deus.

Por isso, a primeira petição é no sentido de que os efésios tenham "em seu conhecimento" este "espírito de sabedoria e de revelação".

Ao considerarmos o que isso significa, a primeira coisa neces-

sária é que tenhamos claro entendimento quanto à referência da palavra *seu,* mencionada na passagem em foco. Há alguns que acham que ela se refere ao Senhor Jesus Cristo. Mas, considerando isso completamente errado, sugiro que é, evidentemente, uma referência a Deus o Pai. Certamente todo o contexto indica isso; pois o apóstolo prossegue logo para indicar que a primeira parte desse conhecimento é que devemos saber "qual seja a esperança da sua vocação". É certo que isso define a questão, pois, como já vimos, é Deus o Pai que nos chama, nos escolhe e nos predestina. Aplica-se a mesma coisa às "riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós". Estas cláusulas se referem claramente a Deus o Pai. "Seu poder sobre nós, os que cremos", que o apóstolo deseja que conheçamos, é, ele nos diz, "segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo", o que só pode ser uma referência a Deus o Pai. Assim, o conhecimento que o apóstolo deseja que tenhamos é primordial e essencialmente um conhecimento de Deus, o Pai eterno.

Naturalmente, como o apóstolo esclarece em toda parte nesta Epístola, e como o Novo Testamento esclarece em toda parte, este conhecimento só no é possível no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Logo, há um sentido em que não podemos separá-los. O conhecimento que devemos ter, como o nosso Senhor diz em Sua oração sacerdotal, é um conhecimento do Pai e do Filho. "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Em sua Segunda Epístola aos Coríntios o apóstolo escreve: "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (4:6). É o conhecimento da glória de Deus, deste Pai da glória a quem ele está orando, que necessitamos, e este se acha "na face de Jesus Cristo". "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (João 1:18). Este conhecimento é mediado e só nos é possível, em nosso bendito Salvador e por meio dEle, mas, em termos finais e supremos, é o conhecimento do próprio Deus.

Aqui estamos face a face com os pontos mais altos do alcance da fé e vida cristã, e

quando os contemplamos só podemos dizer: “Quem é suficiente para estas coisas?” O conhecimento de Deus é que o apóstolo pediu em oração para todos aqueles cristãos recém--convertidos de Éfeso. É a oração de que necessitam todos os

cristãos, sempre e em todos os tempos. A nossa necessidade suprema é conhecer a Deus. Como disse o nosso Senhor em Sua oração sacerdotal: “Pai justo, o mundo não te conheceu; mas eu te conheci, e estes conheceram que tu me enviaste” (João 17:25).

O termo “conhecimento” é muito forte, muito poderoso. Não tem o sentido de um conhecimento ligeiro, superficial. Existe esse tipo de conhecimento, é claro, porém o termo empregado pelo apóstolo transmite as idéias de conhecimento exato e preciso, conhecimento certo, e também conhecimento experimental. É conhecimento profundo. Ele não podia ter usado vocábulo mais forte; significa o conhecimento mais completo em que podemos pensar. Sua oração em favor destas pessoas é no sentido de que elas cheguem a esse conhecimento de Deus. Elas ainda estavam na terra, e muitas delas provavelmente eram escravas, como não era incomum nos primeiros séculos. Eram pessoas comuns, talvez ignorantes, sem instrução e iletradas; mas isso não faz diferença. O que ele pede em oração é que elas cheguem a este pleno conhecimento, este conhecimento plenamente global, este conhecimento apurado, preciso, exato, experimental dAquele que ele acabara de descrever não somente como “o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo”, mas também como o inefável “Pai da glória”.

Ao passarmos a analisar este conceito, devemos começar salientando negativamente que o apóstolo não está orando para que tenhamos um conhecimento de Deus unicamente intelectual ou teórico. Existe esse tipo de conhecimento, e é sumamente importante. Deus Se revelou para que pudéssemos conhecê-10 nesse sentido. Ele o fez na natureza, Ele o fez na história, ele o fez na providência. No entanto, além disso, Ele o fez na dádiva dos Dez Mandamentos e da Lei Moral para instruírem as pessoas quanto à natureza do ser e do caráter de Deus. As dificuldades do homem sempre se devem à sua ignorância de Deus. Por isso Deus nos deu este conhecimento geral de Si mesmo. Mas não é essa a espécie de conhecimento que o apóstolo tem em mente aqui. É vital que saibamos algo sobre os atributos de Deus. No período da vida religiosa da Inglaterra conhecido como a era dos puritanos, vemos que muitos dos grandes pregadores puritanos expunham constantemente os atributos de Deus - Sua eternidade, Sua onipresença, Sua onisciência, etc. Tal pregação é muito importante, contudo, esse conhecimento é o que se pode denominar teórico ou intelectual, ideativo ou proposicional. Pois bem, enquanto que, certamente, o apóstolo inclui essa espécie

de conhecimento em sua oração, ele vai além.

Para expor o assunto com outras palavras, quando Paulo escreve sobre chegarmos ao

conhecimento de Deus, ele quer dizer mais do que o conhecimento que devemos ter de diversas coisas acerca de Deus. Há uma boa razão para isso, como Tiago explica em sua Epístola, quando diz: "Também os demônios o crêem, e estremecem" (2:19). Os demônios têm esse tipo de conhecimento de Deus. Não são ignorantes no que se refere à grandeza, ao poder e à majestade de Deus. Eles crêem em Deus nesse sentido, mas esse conhecimento de Deus não é salvífico porque leva a nada mais que tremor. Assim, devemos ressaltar que o conhecimento que o apóstolo tem em mente não se detém no conhecimento de certas coisas próprias de Deus. Precisamos conhecer tais coisas; precisamos saber que ele é o "Criador dos confins da terra", que Ele é o "Juiz de toda a terra, que ele é todo-poderoso e eterno. É a nossa ignorância dessas verdades concernentes a Deus que explica tanta superficialidade e vacilação em nossa vida cristã. Não há "temor de Deus diante de seus olhos", ainda é verdade a respeito de muitos. Não somos homens e mulheres piedosos como foram os nossos pais. Tratemos de dar atenção às palavras do apóstolo.

Outra coisa, Paulo não está se referindo somente ao conhecimento das bênçãos que Deus dá. Ele irá tratar dessas bênçãos mais adiante, como veremos em sua tríplice petição, a saber, que os efésios conheçam em particular qual a esperança da vocação de Deus, quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, e qual a sobreexcelente grandeza do Seu poder sobre nós os que cremos. Todavia, ele não chegou a isso ainda, e ainda está orando num sentido mais geral. O que temos aqui é estonteante e espantoso. Ele está interessado em que tenhamos um conhecimento imediato de Deus, uma real comunhão com Deus. Para usar a expressão teológica corrente, ele está interessado em que tenhamos um "encontro" com Deus. Ele se refere a um conhecimento pessoal e íntimo. Seja o que for que pensemos de certas tendências modernas do ensino teológico, ao menos devemos concordar que esta reiterada ênfase sobre a idéia de um encontro divino-humano, uma reunião com Deus, este "momento existencial" em que Deus está ali e eu aqui, a relação "Tu-eu" e "eu-Tu", é boa. O conhecimento que Paulo tem em mente não é mera teoria, mera noção; não é algo abstrato ou acadêmico; é um encontro real, imediato, pessoal. Ele está orando acerca do verdadeiro conhecimento de Deus.

É quase impossível colocar esta verdade em palavras, mas significa que é preciso que Deus seja real para nós, e que estejamos cônscios dEle e cônscios da Sua presença. Não peço desculpas por perguntar se você já conheceu isto. Deus é real para você ? Quando você se ajoelha e ora, você sabe que Deus está ali, percebe a Sua presença? É isso que o apóstolo tem em mente; ele deseja que venhamos a saber e a compreender algo da glória de Deus. Daí salientar ele que está orando ao "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória". Você já sentiu e percebeu algo da glória de Deus? Você já conheceu algo do que Jacó sentiu quando disse: "Na verdade o Senhor está neste lugar...", e "Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus"? (Gênesis 28: 16-17). Significa que sabemos e compreendemos algo do amor de Deus, como também da

glória de Deus. A glória nos enche de um sentimento de pavor e "santo temor", porém o amor nos devolve a segurança.

Torno a salientar que isso não é somente uma crença geral no amor de Deus; significa que começamos a saber algo do amor de Deus, e a experimentá-lo direta e pessoalmente. "Conhecer" uma pessoa significa algo que vai além de um contato casual. Somos propensos a dizer: "Conheço Fulano de Tal", quando o qüe realmente queremos dizer é: "Uma vez eu fui apresentado a ele e lhe disse algumas palavras", ou: "Ele é meu conhecido". Mas isso não é conhecer realmente uma pessoa. O termo "conhecimento", como empregado pelo apóstolo aqui e noutras partes das Escrituras, significa um conhecimento íntimo. Isso é evidente quando o termo é empregado com referência ao conhecimento que Deus tem de nós. Deus diz dos filhos de Israel, por meio do profeta Amós: "De todas as famílias da terra a vós somente conheci" (3:2). E óbvio que não significa que Deus não saiba da existência das outras, pois Deus conhece todas as famílias da terra. *Conheci,* neste contexto, significa conheci num sentido especial, pessoal, imediato, particular; significa que Ele tivera um interesse especial pelos filhos de Israel. Portanto, o apóstolo estava orando para que estes efésios conhecessem pessoalmente o amor de Deus por eles, e sentissem também esse amor.

Significa ter comunhão com Deus num sentido real e verdadeiro. Esse é o sentido da declaração que já citamos: "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Os judeus tinham

conhecimento acerca dEle; tinham sido instruídos na lei e conheciam as suas Escrituras; mas isso não é suficiente; "vida eterna" significa "conhecer a Deus" e "conhecer a Jesus Cristo ". Vemos o apóstolo João expressando este mesmo desejo quanto aos cristãos aos quais escreveu a sua Primeira Epístola e aos quais ele chama "filhinhos". Diz ele: "Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra"(ou: "para que a vossa alegria seja completa", 1:4, VA, cf. ARA). Ele também explica como isso pode vir a acontecer, dizendo: "...isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco". A comunhão com os apóstolos, entretanto, não é tudo, pelo que ele acrescenta: "e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo". Comunhão significa amizade, intimidade, co-participação, uma participação da mesma vida. Essa é a conotação desta grande palavra "conhecimento".

Se se perguntar como podemos saber se temos este conhecimento, a resposta é que qualquer pessoa que tenha algum conhecimento deste assunto tem um senso de privilégio, um senso de maravilha, um senso de louvor e de glória. Chegar a esse conhecimento de Deus é o que o cristianismo significa realmente.
Algumas ilustrações e exemplos das Escrituras ajudarão a explicar a matéria. Foi

isso que Jó quis dizer quando exclamou: “Ah, se eu soubesse onde o poderia achar!” (23:3), VA e ARA). Ele não tinha perdido o seu conhecimento teórico de Deus; não tinha deixado de saber algo sobre os atributos e sobre as obras de Deus. Não era isso que Jó estava procurando. Ele tinha experimentado amizade e comunhão com Deus, mas por algum tempo tinha perdido isso. O que ele estava procurando era a Pessoa mesma, o contato direto com Deus. Isso fica mais claro posteriormente, quando o Senhor Se manifestou e Se revelou a ele, e Jó disse: “Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos” (42:5). O contraste é entre “o ouvir dos meus ouvidos” e “mas agora...” Pensar em Deus em geral tinha levado Jó a muito falar e argiiir, todavia quando ele sente a presença de Deus, põe a mão na boca e se arrepende no pó e na cinza (40:4; 42:6).

Moisés expressa a mesma idéia em muitas ocasiões. Deus lhe tinha dado a grande e importante tarefa de conduzir os filhos de Israel para Canaã, e ele, o homem mais manso, consciente da sua incapacidade, diz: “Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui”. Moisés, porém, não ficou satisfeito mesmo quando Deus prometeu aquilo. E levantando-se com grande ousadia,

voltou-se para Deus e disse: “Rogo-te que me mostres a tua glória” (Êxodo 33:12-21). Você já sentiu esse desejo? O apóstolo está orando no sentido de que estes efésios comecem a ter fome e sede disso, compreendam que tudo o que lhes acontecera tinha a finalidade de levá-los a ver e a conhecer a glória de Deus, este Pai da glória.

“Rogo-te que me mostres a tua glória.” O salmista expressa a mesma idéia no Salmo 42: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (versículos 1 e 2). Ele não estava pensando no Deus da teologia, por assim dizer, no Deus dos compêndios, no Deus das proposições, mas no “Deus vivo”, no Deus pessoal. Sua alma tinha sede do Deus vivo; suspirava por esse conhecimento “como o cervo brama pelas correntes das águas”. Este é um conhecimento direto de Deus, não indireto; não é um conhecimento acerca de, e sim um conhecimento pessoal, imediato. É o tipo de experiência de que fala Isaías no capítulo 6 da sua profecia, quando diz: “Eu vi ao Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; e o seu séquito enchia o templo”. A casa encheu-se de fumo e os umbrais das portas se moveram. Foi um vislumbre da glória de Deus. Vendo-a, ele diz: “Sou um homem de lábios impuros”: “Ai de mim!” Ele esteve na presença da glória, percebeu-a, sentiu-a (versículos 1 a 8). Este é um verdadeiro conhecimento de Deus.

O nosso bendito Senhor ensinou a mesma verdade; vemos, por exemplo, no capítulo 11 do Evangelho Segundo Mateus: “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai: e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (versículo 27). O nosso Senhor veio para

dar-nos salvação, o que em última instância significa que conhecemos a Deus. Ele expõe isso outra vez, quando diz: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada" (João 14:23). Isso é cristianismo verdadeiro, "A vida de Deus na alma do homem", como Henry Scougal denominou o seu famoso livro; o Pai e o Filho vindo e fazendo morada em nós. Ou retornemos à oração sacerdotal de Cristo. Ele ora "para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim" (João 17:23). Esse é o conhecimento que Paulo deseja para estes cristãos efésios.

O apóstolo ora também para que os cristãos efésios tenham "o

espírito de sabedoria e de revelação", que cheguem a esse conhecimento de Deus. Isto é algo que ultrapassa a fé, vai além da confiança, além até da selagem com o Espírito. A diferença é que na selagem como Espírito nos é dado saber que Lhe pertencemos; o Espírito Santo "testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Romanos 8:16). "Tu és o meu filho." Haveria alguma coisa que seja superior a isso? Sim: conhecer a Deus! Esse é o ponto culminante, o "summum bonum". É maravilhoso saber que pertenço a Deus; é um privilégio, é uma bênção infinitamente maior conhecer a Deus. Esse é o conhecimento que o apóstolo deseja para estes cristão efésios.

É também um conhecimento destinado a todos os cristãos. O perigo de certos tipos de "cultivo da alma" surge neste ponto. A igreja católica romana, e todo ensino católico não hesitam em negar o que tenho asseverado. Esse ensino divide os cristãos em dois grupos, "os religiosos" e "os leigos". "Os religiosos" são os especialistas da vida religiosa - os místicos, os santos, os que abandonaram o mundo e se segregaram da sociedade, dedicando-se unicamente à oração, à meditação, à mortificação do corpo e à contemplação. Estes, e somente estes, de acordo com o ensino católico, podem alcançar tal conhecimento. O homem engajado nos negócios ou nos lidares comuns da vida, o cristão comum, não pode alcançar este conhecimento. Mas, de acordo com o ensino das Escrituras, isso é uma grande heresia. Não permita Deus que nenhum de nós sucumba à ela! De nada precisamos além desta oração do apóstolo pelos efésios para refutá-la. Ele está fazendo esta oração por todos os membros da igreja de Efeso. Ele não está orando pelos apóstolos, nem pelos presbíteros, nem pelos cristãos excepcionais chamados "santos". Ele está orando por eles todos, para que todos eles tenham "em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação".

O cumprimento desta oração é a peculiar promessa da nova aliança. Mediante o profeta Jeremias, Deus fez a promessa de uma nova aliança que Ele faria, como vem registada no capítulo 31 da profecia de Jeremias. Essa promessa é citada duas vezes na Epístola aos Hebreus, nos capítulos 8 e 10. A promessa, a predição do que aconteceria sob a Nova Aliança quando Cristo tivesse realizado a Sua obra de

salvação, diz: “E não ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior” (Hebreus 8:11).

Sua característica é: “Todos me conhecerão”. Na citação do profeta Joel, feita pelo apóstolo Pedro em seu sermão no dia de Pentecoste, também vemos o seguinte: “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vosso filhos e as vossas filhas profetizarão, e os vossos mancebos terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias, e profetizarão” (Atos 2: 17-18). Notem as expressões: “do meu Espírito derramarei sobre *toda* a carne”; *“todos* me conhecerão, desde o menor deles até ao maior”.

Este conhecimento está à disposição de todos. Graças a Deus, a história da Igreja através dos séculos confirma isso. Não é questão de entendimento intelectual, não depende das circunstâncias e condições. Somente duas coisas governam isto, a saber, a compreensão de que é possível e, depois, o desejo de tê-lo. “Bem aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque eles serão fartos”; “Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mateus 5:6,8).

Você conhece a Deus? Não estou perguntando se você crê em coisas a respeito dEle; mas você O encontrou? Você se viu com certeza em Sua presença? Ele fala com você, e você sabe que fala com Ele? A *Prática da Presença de Deus (The Practice of the Presence of God),* de autoria do irmão Lawrence, diz-nos que isso é possível na cozinha, quando você está lavando os pratos e fazendo as tarefas mais insignificantes. Não importa onde você está, contanto que você saiba que isso é possível, que Cristo morreu para torná-lo possível. Ele morreu “para levar-nos a Deus”, e a este conhecimento. Acaso sua comunhão é “Com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo”? Oxalá conheçamos a Deus! Comece a clamar com Jó: “Ah, se eu soubesse que o poderia achar!”, e logo você se verá com desejo, com fome de conhecê-10. A pergunta mais vital que se deve fazer acerca de todos os que se dizem cristãos é esta: eles têm em sua alma sede de Deus? É este o anseio deles? Há algo acerca deles que lhe diga que eles estão sempre esperando pela próxima manifestação pessoal de Deus? A vida deles está centralizada nEle? Podem eles dizer com Paulo que se esquecem de tudo o que houve no passado? Eles vão avante mais e mais para poderem conhecê--10, e para que o conhecimento dEle aumente até finalmente ultrapassar a morte e o túmulo, e eles possam aquecer-se eternamente ao “brilho do sol do seu rosto”? “Para que eu possa conhecê-lo!”

SABEDORIA E REVELAÇÃO

"Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações; para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação"

- Efésios 1:15-17

A grande questão que agora se nos levanta é: como pode o homem vir a conhecer a Deus? Jó colocou essa questão uma vez por todas quando perguntou: "Pode o homem, por sua pesquisa, achar a Deus?" (11:7; cf. VA e ARA). A resposta é dada no versículo que mostra o conteúdo da oração do apóstolo. Precisamos do "espírito de sabedoria e de revelação"; esse é o segredo! Devemos ter o cuidado de observar que o apóstolo não está orando aqui no sentido de que estes efésios tenham um espírito geral de sabedoria; ele não está orando para que eles se tornem sábios, ou que as suas ações e as suas atividades sejam caracterizadas pela sabedoria. Esse tipo de sabedoria é excelente, e todos nós devemos procurar tornar-nos sábios nesse sentido. Mas Paulo não está orando no sentido de que toda a conduta deles na vida, e todas as suas relações sejam governadas por esse tipo de sabedoria e entendimento. Antes, sua oração é no sentido de que eles tenham em abundância o próprio Espírito Santo, o único meio pelo qual podemos ter sabedoria e entendimento espiritual. Noutras palavras, concordo com os que dizem que a palavra *espírito* aqui deveria ser escrita com inicial maiúscula. Vocês verão em muitos lugares nas Escrituras, na Versão Autorizada (inglesa) e em diversas outras traduções, que, embora a referência seja claramente ao Espírito Santo, é empregada inicial minúscula. Geralmente se pode decidir isso em termos do contexto; e, neste caso particular, a oração e petição é certamente no sentido de que eles tenham em abundância o Espírito Santo, o Espírito que dá e traz sabedoria, o Espírito que, só Ele, pode revelar-nos coisas. Noutras palavras, mais uma vez o apóstolo está dando ênfase à obra peculiar do Espírito Santo.

Isso nos lembra de novo a maneira pela qual o apóstolo nos

mostra que a obra da salvação é dividida entre as três Pessoas da Trindade santa e bendita. Nada é mais "admirável", para usar o termo empregado por Isaac Watts ("amazing"), do que o fato de que as três Pessoas da Trindade santa e bendita estão envolvidas juntas na obra de resgatar-nos e redimir-nos deste "presente mundo mau" e preparar-nos para a glória eterna. Desde o versículo 13 Paulo nos vem lembrando que a obra peculiar, especial do Espírito Santo é selar-nos e ser o nosso "penhor" até à redenção da possessão adquirida. Agora ele nos lembra outra obra do Espírito, sem a qual jamais poderíamos conhecer a salvação. Quer dizer, a obra peculiar do

Espírito Santo consiste em aplicar-nos a redenção que foi planejada pelo Pai e posta em ação e efetuada pelo Filho.

Nada proclama de maneira final e com tanta clareza se a pessoa tem a idéia certa sobre si como pecadora, e a idéia certa sobre a salvação, como a sua consciência da sua necessidade do poder do Espírito Santo, e da sua ativa e constante dependência dEle. A atitude da pessoa para com o ensino bíblico referente ao Espírito Santo proclama claramente se ela tem idéias corretas sobre a doutrina do homem, a doutrina do pecado, a doutrina do Senhor Jesus Cristo, a doutrina da redenção - na verdade a totalidade da doutrina da redenção. Isso porque não há doutrina que nos mestre tão claramente o nosso completo desamparo de desesperança como este singular ensino concernente à obra do Espírito Santo na aplicação da redenção a nós.

O fim, a meta, é levar-nos a conhecer a Deus. Deus fez o homem; Ele o fez à Sua imagem e semelhança, e o homem foi destinado a viver uma vida em correspondência com Deus, a estar em comunhão com Deus. A criação do homem foi uma expressão do amor de Deus. Deus como amor dá-Se a si mesmo, Seu amor externa-se; e o homem foi feito para ser recipiente desse amor e corresponder a ele. Contudo veio o pecado e separou de Deus o homem; alienou-o, rompeu a comunicação. O homem tornou-se um fugitivo errante; tornou-se um estranho para Deus e não O "conheceu" mais. Todo o fim e objetivo da redenção é levar o homem de volta a esse conhecimento. O ensino da Bíblia é que somente o Espírito Santo pode levar-nos de volta a esse conhecimento de Deus e Seus caminhos. Por isso o apóstolo ora, "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação". Ele ora rogando que o Espírito Santo faça isso porque só Ele pode fazê-10. Passemos a

Primeiramente opino que se trata de um simples fato. O homem, por natureza, não conhece a Deus. Declaro isso como uma asseveração, como algo que realmente não necessita de demonstração. Podemos provar o ponto fazendo duas perguntas simples: você *conhece* a Deus? Algum homem, por natureza, conhece a Deus? De capa a capa a Bíblia responde que não, e a nossa experiência a confirma e a consubstancia completamente. Isso explica por que as pessoas acham tão difícil orar. Se você não consegue orar uma hora, por que não consegue? Você pode falar facilmente com seus vizinhos e amigos durante uma hora, na verdade, durante horas. Então, porque é difícil falar com Deus durante uma hora? Há somente uma resposta; é porque não O conhecemos. Não O conhecemos suficientemente, e não estamos cônscios de que estamos em Sua presença. Isso é um simples fato.

Mas podemos ir adiante e dizer que o homem, entregue a si mesmo, por todos os esforços que faça, jamais pode chegar ao conhecimento de Deus. Pela pesquisa, pela capacidade natural, pela confiança em sua sabedoria e em seu entendimento, os homens nunca poderão achar a Deus. Essa é a proposição absoluta firmada pelo

apóstolo Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios, na memorável declaração: "O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria" (1:21). Essa tentativa de encontrar Deus tem sido a grande busca da humanidade desde o princípio. Os filósofos gregos tinham tentado isso. Há no homem um senso inato da consciência de que Deus existe; todo homem tem isso. O ateu, assim chamado, tem isso, e está simplesmente tentando argumentar contra esse fato, está tentando montar defesas contra algo em que ele, em sua mente, não quer crer, porém que algo dentro dele continua afirmando. A pesquisa arqueológica mostra que todas as tribos mais primitivas do mundo têm senso de um Deus supremo, de um Ser supremo que está por trás de todas as coisas. É um sentimento universal da humanidade. Por isso o homem tem procurado satisfazer este sentimento de anseio, esta consciência que ele tem; e em geral faz isso utilizando a sua mente. Tudo quanto procuramos descobrir nesta vida o fazemos por meio das nossas mentes. As descobertas científicas resultam do uso da mente. Você coloca a sua hipótese ou suposição ou teoria; e depois a submete à prova por meio das suas experiências. Na esfera do mundo esse procedimento é perfeitamente correto

e freqüentemente adequado. Pois bem, isso é sabedoria humana; é o método do homem. Ele sonda os mistérios, faz o seu trabalho de pesquisa, busca e continua pesquisando; ele utiliza as suas faculdades, especialmente a sua capacidade mental. Mas o fato é que, na tentativa de conhecer a Deus, e de achar Deus, esse afã e esses esforços mostram-se vãos: "O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria".

Concordo com aqueles que ensinam que Deus determinou a hora particular em que enviaria Seu Filho ao mundo de tal maneira que seria dada à filosofia grega a sua oportunidade, e ela faria o máximo para levar a humanidade a este conhecimento de Deus, falhando nisso completamente. Este é um puro fato da história. Deus permitiu que os filósofos gregos tivessem a sua ocasião, antes de enviar Seu Filho a este mundo. Ele dispôs tudo aquilo primeiro, a fim de que se pudesse fazer esta afirmação: "O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria". Ficou provado da maneira mais positiva que o homem, nas alturas da sua capacidade, é tão desvali-do como uma criança pequena, quando confrontado pelo conhecimento infundido aos crentes efésios pelo Espírito. A situação é essa, daí as razões que o apóstolo passa a dar no capítulo 2 da Primeira Epístola aos Coríntios.

O melhor comentário deste versículo 17 do capítulo primeiro da Epístola aos Efésios é o capítulo 2 da Primeira Epístola aos Coríntios. Lá o apóstolo desenvolve num capítulo aquilo que aqui ele coloca numa frase. O homem não conhece a Deus e, em si e por si, nunca pode chegar ao conhecimento de Deus porque esse conhecimento é "sabedoria oculta em mistério" (1 Coríntios 2:7). Ela se ocupa das "profundezas de Deus", do abismo insondável da personalidade eterna de Deus, da imensidão do ser eterno de Deus e Seus caminhos, que são "inescrutáveis" (Romanos 11:33). A mente do homem é demasiado pequena, demasiado limitada

para sondar tais profundezas. Não estou insultando o homem, mas estou simplesmente dizendo que Deus é infinitamente grande e está acima de nós e além de nós, e a mente humana é pequena demais para poder captar estas "infinidades e imensidades", na expressão de Thomas Carlyle.

No entanto, essa não é a única dificuldade, e num sentido não é a maior. O real problema está no fato de que "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). Toda verdade concernente a Deus é de caráter

espiritual, e quando o homem natural encontra a luz do mundo eterno, sua alardeada habilidade parece até ridícula, decorrendo daí que todos nós somos postos no mesmo nível. Nada é mais glorioso nem mais animador acerca da mensagem cristã e do método cristão de salvação do que o fato de que as divisões e distinções humanas são totalmente irrelevantes. Esta é a única esfera em que isso é verdadeiro. Com relação às coisas de Deus, habilidade ou falta de habilidade natural é completamente insignificante. Graças a Deus que é assim. Se fosse doutro modo, os inteligentes e dotados de intelecto levariam vantagem sobre os outros; ademais, não haveria por que enviar missionários às partes do mundo em que o povo ainda não recebeu instrução; na verdade, o empreendimento missionário seria impossível. Se é preciso que os homens tenham poder mental, instrução, entendimento e capacidade para exercer e usar as suas faculdades para poderem tornar-se cristãos, seria ridículo pregar o evangelho a pessoas ignorantes e iletradas. Além disso, é um fato que, enquanto muitos homens de grande intelecto não crêem no evangelho, é possível a um homem da África Central, que nunca teve um dia de instrução escolar, crer no evangelho e apreendê-lo. A explicação é que este conhecimento é de caráter espiritual; é conhecimento de Deus que é "Espírito", e que só pode ser conhecido de maneira espiritual.

Uma verdade básica é que o homem, em conseqüência do pecado, não é mais espiritual; ele se tornou carnal, ou, para usar a expressão de Paulo, tornou-se homem "natural" (1 Coríntios 2:14). Todo conhecimento, de acordo com o argumento do apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 2, requer certas afinidades ou certa correspondência. Diz ele: "Qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está?" (versículo 11); noutras palavras, um homem entende outro porque ambos são homens e têm o mesmo espírito, em sentido natural. Você precisa ser músico para entender música, você precisa ter certa faculdade poética, se é que a poesia lhe deva falar algo. Você não pode chegar ao conhecimento nestes domínios, se não houver algum tipo de correspondência básica. Você pode ser um gênio, mas se lhe faltar sensibilidade poética, a poesia será uma tolice para você. Em todos os domínios e departamentos do pensamento e do conhecimento é preciso que haja alguma aptidão, algo que responda e corresponda ao objeto que você está desejoso de conhecer. Por causa desta exigência, o homem,

nesta questão do conhecimento de Deus, está completa-

mente desamparado e desvalido. Não importa quão grande seja a sua mente, ou o seu entendimento, o homem, por natureza, não é mais espiritual; é "carnal", "vendido sob o pecado". A faculdade espiritual com a qual ele foi criado originalmente atrofiou-se, e não pode ser mais exercitada. Seja o que for que o homem faça, por mais que ele tente elevar-se e estimular a sua mente, ele não pode produzir a necessária faculdade e afinidade para chegar ao conhecimento de Deus. Estas coisas, diz o apóstolo noutra frase, "se discernem espiritualmente" (versículo 14). Sem a faculdade espiritual, você não as pode discernir. Daí, as coisas de Deus são loucura para o homem natural, e ele não vê nada nelas. Falta-lhe esta capacidade ou faculdade essencial.

Portanto, devemos começar vendo claramente que, sem o Espírito Santo, o homem jamais poderá chegar a este conhecimento de Deus. É a função peculiar do Espírito Santo levar-nos a este conhecimento. Isso contraria toda a nossa maneira normal de ver a verdade e o conhecimento. E inteiramente diferente. O nosso Senhor expôs isso uma vez por todas com as palavras: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3). Essa é uma verdade universal. Seja a pessoa quem for, qualquer que seja a sua habilidade ou a sua cultura ou a sua instrução, ela tem que descer e tornar-se como criança; tem que compreender o seu completo desamparo, a sua ruína total. Acima de tudo, ela tem que admitir a sua completa incapacidade de conhecer a Deus, apesar dos seus poderes intelectuais. Se não o fizer ou negar-se a fazê-lo, nunca terá este conhecimento. Foi a Nicodemos, mestre em Israel, homem de intelecto e de cultura, que o nosso Senhor disse: "Não te maravilhes de te ter dito: necessário vos é nascer de novo" (João 3:7). Nesta esfera nenhum homem pode partir de onde está, tem que retroceder a outro princípio; tem que fazer uma saída completamente nova. "Necessário vos é nascer de novo", porque esta é uma esfera inteiramente diferente. É a esfera do Espírito, e ninguém pode entrar nesta esfera por sua própria força e habilidade. Todos nós temos que entrar neste reino da mesma maneira. Não há vários caminhos para entrar; há apenas um, o caminho do arrependimento, envolvendo completa admissão de fracasso e total bancarrota. Sem o Espírito Santo, o conhecimento de Deus é impossível; e Ele foi enviado para dar-nos este conhecimento.

O apóstolo passa a dizer-nos que o Espírito nos dá este conhecimento de duas maneiras principais. Primeiro Ele nos dá a sabedoria necessária: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de *sabedoria". Sabedoria*, como o termo é empregado aqui, não significa um espírito geral de sabedoria. Significa "conhecimento". Na Bíblia geralmente a palavra *sabedoria* vale por conhecimento, como, por exemplo, no livro de Provérbios: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (9:10). Não significa o

que normalmente queremos dizer com *sabedoria,* a saber, o resultado ou a conseqüência do conhecimento. Podemos expor o assunto assim: o que o apóstolo está pedindo em oração para os efésios é que eles tenham o conhecimento que nos torna sábios para a salvação. "Sabedoria" eqüivale a conhecimento, informação, entendimento.

Esta sabedoria ou conhecimento era o que os gregos procuravam; eles eram "cientistas naturais" neste sentido. Eles achavam que havia muito que aprender, muito em que eles eram ignorantes; assim se puseram a acumular conhecimento. A presente geração a que pertencemos é tipicamente grega em sua perspectiva. Deleita-se com as enciclopédias, deseja saber um pouco de tudo. Faz perguntas e lê livros porque acha que essa é a maneira de construir um mundo perfeito e o tipo certo de vida. O homem alega que quer conhecimento. A isso a Bíblia diz: se você quer conhecimento, se você quer sabedoria, se você quer verdadeiro entendimento, há somente um lugar no qual você pode achá-lo: ei-lo aqui! Segundo a Bíblia, a sabedoria começa com "o temor do Senhor". Só se acha esperando no Senhor e buscando nEle o conhecimento de que necessitamos. O Espírito Santo nos ajuda a obter este conhecimento dando-nos a faculdade indispensável para o entendimento da mensagem bíblica.

A grande questão é: que é que realmente necessito conhecer a fim de viver como devo neste mundo? Seria melhor começar com um curso de leitura da história, a longa história da humanidade, e dizer: "Pois bem, onde é que os homens erraram no passado, onde cometeram seus enganos? Se eu tão-somente puder descobrir isso, saberei o que evitar e o que não fazer". Muitos pensam que é esse o caminho. Outros discordam e dizem: "Não! Tudo o que você precisa é examinar-se, fazer-se psicólogo e analisar a sua mente e os seus motivos". É por esta razão que a psicologia está na moda no presente século. Em geral a teoria é que precisamos ter um conhecimento

especial de nós mesmos; por isso nos sondamos a nós mesmos e analisamos a nossa mente inconsciente, assim chamada, registramos os nossos sonhos e os analisamos, e permitimos que psicanalistas nos examinem enquanto ficamos passivamente deitados em seus sofás num estado de "associação livre". Este, pensamos, é o meio de chegarmos ao verdadeiro conhecimento e entendimento.

Mas a Bíblia diz "não" a tudo isso, e nos garante que o conhecimento de que necessitamos é de diferente ordem; é um conhecimento ao qual somente o Espírito Santo pode levar-nos. É um conhecimento do próprio Deus. Devemos começar desse conhecimento de Deus, o Autor e Criador de todas as coisas. Antes de eu começar a analisar-me ou de deixar que os outros o façam, eu deveria perguntar: quem sou eu, de onde venho, como posso explicar o meu próprio ser? Essas perguntas me levam de volta a Deus. Eu vejo a natureza e a criação, e tudo me sugere Deus. Mas não

posso achá-lO ali. Vejo ali os sinais dos Seus dedos, mas é a *Ele* que eu quero. Como posso achá-10? "Ah, se eu soubesse onde achá-lO" (Jó 23:3, VA). Essa é a questão! Examino a história, examino a providência, examino a mim mesmo, examino tudo, em toda parte, e, contudo, não posso achá-10. Onde posso encontrar Deus? Há somente uma solução: devo esperar em Deus; e Deus haverá de falar-me sobre Si. Isso é revelação; e é função do Espírito Santo dar-nos esta revelação.

Somente assim descobrimos a verdade sobre Deus, sobre o caráter de Deus, sobre o ser de Deus, sobre Deus mesmo, Deus como Deus. Vimos que os maiores filósofos não puderam chegar a Ele, mas, graças a Deus, aprouve a Deus falar-nos sobre Si. Ele nos deu a sabedoria, o conhecimento de que necessitamos sobre Ele e Seus bondosos propósitos. Onde você poderia desvendar o plano de redenção, fora da Sua revelação? Como poderia o homem saber que Deus tem coração de amor e que olha para o homem em pecado com olhos piedosos? Como poderia o homem ter descoberto isso? Ele não pôde fazê-lo; falhou, a despeito de todas as alturas filosóficas atingidas pelos pensadores gregos. Deus teve que revelá-lo; o conhecimento e a sabedoria são dados unicamente por meio de Espírito Santo.

Permitam-me ilustrar o ponto: vejam o Senhor Jesus Cristo. Como homem natural, você olha para Ele e pode dizer: "Que fenômeno extraordinário! É espantoso que um carpinteiro que nunca recebeu treinamento intelectual nas escolas, nem como fariseu nem

com filósofo, possa ter proferido aquelas incomparáveis pérolas de sabedoria. Que fenômeno admirável!" Tente entende-10, tente analisá-10 - você não conseguirá. Você poderá tentar fazê-lo dizendo com os biólogos que Ele é uma espécie de "mutante" lançado inexplicavelmente por um desses estranhos truques da natureza, que Ele não se enquadra nas regras do desenvolvimento e evolução gradativa da humanidade. Você poderá olhar o Senhor Jesus Cristo com toda a sua sabedoria humana no auge, e não começará a entendê-10. Mas quando você se submeter à revelação receberá uma revelação que, em certa medida, o habilitará a entendê-10. Há duas naturezas na Pessoa de Jesus. Ele é o Nazareno, o carpinteiro, o filho de Maria; mais que isso, porém, Ele é o Filho eterno de Deus! Duas naturezas, uma Pessoa! Você recebe um fato, e também a explicação desse fato. Mas essa sabedoria só pode obter por meio do Espírito Santo.

Olhando para Jesus e analisando-O você nunca O verá e nunca virá a conhecê-10, bem como as bênçãos que Ele veio dar, porque as categorias que você utiliza não são suficientemente grandes. Torno a citar as palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 2:7-8 -"Mas falamos a sabedoria de Deus oculta em mistério...a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória". Eles não tinham conhecimento de que Ele era "o Senhor da glória"; somente enxergavam a estrutura humana, o homem. Não

conseguiam ver o outro aspecto, não conseguiam chegar ao verdadeiro conhecimento dEle, por mais que tentassem. Este conhecimento é dado pelo Espírito Santo - "Deus nos revelou (isto) pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:10). Ele abre os nossos olhos para o mistério da encarnação, das duas naturezas numa só Pessoa - sem mistura nem confusão, e, contudo, uma só Pessoa. E então nos leva a ver o caminho da salvação.

Suba com a sua mente natural ao seu ponto mais alto e olhe para a cruz do Calvário. Que é que você vê lá? O máximo que você pode ver é a morte de um mártir, a morte de alguém de alma pura, a morte de uma pessoa honesta que, em vez de retratar-Se ou retirar o Seu ensino, preferiu sofrer a morte. O homem natural, com a mente e a capacidade humanas em seu mais alto nível, não pode ver nada mais que isso na cruz. Ele não consegue enxergar o "amor tão admirável, divino". Essa "maravilhosa" e gloriosa verdade só é

vista pelos olhos que foram iluminados pelo Espírito Santo. Unicamente o Espírito Santo pode habilitar-nos a entender que Deus "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). O mundo ri-se disso e o ridiculariza. É natural que o faça, diz Paulo, pois "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus". Não as compreende porque "elas se discernem espiritualmente". O homem natural nem começa a entendê-las; ele não se conhece a si mesmo, não conhece o pecado, não conhece o amor de Deus, e assim, como pode entendê-las? Somente o Espírito Santo pode propiciar este conhecimento, e ele o faz. Nem mesmo os discípulos entenderam o Calvário e o seu propósito, senão depois da ressurreição, a despeito do fato de que tinham passado três anos olhando o Filho de Deus nos olhos e ouvindo todas as Suas palavras. Eles não puderam receber isso, não puderam entendê-lo. Você terá que ter esta iluminação dada pelo Espírito Santo, e este conhecimento infundido, antes de poder ver isso. Deus revela a verdade concernente a Si próprio; se Ele não o fizesse, seriamos deixados nas trevas mais densas. Por isso Paulo ora no sentido de que os crente efésios tenham o Espírito de sabedoria, o Espírito que dá a sabedoria, o conhecimento.

Este conhecimento a princípio foi dado por meio dos apóstolos e profetas. Daí dizer Paulo no fim do capítulo 2 que a Igreja Cristã foi edificada sobre "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (versículo 20). A verdade veio por meio deles, da sua prédica e do seu ensino. Mas logo foi dada noutra forma, no que chamamos Novo Testamento, nos Evangelhos, no livro de Atos, nas Epístolas e no livro de Apocalipse. Este conhecimento já tinha sido dado de forma parcial por meio do Velho Testamento. Os escritores dos livros que constituem o Velho Testamento não estavam apenas expressando as suas idéias sobre a vida. Conforme o apóstolo Pedro, em sua Segunda Epístola, capítulo primeiro, "nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação". Ele quer dizer que as profecias não eram simplesmente uma interpretação que os homens faziam da vida, sua visão pessoal do mundo e do

que acontece nele. Nada disso, diz ele, mas, antes, "homens santos de Deus falaram movidos (inspirados, conduzidos) pelo Espírito Santo" (versículos 20 e 21), (cf. VA(inglesa), ARC e ARA). Foi o Espírito Santo que lhes deu o que eles viram. E que os guiou quando o escreveram: "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão", diz igualmente o apóstolo Paulo (2Timóteo 3:16). As Escrituras não

são fruto de pesquisa feita pelo homem, mas sim, da revelação e inspiração de Deus. O Espírito de sabedoria opera agora mediante esta Palavra que se acha na Bíblia e nos leva a este conhecimento.

O apóstolo fala também do "Espírito d*z revelação".* Obviamente isso implica que temos necessidade de um novo conhecimento ou entendimento, como já vimos. Esse já foi dado, e, portanto, devemos rejeitar os ensinos de indivíduos ou igrejas que aleguem ter recebido nova revelação além e acima do que temos nas Escrituras. Geralmente falando, essa é uma alegação feita pela igreja católica romana. Ela afirma que recebeu ulterior revelação, quer através da tradição passada pelos apóstolos, quer decorrente da sua interpretação das Escrituras. Há indivíduos que fazem a mesma alegação. Mas não é o que quer dizer "revelação", como o apóstolo emprega o termo aqui, pois disso ele já tinha tratado sob "sabedoria". "Revelação" deve-se entender aqui da seguinte maneira: a capacidade humana de entender verdade espiritual, em conseqüência da Queda foi tão prejudicada que, mesmo quando vocês colocam esta sabedoria que Deus nos deu mediante o Espírito Santo diante dos olhos do homem, ele não a pode ver nem compreender. A extensão da queda do homem é tão grande e ampla que nenhum homem, pelo exercício da sua vontade ou do seu entendimento , pode salvar-se ou tornar-se cristão . Repetidamente acentuei o argumento de Primeiro Coríntios 2:14 acerca do homem natural. Como, então, alguém poderá vir a entender essas coisas? A resposta é: "Nós temos a mente de Cristo" (1 Coríntios 2:16). O homem necessita que o Espírito Santo torne clara esta revelação para ele. O Espírito Santo já inspirou e guiou homens santos para porem este conhecimento em forma escrita, todavia, para podermos "vê-lo" e recebê-lo , algo mais é necessário; é preciso que o Espírito opere também em nós. É preciso que Ele abra os nossos olhos para que vejamos o que está diante de nós. Isso não requer demonstração. O apóstolo Paulo nos diz, na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 3, que a maioria dos judeus estava em tristes condições, suas mentes esta-vam cegas, e havia um véu sobre os seus olhos. Eles liam as Escrituras do Velho Testamento todos os sábados, mas não conseguiam discernir o significado. Liam a Palavra de Deus, porém não podiam entendê-la. "Se ainda o nosso evangelho está encoberto" diz Paulo no capítulo 4 dessa mesma Epístola, "para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos

dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho, a glória de Cristo

que é a imagem de Deus."

Esta verdade é ilustrada perfeitamente pela história acerca de William Pitt, o Jovem, e seu amigo William Wilbeforce, pioneiro no movimento pró abolição da escravatura, era um excelente cristão que foi convertido com a idade de vinte e seis anos pela leitura de um livro de Philip Doddridge intitulado *Surgimento e Progresso da Religião na Alma (The Rise and Progress of Religion in the Soul).* Era um cristão ativo. Também era membro do Parlamento, e amigo de William Pitt, o Jovem, seu conhecido desde os dias da universidade. Pitt como muitos outros estadistas, era um cristão formal e ia à igreja nas ocasiões especiais, mas realmente não tinha nenhum entendimento das coisas espirituais. Eles eram grandes amigos, e Wilberforce estava preocupado e ansioso quanto à alma de William Pitt. Orava por ele, e estava especialmente desejoso de que ele fosse em sua companhia ouvir um pregador de Londres chamado Richard Cecil, homem muito espiritual e que pregava mensagens espirituais. Wilberforce costumava ouvi-lo regularmente, e a doutrina pregada lhe causava prazer. Frequentemente pedia a Pitt que o acompanhasse, mas Pitt tinha sempre uma desculpa ou outra. Entretanto, afinal Pitt prometeu ir, e um dia foram juntos ouvir Richard Cecil. Wilberforce sentiu que nunca tinha ouvido Richard Cecil expor a verdade de Deus de maneira mais maravilhosa e cheia do Espírito. Seu coração foi arrebatado pela verdade; era o céu para ele. Não pôde deixar de ficar curioso sobre o que estaria acontecendo com o seu amigo. Finalmente terminou o culto e eles saíram juntos. Pouco antes de deixarem o edifício, William Pitt voltou-se para Wilberforce e disse: "Sabe, Wilberforce, fiz o máximo para concentrar-me com todas as minhas forças no que o homem estava dizendo, mas não tenho a menor idéia do que ele estava falando".

Essa é uma história verdadeira, e quão verdadeira continua sendo quanto a muitos! Do ponto de vista da capacidade pura e simples, William Pitt era maior que Wilberforce. Tinha uma grande mente, um grande intelecto; mas a verdade de Deus exposta por Richard Cecil não significava absolutamente nada para ele, porquanto os seus olhos não tinham sido abertos pelo Espírito. A verdade significava tudo para Wilberforce e nada para Pitt. Pitt não tinha recebido "o espírito de revelação".

Paulo ora no sentido de que os cristãos efésios tenham "o espirito de sabedoria e de revelação". Eles já eram cristãos, mas

estavam só no começo, eram crianças em Cristo. Havia tanta coisa que eles ainda não tinham visto. Uma das experiências mais emocionantes que o cristão tem é ler a Bíblia toda, ano após ano, e de repente, ao ler uma passagem que já lera muitas vezes antes, encontrar algo que sobressai e lhe fala admiravelmente. Ele estivera cego para isso. É isso que torna possível a pregação ano após ano. O Espírito Santo dá aos pregadores novas revelações da verdade. Elas sempre estiveram lá, mas o pregador é levado a vê-las de maneira progressiva por este "espírito de revelação".

Sem este Espírito de revelação o pregador fracassa e se torna uma ruína de idéias. Dependendo dEle mais que nunca. A verdade é tão grande, e a minha mente é tão pequena! Mas o Espírito de revelação nos dá entendimento.

Estivemos considerando uma das doutrinas da fé cristã. Os reformadores protestantes costumavam dizer aos ouvintes que há uma dupla ação do Espírito Santo. Há o "Testimonium Spiritus Externus" [1] - o Espírito que está na Palavra, digamos, o Espírito que inspirou os homens que produziram a Palavra. Isso é essencial. Mas não basta. Antes de eu saber que esta é a Palavra de Deus e a verdade de Deus, antes de eu poder ler a Bíblia e descobrir saúde e alimento para a minha alma, algo adicional é necessário - o "Testimonium Spiritus Internus". [2] - O Espírito na Palavra; o Espírito no leitor! E sem o Espírito nele, homem nenhum será capaz de entender o sentido da Palavra. As duas operações são absolutamente essenciais.

Noutras palavras, vimos que o apóstolo ora pelos crentes efésios no sentido de que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, lhes dê "o Espírito de sabedoria" (Testimonium Spiritus Externos) e "o Espírito de revelação", a capacidade de vê-la e recebê-la, de ter prazer nela e alegrar-se nela (Testimonium Spiritus Internus). Que provisão perfeita para os pecadores condenados, cegos, desamparados e indignos! E tudo dado gratuitamente mediante o Espírito Santo de Deus! Quão perfeita salvação! "Tudo quanto necessito, em ti achar!"

Glória seja a Deus o Pai, Glória seja a Deus o Filho, Glória seja a Deus o Espírito -Grande Jeová, Três em Um! Glória, glória, Enquanto infindas eras rolam!

"A ESPERANÇA DA SUA VOCAÇÃO"

"Tendo iluminado os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação - Efésios 1:18

Havendo considerado o que descrevemos como a petição geral e totalmente inclusiva que o apóstolo dez pelos efésios, passemos agora às particularidades. Este é, invariavelmente o método do apóstolo: primeiro a exposição do todo, depois se passa às partes. Vemos que ele está interessado em que eles entendam três coisas em particular. Cada uma delas é introduzida pela palavra "qual" ("quais"). Ele ora rogando que eles venham a conhecer "*qual* seja a esperança da sua vocação", "*quais* as riquezas da glória da sua herança nos santos" e "*qual* a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos".

Mas o apóstolo não pode começar a tratar destas particularidades sem de novo fazer-nos lembrar um princípio vital. Ele ora: "Tendo iluminados os olhos do vosso

entendimento, para que saibais" essas três coisas. À primeira vista, podemos achar que ele já disse tudo isso quando disse que necessitamos do "Espírito de sabedoria e de revelação". Contudo este não é um caso de tautologia; o apóstolo não está se repetindo. Ele lhes está dizendo, efetivamente: eu lhes disse que o que é supremo, central, é conhecer a Deus; mas eu quero que vocês conheçam estas verdades subsidiárias também, estas particularidades; e, no entanto, devo dizer-lhes de novo e lembrar-lhes que vocês só poderão recebê-las na medida em que o seu entendimento seja iluminado pelo Espírito Santo. A Versão Autorizada (como ARC) emprega a palavra entendimento neste ponto, porém algumas outras versões (como ARA) dizem: "iluminados os olhos do vosso *coração".* A variação depende de quais manuscritos originais o tradutor adota como sendo os melhores. Mas, de qualquer forma, não há contradição. Na Bíblia, muitas vezes o "entendimento" e o "coração" são considerados idênticos. De acordo com o uso bíblico, o termo coração não significa somente emoções; significa também o centro da personalidade, a fonte do nosso ser e da

nossa atividade. Portanto, o apóstolo está orando para que, num sentido total - não meramente de maneira intelectual, ou acadêmica, ou teórica - venhamos a conhecer estas coisas. Ele está orando no sentido de que, com a totalidade do nosso ser, venhamos a conhecer estas verdades e reagir bem a elas.

A melhor maneira de entender esta oração é compreender mais uma vez que o apóstolo está contrastando a condição do homem natural com a do homem espiritual. Mais adiante, no capítulo 4, ele mostrará o que todos nós somos por natureza, e demonstrará a necessidade de termos iluminados os olhos do nosso entendimento. Diz ele: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido. Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza" (versículos 17-19). A frase operativa aqui é, "Entenebrecidos no entendimento", sendo a conseqüência que eles estão "separados da vida de Deus", na "ignorância" e "andam...na vaidade do seu sentido"(VA: "...da sua mente"). Significa que o de que todos nós necessitamos não é de uma nova faculdade, pois todos nós temos a faculdade da mente e do entendimento, no sentido natural. O que há de trágico quanto ao homem não é tanto que ele tenha perdido uma faculdade, mas que, em conseqüência do pecado e da Queda, ele não pode usar e exercitar apropriadamente as suas faculdades. Falando sobre os pagãos, sobre os gentios incrédulos, Paulo afirma que o entendimento deles está "entenebrecido". Eles têm entendimento, porém está obscure-cido.

Vejamos uma ilustração simples. Há certas pessoas que ficaram cegas, que não conseguem ver nem a luz. Seu problema não é que perderam os olhos; ainda os têm.

O problema pode ser que há algo errado com o cristalino dos seus olhos. Mas isso não significa que o cristalino desapareceu, e sim, que cresceu uma película sobre ele, uma opacidade que leva o nome de catarata. O cristalino está lá como quando essas pessoas enxergavam normalmente, mas, porque se desenvolveu essa opacidade, elas não conseguem ver. Os olhos se tornaram "entenebrecidos", obscurecidos; um véu os cobriu, e assim já não podem receber a luz que vem de fora. O estado da mente do homem como ele é por natureza e "em pecado",

é comparável a olhos defeituosos. A pessoa cega não precisa de novos olhos; precisa é que a opacidade, o véu, a névoa que se desenvolveu em seu cristalino seja removida. No momento em que ocorrer isso, ela será capaz de apreciar a luz e de ver as coisas como antes. Ora, essa é a condição do homem em pecado; ele tem um entendimento natural, ele tem a faculdade, a capacidade, mas não pode usá-la em questões espirituais. Está cega, obscurecida, este véu veio sobre ela, vedou-se a lente; e embora a gloriosa luz da revelação de Deus esteja ali brilhando diante dele nas Escrituras, e de fato mesmo na natureza, ele não consegue enxergar. Portanto, é necessário que estes "olhos do entendimento" sejam iluminados, que a opacidade, o véu, seja tirado para que os olhos espirituais funcionem como funcionavam na criação original do homem.

A minha ilustração ajuda dentro dos seus limites. Todavia devemos acrescentar outra verdade ensinada nas Escrituras, a saber, que o problema do homem não é só que o seu entendimento ficou entenebrecido, mas também, por causa disso, ele carece de poder. É como se os olhos, por não estarem sendo utilizados, se atrofiassem; o próprio nervo ótico, por assim dizer, perdeu o seu poder. Assim o homem necessita de uma operação dual; necessita da remoção da opacidade, e também da restauração da energia e da força do seu nervo ótico espiritual.

O Espírito Santo atende a ambas estas necessidades, e somente Ele o faz. Vimos que grandes homens do mundo, quando confrontados pela verdade espiritual, não podem ver nada. Não há propósito nem sentido em levar um cego para ver um belo cenário; ele simplesmente não o pode ver. E ali está! "Os olhos do nosso entendimento" precisam ser iluminados para podermos apreciar verdades espirituais.

Também devemos ter o cuidado de lembrar que esta é uma oração que Paulo faz em favor de *cristãos*. Ele está orando aqui por aqueles que já estão em "Cristo Jesus", que são co-herdeiros com os santos, e que já foram selados com o Espírito Santo. Deste fato deduzimos os seguintes princípios: primeiro, que, enquanto estivermos nesta vida e neste mundo, sempre teremos necessidade da obra iluminadora do Espírito Santo. Nunca estaremos numa situação em que não teremos mais essa necessidade. Enquanto estivermos aqui, e cercados de fraquezas, e num mundo pecaminoso, tendo na verdade um princípio do pecado que ainda resta em nós, necessitaremos desta operação iluminadora do Espírito Santo. Certamente

todos nós sabemos disso por experiência. Por mais que tenhamos aprendido, por maior que seja o nosso entendimento das Escrituras, se começarmos a desviar-nos em nosso viver diário, veremos que a Palavra não nos fala como falava. Esta é uma lei invariável. Jamais poderemos ter feriado espiritual. Nunca poderemos viver de uma reserva que tenhamos acumulado. Como foi com o maná no deserto, assim o entendimento espiritual tem que ser coletado novamente cada dia. Se não nos dermos conta da nossa dependência do Espírito Santo, a Palavra não nos falará. Se lermos a Palavra de Deus sem orar pedindo iluminação, provavelmente colheremos bem pouco dela. Jamais devemos apartar-nos da consciência desta dependência do poder e da iluminação do Espírito. A "unção do Santo", de que fala o apóstolo João, é necessária sempre e crescentemente (1 João 2:20,27).

O segundo princípio que deduzimos é, obviamente, que esse conhecimento espiritual é progressivo. Paulo agradece a Deus que os efésios já conheciam muito; e, contudo, ele deseja que eles cresçam no conhecimento; de fato ele fica repetindo as suas petições. Na grande oração registrada no capítulo 3 desta Epístola ele ora praticamente pela mesma coisa. Somos apenas pequenas crianças chapinhando na praia do grande e poderoso oceano da verdade; e não há nada que seja tão trágico quanto o tipo de cristão que dá a impressão de que "já chegou". Isso geralmente resulta de se pensar na vida cristã unicamente em termos da experiência do perdão, da santificação, etc. Isso faz a pessoa pensar que já "chegou", que terminou, que já tem tudo! Mas essa idéia é inteiramente contrária ao ensino do Novo Testamento, onde a descrição é mais a de um crescimento e desenvolvimento progressivo, e de um entendimento sempre crescente.

Dizem-nos as Escrituras que começamos como crianças em Cristo. Depois começamos a crescer e a armazenar conhecimento; e isto prossegue e continua crescendo. Às vezes podemos pensar tolamente que conhecemos tudo, e então, subitamente, algo inteiramente novo se abre diante da contemplação extasiada. Continuamos a aprender; vamos "de glória em glória", "esquecendo-nos das coisas que atrás ficam", prosseguimos avante como fez Paulo, sempre desejosos de aprender mais e conhecer mais. Tal é a vida cristã normal.

Portanto, isso constitui o que me parece uma boa prova de toda a nossa posição cristã. O nosso conhecimento espiritual seria maior

hoje do que há um ano? Olhando para, digamos, os passados dez anos de vida cristã, você pode dizer que o seu conhecimento espiritual é maior do que era? Não estou perguntando se você tem maior conhecimento da letra das Escrituras, como você pode ter crescente conhecimento de Shakespeare; não estou perguntando se você memorizou um grande número de versículos bíblicos. Estou perguntando se o seu conhecimento e entendimento espiritual cresceram. A sua compreensão da verdade é mais profunda? Você realmente sente que está sempre sendo levado para a frente,

como que de aposento em aposento numa grande mansão, e descobrindo novos tesouros de sabedoria e conhecimento? Essa é a prova. Paulo orou no sentido de que os efésios tivessem cada vez maior conhecimento e entendimento da verdade.

O terceiro princípio que deduzimos é que devemos estar orando por esta iluminação dos olhos do nosso entendimento. Isso também pode ser exposto na forma de pergunta. Porventura oramos dia após dia a Deus, ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, rogando que ilumine os olhos do nosso entendimento? Essa deve ser a nossa oração constante e diária. Sempre devemos prefaciar a nossa leitura da Palavra, orando pela nossa iluminação. O constante desejo das nossas vidas deve ser que "cresçamos na graça e no conhecimento do Senhor". O problema com muitos de nós é que nunca nos despertamos para esta compreensão. Parece que pensamos que já "chegamos", que já "sabemos". Sabemos mais do que os teólogos liberais, do que os modernistas, do que os não cristãos; assim, parece que pensamos que abarcamos todo o conhecimento cristão. O fato é que não passamos de principiantes, de crianças, estamos meramente no começo. Devemos empenhar-nos em ir adiante rumo à perfeição. Estaríamos interessados na doutrina cristã? Vemos realmente a sua importância, ou a achamos coisa aborrecível e insípida? Estaríamos sempre em busca de algo que nos agite e nos entretenha? Nós nos damos conta de que, tendo sido salvos, chamados e colocados em Cristo, o que Deus deseja é que cresçamos em nosso entendimento da verdade e da doutrina, que devemos ocupar-nos mais disso do que de qualquer outra coisa, que os "olhos do nosso entendimento", a nossa compreensão, sejam iluminados com esse fim?

Tendo isso em mente - e quão vitalmente importante é isso! -passamos à primeira das três coisas que o apóstolo queria que estes

efésios soubessem, a saber, "qual seja a esperança da sua vocação". Tem havido considerável disputa quanto ao sentido da palavra " esperança" nesta declaração. Alguns dizem que significa as coisas pelas quais esperamos. Mas não pode estar certo, pois é dessas coisas que Paulo trata na segunda petição, concernente ao conhecimento das "riqueza da glória da sua herança nos santos". Às vezes "esperança" significa isso nas Escrituras, mas aqui não. Certamente o apóstolo está se referindo à nossa esperança propriamente dita. Ele se refere à nossa percepção de que fomos chamados para estas coisas e por estas coisas. Noutras palavras, mais uma vez a referência é à certeza da salvação.

A próxima palavra que se nos depara é "vocação"- "para que saibais qual seja a esperança da sua vocação". Esta palavra nos apresenta de imediato uma grande questão teológica, um grande princípio teológico, uma importante matéria de doutrina. Submetamo-nos a uma prova, mais uma vez. Tenho acentuado que não há nada mais importante do que os olhos do nosso entendimento ficarem iluminados. Os seus "olhos" foram tão iluminados que, como cristão, digamos, já há um bom número

de anos, você entende este termo "vocação"? A intenção é que o entendamos. Mas, que é esta "vocação" a que o apóstolo se refere? Provavelmente você já leu esta Epístola aos Efésios muitas vezes, mas você sabe o significado deste termo? Temos ai um grande termo do Novo Testamento, um termo que infelizmente ouvimos muito poucas vezes nos tempos atuais, porém um termo que antes era considerado importante, especialmente entre os evangélicos.

Nossos pais costumavam ensinar, acertadamente, que há dois chamados ou duas "vocações" nas Escrituras. Há um chamado geral, e um particular. Lemos, por exemplo, no capítulo 17 do livro de Atos, que o apóstolo, pregando aos atenienses disse: "Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo lugar, que se arrependam". Ai o chamado é geral. O evangelho de Jesus Cristo lança um chamamento geral a toda a humanidade, para que todos se arrependam e creiam no evangelho. O evangelho deve ser pregado a todas as criaturas em todos os lugares, no mundo inteiro; e elas devem ser "chamadas" para se arrependerem e crerem. Obviamente, o apóstolo não pode estar se referindo a esse uso neste ponto, porque esta não é uma carta geral dirigida ao mundo, e sim uma carta especial escrita para cristãos. Ele está elevando esta oração especial em favor daqueles que já

criam no Senhor Jesus Cristo. Portanto, esta é uma referência a outro tipo de chamado que se acha nas Escrituras.

Há um chamado especial, ou , para usar o termo que de fato os nosso pais usavam, há uma "vocação" ou "chamada eficaz". O chamado geral de Deus nem sempre é eficaz. Muitos que ouviram o chamado geral finalmente se verão no inferno. Há os que estão vivendo em pecado e se gabam disso, e que podem dizer-lhes exatamente o que significa o evangelho. Eles têm um conhecimento intelectual e geral dele. Ouviram o chamado geral, mas não lhe responderam como deviam; não foi "eficaz" no caso deles. Contudo, há um tipo de chamado ou vocação que é eficaz. E o que o apóstolo expõe com tanta clareza no capítulo 8 da Epístola aos Romanos, com estas palavras: "Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (ou "segundo o seu propósito", VA e ARA). Os "chamados" neste caso não podem relacionar-se com o chamado geral, porque os que ouviram e não o atenderam não "amam a Deus" e portanto não foram "chamados segundo o seu propósito". Os "chamados" aos quais o apóstolo se refere nessa passagem e aos quais unicamente se aplica a grande promessa, ele define mais adiante quando prossegue, dizendo: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorifi-cou" (Romanos 8:28-31). Isso se refere a uma vocação eficaz. As pessoas chamadas neste sentido foram justificadas e, além disso, foram

glorificadas; mas isso não se aplica ao homem do mundo que recebeu o chamado geral para arrepender-se e crer.

Portanto, o que temos em Efésios 1:18 não é um chamado gefal, é o chamado eficaz ou especial. Podemos expor o ponto da seguinte maneira: Deus, mediante o evangelho e pelo Espírito Santo, envia este chamado geral ao mundo todo, mas chama algumas pessoas em particular, e nenhum homem é cristão, a menos que tenha sido chamado neste sentido especial. Os "chamados" são os cristão; os cristão são os "chamados". São aqueles em quem a Palavra foi tornada eficaz; ela chegou a eles com poder, e veio como uma ordem que lhes foi irresistível, e prontamente responderam a ela com todo o seu ser. A petição do apóstolo é que eles conheçam a *esperança* desta vocação. "Fostes chamados", diz ele noutro

lugar, "com uma vocação celeste." Noutro lugar ele diz que os cristãos foram chamados com "uma santa vocação", (cf. 2 Timóteo 1:9 e Hebreus 3:1). O que ele deseja que conheçamos é a esperança desta vocação, a segurança, a certeza dela. Você tem certeza da sua salvação? Para empregar as palavras de Pedro, você tem feito "cada vez mais firme a sua vocação e eleição"? (2 Pedro 1:10). Esse é o segredo de uma vida cristã feliz. O inimigo está aí, o diabo ataca sugerindo dúvidas e incertezas; o pecado nos perturba e nos faz pensar que talvez nunca tenhamos sido cristãos. Você está seguro da esperança da sua vocação?

Isso é da própria essência da posição protestante e evangélica. Os católicos romanos não gostam da doutrina da certeza da salvação e a denunciam. Eles não querem que tenhamos certeza pessoal; a nossa certeza deve estar na igreja com a qual nos comprometemos. Não só isso, mas temos que passar pelo purgatório, dizem eles, antes de chegarmos ao repouso prometido. Tudo é incerto; e tudo depende da igreja, e das orações da igreja, de acender velas, do pagamento de dinheiro pelas indulgências, e da obra de supererrogação dos santos. Toda a posição romana é incerta e precária. Todavia a essência do protestantismo, como Martinho Lutero descobriu para sua grande e eterna alegria, é que o cristão individual pode conhecer a sua salvação como certa e segura; ele pode desafiar todos os demônios, o inferno e o próprio satanás, o cristão conhece o Cristo em quem ele crê; sua esperança é segura; sua vocação e eleição são seguras.

Segurança e certeza devem ser a possessão de todos os cristãos. A negação disso não se limita aos católicos romanos. Certas escolas modernas também o rejeitam. A escola bartiana de pensamento que, em sua rejeição do velho liberalismo, parece assemelhar-se à posição evangélica; é, não obstante, radicalmente diferente, e particularmente por esta razão: ela não gosta de segurança. Ela ensina que o cristão nunca pode ter certeza. Mas, conforme a oração do apóstolo, o cristão deve conhecer a esperança da sua vocação, deve estar absolutamente seguro dela.

O primeiro passo para chegarmos a esta segurança, é que os olhos do nosso

entendimento sejam iluminados. Também vimos que uma parte da resposta acha-se na doutrina completa da selagem do Espírito, cujo propósito, como vimos quando estudamos o versículo 13, é levar-nos a esta segurança. Entretanto isso não é tudo. De

outro modo o apóstolo não estaria orando desta maneira pelos crentes efésios. Ele simplesmente diria: graças a Deus que vocês têm segurança; vocês foram selados com o Espírito, e não precisam de mais nada. Mas o que ele diz é, com efeito: eu sei que vocês foram selados com o Espírito, porém ainda oro para que os olhos do seu entendimento sejam iluminados, e para que conheçam qual é a esperança da sua vocação - a vocação pela qual Deus os chama.

A distinção parece que é como segue: a selagem com o Espírito, como vimos, é mormente subjetiva, é algo que sucede na esfera da experiência e que, em certo sentido, não pode ser exposto com palavras; que é o Espírito dando testemunho com o meu espírito diretamente, que eu sou o filho de Deus. Mas, graças a Deus, esta não é a única base da segurança, pois, se formos depender da nossa consciência, poderemos ver-nos um dia num estado de grande dúvida. Você pode ter tido a selagem com o Espírito e, todavia, em conseqüência de alguma queda em pecado, ou em razão das circunstâncias, doença ou alguma fraqueza da carne, o diabo pode bombardeá-lo tanto, a ponto de abalar a sua confiança. Ele é como um leão a rugir, como nos lembra o apóstolo Pedro, e ele pode vir atacar-nos com tal poder que todo o seu universo fica abalado, e você pode ser tentado a dizer: "O que eu tive deve ter sido uma experiência falsa, e eu devo estar me iludindo". Se você confiar só no subjetivo, poderá ver-se em condições miseráveis. Por isso o apóstolo está grandemente interessado em que conheçamos outras bases da segurança a e tenhamos outra base mais para toda a nossa posição. Ele está se referindo agora a algo objetivo, e os olhos do nosso entendimento precisam ser iluminados para o recebermos. E algo que vem pela mente e depois age em todo o nosso ser. Não é teórico, mas começa pela mente; é essencialmente uma questão de entendimento. Nosso entendimento já não está obscurecido, tomamo-nos despertos para a verdade espiritual; e a nossa segurança e certeza baseiam-se nesse entendimento.

O primeiro ingrediente, o primeiro fator essencial dessa segurança, dessa esperança, é que cheguemos a um maior e mais profundo conhecimento do Deus que nos chamou. Notem que o apóstolo tem todo o cuidado de dizer: "Para que saibais qual seja a esperança da *sua* vocação". Para termos uma segura esperança, para termos uma profunda certeza, precisamos buscar o conhecimento mais profundo do Deus que nos chamou. Nada pode dar-me maior esperança e segurança do que o meu conhecimento do caráter de

Deus. "Não ouso confiar na mais suave disposição", como nos lembra o hino, porque as disposições são mutáveis, mas em Deus eu posso confiar sempre. Deus é eterno,

Deus é imutável, Deus é sempiterno; Deus nunca muda o Seu propósito. Não há maior conforto ou consolo do que este. Deus nunca inicia uma obra sem terminá-la. Sobre mim e você pesa a culpa de fazermos isso constantemente. Ficamos cheios de emoção, entusiasmo e animação com certos projetos, e os outros, vendo-nos, ficam espantados com o nosso entusiasmo, com a nossa energia e com os nossos esforços, e acabam se sentindo como não tendo feito nada. No entanto, com muita freqüência, no prazo de seis meses o quadro é inteiramente outro. Perdemos o entusiasmo e o interesse, e voltamos a ser cristãos frouxos e formais. Mas com Deus nunca acontece isso. Deus é eternamente o mesmo, é "o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Não há maior conforto ou base de segurança. Pois bem, foi este Deus eterno e imutável que me chamou; e com outro hino nos lembra:

Coisas futuras e coisas de agora,

Nada que há embaixo, nada que há em cima,

Podem levá-10 a evadir Seu propósito Ou minha alma cortar do Seu amor.

Depois também devemos compreender que toda a nossa posição repousa na aliança de Deus. Os olhos do nosso entendimento terão que ser iluminados para podermos conhecer algo da aliança de Deus. Deus fez uma aliança - aliança da redenção, aliança da salvação - com Seu Filho antes da fundação do mundo. E visto que é Sua aliança, é uma aliança eterna. Deus é Jeová, o Deus que cumpre a aliança; Aquele que diz: "Eu sou o que sou". Deus deu a Seu Filho um povo que Ele deve redimir. O Filho entrou na aliança prometendo fazê-lo. O Senhor Jesus Cristo é a Cabeça de uma nova humanidade, é o nosso representante, Ele é o nosso Chefe Federal, e somos representados por Ele. A aliança entre o Pai e o Filho é uma aliança eterna. Esta aliança foi revelada aos homens e foi repetida. Esta promessa de redenção foi feita a Adão, a Abraão, foi repetida também a Moisés, depois a Davi, e ensinada constantemente nos escritos dos profetas que Deus levantou e enviou aos filhos de Israel. Quanto mais entendermos a verdade sobre a aliança divina da redenção, maior será a nossa segurança. Temos ainda a grande

verdade ensinada no capítulo 6 da Epístola aos Hebreus, nos versículos 13-20. Deus fez até juramento para ajudar-nos. Não precisava fazê-lo, mas o fez para Abraão. "Confirmou" a sua promessa com um juramento. Ele "jurou por si mesmo". Não havia ninguém maior por quem jurar, e assim Deus "jurou por si mesmo" que o Seu propósito não mudaria. Ele a subscreveu, garantiu-a, fê-la absolutamente segura e inviolável. O juramento de Deus! Você estudou isso na Palavra? Passou tempo meditando nisso? O autor da Epístola aos Hebreus sugere que os cristãos hebreus que tenham sido muito diligentes "servindo aos santos" em outras questões práticas, tinham sido negligentes neste aspecto, pelo que ele os exorta a mostrarem "o mesmo cuidado até o fim, para a completa certeza da esperança" (Hebreus 6:11). Retornem

à aliança, estudem o juramento de Deus, procurem compreender a sua relevância para vocês e sejam iluminados acerca dessa matéria. Esta é a matéria de tornar segura a sua esperança.

A seguir, pensem no poder de Deus. Apenas menciono isso no momento porque o apóstolo vai tratar disso em particular em sua terceira petição na passagem em foco. Mas podemos estar certos de que nada poderá impedir o propósito de Deus, nada poderá frustrar o plano de Deus. É absolutamente certo porque o poder do Deus Todo-poderoso está por trás dele.

Devemos compreender também que o "chamado" de Deus faz parte do Sec' plano. Embora contendo muitas partes, Deus vê esse plano como um todo, e, portanto, se estamos nesse plano, o fim conclusivo é absolutamente certo para nós. A lógica dessa afirmação é demonstrada por Paulo no capítulo 8 de Romanos, versículos 29-31: "Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem do seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou". E em seguida ele pergunta: "Que diremos pois a estas coisas?", e responde: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" A lógica é inexorável; é a base da nossa certeza concernente a esta bendita esperança. Noutras palavras, se eu fui chamado eficazmente, estou certo de que chegarei ao fim glorioso. Se na mente de Deus eu sou chamado, já estou "glorificado". É tão certo assim! Quando Deus começa uma obra sempre a termina. "Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo" (Filipenses 1:6) .Nada pode detê-la. A

aliança é somente uma, o plano é somente um; se um elo estiver presente, todos os outros elos terão que seguir-se. "Ninguém as arrebatará da minha mão", diz o nosso Senhor (João 10:28). Isso está claro para você? Você vai freqüentemente ao capítulo 8 da Epístola aos Romanos, e o lê e ora e diz: "Acaso isso é verdadeiro a meu respeito; eu fui chamado logo estou justificado, logo já fui glorifica-do em Cristo? Quando o diabo o ataca, você lhe responde citando estas Escrituras? Foi o que o nosso Senhor fez quando foi tentado pelo diabo. Ele tinha este entendimento, e respondeu ao diabo citando as Escrituras. Isso constitui uma parte do que significa termos os olhos do nosso entendimento iluminados.

Finalmente, precisamos entender a doutrina subjacente ao que já nos aconteceu. Uma das maiores e mais práticas bases da segurança é a doutrina do novo nascimento ou da regeneração. Se nasci de Deus, do Espírito, não posso cair; é impossível. Isso de "cair da graça" não existe. É completamente inconcebível e impossível que o Deus eterno implante em nós a semente da vida eterna e depois permita que alguma coisa a destrua. A idéia de que um dia podermos nascer de novo, depois pecar e perder a nossa vida eterna, e depois nascer de novo, e assim oscilar entre as duas

posições, baseia-se numa completa ignorância da doutrina da regeneração. Os que a subscrevem precisam ter iluminados os olhos do seu entendimento. Segundo o ensino bíblico, se simplesmente sou cristão, estou "em Cristo", estou unido a Cristo, estou ligado a Cristo. Eu estava "em Adão", e agora estou "em Cristo". Estou ligado a Ele por elos indissolúveis. No momento em que estendermos esta doutrina, a nossa esperança será certa e segura. Você não pode estar em Cristo e fora de Cristo; você não pode estar "em Cristo" um dia, e fora de Cristo no dia seguinte; se você está "em Cristo" nunca mais poderá estar fora de Cristo outra vez. Ou você está *em* por toda a eternidade, *ou fora* por toda a eternidade. Devemos captar e conhecer esta doutrina da nossa bendita união, da nossa união mística com Cristo. Ele é a Cabeça, como Paulo vai desenvolver o ponto no fim deste capítulo, e nós somos o corpo; nós estamos "nele" e pertencemos a Ele e estamos ligados a Ele.

Torno a perguntar: estas coisas significam tudo para você? Essa é a prova da nossa espiritualidade, a prova do nosso crescimento na graça.

Permitam-me aplicar a minha prova indagando se podemos dizer com sinceridade e com confiança -

Minha esperança é construída em nada menos Que o sangue de Jesus e Sua justiça;

Não ouso confiar na mais suave disposição Mas de todo me apóio no nome de Jesus:

Em Cristo, afirme Rocha, é que me firmo,

Qualquer outro terreno é arreia movediça.

E pergunto se você pode continuar a recitar esse hino, mesmo quando as nuvens são negras e tudo parece ir contra você, e dizer -

Quando as trevas encobrem Sua amável face,

Eu repouso em Sua imutável graça;

Em todo o tempestuoso escarcel Minha âncora se fixa dentro do véu.

Mas, acima de tudo, você pode juntar-se ao escritor do hino em sua estrofe final? -

Seu juramento, Sua aliança, e Seu sangue Me firmam na torrente avassaladora:

Quando tudo o que me cerca desaparece,

Ele é então toda a minha esperança e o meu esteio.

Em Cristo, afirme Rocha, é que me firmo,

Qualquer outro terreno é areia movediça.

Você conhece “a esperança da sua vocação”? Você tornou “mais firme a sua vocação e eleição”? Você está repousando em “Seu juramento, Sua aliança, e Seu sangue”, em Sua imutabilidade, quer você O veja quer não, quer você O sinta quer não? Você pode descansar na verdade concernente a Ele, a qual, em Sua graça, Ele nos revelou em Sua Palavra por meio do Espírito Santo, e que Ele nos capacita a captar e apreender pela iluminação dos olhos do nosso entendimento? Busque-a! Você foi destinado a regozijar-se, a ter uma firme esperança que nada pode abalar. Você pode tê-la dessa maneira.

t

1

Testemunho externo do Espírito. Nota do tradutor.

2

” Testemunho interno do Espírito. Idem.

“AS RIQUEZAS DA GLÓRIA DA SUA HERANÇA NOS SANTOS”

“Tendo iluminado os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.” - Efésios 1:18

Passamos agora a examinar a segunda metade desta declaração - “e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos”. Esta é a segunda das três petições específicas que o apóstolo eleva em favor dos cristãos efésios e, como a primeira, é introduzida pela palavra “quais”(“qual), Devemos ter em mente, ao examiná-la, que, como a primeira petição, esta só pode ser entendida pelos que têm “iluminado os olhos do seu entendimento”. Ela é ígualmente coberta pela oração geral, para que tenham o Espírito de sabedoria e de revelação. Sem isso, não seremos capazes de ver estas coisas.

Há duas idéias principais com respeito a esta segunda petição. Alguns sustentam que ela se refere a uma herança pertencente a Deus, à herança de Deus nos santos. A declaração do Velho Testamento de que “a porção do Senhor é o seu povo” empresta algum colorido àquela idéia sobre o assunto (Deuteronômio 32:9), e há frases no Novo Testamento que significam praticamente a mesma coisa. O apóstolo Pedro, em sua Primeira Epístola, diz aos cristãos: “Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” (VA “...um povo peculiar”). A expressão “povo peculiar”, como se vê na Versão Autorizada (inglesa), realmente significa “um povo para possessão pessoal de Deus”. Por isso há os que dizem que na passagem de Efésios a referência é à soma total do povo de Deus quando for redimido finalmente. Deus está chamando do presente mundo mau um povo para Si; Ele o está chamando dentre judeus e gentios. Virá o dia em que a “plenitude dos gentios” terá sido reunida, e igualmente em que “todo o Israel” terá sido salvo. Isso constituirá a totalidade do povo de Deus. Aqueles expositores alegam que, nesta expressão, o apóstolo está olhando para o futuro, para aquele dia, e está orando no sentido de que estes

efésios, e todos nós, como cristãos, possamos vir a conhecer a sobreexcelente grandeza da herança de Deus nos santos, em Seu povo. Noutras palavras, a petição é que tenhamos uma pálida concepção da magnitude desta gloriosa companhia dos remidos aos quais pertencemos e entre os quais vamos passar a eternidade. Essa é certamente uma explicação possível.

A outra idéia é de que o apóstolo está orando para que os olhos do nosso entendimento sejam iluminados a fim de que venhamos a conhecer o caráter da herança para a qual vamos indo, a herança que Deus está preparando para nós. Esta é a mesma idéia expressa por Paulo na Primeira Epístola aos Coríntios: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são

as que Deus preparou para os que o amam" (2:9). O apóstolo está orando no sentido de que venhamos a ver mais e mais daquilo que nos aguarda, e que tenhamos mais freqüentes vislumbres disso. Ele não quer que estas coisas sejam algo distante e estranho para nós. Seu desejo é que não nos limitemos a olhar as Escrituras e às especificações do documento de posse, mas que pela fé tenhamos vislumbres ocasionais da herança propriamente dita, e, por assim dizer , estejamos com Moisés no alto do Monte Nebo contemplando a terra prometida da nossa herança.

Ambas as explicações são possíveis, e não nos é possível dizer dogmática nem categoricamente que uma está certa e a outra está errada. É questão de preferência pessoal, e, quanto a mim, não hesito em adotar a segunda idéia, como fizemos quando expusemos os versículos 11 e 13. Isso porque não me agrada a idéia de que Deus tenha uma herança. Tudo pertence a Deus; o universo inteiro é de Deus. Por isso me parece impróprio empregar a expressão "herança de Deus" neste sentido. Por outro lado, nada pode ser mais apropriado do que examinar isso do outro ponto de vista que também se ajusta ao argumento deste capítulo primeiro. Paulo afirma que nós não somente cremos, mas também fomos "selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da *nossa* herança, até a redenção da possessão adquirida" (VA). A possessão foi adquirida para nós pelo sangue de Cristo; já somos herdeiros, porém ainda estamos neste mundo. Contudo Deus nos dá o penhor do Espírito, dá-nos uma prelibação, até entrarmos nesta possessão adquirida, até a nossa redenção final. Assim o termo "herança" neste versículo 18 aponta na mesma direção.

Do ponto de vista prático, faz pouca diferença qual das duas

explicações adotamos, pois em ambos os casos a oração é para que venhamos a conhecer algo daquele glorioso estado para o qual estamos indo, e para o qual Deus nos está preparando, quando, com todos os remidos, estaremos reunidos em segurança e gozaremos por toda a eternidade os benefícios desta grande salvação.

Tendo assim definido o sentido exato da oração, permitam-me fazer outra pergunta: por que devemos considerar isso? Na verdade, é certo fazê-lo? A questão surge porque toda esta idéia e ênfase causa desagrado nos dias atuais. Há muitos que dizem: "Isto é típico do seu cristianismo. Aqui estamos nós neste conturbado mundo moderno, com tudo o que temos experimentado neste século vinte, com suas duas guerras horríveis, com a discórdia, o tumulto e a incerteza, e a terrível possibilidade doutra guerra mundial, e com todas as possibilidades do uso da energia atômica e, todavia, você nos concita a tomar tempo tentando vislumbrar a eternidade e a vida após a morte. Você deveria estar instando com as pessoas a fazerem o máximo para tentar deter a fabricação de armamentos, e protestar contra a fabricação de armas atômicas. Por que você não dirige apelos aos governos do mundo, e não estimula toda a Igreja Cristã a pôr fim nessas desgraças? O seu

“castelo no ar” não é somente inútil; significa que você está abandonando o seu dever. Você está muito longe da vida, está dando as costas às dificuldades. Não seria hora de a Igreja entrar na vida política e tentar construir um mundo melhor?

Esse é o argumento. O cristianismo, diz ele, é o ópio do povo, uma espécie de “conto para dar ânimo” e fazer as pessoas se sentirem momentaneamente mais felizes, para levá-las a sentir-se bem persuadindo-as a voltarem as costas para a realidade e viverem da imaginação e da fantasia nalgum Elísio imaginário. O homem moderno não gosta desta idéia de contemplar o mundo invisível e eterno, desta ênfase ao outro mundo, justamente à realidade a respeito da qual o apóstolo está orando aqui.

A oposição ao que estou pregando não se restringe ao mundo de fora, ou aos comunistas. Há muitos na igreja que sustentam a mesma idéia. Há alguns hinos que nos dizem que não devemos ser motivados pelo temor do inferno ou pelo desejo de recompensa e de glória; devemos ser altruístas e crer no cristianismo por amor dele próprio. Essa idéia começou a popularizar-se lá pelos fins do século passado, e há muitas expressões dela no presente século.

Repete-se constantemente a história de uma anciã de um país do Oriente Médio, que um dia foi vista caminhando e levando dois baldes. Um deles tinha fogo, outro água. Um homem a deteve e lhe perguntou o que fazia com aqueles dois baldes. Ela respondeu que estava levando o fogo para queimar o céu, e a água para inundar o inferno. Isso é considerado excelente. Ainda existem muitos que se opõe à proeminência que damos à pregação da salvação pessoal. Dizem eles que não devemos pensar em nós mesmos e em nossos problemas; devemos estar interessados no estado da sociedade e nas condições sociais. A maldição da posição evangélica, dizem eles, sempre foi que é demasiado pessoal, egocêntrica, estreita e egoísta.

Para responder não precisamos de nada mais que o nosso texto. O apóstolo Paulo ora de um modo que refuta diretamente toda essa prosa. Ele ora no sentida de que saibamos “qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos”. Mas, fora as palavras do apóstolo, não há nada mais fátuo como crítica desta visão do mundo além recomendada nas Escrituras, do que o argumento particular que acabei de esboçar. Só a história já por si o prova, sem nenhuma dúvida. Os maiores benfeitores que este mundo já conheceu, os homens que fizeram o maior bem a este mundo, foram os que mais ênfase deram à importância de se “ver o invisível”. Basta ler o capítulo 11 da Epístola aos Hebreus para achar prova disso. Temos ali uma lista, ou digamos uma galeria, dos maiores benfeitores que este mundo já conheceu; é por isso que eles sobressaem na história. E todos eles eram pessoas que, como nos é dito, tinham os seus olhos fixos não tanto neste mundo como no vindouro. Não significa que eles ignoravam este mundo. Não eram monges ou anacoretas vivendo em mosteiros ou no deserto; não subscreviam o falso ensino católico-romano sobre o ascetismo que tanto diaboliza essa questão toda. A

alternativa para o conceito popular que esta sendo advogado hoje não é o monasticismo. Os "heróis da fé" que constam no capítulo 11 de Hebreus tinham seu ponto de partida no mundo invisível, e depois, à luz desse, eles se aplicam ao mundo presente.

Mas essa verdade não se aplica somente aos grandes personagens das Escrituras, e sim também a todo o curso da história. Os hospitais, por exemplo, foram iniciados pelos santos. Sempre houve homens que, tendo uma idéia verdadeira do homem e da vida à luz da eternidade, sempre se preocuparam com o sofrimento

humano. O homem que forma os seus conceitos com base numa visão deste mundo, geralmente vive para si e pouco se interessa pelo seu próximo. Foram homens espirituais que geralmente introduziram as maiores reformas. Hospitais, educação e cultura, leis trabalhistas e coisas semelhantes surgiram graças aos esforços de santos, geralmente pessoas evangélicas que se interessavam em saber quais "as riquezas da glória da herança de Deus nos santos". Isso é verdade a respeito dos santos católico-romanos mais evangélicos, bem como dos santos protestantes, mas particularmente destes últimos. Ninguém foi mais preocupado com um viver próprio e decente neste mundo do que João Calvino. A história desse homem e de como ele reformou a vida em Genebra inspirou muitos outros que copiaram as suas idéias, e isso tem constituído a grande força motriz da história da democracia.

Vê-se isso na Inglaterra, na história dos puritanos, que lançaram os alicerces da grandeza deste país. Os puritanos, liderados politicamente pelo grande Oliver Cromwell, eram todos homens que viviam à luz do invisível. Ninguém tinha mais consciência do invisível do que Oliver Cromwell, ou ninguém desejava mais que ele ter os olhos do seu entendimento iluminados para poder conhecer a esperança da vocação de Deus e as riquezas desta glória. Ele era um homem que tinha marcante perspectiva do mundo além, mas isso não significa que ele negligenciava este mundo; ele foi um grande reformador, um grande benfeitor da gente comum, e assim foram todos os seus coadjutores.

Se vocês lerem a história dos séculos dezoito e dezenove, encontrarão um modelo semelhante. Mesmo historiadores seculares admitem que o Despertamento Evangélico do século dezoito sem dúvida salvou a Inglaterra de uma revolução parecida com a Revolução Francesa; e isso porque os líderes daquele avivamento, tendo visto o verdadeiro sentido da vida à luz da eternidade, procuraram melhorar a vida neste mundo. Noutras palavras, sempre foi dos avivamentos espirituais que os maiores melhoramentos seculares vieram.

Vindo para mais perto do nosso tempo, é um simples fato da história que os sindicatos vieram a existir em grande parte como resultado das atividades de homens que tinham sido salvos por este evangelho, e que começaram a ver que os trabalhadores não deviam viver como animais na embriaguez, no vício e na

ignorância. Muitas vezes se diz popularmente que o sindicalismo deve mais ao

metodismo do que a Marx . As coisas das quais os homens se gabam e falam muito hoje em dia vieram das mentes e das vidas de homens que compreenderam a importância do mundo vindouro e da vida na eternidade. De fato, não hesito em asseverar que é quando os homens se esquecem do mundo por vir que as coisas vão mal neste mundo. Soa bastante prático dizer que devemos concentrarmos na política e nas questões sociais; entretanto, se o fizermos sem tomar conhecimento do mundo futuro, se não pusermos as nossas atividades no contexto da eternidade, sempre veremos degenerar-se este mundo.

Durante os recém passados trinta ou quarenta anos, a ênfase tem recaído neste mundo, e a pregação sobre o céu e a glória tem sido impopular. Mas, vejam como este mundo está hoje; veja o que está acontecendo nele e com ele. Quando os homens se esquecem do mundo por vir e se concentram unicamente na presente vida, este mundo se torna uma espécie de inferno em vida, com a confusão, a ilegalidade, a imoralidade e o vício desenvolvendo-se a pleno vapor. Somente os homens que têm uma visão completa da vida é que realmente sabem viver neste mundo. O único homem que realmente respeita a vida neste mundo é o que sabe que este mundo é apenas a antecâmara do mundo vindouro. É somente o homem que sabe que é filho de Deus, e que sabe que este mundo pertence a Deus, que realmente se preocupa com a decência neste mundo. Assim, se vocês quiserem ter uma vida plena e gratificante neste mundo, terão que começar compreendendo que a estrada real rumo a tal vida é levar em consideração o mundo para o qual vamos indo, é meditar "nas riquezas da glória da sua herança nos santos".

Foi necessário tomar tempo respondendo aquele argumento fátuo e tolo. Mas, positivamente, por que devemos examinar estas coisas? Por que devo preocupar-me em saber algo sobre "as riquezas da glória da sua herança nos santos"? Uma resposta suficiente é o conforto que nos traz. É à luz disso que o apóstolo pode desenvolver o seu grande argumento na Epístola aos Romanos, capítulo 8. Diz ele: "Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em vós há de ser revelada" (versículo 18). Essa é a conclusão do argumento. Os cristãos de Roma estavam passando por um período duro e difícil, e o apóstolo não tem consolo para oferecer-lhes, senão essas palavras. Ele admite que as coisas eram más e penosas. O cristianismo

sempre é realista; nunca pretende que não há nada errado, nem defende a idéia de que se deve sorrir e dizer que está tudo bem. Antes, ele diz com o apóstolo, nos versículos 19-23 desse mesmo capítulo 8: "Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos". O cristão não é um simplório que dá um sorriso fátuo e finge que não há nada errado; ele nunca tem problema e vive cantando "e agora sou sempre feliz". Essa é a posição, não do cristianismo, e sim de

uma falsa psicologia. Acima de todos os demais homens, o cristão sabe que mundo terrível é este; mas também sabe que está apenas "esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). E isso que o capacita a proferir a asseveração do versículo 18. O apóstolo diz a mesma coisa aos coríntios, na Segundo Epístola: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente" (4:17). É o "peso eterno da glória mui excelente" que nos dá o conforto e, portanto, o encorajamento e o estímulo para a luta neste mundo. Haveria algo mais encorajador, mais estimulante?

Observem o apóstolo enquanto ele desenvolve o seu argumento no capítulo 15 da Primeira Epístola aos Coríntios. Ele argumenta que, se não há ressurreição dentre os mortos, e se esta vida é a única, e a morte é o fim da história, então a única conclusão que se pode tirar é: "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (versículo 32). Se não há outra vida, porque me empenhei em lutar contra "as bestas" de Éfeso? (versículo 32), etc. Não há nada que tanto nos anime para a vida cristã, não há maior estímulo para prosseguirmos nela, do que saber algo das "riquezas da sua herança nos santos". Quanto mais eu as conhecer, mais encorajado serei a abandonar o pecado, a mortificar a$_y$ carne e a preparar-me para aquilo que Deus tem à minha espera. E o maior incentivo à santidade e ao viver santo; não há nada que se lhe compare. "E qualquer que nele tem essa esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro", como diz o apóstolo João (1 João 3:3). A falta da verdadeira santidade escriturística hoje certamente se deve ao fato de que não passamos tempo suficiente meditando na glória que nos espera. Esta contemplação da glória é a estrada real para a santidade.

No entanto há um argumento que define a questão uma vez por todas. É o que nos é dito acerca do nosso bendito Senhor. O autor da Epístola aos Hebreus o expõe assim, no capítulo 12: "Olhando para Jesus, autor e consumador da fé" (versículo 2). É o que deve-

mos fazer. Temos que fazer uma corrida. Ela exige que "deixemos todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia, olhando para Jesus, autor e consumador da fé". Mas o autor tem o cuidado de acrescentar: "O qual pelo gozo que lhe estava proposto" - à luz do gozo que Lhe estava proposto, por causa do gozo que Lhe estava proposto - "suportou a cruz, desprezando a afronta". Essa era a verdade concernente ao nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo quando estava neste mundo. Não desprezou fixar os olhos na "recompensa". Desde que Ele estava com os olhos postos no gozo da glória que O aguardava, passou por tudo, até a cruel morte na cruz; isso O ajudou a prosseguir. E no capítulo 17 do Evangelho Segundo João, como já vimos, Ele ora no sentido de que tenha de novo aquela glória que Ele compartia com o Pai antes da fundação do mundo.

Opor-se à petição do apóstolo que deseja que conheçamos estas coisas, não somente

é anti-espiritual, mas também é inteiramente antibíblico. O apóstolo de fato declara isso na forma de mandamento na Epístola aos Colossenses : “Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra”. (3:2). A comparação é com a agulha da bússola. Devemos colocar os nosso afetos, mantê-los em ordem e resolutamente fixos “nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra”.

Livremo-nos, pois, da falsa espiritualidade que se orgulha de que é extraordinariamente pura porque não está interessada nem no céu nem no inferno. Não se interessar pelo céu é ser diferente do Senhor Jesus Cristo; é ser diferente dos apóstolos; é ser diferente dos maiores santos, das melhores pessoas que este mundo conheceu. Quanto tempo vocês passam pensando no céu? Quantas vezes vocês o contemplam? Vocês têm os olhos do seu entendimento iluminados para conhecer estas coisas? Não hesito em asseverar que quanto mais espirituais formos, mais pensaremos no céu. Quanto mais perto estivermos de Cristo, mais meditaremos na glória que Ele preparou para nós. Esta é uma invariável e infalível prova da verdadeira espiritualidade.

Isso me leva ao derradeiro ponto, e eu pergunto: que coisas são estas que devemos conhecer? Somente o Espírito Santo pode torná-las claras para nós. Muitos de nós temos que concordar com Richard Baxter quando ele diz: “o meu conhecimento daquela vida é pequeno, os olhos da fé são obscuros”. Afinal de contas, quão pouco

sabemos destas coisas! Muitos ficam em dificuldade nesta questão. Como pastor, frequentemente me fazem esta pergunta: “Por que não sabemos mais acerca do céu e da vida para onde vamos? Por que não nos é dito mais a respeito? Dou uma resposta bem simples. É que a glória é tão maravilhosa, tão magnífica, tão perfeita, que a nossa linguagem humana é incapaz de transmitir uma idéia fiel dela. A glória é tal que, se se fizesse uma tentativa para descrevê-la, visto que o pecado rebaixou tanto a cunhagem do nosso linguajar, teríamos concepções indignas dela. Tentar descrevê-la seria diminuí-la. Por isso, em Sua misericórdia, Deus não nos disse muita coisa a respeito. Concentremo-nos, porém, no que nos foi dito.

O apóstolo fala das “riquezas da glória” - ele amontoa superlativo sobre superlativo. Não existe coisa alguma superior à glória, e, todavia, ele fala das riquezas da glória. Isso nos dá uma concepção desta glória transcendental que ultrapassa até o alcance da nossa imaginação. Tudo o que nos pode ser dito é: “as riquezas da sua glória”. Por isso, não se preocupem! O céu é infinitamente mais maravilhoso do que eu e vocês podemos imaginar. Está inteiramente fora do alcance de todas as nossas categorias; mas algumas coisas nos são ditas. A parte central da glória é que estaremos com Ele. “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, credes também em mim.”... “Vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3). Isso é suficiente - estar com Ele! Também é como Paulo vê a morte.

Ele já não se preocupava com a morte, porque para ele a morte era "estar com Cristo, e isto é ainda muito melhor" (cf. Filipenses 1:23).

Depois, também, o nosso Senhor, em Sua oração sacerdotal, ora fazendo uma petição muito especial a Seu Pai: "Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste: porque tu me hás amado antes da criação do mundo" (João 17:24). Sua maior oração por nós é que O vejamos como Ele é, e em Sua glória. Não há nada superior a isso! Assim João também escreve em sua Primeira Epístola: "Ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 João 3:2). Quando chegarmos a esta glória, os nosso próprios corpos serão transformados. "(Cristo) transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso", o corpo da Sua glorificação (Filipenses 3:21). Seremos

perfeitos e estaremos completos, "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Nós sabemos disso!

Ao apóstolo Paulo, no caminho de Damasco, foi dado um vislumbre desta glória. Não admira, pois, que ele escrevera aos efésios falando das "riquezas da glória", porque ali no caminho de Damasco, ele viu o rosto do Senhor ressurreto; e foi tão resplandente e glorioso que ele ficou cego. A luz era mais brilhante que o sol ao meio-dia, e foi uma manifestação da glória do Senhor. Paulo nunca se esqueceu disso. Como poderia? Mas ele também nos fala de uma ocasião em sua vida, uns catorze anos antes de ele escrever a respeito, em que ele foi elevado ao terceiro céu, "arrebatado ao paraíso". Enquanto esteve lá, "ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar" (2 Coríntios 12:3-4). Foi uma prelibação desta glória, e do céu. Ele nunca esqueceu isso também. Não é surpresa, pois, que ele fale de "um peso eterno de glória mui excelente".

Depois, no capítulo 21 do livro de Apocalipse, a glória é toda descrita em linguagem simbólica. A cidade celestial era "ouro puro, semelhante a vidro puro" (versículo 18). Não havia templo ali, porque o próprio Deus lá está. Não havia nem sol, nem lua; não havia estrelas, porque no meio dela o Cordeiro era a luz da cidade. A "face de Jesus Cristo" irradia-se e ilumina tudo. Nós habitaremos lá, em Sua gloriosa presença.

Isso é algo do que Paulo quer dizer quando fala em "tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais quais as riquezas da glória da sua herança nos santos". É para a cidade celestial que eu e vocês vamos indo. O apóstolo Pedro a seu modo o expressa com as palavras: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo, dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para

vós" (1 Pedro 1:3-4). Notem o que ele diz: é "incorruptível". Não há nada pecaminoso ali, nada que seja indigno. "Incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar." Não podemos imaginar isso; estamos acostumados com um mundo de pecado, e com a morte e a decadência. Que belas flores! Mas, olhem para elas amanhã ou depois. Vocês as lançam ao monturo. Há decadência e corrupção em tudo quanto é deste mundo. Aplica-se o mesmo às nossas estruturas físicas. Estamos sujeitos à doença, ao envelhecimento, e assim por

diante. Todavia não lá - "incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar"! Não haverá tristeza ali, nem lágrimas, nem pecado, nem separação, nem coisa alguma que nos faça infelizes e nos deprima. "As riquezas da glória da sua herança"!

Mas isso é só para "os santos". "Nada que contamine" entra na cidade santa; fora ficam os cães, os adúlteros, os idólatras, os mentirosos, e tudo o que é abominável. O que venho tentando descrever é somente para os santos. O Senhor Jesus Cristo fala similarmente em Mateus 25: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (versículo 34). Foi preparado somente para "os santos"; para os que amam os Seus pequeninos, e os visitam na prisão e os alimentam e os vestem, etc. O Reino foi preparado para eles, e para eles somente, antes da fundação do mundo. Paulo declara que lhe fora ordenado chamar pessoas "das trevas para a luz, e do poder de satanás para Deus, para que recebessem o perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim (Cristo)" (Atos 26:18, cf. VA).

Daí se chega a isto: enquanto estamos nesta vida e neste mundo, um grande processo de separação e de joeiramento está ocorrendo. Deus lança Sua mão e apreende os que deverão ir para esta glória, para esta herança; eles são "chamados santos". Os santos são aqueles que foram separados e postos à parte para Deus pelo Espírito Santo. O resultado é que eles creram no evangelho da salvação em Jesus Cristo, e Este crucificado. Confiam nEle e em Sua obra perfeita, e somente nisso. Todos nós neste momento, ou somos santos, ou somos ímpios.^ Esta glória da qual estivemos falando é somente para os santos. É para eles; e ninguém nem coisa alguma podem tirá-la deles. "Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Romanos 8:38-39).

Se você é santo, se você faz parte do povo de Deus, você está indo para esta glória da qual estive falando, e nada pode impedir que isso aconteça. Você sabe se você é santo? Tem certeza de que faz parte do povo de Deus? Certifique-se disso. Depois, tendo-se certificado, demore-se sobre isto, aplique a isto a sua mente, leia as Escrituras, sonde-as, confie-as à memória, repita-as para si próprio diariamente. Diga a si próprio: "É para isso que eu fui destinado, essa é a herança que foi

preparada para mim, é assim que eu vou

passar a minha eternidade". Quanto tempo você passa fazendo isso? Oremos rogando para nós o que o apóstolo rogou para os efésios . Oremos a Deus por Seu Espírito para que "ilumine os olhos do nosso entendimento", para que estas coisas se tornem reais para nós, e assim não passaremos o nosso tempo pensando neste mundo e nesta vida passageira, mas, antes, naquilo que certamente virá e que é tão glorioso! "As riquezas da glória da sua herança nos santos."

"Pensai", ponde o vosso afeto, o desejo do vosso coração, no Senhor e nas coisas que Ele preparou para aqueles que O amam. "O dia final de glória vem chegando." Há a nossa espera uma glória que "o olho não viu nem o ouvido ouviu", que nunca penetrou o coração do homem nem na imaginação. Procuremos conhecer estas coisas; contemplemo-las; vivamos à luz delas. E então, como homens que as viram, tenhamos a nossa vida neste mundo vivendo-a em seu nível máximo, falando aos outros deste Deus glorioso e do que Ele faz por todos os que nEle confiam, e ajudando da melhor maneira que pudermos, andemos "fazendo o bem" neste mundo fugaz e limitado pelo tempo, como o nosso bendito Senhor fez quando estava aqui.

"A SOBREEXCELENTE GRANDEZA DO SEU PODER"

"E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos."

- Efésios 1:19-23

Chegamos à terceira petição particular do apóstolo em favor dos cristãos efésios, e vemos que, como se deu com as outras duas, é introduzida pela palavra *qual* ("quais"). Mais uma vez devemos ser cuidadosos na interpretação. A Bíblia de Scofield, assim chamada, introduz estas três petições com o seguinte título geral: "Oração por conhecimento e poder". Sugere com isso que o apóstolo está pedindo duas coisas para estes efésios: primeiro, que tenham certo conhecimento, e depois, que tenham poder. Minha opinião é que essa interpretação é errônea e grave. O apóstolo, aqui, não está orando tanto para que seja dado poder aos efésios, como que conheçam o poder de Deus que já está operando neles. É evidente que as duas coisas são inteiramente diversas, como é demonstrado por todo o contexto. O objetivo desta seção da Epístola, como já vimos repetidamente, é dar segurança e certeza a fim de que os cristãos verdadeiros tenham confiança; assim, parece claro que o apóstolo

está dando ênfase ao poder de Deus nos santos, e não ao poder que Deus dá aos santos.

Isso imediatamente levanta um problema fundamental de teologia e doutrina; na verdade levanta dois possíveis conceitos sobre a salvação cristã. É interessante observar que conceitos diferentes sobre a salvação geralmente são determinados por esta questão de poder. Um conceito é que a salvação é resultado de algo que eu

faço, e mais o poder que nos é dado por Deus. Eu, mais o poder de Deus! É concedido que eu não posso realizar a salvação sem o poder ou a ajuda que Deus me dá, mas esta concepção da salvação é que Deus me ajuda e me habilita a chegar a ela. O outro conceito é que a salvação é resultado do poder de Deus em ação - em mim e por meu intermédio, e é este conceito que devemos tomar desta passagem particular.

Neste ponto aVersão Padrão Revista inglesa ("RSV") é útil. Em vez de dizer: "qual a extraordinária grandeza do seu poder para conosco que cremos" (VA), diz "Qual a imensurável grandeza do seu poder em nós, que cremos". O apóstolo está dando ênfase ao poder de Deus em nós. Naturalmente é certo dizer que Deus nos dá força e poder; e necessitamos desse poder constantemente; e em seu lugar e contexto isso deve ser ensinado. Mas aqui o grande objetivo que o apóstolo tem em mente é fazer com que os efésios vejam e compreendam, e nós com eles, a grandeza do poder de Deus em nós, o que Ele está realizando em nós. O resultado seria que os nossos temores se desvaneceriam, e teríamos nova confiança e segurança com respeito a nossa salvação. Na verdade, esta é, em última instância, a base final da segurança, tanto objetiva como subjetiva - aquela levando a esta.

É fascinante observar a maneira pela qual o apóstolo maneja o seu material e elabora o seu argumento. Ele nos deixou clara a natureza do chamado e como este se funde no caráter de Deus. Depois ele nos deu um vislumbre da glória transcendental para a qual fomos destinados. E agora ele acentua o poder de Deus agindo em nós. Parece-me que a lógica na seqüência destas três petições é como segue: com o seu grande coração pastoral, o apóstolo está preocupado com estes efésios. Ele sabe que eles tinham crido, que eles confiavam no Senhor Jesus, e que tinham sido selados com o Espírito Santo; não obstante, ele ora sem cessar por eles, e ora no sentido de que eles penetrem as profundezas do entendimento, do conhecimento e da compreensão da vida cristã e suas possibilidades. Por isso fez as duas primeiras petições, e esta terceira é inevitável.

É inevitável porque ninguém pode ter qualquer concepção dessa herança, dessa glória, para a qual vamos indo, sem imediatamente tomar consciência de certas coisas. A própria grandeza da glória por um lado, e o nosso estado e condição em pecado por outro, tendem a criar dúvidas dentro de nós. Ouvimos ou lemos as

descrições das realidades invisíveis e eternas - o "peso eterno de glória mui excelente" para o qual estamos indo - e, tendo-as completado, inclinamo-nos a voltar-nos e a dizer a nós mesmos: mas, certamente isso tudo não é possível para mim! Certamente não estou apto para tal glória, e nunca estarei! Contrastamo-nos a nós mesmos, e o que sabemos que somos, com o brilho da glória de Deus. Vamos ao capítulo 21 do livro de Apocalipse e lemos sobre o Cordeio no meio, e sobre toda a glória, e sobre o fato de que fora ficam os cães (22:15) e tudo o que é mau, e dizemos: certamente isso tudo é impossível para nós, é demasiado maravilhoso, é demasiado glorioso! Com toda a probabilidade essa é a nossa reação imediata. Ou podemos dizer a nós mesmos: como poderei tornar-me apto para tal glória? Se eu passar o resto da minha vida não fazendo outra coisa senão cultivando e nutrindo o meu ser espiritual, alguma vez chegaria a ser apto?

São tais sentimentos que têm levado muitos a se fazerem monges, a segregar-se do mundo e a entregar-se a santa meditação, à oração e ao jejum. Esses pensamentos são quase inevitáveis para quem quer que leve a sério estas coisas. E então eu começo a pensar em minha desobediência, em minha fraqueza, em meu egoísmo e em minha propensão para pecar. Digo a mim mesmo: "Uma coisa é quando estou na casa de Deus e ouço estas coisas, ver como são maravilhosas, e divisá-las e determinar-me a fazer algo sobre elas; porém depois eu sei que muitas vezes tive tais pensamentos e sentimentos, mas falhei em pô-los em prática. Deliberadamente me determinei e decidi buscar estas coisas com todo o meu ser; todavia sou tão desobediente e indigno de confiança! Não posso confiar em mim mesmo, em meus sentimentos, em meu temperamento, em minha disposição, em minhas resoluções. Essa é a espécie de criatura que eu sou; e você me confronta com essa glória, essa herança, essa pureza, essa perfeição inefável! É impossível".

Depois passo a considerar o meu frágil corpo, com as sementes da decadência que nele estão; sei que ele está sujeito a enfermidades; e acho quase impossível acreditar-me e imaginar-me gozando um estado de glória. E depois, em acréscimo a tudo isso, há a vida como a conhecemos neste mundo, com suas circunstâncias variáveis; aí está o mundo e sua influência sobre nós, os amigos e outros instigando-nos e atraindo-nos para o pecado; aí está a nossa preocupação com as coisas terrenas, negócios e atividades, e a necessidade de viver de molde a podermos sustentar a nós mesmos e as

nossas famílias! Todas estas coisas, as pressões da vida e das circunstâncias, conspiram para me tornar impossível achar tempo para preparar-me para essa glória.

Finalmente, atrás disso tudo, sabemos que somos confrontados por um poderoso adversário, um inimigo por demais astuto, o diabo, "bramando como leão, buscando a quem possa tragar", confrontando-nos em cada esquina, "o acusador dos irmãos", que conhece todas as nossas fraquezas e que, com a sua astúcia, está sempre nos

instigando, nos atraindo e nos induzindo ao pecado, ao fracasso e à indolência. Além disso, vemos que entre nós e aquela glória está a realidade da morte, o temível espectro, "o último inimigo", e o poder da morte e do sepulcro. Não poderemos entrar na glória prometida sem passar pela morte; e sabemos que muitos santos tremiam quando pensavam na dissolução do corpo, na passagem pelo "vale da sombra da morte", e na travessia do último rio.

São esses os pensamentos que povoam nossas mentes, e eles vêm com especialidade aos que vêem mais claramente "as riquezas da glória da sua herança nos santos". E por causa disso que pago meu modesto tributo à grandeza do coração pastoral do apóstolo e ao trabalho da sua mente majestosa. Ele nos leva adiante, passo a passo. Ele sabe que se captarmos o sentido das outras duas coisas pelas quais ele tinha orado, teremos urgente necessidade de mais esta petição. Ele trata de todos os nossos problemas e dificuldades. Por isso ele ora também para que saibamos "qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus". Se vocês acharam que me demorei demais no vestíbulo deste texto, por assim dizer, minha resposta é que o simples vestíbulo é mais maravilhoso que os mais grandiosos palácios do homem. Estamos prestes a entrar num dos aposentos mais sublimes do palácio, onde "as abundantes riquezas" da graça de Deus estão armazenadas. O apóstolo está pronto a falar-nos da extraordinária grandeza do poder que Deus está exercendo nos crentes.

Digo que Paulo está pronto a tratar disso, mas então a glória transcendente dos seus pensamentos parece levá-lo para longe do seu objetivo e propósito de ajudar-nos, direto à glória eterna; contudo é só uma aparente digressão, pois ele nos vem de volta no versículo primeiro do capítulo 2. Seu tema é a grandeza do poder de

Deus para conosco, ou em nós, os que cremos. Ao descrever esse poder, ele menciona a ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos, e a colocação dEle na mais alta posição de poder. O apóstolo nos diz como Ele foi feito Cabeça da Igreja. Dessa maneira nos é dada, por assim dizer, a doutrina completa da Igreja num pequenino estojo. Mas, tendo feito isso, Paulo retorna ao seu tema predominante no versículo primeiro do capítulo 2 da Epístola.

Seu tema pode ser dividido em duas partes principais: primeiro, a grandeza do poder propriamente dito, segundo, como podemos estar certos e seguros de que esse grande poder está operando em nós.

Podemos abordar a primeira parte de maneira muito conveniente, talvez, na forma de algumas proposições. A primeira é que a salvação é uma demonstração do poder de Deus em nós. Estou cada vez mais convencido de que o maior problema com aqueles de nós que passam tanto da sua vida cristã nos "baixios e nas misérias" da dúvida, da incerteza e da hesitação, é que eles realmente nunca se firmaram neste grande

princípio fundamental. Nosso ponto de partida sempre deve ser: “Sou o que sou pela graça de Deus”, e pelo poder de Deus. O cristão é fruto da operação de Deus, nada menos, nada mais. Ninguém pode fazer-se cristão; só Deus faz cristãos. Esse é o real sentido desta terceira petição.

Consideremos, porém, várias declarações de apoio que se encontram noutras partes das Escrituras. “Não me envergonho do evangelho de Cristo”, diz o apóstolo na Epístola aos Romanos. Seu motivo para dizê-lo é: “pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16). Diz ele também: “Pregamos a Cristo crucificado”, porque está seguro de que Cristo é “poder de Deus, e sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1:23-24). Aos olhos de Paulo a pregação não tem valor, a não ser que seja em “demonstração do Espírito e de poder”! O nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza” (1 Tessalonicenses 1:5). Os cristãos, ele nos diz, são feitura de Deus (Efésios 2:10). Esta verdade é fundamental para um entendimento da posição cristã. De novo, ao escrever aos filipenses, ele diz: “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1:6). Ainda na mesma Epístola vemos: “Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (2:13). Referindo-se à

sua própria pregação, diz o apóstolo: “Para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente (Colossenses 1:29).

No entanto, talvez nenhuma expressão do que é que nos faz cristãos mostre esta idéia com tanta clareza como a declaração de Paulo de que o cristão é “nova criatura” (VA: “nova criação”) (2 Coríntios 5:17). Não é nada menos que isso. Não é apenas membro de igreja, não é apenas um bom homem, não é apenas alguém que tomou uma decisão. Uma pessoa pode fazer tudo isso, e ainda não ser cristã. O cristão é alguém que foi criado de novo; e há somente Um que pode criar, a saber, Deus. Requer-se o poder de Deus para se fazer um cristão. Que idéias indignas muitas vezes temos do cristianismo e do que é ser cristão! Pensamos muito em termos de nós mesmos, e do que fazemos, do que decidimos, do que assumimos e do que nos propomos fazer. Certamente temos muito a fazer, mas todo o ensino do Novo Testamento salienta acima de tudo mais que não podemos fazer nada enquanto Deus não faz primeiro algo em nós. “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados” (Efésios 2:1). Estamos todos mortos por natureza, e ninguém poderá fazer coisa alguma enquanto não for vivificado, ressuscitado, trazido à vida, criado de novo. Segundo o Novo Testamento, nenhuma categoria é adequada para descrever o que somos em Cristo, exceto este conceito do novo nascimento, da regeneração; e nenhum homem pode dar nascimento a si próprio. O poder de Deus é o princípio e o fim da salvação; é tudo dEle e do Seu poder.

O segundo princípio lembra-nos a grandeza do poder de Deus. Ao descrevê-lo, o

apóstolo empilha superlativo em cima de superlativo, pois a linguagem humana é totalmente inadequada para a tarefa. Ele ora no sentido de que os efésios conheçam "a sobreexcelente grandeza" (VA: "a excessiva grandeza"); não a grandeza, mas a *excessiva* grandeza. A palavra empregada pelo apóstolo poderia igualmente ser traduzida por "transcendente". O poder de Deus não somente transcende o nosso poder de expressão; transcende o nosso poder de compreensão! Vejam todos os dicionários do mundo, esgotem todos os vocabulários, e quando os juntar todos, ainda não terão começado a descrever a grandeza do poder de Deus. O apóstolo emprega as melhores expressões disponíveis, a "transcendente" grandeza, a "excessiva" grandeza, a "sobreexcelente" grandeza, não são suficientemente específicas para ele. Ele lhes acrescenta algo, dizendo: "segundo a operação da

força do seu poder".

Devemos analisar esta nova frase, pois é uma das mais grandiosas que o próprio Paulo utilizou. Devemos conhecer "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder". Uma palavra melhor do que "operação" seria "energia". *Energia* é uma palavra muito mais forte porque dá a impressão de algo eficaz. Não se trata de um mero poder estático ou potencial; energia é poder que foi liberado e está de fato em ação. E poder cinético, poder manifesto, a energia agindo e permeando tudo. Depois vejam esta segunda palavra, *força,* que significa força de maneira muito especial. A palavra de Paulo sugere uma força que domina, que prevalece, que vence, uma força que, levantando-se contra a resistência, a sobrepuja. É o tipo de força que pode "arrasar" toda alta montanha e pode "exaltar" todo o vale; não há nada que lhe possa resistir. O apóstolo está descrevendo este poder de Deus como "a energia do poder" de Deus, para Quem nada é impossível.

A terceira expressão que aparece na Versão Autorizada como "força" realmente eqüivale a "poder" (como diz Almeida); o poder essencial de Deus, Sua energia inerente. Mais uma vez devemos assinalar que o apóstolo não está empregando palavras ao acaso, mas há uma definida graduação do uso delas. Primeiro ele fala de energia, de poder em ação; depois ele diz que essa energia vem de uma força irresistível que, por sua vez, provém do oceano do poder de Deus, da eternidade do ilimitado poder de Deus.

Uma similar descrição do poder de Deus é feita por Isaias, no capítulo 40 da sua profecia. Ele o expressa fazendo uma série de perguntas: a quem podemos assemelhar Deus? Com quem podemos compará-10? E, tendo dito que todas as comparações são inúteis, prossegue e diz: "Ele é o que está assentado sobre o globo da terra" (versículo 22). Ele contrasta Deus com os ídolos, contrasta-0 com os poderes políticos e governamentais, com príncipes e governadores e homens de sabedoria; mas isso tudo nada é, comparado com o poder de Deus. Não há quem lhe

possa dar conselho, nem coisa alguma; Ele é tudo em Si e por Si; Ele é sempiterno de energia, força e poder.

O apóstolo Paulo está asseverando que esta energia e força do poder de Deus atua em nós e sobrepuja todos os obstáculos de resistência. Para expô-lo com diferente linguagem, podemos dizer que o apóstolo está dizendo a estes cristãos efésios que ele está

orando no sentido de que eles conheçam "a eficácia da força do seu poder"; ou **de que conheçam "a energia da força do seu poder" para** com eles. Entretanto toda a linguagem é totalmente inadequada para comunicar tal verdade. A criação de um cristão é resultado da manifestação do poder de Deus em ação. Você já se deu conta de que isso é verdade a seu respeito? Você compreende que é o que é porque este eterno e ilimitado poder de Deus agiu energeticamente em você? E que continua agindo, e continuará a fazê-lo? Quando falamos da "energia da força do poder" do poder de Deus, as nossas mentes giram confusas face à estupenda magnificência e majestade disso tudo. Por isso o apóstolo prossegue para ajudar-nos com uma ilustração. A energia da força do poder de Deus já se havia manifestado de maneira objetiva na ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos: "Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder" etc. Bem que podemos perguntar a esta altura: por que o apóstolo escolhe esta ilustração particular? Por que ele demonstra o poder de Deus pela ressurreição de Cristo e não pela Criação? A Criação foi uma notável manifestação do poder de Deus, pois Lhe bastou dizer, "Haja luz" e "houve luz" (Gênesis 1:3). Seu simples "fiat", Sua Palavra, foi suficiente; e Ele fez tudo do nada. Ou, por que o apóstolo não usou a comparação do poder e força que Deus exerceu na providência? Todos estes globos em suas órbitas nos céus são mantidos e sustentados pelo poder de Deus; tudo é ordenado por Ele. O mundo entraria em colapso se Deus deixasse de sustentá-lo e mantê-lo em ação por Seu poder providencial. Todas as coisas funcionam, e funcionam juntas, porque Deus as fez assim. Ele não as fez apenas, e as largou; Ele continua a energizá-las. O poder de Deus se manifesta na providência e em toda a ordenação da vida do mundo. Ou, por que Paulo não se referiu ao poder de Deus manifesto nalguns dos grandes julgamentos da história? Haveria algo que mais significativamente mostre o poder de Deus do que o dilúvio, quando as janelas dos céus foram abertas e as montanhas foram cobertas pelas águas? Ou, por que o apóstolo não usou a destruição de Sodoma e Gomorra, ou os extraordinários milagres relacionados com o êxodo de Israel do Egito para Canaã - a divisão das águas do Mar Vermelho, a divisão das águas do Jordão? Por que é que ele não escolhe algum desses eventos, ou de outros similares, mas, em vez disso, a ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos?

O apóstolo escolhe a ressurreição de Cristo, creio eu, porque é uma demonstração

objetiva do poder de Deus. Ele a escolhe também porque é uma perfeita analogia do que nos aconteceu espiritualmente. Também ajuda a apresentar a doutrina da nossa união mística com Cristo, e a mostrar que quando Cristo foi ressuscitado, nós fomos ressuscitados com Ele, e estamos assentados com Ele, precisamente agora, nos lugares celestiais (2:6). Mas, além disso tudo, creio que ele faz essa escolha porque é a prova, acima de todas as outras provas, do fato de que todos os obstáculos e empecilhos e inimigos postos em nosso caminho serão sobrepujados. A ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos é prova positiva e absoluta de que até o "último inimigo" foi vencido e derrotado.

O apóstolo Pedro, no primeiro sermão pregado sob os auspícios da Igreja Cristã, no dia de Pentecoste, em Jerusalém, diz: "Ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela" (Atos 2:24). Temos que compreender que, em acréscimo a toda a nossa fraqueza, pecaminosidade e desobediência, o nosso último inimigo é a morte. Não conseguimos compreender a grandeza do poder de Deus em nós porque nunca compreendemos bem o poder da morte. A Bíblia dá constante testemunho do poder da morte. A morte domina todos os homens; homem nenhum pode escapar dela, por mais poderoso que seja. Como o apóstolo diz na Epístola aos Romanos: "A morte passou a todos os homens" (5:12). Não admira que os escritores do Velho Testamento se refiram tão frequentemente a ela e ao seu terrível poder. Eles temiam e tremiam quando pensavam neste poder que estava à espera deles. A morte e o túmulo são para todos.

Ademais, o poder da morte e do Hades é o poder exercido pelo próprio satanás. E por isso que o autor da Epístola aos Hebreus se gloria no fato de que nosso Senhor Jesus Cristo veio, viveu e morreu "para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (Hebreus 2:1415).

Assim o apóstolo nos faz lembrar que, ressuscitando ao Senhor Jesus Cristo da morte e do túmulo, Deus nos fez esta demonstração e manifestação de que o último inimigo foi vencido. "O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte"; mas Cristo já venceu a morte. "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Todavia, graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus

Cristo" (1 Coríntios 15:26, 56-57). A morte, o inferno e satanás foram vencidos, e podemos dizer triunfantemente: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (1 Coríntios 15:55).

Só se pode tirar uma conclusão disso: seja o que for que se possa dizer com verdade da nossa experiência, seja qual for a verdade sobre o mundo e suas trevas, seja qual for a verdade a respeito das sementes da decadência, da enfermidade e da morte em nossos corpos, e por maior que seja o poder do ultimo inimigo, podemos estar certos e confiantes nisto, que nada pode impedir o cumprimento do propósito de Deus com

relação a nós. Não há força que possa frustrá-10; não há poder ou influência que possa competir com Ele; não possibilidade de que haja um antagonista que O iguale. Os inimigos mais poderosos, o diabo, a morte e o inferno, já foram subjugados, e a ressurreição de Cristo é a prova disso.

Temos assim uma prova positiva de que não há nada que seja "difícil demais para o Senhor", e de que "Para Deus nada é impossível". Portanto, se pensamos na glória, na perfeição, na maravilha e no encanto do que nos espera, e depois nos sentimos tão indignos e tão fracos que ficamos sem esperança de usufruí-lo, aqui está a resposta. O Deus que está agindo em nós nos manterá enquantç estivermos aqui, e nos fará aptos para a indescritível glória futura. É Ele que está fazendo isso, não nós. "Para ele nada é impossível", nada pode resistir-Lhe de maneira final. Assim, podemos dizer com Paulo: "Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Romanos 8:38-39), e então cantar com Augustus Toplady:

A obra que Sua graça começou,

Seu forte braço, eu sei, completará;

Sua promessa é Sim e Amém,

E Ele jamais voltou atrás.

' Coisas futuras e coisas de agora,

Nada que há embaixo, nada que há em cima, Podem levá-10 a evadir Seu propósito Ou minha alma cortar do Seu amor.

Você se dá conta da extraordinária grandeza do Seu poder em você? Você se dá conta da energia da força do Seu poder que já está agindo em você? E você compreende que, uma vez que começou, continuará, e continuará até você se achar "santo e irrepreensível, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante" na presença de Deus na glória?

“SOBRE NÓS OS QUE CREMOS”

“E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus.” - Efésios 1:19-20

Ao continuarmos o nosso estudo desta terceira petição, eu gostaria de lembrar-lhes de novo que é sumamente importante que compreendamos que o apóstolo está orando aqui, não para que os efésios tenham mais poder, e sim para que venham a conhecer a grandeza do poder que já está atuando neles.

Primeiramente, tenhamos claro em nossas mentes o que exatamente ele quer que compreendamos e experimentemos deste poder de Deus extraordinariamente grande em nós. Há os que dizem que o que o apóstolo tinha em mente era simplesmente a nossa ressurreição futura, e que ele não estava interessado em nada mais.
Eles sustentam que Paulo estava dizendo mais ou menos o seguinte aos efésios: muito bem, eu estabeleci o fato de que vocês são herdeiros de Deus, e lhes propiciei um vislumbre da herança para a qual vocês estão indo, e agora quero que vocês saibam que nem mesmo a morte pode tirar-lhes isso, porque o poder de Deus O habilitará a ressuscitá-los dentre os mortos, assim como Ele ressuscitou Seu Filho dentre os mortos. Eles afirmam que isso é tudo, e que se trata exclusivamente de uma referência à nossa ressurreição no último dia e à nossa entrada na glória eterna. Será? Ele inclui isso, é claro, porém eu afirmo que ele não está se referindo somente ao clímax dos eventos que se dará na “consumação final”, mas também à totalidade da vida cristã, do começo ao fim.

Há várias maneiras pelas quais podemos estabelecer o ponto em questão. Em primeiro lugar, pareceria estranho, ou incongruente, que o apóstolo estivesse orando com tanta urgência no sentido de que os efésios estivessem confiantes no poder de Deus só com vistas à ressurreição final deles. Não é algo muito apropriado para se fazer por pessoas que ele parece ansioso para encorajar no presente. Isso é consubstanciado pelo uso da expressão que na Versão Autorizada (inglesa) é traduzida por “segundo a” - “e qual a exces-

siva grandeza do seu poder para conosco, que cremos, *segundo* a operação da sua poderosa energia que ele pôs em ação em Cristo quando o ressuscitou dos mortos”. O significado destas duas palavras, “segundo a”, é a chave para a nossa interpretação. Porventura elas se referem aos “que crêem”, expressão que as precedeu imediatamente, ou, por assim dizer, fez uma pausa enquanto escrevia “para conosco, que cremos” e antes de prosseguir dizendo, “segundo a sua poderosa energia que ele pôs em ação em Cristo”? Qual o sentido de “segundo a”? A resposta dada no Léxico de Grimm-Thayer é que “segundo a” realmente significa “em conseqüência de” ou “em virtude de”, ou “por meio de”, ou “por causa de”,

“decorrente de”, “devido a”. São essas as palavras que eles sugerem como melhor tradução do que “segundo a”. Portanto, poderíamos ler o texto assim: “qual a excessiva grandeza do seu poder em nós, que cremos, *em conseqüência da* (em virtude da) operação da sua poderosa energia, a energia da força do seu poder”. Noutras palavras, o apóstolo está explicando como nós passamos a crer. Cremos em virtude do Seu poder, cremos em conseqüência do Seu poder, cremos “por meio do”, “por causa do”, “devido ao” Seu poder.

Para que ninguém pense que nos estamos apoiando unicamente num léxico, permitam-me aduzir algumas declarações e passagens paralelas nas quais a mesma palavra é empregada exatamente da mesma maneira. Várias delas acham-se neste capítulo primeiro da Epístola, começando no versículo 5 onde lemos: “E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade”. Isso claramente significa: “como conseqüência do beneplácito de sua vontade”. E de novo, no versículo 7: “Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça”, isto é, “em virtude das”, “como resultado das”, “em conseqüência das” riquezas da Sua graça. Ainda no versículo 9 vemos: “Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo”. Em cada caso o sentido é “como resultado de”, “em conseqüência de”, “em virtude de”. O mesmo sentido se vê no versículo 11: “Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”.

Esse ponto é de tão crucial importância que eu não me desculpo por procurar mais exemplos e ilustrações. Vejam o capítulo 3, versículo 7, desta Epístola. Referindo-se ao evangelho de Cristo,

diz o apóstolo: “Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder”. O apóstolo foi feito ministro “em virtude do”, “em conseqüência do” dom da graça de Deus. Foi isso que o produziu, foi sua causa. Mas vejam o versículo 10 desse mesmo capítulo, onde Paulo diz: “Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus”. E então, no versículo 16, ele ora: “Para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda...” Depois, no versículo 20: “Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera”. Evidentemente significa “em virtude de”, “em conseqüência de”; e não tem outro sentido nessa passagem. A mesma palavra é empregada exatamente da mesma maneira em todos esses casos. Vejam mais um exemplo na Epístola aos Filipenses, onde o apóstolo diz: “Porque sei que disto me resultará salvação, pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo, segundo a minha intensa expectação e esperança” (1:19-20).

Talvez o exemplo mais notável seja o que se acha no fim do capítulo 3 dessa mesma Epístola aos Filipenses, onde Paulo diz: "Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas". Nesse exemplo "segundo o" não nos diz muito, porém se lermos "em virtude do seu eficaz poder", "como resultado do seu eficaz poder", o significado se abrirá perfeitamente. Outros exemplos mais acham-se em Filipenses 4:19; no capítulo 1 de Colossenses, versículos 11 e 29; na Segunda Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 1, versículo 12; e capítulo 2, versículo 9; também 2 Timóteo 1:8, Tito 1:3, Hebreus 2:4, 1 Pedro 1:3 e 2 Pedro 2:15.

Aduzi todas estas provas com o fim de definir a matéria de maneira incontestável. O apóstolo está tratando aqui da vida cristã do começo ao fim, e está dizendo que devemos conhecer a extraordinária grandeza do poder de Deus para nós, desde o momento em que cremos no Senhor Jesus Cristo. O nosso simples ato de crer é resultado deste poder de Deus. A totalidade da vida cristã, e não somente a nossa ressurreição no fim, é resultado do poder de Deus em nós. Não somos cristãos, e nem poderemos ser cristãos sem esta poderosa operação do poder de Deus.

Mas, naturalmente, não temos necessidade de basear a nossa exposição somente no sentido das palavras e na gramática, pois a própria passagem que estamos estudando esclarece bem o sentido. Já indicamos que o apóstolo continua com este mesmo tema no capítulo 2. Ele faz uma interrupção porque, ilustrando este poder em termos do ato pelo qual Deus ressuscitou o nosso Senhor dentre os mortos, ele fez digressão por um momento; porém volta ao seu tema no capítulo 2, versículo primeiro, com estas palavras: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro temo andastes". Mais adiante, no versículo 4, ele diz: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo". Essa é uma óbvia referência à manifestação do poder de Deus. Portanto, é evidente que o apóstolo não está se referindo à ressurreição vindoura, e sim, à ressurreição espiritual que já ocorreu em nós. Ele está falando acerca de nós como crentes, e nós somos crentes porque este poder de Deus já agiu em nós dessa maneira. Assim, de todos os pontos de vista - da gramática, da linguagem, do contexto, e de tudo o mais - evidentemente o apóstolo está interessado aqui em que conheçamos a extraordinária grandeza deste poder, do começo ao fim de nossa vida cristã.

Agora, no entanto, se levanta a questão sobre se todos nós vivemos à luz desta verdade. Levanto a questão porque muitos de nós tendemos a pôr a descoberto o que realmente cremos acerca dessas coisas em nossa conversação comum. Há um jeito muito simples de mostrar e provar se compreendemos isto ou não. Se realmente "conheçemos" aquilo pelo que o apóstolo está orando, sempre daremos a impressão

de que ficamos surpresos ante o fato de que somos cristãos! Isso se evidenciará em nosso louvor e em nossas ações de graças. Isso será feito com sentimento de "encanto, amor e louvor" e admiração, e em nossa atitude de atribuir tudo a Deus sem reivindicar nada para nós mesmos. Satisfaremos a exigência do apóstolo, quando ele diz: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Coríntios 1:31).

Acaso compreendemos que o simples fato de crermos no evangelho é em virtude do poder de Deus que atua em nós? Fico perguntando isso porque há uma forte tendência de se falar de maneira superficial sobre "crer", como se fosse algo fácil, que

qualquer pessoa que se disponha a "crer" pode fazê-lo. Com que leviandade e verbosidade muitos falam em crer no Senhor Jesus Cristo, ou de crer no evangelho! Há muita prosa acerca da nossa necessidade de poder depois que nos tornamos cristãos. Mas como é raro ouvir-se algo sobre a necessidade de poder antes de nos tornarmos cristãos! Há muita ênfase ao crer e à "decisão", e se sugere que quem quiser tornar-se cristão pode realizá-lo facilmente.

Parece-me que há duas principais explicações dessa idéia superficial, na verdade falsa, do que é crer. A primeira deve-se a uma espantosa incapacidade da nossa parte de compreender as conseqüências do pecado e da queda do homem. Não entendemos o efeito devastador da queda de Adão sobre toda a raça humana.
A segunda é a nossa incapacidade de compreender o que está envolvido no "novo nascimento", ou na "regeneração"; não compreendemos a grandeza da transformação que aqueles termos descrevem, e do que eles incluem, e por que a regeneração é sempre necessária. Estas são a causa de todo uso chocho da palavra "crer" e da tendência de dizer que o homem natural é capaz de crer, mas que, como crente, ele necessita de muito poder.

Não há escusa para isso porque o ensino bíblico concernente ao homem natural deveria proteger-nos de tal erro. Esse ensino acha-se no Velho Testamento, bem como no Novo. "Pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas?" (Jeremias 13:23). Só isso já deveria ser suficiente para provar o ponto. Depois há as declarações que citei várias vezes por causa da sua importância crucial, nos capítulos 1 e 2 da Primeira Epístola aos Coríntios, especialmente no versículo 14 do capítulo 2: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhes parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente".

O ensino do apóstolo é que o fato de alguém crer no evangelho é um grande milagre que só pode ser explicado adequadamente em termos da transcendente grandeza do poder de Deus; requer a energia da força do poder de Deus levar alguém a crer no evangelho cristão e a aceitar a fé cristã. Cremos em virtude deste tremendo poder.

Para tornar isso mais simples e mais claro, vejamos algumas das coisas que têm que ser sobrepujadas antes de qualquer de nós poder ser cristão. Não me refiro a um frouxo assentimento intelectual a certo número de proposições, mas a uma fé viva e verdadeira.

Paulo equaciona o crer com o nascer de novo, como faz o apóstolo João na sua Primeira Epístola. O verdadeiro crente é alguém que "nasceu de novo", não o homem que pode dizer "sim" hoje e "não" amanhã. Por que é necessário este poder de Deus para que o homem possa crer nesse sentido verdadeiro? Vê-se a resposta considerando alguns dos efeitos da Queda e do pecado sobre a raça humana.

Considerem da seguinte maneira o que a Queda fez com a mente do homem: eis aí um homem "nascido em pecado, formado em iniqüidade", nascido "filho da ira, como os outros também", num mundo onde o evangelho é apregoado pela Igreja Cristã. Qual a relação da mensagem com o homem? Dizem-nos as Escrituras que o seu "entendimento está entenebrecido", que a sua mente está num estado de trevas, em conseqüência do pecado. Não significa meramente que ele é ignorante. Ele é ignorante, é claro, e desconhece a mensagem do evangelho. Contudo, não é ignorante só nesse aspecto; há algo muito pior. Mesmo que vocês ponham o evangelho diante dele, ele não consegue vê-lo. "Se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos" (2 Coríntios 4:3-4). "O véu está posto sobre o coração dejes" (2 Coríntios 3:15), diz o apóstolo sobre os judeus incrédulos. É por isso que Paulo já tinha orado rogando que os efésios tivessem "em seu conhecimento o Espírito de sabedoria e de revelação". Meramente colocar o evangelho diante de um homem não basta; é preciso que se faça algo no homem. O Espírito está na Palavra; mas o Espírito precisa estar no homem também, e sem isso ele não consegue ver a verdade. Estas coisas "se discernem espiritualmente", declara Paulo aos coríntios (ICoríntios 2:14). Quando o homem caiu, não somente foi separado de Deus; sua faculdade espiritual ficou paralisada. Sua mente está obscurecida e embotada, todo o seu entendimento está entenebrecido, faltam-lhe a habilidade e a capacidade.

Mas isso não é o fim da história, quanto à mente do homem. Ele vive num mundo no qual falsos conceitos são ensinados e recomendados por grandes nomes. Tais conceitos são anunciados com grande publicidade; e ele, como homem do mundo e filho do seu tempo, é inteiramente induzido a predispor-se a favor deles. A verdade de Deus é ridicularizada, criticada, escarnecida e rejeitada. Todo o preconceito da vida do mundo ao seu redor e acerca dele é contra o evangelho; e isso tem um tremendo efeito sobre o homem. Todos

nós sabemos da tendência que as pessoas comuns têm de acreditar no que lêem nos jornais, especialmente quando eles publicam os conceitos de pessoas influentes como filósofos e cientistas, a respeito da Bíblia. Tudo isso influencia muitíssimo a

mente e o pensamento do homem quando este se defronta com o evangelho. Todavia, dão-nos a impressão de que crer no evangelho é coisa muito simples!

Entretanto há algo até muito pior do que isso. Considerem o estado do coração do homem natural. A primeira coisa que a Bíblia diz sobre o coração do homem é que, em conseqüência da Queda, o homem é orgulhoso. O apóstolo usa constantemente a palavra "gabar-se", muitas vezes traduzida por "gloriar-se" na Versão Autorizada (inglesa) (como também na Versão de Almeida). "Não permita Deus que eu me glorie" significa "Não permita Deus que eu me gabe". Não há nada tão característico do homem decaído como o gabar-se, ou gloriar-se, o seu orgulho, e especialmente o seu orgulho do intelecto! Essa é a última cidadela. Não é de admirar, pois a mente do homem é o seu dom supremo. É o que mais o separa de todos os animais - a sua mente, a sua razão, a sua capacidade de pensar e de olhar objetivamente para si mesmo. Temos a autoridade do nosso Senhor para dizer que as pessoas mais difíceis de convencer da verdade são os "sábios e entendidos". Diz ele: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve" (Mateus 11:25,26). É ele, de novo, que diz: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3). Esta exigência de semelhança com as crianças é por causa do orgulho do intelecto. O homem natural sempre acha que tornar-se cristão é tornar-se tolo, que o cristão "tornou-se um fraco", um emocionalista, e jogou fora a sua mente, a sua razão e a lógica. A idéia é que se você ainda crê na "velha história", você não está à altura dos tempos, você não é leitor, não é pensador, não está em dia com a cultura. Essa atitude se baseia no orgulho do homem, principalmente em seu orgulho do intelecto e do entendimento. Ele não pretende ser considerado um tolo! Ele quer estar à altura dos tempos, estar sempre "atualizado".

Também nos é dito que o coração do homem decaído esta "endurecido". Quer dizer que o homem não somente está num estado de pecado, ele também se deleita e se gloria nele. Como o apóstolo

diz em Romanos 1:32: "eles não somente as fazem (pecados terríveis), mas também consentem aos que as fazem" (VA: "...mas também têm prazer naqueles que as fazem"). E mais: "Do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça", diz o apóstolo em Romanos 1:18. Deliberadamente rebaixam a verdade porque os seus corações estão endurecidos. Se se sentem premidos por alguma convicção, procuram abafá-la e pisoteá-la, usam camuflagem e todas as espécies de resistência. Resistem à força da verdade com esforço e com violência.

No capítulo 17 da profecia de Jeremias lemos, no versículo 9: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso". Significa que o homem em

pecado está sempre enganando a si próprio, e num sentido não pode deixar de fazê-lo, porque o seu coração é enganoso, retorcido e perverso; há nele um mecanismo que por vezes faz o homem voltar-se contra si, contra o seu melhor juízo. Isso explica o processo de racionalização dos nosso pecados, e a nossa habilidade para explicá-los satisfatoriamente para nós. Isso explica também os nossos esforços para persuadir-nos de que somos melhores do que realmente somos, e de que, se fizermos certa soma de bem isso de algum modo compensará o mal que fizermos. O caráter "enganoso" do coração faz a pessoa pensar que Deus pode ser comprado por uma oferta como os judeus do tempo de Jeremias imaginavam. Quão enganosos, quão completamente insinceros são os nosso corações! Todos nos "vestimos de aparências", e sabemos que estamos fazendo isso; e, contudo, o fazemos.

Mas, segundo Jeremias, o coração não é somente "enganoso", mais do que todas as coisas; "também é "perverso" (VA: "desespe-radamente corrupto"). Essa declaração é verdadeira quanto à pessoa mais respeitável que já nasceu; é verdadeira sobre pessoas que podem ser altamente religiosas. Há dentro de nós um princípio mau que se deleita no pecado. "A condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más" (João 3:19). Os homens se regozijam na iniqüidade, escrevem sobre ela, fazem pilhérias sobre ela, conversam sobre ela. Gabam-se das suas práticas más, amam-nas, contemplam-nas com gosto, porque os seus corações são "deses-peradamente corruptos". Isso faz parte da descrição do coração natural, não regenerado, e do homem em pecado em conseqüência da Queda. E a tal pessoa que o evangelho vem com a sua mensa-

gem sobre a santidade, a luz e a verdade acerca de Deus. O evangelho a convoca a abandonar o mundo e o seu pecado, e a seguir a Cristo, "o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (1 Pedro 2:22). Crer é fácil? Não podemos senão repetir a estrofe do conhecido hino de Thomas Binney:

Ah, como posso eu, cuja esfera nativa E obscura, e cuja mente ê fosca,

Diante do Inefável aparecer,

E com o desnudo espirito suportar A incriada luz?

Ah, mas isso não é tudo! O coração do homem, segundo as Escrituras, é, em conseqüência da Queda e do pecado, até culpado de odiar a Deus. A mente natural, pecaminosa, não se contenta com um desinteresse intelectual que não acredita na Bíblia e rejeita a revelação a respeito de Deus; ela odeia Deus. "A mente carnal (natural) é inimizade contra Deus, e não é sujeita à lei de Deus, nem na verdade o pode ser" (Romanos 8:7, VA). Não há como questionar a veracidade dessa asserção. Estamos todos alienados da vida de Deus, diz Paulo no capítulo 4 desta Epístola aos Efésios; e isso porque Deus é completa e inteiramente diferente do que somos e do que gostamos.

Portanto, a situação do homem em pecado é que a sua faculdade espiritual está obscurecida. Sua mente está obscurecida e coberta por um véu de pecado e incredulidade; ele é dominado pela mente e pelas maneiras do mundo; seu coração é desesperadamente iníquo e enganoso, endurecido, orgulhoso, implacável; mas, acima de tudo, ele abriga um ódio ativo a Deus, uma inimizade profundamente arraigada contra Deus. Como isso é óbvio neste mundo moderno! Como os homens estão prontos a crer em qualquer teoria que pretenda anular com suas explicações o ato da criação; aceitam com avidez uma pura e simples teoria como a da evolução, que está sendo cada vez mais desacreditada com bases científicas e filosóficas. Eles agem assim porque todo aquele ensino é contra Deus. Este ódio e esta inimizade do homem em pecado contra o Senhor Deus Todo-poderoso não se vê só nos jornais, porém até mesmo em obras culturais. O homem está fazendo o máximo que pode para descartar-se de Deus e explicar o cosmo sem Ele. Ele vem fazendo isso, e especialmente durante os 100 anos recém-passados, com todas as

suas forças.

Ao mesmo tempo, a vontade do homem está paralisada. Há defeito até na vontade do homem. O pecado afetou a totalidade do homem. A nossa incapacidade de apreciar o poder de Deus em nosso próprio ato de crer deve-se à nossa incapacidade de compreender o efeito devastador da Queda. Ela estragou e deformou a imagem de Deus em nós, com as inevitáveis conseqüências de que as nossas mentes e as nossas vontades se tornaram corrompidas.

À luz disso tudo, ainda lhes é possível dizer que o homem decaído poderá crer facilmente no evangelho, se ele se decidir a fazê-lo? Será ele capaz de crer nele? Certamente há somente uma resposta a essa pergunta: está nas palavras: "Qual a transcendente grandeza do seu poder para conosco, que cremos em virtude da sua poderosa energia que opera em nós". Levar uma única alma a crer em Deus e em Cristo exige "a transcendente grandeza da força do poder eterno de Deus"; e sem isso estamos total e completamente perdidos. "Pela graça de Deus (e somente por Sua graça) sou o que sou" (1 Coríntios 15:10). Por que eu creio neste evangelho? Por que não sou hoje como tantos milhões no mundo? Por que me interesso pela Bíblia? Por que eu creio nela? Há somente uma resposta. É pela graça de Deus, que opera em mim poderosamente. Ele começou a obra, Ele a continuará, Ele a terminará; e eu estarei diante dEle perfeito, inteiro, completo, e lançarei a minha coroa diante dEle, "perdido em encanto, amor e louvor".

SEU PODER DO COMEÇO AO FIM

"E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus." - Efésios 1:19-20

Eis a mais urgente questão prática para todos os cristãos: estarí-amos cientes do fato de que o poder onipotente de Deus está agindo em nós? Compreenderíamos que somos que somos única e inteiramente pela graça e pelo poder de Deus? Damo-nos conta em nossas vidas e experiências pessoais de que é este extraordinariamente grande poder de Deus que explica tudo o que ocorre na vida cristã? Volto a insistir nestas perguntas porque estou convencido de que o principal problema da maioria de nós é a nossa incapacidade de perceber a grandeza da salvação a que fomos levados, e que todos desfrutamos. Não se pode ler o Novo Testamento, e especialmente o livro mais lírico, que denominamos livro de Atos dos Apóstolos, e também as Epístolas, observando a sua terminologia, sem perceber que havia uma qualidade jubilosa, de fato emocionante, quanto aos cristãos primitivos, os cristãos do Novo Testamento . Vê-se isso claramente na Epístola aos Filipenses, o que num sentido é um grandioso refrão sobre o tema do regozijo: "Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos" (4:4).

Regozijo é o tema do Novo Testamento todo. O propósito é que o cristão seja uma pessoa que se regozija. E, todavia, se formos sinceros, teremos que admitir que muitíssimas vezes não damos a impressão de regozijo, e sim de depressão. Damos a impressão de que ser cristão é levar um grande fardo nos ombros e ter infindáveis preocupações, aborrecimentos e ansiedades. De fato, o mundo caricaturiza o cristão dessa maneira pelo que somos tão frequentemente. "Zombar dos prazeres e viver dias laboriosos" demasiadamente é a idéia do que a vida cristã é e significa. Indubitavelmente deve-se isso ao fato de que por alguma razão não nos damos conta da grandeza da nossa salvação. Não nos apercebemos da grandeza do que aconteceu conosco; ou da grandeza do que nos está acontecendo, o processo pelo qual estamos passando

agora mesmo. E não compreendemos a grandeza da perfeição para a qual estamos indo e para a qual estamos sendo preparados.

Isso leva, não somente à falta de regozijo, mas também à ausência de um sentimento de encanto. Não se pode ler estas Epístolas de Paulo sem sentir constantemente que ele se admirava consigo próprio. Vejam uma notável declaração dele na Epístola aos Gaiatas: "Vivo, não mais eu..." (2:20). Paulo não pode entender a si próprio. Ele se tornou um enigma e um problema para ele próprio. Este assombro face a si próprio deve-se à sua compreensão do tremendo feito que Deus está realizando nele. Nós deveríamos ficar igualmente espantados com nós mesmos, e deveríamos pôr-nos de pé, olhar para nós mesmos e dizer: "Será possível? Será verdade a meu respeito? Todavia não eu, mas Cristo vive em mim". Essa é uma das melhores provas da nossa profissão de fé cristã.

E devido nos faltar esse elemento que - para tomar emprestada a linguagem do apóstolo - não "resplandecemos como astros (como luzes) no mundo, no meio de

uma geração corrompida e perversa" (Filipenses 2:15). De um modo ou de outro, não captamos a idéia desta poderosa ação de Deus na salvação. Muitas e muitas vezes só pensamos nela em termos de perdão. Pensamos na vida cristã apenas como uma questão de saber que estamos perdoados, e então viver a vida cristã o melhor que pudermos. Omitimos o drama, a grandeza e a grandiosidade disso tudo, e especialmente este poder que o apóstolo está desejoso de que os efésios conheçam. Concebemos a vida cristã em termos que não postulam como necessidade absoluta "a excessiva grandeza do poder" do onipotente Deus. Contudo a vida cristã é isso.

Ao que parece, falta-nos esta concepção até quando consideramos o próprio Senhor nosso. Não compreendemos a grandeza do que aconteceu quando Ele, o Filho de Deus, veio à terra. Porventura pensamos habitualmente nesse evento em termos do capítulo 2 da Epístola aos Filipenses, versículos 5-9 - "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente ate à morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome"? Essa é a medida da salvação e do poder que estava envolvido em Cristo e em Sua obra. Parece que esquece-

mos que, quando Ele morreu na cruz, ofereceu-Se, como se nos diz na Epístola aos Hebreus, "pelo Espírito eterno" (9:14). Ficamos tão familiarizados com os fatos acerca da cruz e da morte do Senhor que parece que perdemos o senso do poder que estava envolvido ali. E quando chegamos à ressurreição do Senhor Jesus Cristo, acaso compreendemos que ela foi a mais grandiosa manifestação da energia da força do poder de Deus que o mundo já conheceu? Segundo as Escrituras, nada senão o onipotente poder de Deus poderia ressuscitá-lO dentre os mortos e exaltá-lO à alta posição na qual Ele está neste momento, à direita de Deus. Esquecemos que Ele foi "declarado Filho de Deus em *poder*...pela ressurreição dos mortos" (Romanos 1:4). Parece que nos falta essa idéia de poder em todos os aspectos da vida cristã. E um milagre que exista um único cristão no mundo, ou que alguma vez tenha existido. Por natureza nenhum de nós creria ou poderia crer no evangelho; nada, senão o poder de Deus, pode fazer-nos crentes.

Mas é também por esse mesmíssimo poder que continuamos na vida cristã. Requer-se o mesmo poder que nos capacitou a crer, para capacitar-nos a simplesmente continuar na vida cristã. Não seriamos capazes de resistir uma hora sequer na vida cristã, não fora este poder que está agindo em nós. Isso é verdade, apesar do fato de que temos em nós um novo princípio de vida, bem como uma nova mente e uma nova perspectiva. E quando pensarmos na perfeição à qual fomos destinados, deveria ser óbvio que, sem este poder de Deus, a nossa situação seria completamente sem esperança, se não tivéssemos nada senão a nossa própria força e poder.

Não há dificuldade em mostrar que o que o apóstolo ensina aqui, nesta Epístola, é fartamente confirmado por outras declarações que constam nas Escrituras. Fazemos isso, porque esta questão é vital para o nosso gozo da vida cristã. Se não conhecemos este poder, mais cedo ou mais tarde ficaremos deprimidos e infelizes, e começaremos a indagar se afinal somos cristãos; e depois começaremos a indagar se poderemos continuar e por fim chegar à glória. O diabo logo nos desencorajaria completamente.

No capítulo 3 desta Epístola o apóstolo diz: "Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera..." (versículo 20). Ou vejam a declaração que há na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 5: "Porque sabemos que, se a nossa casa

terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (versículo 1). Caso morrêssemos ou fôssemos mortos, tudo estaria bem; isso nós sabemos! Depois ele prossegue e diz: "Quem para isto mesmo nos preparou foi Deus" (versículo 5). Fomos produzidos, fomos feitos, fomos modelados, fomos formados por Deus, pelo poder de Deus para este destino. Essa é a nossa esperança, aquilo em que descansamos, a base da nossa segurança.

Depois há a declaração registrada na Epístola de Paulo aos Filipenses: "Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:12-13). No capítulo 3 da mesma Epístola o apóstolo nos diz que o seu maior desejo era, "conhecê-lo e à virtude (poder) da sua ressurreição" (versículo 10). Ele desejava conhecer mais e mais deste mesmo poder de Deus que se manifestou na ressurreição de Cristo. Esse mesmo poder está atuando agora nos crentes. O apóstolo Paulo, que dera largos passos em seu progresso na vida cristã, deseja conhecer acima de tudo mais o poder da ressurreição do seu Senhor. Diz ele: "Não que já a tenha alcançado"; mas deseja alcançá-la. Por isso esquece as coisas que atrás ficam, sua conversão inicial, sua primeira experiência, e prossegue "para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus". Essa é a sua oração por si e por todos os outros crentes.

Há ainda a notável declaração disso tudo no último capítulo da Epístola aos Hebreus: "Ora, o Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda a boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável" (13:20-21). Aquele que deseja agir naqueles cristãos hebreus é "o Deus de paz, que tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo". E uma exata repetição do que vimos na passagem que estamos estudando em Efésios, capítulo 1, versículo 20. Somente Ele pode "aperfeiçoar-nos em toda a boa obra".

Mas vejam mais um exemplo, tomado do apóstolo Pedro. Diz ele que como cristãos fomos gerados de novo "para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo,

dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação já prestes para se revelar no último

tempo" (1 Pedro 1:3-5). Somos pelo poder de Deus; e sem isso não poderíamos resistir. Pedro escreve também na sua Segunda Epístola: "Visto como o seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade" (1:3). O Seu "divino poder" deu tudo.

De igual maneira, o apóstolo João, escrevendo como ancião, próximo do fim da vida, para encorajar os cristãos que ele ia deixar para trás neste mundo cruel, e que estavam sendo um tanto abalados por falso ensino, falsa maneira de viver e falsas práticas, diz: "Maior é o que está em vós do que o que está no mundo" (4:4). É unicamente o poder de Deus que pode segurar-nos e sustentar-nos, até chegarmos à glória.

Depois também podemos ver a bênção que consta no fim da Epístola de Judas: "Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória...". E Ele não somente pode guardar-nos, impedindo que caiamos, mas efetivamente o está fazendo.

Acima de tudo, no entanto, vamos às palavras do nosso bendito Senhor. Já à sombra da cruz Ele ora ao Seu Pai, e eis a Sua oração: "E eu já não estou mais no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós" (João 17:11). Diz Ele: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal" (VA: "...que os guardes do maligno). Seu etemo coração de amor pensa neste pequeno grupo de crentes que Ele está prestes a deixar neste mundo mau, pecaminoso, e a Sua petição é: "Pai, guarda-os", pois se o Pai não os guardar, eles estarão perdidos.

Por que este poder é essencial? Por que é importante que conheçamos este excessivamente grande poder que está operando em nós? Há duas respostas principais, uma negativa, outra positiva. A primeira é que devemos conhecer e compreender este poder por causa do poder das forças que se põe contra nós. O cristão nesta vida e neste mundo é como o seu Senhor antes dele; e há certas coisas que ele tem que enfrentar. Ele tem que travar uma constante guerra contra a mente e a perspectiva do mundo. Receio que muitos de nós não estão cientes do sutil poder do mundanismo - de tudo aquilo pelo que o mundo luta. Permitam-me citar de novo o apóstolo João: "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 João

2:15-16).

Nada é tão perigoso para a alma, por causa da sua sutileza, como o mundanismo com que nos deparamos a cada passo. Você começa isso com os seus jornais de manhã. Eles não se limitam a importantes notícias internacionais ou nacionais, a matérias de urgência e de crise, ou a ameaças de guerra, porém constantemente em suas notícias e opiniões sugerem luxúria, desejo e tudo o que se opõe aos mandamentos de Deus. A mesma influência perniciosa vê-se na interminável sucessão de livros e filmes de maneira muito sedutora e atraente. Depois há o que o apóstolo descreve como "soberba da vida", tudo o que é representado pela "vida social", assim chamada, orgulho dos antepassados e de classe, e a pompa e a exibição exteriores. É tão agradável e tão encantador para o homem natural, e tanta gente boa participa nisso! Esta é certamente a maior luta que a Igreja Cristã tem que empreender na hora presente. Houve um rebaixamento dos padrões morais em toda parte. Temos nos desviado para muito longe dos dias do puritanismo. A linha entre a Igreja e o mundo é quase invisível, e o povo de Deus não sobressai mais em sua singularidade como outrora. O Novo Testamento está cheio de advertências acerca deste tremendo e sutil poder do mundo, que quer arrastar-nos para longe do Cristo em quem cremos, que quer fazer com que O neguemos na prática e quer reduzir-nos ao estado descrito pelas palavras: "Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela" (2 Timóteo 3:5).

Não temos, porém, que lutar somente contra o mundo, mas também contra a carne. "Carne" nem sempre significa pecado grosseiro; pode aparecer na forma de letargia e ociosidade. Como é fácil sentir-nos indispostos, física ou intelectualmente, para ler a Bíblia! Você sente um impulso para ler a Bíblia, mas diz: "Estou cansado, tive um dia pesado no escritório, minha mente não está boa para isso, e não é direito ler as Escrituras quando não se está nas melhores condições; por isso vou ler o jornal agora, mais tarde lerei as Escrituras, quando me sentir renovado e melhor". O resultado é que você vai dormir sem ter lido as Escrituras. Temos que travar uma constante batalha contra a letargia e a preguiça, e contra a igualmente sutil tentação para a procrastinação. São instrumentos que o diabo usa para estorvar o nosso progresso.

Depois há a luta contra as condições físicas, como saúde enferma. Se vocês lerem as vidas dos santos, verão que os homens que mais realizaram neste mundo muitas vezes eram homens que foram

obrigados a lutar muito contra alguma fraqueza ou doença física. Contem quantos livros estão sob o nome de João Calvino, por exemplo. Todos aqueles comentários das Escrituras, e outras obras, foram produzidos por um homem que foi um mártir a vida inteira, padecendo asma e indigestão crônica, e que morreu com a idade de 55 anos. Mas nós temos a tendência de fazer das nossas fraquezas físicas uma desculpa. Tudo isso mostra que, se não fosse o poder de Deus, nunca faríamos coisa alguma, não resistiríamos nem por um momento, estaríamos arruinados.

Considerem a seguir a força dos hábitos. Vocês entraram na vida cristã sabendo da regeneração e tendo a experiência dela. Vocês se regozijaram com a declaração de que "as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). Mas o novo convertido logo descobre que estas coisas não significam exatamente o que ele pensava que significavam. É o seu entendimento que está em falta, encorajado, talvez, por uma falsa evangelização. Ele começa a ver que há certos hábitos de há muito arraigados nele e que são muito difíceis de romper. Os hábitos tendem a persistir, e a velha natureza não é aniquilada. Ela continua ali, e ele tem que lidar com ela. Recebemos ordem para mortificar "as obras do corpo" (Romanos 8:13). Os maus hábitos não desaparecem todos subitamente da nossa vida. Deus, em Sua graça, pode remover alguns deles, e às vezes o faz, porém deixa outros. A força do hábito é um poder terrível, tão grande que não há nada, exceto o poder de Deus, que possa livrar-nos e preservar-nos contra ele. Apesar de termos uma nova mente, uma nova perspectiva e um desejo de viver a nova vida, certos hábitos tendem a impedir-nos. Somente o poder de Deus pode habilitar-nos a vencê-los.

Depois há o diabo. Às vezes penso que a nossa falha em não nos darmos conta da extraordinária grandeza do poder de Deus deve-se ao fato de que nunca nos damos conta do poder do diabo. Quão pouco falamos sobre ele! E, contudo, no Novo Testamento as suas atividades são mencionadas enfaticamente! Se tão-somente compreendêssemos algo do poder do diabo, faríamos esta oração que Paulo elevou em favor dos efésios, no sentido de que "os nossos olhos fossem abertos para vermos a grandeza do poder de Deus" em nós. A Bíblia ensina que o poder do diabo só vem em segundo lugar depois do de Deus. O poder do diabo mostra-se terrivelmente claro na história de Adão e Eva. Ambos eram perfeitos. O homem foi feito à imagem e semelhança de Deus; estava em comunhão

com Deus, falava com Deus, conhecia a Deus. Além disso, ele estava no Paraíso - ambiente perfeito. Ele nunca tinha pecado, e não havia nele nada que o arrastasse para baixo - nenhuma cobiça, nenhuma corrupção. Fora dada a ele uma justiça original; ele se mantinha íntegro, e na verdade era um reflexo de Deus. E, apesar disso, ele caiu; e caiu por causa do poder e da astúcia do diabo. Todavia, muitos cristãos consideram o diabo quase como uma criatura de brinquedo, e podem até negar a sua existência. Por isso eles não se dão conta da sua necessidade deste poder de Deus. Adão, o homem perfeito, foi derrotado e derrubado por este inimigo poderoso. Judas nos diz em sua Epístola que o poder do diabo é tão grande que até o arcanjo Miguel, quando contendia com ele acerca do corpo de Moisés, "não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: o Senhor te repreenda" (versículo 9). O arcanjo sabia do poder do diabo. O apóstolo Pedro escreve: "O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pedro 5:8). Porventura sabemos disso, como o apóstolo Paulo sabia, e como ele no-lo faz lembrar no versículo 12 do capítulo 6 desta Epístola aos Efésios: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os

principados, e potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"? Por causa destas coisas precisamos ser iluminados com relação ao poder de Deus operante em nós. Nenhuma outra coisa pode capacitar-nos a resistir contra as ciladas do diabo.

Até aqui estivemos examinando o nosso problema negativamente. O lado positivo é que somos chamados para guardar os mandamentos de Deus. Cristo nos chama para guardarmos os Seus mandamentos. O propósito a nosso respeito é que honremos os Dez Mandamentos e a Lei Moral de Deus - "Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (Romanos 8:4). Somos chamados para obedecer a essa Lei Moral de Deus; somos chamados para viver de acordo com o ensino do Sermão do Monte; somos chamados para tomar a cruz e seguir a Cristo no "caminho estreito", e viver como Ele viveu. É essa a nossa vocação. "Sede vós perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mateus 5:48). O capítulo 13 da Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios também é uma descrição do que fomos destinados a ser. Não fomos destinados simplesmente a crer

que os nossos pecados estão perdoados, e então procurar algum poder de Deus para viver uma vida virtuosa.

É quando compreendemos a natureza da nossa elevada vocação que começamos a entender o capítulo 7 da Epístola aos Romanos: "O querer está em mim, mas não consigo realizar o bem. Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço. Miserável homem que eu sou!" (versículos 18,24). Somente então nos vemos cantando de coração, não meramente com os lábios, o hino de Augustus Toplady -

O labor de minhas mãos Não pode cumprir Tua lei;

Nem meu incansável zelo,

Nem meu incessante choro Podem pecado expiar;

Só Tu salvas, Tu somente.

Devemos entender claramente o que o apóstolo está pedindo em oração para os efésios. Não é que percebam a sua necessidade de poder, e então que o peçam a Deus; ele ora no sentido de que eles compreendam que este poder está neles. O conceito sobre o cristão que o retrata como alguém que pode ter vivido anos sem este poder de Deus, e de repente chega a perceber a sua necessidade e procura seu atendimento e o obtém, é um conceito antibíblico. Você não poderá ser cristão nem por um momento, se o poder de Deus não o sustentar.

Permitam-me sugerir um paralelo. Muitos parecem pensar na criação natural nestes termos: acreditam que Deus criou o mundo no princípio, e depois (para usar a velha ilustração), como faz o fabricante de relógios com um relógio, tendo feito o mundo, deu-lhe corda e o deixou continuar funcionando por si. Mas isso não é verdade. Segundo o ensino da Bíblia, Deus fez este mundo e o sustenta todos os momentos. Se Deus retirasse o Seu poder, o mundo entraria em colapso imediatamente; é o Espírito de Deus que dá vida, existência e sustento, a todas as coisas. Dá-se precisamente o mesmo na nova criação. É uma falácia completa pensar que Deus cria um homem novo, e depois o deixa entregue a si mesmo; e que esse homem, quarenta ou cinqüenta anos mais tarde, talvez se dê conta da sua necessidade de poder e o peça. Ele não poderia resistir por um momento, não fosse este poder de Deus que

nele está. É a nossa compreensão disso que varia; entretanto, desde o momento em que Deus põe Sua mão sobre um homem e o leva ao novo nascimento e à nova vida, Ele continua a exercer este poder nele.

O modo como o Seu poder opera em nós é exposto pelas palavras de Paulo aos filipenses, quando ele diz: "Deus é o que opera em nós tanto o querer como o efetuar" (Filipenses 2:13). O poder de Deus se manifesta e opera em nós por meio da Palavra escrita e por meio do Espírito Santo. Ele opera em minha personalidade, afeta a minha vontade, e cria desejos e anseios dentro de mim. Repentinamente sinto o desejo de ler a Palavra, ou de orar a Deus. E resultado da operação de Deus o Espírito Santo gerando uma oração, ou me estimulando a alguma outra atividade. Ele está constantemente estimulando a minha vontade e me dando poder para agir. Como Isaac Watts nos lembra, "O Seu poder subjuga os nosso pecados". Ele está operando em nós constantemente; o seu Espírito "sopra sobre a Palavra" e ilumina o nosso entendimento, que, por sua vez, enternece os nosso corações e estimula as nossas vontades. O que precisamos compreender é que Deus está operando, e que às vezes, mesmo quando não sabemos disso, Ele está operando. Além disso, se ignorarmos os Seus impulsos, as Suas solicitações e a Sua direção, de repente poderemos ver-nos castigados por Deus. Então nos despertaremos para o fato de que nos esquecemos dEle e da nossa necessidade da Sua força e poder; e voltaremos para Ele e começaremos a orar pedindo perdão e forças. Esse é outro aspecto da operação de Deus em nós. "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31). Se vocês são filhos, diz o autor da Epístola aos Hebreus, estejam preparados para castigos. Se vocês têm em si a vida de Deus, se Ele começou em vocês a "boa obra", Ele não desistirá, Ele a levará à perfeição. Se vocês não se deixarem levar por Ele, serão levados à força; se recusarem ser induzidos e atraídos, serão castigados. Deus quer o nosso aperfeiçoamento, e Ele não Se deterá por nada menos que isso. A obra continuará, o poder de Deus continuará sendo exercido em nós até ficarmos sem defeito; até que nos tornemos todos uma "igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Ele quer que sejamos santos e sem mancha em Sua presença.

Poderia haver algo mais importante para nós do que conhecer isso tudo? Estamos nas mãos de Deus, e Ele está operando em nós. Ele nos deu poder para crer, Ele está agindo em nós agora,

modelando-nos, amoldando-nos, aperfeiçoando-nos. Não podemos fugir disso; estamos em Suas mãos, e ele continuará realizando a obra. Bendito seja o Seu nome!

Ah, se pudéssemos conhecer isto mais e mais, e compreender o alto privilégio da nossa vocação, a maravilha, o milagre desta nova vida que nos vem, toda ela, de Deus e por Deus. O meu conforto, a minha consolação, a minha força, a minha segurança, é saber que Deus está agindo em mim; e que Ele nunca cessará de agir em mim, até quando eu estiver diante dEle na glória.

“A IGREJA QUE É O SEU CORPO”

“E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.” - Efésios 1:22-23

Tendo estudado o poder de Deus em geral, passamos agora a mais esta declaração concernente a Ele. Se vocês lerem esta passagem apressadamente, poderão chegar à conclusão de que do versículo 20 ao fim do capítulo o que ocorre é uma digressão. O apóstolo está orando no sentido de que possamos conhecer a extraordinária grandeza do poder de Deus para conosco, os que cremos, mas parece que ele é afastado do seu tema ao descrever esse poder. Diz ele que esse é o poder que Deus pôs em ação quando ressuscitou Cristo dentre os mortos. Depois ele passa a descrever a posição do Senhor Jesus Cristo ressurreto, Sua exaltação, Seu poder e Sua relação com a Igreja. Ao que parece, ele se afastou do seu tema por breve tempo, somente para retomá-lo no versículo primeiro do próximo capítulo. Todavia o fato é que, naturalmente, não é esse o caso. Há um sentido em que estes versículos são uma ligeira digressão, mas, se os examinarmos bem, veremos que Paulo ainda está tratando da matéria que tem em mãos. Ele quer que compreendamos a grandeza do poder que está agindo em nós, e que saibamos como funciona. A minha opinião é que esse é o assunto de que ele trata nos dois últimos versículos deste capítulo. E ele o faz em termos do conceito, ou seja, da doutrina da Igreja como “o corpo de Cristo”.

Estamos encarando nesta passagem uma das grandes doutrinas do Novo Testamento - a doutrina da Igreja Cristã. Não há figura que ele use com tanta freqüência para dar-nos uma idéia da doutrina da Igreja, como esta figura ou metáfora da Igreja como “o corpo” de Cristo. O apóstolo faz uso dela em suas Epístolas aos Romanos e aos Coríntios muito explicitamente, e por insinuação noutras Epístolas também. Não causa surpresa que o apóstolo ore tão fervorosamente no sentido de que tenhamos o “Espírito de sabedoria e de revelação”; não causa surpresa que ele repita a petição e diga que precisamos ter “iluminados os olhos do nosso

entendimento”, pois esta é, indubitavelmente, uma das mais elevadas e sublimes doutrinas e, portanto, uma das mais difíceis de entender. O próprio apóstolo, no capítulo 5 desta Epístola ao Efésios, refere-se a esta doutrina como um “grande mistério”, e, por definição, mistério é algo que não se pode entender facilmente. Somente quando somos iluminados pelo Espírito Santo podemos entendê-lo.

A difícil natureza da doutrina, porém, não deve ser usada como desculpa para não estudá-la. Muitos são culpados desta falta, e dizem que não têm nem tempo nem capacidade para estudá-la. Mas, é bom assinalar que estas Epístolas do Novo Testamento foram escritas para homens e mulheres como nós; na verdade,

foram escritas a pessoas às quais faltavam muitas das vantagens que temos. Parece claro que, na maioria, os membros da Igreja Primitiva eram escravos, sem nenhuma instrução escolar no sentido moderno. Quando o apóstolo escreveu esta carta para eles, seu propósito era que eles a lessem e a entendessem; sua intenção era que eles se apegassem a ela. Ele sabia que eles não poderiam fazê-lo somente por suas capacidades naturais, porém sabia que qualquer que seja iluminado pelo Espírito Santo, não somente fica ansioso por entendê-la, mas também pode entender e compreender que é seu dever fazê-lo. Não há nada mais desanimador acerca da Igreja moderna, nada mais culposo, do que a sua falha em não apegar-se a estas grandes verdades do Novo Testamento. Hoje em dia há muita prosa sobre simplicidade, alguns dizendo que "não podem incomodar-se com doutrina". Dá-se também muita ênfase ao canto; no entanto, a igreja não é lugar para entretenimento, ou onde as pessoas se assentam e ouvem ou cânticos ou experiências de outros, isso acoplado a uma breve, leve e agradável mensagem. Se devemos crescer, se devemos subir às alturas da nossa "soberana vocação em Cristo Jesus", e se devemos ser cristãos viris neste trágico mundo moderno, precisamos encarar estas grandes e gloriosas doutrinas, e assim exercitar as nossas mentes, o nosso entendimento e todos os nossos sentidos, para que comecemos a ter uma vaga concepção de nós mesmos neste grande cenário e contexto do corpo de Cristo.

Comecemos então a considerar o que o apóstolo tem para dizer acerca da Igreja. É evidente que o apóstolo sabia da dificuldade de transmitir esta verdade. Por isso ele varia as suas comparações e metáforas. De todas as suas figuras, reitero, a mais comum é a da

Igreja como o corpo de Cristo. Mas não é a única. Vemos no capítulo 2 que ele compara a Igreja com um edifício. Jesus Cristo, diz ele, é "a principal pedra da esquina", e os apóstolo e profetas são o fundamento. Contudo ele também compara a Igreja com uma casa, com uma família. Os crente são a "família de Deus". Ele também a compara com um grande império. Sendo prisioneiro em Roma, naturalmente parece ter-lhe ocorrido que a Igreja Cristã é, em muitos aspectos, como o Império Romano. Há uma grande sede central da autoridade, mas tem o seu povo espalhado pelo mundo inteiro, e diversos oficiais que governam o Império. Mais adiante, no capítulo 5, ele compara a Igreja com uma esposa, e afirma que a relação entre Cristo e a Igreja é semelhante à que existe entre o esposo e sua esposa. Recordemos também como o nosso Senhor, no capítulo 15 do Evangelho Segundo João, compara a Igreja com uma videira e seus ramos.

Todas essas figuras visam habilitar-nos a termos algum entendimento da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo, e, especialmente nos dois versículos aos quais estamos dando atenção agora, a entendermos como o extraordinário poder que há nEle vem para dentro de nós e nos capacita a viver a vida cristã e a obter a certeza de que vamos desfrutar a "possessão adquirida". Esse é o contexto dos

nossos versículos. Por isso não devemos considerar a doutrina da Igreja de maneira teórica ou acadêmica ou abstrata. Estamos interessados nela, como devemos estar neste contexto, com o fim de podermos ver como é que este "extraordinariamente grande poder de Deus", como é que "a energia da força do poder de Deus" realmente opera em nós.

A maneira de compreender a verdade acerca desse poder, diz-nos o apóstolo, é compreender a nossa relação com o Senhor Jesus Cristo; e o melhor modo de compreender isso é pela figura da Igreja como o Seu corpo. Alguns princípios emergem logo de início. O primeiro - um princípio comum a todas as ilustrações e metáforas -é que estamos "ligados" a Cristo, estamos "unidos" a Cristo. De maneira igualmente clara, a analogia acentua que estamos unidos e ligados a Cristo, não de maneira mecânica ou frouxa, e sim de maneira orgânica e vital, da maneira mais penetrante. Naturalmente, isso pertence à própria essência desta doutrina. Considerem isso em termos de um corpo humano. De um determinado ponto de vista, um corpo é uma coleção de várias partes - dedos dos pés e das mãos, braços, pernas, etc. Mas a verdade essencial acerca do

corpo é que ele não é um certo número de partes soltas que de um modo ou de outro se ligaram ou se juntaram umas às outras. A maravilha do corpo é que todas as suas partes são realmente uma, que elas estão numa unidade orgânica, essencial e vital. Para fazer uma colocação nua e crua, os meus dedos não estão ligados à palma da minha mão frouxamente, não estão simplesmente atados a ela; há uma conexão viva, há uma conexão vital, há um sentido em que não se pode dizer onde exatamente a palma termina e os dedos começam. São partes integrantes uns dos outros - os dedos e a palma; a conexão é íntima, orgânica, vital, vivida; Este é o primeiro princípio essencial a que devemos apegar-nos, se é que havemos de captar a doutrina sobre a Igreja. Todas as figuras e analogias sugerem isso; mas é particularmente claro na analogia do corpo.

Não devemos forçar, porém me parece que temos direito de dizer que, assim como as partes do meu corpo se desenvolveram de uma célula original da qual todos começamos, nesse sentido cada um de nós é verdadeiramente membro da Igreja Cristã, e verdadeiramente nasceu de novo, é um rebento de Cristo, algo que se desenvolveu a partir de Cristo. Nós somos provenientes dEle; não estamos apenas frouxamente ligados a Ele. Esta é a idéia vital da Igreja. Na Primeira Epístola aos Coríntios o apóstolo diz-nos que isso acontece assim: "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo" (VA: "Pois todos nós fomos batizados por um só Espírito em um corpo") (12:13). Trata-se de uma unidade espiritual, de uma unidade mística; e, portanto, é algo indissolúvel, porquanto é vital e orgânico.

Certas verdades subsidiárias emergem disso. Fica patente que é uma unidade que nós mesmos não podemos produzir. Estamos de volta a este princípio fundamental,

segundo o qual tudo é resultado da ação e do poder de Deus. É unicamente a obra do Espírito Santo que faz de nós cristãos. Para expor o ponto doutra forma, vemos que esta relação do crente com Cristo não é algo espasmódico; não é algo que pode existir hoje e não existir amanhã. Não é algo que depende da nossa concentração ou da nossa fidelidade. Como é obra do Espírito, e realizada por Ele a Seu modo, é permanente. Você não pode entrar e sair do corpo de Cristo. Isso de "cair da graça" não existe. Você pode desviar-se, pode ser excluída da comunhão da igreja visível; mas, se você está no corpo de Cristo, está no corpo de Cristo, e permanecerá no corpo de Cristo. A união

é orgânica, vital, espiritual.

O segundo princípio particularmente salientado pelo apóstolo aqui é que o Senhor Jesus Cristo é a cabeça da Igreja. Diz ele que Deus "sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Esta declaração é notoriamente difícil expor, e são muitas as diferentes opiniões sobre a sua interpretação exata. Comecemos tecendo considerações sobre aquilo de que podemos ter certeza. Paulo declara que o Senhor Jesus Cristo é "a cabeça da igreja", "a cabeça do corpo". Nesta passagem ele não está pensando primariamente na autoridade ou no governo. Naturalmente, é verdade que, como Cabeça da Igreja, Cristo é a única autoridade, e não devemos reconhecer nenhuma outra. Não há chefe da Igreja, exceto o Senhor Jesus Cristo; e é da essência da posição reformada que afirmemos essa verdade. Não reconhecemos nenhum ser humano como chefe da Igreja; somente Cristo é o Rei e o Chefe da Igreja.

Mas não é a isso que o apóstolo está dando ênfase nesta altura; ele está interessado em dizer que, como Cabeça da Igreja, Cristo é a origem e o centro da vida da Igreja. A analogia do corpo mostra isso com muita clareza. No corpo a cabeça é a origem e o centro da energia ou poder. O corpo deriva a sua energia vital da cabeça. Nada oferece maior prova da divina inspiração das Escrituras do que a maneira pela qual o apóstolo Paulo e outros foram levados a usar esta analogia. Eles não possuíam o conhecimento que agora temos de anatomia e fisiologia; porém a analogia é perfeita, em termos dessas ciências. Não há nenhuma parte do corpo que não seja controlada pelos nervos e pelo sistema nervoso. A vida de cada músculo e de cada parte lhes é transmitida pela energia e força nervosa. E, em última análise, todos os nervos podem ser rastreados de volta ao cérebro, situado na cabeça. Esta constitui o centro e a origem, pelo que é ela que controla a energia nervosa do corpo todo e de cada parte e partícula do sistema. Quando o apóstolo declara que Cristo é a Cabeça da Igreja, ele fala nesse sentido. Não temos vida fora dEle; toda a energia e todo o poder provêm dEle. Para expor negativamente o ponto, podemos dizer que, como cristãos, não temos vida independente. Ele é a Videira, nós somos os ramos; os ramos nunca existiriam sem a videira. Tudo vem do Senhor. Diz o apóstolo João:

“Todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça” (João 1:16). A vida do corpo todo e todas as partes

individuais vêm da cabeça, e é isso que particularmente quer dizer a afirmação de que Cristo é a Cabeça da Igreja.

Outra dedução óbvia é que a mesma vida se acha em cada parte e porção do corpo; e é isso que dá unidade ao corpo. O corpo humano é uma unidade simples graças a esta conexão íntima, graças a esta inter-relação. Nenhuma parte do corpo tem existência independente; todas as partes estão interligadas umas às outras por causa deste princípio de unidade orgânica. Num tempo como este, quando tanto se fala da unidade da Igreja e de uma igreja mundial, lembremo-nos de que a unidade concebida em termos de mera junção de organizações externas é completamente anti-escriturística. Amalgamar diversas denominações não pode produzir unidade espiritual. Têm sido feitas muitas tentativas nesse sentido, entretanto nunca tiveram êxito real, e nunca terão. Mas, tenham ou não êxito em termos de organização, não o terão espiritualmente. É o Espírito Santo que faz e$_y$ constitui a unidade; é a vida e energia comum que nos faz um. É esta qualidade vivida e essencial presente no sistema nervoso, e no sangue que corre por todo o corpo humano, que explica a unidade do corpo. Precisamente o mesmo princípio prevalece na vida da Igreja Cristã. Que certo número de pessoas se reunam numa conferência e concordem em dizer que, por amor da unidade, não darão ênfase ao nascimento virginal, ou à teoria da expiação vicária, ou à fé nos milagres, ou a diversas outras doutrinas, não pode produzir a unidade da qual fala o apóstolo. A única unidade é a unidade no Espírito, uma unidade feita pelo Espírito, ditada pelo Espírito, sustentada e mantida pelo Espírito. E como Ele é o Espírito da verdade, e Ele revelou essa verdade como a temos no Novo Testamento, a unidade só pode resultar da aceitação dessa verdade, e não pode ser produzida por algum denominador comum forjado por eclesiásticos astutos.

A nossa terceira dedução é tirada da declaração, “da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. Estas palavras dizem-nos que Cristo enche com a Sua própria vida o corpo. Dizem-nos as Escrituras que no Senhor Jesus Cristo habita “corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2:9), e na passagem que estamos estudando nos é dito que da mesma maneira, e pela mesma analogia, a plenitude do Filho está na Igreja que é o Seu corpo.

Mais uma vez é útil a analogia do corpo humano. Há um sentido em que cada parte do meu corpo está cheia da minha vida e de

mim. Minha vida e meu ser estão em cada parte do meu corpo; na verdade, no momento em que eu deixar de existir, cada membro individual do meu corpo morrerá. Se eu cortar o nervo principal, ou o suprimento de sangue, por exemplo, a

um dedo, este logo deixará de ser parte do meu corpo. A totalidade da minha vida está em cada parte singular. Essa é a assombrosa declaração feita aqui acerca da Igreja Cristã, e acerca de nós mesmos como membros da Igreja Cristã. Sua "plenitude" está nela, em nós. Toda a vida da videira está no ramo. Está toda ali, num sentido, embora noutro sentido, naturalmente, ela não esteja toda ali. Mas neste sentido orgânico, vital, está toda ali. Portanto, como cristãos, devemos compreender que, embora estejamos bem conscientes da nossa fraqueza, e da força do pecado dentro e fora de nós, e da força do mundo, da carne e do diabo - devemos compreender que todos os atributos, poderes e graças do Senhor Jesus Cristo estão em nós, como membros que somos do Seu corpo. Toda a Sua vida está em nós; fomos feitos "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4). Ele é a fonte de todo o poder em nós, que somos membros do Seu corpo. Ele nos dá a energia necessária para desempenharmos as nossas funções individuais.

O corpo é um, e, todavia, consiste de diversos membros ou partes individuais. Como Paulo diz em 1 Coríntios: "Vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (12:27). No corpo humano, como ele assinala, a mão tem uma função e o pé tem outra; o nariz, os olhos, os ouvidos e as diversas partes do corpo têm os seus respectivos papéis para desempenhar. Há os "membros nobres" e os "menos dignos" (ARA), porém todos eles são essenciais e trabalham juntos para a finalidade comum do funcionamento próprio do corpo todo. Mas o que temos de lembrar principalmente é que, como membros do corpo místico de Cristo, e tendo os nossos papéis individuais para desempenhar, a energia e o poder que exercemos, tudo vem de Cristo. Ele deixou isto bem claro, quando disse: "Sem mim nada podeis fazer". Podemos ser muito ativos e ocupados; todavia isso não é necessariamente realizar a Sua obra. O apóstolo Paulo adverte particularmente os pregadores no capítulo 3 da Primeira Epístola aos Coríntios, de que alguns, ao erigirem um edifício, usam "madeira, feno, palha" (versículo 12). Ele pode ter toda a aparência de um bom edifício, mas, quando provado pelo fogo, será totalmente queimado e destruído. A obra de valor, a obra que dura, é a obra que Ele, e somente Ele, nos habilita a realizar, à

Sua maneira e usando os materiais que Ele fornece. Sem Ele, não podemos fazer nada; mas com Ele, todas as coisas são possíveis. Por isso podemos dizer com Paulo: "Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13).

Tudo isso está implícito na idéia de que o Senhor Jesus Cristo é a Cabeça da Igreja; e assim, quando contemplamos a vida e todas as suas dificuldades, e quando somos tentados por satanás a achar que tudo é impossível, e que não podemos ir adiante porque somos tão fracos e as dificuldades são frustrantes, devemos lembrar-nos dessa verdade e dizer: sou um pequeno membro do corpo de Cristo, sou insignificante, mas sou membro do corpo de Cristo; estou "nEle" e, portanto, o que quer que se possa dizer com verdade sobre mim pessoalmente, a vida da Cabeça

está em mim, estou relacionado com aquele centro nervoso, estou em contato com Ele, Sua energia vital está em mim. O apóstolo ora nos sentido de que os efésios, e nós com eles, venhamos a entender isso. Ele quer que tenhamos "iluminados os olhos do nosso entendimento", e conheçamos "a extraordinária grandeza do seu poder para conosco, os que cremos". Por isso não devemos pensar em Cristo como uma espécie de grande casa de força à qual podemos estar ocasionalmente ligados, e às vezes desligados, como que por um interruptor. Estamos sempre "nEle", somos membros do Seu corpo, Ele é a Cabeça e nós somos os Seus membros, e há esta conexão vital, indissolúvel, entre nós. Quando os nosso olhos são abertos para esta verdade, podemos tomar novo ânimo, reassumir a nossa tarefa e dizer: em Cristo não posso falhar, não devo falhar, Ele não permitirá que eu falhe.

Quase hesito em mencionar o próximo grande princípio ensinado aqui na frase: "da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Há pouco vimos que uma interpretação de "...a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" é que a Sua plenitude está na Igreja, no Seu corpo. Contudo, eu concordo com aqueles que dizem que essa frase também significa que há um sentido em que nós, como a Igreja, somos a Sua plenitude. Mas, procuremos entender claramente o que isso significa. O Senhor Jesus Cristo como o eterno Filho de Deus, é eternamente auto-suficiente e independente, e não tem necessidade de nós. No entanto, quando pensamos no Senhor Jesus Cristo como o Mediador, como o Deus-homem, como Aquele que veio realizar a redenção e apresentar Seu povo a Seu Pai, então, nesse sentido, Ele está ligado ao corpo e necessita dele. A cabeça sozinha não é completa.

A cabeça necessita do corpo, e não se pode pensar numa cabeça sem corpo. Assim, o corpo e a cabeça são uma só realidade, neste sentido místico. Nessa qualidade, nós, cristãos, somos parte da "plenitude" do Senhor Jesus Cristo.

Esta é a admirável concepção neotestamentária da Igreja, e desde quando o Senhor Jesus Cristo ascendeu e retornou ao céu, este Seu corpo, a Igreja, está sendo aperfeiçoado. Pensem num bebê recém-nascido. Num sentido a criança é perfeita; mas ela pode crescer e desenvolver-se, e chegará a certa maturidade. A mesma coisa com a Igreja Cristã. Da Ascensão ao Segundo Advento, o corpo de Cristo cresce e se desenvolve; e virá o dia em que ela estará completa e será perfeita. Então a "plenitude" dos gentios se cumprirá, e a plenitude de Israel também terá sido salva. Então o corpo estará inteiro e completo e terá atingido a sua plenitude. Portanto, devo pensar em mim, cristão humilde, indigno e insignificante como sou, como alguém que é essencial e vital para a "plenitude" do corpo místico de Cristo. Que idéia maravilhosa! À medida que captarmos essa idéia, receberemos forças para não pecar. Ele nos capacitará a ver o pecado sob nova luz. Um membro deste corpo continuará em pecado? Impossível! Não há método que leve tão diretamente à santidade e à santificação como o entendimento desta doutrina neotestamentária da Igreja como o corpo de Cristo. Somos parte da "sua plenitude", da Sua totalidade

mística como o Mediador, como Aquele que foi dado à Igreja por Deus para ser a sua Cabeça.

Prossigamos, porém, para algumas conclusões. Uma das mais gloriosas é que, em vista do fato de que a Igreja é o corpo de Cristo, e de que ele é a Cabeça, estamos autorizados a dizer que o que é verdade a respeito de Cristo, é verdade a nosso respeito. A mais clara exposição disso vê-se nos capítulos 5 e 6 da Epístola aos Romanos. Assim como todos nós estávamos "em Adão", assim todos os que cremos no Senhor, agora estamos "em Cristo". Adão pecou, e todos nós pecamos com ele. Estávamos em Adão, por assim dizer, estávamos nos lombos de Adão, e quando ele agia, agia por nós todos como a nossa cabeça e como o nosso representante. Somos responsáveis pelo pecado de Adão; isto é, pelo pecado original.
Mas devemos ver o outro lado. Agora estamos "em Cristo; Ele é a Cabeça do corpo do qual fazemos parte. O que quer que a Cabeça faça, o corpo todo faz também. Portanto, fomos "crucificados com Cristo". Quando Ele foi crucificado, eu fui crucificado; o meu velho

homem, o homem que eu era em Adão, foi crucificado. Eu, o homem que nasceu em pecado, morri com Cristo. Nesse sentido eu estou tão morto como Ele esteve. Estou "morto para o pecado", "morto para a lei". Ambos os aspectos estão liquidados. Crucificado com Ele, morto com Ele, sepultado com Ele! Mas, eis um fato glorioso, o que o apóstolo declara enfaticamente é que eu também ressuscitei com Ele. Exatamente como o poder de Deus ressuscitou Cristo dentre os mortos, também me ressuscitou com Ele. O apóstolo argumenta na Epístola aos Colossenses: "Portanto, se já ressuscitastes com Cristo ... pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra" (3:1-2). Em Romanos 6:11 ele o expõe assim: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus".

Tudo isso decorre inevitavelmente da verdade concernente à Igreja como o corpo de Cristo. No capítulo 2 desta Epístola aos Efésios o apóstolo nos diz concretamente que já estamos "sentados em lugares celestiais" com o Senhor Jesus Cristo - "Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (versículos 5-6). Já estamos ali por causa da nossa união mística com Ele. Desde que Ele é a Cabeça, e nós somos o corpo, o que é verdade sobre Ele é verdade sobre nós. Você crê nesta verdade? Você está vivendo com santa consciência disso? E para você o pensamento mais jubiloso que jamais teve? Pois é verdade. Não é mera teoria, é fato. Já estamos "em Cristo" em todos esses aspectos. Já terminamos com a lei, a qual condena. Já terminamos com a morte, que leva definitivamente à perdição, à "segunda morte", assim chamada. Não temos nenhuma relação com ela porque estamos em Cristo, ressurretos com Ele, e sentados com Ele nos lugares celestiais.

Isso nos leva a um pensamento final. Muitos cristãos freqüentemente ficam perplexos e em dificuldade quanto à relação da operação do Senhor em nós com o que nós fazemos. A doutrina do "permanecer em Cristo" os deixa confusos, e isso geralmente é representado como algo inteiramente passivo e em termos de "Deixa a coisa andar e deixe com Deus". Opino que esta analogia, esta metáfora da Igreja como o corpo de Cristo, há de livrar-nos dessa confusão e habilitar-nos a ver a relação existente entre a Sua ação e a nossa. A declaração de Paulo no capítulo 2 da Epístola aos Filipenses põe isso às claras: "Operai a vossa salvação com temor e

tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar" (versículo 12-13). O sentido absolutamente não é que, se queremos ter vitória em nossa vida, devemos parar de agir; o erro que cometemos é que agimos demais, somos demasiado ativos. Não devemos fazer nada, senão olhar para o Senhor, e Ele o fará por nós! Essa é a teoria! Mas Paulo dá uma ordem específica, dizendo-nos que devemos agir, e fazê-lo com "temor e tremor". E acrescenta: "Porque Deus é o que opera em nós tanto o querer como o efetuar".

Como podemos conciliar ambas as afirmações? Retornemos à ilustração do corpo humano. Pensem num músculo, ou num grupo de músculos do braço. Em cada músculo há vida e poder supridos, como já vimos, pelo nervo que vai até ele. Originariamente vêm de um centro que há no cérebro do qual o nervo que vai àquele músculo deriva o seu poder e a sua força. O músculo não está isolado, não pode fazer nada por si mesmo; porém é vivo porque recebe energia e vida do cérebro por meio daquele nervo. Em seu estado normal ele fica relaxado e mole. Nesse estado ele pode fazer pouca coisa, se é que pode fazer algo; não pode capacitar você a levantar pesos, por exemplo. Para que o músculo, ou o grupo de músculos, possa ter valor ou ajudar-nos, terão que ser exercitados e desenvolvidos. Se deixarmos de exercitá-los e desenvolvê-los, e simplesmente esperarmos por algum súbito aumento de força, ficaremos tristemente decepcionados. Para desenvolver um músculo é preciso exercitá-lo. E quanto mais exercitarmos o músculo, maior serão a energia e o poder de que será suprido. Estas duas coisas operam juntas e ao mesmo tempo. Não devemos dizer que tudo vem do cérebro, nem que tudo está no músculo; o músculo faz uso do poder que recebe do cérebro através do nervo. O cérebro age através do músculo desenvolvido.

Isso ilustra a verdade vital acerca da nossa vida e luta cristã, acerca do nosso desenvolvimento, acerca do nosso crescimento em santidade e santificação. As duas escolas de pensamento que estão nos extremos opostos estão patentemente erradas em seu ensino e em suas conclusões. Os que afirmam que os crentes fazem tudo na vida cristã estão errados; e os que dizem que os crentes não têm que fazer nada, exceto "olhar para Cristo" e "esperar que Ele o faça" estão igualmente errados. Visto que a Igreja é o corpo de Cristo, e todas as partes e porções singulares estão vitalmente ligadas a Ele como a vida de todas elas, todo cristão tem em si este

poder. Mas

temos que exercitar o poder; e ao exercitarmos o poder, inevitavelmente recebemos mais poder. Portanto, se você se sente fracassado e derrotado, não ore rogando que obtenha força e poder; "resista ao diabo" e "mortifique os seus membros que estão na terra". Não espere que o Senhor Jesus Cristo tire de você as suas cobiças e paixões; não espere que Ele faça tudo por você enquanto você simplesmente "permanece" nEle. Exercite o poder que há em você. Como cristão, a vida de Cristo está em você; aperceba-se disso, e comece a usá-la e a exercitá-la. Faça uso dos seus músculos espirituais, mortifique os membros do seu corpo que têm sido usados como instrumentos do pecado; faça tudo o que puder, com todas as suas forças; e quando você estiver fazendo isso, maior poder e energia fluirá para dentro de você.

O que vale para a fisiologia do corpo é igualmente válido espiritualmente. O modo de receber mais poder é usar e exercitar o poder que você tem. Como cristão, você não está sem vida, você esta ligado à Cabeça. A energia nervosa espiritual está nela. Você diz: "os meus músculos estão flácidos", e eu replico: "Exercite-os". Similarmente, não fique esperando por uma súbita bênção de santificação, faça tudo o que puder, e a bênção virá. Você terá consciência de maior poder, e o Senhor Se revelará a você na força e na maravilha do Seu poder.

Nunca nos esqueçamos de que "a energia da força do poder de Deus" está em nós por causa do nosso relacionamento com o Senhor Jesus Cristo, que é a Cabeça do corpo, do qual somos partes. Não há escusa para o pecado, não há escusa para o fracasso; a energia está ali, e eu devo usá-la, devo exercer as minhas faculdades, e então verei que há infinitamente mais energia disponível. Prosseguirei "de força em força", "de glória em glória", até finalmente, com todos os outros cristãos, chegar à condição de homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo. Queira Deus, pelo Espírito Santo, de tal maneira iluminar "os olhos do nosso entendimento" que venhamos a saber de fato que somos membros do Seu corpo!

A CONSUMAÇÃO FINAL

"E qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos

-Efésios 1:19-23

Levamos a uma conclusão o nosso estudo da mensagem desta nobre e comovente declaração, e na verdade deste capítulo, em muitos aspectos o mais grandioso que o apóstolo escreveu. Ele ora sem cessar, rogando que estes efésios conheçam o "extraordinariamente grande poder de Deus, a energia da força do poder de Deus" que está agindo neles. Ele ora urgentemente, porque não há nada que seja tão fortalecedor da fé, nada que tanto nos habilite a prosseguir na vida cristã e na luta cristã, como a compreensão destas coisas.

A maneira de desfrutar rica experiência na vida cristã, segundo o meu entendimento do Novo Testamento, é captar o ensino do Novo Testamento, a verdade do Novo Testamento. Noutras palavras, o caminho para uma rica experiência subjetiva e, em primeira instância, um mais claro entendimento objetivo da verdade. As pessoas que negligenciam a doutrina raramente têm grandes experiências. A estrada real que conduz à experiência é a verdade, e concentrar-nos unicamente na experiência, em geral é ter uma vida cristã que se passa presa "aos baixios e misérias".

A palavra final do apóstolo Paulo é que devemos conhecer a sobreexcelente grandeza do poder de Deus para conosco, como crentes que somos. Temos de compreender que a energia de que necessitamos nos vem de Cristo e mediante Cristo, a Cabeça do corpo, e que todos os acessórios de que necessitamos estão em Cristo, e que Deus os colocou nEle e nEle os entesourou. Acima de tudo mais, pois, devemos conhecer a verdade concernente a Ele. Por isso

vemos que o apóstolo encerra com a palavra sobre a glória e a pre-eminência de Cristo. Já vimos como Paulo fica repetindo o bendito nome, ao conduzir-nos através do capítulo. O apóstolo começa com Ele. Quem é Paulo? É um "apóstolo de Jesus Cristo". Depois ele passa a "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Como ele se regozijava e se gloriava no nome que está acima de todo outro nome! Oxalá aprendamos a fazer o mesmo, ao passarmos a considerar o que o apóstolo nos diz.

Primeiro examinemos a descrição propriamente dita. Diz-nos o apóstolo que, se havemos de entender este poder que está agindo em nós, devemos vê-lo como é ilustrado no que Deus fez em Cristo, no poder que "manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos". Que demonstração de poder foi esse! Quando todas as forças do mal e do inferno, quando a morte e o sepulcro estavam tentando retê-10, Ele foi ressuscitado pelo poder de Deus. A morte não pôde retê-10, o sepulcro não pôde retê-10. "Ele rompeu os laços da morte." Ele Se levantou triunfante sobre o sepulcro. Mas não foi só isso! O apóstolo não somente declara que Deus "o ressuscitou dos mortos", mas também que O colocou "à sua direita nos céus". E o nosso bendito Senhor ali está neste momento. Ser colocado à direita do hospedeiro em qualquer recepção é sempre sinal de honra, e às vezes de autoridade. Assim é um jantar, ou um banquete, ou em qualquer ocasião importante, cívica ou social. E este é

o lugar de honra dado ao Senhor Jesus Cristo por Seu Pai. “O mais elevado lugar de que o céu dispõe é dEle, e de pleno direito.” A direita é sempre o lugar de autoridade, e o apóstolo nos garante que Deus ressuscitou Seu Filho dentre os mortos e O colocou numa posição de autoridade. Temos uma declaração semelhante, paralela a esta, no capítulo 2 da Epístola aos Filipenses: “Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome” (Filipenses 2:9). Numa posição mais elevada, nem maior honra poderia ser dada ao nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas o apóstolo ainda não terminou. Ele continua com a sua descrição da glória e da honra dadas ao Filho. Deus O colocou “à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro”. Os eruditos comentadores, como é seu costume, quando chegam a esta passagem, passam muito tempo tentando descobrir a quem se referem os termos “principado”,

“poder”, “potestade”, e “domínio”. O apóstolo estaria pensando nos anjos maus ou nos anjos bons? Essa é a questão que eles discutem. O que certamente está bem claro é que Cristo foi colocado numa posição de autoridade e de honra acima de todos os poderes. Há poderes maus que exercem domínio neste mundo - “não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Efésios 6:12). O mundo está como está hoje por causa deste principados e potestades, destes poderes espirituais invisíveis. Cristo é maior do que eles em poder, dignidade, majestade e posição.

No entanto, eu afirmo que o apóstolo não se refere somente a tais poderes, mas também aos anjos bons, os anjos bem-aventurados. Ele foi colocado acima deles todos. Uma perfeita descrição disso acha-se no capítulo primeiro da Epístola aos Hebreus, onde o autor descreve algo da grandeza dos anjos e do seu poder, e depois conclui dizendo que, afinal de contas, eles são apenas “espíritos ministradores” (versículo 14). Eles não são iguais ao Filho; falta-lhes a Sua singularidade. Deus não disse a nenhum deles: “Tu és meu Filho, hoje te gerei” (Hebreus 1:5). Essa linguagem está reservada unicamente para o Seu Filho. O meu parecer é, pois, que o apóstolo nos está dizendo que o Filho de Deus, o nosso Senhor Jesus Cristo, é elevado e exaltado até mesmo acima dos arcanjos Gabriel e Miguel, os servos especiais de Deus. Ele está acima deles todos, Ele está à direita de Deus, compartindo o trono com Seu Pai, muito acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio. Tal é a medida do poder de Deus que se mostra no Senhor Jesus Cristo. O Pai não somente O ressuscitou dentre os mortos e do túmulo, como também O elevou e O colocou no lugar de suprema honra e autoridade, à Sua direita.

Mas Paulo ainda acrescenta algo a isso, e diz: “E sujeitou todas as coisas a seus pé”. Todas as coisas estão em sujeição ao Senhor Jesus Cristo. Ele é Senhor sobre cada uma delas. Ou, vejam-no mais positivamente: “e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça”. Deus fez do Seu Filho o Dominador sobre todas as coisas, o universo material inclusive. Ele “dá asas ao anjo, guia o pardal”. Quando Deus fez o mundo, não o fez, como alguns ensinam, como o fabricante de relógios faz um, dá-lhe corda e o deixa. O universo é sustentado ativamente por Deus, e Ele passou ao Filho essa autoridade. Ele é o Dominador, o Cabeça sobre todas as coisas. Ele dirige

“os astros em suas órbitas”, o oceano em seu movimento, o vento e a chuva, o furacão e a tempestade, a luz do sol, tudo. Toda forma de vida está em Suas mãos, Ele é “cabeça sobre todas as coisas”.

Contudo, isto não se aplica somente ao universo material; também se aplica ao universo moral e ao universo espiritual. Deus O fez o Cabeça sobre todas as coisas; deu-Lhe esta dignidade . O Criador do universo, o Artífice, o Dominador do cosmo, entregou a Ele o controle de tudo, em toda parte.

E muito importante que compreendamos algumas verdades relacionadas, em particular com respeito a esta descrição da glória de Cristo. Primeiro, precisamos compreender que as honras de Cristo já pertencem a Ele. Há muitos que se mostram tão desejosos de acentuar a glória da futura manifestação visível do reino e do reinado de Cristo que se tornam culpados, embora inconscientemente, de subtrair-Lhe o que já Lhe é próprio. Passam tanto tempo olhando para o futuro que se esquecem do presente, e subestimam completamente a posição atual do Senhor e do Seu povo. A atitude deles é no sentido de que não temos que fazer coisa alguma, senão esperar pela glória vindoura e viver o melhor que pudermos no presente, à luz dessa esperança. Já demos ênfase à glória que virá, à bendita esperança da qual devemos “pensar”; mas não devemos fazê-lo em detrimento da percepção do que é real neste momento. Deus já fez estas coisas em Cristo. Ele já O ressuscitou dentre os mortos, já O colocou à Sua direita nos lugares celestiais, muito acima dos outros poderes, colocou sob Seus pés todas as coisas, e O fez Cabeça de todas as coisas. E devido a tantas vezes esquecermos isso, que ficamos tão temerosos, alarmados e aterrorizados, e nos pomos a abrigar temores de que o reino de Cristo talvez venha a ser derrotado neste mundo. Somos como Uza, o homem que pôs a mão na arca de Deus para segurá-la num certo carro, há muitíssimo tempo! (2 Samuel 6:6-8). O Senhor Jesus Cristo já deu a resposta a esses temores e pressentimentos, dizendo: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mateus 28:18). Já Lhe tinha sido dado este poder quando Ele confiou Sua missão aos Seus discípulos, para que saíssem para pregar às nações e fazer discípulos. Ele afirmou que tinha essa autoridade e poder, e que estaria com eles até à consumação dos séculos. Ele tinha poder então, e o tem neste momento. Ele exerce domínio sobre a história. Ele era “um Cordeiro como havendo sido morto”, o único que foi bastante forte para tomar o livro selado

com sete selos, que João viu em sua visão, desatar os selos e

abrir o livro da história (Apocalipse 5:1-6). O Senhor Jesus Cristo é o Senhor da história; Ele já é o Senhor da história. Ele não está ausente da história; a história não está se desenrolando sem Ele; Ele a domina neste momento. Ela está em Suas mãos, e Ele a está desdobrando. Paulo diz aos coríntios: "Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés" (1 Coríntios 15:25). Não deixem que pensamentos acerca da vindoura manifestação visível do reino os privem da percepção do fato de que o Senhor Jesus Cristo está reinando *agora.* Ele foi glorificado, a coroa está sobre a Sua fronte; Ele é o Rei neste momento. Ele virá de maneira visível; todavia é Rei agora, tão certamente como será então. Oxalá "sejam iluminados os olhos do nosso entendimento" para que conheçamos isso.

O autor da Epístola aos Hebreus dá expressão a esta gloriosa verdade com estas palavras: "Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas; vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte" (2:8-9).

Esta honra e esta glória Lhe foram dadas por causa do que Ele fez enquanto na terra. No capítulo 2 da Epístola aos Filipenses isso é mostrado com clareza pelo uso que o apóstolo faz da expressão, "pelo que", no versículo 9. Foi porque Cristo não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-Se a Si mesmo e desceu e Se humilhou, até à morte na cruz, que "Deus o exaltou soberanamente". Foi porque Ele Se humilhou e Se rebaixou tanto, e sofreu tanto para redimir-nos e resgatar-nos, que Deus O colocou à Sua direita.

Permitam-me repetir, porém, que o aspecto mais precioso desta declaração é que toda esta honra e dignidade Lhe foi dada como Mediador, como o Deus-homem. Ele está à direita de Deus não somente como o Filho eterno. Como o Filho eterno já estava ali antes da fundação do mundo, Ele estava ali desde a eternidade. Ele era um com o Pai, coigual, coeterno. Ele sempre participou da glória com o Pai. Mas aqui lemos que Deus O ressuscitou e O exaltou ao Seu trono. As duas declarações se conciliam pelo fato de que o apóstolo aqui está escrevendo acerca de Cristo como Filho do homem, como o Deus-homem. Pensem de novo nas palavras de Paulo aos filipenses: "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao

nome de Jesus se dobre todo o joelho" (2:9-10). Ele não diz, ao nome do Senhor, e sim, "ao nome de Jesus". É como "Jesus", como "o Filho do homem", que Ele foi exaltado. Significa que a natureza humana foi elevada àquela transcendental altura da glória.

O propósito do apóstolo aqui, como insistimos em acentuar, é muito prático. Sua Epístola não é uma dissertação teórica. Seu desejo é ajudar os cristãos, e ele lhes diz que eles devem compreender que o poder que está neles deve ser avaliado pelo fato de que Deus assumiu a natureza humana em Jesus e a elevou nEle e com Ele à direita de Deus; e ali está agora com toda a autoridade e poder. Que pensamento estonteante! Aquele que está à direita de Deus, muito acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, Aquele sob cujos pés todas as coisas estão em sujeição, e a quem todo o poder e toda a autoridade foram dados, é Aquele que uma vez foi um bebê, deitado dependentemente numa manjedoura de Belém! Ele é o menino que aos doze anos de idade argumentava com os doutores da lei no templo. Ele é o carpinteiro de Nazaré. Ele é o jovem que começou a pregar com a idade de trinta anos. Ele é Aquele que sabia o que era estar fraco e cansado, e que uma vez assentou-Se ao lado de um poço, por volta do meio dia, porque estava cansado, e não pudera acompanhar os Seus discípulos quando eles foram comprar provisões. Ele é Aquele que dormiu de pura fadiga num barco. Ele é Aquele que foi crucificado em grande fraqueza, e aparentemente derrotado por homens cruéis e suas maquinações. É Ele, Jesus, que assim foi exaltado! E assim que se mede a extraordinária grandeza do poder de Deus. Quando Se fez homem, quando assumiu a nossa natureza humana, Ele foi feito semelhante aos Seus irmãos. Tornou-Se sujeito à tentação, sujeito às fragilidades da carne; e é nEle que a natureza humana foi agora elevada às alturas e está à direita de Deus. Essa é a medida do poder de Deus.

E Ele está do Pai ao lado,

O Homem de Amor, o Crucificado.

Devemos salientar ainda que Deus Lhe deu todo este poder e honra e dignidade pelo bem da Igreja. Como é que nós, cristãos, podemos ficar tão calados? Por que não ficamos embevecidos "de encanto, amor e louvor"? "Deus o ressuscitou dos mortos, e o colocou à sua mão direita...e pôs todas as coisas debaixo dos seus pés, e

fez dele cabeça sobre todas as coisas para a igreja" (VA). Quer dizer, "por amor da igreja", Ele exerceu autoridade e poder no interesse da Igreja, a fim de que finalmente redimisse o Seu povo e o apresentasse sem defeito a Deus. Não somente por amor de Si, não somente para que Ele voltasse a participar da plena glória de Seu Pai, não somente para que exercesse este grande poder sobre o cosmo e o fruísse; mas também por amor de nós, "pela igreja, que é o seu corpo"!

Que é que isso significa para nós e quanto a nós? Podemos responder com algumas proposições simples. Por causa da doutrina da Igreja como o corpo de Cristo, por que eu estou nEle e sou membro do Seu corpo místico - quase temo dizê-lo, mas é a verdade! -o que é verdade a respeito dEle é verdade sobre mim, e é verdade a respeito de todos nós, cristãos. Deus deu tudo a Ele por amor da "igreja", que é o Seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Ah! O privilégio de ser

cristão! Ah! A honra de ser cristão! Vemos grandes personagens do mundo rivalizando uns com os outros por algum símbolo ou título de honra, por alguma alta posição, ou para estar perto de alguma personalidade notável. Eles estão dispostos a pagar grandes quantias por tal honra, e a fazer grandes sacrifícios para consegui-la. Entretanto, todos os cristãos, sejam quem forem, e por mais insignificantes que sejam no mundo, visto que estão "em Cristo", estão, sem exceção, participando da exaltada posição do Senhor na glória. Isso é de fato verdade quanto a nós agora, como o apóstolo nos diz no capítulo 2 - "E nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (versículo 6). Não se pode separar do corpo a cabeça, ou do corpo o tronco, pelo que, o que vale para a cabeça, vale para o corpo todo. Assim como a nossa cabeça está na glória, assim também o Seu corpo está ali - misticamente, espiritualmente!

Não satisfaz ao apóstolo que os efésios compreendam que isso é verdade a respeito deles posicionalmente enquanto ainda neste mundo; é, no entanto, para ser verdade quanto a eles absolutamente e de fato. Isto é demonstrado claramente na Epístola aos Hebreus, onde os cristãos são descritos como "herdeiros da salvação" (1:14,VA). O escritor continua: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos" (2:5). Os herdeiros desses domínios não são os anjos, mas os que são filhos de Deus, o que é demonstrado por uma citação do salmo 8: "Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho homem para que o visites? Tu o

fizeste um pouco menor do que os anjos, de glória e de honra o coroaste, e o constituíste sobre as obras de tuas mãos: todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito. Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe sejam sujeitas" (2:6-8). Ainda não é certo, a respeito do homem, que "todas as coisas lhe estejam sujeitas", mas estarão! É-nos dito que, uma vez que podemos dizer com certeza: "Vemos, porém, coroado de glória e de honra...Jesus" (versículo 9), e uma vez que estamos "nele", esta dignidade ainda haverá de corresponder a nós.

De maneira semelhante Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, diz: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo...que havemos de julgar os anjos?" (6:2-3). O nosso Senhor mesmo disse que, assim como Seu Pai deu-Lhe partilhar Seu trono com Ele, assim também nós, como vencedores, havemos de partilhar o trono de Cristo com Cristo (Apocalipse 3:21). Seremos "senhores da criação" no sentido pleno. Reinaremos com Cristo. Participaremos da Sua supremacia. Como membros do Seu corpo, nada poderá impedir que isso aconteça.

Mas mesmo no presente a nossa posição é maravilhosa. O apóstolo ainda na Primeira Epístola aos Coríntios, depois de repreender os seus leitores por se gabarem de Paulo, Apoio, Cefas, ou algum outro nome, escreve: "Tudo é vosso; seja Paulo, seja Apoio (ARA), seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, seja o

presente, seja o futuro, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus" (3:2123). E essa verdade nos diz respeito também, por causa da nossa relação com Cristo.

Também devemos dizer uma palavra sobre a segurança da nossa posição. "Vós, temerosos santos, renovai vossa coragem", diz um hino. Outro hino dá as bases sobre as quais se pode fazer essa exortação:

Confia teus pesares E sendas às Suas mãos,

À *Sua firme verdade E a Seu terno cuidado;*

Ele manda nos céus e na terra:

Mostra às nuvens o seu curso;

Ventos, mares Lhe obedecem;

Ele dirigirá teus pés errantes,

Ele preparará o teu caminho.

Quando você sentir sua fraqueza e sua inépcia, e quando tomar consciência das forças que se opõem contra você, lembre-se de que Ele, a Cabeça do corpo ao qual você pertence, está à direita de Deus, de que toda a autoridade e todo o poder estão em Suas mãos, dominando o universo e o cosmo, de que Ele é o Cabeça[1] sobre todas as coisas. Ele tem poder para dirigir todas as coisas, o vento e a tempestade, a chuva e a luz do sol; Ele pode ordenar todas as coisas, e o está fazendo - por você!

Isso, por sua vez, leva-me a dizer uma palavra sobre o mistério da nossa posição. "Se você afirma", dirá alguém, "que tudo isso é verdade, e que estou relacionado com Cristo dessa maneira, por que é que sempre tenho que sofrer, por que é que vivo adoecendo, por que me visitam calamidades, por que as minhas colheitas são arruinadas pelos temporais? Por que deve morrer alguém que me é caro, por que não estou gozando vida perfeita, sem problemas?" A resposta é dada pelo mistério da nossa posição "em Cristo". Não o entendemos plenamente, mas sabemos que os nossos sofrimentos fazem parte do processo da nossa santificação. "O Senhor corrige o que ama" (Hebreus 12:6). Não é que Ele não possa impedir que aconteçam estas coisas, Ele prefere não impedi-las; seria ruim para nós se Ele o fizesse. Por causa dos efeitos do pecado e das suas operações dentro de nós, Ele tem que disciplinar-nos; Ele sabe o que é melhor para nós. Há ocasiões em que precisamos do sol, há ocasiões em que colhemos benefícios da tempestade. O salmista pôde dizer: "Antes de ser afligido (eu) andava errado" e "Foi-me bom ter sido afligido" (Salmo 119:67,71).

O cristão, às vezes, examinando retrospectivamente a sua vida, tem dado graças a Deus por alguma perda, ou doença, ou tristeza; esses males o ajudaram no cultivo da sua alma e no seu desenvolvimento espiritual. Deus sabe melhor do que nós o que é bom para nós; Seu coração é amor, e nós estamos em Seus mãos. O que devemos fazer é lembrar sempre que nada nos pode acontecer sem que Ele esteja conosco, e que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus" (Romanos 8:28). Deus está interessado em nossa santidade, em nossa felicidade suprema e eterna; Ele ordena todas as coisas para o nosso bem. Descansemos em Seu amor e na força do Seu poder.

À luz desta elevada doutrina, a nossa posição é certa e segura. A segurança e perseverança final dos santos estão fora de dúvida porque somos membros do corpo de Cristo, e Ele está à direita de Deus, no lugar de absoluta autoridade, poder e domínio. Nada pode ser mais certo do que isto: "Convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés" (1 Coríntios 15:25). Nada poderá impedi-lO, pois Ele é o Senhor de todos. Ele derrotou o diabo quando estava na terra; Ele o destroçou na cruz. O diabo está sob controle, e será lançado no lago da perdição eterna. Tão certamente como o Senhor Jesus Cristo Se levantou do túmulo, nós também seremos levantados do túmulo. E ressuscitaremos sem corrupção; seremos sem defeito e inculpáveis. O fato de que a Cabeça ressuscitou é uma garantia de que o corpo ressuscitará. Já ressuscitamos espiritualmènte; depois ressuscitaremos física, material, corporalmente. Nada poderá impedir isso. Com Paulo podemos dizer: "Estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" (Romanos 8:38-39). Ele está acima de todos os poderes criados, muito acima deles todos. Ele é o Cabeça do universo, e eu Lhe pertenço. Nem o diabo, nem o inferno, nem força, nenhum poder, podem arrancar-nos das Suas mãos. NEle estamos a salvo, estamos seguros; o nosso destino final é seguro e certo.

Vocês, cristãos, sabem destas coisas? Vivem à luz delas e no seu poder? Entendem agora por que Paulo orou por estes efésios, e por todos os outros que deviam receber esta carta circular, com tanta constância e persistência? Ele ora no sentido de que "os olhos do seu entendimento sejam iluminados". Ele deseja que eles conheçam "a esperança da sua vocação", que estejam seguros dela. Também é preciso que eles conheçam "a esperança da sua vocação", que estejam seguros dela. Também é preciso que eles conheçam algo das "abundantes riquezas da sua graça" e da Sua "herança nos santos". Vocês têm saboreado as primícias? Têm desfrutado a prelibação? Estão desapontados porque eu falei tão pouco de política ou das condições sociais ou da arte moderna e do teatro e da cultura? Vocês só pensam neste "presente mundo mau", ou sabem algo acerca do mundo vindouro? Vocês já tiveram vislumbres do mundo por vir, e anseiam receber mais? Vocês provaram da

colheita que virá? Esta arrebata o seu coração e estimula o seu apetite? Estas

coisas são reais para vocês? Fraco e derrotado santo, você não sabe que todo este poder de Deus está em você? Isso porque você está "em Cristo" e Sua vida flui para dentro de você. Procure compreender esta verdade. Creia nela. Confie nela. Procure agir baseado nela. E ela virá a você com ainda maior força. Façamos por nós mesmos a oração do apóstolo: "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Queira Deus, por Seu Espírito, abrir os nossos olhos para estas coisas, para que vejamos a grandeza da nossa herança, e nos demoremos nela até podermos dizer confiantemente com o apóstolo: "A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente" (2 Cor 4:17).

Aqui no corpo confinado,

De Cristo ausente eu vagueio,

Mas toda noite mudo a tenda,

Um dia mais perto do lar.

"Estar com Cristo.,.é muito melhor"!

1

Cristo é a Cabeça da Igreja (relação vital, orgânica); Cristo é o Cabeça de todas as coisas, da Igreja inclusive (relação de senhorio soberano). Nota do tradutor.

O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS

Quando a história espiritual do século XX for escrita será indispensável fazer menção não somente da influência extensa do ministério do Dr. Lloyd-Jones, na Capela de Westminster (1938-1968), mas também do fato marcante que subseqüentemente os volumes publicados dos seus sermões expositivos sobre o Novo Testamento tiveram uma circulação sem precedentes por tal material no presente século.

O SUPREMO PROPÓSITO DE DEUS, **embora possua as mesmas características gerais que os outros volumes já publicados (dasérie) provavelmente desperte uma atenção especial. Isso porque os sermões sobre este primeiro capítulo de Efésios, iniciados na Capela de Westminster aos domingos de manhã no outono de 1954, evidenciam ser o ponto inicial do tratamento prolongado que o autor deu a vários livros do Novo Testamento. Naquela data Dr. Lloyd--Jones já tinha 25 anos de ministério pastoral, e suas convicções sobre como se deve ensinar as Escrituras estavam plenamente amadurecidas. Os sermões sobre Efésios foram, portanto, num sentido, um novo ponto de partida. A séria sobre Romanos viria a seguir em 1955.**

A parte de toda a sua significação no ministério do Dr. Lloyd--Jones, Efésios, capítulo um, sempre será importantíssimo em qualquer consideração do Novo Testamento. Como escreve o autor no seu Prefácio "A Epístola aos Efésios é a mais "mística" das Epístolas de Paulo, e em nenhum outro lugar ele atinge maiores alturas. Não há privilégio maior na vida do que ser chamado para expor o que Thomas Carlyle chamou de "infinidades e imensidades".

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS Rua 24 de maio, 116 - 3º andar - salas 14-17 01041-000 - São Paulo - SP